



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS**



MARIA ROSANE VALE NORONHA DESIDÉRIO

EDIÇÃO DOS POEMAS AVULSOS DE EULÁLIO MOTTA

Feira de Santana

2019

MARIA ROSANE VALE NORONHA DESIDÉRIO

EDIÇÃO DOS POEMAS AVULSOS DE EULÁLIO MOTTA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros

Feira de Santana

2019

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado

D487e Desidério, Maria Rosane Vale Noronha
Edição dos poemas avulsos de Eulálio Motta / Maria Rosane Vale
Noronha Desidério. – 2019.
512f.: il.

Orientador: Patrício Nunes Barreiros.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2019.

1. Literatura brasileira - Estudo e crítica. 2. Motta, Eulálio de Miranda,
1907-1988 – Crítica e interpretação. 3. Motta, Eulálio de Miranda, 1907-
1988 – Poemas avulsos. I. Barreiros, Patrício Nunes, orient. II.
Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 869.0(81).09

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA ROSANE VALE NORONHA DESIDÉRIO

EDIÇÃO DOS POEMAS AVULSOS DE EULÁLIO MOTTA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Estudos literários.

Aprovada em 16 abril de 2019.

Banca examinadora

Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS
Orientador

Profa. Dra. Alícia Duhá Lose
Universidade Federal da Bahia – UFBA
Membro Externo

Prof. Dr. Adeíto Manoel Pinho
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

AGRADECIMENTOS

A Deus por ser minha fortaleza bem presente em todo o tempo;

Aos meus pais por toda compreensão, renúncias e apoio incondicional;

Ao prof. Dr. Patrício Barreiros, por acreditar em meu potencial acadêmico, está sempre disposto a me orientar, incentivando-me a crescer como pesquisadora;

À professora Dra. Liliane Barreiros por suas palavras de sabedoria e por tão gentilmente me ceder sua turma de graduação para o estágio acadêmico, estando sempre presente e orientando-me no que foi necessário;

À universidade Estadual de Feira de Santana e ao programa de pós-graduação em estudos literários – Progel – por me acolher e oportunizar a minha formação acadêmica até o presente;

À CAPES pelo seu valioso incentivo financeiro, o que me possibilitou dedicação exclusiva a pesquisa;

Ao grupo de pesquisa de *Edição das obras inéditas de Eulálio Motta*, pela valiosa amizade, incentivo e partilha de conhecimento;

À Eulálio Motta (*in memoriam*) pelo rico acervo que construiu e legou a sociedade do presente, contribuindo sobremaneira para que pesquisas acadêmicas em várias áreas do saber possam se debruçar sobre o interior da Bahia do século XX;

À minha companheira de estudos Pâmella Cintra por todos os momentos de cumplicidade, amizade e estudos durante toda essa jornada de pesquisa;

Ao prof. Dr. Adeíto Pinho, pelas valiosas orientações literárias e sugestões que muito enriqueceram a pesquisa;

À profa. Dra. Alícia Duhá Lose, pelas valiosas orientações, sugestões e correções que foram fundamentais para o prosseguimento desse estudo;

Aos professores que me acompanharam na graduação e no mestrado. Seus ensinamentos foram de inestimável valor para minha formação acadêmica;

Aos amigos e familiares pela torcida e palavras de apoio e a todos que de alguma forma torceram pelo meu sucesso.

DEPOIS

E eu tinha vinte anos...
E escrevia versos sentimentais...
redondilhas românticas...
Que tempo feliz aquele tempo!
Todavia...
não o achava feliz
quando o vivia...
É sempre assim a vida!
É sempre assim... A felicidade
Vem até nós... vive conosco depois...
Somente depois é que sabemos
que ela veio, que viveu conosco...
Depois...
Somente depois... quando a fitamos
com os olhos de neve da saudade!

(MOTTA, A6.CV1.06.001)

[...] como elemento incrementador da complexidade dos artefatos materiais, deve-se ter presente que na biografia das coisas se inscreve a biografia das pessoas, de seus produtores e/ou possuidores. [...] os indivíduos costumam esculpir nas coisas suas personalidades, revelar nelas suas idiossincrasias, fazendo-se presentes de modos variados nos registros materiais. [...] Centradas na personalidade do escritor suas coleções compõem um gesto autobiográfico. Todavia, elas constituem um suporte de interação com os outros, projetando-se para a esfera pública. (MARQUES, 2015. p. 139-140)

RESUMO

Esta dissertação é fruto do estudo realizado no acervo do poeta baiano Eulálio de Miranda Motta (1907-1988), com o objetivo de elaborar a edição crítica do dossiê dos poemas avulsos organizado por Barreiros (2012-2015), com os poemas avulsos do autor supracitado. Os poemas avulsos são compostos por 34 datiloscritos e 62 manuscritos guardados pelo autor em folhas soltas em gavetas ou dentro de livros durante os anos de 1940 a 1987, sendo muitas destas ainda inéditas. A pesquisa realizada no acervo constatou que os textos em estudo são compostos por poemas monotestemunhais e politestemunhais. Alguns dos testemunhos dos politestemunhais foram identificados entre os datiloscritos e manuscritos avulsos. Outros foram encontrados nos cadernos, panfletos, livros publicados pelo autor, folhetos e em publicações feitas em jornais. Sendo assim, o número de edições críticas realizada neste trabalho é de 86. O *corpus* editado revela o processo de escrita e reescrita do poeta Eulálio Motta e constitui-se em um elo entre os mais variados projetos editoriais do autor identificados em seu acervo. Por não fazerem parte de um projeto específico os poemas avulsos reúnem os mais variados temas trabalhados pelo poeta em sua escrita literária ao longo da vida. Assim, é possível afirmar que o dossiê da poesia avulsa de Eulálio Motta é um resumo da produção poética do autor. A edição deste *corpus* está alicerçada nos pressupostos teóricos da Crítica Textual (SPINA, 1977; CAMBRAIA, 2005; SPAGGIARI e PERUGI, 2004; QUEIROZ, 2008; BARREIROS, 2012-2015); dos estudos acervos literários (BORDINI, 2009; HAY, 2003, MARQUES, 2007-2015) e nos critérios de edição elaborados por Barreiros (2012; 2015). Além disso, visto a grande quantidade de textos politestemunhais e a movimentação escrita realizada pelo autor em seus testemunhos decidiu-se por apresentar também um aparato genético a fim de trazer a lume a riqueza apresentada pelas variações identificadas no processo de escrita de Eulálio Motta. Para tanto, toma-se como base dos estudos da Crítica Genética (GRÉSILLON, 2007; BORGES, 2012). Este trabalho se mostra relevante por somar-se às pesquisas feitas no campo da filologia e da literatura realizadas na Bahia. Além de colaborar para lançar luz sobre o fazer literário no interior baiano do século XX e, particularmente, contribuir com os trabalhos realizados a partir do acervo de Eulálio Motta para que a obra literária desse autor seja partilhada com a sociedade do presente. O que possibilita retirar do silêncio do acervo sua produção literária.

Palavras chaves: Edição; Poesias avulsas; Eulálio Motta.

ABSTRACT

This dissertation is the result of a study carried out in the holding of the Bahian poet Eulálio de Miranda Motta (1907-1988), that aimed to elaborate the critical edition of the dossier of the detached poems which were organized by Barreiros (2012-2015), with the unpublished poems of the author already mentioned. The detached poems are composed by 34 typescripts and 62 manuscripts that were kept by the author in detached sheets in drawers or inside books from the years of 1940 to 1987, in which many of them still unpublished. The research carried out in Eulálio Motta's holding verified that the texts under study are composed by one-witnessed and multi-witnessed poems. Some of the multi-witnessed were identified among the typescripts and the detached manuscripts. Others were found in notebooks, pamphlets, books that were published by the author, brochure and in newspaper publications. Therefore, the number of critical editions in this work is about 86 texts. The edited *corpus* reveals the process of writing and rewriting done by the poet Eulálio Motta and constitutes in a link between the most varied editorial projects of the author that were identified in his holding. Because they are not part of a specific project, the detached poems bring together the most varied themes worked by the poet in his literary writing throughout his life. Thus, it is possible to affirm that the dossier of the poetry of Eulálio Motta is a summary of the poetic production of the author. The edition of this *corpus* is based on the theoretical assumptions of the Textual Criticism (SPINA, 1977, CAMBRAIA, 2005, SPAGGIARI and PERUGI, 2004, QUEIROZ, 2008, BARREIROS, 2012-2015); about writer's holdings (BORDINI, 2009, HAY, 2003, MARQUES, 2007-2015) and in the edition criteria elaborated by Barreiros (2012, 2015). In addition, given the large number of multi-witnessed texts and the written movement done by the author in his witnessed texts, it was decided to also present a genetic apparatus in order to bring to light the richness presented by the identified variations in the writing process of Eulálio Motta. In order to do so, it is taken as base of work the studies of Genetic Criticism (GRESILLON, 2007; BORGES, 2012). This work is relevant because it adds the research done in the field of philology and literature that has been done in Bahia. In addition to that, it also collaborates to shed light on literary work done in the interior of Bahia during the twentieth century and contributes with the works done from the holding of Eulálio Motta, so the literary work of this author is shared with the society of the present. This makes it possible to remove his literary production from the silence of the holding.

Keywords: Edition; Detached poems; Eulálio Motta.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Fac-símile do poema <i>Doze trovas para ela</i> pertencente ao dossiê das poesias avulsas (EC1.33.CV1.21.005)	27
Figura 2 -	Fac-símile do poema <i>Doze trova para ela</i> pertencente ao dossiê das poesias avulsas (EC1.33.CV1.21.005)	28
Figura 3 -	Manuscrito do poema <i>Insonia...</i> pertencente ao dossiê das poesias avulsas (EH1.841.CL.07.005)	30
Figura 4 -	Manuscritos do poema <i>saudade</i> (EH1.811.CL.04.005) e da <i>trova</i> intitulada <i>Trova</i> (EH1.832.CL.06.006) pertencente ao dossiê das poesias avulsas	32
Figura 5 -	Manuscrito do poema <i>Trovas antológicas</i> (EH1.813.CL.04.007) e da <i>trova</i> intitulada <i>Trova</i> (EH1.832.CL.06.006) pertencente ao dossiê das poesias avulsas	33
Figura 6 -	Manuscrito do poema <i>Cantiga de ninar...</i> pertencente ao dossiê das poesias avulsas (EH1.833.CL.06.007)	36
Figura 7 -	Manuscrito do poema <i>Para se dormir</i> pertencente ao dossiê das poesias avulsas (EH1.833.CL.06.007)	37
Figura 8 -	Manuscrito do poema <i>Edy</i> pertencente ao dossiê das poesias avulsas (EH1.801.CL.03.005)	39
Figura 9 -	Manuscrito de um recado encontrado no dossiê das poesias avulsas (EH1.801.CL.03.005)	40
Figura 10 -	Manuscrito do poema <i>Carnaval de Mundo Novo</i> pertencente ao dossiê das poesias avulsas (EH1.840.CL.07.004)	45
Figura 11 -	Manuscrito de uma dedicatória pertencente ao dossiê das poesias avulsas (EH1.803.CL.03.007)	78
Figura 12 -	Reto do fac-símile do poema <i>Silêncio</i> (EH1.850.CL.08.004)	94
Figura 13 -	Reto do fac-símile do poema <i>Silêncio</i> (EH1.850.CL.08.004)	95
Figura 14 -	Verso do fac-símile do poema <i>Silêncio</i> (EH1.850.CL.08.004)	96
Figura 15 -	Fac-símile do poema <i>Tristeza</i> (EH1.845.CL.07.009)	100
Figura 16 -	Fac-símile do poema <i>Terra de promessa</i> localizado no CLC fólio 32r (A4.CV1.04.001)	104
Figura 17 -	Fac-símile do poema <i>Terra de promessa</i> localizado no CLC fólio 33r (A4.CV1.04.001)	105
Figura 18 -	Fac-símile do poema <i>Cachoeira de "ferro doido"</i> (EH1.849.CL.08.003)	18
Figura 19 -	Fac-símile do poema <i>dia do namorado</i> (EH1.810.CL.04.004)	112
Figura 20 -	Fac-símile do poema <i>A santa do pau oco</i> (EH1.847.CL.08.001)	115
Figura 21 -	Fac-símile do poema <i>A santa do pau oco</i> (EH1.847.CL.08.001)	116
Figura 22 -	Fac-símile do poema <i>A santa do pau oco</i> (EH1.847.CL.08.001)	117
Figura 23 -	Fac-símile do poema <i>A santa do pau oco</i> (EH1.847.CL.08.001)	118
Figura 24 -	Fac-símile do poema <i>Aquela história...</i> (EH1.836.CL.06.010)	124
Figura 25 -	Segunda parte do fac-símile do poema <i>Aquela história...</i> (EH1.836.CL.06.010)	125

Figura 26 -	Fac-símile do poema <i>Parabéns</i> (EH1.803.CL.03.007)	130
Figura 27 -	Fac-símile do panfleto <i>O telefone</i> (M892.CR6.02.006)	135
Figura 28 -	Recto do fac-símile do poema avulso <i>Insônia...</i> (EH1.841.CL.07.005)	139
Figura 29 -	Verso do fac-símile do poema avulso <i>Insônia...</i> (EH1.841.CL.07.005)	140
Figura 30	Recto do fac-símile <i>Dia do estudante</i> identificado dentro do caderno MCT (A13.CV1.13.001)	143
Figura 31 -	Verso do fac-símile <i>Dia do estudante</i> identificado dentro do caderno MCT (A13.CV1.13.001)	144
Figura 32 -	Fac-símile do poema <i>Clarão</i> (EH1.833.CL.06.007)	148
Figura 33 -	Fac-símile do poema <i>Tédio</i> (EH1.839.CL.07.003)	151
Figura 34 -	Fac-símile do poema <i>Carnaval de Mundo Novo</i> (EH1.840.CL.07.004)	155
Figura 35 -	Fac-símile do poema <i>Amém...</i> (EH1.822.CL.05.006)	160
Figura 36 -	Fac-símile do folheto em que se encontra a primeira parte do cordel <i>A mesinha</i> (F75. CL. 02. 002)	167
Figura 37 -	Fac-símile do folheto em que se encontra a segunda e terceira parte do cordel <i>A mesinha</i> (F75. CL. 02. 002)	168
Figura 38 -	Fac-símile do poema <i>Epitáfio</i> identificado no LCMC2	174
Figura 39 -	Fac-símile do poema <i>Último momento...</i> identificado no LCMC2	178
Figura 40 -	Primeira parte do fac-símile do poema “ <i>Fazenda Vaca Parida</i> ” identificado no LCMC2	183
Figura 41 -	Segunda parte do fac-símile do poema “ <i>Fazenda Vaca Parida</i> ” identificado no LCMC2	184
Figura 42 -	Fac-símile do poema <i>Hino do Ginásio Mundo Novo</i> localizado no LCMC2	188
Figura 43 -	Fac-símile do poema <i>Tamarindeiro...</i> identificado no LCMC2	194
Figura 44 -	Fac-símile do poema <i>Uma dúzia de trovas para meus dois pronomes: tu e você</i> (EH1.812.CL.04.006)	199
Figura 45 -	Fac-símile do poema <i>Uma dúzia de trovas para meus dois pronomes: tu e você</i> (EH1.812.CL.04.006)	200
Figura 46 -	Fac-símile do poema <i>A carta que não veio...</i> (EC1.37.CV1.21.009)	203
Figura 47 -	Fac-símile do poema <i>Aquela rua...</i> (EC1.52.CV1.23.002)	207
Figura 48 -	Segunda parte do fac-símile do poema <i>Aquela rua...</i> (EC1.52.CV1.23.002)	208
Figura 49 -	Fac-símile do poema <i>Aconteceu...</i> (EC1.50.CV1.22.011)	212
Figura 50 -	Fac-símile do poema <i>Voltar</i> (EC1.54.CV1.23.004)	217
Figura 51 -	Recto do fac-símile do poema <i>Pontos de histórias de minha vida...</i> (EC1.30.CV1.21.002)	222
Figura 52 -	Verso do fac-símile do poema <i>Pontos de histórias de minha vida...</i> (EC1.30.CV1.21.002)	223
Figura 53 -	Fac-símile do poema <i>Batendo à sua porta...</i> (EC1.926.CV1.23.009)	228
Figura 54 -	Primeira parte do fac-símile do poema <i>A última vez</i> (EH1.828.CL.06.002)	232
Figura 55 -	Segunda parte do fac-símile do poema <i>A última vez</i> (EH1.828.CL.06.002)	233

Figura 56 -	Fac-símile do poema <i>Ninguém consegue dar fim</i> (EC1.34.CV1.21.006)	239
Figura 57 -	Fac-símile do poema <i>Trovas...</i> (1) (EH1.830.CL.06.004)	244
Figura 58 -	Fac-símile do poema <i>A fuga</i> (EC1.854.CV1.23.008)	249
Figura 59 -	Fac-símile <i>Estória da carochinha</i> (EC1.49.CV1.22.010)	253
Figura 60 -	Fac-símile do poema <i>Saudade...</i> (EC1.29.CV1.21.001)	258
Figura 61 -	Recto do fac-símile do poema <i>Teria dito?</i> (EH1.819.CL.05.003)	263
Figura 62 -	Verso do fac-símile do poema <i>Teria dito?</i> (EH1.819.CL.05.003)	264
Figura 63 -	Fac-símile do poema <i>Mea culpa...</i> (D78.CV1.23.008)	269
Figura 64 -	Fac-símile do poema <i>Para Alto Bonito...</i> (EH1.829.CL.06.003)	272
Figura 65 -	Segunda parte do fac-símile do poema <i>Para Alto Bonito...</i> (EH1.829.CL.06.003)	273
Figura 66 -	Fac-símile do poema <i>Trovas Antológicas</i> (1) (EH1.826.CL.05.010)	278
Figura 67 -	Fac-símile do poema <i>Grupo de três...</i> (EC1.55.CV1.23.005)	281
Figura 68 -	Fac-símile do poema <i>No dia seguinte...</i> (EC1.35.CV1.21.007)	284
Figura 69 -	Fac-símile <i>Indicações do carimbo</i> (EC1.56.CV1.23.006)	289
Figura 70 -	Fac-símile do poema <i>Ficou chorando...</i> (EH1.824.CL.05.008)	292
Figura 71 -	Fac-símile do poema <i>Aquela almofada</i> (EH1.821.CL.05.005)	296
Figura 72 -	Fac-símile do poema <i>Tu e Você</i> (EH1.815.CL.04.009)	301
Figura 73 -	Fac-símile do poema <i>Momento de poesia</i> (EH1.825.CL.05.009)	305
Figura 74 -	Fac-símile do poema <i>De meu caderno de trovas</i> (EH1.823.CL.05.007)	308
Figura 75 -	Fac-símile do poema <i>Trovas de hoje, 29-4-987</i> (EH1.814.CL.04.008)	313
Figura 76 -	Fac-símile do texto heterogêneo <i>Opinião</i> (EH1.809.CL.04.003)	319
Figura 77 -	Fac-símile do texto heterogêneo <i>Trovas Vividas</i> (EH1.818.CL.05.002)	325
Figura 78 -	Fac-símile do poema <i>Primeira vez</i> (EH1.820.CL.05.004)	331
Figura 79 -	Fac-símile do panfleto <i>Edy</i> (M905.CR6.02.020)	336
Figura 80 -	Recto do fac-símile do poema <i>Trovas antológicas</i> (EH1.813.CL.04.007)	342
Figura 81 -	Verso do Fac-símile do poema <i>Trovas antológicas</i> (EH1.813.CL.04.007)	343
Figura 82 -	Fac-símile da quadra <i>Ela se esqueceu de mim</i> identificada no CMCT fólio 9r (A13.CV1.13.001)	348
Figura 83 -	Fac-símile da quadra <i>Adoeceu</i> identificada no CMCT fólio 14v (A13.CV1.13.001)	352
Figura 84 -	Fac-símile do poema <i>Uma dúzia de trovas para ela...</i> (EC1.32.CV1.21.004)	358
Figura 85 -	Fac-símile do poema <i>Bom sucesso</i> (EC1.53.CV1.23.003)	364
Figura 86 -	Fac-símile do poema <i>Bom Sucesso...</i> (2) identificado no CCMC3 fólio 30r (A6.CV1.06.001)	368
Figura 87 -	Fac-símile do poema <i>Bom Sucesso...</i> (2) identificado no CCMC3 fólio 30v (A6.CV1.06.001)	369

Figura 88 -	Fac-símile do poema <i>Bom Sucesso...</i> (2) identificado no CCMC3 fólio 31r (A6.CV1.06.001)	370
Figura 89 -	Fac-símile do poema <i>Bom Sucesso...</i> (2) identificado no CCMC3 fólio 31r (A6.CV1.06.001)	371
Figura 90 -	Fac-símile do poema <i>Noturno...</i> (EH1.807.CL.04.001)	376
Figura 91 -	Fac-símile do poema <i>aniversário d'Ela...</i> localizado no CMC3 fólio 9v. (A6.CV1.06.001)	381
Figura 92 -	Fac-símile do poema <i>Você...</i> localizado no CCMC3 fólio 21v (A6.CV1.06.001)	386
Figura 93 -	Fac-símile do poema <i>Você...</i> localizado no CCMC3 fólio 22r (A6.CV1.06.001)	387
Figura 94 -	Fac-símile do poema <i>Você...</i> localizado no CCMC3 fólio 25v (A6.CV1.06.001)	388
Figura 95 -	Fac-símile do poema <i>Faz de conta...</i> localizado no CCMC3 (A6.CV1.06.001)	393
Figura 96 -	Fac-símile do poema <i>Depois...</i> identificado no CCMC3 fólio 26r (A6.CV1.06.001)	398
Figura 97 -	Fac-símile do poema <i>Meu poema de estudante pobre...</i> identificado no CCMC3 (A6.CV1.06.001)	403
Figura 98 -	Fac-símile do poema <i>Jacobina</i> identificado no CCMC3 no fólio 28r (A6.CV1.06.001)	408
Figura 99 -	Fac-símile do poema <i>Jacobina</i> identificado no CCMC3 no fólio 28v (A6.CV1.06.001)	409
Figura 100 -	Fac-símile do poema <i>Sozinho</i> identificado no CCMC3 fólio 14v (A6.CV1.06.001)	415
Figura 101 -	Fac-símile do poema <i>Sozinho</i> identificado no CCMC3 fólio 15r (A6.CV1.06.001)	416
Figura 102 -	Fac-símile do poema <i>Impossível</i> identificado no CCMC3 fólio 10v (A6.CV1.06.001)	420
Figura 103 -	Fac-símile do poema <i>Canção de ninar</i> identificada no CCMC3 fólio 25r (A6. CV1.06.001)	425
Figura 104 -	Fac-símile do poema <i>Canção de ninar</i> identificada no CCMC3 fólio 25v (A6. CV1.06.001)	426
Figura 105 -	Fac-símile do poema <i>Reticências</i> (EH1.808.CL.04.002)	431
Figura 106 -	Fac-símile do poema <i>Volte, querida!</i> (K798.CL.03.002)	435
Figura 107 -	Fac-símile do poema <i>Demônio...</i> (EH1.816.CL.04.010)	439
Figura 108 -	Fac-símile do poema <i>Fotografia de 1933...</i> (EC1.47.CV1.22.008)	444
Figura 109 -	Fac-símile do poema <i>Final...</i> (EC1.51.CV1.23.001)	448
Figura 110 -	Fac-símile do poema <i>Se...</i> (EC1.39.CV1.21.011)	452
Figura 111 -	Fac-símile do poema <i>Tristeza Resignada...</i> (EC1.45.CV1.22.006)	456
Figura 112 -	Recto do fac-símile do poema <i>ela</i> (EH1. 853.CL.08.007)	459
Figura 113 -	Verso do fac-símile do poema <i>Ela</i> (EH1. 853.CL.08.007)	460
Figura 114 -	Fac-símile do poema <i>Saudade de Monte Alegre</i> (EH1.806.CL.03.010)	465
Figura 115 -	Fac-símile do poema <i>Edy</i> (2) (EH1.805.CL.03.009)	468
Figura 116 -	Fac-símile do poema <i>Alto Bonito</i> (EC1.48.CV1.22.009)	471
Figura 117 -	Fac-símile do poema <i>Alto Bonito</i> (EC1.48.CV1.22.009)	472
Figura 118 -	Fac-símile do poema <i>Trovas...</i> (2) (EC1.43.CV1.22.004)	477

Figura 119 -	Fac-símile do poema <i>Ponto final...</i> (EC1.36.CV1.21.008)	480
Figura 120 -	Fac-símile do poema <i>Redondilha</i> (EH1.804.CL.03.008)	485
Figura 121 -	Fac-símile da quadra <i>Pedir que volte, jamais</i> (K799.CL03.003)	489
Figura 122 -	Fac-símile da quadra <i>Se você nunca será</i> (K799.CL03.003)	492
Figura 123 -	Fac-símile da quadra <i>antigamente eu dormia...</i> (K800.CL.03.004)	495
Figura 124 -	Fac-símile da quadra <i>Trova:</i> (EH1.808.CL.04.002)	498
Figura 125 -	Fac-símile do poema <i>Reencontro com Deus</i> (EC1.40.CV1.22.001)	501

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-	Manuscritos com indicação de onde seriam publicados	34
Quadro 2 -	Datiloscritos com indicação de onde seriam publicados	34
Quadro 3 -	Poemas Manuscritos	83
Quadro 4 -	Poemas Datiloscritos	84
Quadro 5 -	Poemas Manuscritos de terceiros	85
Quadro 6 -	Poemas Datiloscritos de terceiros	85
Quadro 7 -	Poemas éditos e inéditos	85
Quadro 8 -	Poemas inéditos	86
Quadro 9 -	Poemas editados por Patrício Barreiros	87
Quadro 10-	Poemas editados por Taylane Santos	87
Quadro 11-	Poemas editados por Pâmella Cintra	88

LISTA DE SIGLAS

ABREVIATURAS

f	folha / folio
L	Linha
r	Recto
v	verso
c.f	conferir

SIGLAS RELATIVAS ÀS FONTES TESTEMUNHAIS

CLC	Caderno Luzes do Crepúsculo
MA	Manuscrito Avulso
DA	Datiloscrito Avulso
LAE	Livro Alma Enferma
LA1981	Livro anuário de 1981: poetas do Brasil
FAPO	Folheto Algumas poesias de ontem
CSCI	Caderno sem capa 1
LCMC1	Livro Canções de Meu Caminho 1ª edição
LCMC2	Livro Canções de Meu Caminho 2ª edição
DCMC2(1)	Datiloscrito Canções de Meu Caminho 2ª edição (1)
DCMC2(2)	Datiloscrito Canções de Meu Caminho 2ª edição (2)
CCMC3	Caderno Canções de Meu caminho 3ª edição
CMCT	Caderno Meu Caderno de Trovas
CJN	Caderno de um João Ninguém
CN3	Caderno nº3
IPD	Jornal Correio do Sertão

SIGLAS RELATIVAS AO TEXTO CRÍTICO

SL2	Silêncio
TTM	Tristeza
TPM2	Terra de Promissão
CFM	Cachoeira de “Ferro doido”
DNM2	Dia do namorado
SPO	A Santa do pau oco
AHM	Aquela História
PRM2	Parabéns
OTP	O telefone
ISM	Insônia...
DEM	Dia do estudante
CRM	Clarão...
TDM2	Tédio

CMN2	Carnaval de Mundo Novo
AMM2	Amém
AMEF	A mesinha
EPL	Epitáfio
UML	Último momento...
FVPL2	“Fazenda Vaca Parida
HGL	Hino do ginásio Mundo Novo
TML1	Tamarindeiro
UDM	Uma dúzia de trovas para meus dois pronomes: Tu e Você
ACD	A carta que não veio...
ARD	Aquela rua...
ACD	Aconteceu...
VTD3	Voltar
PHD4	Pontos de historia de minha vida...
BSD	Batendo à sua porta
AUM	A última vez
NCD2	Ninguém consegue dar fim
TRVM	Trovas...
AFD	A fuga
ECD	Estória da carochinha...
SDD	Saudade... (2)
TDM2	Teria dito
MCD	Mea Culpa...
PAM	Para Alto Bonito...
TAM(1)	Trovas antológicas (1)
GTD	Grupo de três...
NDD2	No dia seguinte...
IDD4	Indicações do carimbo
FCM	Ficou chorando
AAM	Aquela Almofada
TVM	Tu e Você
MPM	Momento de poesia
DMM2	De meu caderno de trovas
TDHM	Trovas de hoje, 29-4-987
OPM2	Opinião
TVVM	Trovas vividas
PVM	Primeira vez
EDP	EDY
TAM3	Trovas antológicas
ESC	Ela se esqueceu de mim!
ADC	Adoeceu
DTD5	Uma dúzia de trovas para ela...
BSD4	Bom sucesso
BSM	Bom sucesso... (2)
NTM	Noturno
ADM3	Aniversário D’ela
VCM2	Você...
FCM3	Faz de conta...
DPM2	Depois...
MPM	Meu poema de estudante pobre...

JCM2	Jacobina
SZM4	Sozinho
IPM3	Impossível
CNM4	Canção de Ninar
RTM2	Reticências
VQM2	Volte, querida!
DMD	Demônio...
FTD	Fotografia de 1933...
FND	Final...
SD	Se...
TRD2	Tristeza resignada
ELM	Ela
SMM	Saudade de Monte Alegre!
EDM(2)	Edy: (2)
ABD	Alto Bonito
TVD2	Trovas...(2)
PFD2	Ponto final
RDM	Redondilhas
PQM	Pedir que volte, jamais...
SVM	Se você nunca será
AEM	Antigamente eu dormia...
TVAM	Trova:
RED	Reencontro com Deus

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
1.1	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	20
2	A SOCIOLOGIA DOS AVULSOS	23
2.1	O DOSSIÊ DA POESIA AVULSA DE EULÁLIO MOTTA	26
2.2	UM BAÚ A SER DECIFRADO: O ACERVO COMO LUGAR DE MEMÓRIA	40
2.2.1	Eulálio Motta e seu acervo	46
2.3	EULÁLIO MOTTA E O CÂNONE LITERÁRIO BAIANO	50
2.4	AS MULTIPLAS FACES DE UMA ESCRITA LITERÁRIA: ANÁLISE DA POESIA AVULSA DE EULÁLIO MOTTA	55
2.4.1	A face melancólica impressa na poesia avulsa	58
2.4.2	A face religiosa e política da poesia avulsa	63
2.4.3	A poesia avulsa e as imagens de Mundo Novo	67
3	CRÍTICA TEXTUAL E CRÍTICA GENÉTICA: CAMINHOS PARA A EDIÇÃO DOS POEMAS AVULSOS DE EULÁLIO MOTTA	71
4	EDIÇÃO DAS POESIAS AVULSAS	82
4.1	DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	82
4.1.1	Critérios de edição	88
4.1.2	A edição	92
4.1.2.1	Silêncio	92
4.1.2.2	Tristeza	99
4.1.2.3	Terra de Promissão	102
4.1.2.4	Cachoeira de “Ferro doido”	107
4.1.2.5	Dia do namorado	110
4.1.2.6	A Santa do pau oco	114
4.1.2.7	Aquela História	123
4.1.2.8	Parabéns	128
4.1.2.9	O telefone	133
4.1.2.10	Insônia...	137
4.1.2.11	Dia do estudante	142
4.1.2.12	Clarão...	147
4.1.2.13	Tédio	150
4.1.2.14	Carnaval de Mundo Novo	153
4.1.2.15	Amém	158
4.1.2.16	A mesinha	163
4.1.2.17	Epitáfio	172
4.1.2.18	Último momento...	176
4.1.2.19	“Fazenda Vaca Parida	181
4.1.2.20	Hino do ginásio Mundo Novo	187
4.1.2.21	Tamarindeiro	192
4.1.2.22	Uma dúzia de trovas para meus dois pronomes: Tu e Você	197
4.1.2.23	A carta que não veio...	203
4.1.2.24	Aquela rua...	206
4.1.2.25	Aconteceu...	211
4.1.2.26	Voltar	215

4.1.2.27	Pontos de historia de minha vida...	220
4.1.2.28	Batendo à sua porta	227
4.1.2.29	A última vez	231
4.1.2.30	Ninguém consegue dar fim	236
4.1.2.31	Trovas...	242
4.1.2.32	A fuga	247
4.1.2.33	Estória da carochinha...	251
4.1.2.34	Saudade... (2)	256
4.1.2.35	Teria dito	261
4.1.2.36	Mea Culpa...	267
4.1.2.37	Para Alto Bonito...	271
4.1.2.38	Trovas antológicas (1)	276
4.1.2.39	Grupo de três...	280
4.1.2.40	No dia seguinte...	283
4.1.2.41	Indicações do carimbo	287
4.1.2.42	Ficou chorando	292
4.1.2.43	Aquela Almofada	295
4.1.2.44	Tu e Você	299
4.1.2.45	Momento de poesia	302
4.1.2.46	De meu caderno de trovas	307
4.1.2.47	Trovas de hoje, 29-4-987	312
4.1.2.48	Opinião	315
4.1.2.49	Trovas vividas	323
4.1.2.50	Primeira vez	329
4.1.2.51	EDY	333
4.1.2.52	Trovas antológicas	339
4.1.2.53	Ela se esqueceu de mim!	346
4.1.2.54	Adoeceu	350
4.1.2.55	Uma dúzia de trovas para ela...	354
4.1.2.56	Bom sucesso	362
4.1.2.57	Bom sucesso... (2)	367
4.1.2.58	Noturno	374
4.1.2.59	Aniversário D'ela	378
4.1.2.60	Você...	383
4.1.2.61	Faz de conta...	391
4.1.2.62	Depois...	395
4.1.2.63	Meu poema de estudante pobre...	400
4.1.2.64	Jacobina	405
4.1.2.65	Sozinho	412
4.1.2.66	Impossível	418
4.1.2.67	Canção de Ninar	422
4.1.2.68	Reticências	429
4.1.2.69	Volte, querida!	433
4.1.2.70	Demônio...	437
4.1.2.71	Fotografia de 1933...	442
4.1.2.72	Final...	447
4.1.2.73	Se...	451
4.1.2.74	Tristeza resignada	454
4.1.2.75	Ela	458
4.1.2.76	Saudade de Monte Alegre!	463

4.1.2.77	Edy: (2)	467
4.1.2.78	Alto Bonito	470
4.1.2.79	Trovas...(2)	476
4.1.2.80	Ponto final	479
4.1.2.81	Redondilhas	483
4.1.2.82	Pedir que volte, jamais...	488
4.1.2.83	Se você nunca será	491
4.1.2.84	Antigamente eu dormia...	494
4.1.2.85	Trova:	497
4.1.2.86	Reencontro com Deus	500
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	504
	REFERÊNCIAS	508

1 INTRODUÇÃO

Eulálio de Miranda Motta é um poeta baiano, natural de Mundo Novo, nascido em 1907. Ele iniciou a sua atividade como escritor ainda na adolescência, motivado, segundo o próprio autor, por um amor adolescente. A partir de então, decidiu que seria poeta e dedicou-se a esse ofício até o seu falecimento, em 1988.

A poesia de Eulálio Motta passa por fases distintas, motivadas por sua transformação intelectual e pelas ideologias assumidas. Ainda que ele tenha acompanhado algumas tendências literárias vigentes à época, Eulálio Motta esforçou-se por escolher caminhos que ele acreditava destoarem dos modismos. Talvez por isso, ele tenha se autodenominado um poeta de água doce, ou seja, um poeta do interior, diferente dos poetas da capital. A busca por uma identidade literária e o enfrentamento que fez aos críticos da época, são capítulos interessantes da literatura baiana que podem ser elucidados a partir do estudo das obras desse escritor mundonovense.

Direcionar o olhar para a literatura produzida por um poeta situado numa pequena cidade do interior da Bahia permitirá trazer a lume a obra de um escritor que teve relevância local e contribuir para a memória literária baiana, pois lança luz sobre um fazer literário que teve pouca visibilidade em sua época por não circular no centro da produção intelectual e literária, ou seja, a capital da Bahia. Estudos dessa natureza somente são possíveis, a partir da abertura dos acervos dos escritores que podem revelar textos que estavam fadados ao esquecimento. Portanto, associar o estudo dos acervos de escritores e a edição filológica de textos preservados nesses ‘tesouros da memória’, é uma contribuição significativa para os estudos literários.

Grande parte da escrita de Eulálio Motta foi preservada em seu acervo e, embora ele tenha se dedicado durante muitos anos à escrita de poesias, publicou apenas três livros. Por isso, grande parte de sua obra ainda permanece inédita. O “Poeta de água doce”, como muitos outros escritores, tinha o hábito de preservar em seu acervo a memória de sua escrita e também a de terceiros, guardando cadernos, correspondências passivas e ativas, fotos, diplomas, livros, projetos de livros, obras de outrem e papéis avulsos, contendo cópias de seus poemas.

Assim, o escritor Eulálio Motta preservou, em seu acervo, um volume de documentos que tem suscitado diversos estudos nas áreas de Crítica Textual e de Crítica Genética. Dentre os documentos do acervo destacam-se as poesias avulsas conservadas em folhas soltas com textos manuscritos e datilografados com rasuras, emendas e acréscimos, revelando assim o

processo de escrita dos textos. Além disso, o autor tinha o hábito de fazer cópias de seus textos o que legou ao dossiê das poesias avulsas uma considerável quantidade de documentos polítestemunhais, exigindo um procedimento editorial que vise o estabelecimento do texto crítico. Diante disso, surgiu o questionamento acerca de como realizar uma edição das poesias avulsas de Eulálio Motta em que se pudesse valorizar o processo criativo do escritor e que levasse em consideração a documentação do seu acervo. Essa foi a problemática que direcionou a presente pesquisa.

A elaboração de uma edição crítico-genética nos pareceu o caminho mais adequado para solucionar a questão de pesquisa posta. A partir de então, foi realizada a pesquisa no acervo para constituir o dossiê das poesias avulsas de Eulálio Motta. A edição crítico-genética nos permitiu compreender o processo criativo do escritor, além de possibilitar que se estabelecesse o texto crítico diante da quantidade de documentos polítestemunhais encontrados no acervo de Eulálio Motta, pois este tipo de edição objetiva não somente identificar a última vontade do autor, mas também, documentar as variantes autorais num aparato crítico-genético e incluir a documentação paratextual.

Assim, este trabalho objetivou elaborar uma edição crítico-genética da poesia avulsa de Eulálio Motta e estudar o processo criativo desse conjunto de textos, com o objetivo de documentar e apresentar uma leitura dos caminhos percorridos para a composição das poesias que integram o *corpus* da pesquisa.

Para que esse objetivo fosse alcançado com êxito foi necessário realizar o levantamento dos testemunhos das poesias que integram o *corpus* da pesquisa e elaborar a transcrição dos textos a partir dos critérios utilizados para a edição das obras de Eulálio Motta (BARREIROS, 2017, 2015); fazer o cotejamento das variantes autorais dos textos e identificar as campanhas de escrita; realizar um estudo crítico do processo criativo de Eulálio Motta, a partir do movimento genético dos textos, esperando assim, colaborar para os estudos literários de escritores baianos. Além de contribuir para a preservação da memória social e literária da Bahia e, por extensão, do Brasil.

Neste trabalho propôs-se a realização de uma pesquisa cuja base metodológica se alicerçou em edições crítico-genéticas especialmente aquelas já realizadas pelo grupo de pesquisa ligados ao projeto *Edição das obras inéditas de Eulálio Motta* e nas investigações acerca dos acervos de escritores que funcionam como o laboratório do escritor. Para tanto, toma-se como base os pressupostos teóricos e metodológicos da Crítica Textual (SPINA, 1977; CAMBRAIA, 2005; SPAGGIARI; PERUGI, 2004; QUEIROZ, 2008; BARREIROS 2012-2015); da Crítica Genética (GRÉSILLON, 2007; BORGES, 2012 e os estudos acerca

dos acervos de escritores (BORDINI, 2009; HAY, 2003; MARQUES, 2007-2015). A edição das poesias avulsas de Eulálio Motta está alicerçado nos critérios filológicos e genéticos elaborados por Barreiros (2012 e 2015) e na fortuna crítica do escritor e dos estudos filológicos empreendidos pela equipe de pesquisadores do grupo de pesquisa *Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais, Filologia e Acervos de Escritores*, da UEFS.

O trabalho de edição das poesias avulsas de Eulálio Motta permitiu que este material de relevante valor intelectual e literário, produzido em uma época importante da história social, política e literária do Brasil, fosse retirado do silêncio do acervo. Essa ação abre caminho para que se compreenda o fazer literário de Eulálio Motta e as ideias circulantes no interior baiano, espaço intelectual distante dos grandes centros urbanos. Possibilita ainda outros estudos acadêmicos, fomentando assim, novas e valiosas discussões em torno da produção literária do interior do estado da Bahia. Além, é claro, de lançar luz sobre a figura de Eulálio Motta, um poeta que através de sua escrita, movimentou o cenário intelectual de sua região e preservou a memória social de seu tempo. Assim, a edição de sua poesia avulsa possibilita que essa memória preservada seja acessada pela sociedade do presente, a fim de melhor compreender o seu passado recente.

1.1 PROPOSTA DE ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A dissertação é composta por cinco seções. A primeira delas é a *Introdução* que traz uma contextualização da dissertação, apresentando a pesquisa e os procedimentos metodológicos a serem abordados no desenvolvimento do trabalho, bem como um resumo de cada seção.

A segunda seção, denominada *Sociologia dos avulsos*, discute acerca dos avanços no campo da história para uma história cultural das práticas de escrita, tendo em vista que a escrita permeia as relações sociais das sociedades letradas e, portanto, é fundamental para compreender a própria história da humanidade. Essa seção possui quatro subseções. A primeira, denominada *O dossiê da poesia avulsa de Eulálio Motta*, objetiva descrever as particularidades identificadas no *corpus* de pesquisa, os poemas avulsos. Essas particularidades revelam o modo como o autor procedia quanto a sua escrita literária e, dessa forma, traz a lume a própria historicidade de composição dos poemas avulsos.

A segunda subseção, denominada *Um baú a ser decifrado: o acervo como lugar de memória* aborda a importância do acervo do escritor como lugar de memória social, tendo em vista que a documentação de um acervo possibilita o acesso aos fragmentos da memória

coletiva de uma dada comunidade. Além disso, aborda-se a questão do arquivamento do eu e o papel do acervo na compreensão da obra de um autor, tendo em vista que no acervo encontram-se os rascunhos dos textos literários e a análise destes, bem como dos demais objetos ali guardados, possibilitando ao filólogo e ao geneticista de texto traçar os caminhos percorridos pelo autor em seu processo de escrita. Nesta subseção há ainda uma subdivisão intitulada *Eulálio Motta e seu acervo* com uma breve biografia do autor, focada em sua obra poética. Além de apresentar o seu acervo como um lugar de memória social que oferece pistas valiosas para o estudo de sua obra.

A terceira subseção é denominada *Eulálio Motta e o cânone literário baiano* e discute brevemente os possíveis motivos pelos quais este poeta não fez parte do cânone literário da Bahia, permanecendo mais restrito ao seu município Mundo Novo. Já a quarta subseção, denominada *As múltiplas faces de uma escrita literária: análise da poesia avulsa de Eulálio Motta* traz uma breve introdução teórica do conceito de poesia, poema e o papel do sujeito poeta na sociedade em que vive. Em seguida, uma breve análise literária dos poemas de Eulálio Motta. Essa análise foi dividida em três partes que compõem as temáticas mais presentes nos poemas Avulsos ora estudados. São elas: *A face melancólica impressa na poesia avulsa; A face religiosa e política da poesia avulsa; A poesia avulsa e as imagens de Mundo Novo.*

Na terceira seção, denominada *Crítica textual e crítica genética: caminhos para a edição dos poemas avulsos de Eulálio Motta*, se faz uma revisão bibliográfica acerca da Crítica Textual e da Crítica Genética que serão basilares ao trabalho ora apresentado: bem como, a relação desta com o acervo do escritor.

A quarta seção, denominada *Edição das poesias avulsas*, está dividida em três subseções. A primeira, intitulada *Descrição do corpus*, apresenta uma descrição do dossiê das poesias avulsas, *corpus* desta pesquisa. A segunda subseção, denominada *Critérios de edição*, apresenta os critérios usados na edição das poesias avulsas e a terceira subseção, denominada *A edição*, apresenta a edição dos textos do dossiê das poesias avulsas de Eulálio Motta. Por fim, apresenta-se a quinta seção com as considerações finais e as referências.

2 A SOCIOLOGIA DOS AVULSOS

No século XVIII, a imprensa já contava com 300 anos de existência e a palavra impressa estava incorporada ao cotidiano, mesmo contando com grande número de analfabetos. No que diz respeito ao Brasil, até o princípio do século XIX, a relação com a cultura impressa era totalmente dependente dos poucos livros e periódicos que vinham da Europa, na maioria das vezes, de forma clandestina (BARREIROS, 2015, p. 87).

A imprensa contribuiu de maneira significativa ao longo dos séculos para que o texto escrito alcançasse um número cada vez maior de leitores. Conforme afirma Barreiros (2015), esta já estava bastante consolidada ao cotidiano das pessoas no século XVIII. Embora, a Europa ainda contasse com um número significativo de analfabetos nesse período é inegável a relevância dessa tecnologia na vida intelectual das sociedades. E como não poderia deixar de ser, os textos impressos cruzaram o atlântico e, chegaram ao Brasil. Segundo Barreiros (2015, p. 87), a primeira tipografia no Brasil data de 1706 e instalou-se no Recife. Tratava-se de uma pequena casa de impressão de letras de câmbio e orações devotas. Mas, oficialmente, a imprensa atraca em terras brasileiras juntamente com a família real portuguesa em 1808. Até então, a coroa portuguesa não aceitava tipografias no Brasil. Dessa forma, as que abriam clandestinamente tendiam a ser fechadas logo que descobertas. Com a permissão da coroa, que nesse momento encontrava-se instalada no Rio de Janeiro, pequenas tipografias começavam a surgir e estas estavam sempre sob a vigilância da coroa portuguesa. Contudo, com a multiplicação das tipografias essa vigilância começava a se tornar um desafio difícil de ser vencido pela coroa, o que possibilitou que algumas tipografias conseguissem se desvencilhar da censura da coroa.

Em 1821 uma constituição portuguesa recém criada possibilitou a abertura de algumas tipografias e jornais independentes no Brasil. Isso garantiu certa liberdade a imprensa local, mas a censura da coroa foi novamente restaurada no ano seguinte. A dificuldade da coroa em vigiar essas tipografias brasileiras permitiu que as mesmas fomentassem as discussões políticas relacionadas a independência do Brasil, o que alavancou consideravelmente o crescimento da imprensa e da opinião pública local (SODRÉ, 1999).

Assim, as tipografias ao fazerem circular textos como os panfletos fomentaram a sociedade leitora do Brasil no que concerne a assuntos importantes e até polêmicos. “Entre as décadas de 1820 e 1840 houve intensa circulação de panfletos em várias cidades do Brasil, mas, sobretudo, no Rio de Janeiro, onde se travaram calorosas contendas ideológicas” (BARREIROS, 2015, p. 88). Cidades menores pelo interior do Brasil também abriram

pequenas tipografias para impressão de textos como os panfletos. E esses textos mais simples circulavam entre os populares com muita fluência, possibilitando as comunidades um maior envolvimento com os textos impressos tais como poemas, causos, textos de cunho político e religioso. Dessa maneira, não somente os textos, mas as ideologias circulavam com maior fluidez entre os populares.

Acerca das tipografias nas pequenas cidades, Barreiros (2015, p. 89) afirma que:

Desde o século XIX, as tipografias instalaram-se em pequenas cidades do interior e ali desenvolveram importantes e intensas atividades, imprimindo hebdomadários, panfletos, livros direcionados a instrução (que se denominam hoje de livros didáticos), obras literárias, orações, talões, livros de contas etc. nas pequenas cidades, a tipografia cumpriu importante função social, política e cultural, influenciando a sociedade, não apenas pela veiculação de notícias, mas, sobretudo, por tornar a leitura e a escrita presentes no cotidiano das pessoas, desenvolvendo hábitos que culminam no que se pode chamar de práticas culturais dos impressos.

A imprensa brasileira, segundo Barreiros (2015), experimentou um grande desenvolvimento na passagem do século XIX para o XX e isso proporcionou um impulso considerável ao mercado editorial, pois nesse período o mercado consumidor também se tornou mais volumoso. Além do mais, os textos impressos nos jornais, principalmente aqueles adeptos de uma política supostamente de imparcialidade gozavam de plena confiança de seus leitores, eram portadores da verdade e, segundo Barreiros (2015, p. 90) a imprensa conferia as cidades um ar de progresso e civilização.

Já no que se refere à editoras baianas, Santana (2009, p. 95) retrata uma situação diferente. Conforme afirma o autor, as editoras tinham grande dificuldade em distribuir suas publicações. Isso ocorria principalmente porque as editoras da Bahia não eram estruturadas no formato empresarial. A dificuldade em distribuir as obras dos autores locais para outras regiões do país restringia muito a literatura baiana no que concerne a difusão desta em âmbito nacional.

Desenvolver estudos que visem compreender a relação dos sujeitos com a escrita, seja ela manuscrita ou impressa, e a forma como ela está interligada ao cotidiano das sociedades e as influencia cultural e socialmente, desde sua invenção até os tempos atuais, é um passo importante para compreender a própria história da humanidade.

Segundo Barreiros (2015, p. 144):

Para entender as fontes textuais como resultados de construção tecidas nas relações sociais cotidianas, faz-se necessário interpretar as práticas e usos

sociais que as “fabricaram”. Somente dessa forma, segundo Foucault (2000), é possível adentrar na epiderme das fontes textuais como construtos históricos. Nesse sentido, o texto escrito exige uma interpretação histórica desde o primeiro momento de sua existência porque ele é testemunho da experiência humana, forjado no cotidiano e se relaciona com práticas sociais peculiares de sujeitos historicamente construídos.

A história tradicional não abarcava todas as fontes textuais como construtos históricos. Somente, a partir da década de 1970, a história passou a colocar em pauta novas abordagens mais voltadas para o cotidiano, sendo então denominada de Nova História. Assim, segundo Burke (1992), a História Tradicional se diferenciava da Nova História porque a primeira tinha uma abordagem essencialmente política e levava em conta apenas a documentação oficial. Enquanto a nova perspectiva histórica abarcava os mais variados tipos de textos, inclusive, os não oficiais. Textos esses que poderiam questionar os fatos históricos já estabelecidos pela documentação oficial.

A Nova História passa por dois momentos importantes. O primeiro deles encontra-se ainda apegado a pressupostos marxistas da história social e econômica e o segundo está mais voltado para a cultura. E dentro da cultura surge o interesse pela linguagem, tendo em vista que a linguagem permeia todas as manifestações sociais. E é por meio da linguagem e aqui, mais especificamente da língua e conseqüentemente da escrita, que as ideologias circulam e as crenças e manifestações culturais são disseminadas.

Dessa forma, segundo Lyann Hunt (1992, p. 5-6):

Nos últimos anos, contudo, os próprios modelos de explicação que contribuíram de forma mais significativa para ascensão da história social passaram por uma importante mudança de ênfase, a partir do interesse cada vez maior, tanto dos marxistas quanto dos adeptos dos Annales, pela história da cultura. [...] O mais surpreendente exemplo de desvio dos historiadores marxistas para a cultura é o seu crescente interesse pela linguagem.

Barreiros (2015, p. 146-147) afirma que um dos temas mais habituais nos estudos da Nova História é a história das práticas culturais da escrita. Esta evolui desde o estudo da história do livro passando pela história do impresso até chegar propriamente na história das práticas da escrita e leitura. Ao abarcar esse novo viés de estudo, a Nova História irá levar em conta não somente o conteúdo do texto, mas toda a materialidade que serve de suporte ao texto. De tal modo que o manuscrito ou o impresso em seus diferentes suportes carregam informações dos seus contextos de produção. E essas informações são importantes para compreender a construção histórica das sociedades.

Barreiros (2015) cita outras áreas do conhecimento que serão fundamentais à Nova História no que concerne ao estudo da materialidade do texto. Dentre elas estão a Paleografia, a Diplomática e a Crítica Textual, por exemplo.

O interesse pela materialidade dos textos levam em consideração o suporte material utilizado na escrita, a caligrafia, os métodos de impressão, o *layout*, as iluminuras, o tipo de tinta etc. Essas informações permitem identificar, por exemplo, a datação e local de um documento.

Segundo Cambraia (2005, p. 23):

A paleografia pode ser definida, de uma forma bastante básica, como o *estudo das escritas antigas*. Modernamente, apresenta finalidade tanto teórica quanto pragmática. A finalidade teórica manifesta-se na preocupação em entender como se constituíram sócio-historicamente os sistemas de escrita; já a finalidade pragmática evidencia-se na capacitação de leitores modernos para avaliarem a autenticidade de um documento, com base na sua escrita, e de interpretarem adequadamente as escritas do passado.

Já a Crítica Textual e a Genética debruçam-se sobre a materialidade do documento, porém com objetivos distintos. A primeira objetivando o estabelecimento do texto, a partir de um conjunto de testemunhos e a segunda buscando rastrear os processos de escrita pelo qual o documento passou.

Ao se referir à edição de textos Donald McKenzie (2005, p. 20) afirmou que:

[...] Pretender hacer hoy una edición definitiva ha venido a convertirse em un ideal imposible a la vista de los muchos testimonios que demuestran que los autores revisaban sus obras y que, por tanto, existe una inestabilidad textual. Cada versión reclama su derecho a ser editada a su propia manera, respetando su historicidade como realidade concreta [...].¹

Refletindo sobre o que afirmou McKenzie (2005) compreende-se que uma edição de texto que anule suas variantes testemunhais é uma forma de edição que deixa lacunas no que se refere à investigação da sociologia dos textos. Essas lacunas podem ser percebidas em edição que têm como único objetivo o estabelecimento do texto, sem valorizar os testemunhos em suas potencialidades de significações. De um modo geral, no estabelecimento do texto, os editores buscam nos testemunhos apenas as variantes textuais.

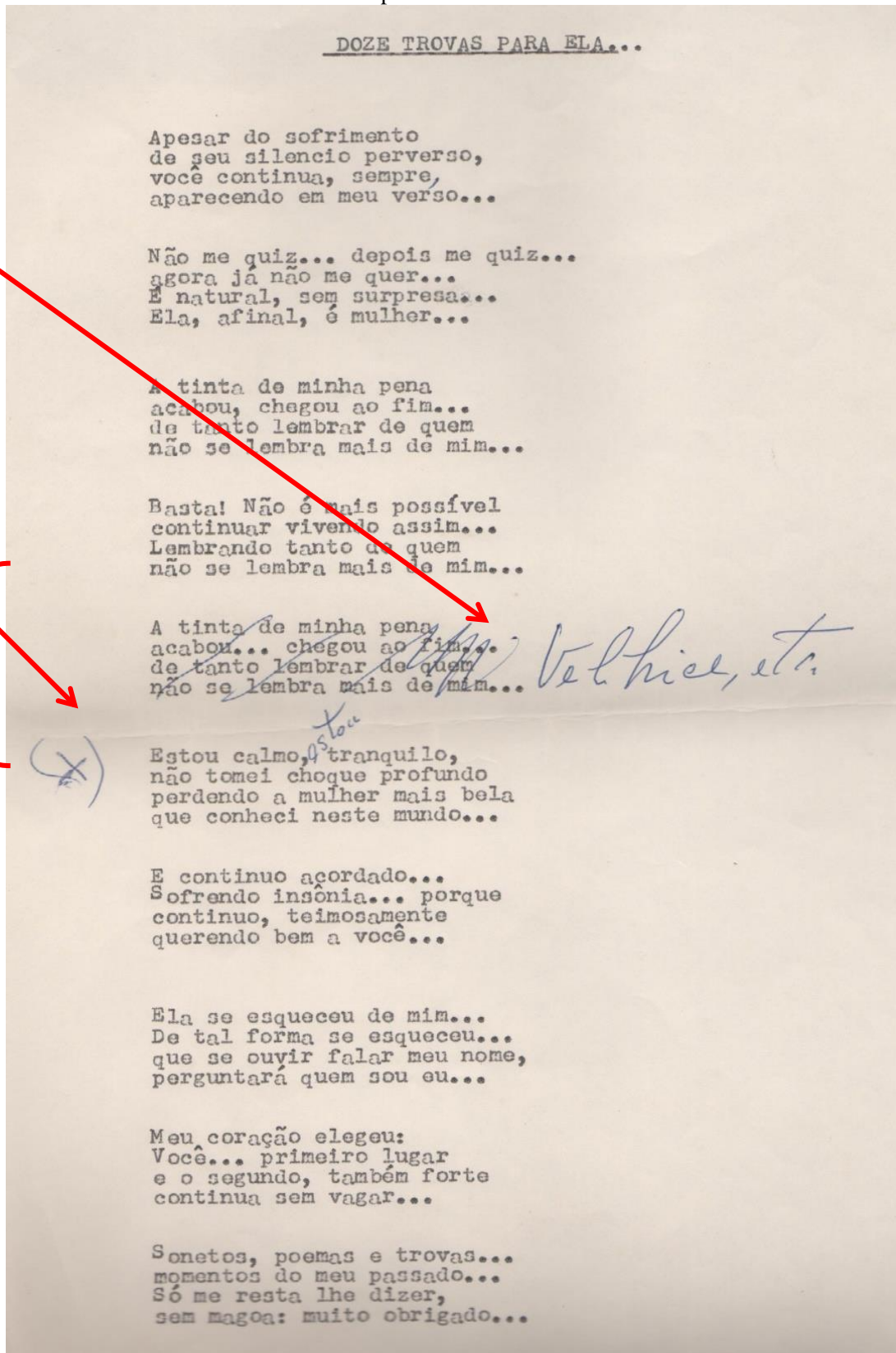
¹ Tradução nossa: [...] Pretender fazer hoje uma edição definitiva converteu-se em um ideal impossível em vista dos muitos testemunhos que demonstram que os autores revisaram sus obras e que, por tanto, existe uma inestabilidade textual. Cada versão reclama seu direito a ser editada a sua própria maneira, respeitando sua historicidade como realidade concreta [...].

Para McKenzie (2005) cada testemunho carrega consigo sua historicidade, ou seja, suas próprias condições de produção, circulação e apropriação. E desta maneira se faz necessário estudar cada testemunho a fim de compreender sua história e sua relação com o contexto de produção, ou seja, se faz necessário estudar a história cultural das práticas do escrito.

2.1 O DOSSIÊ DAS POESIAS AVULSAS DE EULÁLIO MOTTA

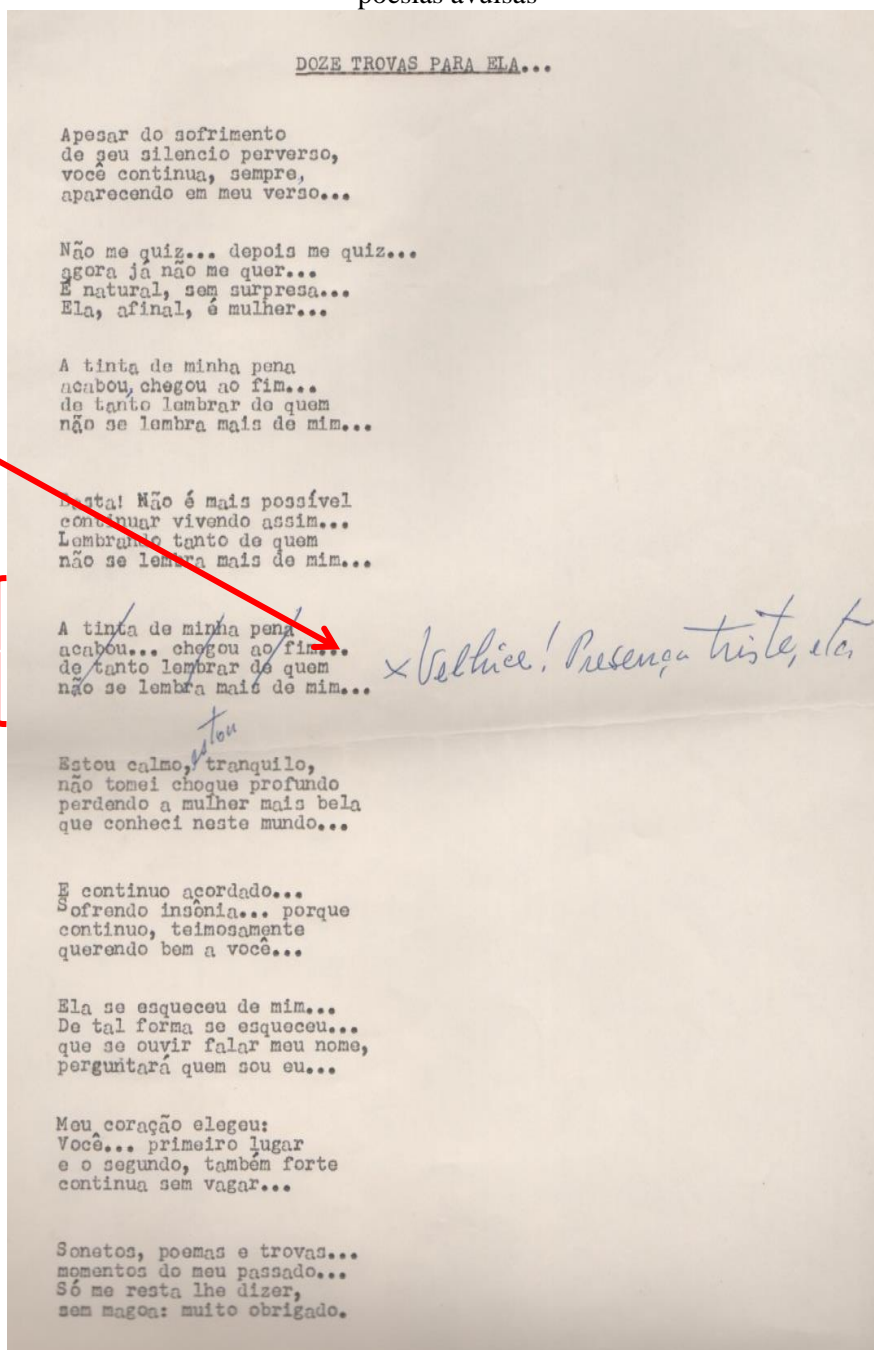
O trabalho de edição das poesias avulsas de Eulálio Motta leva em conta que cada documento carrega consigo uma historicidade que deve ser considerada. Pois, nenhum testemunho é igual, ainda que estejamos nos referindo a cópias idênticas do texto. O suporte, sua localização, o período da escrita e vários outros detalhes estão sujeitos a mudanças. Essa assertiva pode ser verificada no exemplo a seguir que apresenta os fac-símiles de dois testemunhos do poema *Doze trovas para ela*. Verifica-se que em ambos os testemunhos houve acréscimo de texto, mas esses acréscimos não são idênticos, o que ratifica a afirmação de que cada documento é único.

Figura 1- Fac-símile do poema *Doze trovas para ela* (EC1.33.CV1.21.005) pertencente ao dossiê das poesias avulsas



Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Figura 2- Fac-símile do poema *Doze trovas para ela* (EC1.33.CV1.21.005) pertencente ao dossiê das poesias avulsas



Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Além disso, considera-se que um texto não deve ser visto apenas no que se refere ao seu código linguístico, mas também no que se refere ao código bibliográfico, ou seja, na sua materialidade, conforme afirma (MCGANN, 1991, p.13 apud BARREIROS, p. 167) “[...] a text is a laced network of linguistic and bibliographical codes”.²

² Tradução nossa: [...] um texto é uma rede atada de códigos linguísticos e bibliográficos.

O dossiê das poesias avulsas, por exemplo, é composto por poemas escritos em folhas de papel soltas e guardadas em pastas no acervo do autor ou dentro de livros e cadernos, ou seja, trata-se de documentos que não estão reunidos em um conjunto organizado, mas sim, em folhas soltas e espalhadas pelo acervo. Alguns destes poemas foram escritos no verso de outros documentos, a exemplo de contas, ou recibos bancários. Isso nos leva a pensar no momento de escrita desses textos. A rapidez e a necessidade de escrever para não perder a inspiração pode ter levado o poeta a buscar o suporte material que estivesse mais próximo de si. Além disso, o dossiê é composto por testemunhos manuscritos escritos com tintas que variam entre o preto, o azul e o vermelho. Há também datiloscritos na cor preta e em carbono azul. Assim, o dossiê das poesias avulsas possui uma variedade bibliográfica considerável, sendo composto por diferentes suportes materiais. O que fortalece a necessidade de estudar o texto não apenas pelo viés linguístico, mas também englobando os suportes materiais em que este código linguístico foi escrito.

Na edição das poesias avulsas, busca-se valorizar os elementos prototextuais, identificando as diferenças linguísticas e materiais em cada testemunho, de modo a destacar as modificações na tinta de escritura, o tipo material e suas características e dimensões particulares, pois, como já foi salientado, cada testemunho carrega consigo sua história e, portanto, é único. Leva-se em conta também os paratextos conforme é abordado por Barreiros (2015), pois estes fornecem informações extralinguísticas do ambiente sócio-histórico no qual o autor estava inserido, nos levando a compreender o contexto de produção do texto editado.

Segundo Barreiros (2013, p. 49):

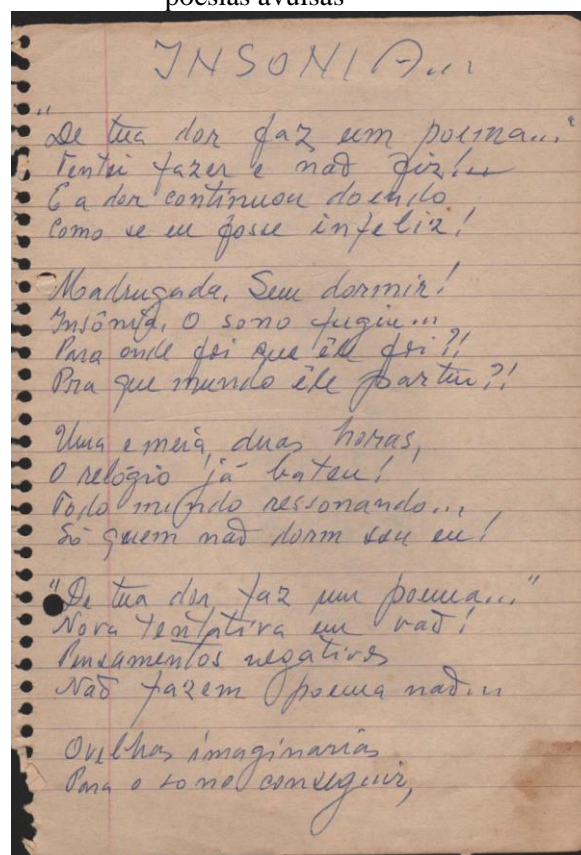
[...] será necessário compreender os textos em suas relações com a sociedade: os meios de produção, circulação e usos, explorando-os para além dos elementos eminentemente linguísticos, valorizando paratextos e prototextos (GENETTE, 2009), estabelecendo relações intertextuais com documentos de natureza diversa. Não é possível existir intertextualidade sem que haja cruzamento de campos do saber, portanto, as atividades que compreendem editar criticamente um texto implicam em diálogos multidisciplinares.

Assim, a edição das poesias avulsas de Eulálio Motta objetiva estudar não apenas o código linguístico do documento, mas também a história cultural das práticas de escrita desses textos. E dessa forma, leva em conta informações que estão no entorno do documento. Além de apropriar-se do conhecimento de disciplinas afins que contribuam para uma melhor compreensão do documento, pois “[...] Escrutinar o texto exige diálogo e é isso a que se propõe a crítica textual e a história cultural contemporâneas” (BARREIROS, 2013, p. 51).

A contribuição dos paratextos e das disciplinas afins podem nos auxiliar a elucidar questionamentos que surgem quando nos apropriamos dos textos a serem editados. Como por exemplo: o que levou Eulálio Motta a destacar algumas páginas de seus cadernos de trabalho, nos quais ele escreveu seus poemas? E porque muitos dos poemas avulsos figuram como versão final de poemas nos quais encontramos testemunhos em seus vários cadernos de poesia, inclusive com indicação de projeto de livro? São perguntas que nos saltam aos olhos no momento em que nos deparamos com o acervo do escritor.

Estes questionamentos evidenciam a necessidade de fazer uma edição que explore os materiais do acervo. A seguir, tem-se a imagem de um manuscrito avulso cuja folha provavelmente foi destacada de algum caderno. Observa-se que o testemunho possui duas marcas de perfuração. A primeira trata-se da perfuração em espiral, evidenciando o fato de que o testemunho provavelmente foi inicialmente escrito em um caderno. Já a segunda marca foi feita por furador de papel, o que possibilita conjectura de que este mesmo testemunho, após ser retirado do caderno, foi incluído em alguma pasta. Essa situação nos leva a outro questionamento: A partir de que momento estes documentos tornaram-se avulsos?

Figura 3- Manuscrito do poema *Insonia...* (EH1.841.CL.07.005) pertencente ao dossiê da poesias avulsas



Fonte: Acervo de Eulálio Motta

No dossiê das poesias avulsas, foi encontrado ainda um cordel denominado *A mesinha*, cuja primeira versão foi, provavelmente, escrita em 1934. O cordel, que carrega uma grande riqueza linguística e cultural, possui um paratexto de título análogo localizado no caderno *farmácia São José*, de Eulálio Motta. Embora o texto *A mesinha* do caderno supracitado conserve a estrutura em versos, trata-se de outro gênero textual, uma peça de teatro. Na capa do caderno *farmácia São José* o autor indicou que este foi escrito na década de 1940.

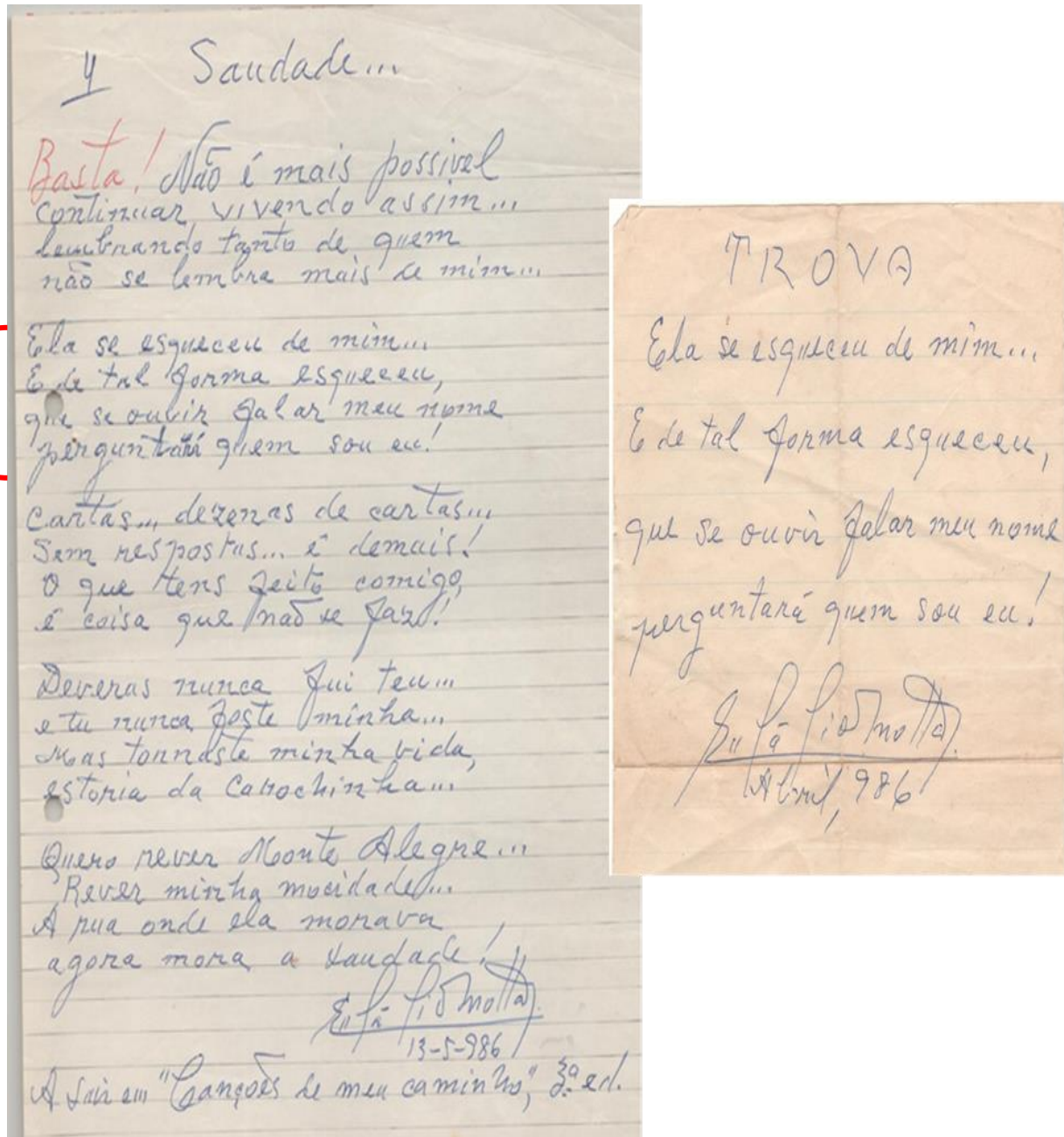
Os testemunhos do cordel *A mesinha* encontrados no dossiê das poesias avulsas foram três. São eles: uma fotocópia de um manuscrito em que aparece uma nota com a indicação de que a data de escrita do original teria sido 1938 e dois datiloscritos com a data de 1943. Além destes, foram identificados no acervo mais dois testemunhos do cordel. Um deles encontrado no caderno o *diário de João ninguém II* e o outro trata-se de um folheto publicado no ano de 1982. Curiosamente, estes dois últimos testemunhos foram datados pelo autor com a data de 1934, provável data da escrita da primeira versão. Observa-se que o autor escreveu 1938 e 1934 como datas prováveis da primeira versão.

Essas informações cunhadas, a partir da confrontação dos testemunhos e do estudo do paratexto, encontrado no caderno *farmácia São José* indicam que o cordel *A mesinha* é anterior a peça de teatro de mesmo nome. De modo que, pode-se concluir que a escrita da peça de teatro foi inspirada no cordel *A mesinha*. Assim como as datas que aparecem nos testemunhos dos poemas de Eulálio Motta nem sempre correspondem a data de escrita do testemunho em questão. Muitas vezes o autor decide por colocar as datas da primeira versão. E, ainda é possível concluir que nem sempre o autor tem certeza da data da primeira versão dos seus textos. O que poderia explicar a confusão com as datas de 1938 e 1934 como provável data de escrita da primeira versão do cordel. As conjecturas e conclusões obtidas acerca do cordel *A mesinha* e da peça de teatro de nome análoga só podem ser compreendidas através de um estudo que priorize não apenas o código linguístico, mas também o bibliográfico, analisando outras fontes do acervo.

O poeta Eulálio Motta também escreveu uma grande quantidade de trovas. Algumas destas fazem parte do dossiê das poesias avulsas e há também um caderno no acervo do poeta denominado *Meu Caderno de Trovas* exclusivo para este tipo de poema. Nesse caderno foram encontrados alguns testemunhos de trovas que compõem o dossiê das poesias avulsas. O autor não raras vezes tinha a prática de inserir uma trova como estrofe de outro poema maior. Essas características da escrita de Eulálio Motta ratificam a necessidade de explorar o seu acervo, com a intenção de editar suas obras. Quanto mais se adentra no acervo, mais se torna evidente a necessidade de explorar os prototextos e paratextos das obras de Eulálio Motta.

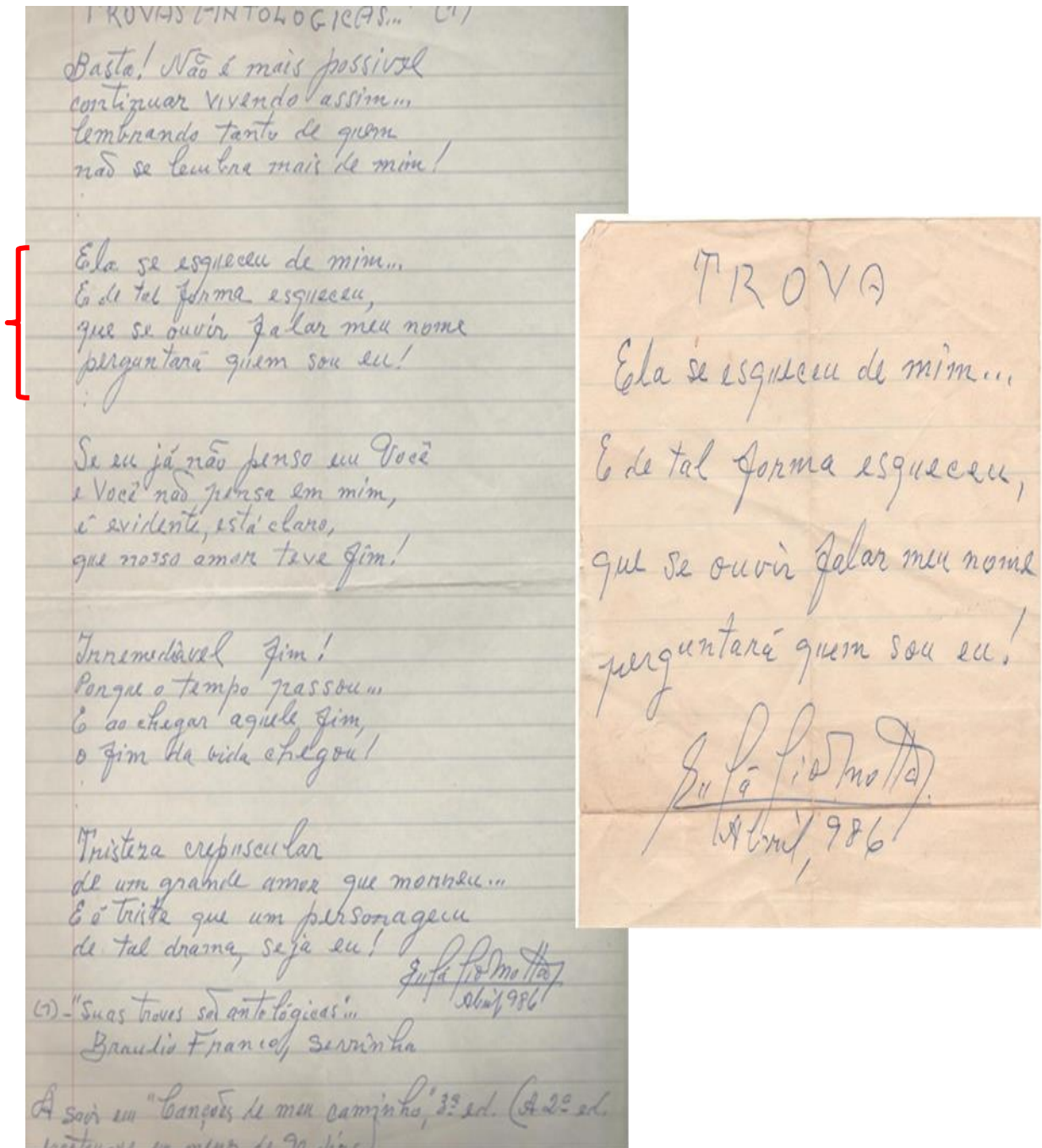
Abaixo, exemplo de uma trova com título *Trova* que aparece em outros dois poemas: *Saudade...* e *Trovas antológicas...* Os três fac-símiles fazem parte das poesias avulsas.

Figura 4- Manuscritos do poema saudade (EH1.811.CL.04.005) e da trova intitulada *Trova* (EH1.832.CL.06.006) pertencente ao dossiê das poesias avulsas



Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Figura 5- Manuscrito do poema *Trovas antológicas* (EH1.813.CL.04.007) e da trova intitulada *Trova* (EH1.832.CL.06.006) pertencente ao dossiê das poesias avulsas



Fonte: Acervo de Eulálio Motta

No caso dos poemas avulsos, objeto de estudo dessa dissertação de mestrado, seus testemunhos fornecem valiosas informações acerca da sociologia do texto a ser editado, pois, “as múltiplas formas textuais nas quais uma obra foi publicada constituem seus diferentes

estados históricos, que devem ser respeitados, editados e compreendidos em sua irreduzível diversidade”. (CHARTIER, 2007, p. 14).

Algumas das poesias avulsas estão datadas, há indicação de local, contêm a assinatura do autor e, às vezes, consta a indicação de que o poema seria inserido em alguma obra específica.

A seguir têm-se os quadros com os poemas manuscritos e datiloscritos com indicação de onde o autor pretendia publicá-los:

Quadro 1: Poemas manuscritos com indicação de onde seriam publicados

MANUSCRITOS		
TÍTULO	ESCRITO EM	A SAIR
A carta que não veio...	03 de janeiro de 1985	Em canções de meu caminho 3ª ed.
Doze trovas para ela...	S/D	Em canções de meu caminho 3ª ed.
Grupo de três... (inédito)	21-7-86	Em canções de meu caminho 3ª ed.
Saudade...	13-05-86	Em canções de meu caminho 3ª ed.
Aquela rua...	14 de janeiro de 1985	Em canções de meu caminho 3ª ed.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 2: Poemas datiloscritos com indicação de onde seriam publicados

DATILOSCRITOS		
TÍTULO	ESCRITO EM	A SAIR
Uma dúzia de trovas para meus dois pronomes: tu e você	18-7-84	Em canções de meu caminho 3ª ed.
Trovas Antológicas...	Abril de 1986	Em canções de meu caminho 3ª ed.
Cantigas de Ninar...	Setembro, 18, 1979	Do livro “luzes do crepúsculo”, inédito
Dia do namorado	14-6-1986	Em canções de meu caminho 3ª ed.
Faz de conta	Natal, 1964	Do livro “luzes do crepúsculo”, inédito
O último momento	25-1-1976	Do livro “luzes do crepúsculo”, inédito
Saudade	13-5-1986	Em canções de meu caminho 3ª ed.
Sosinho...	3-11-1976	Do livro “luzes do crepúsculo”, inédito
Volte, querida	S/D	Do livro “luzes do crepúsculo”, inédito
Opinião (inclui no documento uma compilação de trovas)	maio, 1987	Do livro, a sair, “Meu caderno de trovas”
Trovas (trata-se de uma compilação de trovas)	S/D	Do livro, a sair, “Meu caderno de trovas”
Trovas de hoje, 29-4-1987	29-4-87	Do livro, a sair, “Meu caderno de trovas”
De “meu caderno de trovas”	24-4-1987	Do livro, a sair, “Meu caderno de trovas”
Trovas vividas	8-5-1987	Do livro, a sair, “Meu caderno de trovas”
Cantiga para se dormir...	18-9-79	Do livro “luzes do crepúsculo”, inédito
Clarão	outubro 26, 1979	Do livro “luzes do crepúsculo”, inédito
Aquela História	janeiro 19, 1977	Do livro “luzes do crepúsculo”, inédito
Tédio	2-2-1979	Do livro “luzes do crepúsculo”, inédito
Tristeza	23,7,63	Do livro “luzes do crepúsculo”, inédito

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Curiosamente, muitos dos poemas avulsos com indicação não aparecem nos cadernos indicados. É o caso dos poemas postulados para sair no projeto de livro *Luzes do crepúsculo*. Há, no caderno homônimo, alguns dos poemas avulsos, porém os textos que realmente figuram no caderno *Luzes do crepúsculo* não possuem nenhuma indicação em seus testemunhos avulsos. A exemplo dos poemas *Silêncio*, *Reticências* e *Ponto final*. O que revela mudanças operadas nos projetos de livros do autor no que concerne a inclusão e exclusão de poemas.

Algumas vezes, Eulálio Motta dava títulos diferentes a poemas similares ou títulos iguais ou semelhantes a poemas distintos, a exemplo dos dois poemas denominados *Trovas antológicas*, o que inevitavelmente exige do filólogo um olhar acurado para não cometer equívocos. Além disso, alguns textos que podem aparecer sem título em um testemunho, aparecem em outro com o título.

A seguir a imagem de dois fac-símiles com títulos distintos e conteúdo semelhante. Os dois textos foram escritos no mesmo dia.

Figura 6 - Manuscrito do poema *Cantiga de Ninar...* (EH1.833.CL.06.007) pertencente ao dossiê das poesias avulsas

CANTIGA de NINAR...

Abadruçada de insonnia...
 Duas gotas de sono
 na sala escura e deserta
 espantando o silêncio...

Velho relógio, antigo, personagem da casa,
 sabedoria da família floda a estória
 e tivesse memória...

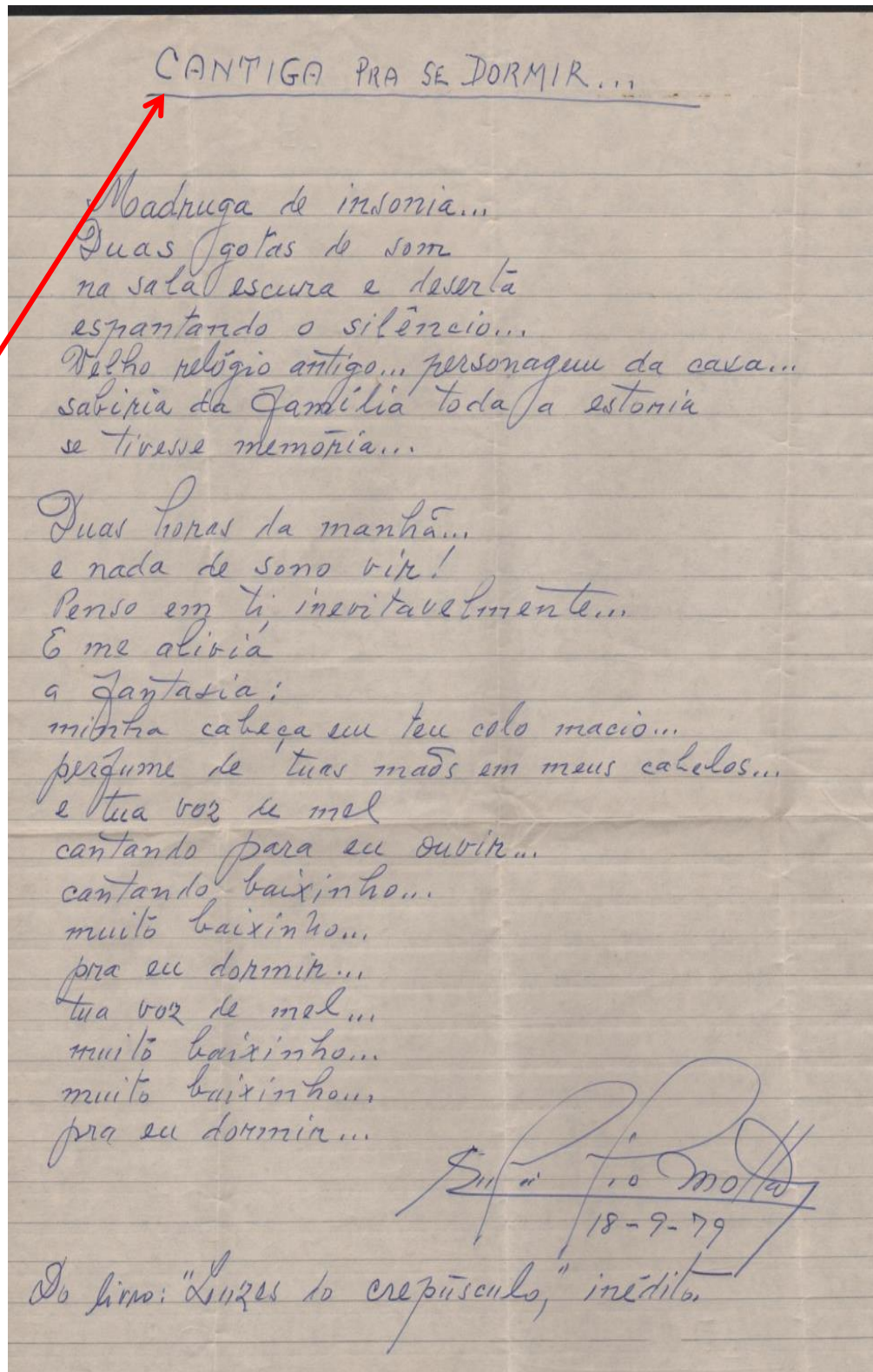
Duas horas da manhã
 e nada de sono vir!
 Penso em ti, inevitavelmente...
 E me alivia
 a fantasia:
 minha cabeça em teu colo macio...
 perfume de tuas mãos em meus cabelos...
 É tua voz de mel
 cantando pra eu ouvir...
 cantando baixinho...
 muito baixinho...
 pra eu dormir...
 tua voz de mel...
 muito baixinho...
 muito baixinho...
 pra eu dormir...

Setembro, 18 1979
 Eulálio Motta Jr.

Do livro "Luzes do crepúsculo," inédito

W. R. F.

Figura 7 - Manuscrito do poema *Cantiga para se dormir...* (EH1.833.CL.06.007) pertencente ao dossiê das poesias avulsas



Eulálio Motta também fez modificações de títulos em alguns poemas e muitas vezes inseria versos e estrofes de poemas em novos textos. Além de escrever textos de caráter heterogêneo, contendo fragmentos de poemas e outros gêneros textuais no mesmo suporte de papel. Desse modo, pode-se depreender que “[...] Las versiones no son sólo distintas, sino que testimonian un conjunto precioso de significaciones em sucesivos momentos de la história” (MCKENZIE, 2005. p. 53).³

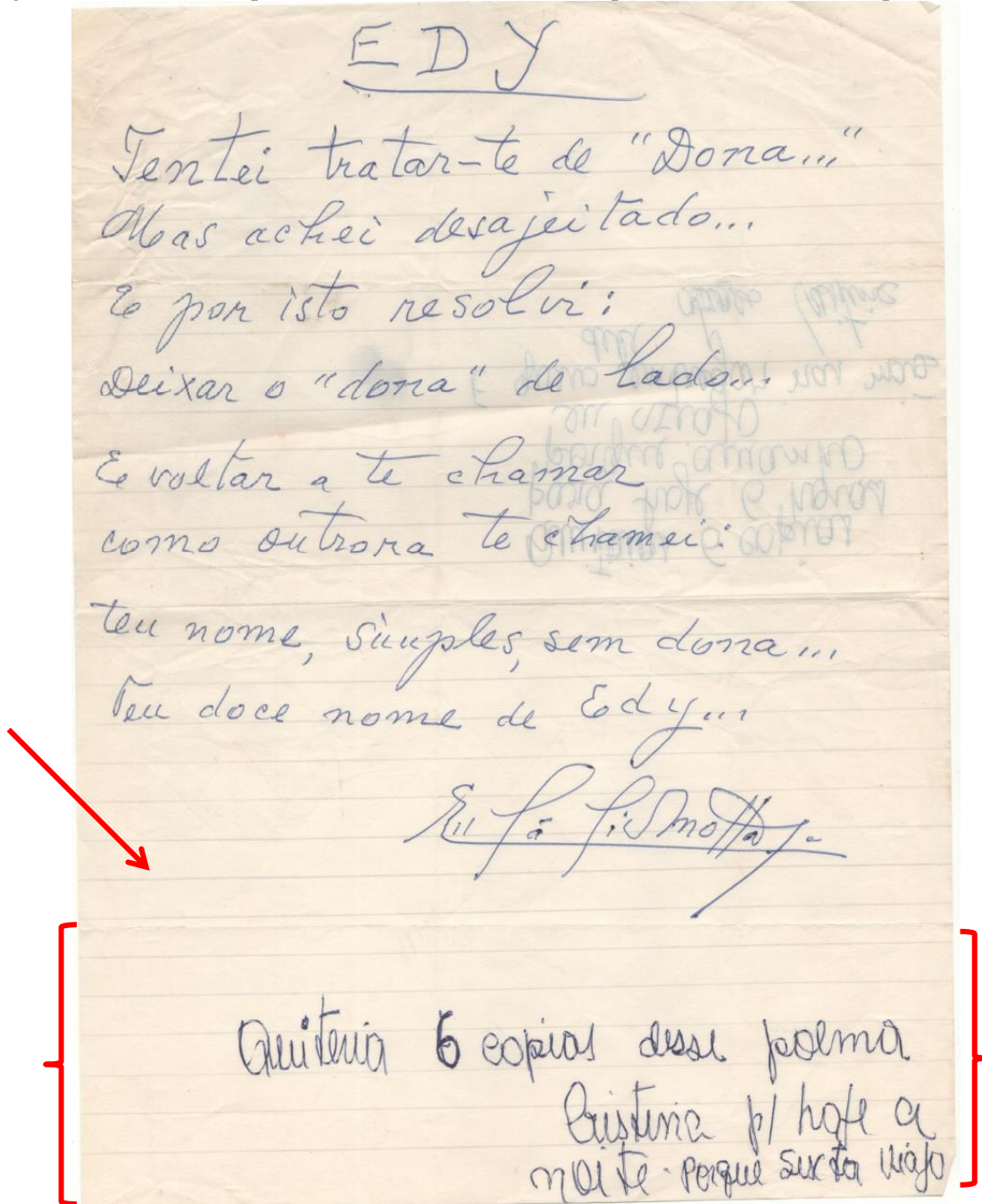
Os textos literários de Eulálio Motta estão organizados da seguinte forma: a) manuscritos em seus cadernos; b) conjunto de datiloscritos de obras inéditas; c) coleção de jornais contendo seus textos. Como se pode notar, existe uma organização desses três conjuntos de textos, mas existem diversas poesias em folhas soltas guardadas em diferentes partes do acervo. Essas folhas soltas foram organizadas pelos pesquisadores do grupo de pesquisa das obras inéditas de Eulálio Motta e posteriormente denominadas de Poesias Avulsas pelo professor Dr. Patrício Barreiros. As poesias avulsas não possuem uma temática definida, foram escritas em diferentes épocas e é um conjunto de poemas bastante heterogêneo, inclusive por conter quadras, trovas, cordéis e sonetos.

Algumas das poesias avulsas têm apenas um testemunho e outras apresentam testemunhos manuscritos, datiloscritos e impressos. Nas poesias avulsas existem testemunhos de um dado texto escritos no mesmo dia. O que nos permite questionar a respeito do que levaria o poeta a fazer tantas cópias avulsas de um mesmo texto? Um bilhete encontrado no acervo do autor nos sugere uma possível explicação, embora, certamente não fosse o único motivo.

A seguir a imagem do bilhete encontrado junto a um dos poemas avulsos de Eulálio Motta:

³ Tradução nossa: “[...] As versões não são apenas diferentes, mas testemunham um conjunto precioso de significados em momentos sucessivos da história”

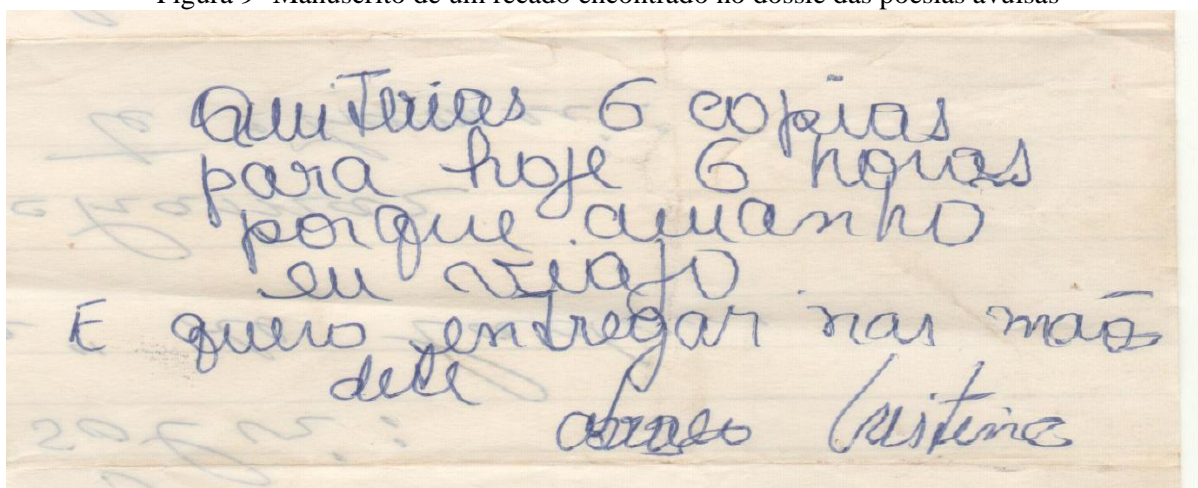
Figura 8- Manuscrito do poema *Edy* (EH1.801.CL.03.005) pertencente ao dossiê das poesias avulsas



Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Este recado também foi reescrito no verso do poema *Edy*. Ambos os recados trazem a incumbência para que se façam cópias do poema que conjecturamos seja o poema *Edy*. Há a possibilidade de que ele tenha sido escrito por alguém próximo ao autor, pois no verso da figura dois o recado é reescrito com a seguinte mensagem: "Quiteria 6 copias/ para hoje 6 horas/ porque amanhã/ eu viajo/ E quero entregar nas mão/ dele/ abraço Cristina

Figura 9- Manuscrito de um recado encontrado no dossiê das poesias avulsas



Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Esse recado nos sinaliza a possibilidade de que as cópias destinavam-se à leitura de terceiros. E não se pode afirmar se tais cópias seriam manuscritas ou datilografadas. É possível que das seis cópias citadas no recado nenhuma tenha ficado no acervo. Mas tenham sido entregues aos destinatários. No acervo de Eulálio Motta, contudo, foram identificados três testemunhos do poema *Edy* em suportes diferentes. Um encontra-se no caderno *Meu caderno de trovas*, outro é um panfleto e o terceiro trata-se do manuscrito avulso em que se encontra o recado ora comentado.

O testemunho manuscrito do poema *Edy* nos revela que a chave para a compreensão das particularidades do dossiê das poesias avulsas, bem como para uma edição mais completa pode estar justamente no acervo do autor. O lugar mais propício também para estudar e compreender a história cultural das práticas de escrita dos avulsos. Sem a consulta aos cadernos, jornais, livros publicados pelo autor ou coletâneas em que foram publicados alguns de seus poemas seria impossível identificar para então compreender com clareza as particularidades de sua escrita literária, a exemplo da repetição de quadras em vários de seus poemas, principalmente os poemas em cujo título aparece a palavra “trova”.

2.2 O ACERVO COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Nas sociedades ágrafas os membros mais velhos de um determinado povo costuma reunir os mais jovens para lhes contar as histórias de seus ancestrais. Esse costume é fundamental para a preservação da memória e da identidade do grupo. Assim, os costumes e seus significados não se perdem ao longo das gerações. Segundo Le Goff (1990), os membros

das comunidades ágrafas responsáveis por contar as histórias para os mais jovens foram chamados de homens-memória. Esses homens, guardiões da memória, tem o papel fundamental de manter a coesão do grupo, já que ao manter sempre viva a história, costumes, crenças e lendas de suas comunidades, esses sujeitos mantêm firme a própria identidade do grupo.

Essa memória repassada através da oralidade, segundo Le Goff (1990), possui muito mais possibilidades criativas tornando-se mais dinâmica e livre. Porém, com o surgimento da escrita esse caráter mais criativo vai perdendo espaço. E os homens-memória vão sendo substituídos pelos monumentos e a escrita em suportes como as tabuletas de barro, o papiro e o pergaminho.

Segundo Valverde (2014, p. 93):

As grandes civilizações criaram instituições-memória, tais como: bibliotecas, arquivos nacionais e museus. Com isso, a memória passa a ser divinizada e sacralizada em ambientes próprios à sua “adoração” [...] É também considerada o antídoto do esquecimento.

A escrita possibilitou ao homem armazenar sua memória em objetos externos a si mesmo. Tendo em vista que esta não dependia mais absolutamente da narração oral. Agora as novas gerações poderiam consultar o passado através dos livros, dos documentos antigos armazenados em instituições públicas ou particulares. A palavra escrita trouxe certa insegurança aos defensores da memória oral, tal como Platão no *Fedro*, pois estes acreditavam que a escrita reduziria a capacidade dos indivíduos memorizarem o conhecimento. Contudo, a consolidação da escrita revelou a importância desta no desenvolvimento intelectual da humanidade, que possui cada dia mais o que guardar em sua memória coletiva.

Em tempos de tecnologia eletrônica, contudo a memória ganhou uma nova aliada no que concerne ao armazenamento de informações, mas as sociedades estão cada dia mais dependentes dos objetos externos a si para lembrar. De maneira que, os documentos escritos, as instituições-memória e os suportes eletrônicos tais como computadores e celulares têm se tornado mecanismos essenciais no papel de repassar às novas gerações a memória de seu povo. Estes suportes podem assim, serem considerados uma espécie de guardiões da memória. De uma memória sem a flexibilidade e a criatividade encontrada nas sociedades ágrafas. Mas que igualmente pode ser manipulada por seus guardiões.

Segundo Nora (1993, p. 15):

O que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de lembrar. A “memória de papel” [...]. Nenhuma época foi tão voluntariamente produtora de arquivos como a nossa, não somente pelo volume que a sociedade moderna espontaneamente produz, não somente pelos meios técnicos de respeito ao vestígio. À medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê, cada vez mais prolífero, devesse se tornar prova em não se sabe de que tribunal da história.

Assim, as gerações futuras terão em mãos uma memória selecionada de maneira proposital, pois a escolha das memórias é também uma forma de moldar uma identidade, seja individual ou coletiva. Dessa forma, os sujeitos adquiriram o hábito de guardar objetos e documentos em suas próprias residências. Tais objetos permitem aos seus colecionadores acessarem o seu passado. Dessa forma, o homem precisa dos lugares de memória, tendo em vista que, segundo Nora (1993, p.7) “não há mais meios de memória”, ou seja, para Nora, o homem já não habita mais sua memória, por isso necessita consagrar lugares onde possa recorrer para recordar, para evitar o completo esquecimento daquilo que já está esfacelado.

Para Barreiros (2015, p. 23):

A memória, na condição de faculdade humana, passou a ser confiada aos objetos, à palavra escrita, às fotografias, aos edifícios etc. assim, o homem desenvolveu práticas cotidianas de arquivamento de suas memórias, escrevendo diários, guardando papéis, fotografias e toda sorte de objetos nos quais ele se reconhece, contribuindo para moldar a sua identidade.

Essa atitude humana quase incontrolável é uma forma que a sociedade tem encontrado para evitar o apagamento de si mesmo. Ao preservar essa memória o homem preserva a sua própria identidade enquanto sujeito individual e coletivo. A respeito do hábito social de arquivar a memória através dos objetos, Reinaldo Marques (2015, p. 193) afirma que “os indivíduos arquivam suas vidas como um mandamento social”. Assim, ao arquivar fotografias, cartas, livros, revistas os sujeitos arquivam a si mesmos. Reinaldo Marques (2015) dirá que a tarefa de constituir arquivos pessoais leva o sujeito ao arquivamento do eu. E esse arquivamento do eu é antes de tudo uma maneira de resguardar e reafirmar as identidades pessoais.

Segundo Artières (1998, p. 14).

[...] essa exigência do arquivamento de si não tem somente uma função ocasional. O indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida. Devemos controlar as nossas vidas. Nada pode ser deixado ao acaso; devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas sobretudo para existir no cotidiano.

A constituição dos arquivos pessoais não ocorre livre de uma intencionalidade, pois os arquivadores escolhem o que fica em seu acervo e o que descarta. Assim, controlam o que deve ser lembrado e o que eventualmente será apagado e esquecido. O arquivador também constitui uma identidade a ser transmitida às gerações futuras.

O acervo assim se constitui em um lugar de memória que pode extrapolar o individual assumindo, de certo modo, um espaço de guardião da história coletiva de uma comunidade. De modo que, ao acessar cartas, fotografias, vestuários, livros e objetos outros é possível traçar o perfil de uma comunidade: as ideologias circulantes, os costumes e crenças de determinado povo.

Se os acervos pessoais figuram como lugares onde a memória é preservada nos objetos, de maneira a nos revelar os fragmentos de um passado, os acervos de escritores são então, cruciais no sentido de nos possibilitar compreender, ainda que de maneira fragmentada, como os autores constituíram suas obras e suas vidas. Segundo Marques (2007, p. 17) “[...] Os acervos e arquivos literários constituem hoje importantes lugares de produção do conhecimento sobre a nossa literatura e cultura”.

O estudo da documentação encontrada no acervo de um escritor pode auxiliar os estudiosos a compreenderem como o autor escreveu seus textos literários. Assim, a biblioteca do autor revela as ideologias as quais tal escritor se filiava e era influenciado. Já os documentos pessoais e os álbuns de família nos possibilitam enxergar o meio social e familiar do arquivador.

Além do mais, é no acervo do autor que se encontra a sua produção escrita e, muitas vezes textos de terceiros que possibilite elucidar certos aspectos de uma obra. As cartas encontradas nos acervos do próprio autor ou de terceiros podem trazer informações da movimentação intelectual do autor, das discussões e conflitos teóricos ou trazer explicações sobre suas obras e as de outros escritores. Tais informações dificilmente poderiam ser acessadas sem as contribuições epistolares. Para Moraes (2006, p. 66) as cartas constituem verdadeiros “canteiros de obras” porque estas possibilitam aos estudiosos de determinado autor perceberem os processos de feitura dos textos.

Através dos estudos acerca das correspondências epistolares dos autores percebe-se que muitas vezes um texto sofre a influência de terceiros o que coloca em xeque a própria noção de autoria, pois a leitura das cartas comprova que muitos autores trocavam correspondências com colegas para que estes opinassem sobre o conteúdo de sua obra.

Segundo Morais (2006, p. 14):

A epistolografia aponta, ainda, para a instabilidade da noção de autoria no terreno da criação artística. A correspondência, ao se tornar o espaço de exposição da experiência literária, abre-se para a colaboração de um interlocutor, alçado, muitas vezes, ao lugar de alter ego. Mostrar as versões de um texto in progress significa, de certa forma, a proposição de um debate, no qual a criação será colocada em um campo de provas.

As cartas, assim, são valiosas pistas na compreensão do processo de escrita de um texto. De maneira que, abri-las é acessar a memória de sua composição. O acervo contém também os rascunhos das obras do autor. A partir da década de 1970, os estudiosos da crítica textual sentiram a necessidade de acessar os dados do acervo do escritor em busca de compreender o processo de escrita do texto, o que culminou com o desenvolvimento da crítica genética, cujo objeto de estudo é o texto em processo. Por essa razão, o acesso aos lugares de memória contidos nos objetos do acervo tornou-se um mecanismo fundamental na compreensão do processo de criação de uma obra.

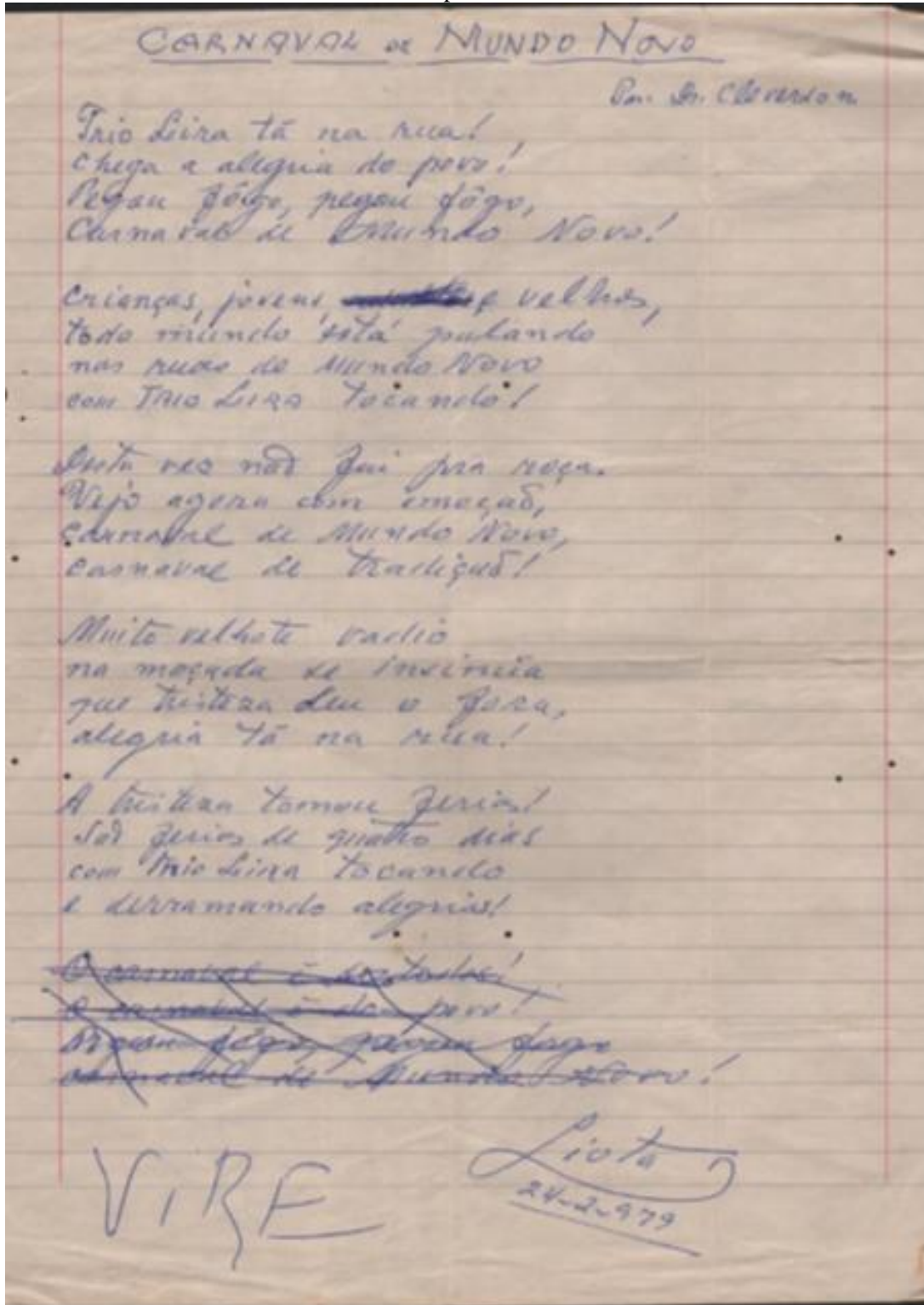
Um exemplo da importância do acervo na compreensão da obra de um autor pode ser verificada ao comparar o texto *Carnaval* escrito pelo poeta Eulálio Motta em sua coluna *Rabiscos* do jornal *Mundo Novo* em 1932 e o poema *Carnaval de Mundo Novo*, escrito pelo mesmo autor em 1979. Embora os textos tenham sido escritos em tempos distintos é possível verificar que o poema traz inúmeras referências do texto *Carnaval* da coluna *Rabiscos*.

A seguir alguns trechos do texto *Carnaval* da coluna *Rabiscos* e o fac-símile do poema *Carnaval de Mundo Novo*, respectivamente:

O moço velho e triste estava na cidade. Viera assistir a mocidade moça e alegre de sua terra brincar. Sábado. De noite. A alegria cantava nos salões da “Lira”, pela “voz de cristal” das meninas mais bonitas de minha terra! A “Lira”, como sempre batuta, como sempre formidável, tocava! O moço triste ouvia a “Lira”, [...] alegria passar na alegria de todos os olhos, nos risos de todas as bocas! A alegria passava levada pelas crianças, pelas moças bonitas e rapazes alegres! E passavam também, carregado de alegria, velhos que ainda não esqueceram de ser moços... Triste, o moço tão velho apreciava a alegria de velhos tão moços! Os contrastes da vida! Esta vida é cheia de contrastes! [...] Já eram, talvez, quatro horas da tarde. Do prédio da “Lira”

começaram a sair as filhas mais bonitas de Mundo Novo, colorindo a tarde com a alegria, as fantasias, os risos e os cantos mais bonitos do dia!

Figura 10- Manuscrito do poema *Carnaval de Mundo Novo* (EH1.840.CL.07.004) encontrado no dossiê das poesias avulsas



O acervo do escritor constituído por seus objetos pessoais extrapola esse espaço do individual a partir do momento em que tais objetos carregam consigo uma memória coletiva. É o que ocorre com o poema *Carnaval de mundo Novo* e o texto *Carnaval* publicado na coluna *Rabisco*. Ambos trazem à tona o modo como os munícipes dessa cidade do século XX comemoravam o carnaval.

Segundo Barreiros (2015, p. 26):

Os lugares de Memória, instituídos e mantidos por cada um, conservam não apenas as características do indivíduo, mas também refletem a coletividade, porque dentre os inúmeros lugares de memória possíveis, o sujeito utiliza aqueles que ele julga representá-lo.

O escritor conserva em seu acervo não somente as pistas do seu processo criativo, mas também, fragmentos de seu tempo em suas gavetas. Os objetos tornam-se, como afirma Barreiros (2015), lugares de memória quando aliados a uma narrativa oral ou escrita partilhada pela sociedade. De maneira que o acervo pode ser comparado a um baú que se abre a geração do presente. Trazendo em si os fragmentos do passado, nos permitindo compreender o tempo presente.

2.2.1 Eulálio Motta e seu acervo

A escrita poética de Eulálio Motta se inicia na adolescência, período em que se mudou da vila de Alto Bonito, onde vivia com os pais, para morar em Monte Alegre, hoje Mairí-BA, onde pretendia concluir os estudos secundários. Foi neste momento que, segundo escritos do próprio poeta, este teria se apaixonado por uma jovem que aparece em sua poesia com o nome de Edy e para externar seus sentimentos, Eulálio Motta escreveu seus primeiros versos. Esse amor juvenil teria sido interrompido porque Eulálio Motta mudou-se para Salvador para dar continuidade aos seus estudos e perdeu contato com sua amada.

Ao concluir seu curso e retornar para Mundo Novo, Eulálio Motta encontrou seu amor de adolescência casada. Diante dessa decepção, o jovem poeta resolveu dedicar sua vida a escrever sobre esse amor não correspondido e a frustração e culpa que supostamente o teria acompanhado por toda a vida. Dessa forma, o dossiê das poesias avulsas traz uma grande quantidade de poemas dedicados a esse tema do amor não correspondido e suas frustrações.

Em seu poema *Fotografia de 1933*, pertencente ao dossiê das poesias avulsas, o eu poético define seu desalento ao se ver, irremediavelmente, condenado a uma existência sem a presença da mulher amada:

Ano de minha formatura... Teria sido, também, ano de meu Noivado... Não foi possível. A noiva estava casada... Minha infelicidade se tornara definitiva... irremediável. [...] Anos e anos sem lhe mandar uma única palavra de esperança foi o que a levou a cometer o grande erro que arruinou nossa vida, minha culpa! [...]. (MOTTA apud BARREIROS, 2012, p. 37).

A figura de Edy é, porém, um mistério na vida e na poética de Eulálio Motta. Não se sabe ao certo se eles tiveram um envolvimento amoroso ou se essa figura tão emblemática foi usada mais como uma construção poética, uma espécie de musa inspiradora. Já que o próprio Eulálio Motta escreveu em sua coluna rabiscos no ano de 1931, que ninguém mente melhor sobre estar apaixonado do que os poetas. O fato é que a mulher amada se tornou a temática mais relevante da poesia de Eulálio Motta.

Segundo Barreiros (2012, p. 41):

Edy tornou-se a musa inspiradora dos versos de Eulálio Motta, pouco importa se eles tiveram uma relação amorosa de fato ou se tudo isso não passou de uma criação do poeta, um motivo para debulhar seus versos amorosos. O que se sabe é que Eulálio Motta sempre falava com seus amigos sobre essa experiência amorosa frustrada (BARREIROS, 2012, p. 41).

Além da mulher amada, Eulálio Motta também abordou temas políticos em sua poesia avulsa, falou do cotidiano da cidade e da cultura do sertão mundonovense e também trouxe um profundo sentimento saudosista que muitas vezes está imbuído de uma forte melancolia diante da vida que passou. É o que se pode observar no fragmento de seu poema *Tédio*. “[...] Busco a solidão/ como quem busca remédio.../ e em vez de encontrar alívio/ encontro o tédio...”.

A poesia de Eulálio Motta tem um forte caráter autobiográfico. Assim, ao se debruçar sobre os poemas do dossiê das poesias avulsas é possível rastrear os fragmentos dos acontecimentos da vida do poeta através de seus versos. Essa característica do autor pode ser observada nos poemas acerca da mulher amada, lembrando esse amor que supostamente se perdeu no tempo, mas que permaneceu vivo em sua escrita. No poema *Doze trovas para ela...* o eu-poético fala dessa mulher e do amor que teima em sentir por ela.

Apesar do sofrimento
 de seu silêncio perverso,
 você continua, sempre,
 aparecendo em meu verso...
 [...]
 A tinta de minha pena
 acabou, chegou ao fim...
 de tanto lembrar de quem
 não se lembra mais de mim...
 [...]
 E continuo acordado...
 Sofrendo insônia... porque
 continuo, teimosamente
 querendo bem a você...
 [...]
 (MOTTA, EC1.33.CV1.21.005)

O tom autobiográfico da poesia de Eulálio Motta se estende a outras temáticas de sua obra poética. O poeta, ao escrever sobre o ambiente rural e urbano de Mundo Novo, rememora a infância nas fazendas Vaca Parida e Morro Alto, muitas vezes em tom saudosista. Percebe-se que os lugares da infância de Eulálio Motta foram transformados pelo tempo, restando para o poeta apenas fragmentos do que aqueles ambientes foram em seu passado pueril, como é possível verificar no poema *Fazenda Vaca Parida*:

Olhe a “Vaca-parida” de Dindinho João Motta!
 Pedaco de céu de minha infância!
 Como está diferente:
 Não tem mais o umbuzeiro
 da porta da frente,
 esparramando os galhos
 para fazer sombra no terreiro!
 Cadê as grades azuis do avarandado?!
 Tudo agora é ruína! É casa velha
 com cactos crescendo no telhado!
 (MOTTA, EC1.46.CV1.22.007).

Também é possível encontrar na poesia avulsa um forte tom político e o caráter autobiográfico permanece, pois Eulálio Motta esteve constantemente envolvido em questões políticas de seu município. Ele foi inclusive um dos propagadores do integralismo na Bahia e, constantemente, manifestava suas opiniões políticas através de sua escrita. De modo que, por meio de sua poesia ele muitas vezes fez cobranças a políticos, o que se pode verificar no poema *O telefone*. Além de denúncias acerca de atos ilícitos cometidos pelos políticos da região como é o caso do poema *A santa do pau oco*.

Em muitos poemas, principalmente os escritos em sua velhice, o poeta deixou transparecer certa frustração, sentindo-se arrependido por ter feito algumas escolhas. O poema *Epitáfio* define bem a reflexão que Eulálio Motta faz acerca de si mesmo, deixando claro que não pode viver aquilo que gostaria. E que, portanto, a vida passou e ele apenas assistiu a passagem do tempo sem aproveitar como desejava.

Uma vida sem vida, minha vida...
Quando morrer,
um epitáfio seria adequado!

Aqui jaz alguém
que nasceu condenado,
a olhar a vida
sem poder viver...
(MOTTA, 1983, p. 80 apud BARREIROS, 2012, p. 28)

Segundo Barreiros (2012, p. 26):

Esse convívio intenso com a escrita fez com que Eulálio Motta criasse uma obra literária com características autobiográficas. Assim, os sonetos, as crônicas, os cordéis, as reportagens de jornais e os panfletos, demonstram os conflitos existenciais, os mais íntimos sentimentos e as preferências político-ideológicas do poeta.

Sendo assim, ao se debruçar sobre a obra poética de Eulálio Motta, especialmente os poemas que compõem o dossiê das poesias avulsas é possível vislumbrar de certa maneira como era o cenário social do interior da Bahia do século XX. Por isto, ao entrar em contato com o acervo de Eulálio Motta é possível traçar os caminhos percorridos pelo poeta em sua vida intelectual, no seu fazer literário e em seus conflitos pessoais. Assim, os documentos e fotografias, além dos livros da biblioteca de Eulálio Motta, bem como os rascunhos de sua produção escrita e outros objetos, tais como seus documentos pessoais e sua máquina de escrever constituem, como bem afirma Barreiros (2015), lugares de memória.

Acerca da memória contida nos objetos de um acervo, Bordini (2012, p. 120-121) afirma que:

Nos acervos, por mais que seus “arcontes” os controlem, está radicada uma espécie de memória concreta, expressa em palavras e/ou imagens lançadas sobre o papel, a mão ou a máquina, por fotografias e filmes, ou por prêmios, condecorações, pinturas, esculturas, bem como por singelos óculos, canetas, lápis, lembranças de viagem, presentes de amigos, vestuário. Graças a essa concretude, o universo simbólico de uma vida e de uma obra permanece, à

disposição de quem se interessar por ele, muito além da existência de quem o produziu.

A memória do poeta Eulálio de Miranda Motta, fruto do arquivamento de si mesmo ou como disse Marques (2015), do arquivamento do eu, extrapola o particular e termina por guardar em si uma memória social. As fotografias de Eulálio Motta, por exemplo, revelam os costumes, vestimentas e arquitetura do século vinte do município de Mundo Novo. As cartas para seus colegas literatos nos permitem captar como a literatura era pensada no interior da Bahia do século XX. Já as cartas ou artigos escritos para os políticos de seu tempo mostram como se delineava o cenário político naquele contexto e principalmente naquela região mais afastada da capital. Os acervos tornam-se lugares de memória e podem ser acessados pelas gerações futuras para compreender seu passado e a si mesmos e também servir para aqueles que arquivam para evitar o apagamento de suas memórias.

O acervo de Eulálio Motta se constitui em um baú a ser consultados pelas gerações do presente a fim de que estas possam evocar as lembranças de um tempo passado, mas que é fundamental para que estas compreendam o seu tempo presente e a si mesmas. Se o acervo de Eulálio Motta tivesse sido descartado após seu falecimento, teria se perdido não apenas sua obra poética, mas também sua visão de um período da história e do fazer literário do sertão baiano do século XX.

2.3 EULÁLIO MOTTA E O CÂNONE LITERÁRIO BAIANO

Eulálio Motta era uma figura polêmica. Sua escrita movimentou o cenário intelectual, político e cultural de sua cidade. Mas publicou apenas três livros: *Ilusões que passaram*, *Canções de meu caminho* primeira e segunda edição e *Alma enferma*. Publicou também em jornais e em panfletos. Porém sua poesia não teve muita visibilidade fora da região de Mundo Novo. Apesar de ter feito publicações em jornais e revistas de Salvador, não conseguiu se firmar na tradição de poetas do Centro. Eulálio Motta era, como ele mesmo dizia, um poeta de água doce. Logo, um poeta que não pertencia à mesma estética dos poetas soteropolitanos. O que, inevitavelmente, dificultaria sua entrada no cânone baiano.

Segundo Barreiros (2012, p. 79):

[...] pode-se dizer que o poeta mundonovense conquistou um espaço no parnaso e se exilou dele para habitar o sertão da Bahia, árido, sofrido, mas real. Conheceu a lira do parnaso e seus encantos, mas se entregou ao ritmo pulsante das cantigas dos trovadores populares. Até os últimos dias de sua

vida, Eulálio Motta compunha quadras e as cantava para as moças que iam visita-lo, mas também passava a limpo seus sonetos, reconhecendo o seu valor. Por fim, um epitáfio seria adequado a Eulálio Motta: aqui jaz um poeta que viveu a vida entre a lira do parnaso e a trova popular.

Embora Eulálio Motta tenha morado alguns anos em Salvador, durante seus estudos na Faculdade de Medicina da Bahia, foi no interior do município de Mundo Novo que sua produção literária ganhou corpo e robustez. Enquanto poeta de água doce Eulálio Motta percebia-se diferente dos poetas de Salvador. Não representava o litoral, representava o sertão. Portanto, outro ambiente literário e cultural. Dessa forma, construiu uma identidade que o distinguiu dos poetas da capital.

Eulálio Motta permaneceu muito ligado às influências parnasianas-simbolistas enquanto viveu em Salvador. Tanto que sua produção literária desse período é marcada pela escrita de sonetos. Porém, segundo Seixas (2016, p. 16), em meados de 1925 a estética modernista começa a penetrar na capital da Bahia com a publicação no jornal *A tarde* de um poema de Godofredo Filho, considerado por Seixas (2016) precursor do movimento na Bahia. Nesse novo cenário literário que se delineava, a poesia de Eulálio Motta começava a se tornar ultrapassada, de maneira que, segundo Barreiros (2012), a partir de 1929, começaram a surgir na Bahia grupos literários filiados ao modernismo e os jornais e revistas filiados a essas novas ideias perderam o interesse pela poesia simbolista-parnasiana e conseqüentemente, em publicar a poesia de Eulálio Motta.

Segundo Barreiros (2015, p. 50):

[...] o tradicionalismo literário da capital começou a sofrer influências das ideias do modernismo que já se fazia presente em Salvador, no final da década de 1920. Ainda que os modernistas baianos não tivessem proposto um rechaço contra a tradição, eles criticavam o apego excessivo às “velhas” formas e temas. E como Eulálio Motta chegou até a década de 1930 escrevendo seus sonetos parnasianos-simbolistas salpicados de elementos românticos, para os modernistas sua obra era duplamente ultrapassada, tornando-se alvo de inúmeras críticas, pressionando o “poeta de água doce” a mudar o tom de sua lira.

Ao retornar a Mundo Novo na década de 1930, o poeta toma um rumo distinto. Sua poesia assume um caráter mais livre, voltando-se para o cotidiano do ambiente sertanejo e aproximando-se mais das tendências modernistas. Segundo Liliane Barreiros (2016, p. 36), “Eulálio Motta experimentou outras formas de conceber sua obra poética, empreendendo uma busca pela representação dos falares regionais e do universo popular do sertão baiano”. O que pode ser observado mais agudamente em suas quadras, cordéis e em textos em prosa como os

causos. Abaixo, fragmento do cordel *A Mesinha* em que o poeta de água doce mergulha no falar e na cultura popular sertanejo.

B'as tarde cumpade Zé
 Cuma vai cumade Jana?
 Ela tem se amiorado
 Cu xarope de imburana

Cumpade, ela tá mió
 Já tá bem amiorada
 Já tá c'outra estampa mais viva,
 C'outra fala mais rosada,
 Num parece mais aquela
 Da semana retrasada.

[...]

(MOTTA, C1.925.CV1.20.002)

Embora Eulálio Motta nos apresente alguns poemas com feições mais modernistas a exemplo do poema *Originalidade* encontrado no caderno *Bahia Humorística*, uma parte considerável de sua poesia ainda carrega consigo características da estética romântica. E Sobre a escrita modernista Eulálio Motta, utilizando-se do pseudônimo Liota, disse em texto publicado na coluna *Rabiscos* do *jornal Mundo Novo* em 1932 que:

Os poetas de hoje, os modernos, os inquietos, os poetas que sepultaram a métrica e estão sepultando as rimas; os poetas deste momento indeciso, desta hora confusa da História; os poetas que querem a morte ao sentimentalismo, o esmagamento do coração, para que viva o cérebro somente, estes poetas têm conseguido muito, muito. Mas não conseguiram ainda e talvez não consigam nunca o seu maior objetivo: — extinguir a tristeza hereditária que vive na alma de todo mundo e, com maior intensidade, na alma de todos os poetas. (MOTTA, 1932).

Eulálio Motta, nesse trecho da coluna *Rabisco*, parece rechaçar a nova estética que exclui não somente as rimas e a métrica, mas principalmente o sentimentalismo da poesia. Os poemas de Motta dedicados a sua musa inspiradora vão, certamente de encontro a essa proposta da poesia modernista. É possível captar um eu lírico perturbado pela lembrança de um amor inalcançável que o aprisiona ao seu passado. De modo que, este vive um presente de lembranças dolorosas e está condenado a solidão eterna e ao profundo tédio.

Na poesia dedicada à mulher amada há um tom profundamente saudosista, melancólico e não raras vezes desesperançado. O fragmento do poema abaixo exemplifica bem esse sentimento do eu-lírico sem perspectiva, que viveu a vida fiel e preso a um amor de juventude.

PONTO FINAL...

Desde aquele dia...
 Quando escrevi jurando
 Que nunca mais lhe escreveria,
 Nunca mais tive alegria...
 Para mim, ela acabando.
 tudo acabou...
 cresceu enormemente
 A amplidão
 De minha solidão...
 E aquela dor de saber
 Que nunca mais a encontrarei...
 Toda graça de viver se acabou...
 [...]
 Resta apenas aquela velha tristeza
 De mais de meio século
 Minha vida sem ela
 Foi, toda vida, um tormento...
 [...]
 (MOTTA, EC1.36.CV1.21.008)

A poesia de Eulálio Motta, apesar de ter sofrido mudanças motivadas pelas pressões que o modernismo impunha, continuava diferente daquela que era produzida na capital. Eulálio Motta era o poeta do sertão. Falava das questões sertanejas, do caboclo, das crenças, das festividades, da política e das problemáticas do sertão. E ainda estava impregnado pela estética romântica quando se debruçava na temática da mulher amada. Somando-se a isso há o fato de que Motta decidiu viver no sertão e não na capital, portanto, permaneceu longe do centro. E assim, sua visibilidade também diminuiu. Apesar de cultivar amizades e admiradores de peso a exemplo de Jorge Amado. Eulálio Motta não conseguiu formar um grupo de leitores suficientemente grande na capital e adjacências para que pudesse figurar entre os grandes poetas da Bahia do século XX.

Em carta ao amigo Jorge Amado em 1981, Eulálio Motta lamenta e expõe sua frustração pela ausência de visibilidade no meio literário baiano. O poeta mundonovense, ao parabenizar o amigo pelo crescente sucesso que vinha fazendo enquanto escritor, abre parênteses para falar de si mesmo, refletindo a sua própria trajetória literária. A voz já não é mais do jovem poeta e sim do homem vivido que atravessava os últimos anos de sua existência e de sua produção escrita. E ele assim diz de si mesmo:

[...] Penso em destinos. Os que nascem marcados para serem autores de belezas e grandezas que empolgam as multidões e conquistam a admiração do mundo. E os que nascem com o destino de serem pigmeus. Apagados, joes ninguém... [...] Aquela ilusão de ver talento em mim, naquele tempo, foi

passageira... Apenas ilusão mesmo. Nada de precognições. Meu caro: tomei da caneta apenas para lhe mandar notícia de minha visita a aquele Jorge Amado da exposição do “Castro Alves,” e lá me vou descambando por outros caminhos...

No datiloscrito do livro *Canções de meu caminho* segunda edição encontra-se uma opinião de Jorge Amado acerca da poesia do amigo. Jorge Amado assim definiu a poesia de Eulálio Motta: “Não seja Modesto, sua poesia é da melhor qualidade, apenas você a escondeu de todos”. Eulálio Motta tinha um público cativo em Mundo Novo, mas “talvez o fato de viver afastado do grande centro tenha prejudicado a sua projeção como poeta” (BARREIROS, 2015, p. 52.).

Bráulio Alves Filho, que vem a ser filho de um importante político mundonovense, em publicação no jornal *A Manhã* do Rio de Janeiro em 1949 escreve acerca da dificuldade que os poetas que vivem fora dos grandes centros encontram para serem notados no cenário literário brasileiro. Alves Filho irá ater-se em especial ao poeta mundonovense Eulálio Motta. Suas reflexões reforçam a tese de que a tais poetas o destino é frequentemente a invisibilidade fora de suas localidades.

Segundo Alves Filho:

[...] Os olhos da poesia e literatura brasileiras andam embrevecidos com os grandes centros, só conhecendo o que a eles afluem ou neles vivem. Torna-se óbvio, portanto, procurar volvê-los a paragens longínguas, encaminhá-los para o sertão brasileiro que também é Brasil.

Lá vive o ignoto trovador. Sentindo a doçura de viver mais em contacto com a natureza e usufruindo o prazer das coisas simples e quotidianas, eis que, a circunstancia faz nascer o poeta que dotado naturalmente de espírito mais elevado, tendo mais facilidade no manusear a pena que manipular com o seu laboratório farmacêutico, escreve os seus versos exteriorizando sentimentos recônditos de sua alma. [...] Necessário se torna, portanto, que a poesia brasileira procure incluir entre os nomes dos seus inúmeros associados, mas um: o farmacêutico Eulálio Motta.

Nos sertões da Bahia, berço de grandes homens do Brasil, no município de Mundo Novo, lá vive ele procurando traduzir a mágoa do caboclo através dos seus poemas e as suas também. [...] Ele não teve a felicidade de ser gerado num meio onde a publicação e divulgação o cercassem imediatamente. [...] Consideramos. [...] o Sr. Eulálio Motta como se fôra um meteórito que desprendido do “cosmos”, caiu naquelas paragens distantes e ao sentir e analisar onde se encontrava, tenta soerguer-se, desalgemar-se desvencilhar-se dos grilhões que o prende àquella terra [...] (ALVES FILHO, 1949, p. 1).

Além disso, sua estética particular, voltada para o sertão, trazendo as trovas populares e a poesia com notas fortes do romantismo tenham sido fatores culminantes para que ele não figure entre os clássicos da literatura baiana.

Eulálio Motta de fato não é visto como um clássico da literatura baiana. Seu nome poderia está definitivamente apagado da memória literária da Bahia não fosse o trabalho filológico desenvolvido em seu acervo. Porém, é inegável que o estudo da sua obra trouxe contribuições relevantes aos estudos literários da Bahia. O resgate desse autor quase desconhecido e de sua obra nos permite compreender de que maneira a literatura mais afastada dos holofotes do centro sobreviveu às pressões impostas pela estética modernista.

Eulálio Motta não deve ser simplesmente descartado, excluído das estantes por não ser canônico e não figurar nos livros didáticos como “boa” literatura. Pois, a leitura da sua poesia assim como seus causos cheios de humor, panfletos e crônicas trazem à tona não somente uma estética vigorante no interior do estado da Bahia e que merece ser estudada, mas também uma identidade e uma memória cultural de um tempo da história literária, política e social do Brasil. Motta foi um intelectual, um grande leitor, fomentador da cultura e difusor de ideologias. Ler a sua obra nos permite enxergar com as lentes de Eulálio Motta e principalmente, com os olhos da intelectualidade do interior do Estado da Bahia o Brasil do turbulento século vinte.

O cânone não é absolutamente incontestável e as obras não canônicas não devem ser previamente descartadas e consideradas como literatura “ruim”. É preciso, como já foi dito anteriormente, moderação. É possível incluir o novo ou trazer à tona os textos que foram excluídos em seu tempo de produção. O cânone não deve ser um baú fechado. Ele precisa estar suficientemente aberto para receber novas ideias, sem, contudo, descartar os já consagrados como clássicos. Assim sendo, vale a pena se debruçar sobre a lírica do poeta de Mundo Novo a fim de sentir e compreender a sua poesia que se revela e se manifesta em forma de poema.

2.4 AS MULTIPLAS FACES DE UMA ESCRITA LITERÁRIA: ANÁLISE DA POESIA AVULSA DE EULÁLIO MOTTA

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite a viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Suplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela

angustia e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. Exorcismo, conjuro, magia. Sublimação, compensação, condensação do inconsciente. Expressão histórica de raças, nações, classes. (PAZ, 1982. p. 15).

As palavras que abrem a introdução do livro *O Arco e a Lira*, de Otávio Paz (1982) ambicionam definir o que seja poesia. A sensação inicial é de que a poesia é inerente ao homem. Está mesmo tão profundamente ligada ao existir humano que chega a ser fisiológica. “respiração, exercício muscular”. Por outro lado, a poesia tem um poder que vai além do fisiológico. Ela transcende e, portanto, não é passível de ser definida, a não ser através dela mesma. É somente pela experiência poética que se pode sentir, viver a poesia. E a experiência poética pode ser tocada através do poema.

É no poema que, Segundo Paz (1982), a linguagem se manifesta inteira, carregada por todos os seus sentidos. Sem poda alguma. Na poesia o Eu-lírico expõe a sua alma, revela-se por inteiro em seus múltiplos eus, em suas contradições. Possuído muitas vezes pela revolta, o tédio, o vazio. Instigado todas as vezes pelas contradições sentimentais inerente à essência humana.

Paz (1982) também busca definir em *O arco e a lira* o que é o poema. Para o autor “[...] O poema não é uma forma literária, mas o lugar de encontro entre a poesia e o homem” (PAZ, 1982. p. 17). O poema é mais que uma obra feita a partir de certo estilo, é o canal por onde a poesia se revela ao mundo, por onde a música do mundo ressoa. Portanto, para sentir e compreender a poesia é preciso estar em contato com ela.

Pound (2013, p. 37), em seu livro *A B C da literatura*, faz uma recomendação semelhante aos que, de fato, queiram saber algo sobre poesia. Para o autor é preciso olhar, escutar, pensar sobre ela ou até mesmo procurar os que entendam de poesia para saber algo a respeito dela, ou seja, somente em contato com a poesia é que se consegue entendê-la. De fato, a poesia não pode ser definida. Toda definição a respeito dela é frágil. Mas pode ser sentida por aqueles que entram em contato com ela através do poema.

No livro *Poesia-experiência* o poeta Mario Faustino (1977) discorre a respeito da importância social da poesia. Nas palavras do poeta, a poesia assume duas funções: uma passiva e outra ativa. A respeito da função passiva o autor coloca a poesia como um documento social.

Segundo Mario Faustino (1977):

[...] a poesia é como toda arte: um documento vivo, expressivo, do estado de espírito de certo povo, em dada região, numa época determinada. A poesia,

aliás, é incomparável quando registra – com a capacidade condensadora e mnemônica de que só ela é capaz – certas nuances de ponto de vista, de atitude, de sentimento e de pensamento, individuais como coletivos, nuances essas que, muitas vezes, são bem mais expressivas de um povo e de uma época, do que os grandes acontecimentos... (FAUSTINO, 1977. p. 33).

Para Faustino (1977) a poesia em sua função de documento humano é insuperável, pois capta as nuances do pensamento e dos sentimentos que atravessam as sociedades em dado momento da história. A poesia capta a alma da sociedade já que, conforme afirma Paz (1982), a poesia é capaz de revelar ao homem o mundo presente. Faustino vai além, em sua reflexão sobre o valor social da poesia, deseja mostrar ao leitor sua função ativa, ou seja, sua capacidade de agir sobre o povo. Isso pode ocorrer através das ideologias as quais se filiam os poetas. Nada mais natural do que o poeta se manifestar no mundo através de seu canal mais ativo de comunicação com a sociedade, sua escrita.

Segundo Faustino (1977. p. 36), “[...] Em todas as épocas [...] estiveram os artistas, uns mais outros menos, a serviço de ideologias”. A poesia para Faustino tem grande utilidade para a humanidade. Além da beleza impressa em seus versos, ela é didática, testemunha sobre os acontecimentos humanos e é capaz de influenciar a sociedade através da crítica que faz e das ideologias e utopias que alimenta. Assim, grande é a responsabilidade do poeta, pois em suas palavras há imenso poder de influência do meio social em que vive.

Para Faustino (1977. p. 47):

[...] a poesia tem um papel na sociedade, um terreno privado que se não for bem lavrado prejudicará essa mesma sociedade e que aquele papel deve ser exercido pelo poeta com toda a responsabilidade profissional com que uma tarefa de alcance social deve ser empreendida.

A escrita poética é carregada de força e poder. O poema mais que provocar cartazes no homem, abri-lhe a mente para refletir o mundo e a si mesmo. Os poemas de Eulálio Motta reunidos no dossiê das poesias avulsas carregam tanto a função passiva quanto a ativa, colocadas por Faustino (1977). O poeta baiano ao falar das próprias crenças, sentimentos e opiniões deixou palpável o mundo que o cercava na região em que viveu a maior parte de sua vida. Portanto, refletiu, documentou e criticou a sociedade em que viveu. Mais do que isso, influenciou pensamentos, agindo sobre o povo do qual fez parte.

O dossiê das poesias avulsas tem um caráter bastante diversificado, justamente por reunir várias temáticas da escrita poética do autor. É, na verdade, o que se poderia chamar de uma síntese da obra poética de Eulálio Motta. Por isso, é nesse conjunto de poemas que as

múltiplas faces de sua poesia se revelam. E torna-se mais visível seu projeto literário, suas características e seus posicionamentos e estética. Os poemas avulsos são fundamentais para se compreender as mudanças que se operaram na alma do poeta e em sua poesia ao longo do tempo.

O autor dos poemas avulsos empreendeu um profundo mergulho na alma do eu-lírico decepcionado com as escolhas feitas em tenra idade e com o tempo que passou e esmagou as esperanças humanas. O eu-lírico na grande maioria dos poemas avulsos é um ser decepcionado consigo mesmo. E por isso, é tão severo com sua própria existência. Sente-se desmerecedor do alento, da alegria do recomeço. Prefere se exilar no passado. Local em que mora a esfuziante emoção da infância, o único e arrebatador amor e o profundo arrependimento das escolhas feitas. Esse arrependimento gerou um sentimento melancólico que invadiu sua alma e nela permaneceu.

Ao falar dos sentimentos de desesperança, tédio, arrependimento e amor, Eulálio Motta buscou construir uma imagem de si mesmo. Embora, haja a necessidade de se separar o sujeito poético do sujeito autor, ao analisar os poemas de Eulálio Motta é visível o seu objetivo de criar através de sua poesia uma identidade de si mesmo, justificando-se perante a sociedade (O homem que permanecera solteiro por escolha própria). Assim, sua biografia e sua poesia caminham próximas, objetivando explicar o autor por trás dos versos. Segundo Barreiros (2012, p. 27): “Nos poemas, Eulálio Motta expressou a perda da esperança, sua frustração amorosa, o desespero diante da ação implacável do tempo, descreveu momentos e lugares da infância”. Logo, percebe-se a grande proximidade que o autor buscou fazer entre sua história de vida e sua poesia. De tal modo, que muitos de seus contemporâneos falam de seus versos com a certeza de que estes efetivamente retrataram fatos do passado do autor. Paz (1982) afirma que o autor ao escrever transcende a linguagem e a história, criando imagens. Os versos de Eulálio Motta criaram imagens que se mesclaram a sua própria biografia.

2.4.1 A face melancólica impressa na poesia avulsa

Foram aqui selecionados alguns poemas que compõem o dossiê das poesias avulsas em que se observa o forte tom melancólico alimentado pelos sentimentos de arrependimento, tédio e desesperança e um forte desejo de permanecer no passado. O primeiro poema posto em análise é *Demônio* em que o poeta Eulálio Motta fala de recordações que perturbam como um demônio que não permite que o eu-lírico tenha paz. Trata-se das recordações de um amor

de adolescência não concretizado que permanece a corroer a alma cansada do eu-lírico como uma dolorosa frustração.

Faz de conta que não te conheço...
 Faz de conta que nunca te conheci...
 Antes assim...
 Porque somente assim
 O demônio das recordações
 Poderá sair de mim...
 [...]
 (MOTTA, EC1.38.CV1.21.010)

No poema *Saudade* o eu-lírico novamente lamenta a persistência da lembrança da mulher amada. Ao passo que deseja retornar àquele passado em que ainda tinha esperança de viver esse amor juvenil.

Basta! Não é mais possível
 Continuar vivendo assim...
 lembrando tanto de quem
 não se lembra mais de mim...
 [...]
 Quero rever Monte Alegre
 rever minha mocidade...
 A rua onde ela morava
 agora mora a saudade
 (MOTTA, EC1.29.CV1.21.001).

Nota-se que o eu-lírico anseia por retornar aos lugares por onde passou em sua juventude. Trata-se de um desejo de retorno ao passado, contudo, esse retorno é impossível. Mesmo que revise os lugares como Monte Alegre, citado no poema. Este já não será o mesmo. Não só porque o tempo possa ter imprimido mudanças na arquitetura do lugar, mas principalmente porque o eu-lírico já não é mais o mesmo. E suas recordações sofreram os efeitos do seu tempo presente. Desse modo, Monte Alegre se encaixa no que Nora (1993) chama de lugares de memória. Não é a memória viva. O Eu-lírico só poderá rememorar esse passado.

Segundo Do Carmo (2015, p. 180-181):

A memória não é o passado, é uma reconstrução do passado, que mantém uma infidelidade ao que aconteceu. Em outras palavras, a memória atualiza o passado sem se comprometer em transformar este passado em verdade. Neste sentido a capacidade de apreensão deste passado é que faz com que esta memória seja mais ou menos relevante.

No poema *Alto Bonito*, o eu-lírico se dá conta das mudanças profundas ocorridas durante o decorrer de sua vida no arraial de Alto Bonito. O presente do arraial em nada se parece com o tempo alegre de seu nascimento e de sua infância. Tudo foi dissipado pela modernidade. Assim como o próprio eu-lírico que sofreu as transformações do tempo em seu espírito. O que lhe roubou o frescor e a alegria de tempos pretéritos. O arraial e o eu-lírico sofreram mudanças que não podem mais ser desfeitas. É o próprio curso da vida que imprime mudanças nas almas e nas identidades humanas. O tempo não pode ser parado. Ao eu-lírico, então, resta o lamento pelo tempo presente que nada lembra o passado distante em que a esperança nascia em sua alma de jovem como o menino, no arraial.

15 de abril de 1907,
 Começo deste século fantástico.
 Naquele dia,
 em casa de meu pai,
 alegria! Alegria! Alegria
 Porque aquele dia
 nasceu um menino
 Imagino o ambiente,
 em casa de meu pai
 e no arraial naquele dia:
 Metila mãe preta da gente,
 ansiosa para ver o recém-nascido
 para ver com quem seria parecido.
 E a presença da parteira mãe Andreza
 com seu cachimbo de barro.
 E as comadres chegando para as visitas.
 [...]

Os passarinhos desapareceram.
 Vítimas das arapucas, para as gaiolas das cidades.

Cortaram, queimaram, destruíram
 os umbuzeiros do pasto de Amado Bahia.
 Fonte de alegria das crianças do arraial,
 destruíram

Alto Bonito está muito diferente
 Automóveis... Ônibus... Luz elétrica... Televisão...
 Aquele Alto Bonito Bucólico
 de Mãe Andreza
 com seu cachimbo de barro
 se acabou
 (MOTTA, EC1.48.CV1.22.009).

O poema *Alto Bonito* é, como outros apresentados neste trabalho, um exemplo de poema autobiográfico. Eulálio Motta, através de sua escrita poética e, por vezes, dos

fragmentos memoriais, vai construindo imagens de si e as lança no imaginário de seus leitores. Estes por sua vez as interpretam e as completam num processo de identificação e cumplicidade.

Segundo Pollak (1992, p. 5)

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Na poesia autobiográfica de Eulálio Motta, o eu-lírico ao olhar para si mesmo no presente sente um insuportável tédio diante da vida. A frustração, a tristeza e a desesperança foram tão avassaladoras que se transformaram em tédio diante de sua própria existência. O eu-lírico assim, transformou-se em um prisioneiro de seu passado.

Abaixo o poema *Tédio*:

Longos minutos de meus dias longos...
e longuíssimas noites mal dormidas...
recordando... recordando... recordando...
venturas mortas inesquecidas...

Cadáveres de sonhos passados
dentro de mim sepultados...

Doendo dentro de mim!

Busco a solidão
como quem busca remédio...
e envez de encontrar alívio
encontro o tédio...
(MOTTA, EH1.839.CL.07.003)

Eulálio Motta em seu poema *Epitáfio* mostra de maneira evidente o sentimento de frustração do eu-lírico diante de tudo que já viveu.

Quando morrer,
um epitáfio seria adequado!
Aqui jaz alguém
que nasceu condenado,
a olhar a vida
Sem poder viver...
(MOTTA, EC1.44.CV1.22.005).

No poema *Epitáfio* é possível identificar semelhanças com o capítulo *das negativas* do livro *Memórias Póstumas*, de Machado de Assis. Tanto o eu-lírico do poema de Eulálio Motta quanto o personagem de *Memórias póstumas* trazem o sentimento de fracasso diante da vida que passou. Ambos os personagens sentem a frustração de não realizarem os objetivos e desejos traçados durante suas vidas. De modo que, se afirmam como sujeitos malogrados. Curiosamente, o poeta Eulálio Motta utilizou em alguns de seus textos o pseudônimo Braz Cubas, o que corrobora a influência do livro *Memórias Póstumas* em sua escrita literária.

Epitáfio é o poema em que o eu-lírico extrapola toda a sua descrença no futuro. Se no poema *saudade* o eu-lírico grita e tenta lutar contra as suas recordações, no poema *epitáfio* revela que sua vida foi completamente engolida pelo demônio das recordações. De tal maneira foi aniquilado que não pode viver o presente. Esteve constantemente concentrado no que poderia ter vivido, no que poderia ter sido. O que lhe restou da existência foram as negativas e um tédio abissal.

Nota-se que a poesia de tom melancólico de Eulálio Motta extrapola o desejo do eu-lírico em se refugiar no passado. A fuga do presente é uma constante nestes poemas. O presente representa os sonhos frustrados, o envelhecimento, o fracasso e a proximidade do fim. No poema *Terra de promessa* o eu-poético afirma desejar o exílio do tempo presente. Fugir para a terra de promessa. Uma terra idealizada onde os sonhos e projetos do eu-lírico se tornam palpáveis. Em alguns dos versos do poema o eu-lírico diz ter: “Necessidade de fugir.../ De fugir deste século maluco,/ [...] Necessidade de fugir.../ para a ilha dos sonhos.../ e aí viver exilado.../ voluntariamente”. Já no poema *Depois* o Eu-lírico expõe sua completa incapacidade de aproveitar o tempo presente, porque enquanto nele está não consegue enxergá-lo como agradável, somente depois que este se torna passado é que o eu-lírico enxerga os prazeres que viveu. Mas agora, no presente, é tarde demais para valorizar as vivências que outrora não enxergou como agradáveis.

A seguir, apresenta-se um fragmento do poema *Depois*.

[...]
 É sempre assim a vida!
 É sempre assim... A felicidade
 Vem até nós... vive conosco depois...
 Somente depois é que sabemos
 que ela veio, que viveu conosco...
 Depois...
 Somente depois... quando a fitamos
 com os olhos de neve da saudade!
 (MOTTA, A6.CV1.06.001)

O poema *Depois* revela um eu-lírico que é um eterno desencaixado. Não consegue estar feliz no tempo em que vive. Seu olhar está sempre no passado, seu presente é profundamente tedioso e do futuro nada espera a não ser mais tédio e desesperança.

2.4.2 A face religiosa e política da poesia avulsa

Não somos apenas políticos. Queremos ser políticos espiritualistas. Democracia, apenas, não nos satisfaz. Queremos democracia cristã. (MOTTA, s/d apud BARREIROS, 2015, p. 60).

Afora os poemas cuja temática predominante é o melancolismo e a desesperança, Eulálio Motta também escreveu poemas de cunho religioso e político. A princípio as duas temáticas podem parecer distantes uma da outra. O acervo do autor, porém, fornece elementos que possibilitam perceber o quanto a religiosidade esteve ligada aos ideais políticos do poeta de Mundo Novo. Principalmente, no que se refere a sua filiação em 1933, ao partido integralista cujo lema era: Deus, pátria e família. Segundo Barreiros (2015, p. 55-56), o partido integralista tinha uma fisionomia fortemente conservadora, pois este era caracterizado “pelo autoritarismo, catolicismo, ultranacionalismo, antiliberalismo e anticomunismo”. O poeta Eulálio Motta possuía profunda admiração pelo líder do partido Plínio Salgado e tornou-se um dos principais difusores da doutrina da AIB em Mundo Novo.

No período do Estado Novo de Getúlio Vargas, o interventor baiano Juracy Magalhães ordenou o fechamento do núcleo da AIB na Bahia, mas Eulálio Motta voltaria ao cenário político em 1945, filiado ao partido da representação popular (PRP) que possuía fortes raízes ideológicas com a AIB, inclusive o fato do líder do PRP ser Plínio Salgado.

No poema *Redondilhas dos tempos novos*, escrito por Eulálio Motta no caderno *Bahia Humorista* o poeta deixa evidente a forte ligação entre a ideologia política em que acreditava e a religião que, nesse caso, se tratava especificamente da católica. A afronta ao integralismo, na visão do autor, simbolizava uma agressão ao próprio Deus.

A seguir trechos do poema supracitado:

[...]
O Integralismo é de Deus.
Ele o fez, Ele o conduz.
Foi Ele que teve pena
Da terra de Santa Cruz
[...]

Combatendo o integralismo,
 Ficae sabendo, ficae!
 Combateis os vossos filhos,
 Nossa Terra e nosso Pai!
 (MOTTA, s.d apud BARREIROS, 2015, p. 55)

No dossiê das poesias avulsas foram encontrados dois poemas em que o poeta tratava abertamente de sua posição religiosa. Eulálio Motta que nasceu em um lar fortemente católico passou por uma fase de ateísmo e um período de busca por uma religião. Assentou-se na crença em que cresceu, o Catolicismo. Enquanto católico e integralista defendeu sua religião como a única capaz de representar o Brasil, de trazer a união da nação. Sendo assim, fez críticas pesadas a outras religiões.

Os principais ataques se voltaram para o Espiritismo e o Protestantismo. Mesmo antes de se filiar ao partido Integralista o autor já tecia críticas ao Espiritismo. A exemplo do texto *Espiritismo* publicado no jornal *Mundo Novo* em 1931, na sua coluna *Rabiscos*. Neste texto o autor classifica a referida religião como um dos grandes males sociais de sua época: “Sífilis, cachaça e espiritismo/ – eis aí os três fatores que mais/ concorrem para a enchente dos / hospícios [...]” (MOTTA, 1931). Para o autor, o Espiritismo contribuía sobremaneira para enlouquecer e alienar o homem. No que tange ao Protestantismo, Eulálio Motta chegou a trocar farpas com Eudaldo Silva Lima⁴ através de cartas abertas publicadas em jornais. Para Eulálio Motta a única religião verdadeira era a Católica.

Os dois poemas avulsos em que o autor trata da religiosidade no dossiê das poesias avulsas são os poemas *Reencontro com Deus* e *Amém*. No primeiro o eu-lírico descreve sua busca por respostas acerca do divino e esclarece como foi que ocorreu sua reconciliação com Deus. O autor faz questão de enfatizar no título que se trata do seu “reencontro” com a fé perdida, com Deus, com o catolicismo.

A seguir a análise do poema *Reencontro com Deus*:

Passai tanto tempo TE procurando
 Não sabia onde ESTAVAS
 Olhava para o infinito. Não TE via
 ...e pensava comigo mesmo será que TÚ existe?
 Não me contentava na busca e prosseguia.
 Tentava TE encontrar nas religiões e nos templos.
 TU também não estavas...
 TE busquei através dos sacerdotes e pastores.
 Também não TE encontrei. Senti-me só, vazio, desesperado
 e desorientado.

⁴ Pastor da igreja Presbiteriana e amigo de infância de Eulálio Motta (BARREIROS, 2015, p. 59).

E na desorença TE ofendi...
 E na ofensa tropecei
 ... e no tropeço caí
 ...e na queda senti-me fraco.
 Fraco, procurei socorro.
 No socorro encontrei amigo
 ...e nos amigos encontrei carinho.
 No carinho vi nascer o amor
 ...e no amor vi um mundo novo
 ...e no mundo novo resolvi viver
 o que recebi resolvi dar
 ...e dando alguma coisa muito recebi
 ...e em recebendo, senti-me feliz
 ...e ao ser feliz encontrei a paz
 ...e tendo a paz foi que enxerguei
 que dentro de mim é que TU estavas
 E sem procurar-TE
 foi que TE encontrei
 (MOTTA, EC1.40.CV1.22.001)

No poema o eu-lírico narra cada fase de sua relação com a fé e com Deus. No início não consegue sentir a presença do divino e, por isso, o verbo “estavas” foi escrito em caixa alta assim como o pronome tu. O eu-lírico precisa localizar o divino, mas tudo que vê é um infinito. Um infinito de religiões que não lhe preenche espiritualmente. Isso o leva a duvidar do divino. A incerteza e a dúvida diante da alma vazia leva o eu-lírico a se rebelar. E quanto mais se rebela mais longe fica da sensibilidade espiritual. O eu-lírico, porém, reencontra-se com Deus a partir da experiência da solidariedade e do amor mútuo. Somente assim, percebe que o divino sempre esteve dentro de si mesmo.

No segundo poema se verifica mais claramente a relação íntima que possui a religião e a política na escrita de Eulálio Motta. O autor irá abertamente se dirigir ao seu leitor para orientá-lo em quem votar.

A seguir o poema Amém:

Se és católico, deveras,
 católico praticante,
 não dês o teu voto a quem
 é, deveras, protestante.

Catolicismo é fator
 de unidade nacional.
 Protestante, pois, não pode
 ser candidato ideal.

O Brasil nasceu rezando
 a missa no litoral.
 Protestante é corpo estranho

no corpo nacional.

Não te seja o ecumenismo
motivo pra votar mal,
votando num corpo estranho
da vida nacional.

Protestante candidato
ao governo da Bahia!
Desrespeito á nossa História!
E desrespeito a Maria.

Respeito o protestantismo
e o protestante também.
Mas, daí a dar-lhes votos...
Deus me livre e guarde. Amém.
(LIOTA, 1981, EH1.822.CL.05.006)

No poema *Amém* escrito em 1981, e assinado pelo pseudônimo Liota, usado frequentemente em textos mais críticos, o eu-lírico tenta convencer o leitor o quanto é fundamental votar em um candidato católico, pois somente um católico poderia representar o Brasil dignamente. O catolicismo para o eu-lírico faz parte da fundação do Brasil, já a religião protestante surgiu depois e, portanto, não está enraizada culturalmente como o catolicismo, não representa a gênese histórica da nação. Seria, pois, um corpo estranho. De modo que, votar em um corpo estranho, desestabilizaria a pátria nacional, desrespeitaria a história e a fé primeira da nação.

O eu-lírico vai mais fundo e adverte o leitor a não se deixar levar pelas ideias ecumênicas. Em política, para o eu poético, não há possibilidade de haver unidade entre as religiões, porque a unidade abriria espaço para que um sujeito não católico representasse a nação ou o governo dos Estados. E isso, segundo o eu-lírico, seria contrário a natureza identitária nacional.

Na última estrofe o eu-lírico afirma respeitar o protestante, mas o julga incapaz de assumir o cargo de governador da Bahia. A Bahia é o berço do país, portanto, ainda que o cargo pleiteado seja de governo e não de presidente, este na visão posta no texto, precisa ser ocupada por um legítimo representante da religião primeira do país. Mais do que religiosidade, o eu-poético está falando e defendendo uma ideologia política. Eulálio Motta apoiava um católico e usou do argumento religioso para manobrar o eleitorado para seu candidato. Fatalmente a poesia é poderosa e chega a alma dos sujeitos com a força dos discursos acalorados como afirma Faustino (1977, p. 34).

2.4.3 A poesia avulsa e as imagens de Mundo Novo

Na poesia avulsa é possível identificar poemas que se constituem em verdadeiros documentos vivos da cidade onde o poeta Eulálio Motta viveu a maior parte de sua vida. O poeta registrou momentos marcantes e situações cotidianas do povo mundonovense. Alguns desses poemas são alegres e festivos, a exemplo do poema *Carnaval de Mundo Novo*. Outros são voltados para registrar indignação, protesto e cobrança. Como é o caso do cordel *A santa do pau oco*.

O cordel *A mesinha* é um dos textos mais significativos, no que tange ao valor cultural, histórico e também de denúncia, encontrado no dossiê das poesias avulsas. Certamente, a *Mesinha* é um documento vivo da população rural mundonovense. Carregado de imagens este cordel revela os detalhes da linguagem, costumes e crenças dos sertanejos que viviam mais isolados dos centros urbanos. Além de trazer a lume o estado de abandono em que se encontrava essa população no que se refere aos cuidados referentes a saúde pública.

Abaixo alguns trechos do cordel *A mesinha*:

Bas tarde, cumpade Zé
 Cuma vai cumade Jana?
 E tem se amiorado
 Cum xarope de imburana?

-Cumpade, ela tá mió
 Já tá bem amiorada
 Tá c' outa istampa mais viva
 C' outa fala mais rosada
 Nem parece mais aquela
 Da sumana retrasada

Quem tá de má pra pió
 É a vizinha, cumpade!
 A cumade Fricidade
 Muié de Zé Frutunate

Ia pra mais de treis sumana
 Q'ela tá pra nan quentá
 Cá ispinhela caída
 Sem pudê alevantá
 Nan tem mais nada, cumpade!
 Que seo Zé nan tenha dado
 O pobre do Frutunate
 Nem pode mais creditá
 Q' inda ingista alguma foia
 Q' ele inda teje sem dá!
 [...]

-Fais mêmo pena, cumpade!
 É mêmo de fazê dô
 Se inguli tanta mezinha
 Sem se vê ficá mió!

Trés ontonte, sá Zefinha
 Foi lá cuns ramo na mão
 Cuns rosaro, cumas velas
 Feis um bando de oração
 Mas porém nada foi nada
 Tudo foi mêmo qui não!
 [...]

-Cumpade, vancê disculpê
 Q' eu nunca fui intendido
 Mas cá mezinha q' eu sei
 O mijo do bode macho
 Cus istrume do marido!
 (MOTTA, 1982. p. 5-7)

No cordel *A mesinha* é possível observar que a esfera de saúde pública não se faz tão presente na comunidade do eu-lírico e por isso, as doenças são tratadas com receitas caseiras ou com a intervenção das rezadeiras, figuras respeitadas nas comunidades rurais. Suas rezas eram procuradas para tratar não apenas espinhela caída, mas também quebranto em crianças, dores de cabeça, erisipela entre outros. Porém, um dos personagens do diálogo que se dá no cordel afirma que nem mesmo a reza de Sá Zefinha surtiu efeito. Na última estrofe um dos personagens receita uma mesinha de seu conhecimento para que ocorra a cura da cumade Fricidade. O autor de forma humorada encerra o cordel, revelando a solidariedade do homem do campo com seus vizinhos o que se choca com o aparente abandono social em que a comunidade vivia. A “cumade Fricidade” estava enferma a mais de três semanas, mas não foi levada a nenhum médico. Isso porque provavelmente a presença de um médico em tais comunidades rurais era escassa.

No cordel em análise, Eulálio Motta buscou capturar a linguagem oral dos habitantes da comunidade rural de Mundo Novo. Como farmacêutico e com sua experiência de vida e trabalho em comunidades rurais tinha amplo contato com os falares regionais. O que enriquece sobremaneira o texto em questão. Além disso, o autor trouxe para sua poesia as imagens rurais de Mundo Novo o que confere a esse texto um status de documento vivo da cultura do povo do interior da Bahia.

Já no cordel *A santa do pau oco* o que aparece é a corrupção enfrentada pela população mundonovense. Neste cordel, o eu-lírico denuncia um esquema de corrupção que ocorria na Santa Casa de Misericórdia. Esquema esse que prejudicava sobremaneira o

funcionamento do hospital e acabava por atingir também as farmácias da região. O eu-lírico denomina o hospital de uma “santa do pau oco” em clara alusão ao contrabando de ouro dentro de imagens sacras no período colonial do Brasil. Sendo uma “santa do pau oco”, o Hospital era claramente um falso hospital. Um mecanismo, um meio para arrecadação ilícita de dinheiro por parte de alguns mal intencionados.

Abaixo trechos do cordel:

Era uma vez...
 uma santa casa da misericórdia
 que santa nunca foi
 e nunca teve casa
 nem misericórdia.
 Era uma santa casa de papel
 que se originou de um “ideal”
 passar as garras no Hospital.
 Não pensando em doentes,
 remédios e doutores.
 Tal preocupação não existia.
 Pensava era nas verbas.
 Nas verbas federais,
 Nas verbas estaduais,
 no etc. e tal ...
 Neste etc. e tal estão inclusos.
 garrotes dos “burgueses”
 doados para rifas e leilões
 que rendiam milhões
 em benefício do bernal
 do “pai dos pobres”,
 do “amigo do povo.”

E não funcionava o hospital!
 (MOTTA, EH1.847.CL.08.001)

A poesia tem o poder de ensinar e formar uma consciência nos seres humanos conforme defende Faustino (1977). Portanto, o cordel em análise ao denunciar e criticar os gestores do hospital da Santa Casa de Misericórdia contribuiu, certamente, para moldar a opinião pública da comunidade. Já o poema *Carnaval de Mundo Novo* traz uma outra imagem da cidade. Esta descrita em um momento festivo e alegre. É a Mundo Novo vibrante com seus trios a desfilar pelas ruas disputando atenção e partilhando animação. Momento em que se reuniam jovens, crianças e velhos. Abaixo trecho do poema:

TRIO LIRA tá na rua!
 chega a alegria do povo!
 Pegou fogo! pegou fogo,
 carnaval de Mundo Novo!

Crianças, jovens e velhos
todo mundo está pulando
nas ruas de Mundo Novo”
com TRIO LIRA tocando!
[...]
(MOTTA, EH1.840.CL.07.004)

Marques (2015, p. 130) fala acerca da característica de alguns escritores de serem colecionadores. Para Marques (2015) esses colecionadores têm o hábito de anotar fatos cotidianos ou relevantes de sua vivência. Assim, colecionam para si imensa quantidade de informações linguísticas e culturais de seu entorno. No caso de Eulálio Motta, essa prática de colecionar informações sobre Mundo Novo extrapolou os artigos jornalísticos e rascunhos escritos em seus cadernos. Eulálio Motta recortou e selecionou a informações que julgou importantes e também os fatos cotidianos de seu Município e as discutiu em sua poética. Tornando-a documento da memória mundonovense.

A análise do dossiê da poesia avulsa de Eulálio Motta revela um conjunto de poemas multifacetário de cunho religioso, político, melancólico e de cenas cotidianas. Nesse conjunto encontram-se ainda cordéis e as quadras que evocam a musicalidade das trovas populares. Nos poemas avulsos o autor deu voz a um eu-lírico que ora aparece atormentado por um amor juvenil que não se concretizou e pelas frustrações trazidas pela idade madura e pelas mudanças operadas no meio em que vive, ora figura como um sujeito crítico e político, disposto a acalorados embates para defender suas opiniões. A descoberta da relevância dos poemas avulsos para se compreender o trabalho poético de Eulálio Motta foi possível graças as contribuições de um trabalho filológico.

3 CRÍTICA TEXTUAL E CRÍTICA GENÉTICA: CAMINHOS PARA A EDIÇÃO DOS POEMAS AVULSOS DE EULÁLIO MOTTA

A filologia tem contribuído de maneira substancial para que textos escritos em diferentes momentos da história da humanidade cheguem às mãos do leitor de maneira segura e confiável.

As primeiras atividades filológicas foram desenvolvidas por eruditos da Biblioteca de Alexandria, no século III a. C. Essa foi uma grande biblioteca criada no delta do rio Nilo na cidade de Alexandria, Egito, por ordem do rei Ptolomeu I. Na biblioteca concentravam-se inúmeros estudiosos e textos em papiros produzidos por escritores de várias regiões do mundo. Porém, por volta do século III a. C. os estudiosos perceberam que as cópias feitas dos textos estavam se distanciando muito dos originais e em uma tentativa de resgatar e preservar textos como os do poeta Homero empreenderam os primeiros trabalhos em âmbito filológico. Criando, segundo Cambraia (2005, p. 38-39), um sistema de crítica com sinais para indicar nos textos versos deslocados, incorretos, comentários entre outros para clarificar o julgamento acerca da genuinidade dos textos analisados.

Para Spina (1977, p. 61-62):

[...] Foi, portanto, do amor à poesia que nasceu a ciência filológica. Voltados para a restauração, inteligência e explicação dos textos, o labor desses eruditos constituiu em catalogar as obras, revê-las, emenda-las, comentá-las, provê-las de sumários e de apostilas ou anotações (escólios), de índices e glossários (indicações marginais sobre as variantes das palavras), de tábuas explicativas, tudo isso complementando com excursos biográficos, questões gramaticais e até juízos de valor de natureza estética.¹ [...] e os procedimentos elementares da apuração textual já vinham sendo postos em prática pelos próprios (sic) escoliastas de Alexandria, que procuravam recensear toda a tradição manuscrita, ordená-la e cotejar os testemunhos, anotando à margem desse material as dúvidas, as obscuridades e os erros textuais. Aristófanes de Bizâncio assim procedeu na edição dos poemas homéricos, indagando inclusive sobre problemas de métrica, de língua, de conteúdo e fontes; são notáveis também os escólios de Aristarco à duas edições de Homero, em que comenta todas as variantes encontradas na tradição manuscrita.[...].

Embora sua gênese date do século III a. C como explicitado, foi somente no século XIX que a filologia foi reconhecida como ciência a partir do trabalho de Karl Lachmann que conferiu as bases e princípios científicos. Lachmann propôs a confrontação dos diversos testemunhos de um documento a fim de identificar qual deles se aproximava mais do original perdido. Pois até então, os textos eram editados sem uma sistematização rigorosa,

comprometendo assim a confiabilidade da edição. Pois até então os estudiosos que intentaram fazer um trabalho de cunho filológico usavam a intuição para tomar decisões.

Segundo Borges (2012, p. 17):

A mais famosa das perspectivas ficou conhecida através do nome de Karl Lachmann (1793-1851), que sistematiza o debate sobre a edição crítica dos textos bíblicos e propõe um método inspirado em um modelo historicista e positivista, cujo objetivo consistia em, a partir do estudo da tradição, formular um arquétipo, texto mais próximo de um original perdido.

Notadamente, outros filólogos de área protestante também empreenderam estudos filológicos de fôlego, contudo, segundo Spaggiare e Perugi (2004, p. 30), somente Lachmann “propôs um método de edição crítica, com o intento declarado de eliminar a subjetividade do editor na reconstituição do texto original”.

No método lachmanniano, o conceito de erro era fundamental para se chegar ao texto que mais se aproximasse do original perdido. Para ele, quanto mais extenso um texto, maiores seriam as chances dos copistas terem cometido erros. Alguns desses erros seriam, Spaggiare e Perugi (2004), inevitáveis, pois estão ligados a fatores internos aos textos. E, portanto, poderiam aparecer em inúmeras cópias. Outros erros, contudo, tinham uma origem única e estes sim poderiam guiar o filólogo na sua busca pela cópia mais próxima do original perdido.

O método lachmanniano foi duramente criticado pelo francês Joseph Bédier que seguiu o método lachmanniano na sua primeira edição do poema narrativo *Lai de l'ombre*, de Jean Renart, mas na segunda edição deste texto, propôs uma nova metodologia que ganhou muitos adeptos pela facilidade da edição principalmente na França. O método utilizado por Bédier acabou por desconsiderar o conceito de erro do método anterior. Além disso, Bédier criticou as edições em que os manuscritos estavam distribuídos em uma tradição de ramos bífidos. O que considerou pouco possível de ocorrer em todos os casos de edições. E em seu trabalho propôs uma edição baseada no “bom testemunho”, ou seja, uma edição baseada no testemunho que de fato existiu.

Segundo Cambraia (2005, p. 52):

[...] convencido de que o método anteriormente seguido conduzia quase sempre à distribuição do conjunto de manuscritos a uma tradição de ramos bífidos, o que praticamente inviabilizava a escolha mecânica de variantes (baseada na prevalência numérica). Tendo retomado a classificação dos manuscritos para sua segunda edição, demonstrou ser hipótese plausível não apenas a classificação dos manuscritos já anteriormente proposta por ele, mas ainda outras classificações. Em função disso, defendeu o método de se

editar um texto com base em um “bom manuscrito”, publicado quase sem retoques e acompanhado de notas que marcam, segundo afirma o próprio Bédier (1928: 177), um retorno na direção da técnica dos antigos humanistas.

O método adotado por Bédier, apesar da boa receptividade que teve, principalmente na França, também recebeu críticas no decorrer dos anos. Segundo Cambraia (2005, p. 52), essas críticas vieram particularmente de Henri Quentin em seu texto intitulado *Essais de Critique textuelle* publicado em 1926, em Paris. Apesar das divergências teóricas, o objetivo da crítica textual permanecia focado em encontrar um testemunho que mais se aproximasse do original perdido. Uma tarefa difícil e desafiadora para os filólogos que tinham em mãos uma tradição textual em que o original não se encontrava presente, mas apenas as cópias.

Para Cambraia (2005, p. 53),

Embora a crítica textual moderna tenha acabado por se polarizar fundamentalmente entre o método de Lachmann e o de Bédier, a investigação na área não tem cessado desde então e uma extensa e fecunda bibliografia de orientação cada vez mais teórica tem sido publicada. Pode-se dizer, no entanto, que uma das características mais marcantes da crítica textual moderna é a especial atenção dedicada a textos em línguas vernáculas, já que, pelo menos até fins do séc. XIX, havia ênfase – senão exclusividade – em relação a textos profanos ou sagrados em línguas clássicas.

No decorrer do século XX, a crítica textual experimentou uma mudança de foco bastante significativa, pois não havia mais a necessidade de se debruçar em uma infinidade de testemunhos antigos para encontrar aquele que mais se aproximasse do original perdido. Tendo em vista que, o filólogo agora tinha acesso aos documentos do próprio acervo do autor. O objetivo da crítica textual, neste caso, é explorar as versões do texto, dando a liberdade ao filólogo para escolher o melhor caminho para empreender sua edição. O foco agora não é mais restituir o original perdido. O que pode ser feito é editar o texto a partir da última versão avalizada pelo autor e compor um aparato com as variantes autorais.

Segundo Barreiros (2015, p. 157):

Durante o século XX, o método lachmaniano foi questionado e adaptado às novas realidades textuais, ao lidar com textos autorais. Assim, não se busca mais o original perdido, mas a recuperação do “ânimo autoral” diante da pluralidade dos testemunhos autógrafos. Mas ainda o que prevaleceu nessa abordagem foi a busca pelo estabelecimento do texto, limpo das violações, erros e rasuras, ocorridas no curso da história da transmissão do texto.

Nessa abordagem da crítica textual os rascunhos são valorizados somente em seu aspecto variável, pois o objetivo da crítica textual está concentrado neste momento em identificar a última vontade do autor. Assim, o que é importante é essa última versão que configura a obra acabada. No que concerne à edição de um texto, Luiz Fagundes Duarte (2010), em seu glossário de Crítica Textual *online*, afirma que esta é o:

[...] Conjunto de operações filológicas necessárias para escolher, fixar e anotar um texto, inédito ou édito, preparando-o para publicação num determinado circuito de leitura – isto é, para o oferecer a um tipo caracterizado de leitor (DUARTE, 2010).

Desse modo, o filólogo tem o árduo trabalho e a responsabilidade de preparar o texto para que chegue de maneira confiável a mão de leitores que precisam acreditar no conteúdo que leem para poderem inclusive empreender outros estudos de caráter científico. Assim, ao entrar em contato com o texto a ser editado o filólogo precisa escolher o tipo de edição que pretende aplicar ao testemunho. Esta escolha se dá a partir da constatação de que este possui ou não testemunhos. dessa forma, os textos segundo Cambraia (2005) são classificados em monotestemunhais quando se trata de um documento com apenas um testemunho e politestemunhais quando o documento possui mais de um testemunho.

No que concerne à edição crítica Borges (2012, p. 28) afirma que:

Para os textos de tradição plural, que trazem várias marcas, autorais e não autorais, com suas idiossincrasias, em diversos testemunhos, elege-se um texto de base (copy-text) para o exercício da prática editorial. Para tanto, é preciso conhecer os pormenores da tradição: o uso linguístico da obra e da época, as particularidades dialetais, o uso estilístico do autor e do gênero, as características do texto conservado, valoração intrínseca dos testemunhos sobre a base dos erros evidentes ou juízo sobre as lições singulares etc.

Dessa maneira, a edição crítica com objetivo de identificar a última versão burilada pelo autor e, portanto, escolhida como texto base diante de um documento politestemunhal, precisa executar alguns passos importantes. Segundo o que postula Cambraia (2005), o primeiro deles trata-se do estudo das fontes onde estão localizados os testemunhos a fim de identificar e conhecer toda a tradição manuscrita e impressa do documento a ser editado. A tradição pode ser de duas ordens: a) direta que corresponde aos testemunhos manuscritos e impressos; e b) tradição indireta que trata de testemunhos que, embora não correspondam a um dos testemunhos do texto a editar, mantém alguma relação com este como no caso em que o texto a ser editado é citado em outro texto.

Após identificar cada testemunho e coletá-los é necessário realizar o estudo da tradição de um dado texto. Em seguida, o filólogo parte para confrontação dos testemunhos a fim de identificar onde estes divergem, escolhendo um testemunho base em relação aos demais. É o testemunho que o filólogo elege, através de uma criteriosa análise, como sendo o último a ser burilado pelo autor, constituindo-se assim em sua última vontade. Em seguida, realiza-se a etapa denominada estemática. Nesta etapa, o filólogo analisa a relação genealógica entre os testemunhos de um determinado texto. E por fim, o filólogo apresenta o texto crítico com o aparato. Os passos para edição ora descritos estão ancorados no método lachmanniano, considerado bastante sistemático e científico.

Spina (1977, p. 68) apresenta as respectivas etapas citadas acima utilizando a denominação latina empregada por Lachmann:

A “recensão” consistia num conjunto ordenado de várias operações: levantada toda a tradição (manuscrita, impressa) existente da obra, procedia-se à eliminação das cópias coincidentes e inquinadas de interpolação, para depois, por meio do exame dos erros comuns, reagrupar o material remanescente em famílias e chegar a uma árvore genealógica; daqui se partia para a operação final da *recensio*, a reconstituição do *arquétipo*. Estabelecido o arquétipo, iniciavam-se as operações da *emendatio*, que consistiam, através da correção do texto arquétipo, em remontar ao original; o terceiro momento, *origem detegere*, remontava o processo, tentando reconstruir a história e a fortuna do texto mediante observações baseadas no exame paleográfico do material subsistente e demais informações fornecidas pelos próprios códices.

Acerca da edição crítica Cambraia (2005, p. 133) afirma que “[...] Pode-se dizer que a edição crítica é o objeto por excelência da crítica textual, pois é em sua elaboração que a técnica de estabelecimento do texto exige maior sofisticação”.

Spaggiare e Perugi (2004) apontam uma significativa mudança de olhar da crítica textual para os documentos autorais na década de 1930-1940, na Itália. Os filólogos começaram a se dar conta de que o documento original poderia revelar não somente uma evolução posterior a sua publicação, mas também, os passos de sua escrita, ou seja, os documentos autorais poderiam conter os traços de sua gênese. Essa vertente da crítica textual ficou conhecida como crítica das variantes e encontrou em Gianfranco Contini o seu pioneiro. Foi este estudioso que deu os primeiros contornos teóricos a nova atitude filológica.

Segundo Spaggiare e Perugi (2004, p. 52):

Noutros termos, ao lado das variantes evolutivas (ou de tradição), podem existir variantes genéticas (ou de autor). Se isso raramente acontece no que diz respeito às obras clássicas (por serem elas conservadas, como já foi dito,

em códices mais recentes em relação à época da sua composição), muito frequente é o caso para as obras modernas, ou também medievais, em línguas românicas. A existência dum espólio relativo a tal autor, ou então a sobrevivência, na tradição manuscrita, de redações múltiplas de autoria incontroversa, permite estudar a gênese duma obra nas várias fases de elaboração, fornecendo material precioso para a sua análise e correta interpretação. Olhar para dentro do laboratório secreto dum autor é o objetivo da chamada ‘crítica das variantes’.

Esta nova atitude abriu caminho, segundo Spaggiare e Perugi (2004), para uma revisão crítica do método de Lachmann. Não com a intenção de abandoná-lo, mas no sentido de adequá-lo às novas demandas da filologia moderna. Segundo Santos (2017, p. 61-62), a crítica das variantes passou a efetivamente a ser incorporada à crítica textual, a partir de 1950, e esta nova perspectiva filológica abriu caminho para o surgimento de uma nova área da filologia: a Crítica Genética.

Segundo Matos (2012, p. 106):

A prática de edição genética consiste na construção de um dispositivo que permita a visualização, a leitura e a crítica dos movimentos de construção de um texto, nos bastidores de um projeto de escritura. Tal exercício expõe o escritor em seu laboratório, nas condições de formulação dos enunciados e no processo de trabalho com os mesmos, momentos em que aquele que escreve é também leitor ou, em eco a Barthes (1970), produtor e, ao mesmo tempo, consumidor daquilo que elabora.

Desse modo, a crítica genética se debruça não no resultado final da escrita de um texto, ela está, ao contrário, interessada em vasculhar os bastidores da produção de uma obra. Ou seja, o geneticista se interessa pelo texto original e suas variantes para que através destes possa compreender como o autor pensou o texto e as decisões que tomou no processo de escrita.

Segundo Santos (2017, p. 62),

As variantes e as marcas do processo de criação do texto revelam a face mais humana da escrita, demonstrando que o ato de escrever não é mecânico, nem divino. No manuscrito da gênese, os escritores revelam-se inseguros, vacilantes, demonstram sua genialidade, sua criatividade, suas inseguranças e apontam caminhos para compreender melhor a sua obra.

Desta maneira, ao debruçar-se sobre os rascunhos de uma obra, o filólogo acessa o processo de escrita daquele texto, possibilitando que este perceba as movimentações de escrita do texto e as influências que a documentação paratextual do acervo pode exercer sobre a

escrita do autor. Acerca dos paratextos Gérard Genette (2006, p. 9-10 apud SANTOS, p. 63) afirma que estes são compostos por:

[...] título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim de texto; epígrafes; ilustrações; errata, orelha, capa, e tantos outros tipos de sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos, que fornecem ao texto um aparato (variável) e por vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor, o mais purista e o menos vocacionado à erudição externa, nem sempre pode dispor tão facilmente como desejaria e pretende.

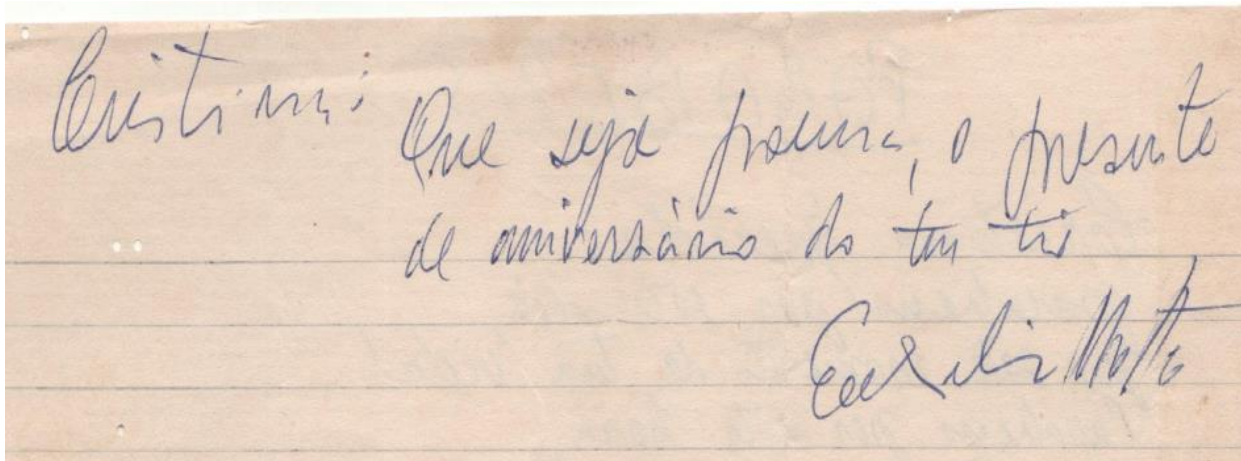
Santos (2017, p. 63) afirma ainda que com base no que postulou Genette pode-se afirmar que os paratextos podem ser divididos em:

[...] dois grandes subconjuntos, o peritexto e o epitexto. O peritexto se refere aos paratextos previamente elaborados para o texto maior, como rascunhos, esboços, projetos diversos; e o epitexto está relacionado com os materiais que circulam fora da obra, como entrevistas, correspondências, notícias em jornais, revistas, cartas e etc.

No que se refere ao dossiê das poesias avulsas de Eulálio Motta os dois tipos de paratextos foram encontrados, pois, no acervo do escritor, há diversos testemunhos manuscritos com emendas autorais. Além disso, há também comentários acerca dos poemas em cartas, em anotações dos cadernos ou em folhas avulsas. Eulálio Motta tinha o hábito de inserir comentários de seus amigos junto à publicação de suas poesias. Era, provavelmente, uma forma de se afirmar enquanto poeta perante o seu público leitor.

Segue um datiloscrito encontrado no dossiê das poesias avulsas no qual o autor Eulálio Motta dedica a Cristina, por ocasião do aniversário desta, um poema intitulado *Parabéns*. O texto traz a seguinte mensagem: “Cristina: Que seja poema, o presente de aniversário do teu tio Eulálio Motta”. Esta informação nos permite saber a motivação do autor para a escrita deste texto. E, portanto, pode ser classificada como um paratexto que elucida a sócio história do poema.

Figura 11 - Manuscrito de uma dedicatória (EH1.803.CL.03.007) encontrado no dossiê das poesias avulsas



Fonte: acervo de Eulálio Motta

Segundo Barreiros (2015, p. 158), “O conjunto de informações extralinguísticas e os diversos documentos que se relacionam com o texto, quando agregados à edição, tornam o trabalho muito mais completo”. Dessa maneira, a partir do momento em que o filólogo leva em conta todas as informações sobre o material a ser editado, incluindo assim, os paratextos e prototextos na edição, o texto passa a ser encarado como um processo e não mais como um produto acabado. Assim, a rasura, arquivada e esquecida nos rascunhos do autor, vista até então como erro a ser descartado, transforma-se em possibilidades interpretativas, pois apontam outros caminhos que o escritor poderia ter trilhado. Para Almuth Grésillon (2007, p. 97) “[...] a rasura é simultaneamente perda e ganho. Ela anula o que foi escrito, ao mesmo tempo em que aumenta o número de vestígios escritos”. A rasura assim possibilita ao filólogo enxergar os vestígios que haviam sido cimentados pelo texto final, ou seja, permite que se visualize o processo criativo de escrita do autor.

O acervo do escritor adquire grande importância nesta perspectiva de estudo do texto editado, pois toda a documentação e objetos encontrados pelo filólogo no entorno do documento a ser editado podem influenciar no processo de escrita do autor.

Segundo Barreiros (2015, p. 163),

O estabelecimento do texto continua sendo válido, legítimo e necessário, mas ele não deve ser um fim em si mesmo. Os elementos paratextuais e prototextuais que integram os dossiês dos textos precisam aparecer para os leitores, porque eles reúnem valiosas informações que podem enriquecer a sua leitura.

Assim, diferentemente do que objetiva a crítica textual, a crítica genética buscará compreender os caminhos percorridos pelo autor na escrita de seu texto. Essa nova perspectiva é enriquecedora nos estudos filológicos, pois oportuniza que o filólogo vasculhe os bastidores da escrita do documento, percebendo que este não é finito, fechado em si mesmo. Ao contrário, o texto torna-se aberto, infinito.

Segundo Biasi (2002, p. 222):

[...] frequentemente, tal finitude vem acompanhada de muitos sacrifícios: do rascunho à obra acabada, várias hipóteses, sedutoras mas divergentes e incompatíveis, e várias questões, insolúveis mas carregadas de sentido e de futuro, são impiedosamente eliminadas em benefício de fórmulas mais simples e menos discutíveis.

A compreensão de que o texto não é finito e de que o ato de escrever não é uma ação instantânea, ao contrário, é um processo por vezes demorado, instaura a ideia de escrita inacabada do texto. O texto não se encerra em sua publicação. Os rascunhos possibilitam a esse o status de texto aberto, inacabado. Até pouco tempo o rascunho era visto de maneira negativa, pois simbolizava um sinal de fracasso, mas nos estudos de crítica genética este adquire um valor positivo por revelar o texto em seu processo de feitura e por mostrar que o inacabamento do texto não pode mais ser desvinculado do ato de escrita.

Segundo Louis Hay (2007, p. 225):

A noção de inacabado [...] só é admitida nas pesquisas sobre o texto como a marca de um fracasso ou, no melhor dos casos, como um acidente que impediu a realização de uma obra – isto é, de um objeto legítimo da crítica. E até estes últimos anos, só os escritores falavam (de algum modo, entre eles) do inacabamento como de uma realidade inerente ao ato de escrever.

Nesta abordagem, o estudo não foca apenas no estabelecimento do texto, pois apoderando-se dos pressupostos da crítica genética, levanta e traz a lume não somente o aparato crítico, mas também o aparato genético. Assim, na edição crítico-genética o leitor terá a sua disposição o aparato crítico-genético.

Segundo Grésillon (2007, p. 19):

[...] a crítica genética instaura um novo olhar sobre a literatura. Seu objeto: os manuscritos literários, na medida em que portam o traço de uma dinâmica, a do texto em criação. Seu método: o desnudamento do corpo e do processo da escrita, acompanhado da construção de uma série de hipóteses sobre as operações escriturais. Sua intenção: a literatura como um fazer como atividade, como movimento.

O estudo dos rascunhos assim impede que o processo criativo do autor seja cimentado em um texto final. Além disso, como já foi dito, o acervo do escritor guarda em si uma imensidão de pistas para se desvendar o processo de escrita do texto a ser editado.

O trabalho do filólogo, ao perscrutar o acervo do escritor em busca de editar e estudar a documentação ali guardada, abre espaço para que essa memória particular que se estende e se torne social. Inclusive, para que se conheçam as ideias que circularam nesse período, saía do espaço do acervo para ser partilhada com a sociedade. Tendo em vista, que carrega consigo as marcas de um momento da história.

Ao levar em conta as inúmeras informações guardadas no silêncio de um acervo e dialogar com outras áreas do conhecimento em um processo de edição, a filologia abre-se a novas perspectivas, passando a enxergar o texto como um produto histórico. Construído a partir de relações sociais e políticas e, por isso, marcado por ideologias. Borges e Sousa (2012, p. 46-47) afirmam que “a crítica filológica precisa ser compreendida como uma atitude crítica, de leitura concebida aqui como um espaço de produção histórica, linguística, sócio-cultural e política”. Essa nova maneira de encarar o texto da pós filologia (WARREN, 2003; CORREIA, 2018) se soma aos métodos socio-históricos para uma interpretação crítica mais completa do texto.

A visão pós filológica atribuída ao texto em processo de edição está alicerçada nos discursos do pós-colonialismo e também do pós-modernismo. Este último, marcado por um período de discussões acaloradas no campo dos estudos culturais, cujo objetivo é justamente compreender o funcionamento da cultura e como as identidades individuais e de grupos são construídas em meio a diversidade e complexidade do tempo presente (CULLER, 1999, p. 49).

No trabalho de edição dos poemas avulsos identificou-se um considerável número de textos politemunhais, evidenciando o incansável trabalho de escrita e reescrita do autor. Portanto, se faz necessário estabelecer o texto base, aquele que configura a versão mais recente. Contudo, não é possível se furtar da necessidade de estudar o processo de escrita de Eulálio Motta que produziu considerável número de testemunhos e os guardou em seu acervo, não raras vezes datando os textos e introduzindo correções frequentes. O autor tinha peculiaridades em sua escrita que merecem ser estudadas com esmero e não podem ficar cimentadas em uma versão final, até porque o próprio trabalho de correção do autor em textos já publicados deixa evidente esse caráter aberto da escrita. Desta maneira, a edição dos poemas avulsos lança mão da crítica textual objetivando o estabelecimento do texto, mas também se apropria dos pressupostos da crítica genética a fim de abarcar os demais

testemunhos identificados no acervo para compreender como se deu o processo de escrita das poesias avulsas, ou seja, a gênese do texto e assim estudar também a história cultural das práticas de escrita dos poemas avulsos de Eulálio Motta. Pois, segundo Pérez Priego (1997, p. 36):

Los testimonios son efetivamente individuos históricos, com una fisionomía propia, portadores em su seno muchas veces de elocuentes huellas y datos respecto de donde se compusieron, quién los encargó o poseyó, quiénes fueron los copistas, los impresores, los lectores, qué tipo de papel y de letra fue utilizado, qué taller tipográfico, etc. todo ello nos proporciona una información muy interesante, por supuesto, para la historia cultural, pero también muy rica y aprovechable desde la pura crítica textual.⁵

Uma edição que concilia duas metodologias afins como é o caso da crítica textual e da genética é denominada por Borges (2012) como edição crítica em perspectiva genética. A autora assim define esse tipo de edição:

Uma edição crítica em perspectiva genética (crítico-genética) é uma prática editorial que concilia duas metodologias, afins no campo da filologia: a crítica textual e a crítica genética. Têm-se, portanto, dois propósitos: estabelecer o texto, considerando a pluralidade de versões manifestas nas marcas autógrafas, e documentar o percurso seguido pelo autor na construção de cada texto ou da obra (BORGES, 2012, p. 60).

Ao adotar uma edição crítica que também se apropria dos pressupostos genéticos, buscou-se perscrutar os testemunhos do *corpus* ora pesquisado de maneira mais profunda, trazendo a lume a riqueza do fazer literário do autor Eulálio Motta, além, é claro, de compreender as escolhas, desistências e motivações no seu processo de escrita dos poemas avulsos. Também foi fundamental conhecer e se apropriar dos demais objetos do acervo como as cartas, fotos, depoimentos, livros que costumava ler. Cada um desses objetos foram relevantes na compreensão das escolhas feitas pelo autor em sua escrita, nas temáticas discutidas em seus poemas e no vocabulário usado.

⁵ Tradução nossa: Os testemunhos são efetivamente indivíduos históricos, com uma fisionomia própria, portadores, em seu cerne, muitas vezes, de eloquentes marcas e dados sobre onde foram compostos, quem os encomendou ou possuiu, quem foram os copistas, os impressores, os leitores, que tipo de papel e de letra foi utilizado, em que tipografia etc. Tudo isso nos proporciona, seguramente, uma informação muito interessante para a história cultural, mas também muito rica e aproveitável sob a perspectiva da pura crítica textual.

4 EDIÇÃO DOS POEMAS AVULSAS

4.1 DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

Foram identificados, no dossiê das poesias avulsas, 62 poemas manuscritos e 34 datilografados perfazendo um total de 95 poemas escritos em papéis avulsos entre os anos de 1940 a 1987. Uma parte considerável desses poemas possuem mais de um testemunho. Isso elevou o número de textos que foram manipulados em função da edição. Muitos dos poemas manuscritos foram posteriormente datilografados pelo autor ou vice versa, de modo que, o número dos textos editados que aparecem na edição apresentada neste trabalho é de 86 poemas. Taylane Santos (2017), em sua dissertação, editou o poema *Bom Sucesso* e apresentou, além da versão encontrada no dossiê das poesias avulsas, uma segunda versão identificada no caderno *Canções de Meu Caminho* 3 ed. Santos (2017), expôs separadamente as duas versões do poema, haja vista, as consideráveis diferenças entre ambos.

Neste trabalho optou-se por apresentar as duas edições conforme aparece em Santos (2017). Pois, embora os textos sejam diferentes, existem aspectos que mostram que a versão encontrada no caderno *Canções de Meu Caminho* 3 ed. pode, de alguma maneira, estar relacionada ao poema de título homônimo encontrado nos avulsos. Assim, é mister que os leitores do presente trabalho tenham acesso a ambas as edições.

No dossiê das poesias avulsas foram identificados textos de caráter heterogêneo, ou seja, compostos por fragmentos extraídos de dois ou mais textos diferentes como é o caso de uma opinião que aparece nos textos *Edy* e *Opinião*. Essa particularidade muito revela sobre a versatilidade da escrita e também da necessidade de auto afirmação do autor. Já que o poeta incluiu nesses poemas o fragmento que supostamente advém da opinião positiva de uma leitura de seus poemas.

Os suportes materiais em que o poeta Eulálio Motta escreveu os poemas avulsos são variados e os testemunhos podem ser encontrados em livros publicados pelo autor, nos seus cadernos, em datiloscritos, em antologias organizadas por outros autores, em panfletos, folhetos e jornais, além, claro, das folhas avulsas.

A seguir, apresentam-se os quadros com os poemas manuscritos e datiloscritos respectivamente:

Quadro 3: Poemas Manuscritos

TÍTULO DO TEXTO
UMA DÚZIA DE TROVAS PARA MEUS DOIS PRONOMES: TU E VOCÊ
ANIVERSÁRIO D'ELA
CANTIGA DE NINAR
CANTIGA PARA SE DORMIR...
EDY
EDY(2)
DEPOIS
DIA DO NAMORADO
QUANDO VC SE CASOU
FAZ DE CONTA
HINO DO GINÁSIO MUNDO NOVO
IMPOSSÍVEL
TAMARINDEIRO
NOTURNO
ÚLTIMO MOMENTO
SAUDADE
SOZINHO
TROVAS ANTOLÓGICAS (1)
TROVAS ANTOLÓGICAS
VOLTE, QUERIDA
PEDIR QUE VOLTE, JAMAIS...
SE VOCÊ NUNCA SERÁ
ANTIGAMENTE EU DORMIA
OPINIÃO
PARABÉNS
REDONDILHA
SAUDADE DE MONTE ALEGRE
RETICENCIAS
TROVA:
TROVAS... (1)
ELA SE ESQUECEU DE MIM
TROVAS DE HOJE, 29-987
TU E VOCÊ
DEMÔNIO
1933... FOTOGRAFIA
A FUGA...
A ULTMA VEZ
ELA
A MESINHA
AMEM...
AQUELA ALMOFADA
DE MEU CADERNO DE TROVAS
FICOU CHORANDO...
ESTÓRIA DA CAROCHINHA...
MOMENTO DE POESIA
PRIMEIRA VEZ...
TERIA DITO?
TERRA DE PERMISSÃO
TROVAS VIVIDAS
A SANTA DO PAU ÔCO...
AQUELA HISTÓRIA...
CACHOEIRA DE "FERRO DOIDO"
CARNAVAL DE MUNDO NOVO
CLARÃO...

INSÔNIA...
O TELEFONE
PARA ALTO BONITO...
SILÊNCIO
TÉDIO
TRISTEZA
JACOBINA
DIA DO ESTUDANTE

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quadro 4: Poemas Datiloscritos

TÍTULO DO TEXTO
A CARTA QUE NÃO VEIO...
AQUELA RUA...
BOM SUCESSO
DEMÔNIO...
DEPOIS
DOZE TROVAS PARA ELA...
EPITÁFIO...
“FAZENDA VACA PARIDA”
GRUPO DE TRÊS...
MEU POEMA DE ESTUDANTE POBRE
UMA DUZIA DE TROVAS PARA ELA...
SAUDADE...
PONTOS DE HISTÓRIA DE MINHA VIDA...
A MESINHA
REENCOTRO COM DEUS
FOTOGRAFIA DE 1933...
NO DIA SEGUINTE...
PONTO FINAL...
Se...
NINGUÉM CONSEGUE DAR FIM
TRISTEZA RESIGNADA...
TROVAS...(2)
VOCÊ
VOLTAR
A FUGA
ACONTECEU...
ALTO BONITO
BATENDO À SUA PORTA...
FINAL...
ESTÓRIA DA CAROCHINHA...
MEA CULPA...
ANIVERSÁRIO D’ELA
HINO DO COLÉGIO MUNDO NOVO
INDICAÇÕES DO CARIMBO

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.⁶

No *corpus* editado, foram identificados três poemas de autoria de terceiros. Dois destes poemas foram assinados com o prenome Mércia, cuja identidade ainda permanece

⁶ O poema de número 20 do quadro 4 recebeu o título de Jurema em testemunho encontrado no caderno *Meu caderno de trovas*.

desconhecida, e o terceiro é de autoria de um sobrinho de Eulálio Motta, João Tertuliano que é funcionário aposentado do Banco do Brasil e poeta. Atualmente, João Tertuliano mora em Feira de Santana. As descobertas destes textos no acervo de Eulálio Motta revelam que ele colaborava de alguma maneira nas produções de outros poetas ou aspirantes. Abaixo, constam os poemas de autoria de Mércia e João Tertuliano Motta.

Quadro 5: Poemas manuscritos de terceiros:

TÍTULO DO TEXTO
POR ACASO TE CONHECI – Autoria: Mércia
CONCEPÇÃO DE VIDA - Autoria: Mércia

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quadro 6: Poemas datiloscrito de terceiro:

TÍTULO DO TEXTO
DORME EM PAZ E PERDOA: - autoria: João Tertuliano de A. Motta

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O autor também partilhava seus escritos com seus colegas. Isso pode ser confirmado, por exemplo, por bilhetes do autor encontrados entre as poesias avulsas.

Entre os poemas avulsos de Eulálio Motta, consta certo número de poemas que não foram publicados, ficando seus testemunhos espalhados em cadernos ou em papéis avulsos. Dessa forma, faz-se necessário identificar os poemas inéditos e os éditos (c.f. Quadro 7).

Quadro 7: Poemas éditos

ÉDITOS
VOCÊ
ANIVERSÁRIO D'ELA
NOTURNO
IMPOSSIVEL
CANÇÃO DE NINAR
FAZ DE CONTA
TAMARINDEIRO
FAZENDA VACA PARIDA
DEPOIS
JACOBINA
HINO DO GINÁSIO MUNDO NOVO
EPITÁFIO
MEU POEMA DE ESTUDANTE POBRE
ÚLTIMO MOMENTO
SOZINHO
O TELEFONE
EDY
A MESINHA
TROVAS ANTOLÓGICAS

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quadro 8: Poemas inéditos

INÉDITOS
UMA DÚZIA DE TROVAS PARA MEUS DOIS PRONOMES: TU E VOCÊ
A CARTA QUE NÃO VEIO
AQUELA RUA
TROVAS ANTOLÓGICAS(1)
DIA DO NAMORADO
GRUPO DE TRÊS
BOM SUCESSO
UMA DUZIA DE TROVAS PARA ELA
MEA CULPA
TU E VOCÊ
SILÊNCIO
RETICÊNCIAS
TRISTEZA
TERRA DE PROMISSÃO
CACHOEIRA DE FERRO DOÍDO
A SANTA DO PAU OCO
PARABÉNS
INSÔNIA
CLARÃO
TÉDIO
VOLTE, QUERIDA
CARNAVAL DE MUNDO NOVO
AMÉM...
ACONTECEU...
VOLTAR
PONTO DE ESTÓRIA DA MINHA VIDA
BATENDO A SUA PORTA
DEMÔNIO...
A ÚLTIMA VEZ
NINGUEM CONSEGUE DAR FIM
A FUGA
ESTÓRIA DA CAROCHINHA
FOTOGRAFIA DE 1933...
SAUDADE(2)
TERIA DITO
PARA ALTO BONITO
NO DIA SEGUINTE...
FINAL
INDICAÇÕES DO CARIMBO
FICOU CHORANDO
AQUELA ALMOFADA
MOMENTO DE POESIA
DE MEU CADERNO DE TROVAS
TROVAS DE HOJE, 28-4-987
OPINIÃO
TROVAS VIVIDAS
PRIMEIRA VEZ
SE
TRISTEZA RESIGNADA
AQUELA HISTÓRIA
ELA
REENCONTRO COM DEUS
SAUDADE DE MONTE ALEGRE!
EDY:(2)

ALTO BONITO
TROVAS...(1)
TROVAS...(2)
PONTO FINAL
REDONDILHAS
ELA SE ESQUECEU DE MIM ⁷
ADOECEU
PEDIR QUE VOLTE, JAMAIS...
SE VOCÊ NUNCA SERÁ
ANTIGAMENTE EU DORMIA...
TROVA:
DIA DO ESTUDANTE

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

No *corpus* do dossiê das poesias avulsas constam poemas já editados por Barreiros (2012-2015) e Santos (2017). Há também poemas que fazem parte do *corpus* das poesias avulsas que foram editados por Cintra (2019), pois consta nestes poemas avulsos indicação de que o autor pretendia publicá-los no projeto de livro denominado *Luzes do crepúsculo*, objeto de pesquisa de Cintra (2019). Desse modo, a seguir consta uma tabela com os poemas já editados por Barreiros (2012-2015) e por Santos (2017), cujas tese e dissertações já foram publicadas e um quadro com os poemas editados por Cintra (2019).

Quadro 9: Poemas editados por Patrício Barreiros

Título do Texto
O TELEFONE
TROVAS ANTOLÓGICAS
ANIVERSÁRIO D'ELA...
IMPOSSÍVEL
MEA CULPA...
ÚLTIMO SONHO

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quadro 10: Poemas editados por Taylane Santos

Título do Texto
A CARTA QUE NÃO VEIO...
AQUELA RUA...
DIA DO NAMORADO
JACOBINA
ANIVERSÁRIO D'ELA
FAZENDA VACA PARIDA
BOM SUCESSO
DOZE TROVAS PARA ELA
DEPOIS
EPITÁFIO
FAZ DE CONTA
HINO DO GINÁSIO MUNDO NOVO

⁷ Os textos numerados em 50 e do 59 ao 64 do quadro 8 são quadras. Algumas reaparecem como estrofes de outros poemas, mas optou-se por coloca-las entre os poemas inéditos porque nenhuma foi publicada individualmente.

SOZINHO
IMPOSSÍVEL
ULTIMO MOMENTO
CANTIGA DE NINAR
UMA DÚZIA DE TROVAS PARA MEUS DOIS PRONOMES: TU E VOCÊ
TROVAS ANTOLÓGICAS
SAUDADE
GRUPO DE TRÊS
UMA DÚZIA DE TROVAS PARA ELA
ULTIMO SONHO
MEU POEMA DE ESTUDANTE POBRE
NOTURNO

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 11: Poemas editados por Pâmella Cintra⁸

Título do Texto
RETICÊNCIAS
TRISTEZA
TERRA DE PROMISSÃO
TÉDIO
VOLTE, QUERIDA
HINO DO GINÁSIO MUNDO NOVO
CANÇÃO DE NINAR

4.1.1 Critérios de Edição

Os critérios de edição a serem utilizados nas edições crítico-genéticas dos poemas avulsos de Eulálio Motta seguem as orientações do grupo de pesquisa *Edição das obras inéditas de Eulálio Motta* e, dessa maneira, a cada nova necessidade que surge nas edições os critérios são ampliados.

Neste trabalho optou-se por apresentar essas edições com a respectiva descrição dos testemunhos e análise das variantes na íntegra quando não houver dados novos a serem acrescentados.

A seguir os critérios de edição:

(i) A ordenação dos textos obedece à sua cronologia quando datados. Textos não datados ou cuja data não pode ser conjecturada aparece após os textos cronologicamente ordenados.

(ii) Quanto à estrutura da edição:

⁸ Os poemas *Hino do ginásio Mundo Novo* e *Canção de Ninar* do quadro 11 foram editados por Santos (2017) e posteriormente revistos e reeditados por Cintra (2019).

a) Os politestemunhais:

Título, seguido da apresentação dos testemunhos, informando as fontes;

Descrição física dos testemunhos;

Análise das variantes

Texto crítico com o aparato organizado à margem direita da página;

Notas explicativas em pé de página, quando há necessidade;

b) Os monotestemunhais:

Título, seguido da apresentação do testemunho, informando a fonte;

Descrição física do testemunho;

Texto crítico com o aparato;

Notas explicativas em pé de página, quando necessário;

(iii) código estabelecido para a identificação dos testemunhos na descrição e aparato crítico-genético:

a) quando o título do poema compõe-se de apenas uma palavra utilizou-se, em maiúsculo, a primeira letra das duas primeiras sílabas;

b) quando se compõe de mais de uma palavra, utilizaram-se as iniciais das duas primeiras palavras em maiúsculo;

c) para os textos com mais de um testemunho, após as letras que identificam o título do poema acrescentam-se as letras L para livro, M para manuscrito, D para datiloscrito, J para jornal, R para recorte que, quando não identificado, segue-se um ñ;

d) quando há mais de um testemunho em livro ou em manuscrito acrescentou-se um número arábico em ordem crescente para facilitar a identificação;

(iv) Critérios para escolha do texto base:

a) para os textos que apresentam testemunho único, este indubitavelmente foi considerado como o texto de base, pois não há possibilidade de escolha.

b) para os textos politestemunhais foi escolhido como texto de base o último escrito pelo autor ou avalizado por ele, quando for impresso.

c) para as quadras, foi escolhido como texto de base o mais completo.

(v) A apresentação do texto crítico:

a) Título do poema em caixa alta;

b) Código estabelecido para identificação do texto de base, alinhado à margem esquerda;

- c) Os versos numerados de 5 em 5 e indicados à margem esquerda;
- d) Apresenta-se o aparato ao lado do texto crítico, à direita. Indicam-se as variantes em negrito e em fonte menor em relação ao texto crítico.
- e) Os textos já editados por outros pesquisadores, mas que constam no presente *corpus* serão reproduzidos e indicado a fonte e a análise das variantes. Caso seja necessário se fará nova edição com correções ou acréscimos de informações. Isso ocorre quando se identifica um novo testemunho que não aparece nas edições já feitas.
- f) Caso a edição filológica reproduzida anteriormente não possua análise das variantes, esta será acrescentada.

Os símbolos utilizados para mostrar o processo de escrita do autor são:

- { } seguimento riscado, cancelado;
- {†} seguimento ilegível;
- {†} /\ segmento ilegível substituído por outro legível na relação {ilegível} /legível\;
- { } /\ substituição por sobreposição, na relação {substituído} /substituto\;
- { } [↑] riscado e substituído por outro na entrelinha superior;
- { } [↓] riscado e substituído por outro na entrelinha inferior;
- { } [→] riscado e substituído por outro na margem direita;
- { } [←] riscado e substituído por outro na margem esquerda;
- [] acréscimo no curso da linha;
- [↑] acréscimo na entrelinha superior;
- [↓] acréscimo na entrelinha inferior;
- [→] acréscimo na margem direita;
- [←] acréscimo na margem esquerda;
- [↑{ }] acréscimo na entrelinha superior riscado;
- [↑{†}] acréscimo na entrelinha superior ilegível;
- [↑{ } /\] acréscimo na entrelinha superior riscado e substituído por outro na sequência;
- [↑{†} /\] acréscimo na entrelinha superior ilegível e substituído por outro na sequência;
- [↓{ }] acréscimo na entrelinha inferior riscado;
- [↓{†}] acréscimo na entrelinha inferior ilegível;
- [↓{ } /\] acréscimo na entrelinha inferior riscado e substituído por outro na sequência;
- [↓{†} /\] acréscimo na entrelinha inferior ilegível e substituído por outro na sequência;

[*↑] parte do texto localizada à margem superior indicada pelo autor através de seta, linha ou números remissivos;

[*↓] parte do texto localizada à margem inferior indicada pelo autor através de seta, linha ou números remissivos;

[*→] parte do texto localizada à margem direita indicada pelo autor através de seta, linha ou números remissivos;

[*←] parte do texto localizada à margem esquerda indicada pelo autor através de seta, linha ou números remissivos;

[(f. ou p.)] parte do texto localizada em outro fólho ou página indicada pelo autor a partir de números e letras remissivos ou anotações. Nesses casos, o número do fólho ou da página aparecem entre parênteses;

/ * / leitura conjecturada;

() intervenção do editor (acrêscimos e informações);

4.1.2 A edição

4.1.2.1 Silêncio

Há dois testemunhos do poema *Silêncio*. Um dos testemunhos foi encontrado no CLC (A4.CV1.04.001) e o outro no MA (EH1.850.CL.08.004).

Descrição física dos testemunhos

SL 1

O texto ocupa o recto de três folhas do caderno *Luzes do crepúsculo* que é um projeto de livro de poesia de Eulálio Motta. As folhas encontram-se numeradas pelo autor. Na primeira folha verificam-se rasuras e correções. As folhas estão com aspecto amarelado pela ação do tempo. O arame da encadernação enferrujou e danificou as folhas. A tinta espalhou-se deixando alguns borrões no papel. A mancha escrita é em cor azul, mas também aparece tinta vermelha no título e na paginação do texto, e tinta preta na parte superior, próximo ao título. Há um sinal de conferência na margem superior.

A folha mede 225mm de comprimento e 160mm de largura. A mancha escrita da primeira folha contém 24 linhas, a segunda 20 e a terceira 22 linhas.

SL 2

Este testemunho é dividido em três folhas pautadas avulsas. Na primeira folha o poema é composto por três estrofes. Não há rasuras, acréscimos ou marcas de correção do autor. A tinta de escrita do documento é preta. O testemunho está conservado, embora o papel esteja com aspecto bastante escurecido pela ação do tempo. A folha mede 219mm de largura por 33mm de altura. A mancha escrita corresponde a 32 linhas.

A segunda folha pautada avulsa é composta por quatro estrofes, sendo que a primeira corresponde à continuação da última estrofe da primeira folha pautada avulsa. Não há rasuras, acréscimos ou marcas de correção do autor. A tinta de escrita do testemunho é preta. O documento está conservado, embora o papel esteja com aspecto bastante amarronzado. A folha mede 21,9 mm de largura por 33 mm de altura. A mancha escrita corresponde a 30 linhas.

Na terceira folha pautada avulsa o testemunho é composto pela última estrofe do poema. Não há rasuras, acréscimos ou marcas de correção do autor. A tinta de escrita do documento é preta. O testemunho está conservado, embora o papel esteja com aspecto bastante amarronzado. A folha mede 219mm de largura por 33mm de altura. A mancha escrita corresponde a 7 linhas. As folha pautada avulsa deste poema são manuscritos.

Análise das variantes

A análise das variantes do poema *Silêncio* evidenciou que o autor fez consideráveis modificações no poema no decorrer de sua escrita. Muitas destas modificações são evidenciadas no testemunho elencado como última versão, evidenciando que o processo de escrita de Eulálio Motta foi marcado por desistências, cancelamentos e quebra de versos. O autor cancelou o título de SL1 que era *Retorno* e substituiu por *silêncio*. Esta mudança é confirmada em SL2. Assim como o cancelamento da dedicatória do poema para Pithon Barreto, cuja identidade ainda se desconhece. O testemunho SL2 também traz outras mudanças que não foram sinalizadas no SL1 a exemplo das quebras de verso, deslocamentos de palavras, acréscimos de palavras e versos.

O testemunho elencado como versão mais recente deste texto é, curiosamente, o manuscrito avulso SL2, pois este traz o texto limpo e com as modificações sinalizadas no documento SL1. Geralmente, espera-se que o texto seja escrito em suportes avulsos como rascunho para só então ser copiado para o caderno. Mas Eulálio Motta inverte essa ordem, tornando rascunho o texto que se encontra no caderno em que estava organizando seu projeto de livro. Esse fato mostra o quanto o processo de escrita é dinâmico e aberto. O autor pode escrever o seu texto em um suporte aparentemente definitivo, mas a consulta e correção do seu texto nesses suportes pode leva-lo à reescrita do texto, evidenciando muitas vezes consideráveis modificações. Esse trabalho laborioso só pode ser evidenciado através de uma análise que leve em conta os rascunhos com suas rasuras, correções, supressões e acréscimos. Foram também detectadas palavras iniciadas em maiúsculas no SL1 que aparecem em minúscula no SL2 e vice-versa.

Figura 12: Reto do fac-símile do poema *Silêncio* (EH1.850.CL.08.004)

SILÊNCIO

Cheguei da cidade.
 Salvador.
 Rua Chile. Vitrines.
 Filas do "Lacerda."
 Filas do charriou.
 Filas de ônibus.
 Filas dos cinemas.
 Filas. Filas. Filas.
 Jornais. Revistas. Canelôs.
 "Bahianas". Acarajês.
 Corre-corre. O relógio.
 — Que horas são?
 Corre-corre. Paradas forçadas nas filas.
 — Que horas são?
 Suor. Do taçad.
 Ruídos. Comícios. Candidatos.
 Nomes de candidatos:
 no asfalto, nos postes, nas paredes.
 Nas bocas horríveis dos altos-falantes.
 É o povo indiferente. Cansado.
 Cético. Risonho. Resignado.
 Não se importando
 se é Jânio que vem
 se é Lott que vai.

Comidas de hotel.
 Noites mal dormidas.

É agora este silêncio
 aqui na fazenda...
 Céu alto!...
 horizontes largos... lonjuras... azuis...
 A "Serra do Tombador,"

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Figura 13: Reto do fac-símile do poema *Silêncio* (EH1.850.CL.08.004)

Olhada daqui de longe,
 parece um enfeite azul
 na linha do horizonte...

Silêncio... silêncio...
 Um bem-te-vi cantava na pouca,
 no umbuzeiro do quintal...
 Agora calou.

O vento que fazia
 garfalhós no bananal
 Também agora parou...
 pra não quebrar o silêncio...

Há uma pomba de sica
 dizendo "gogo-pagou"...
 O grito fino e longe de um "peixe-frito",
 parece alfinetadas
 na pele do silêncio...

O pessoal de casa saiu:
 passeios de domingo no vizinho.
 Fiquei sosinho.
 Eu e o silêncio.
 Nós dois sosinhos...
 Como nos damos bem!

Perguntas no silêncio...
 Monólogo de quem não teve
 alguém para o diálogo:
 - Quem fez aquela "Serra
 do Tombador"?
 estas montanhas, estes vales,
 esta paisagem?
 Os passaralinhos de meu quintal?

Figura 14: Verso do fac-símile do poema *Silêncio* (EH1.850.CL.08.004)

estas flores e boninas da malhada?
este azul, este céu,
este silêncio, esta tranquilidade,
esta paz que não mereço?

Muito obrigado, Senhor!

Jufulio Motta
2.10.960.

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com o aparato

SL2

SILÊNCIO

	Cheguei da cidade.	SL1 - {RETÔRNO...}/Silencio... \ SL2 – SILÊNCIO
	Salvador.	SL1 - {Para o PITHON BARRETO}
	Rua Chile. Vitrines.	SL1 Vitrinas SL2 Vittrines
5	Filas do “Lacerda.”	
	Filas do charriot	SL1 charriou SL2 charriou.
	Filas de ônibus.	SL1 dos ônibus SL2 de ônibus
	Filas dos cinemas.	
	Filas. Filas. Filas.	
10	Jornais. Revistas. Camelôs.	
	“Baianas”. Acarajés.	SL1 “Bahianas” SL2 “Bahianas”
	Corre-corre. O relógio.	SL1 corre-corre SL2 Corre-corre
	- Que horas são?	
	Corre-corre. Paradas forçadas nas filas.	
15	-Que horas são?	
	Suor. Lotação.	
	Ruídos. Comícios. Candidatos.	SL1 Ruídos. Comícios SL2 Ruídos. Comícios
	Nomes de candidatos:	
	no asfalto, nos postes, nas paredes.	
20	Nas bocas horríveis dos alto-falantes.	SL1 altos-falantes SL2 altos-falantes
	E o povo indiferente. Cansado.	SL1 E o [††] povo
	Cético. Risonho. Resignado.	SL1 {Risonho} SL2 Risonho
	Não se importando	
	se é Jânio que vem	SL1 Se é Jânio / vem, SL2 se é Jânio / vem
25	se é Lott que vai:	SL1 que vai... SL2 que vai:
	Comidas de hotel.	
	Noites mal dormidas.	
	E agora este silêncio	
	aqui na fazenda...	
30	Céu alto...	
	horizontes largos... bonitos... azuis...	SL1 largos, bonitos, azuis... SL2 largos...bonitos... azuis...
	A “Serra do Tombador,”	LS1 “Serra do Tombador...” SL2 “Serra do Tombador,”
	olhada daqui de longe,	SL1 de longe SL2 de longe,
	parece um enfeite azul	
35	na linha do horizonte...	
	Silêncio... silêncio...	SL1 Silêncio... Silêncio... SL2 Silêncio... silêncio...

	Um bem-te-vi cantava, há pouco, no umbuzeiro do quintal...	SL1 ha pouco SL2 ha pouco
	Agora calou.	SL1 umbuseiro SL2 umbuseiro
40	O vento que fazia farfalhos no bananal	SL2 {agora} /agora\
	Também agora parou... pra não quebrar o silêncio...	SL1 vozes do silêncio:
	Há uma pomba de seca	SL1 uma pomba SL2 Há uma pomba SL1 Sêca SL2 sêca
45	dizendo “fogo-pagou”... o grito fino e longe de um “peixe-frito; parece alfinetadas na pele do silêncio...	SL1 “fogo-pagou!” SL2 “fogo-pagou”...
	O pessoal de casa saiu: passeios do domingo no vizinho.	SL1 E o grito fino e longe do “peixe-frito” SL2 o grito fino e longe de um peixe-frito;
50	Fiquei sozinho. Eu e o silêncio. Nós dois sozinhos... como nos damos bem!	SL1 visinho SL2 visinho SL1 sosinho SL2 sosinho SL2 Eu e o silêncio SL1 Nós dois sozinhos: eu e o silêncio! SL2 Nós dois sozinhos
	Perguntas no silêncio...	SL1 Perguntas monologadas no silêncio: SL2 Perguntas no silêncio
55	Monólogo de quem não teve alguém para o diálogo: -Quem fez aquela “Serra do Tombador? estas montanhas, estes vales, esta paisagem?	SL2 alguem SL1 “Quem fez aquela serra do tombador”? SL2 Quem fez aquela “Serra
60	os passarinhos de meu quintal? estas flores de boninas da malhada? este azul, este céu, este silêncio, esta tranquilidade,	SL1 Estas montanhas, estes vales, esta paisagem? SL2 estas montanhas, estes vales,
65	esta paz que não mereço? Muito obrigado, Senhor!	SL1 Os passarinhos SL2 os passarinhos SL1 Estas flores / de malhada SL2 estas flores / da malhada SL1 Este azul, este céu, este silêncio? SL2 este azul, este céu, SL1 Esta tranquilidade, esta paz SL2 este silêncio, esta tranquilidade, SL1 que não mereço? SL2 esta paz que não mereço?
	[Eulálio Motta] 2,10,960	SL1 2-10-960. SL2 [Eulálio Motta] 2,10,960

4.1.2.2 Tristeza

Conforme Cintra (2019), o poema Tristeza dispõe de um único testemunho manuscrito no MA (EH1.845.CL.07.009).

Descrição física do testemunho

TTM

A folha do testemunho mede 111mm de largura por mm 326mm de altura. A mancha escrita corresponde a 36 linhas. O poema é composto por três estrofes. Não há rasuras, acréscimos ou correção do autor. A tinta de escrita do documento é azul. O documento encontra-se conservado.

Figura 15: fac-símile do poema *Tristeza* (EH1.845.CL.07.009)

TRISTEZA

Tristeza...
 não é este fim de inverno...
 começo de verão...
 com esta paisagem nordestina
 nesta desolação:
 milharais infelizes,
 torcendo o pescoço
 e murcharão os sabugos sem caroços
 por falta de umidade nas raízes...

Tristeza...
 não é a morte da mocidade...
 não é saudade da juventude...
 não é ausência da amada...
 não é nem mesmo ausência de alegria
 nesta hora em que as sombras do crepúsculo
 começam a descer
 sobre o meu dia...

Tristeza...
 é este tédio!
 é esta solidão
 dos que se sentem totalmente sós,
 estejam no deserto
 ou em meio à multidão!
 São estas trevas!
 esta escuridão
 dos que ficaram sós...
 porque apagaram, nas tuas vilas,
 aquela claridade que cintila
 nos risos das crianças
 e nas lágrimas dos Jós!

Do livro:
 "Luzes do crepúsculo,"
 inédito.

Eulálio Motta
 23.7.63

Texto crítico com aparato

TTM

TRISTEZA

Tristeza...
 não é este fim de inverno...
 começo de verão...
 5 com esta paisagem nordestina
 nesta desolação:
 milhares infelizes,
 torcendo o pendão
 e murchando os sabugos sem caroços
 10 por falta de unidade nas raízes...

TZ raízes

Tristeza...
 não é a morte da mocidade...
 não é saudade da juventude...
 não é ausência da amada...
 15 não é nem mesmo ausência de alegria
 nesta hora em que as sombras do crepúsculo
 começam a descer
 sobre o meu dia...

Tristeza...
 20 é este tédio!
 é esta solidão
 dos que se sentem totalmente sós,
 estejam no deserto
 ou em meio à multidão!
 25 São estas trevas!
 esta escuridão
 dos que ficaram sós...
 porque apagaram, nas suas vidas,
 aquela claridade que cintila
 30 nos risos das crianças
 e nas lágrimas dos Sós!

[Eulálio Motta]
 23,7,63

Do livro:
 “Luzes do crepúsculo”,
 inédito.

4.1.2.3 Terra de Promissão

Segundo Cintra (2017) o poema dispõe de dois testemunhos: um manuscrito no CLC - f. 32r-33r (A4.CV1.04.001), e o outro, um manuscrito no MA (EH1.851.CL.08.005). A edição não apresenta dados novos, portanto apresenta-se a seguir a edição e análise das variantes conforme Cintra (2017).

Descrição física dos testemunhos

TPM1

A folha do testemunho avulso mede 111mm de largura por 328mm de altura. Trata-se de um manuscrito em tinta azul. A mancha escrita corresponde á 35 linhas. Título sublinhado à L. 1. À L. 15 consta uma rasura. À L. 34 consta a rubrica “Liota”, logo abaixo o local e data “Novembro, 963”. O documento encontra-se conservado, porém a cor do papel está amarronzado.

TPM2

A folha do documento encontrado no CLC mede 225mm de comprimento e 160mm de largura. O Texto em tinta azul. Fólio 32r: a mancha escrita ocupa todas as 23 linhas que compõem o papel, título na L. 1 em caixa alta, com exceção da preposição “de”, escrito em tinta azul e sublinhado por pontilhados. Na extremidade superior direita consta o número do papel e logo abaixo há sinalizações em forma de “V” em tinta vermelha e a lápis, o que mostra que esse texto foi revisto, corrigido pelo autor. À esquerda dos cinco primeiros versos há uma mancha ocasionada por algum tipo de líquido, provavelmente água, no entanto, não interfere na leitura do texto. Fólio 33r: a mancha escrita ocupa 12 linhas das 23 que compõem o papel. À esquerda dos cinco primeiros versos encontra-se a mancha já descrita anteriormente. À L. 12 consta a data “1963”.

Análise das variantes

Na análise dos testemunhos foram verificadas variações a partir do título. Constatou-se acréscimos de versos e preferência pelo uso da reticência. Verificou-se que o escritor fez

várias alterações na palavra *século*, já que em cada testemunho fez uso de uma palavra diferente. Sobre os versos que não integram o testemunho TPM1, percebeu-se que são importantes para a compreensão do empecilho que o eu-lírico enxerga para a concretude de um romance, pois evidenciam uma possível diferença de idade entre ambas as partes. No testemunho de base, a grafia da palavra *sonho* com a letra inicial maiúscula difere da grafia do manuscrito TPM1, assim como o seu sentido. No primeiro, a palavra *sonho* significa nome de lugar e não o ato de sonhar presente no segundo. Além disso, foi notada a quebra de versos no testemunho TPM1, e uma outra variação encontrada diz respeito à assinatura do poema, no qual aparece o nome de um dos pseudônimos de Eulálio Motta.

Por se tratar de dois manuscritos escritos no mesmo ano, optou-se pela escolha do testemunho TPM2, localizado no CLC, como texto de base. Este apresenta um texto coerente, bem articulado e sem rasura.

Figura 16: Fac-símile do poema *Terra de promessa* localizado no CLC fólho 32r (A4.CV1.04.001)

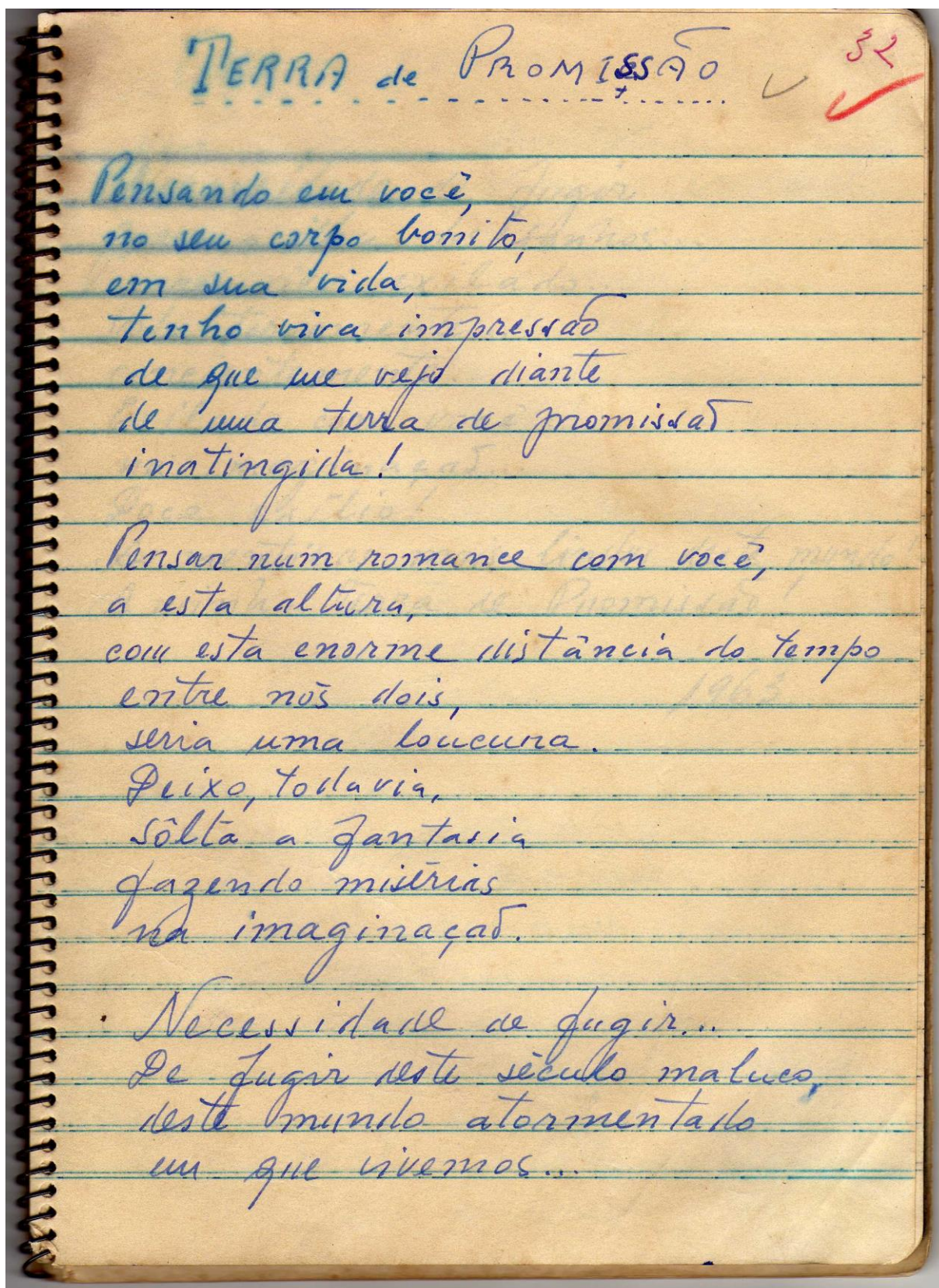
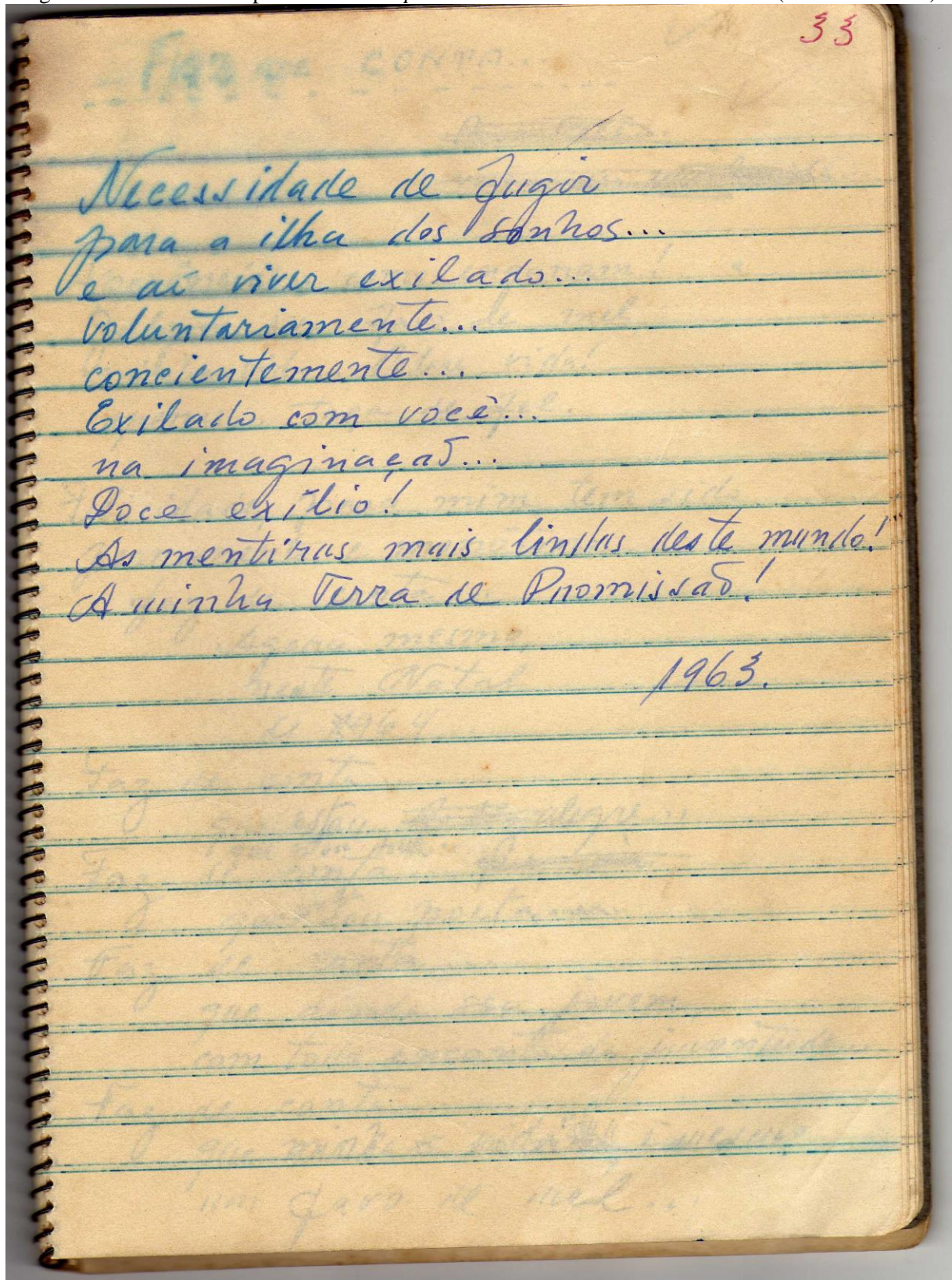


Figura 17: Fac-símile do poema *Terra de promessa* localizado no CLC fólho 33r (A4.CV1.04.001)



Texto crítico com aparato

TPM2

TERRA de PROMISSÃO

Pensando em você,
no seu corpo bonito,
em sua vida,
5 Tenho viva impressão
de que me vejo diante
de uma terra de promessa
inatingida!

Pensar num romance com você,
10 a esta altura,
com esta enorme distância do tempo
entre nós dois,
seria uma loucura.
Deixo, todavia,
15 Solta a fantasia

fazendo misérias
na imaginação.

Necessidade de fugir...
De fugir deste século maluco,
20 deste mundo atormentado
em que vivemos...
Necessidade de fugir
para a ilha dos Sonhos...
e aí viver exilado...
25 voluntariamente...
conscientemente...

Exilado com você...
na imaginação...
Doce exílio!
30 As mentiras mais lindas deste mundo!
A minha Terra de Promissão!

1963.

TPM1 Terra de promessa... TPM2 {PROMISSÃO}/PROMISSÃO}

TPM1 de me encontrar diante

TPM1 Pensar em viver um romance
TPM1 com você,

TPM1 (v. i.)

TPM1 (v. i.)

TPM1 seria loucura,

TPM1 {que} a fantasia

TPM2 Sôlta

TPM1 fazer misérias na imaginação!

TPM1 fugir!

TPM1 Fugir deste século medíocre

TPM1 atormentado!

TPM1 (v. i.)

TPM1 necessidade de partir

TPM1 sonhos...

TPM1 exilado,

TPM1 voluntariamente,

TPM1 conscientemente

TPM2 concientemente...

TPM1 As mentiras mais lindas / deste mundo

TPM1 terra de promessa!

TPM1 [Liota]

TPM1 Novembro 963.

4.1.2.4 Cachoeira de “Ferro Doido”

O poema é composto por um único poema no MA (EH1.849.CL.08.003) .

Descrição física do testemunho

CFM

O testemunho mede 219mm de largura por 330mm de altura. A mancha escrita corresponde a 41 linhas. O poema é composto três estrofes. Não há rasuras, acréscimos ou marcas de correção do autor. A tinta de escrita do documento é azul. O documento encontra-se em bom estado de conservação.

Figura 18: Fac-símile do poema *Cachoeira de "ferro doido"* (EH1.849.CL.08.003)

Cachoeira de "Ferro doido"

São milhões de lâminas
de rochas super-postas
em vasta extensão
do enorme chapadão.
Planície írma
de horizontes longes...
Flora rasteira
de cactus...
Trepadeiras miúdas
numa expressão simbólica da vida:
com poucas flores
e com muito espinho...
Total ausência de plumas
e chilreios...
Abor o silêncio não existe.
Ha colorido e rumor.
Colorido de águas com de mel
com espumas com de neve
brotando das cascatas.
É na espanto de pavor
e de beleza
na boca escancarada do abismo!
Grandes blocos de rochas
fazem pontas de lança sobre o abismo
de 80 metros de altura!
É a massa d'água do jacóipe
se desprende
num fantástico "run de moiva"
de ouro líquido!
Estrondo!
Arre-ires!
Visão calidoscópica!
Coisa fantástica!

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

CFM

Cachoeira de “Ferro doido”

	São milhões de lâminas de rochas superpostas	CFM super-postas
5	em vasta extensão de enorme chapadas. planície erma de horizontes longes...	CFM êrma
	Flora raquítica de cactos...	CFM cactus...
10	Trepadeiras miúdas numa expressão simbólica da vida: com poucas flores e com muito espinho...	
15	Fatal ausência de plumas e chilreios... Mas o silêncio não existe. Há alarido e rumor.	CFM Ha
	Colorido de água cor de mel com espumas cor de neve	CFM agua côr CFM côr
20	brotando das cascatas. E no espanto de pavor e de beleza na boca escancarada de abismo!	
25	Grandes blocos de rochas fazem pontas de lança sobre o abismo de 80 metros de altura!	
	E a massa d'água do Jacuípe se despenca	CFM dagua / Jacoipe
30	num fantástico “véu de noiva” de ouro líquido! Estrondo!	CFM veu
	Arco-íris! visão caleidoscópica!	CFM Arco-ires!
35	coisa fantástica! Beleza indiscutível!	
	Naquele ermo! Naquele deserto!	CFM Naquêrmo! CFM Naquêr
	Extravagância de Natureza num desperdício enorme de beleza!	
40	[Eulálio Motta] 3-2-964	

4.1.2.5 Dia do namorado...

Conforme Santos (2017), o poema dispõe de dois manuscritos avulsos no MA (EH1.810.CL.04.004). A seguir apresenta-se a edição e análise das variantes conforme encontrado em Santos (2017), já que não há dados novos.

Descrição física dos testemunhos

DNM1

A folha mede 195mm de largura por 248mm de altura. Manuscrito em tinta azul. EH1.810.CL.04.004 (reto): a mancha escrita ocupa as 31 linhas das 31 que compõem o papel. Título na L. 1, da linha 2 a 26 os versos. No V. 1 a palavra “NAMORADO...” está em caixa alta. Na margem direita do papel entre os versos 12 e 17 encontra-se dois furos ocasionados por um furador. Abaixo do texto consta a rubrica do autor, a data e uma observação de que o texto seria inserido na terceira edição de Canções de meu caminho. E na extremidade inferior à direita do papel aparece a palavra “VIRE”, em caixa alta. EH1.810.CL.04.004 (verso): 4 linhas com versos. O documento está em bom estado de conservação.

DNM2

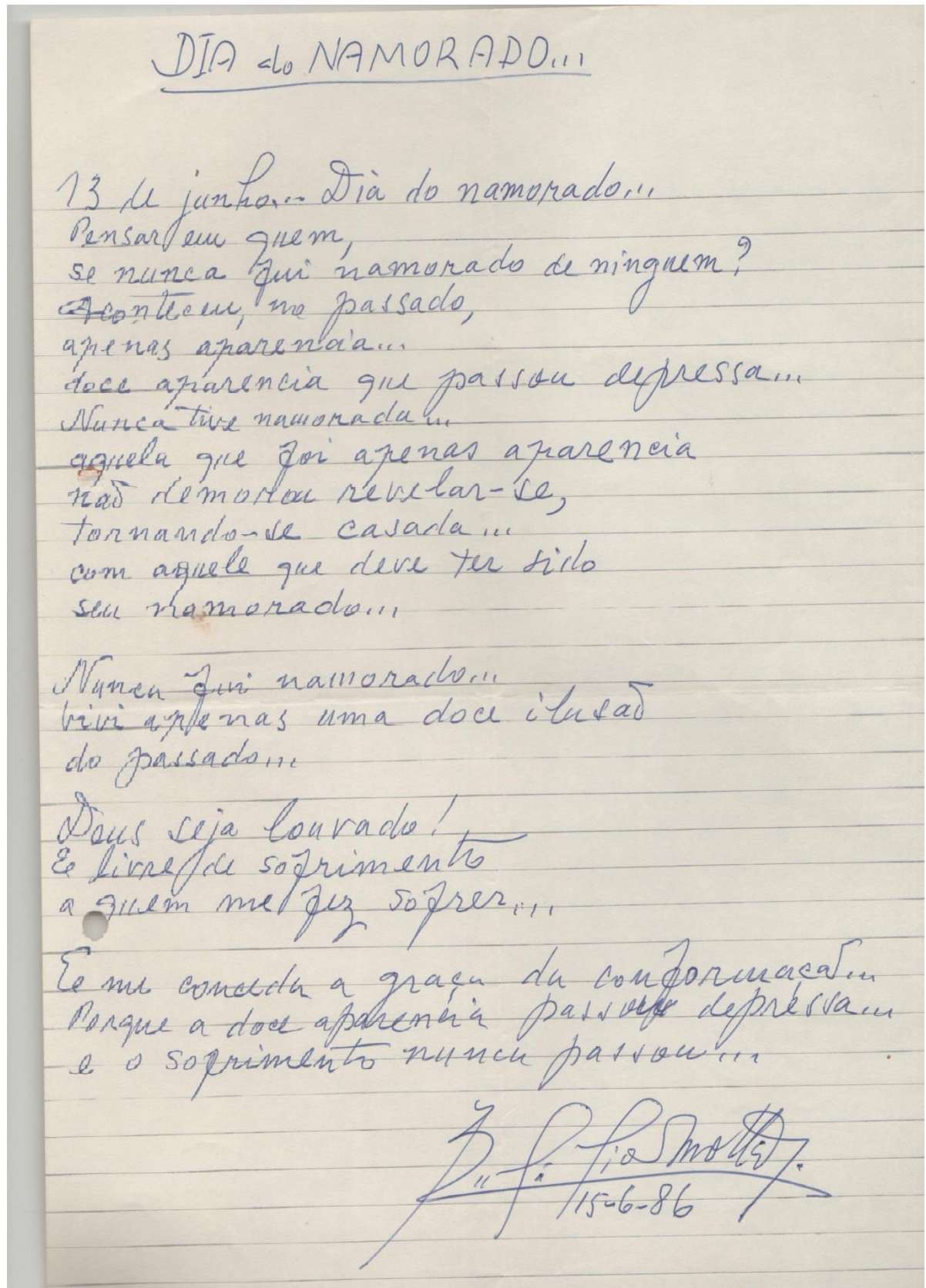
A folha mede 195 mm de largura por 248mm de altura. Manuscrito em tinta azul, a mancha escrita ocupa as 23 linhas das 30 que compõem o papel. Da linha 2 a 22 os versos. Entre a terceira estrofe e a quarta aparece um furo na lateral esquerda do papel ocasionado por um furador. Abaixo do texto consta a rubrica do autor e a data. . O testemunho está em bom estado de conservação.

Análise das variantes

Apesar do texto apresentar apenas dois testemunhos, nota-se divergências entre si em vários pontos, principalmente no final do poema. A primeira versão apresenta no V. 7 a expressão “[...] Porque não houve namorada...”, enquanto que o DNM2 expressa de uma forma mais objetiva “[...] Nunca tive namorada...”. Há também variantes no V. 8, inicialmente o poeta escreveu “[...] aparência, breve revelada” e durante a reescrita ele modificou a

organização sintática do verso gerando a expressão “[...] aquela que foi apenas aparência”, apesar das mudanças, a essência do verso permaneceu, que faz alusão à vida amorosa do eu lírico que não conseguiu concretizar seus desejos ao sofrer por alguém que não passou de aparência. Após o V. 18 do DNM2 há uma estrofe inédita com oito versos presentes no testemunho DNM1, nessa mesma versão o autor redigiu mais uma estrofe em quatro versos para finalizar o texto. Nota-se uma ânsia por parte do poeta em encontrar motivos que levaram ao eterno sofrimento, como podemos ver através dos versos “[...] Quando você se casou, / adoeceu minha vida... / Nunca mais recuperei / minha saúde perdida...”. As outras variantes são referentes à pontuação e à acentuação.

A escolha de Santos (2017), pelo DNM2 se deu por ser esta a versão mais recente.

Figura 19: Fac-símile do poema *dia do namorado* (EH1.810.CL.04.004)

Texto crítico com o aparato

DNM2

DIA DO NAMORADO...

- 13 de junho... Dia do namorado...
 Pensar em quem,
 se nunca fui namorado de ninguém?
- 5 Aconteceu, no passado,
 apenas aparência...
 doce aparência que passou depressa...
 Nunca tive namorada...
 aquela que foi apenas aparência
- 10 não demorou revelar-se,
 tornando-se casada...
 com aquele que deve ter sido
 seu namorado...
- Nunca fui namorado...
 15 vivia apenas uma doce ilusão
 do passado...
- Deus seja louvado!
 E livre de sofrimento
 a quem me fez sofrer...
- 20 E me conceda a graça da conformação...
 Porque a doce aparência passou depressa...
 e o sofrimento nunca passou...

DNM1 DIA do NAMORADO (s.r.) DNM2 DIA do NAMORADO...

DNM1 NAMORADO (s.r.)

DNM1 DNM2 ninguém?

DNM1 DNM2 aparência...

DNM1 DNM2 aparência

DNM1 Porque não houve namorada...

DNM1 aparência, breve revelada, DNM2 aparência

DNM1 a quem me trouxe tantas

DNM1 magoas ao coração...

DNM1 Deus não permita

DNM1 que eu venha a ter odio

DNM1 a quem me fez sofrer...

DNM1 Que Deus lhe dê

DNM1 muitas alegrias na vida

DNM1 e muita paz ao coração...

DNM2 aparência

DNM1 DNM2 [Eulálio Motta]

DNM1 14-6-986 DNM2 15-6-86

DNM1 A sair em "Canções de meu caminho", 3ª ed.

DNM1 VIRE

DNM1 Quando você se casou,

DNM1 adoeceu minha vida...

DNM1 Nunca mais recuperei

DNM1 minha saúde perdida...

4.1.2.6 A santa do pau oco...

O poema dispõe de apenas um único testemunho manuscrito no MA (EH1.847.CL.08.001).

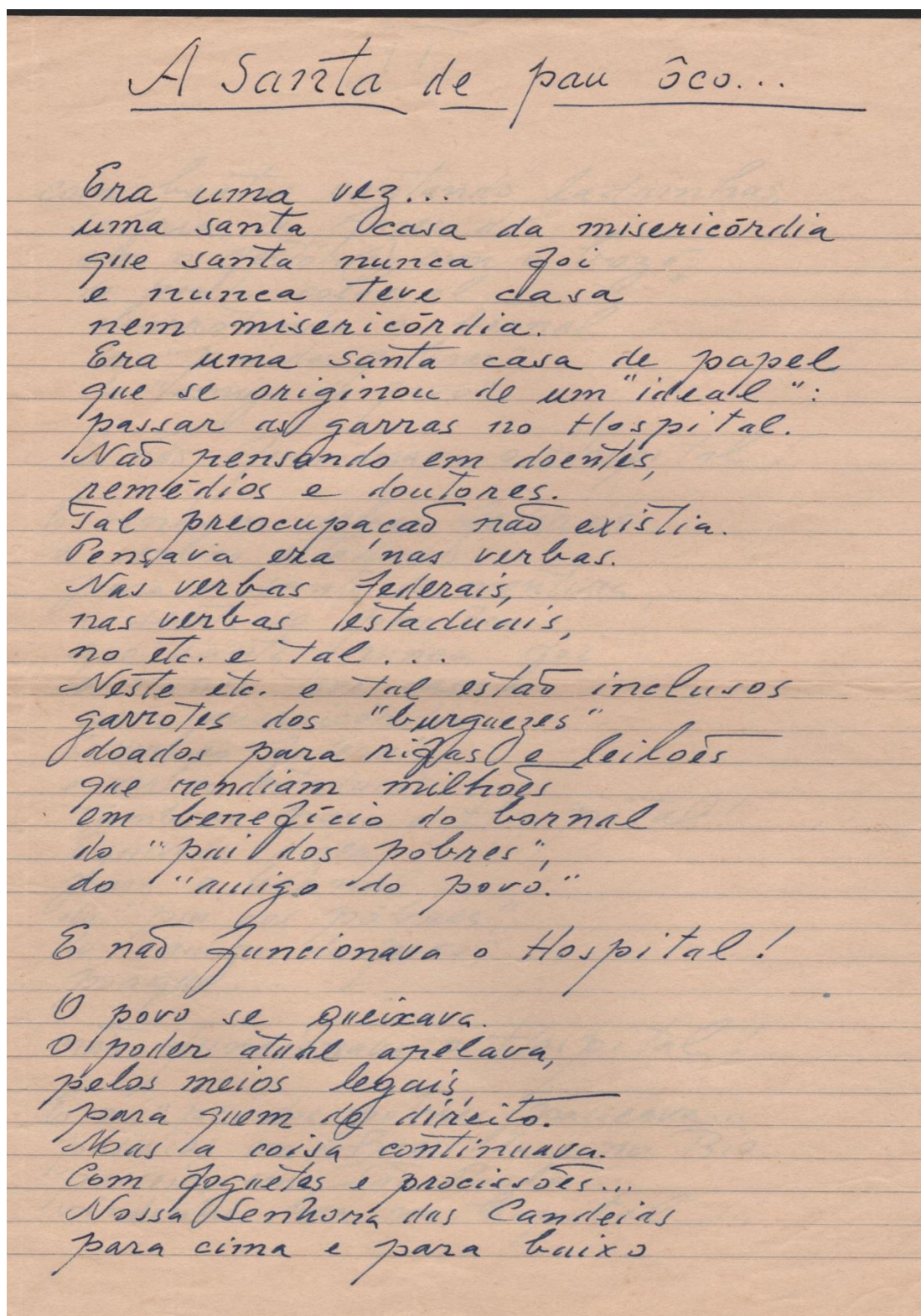
Descrição física do testemunho

SPO

O manuscrito é composto por quatro folhas avulsas. A primeira folha mede 220mm de largura por 323mm de altura. A mancha escrita corresponde a 32 linha. O testemunho contém três estrofes. Não há rasuras, acréscimos ou correção do autor. A tinta de escrita do documento é azul. O material encontra-se bem conservado, embora o papel esteja com aspecto amarronzado.

Nas demais folhas avulsas o autor as numerou com algarismos romanos de **II** a **IV**. Assim, A folha **II** mede 220mm de largura por 323mm de altura. A mancha escrita corresponde a 29 linha. O testemunho contém cinco estrofes. A folha **III** mede 220mm de largura por 323mm de altura. A mancha escrita corresponde a 30 linhas. Contém cinco estrofes. A folha **IV** mede 220mm de largura por 323mm de altura. A mancha escrita corresponde a 23 linhas e contém seis estrofes. Há uma rasura no corpo do texto.

Nas quatro folhas avulsas deste texto não foi encontrado acréscimos ou correção do autor. A tinta de escrita é azul. O material encontra-se bem conservado, embora o papel esteja com aspecto amarronzado.

Figura 20: Fac-símile do poema *A santa do pau oco* (EH1.847.CL.08.001)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Figura 21: Fac-símile do poema *A santa do pau oco* (EH1.847.CL.08.001)

II

com beatas cantando ladainhas,
 só fria de fazer do
 edm o gestôrio, com o bozo
 de memta colossal
 abarrotoando o bernal
 do "pui dos pobres"
 do "amigo do povo."

É não funcionava o Hospital!

É vinham verbas federais
 e verbas estaduais
 para a santa de mentira,
 a santa de pau oco
 que santa nunca foi
 e nunca teve casa
 nem misericórdia.

É verbas federais
 e verbas estaduais
 Também para o Hospital!
 Equivale dizer:
 para o bernal
 do "pui dos pobres"
 do "amigo do povo";
 porque...

não funcionava o Hospital!

É o "pui dos pobres" passeava...
 passeios em Brasília e no Rio...
 passeios em São Paulo...
 vindinha boa na Capital...

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Figura 22: Fac-símile do poema *A santa do pau oco* (EH1.847.CL.08.001)

III

E não funcionava o Hospital!
 O que funcionava era comércio,
 comércio clandestino,
 descarado,
 fazendo concorrência desleal,
 imoral,
 as farmácias locais,
 ao comércio legal!

Mas o povo começou a resmungar!
 No 15 de novembro de 66
 expulsara de Prefeitura
 a impostura.
 Mas a santa de papel continuava,
 as garras no Hospital!

E o resmungo do povo aumentando...
 o povo resmungando...
 resmungando...

Quando foi um dia...
 — outro dia histórico da terra! —
 o povo se danou
 e o ferro se acabou!
 De carros e caminhões,
 a cavalos e a pés,
 os grupos, as contêneas,
 marcharam pra o Hospital,
 tomaram-no "na marra!"

A turma do "pai dos pobres"
 correu apavorada, espavorida,
 levando mil mentiras

Figura 23: Fac-símile do poema *A santa do pau oco* (EH1.847.CL.08.001)

IV

pra o "jornal."
 Apeloou para a ~~justiça~~ polícia,
 apeloou para a justiça,
 encomendou mandinga
 a pois de santos. J.
 Mas tudo esborroou!
 Nada quis dar certo:
 nem polícia, nem justiça, nem jornal!
 nem pois de santos
 nem o renegado
 que também foi invocado!
 "Acabou-se
 o que era doce!"
 Acabou-se o que era mel
 para a santa de pau oco,
 para a santa de papel!
 Nem polícia, nem justiça, nem jornal!
 "É agora, José" ?
 Agora ?
 Agora funciona o Hospital!
 Eulálio Motta
 20-9-968.

Texto crítico com o aparato

SPO

A santa de pau oco...

SPO ôCO...

Era uma vez...
 uma santa casa da misericórdia
 que santa nunca foi
 5 e nunca teve casa
 nem misericórdia.
 Era uma santa casa de papel
 que se originou de um “ideal”
 passar as garras no Hospital.
 10 Não pensando em doentes,
 remédios e doutores.
 Tal preocupação não existia.
 Pensava era nas verbas.
 Nas verbas federais,
 15 Nas verbas estaduais,
 no etc. e tal ...
 Neste etc. e tal estão inclusos.
 garrotes dos “burguezes”
 doados para rifas e leilões
 20 que rendiam milhões
 em benefício do bernal
 do “pai dos pobres”,
 do “amigo do povo.”

SPO “burguezes”

E não funcionava o hospital!
 25 O povo se queixava.
 O poder atual apelava,
 pelos meios legais,
 para quem de direito.
 Mas a coisa continuava.
 30 Com foguetes e procissões...
 Nossa Senhora das Candeias
 para cima e para baixo

II

35 com boatos cantando ladainhas,
 sofria de fazer dó

com o festório, com bozó
 de renda colossal
 abarrotando o bornal
 do “pai dos pobres”,
 40 do “amigo do povo”.

E não funcionava o Hospital!

E vinham verbas federais
 e verbas estaduais
 para a santa de mentira,
 45 a santa de pau oco
 que santa nunca foi
 e nunca teve casa
 nem misericórdia.

SPO ôco

E verbas federais
 50 e verbas estaduais
 Também para o Hospital!

SPO Tambem

Equivale dizer:
 para o bornal
 do “pai dos pobres”,
 55 do “amigo do povo”,
 porque...

não funcionava o Hospital!

E o “pai dos pobres” passeava...
 passeios em Brasília e no Rio...
 60 passeios em São Paulo...
 vidinha boa na capital...

SPO vindinha

III

E não funcionava o Hospital!
 O que funcionava era comércio,
 65 comércio clandestino,
 descarado,
 fazendo concorrência desleal,
 imoral
 as farmácias locais,
 70 ao comércio legal!

Mas o povo começou a resmungar!
 No 15 de novembro de 66

explora de prefeitura
 a impostura.
 75 Mas a santa de papel continuava,
 as garras no Hospital!

E o resmungo do povo aumentando...
 o povo resmungando...
 resmungando...

80 Quando foi um dia...
 -outro dia histórico da terra!-
 o povo se danou
 e o forró se acabou!
 De carros e caminhões,
 85 a cavalos e a pés,
 os grupos, as centenas,
 marcharam pra o Hospital,
 Tomaram-no “na marra”.

90 A turma do “pai dos pobres”
 correu apavorada, espavorida,
 levando mil mentiras

IV

pra o “Jornal”.
 Apelou para a polícia,
 95 apelou para a justiça,
 encomendou mandinga
 a pais de santos...
 Mas tudo esboroou!
 Nada quis dar certo:
 100 nem polícia, nem justiça, nem jornal!
 nem pais de santos
 nem o renegado
 que também foi invocado!

SPO {Justiça} /polícia),

105 Acabou-se
 o que era doce!
 Acabou-se o que era mel
 para a santa de pau oco,
 para a santa de papel!

SPO ôco

Nem polícia, nem justiça, nem jornal!

110 “E agora, José” ?

Agora ?

Agora funciona o Hospital!

[Eulálio Motta]

20-9-968

4.1.2.7 Aquela história

O poema possui apenas um testemunho no MA (EH1.836.CL.06.010).

Descrição física do testemunho

AHM

A folha do testemunho mede 226mm de largura por 328mm de altura. A mancha escrita corresponde a 30 linhas. O poema é composto por cinco estrofes. Não há rasuras, acréscimos ou marcas de correção do autor. A tinta de escrita do documento é azul. Apenas o título é escrito com tinta vermelha. O documento está conservado. Há uma mancha proveniente de migração ácida provocada por colagem de fita adesiva na margem esquerda inferior do documento.

Figura 24: Fac-símile do poema *Aquela história...* (EH1.836.CL.06.010)

AQUELA HISTÓRIA...

Um dia... fui Romeu...
 E encontrei a minha Julieta...
 Deus a colocara em meu caminho.
 E recusei a dádiva do céu!
 Não a quis...
 por me sentir sem condições
 de fazê-la feliz.

Fico, às vezes,
 longos momentos,
 calado... pensativo...
 recordando versos,
 diversos,
 de minha poesia...
 pedaços de minha vida
 contando aquela história;

" 18 anos, apenas, minha idade,
 naquele instante de minha vida,
 quando me dirigi à casa de seus pais
 pra lhe levar o adeus de despedida.
 Nunca mais esqueceria aquele instante;
 — Voltarei breve!

Não precisa chorar!
 E me abraçou chorando
 sem poder falar! "

Minha desistência...
 Não compreendia,
 Não aceitava.
 Esperava.

" Eu voltaria... "

Figura 25: Segunda parte do fac-símile do poema *Aquela história...* (EH1.836.CL.06.010)

"Será breve a ausência..."

E um ano passando...
 E eu não voltei!
 E outro ano passando...
 E mais outro ano passando...
 E eu fugindo...
 E ela esperando...

E um dia...
 "caminhou para o altar
 "e apertou-se com alguém
 "para se casar!
 "Breve ausência tornou-se eternidade!"

E agora...
 depois de mais de meio século...
 que me resta?
 Apenas... riler versos...
 de meu último poema:

"Chego ao fim do caminho...
 "solinho...
 "sem a tua presença ao meu lado...
 "Fui eu que partei.

E aquela pobre convulsão:
 "Ficaste fora de minha vida...
 "Mas não saíste de meu coração..."

Janeiro 19, 1979 *Eulálio Motta*
 Do livro: "Luzes do espantoso," inédito

Texto crítico com aparato

AHM

AQUELA HISTÓRIA...

- Um dia... fui Romeu...
 E encontrei a minha Julieta...
 Deus a colocara em meu caminho.
 5 E recusei a dádiva do céu!
 Não a quis...
 por me sentir sem condições
 de fazê-la feliz. AHM **ceu!**
AHM **quis...**
AHM **faze-la**
- Fico, às vezes,
 10 longos momentos,
 calado... pensativo...
 recordando versos,
 diversos,
 de minha poesia...
 15 pedaços de minha vida
 contando aquela história:
- “18 anos, apenas, minha idade,
 naquele instante de minha vida, AHM **naquele**
 quando me dirigi à casa de seus pais
 20 pra lhe levar o adeus de despedida.
 Nunca mais esqueceria aquele instante: AHM **aquêe**
 - voltarei breve!
 Não precisa chorar!
 E me abraçou chorando
 25 sem poder falar!”
- Minha desistência...
 Não compreendia.
 Não aceitava.
 Esperava.
- 30 “Eu voltaria...”
- “Seria breve a ausência...”
- E um ano passou... AHM **{+} E**
 E eu não voltei!
 E outro ano passando...
 35 E mais outro ano prosando...
 E eu fugindo...
 E ela esperando...
- E um dia...
 “caminhou para o altar
 40 “e ajoelhou-se com alguém AHM **alguém**
 “pra se casar!

“Breve ausência tornou-se eternidade!”

E agora...
depois de mais de meio século...
45 que me resta?
Apenas... reler versos...
de meu último poema;

“chego ao fim do caminho...
“sozinho...
50 “sem a tua presença ao meu lado...
“Fui culpado.

AHM sosinho

E aquela pobre convolação:

“Ficaste fora de minha vida...
“Mas não triste de meu coração...”

Janeiro 19, 977
[Eulálio Motta]

Do livro: “Luzes do crepúsculo”, inédito.

4.1.2.8 Parabéns

O poema dispõe de dois testemunhos no MA (EH1.803.CL.03.007).

Descrição física dos testemunhos

PRM1

A folha do testemunho mede 212mm de largura por 317mm de altura. A mancha escrita corresponde a 34 linhas. O poema é composto por três estrofes. A tinta de escrita do texto é azul. Existe uma marca de borrão no corpo do texto. O documento encontra-se em bom estado de conservação.

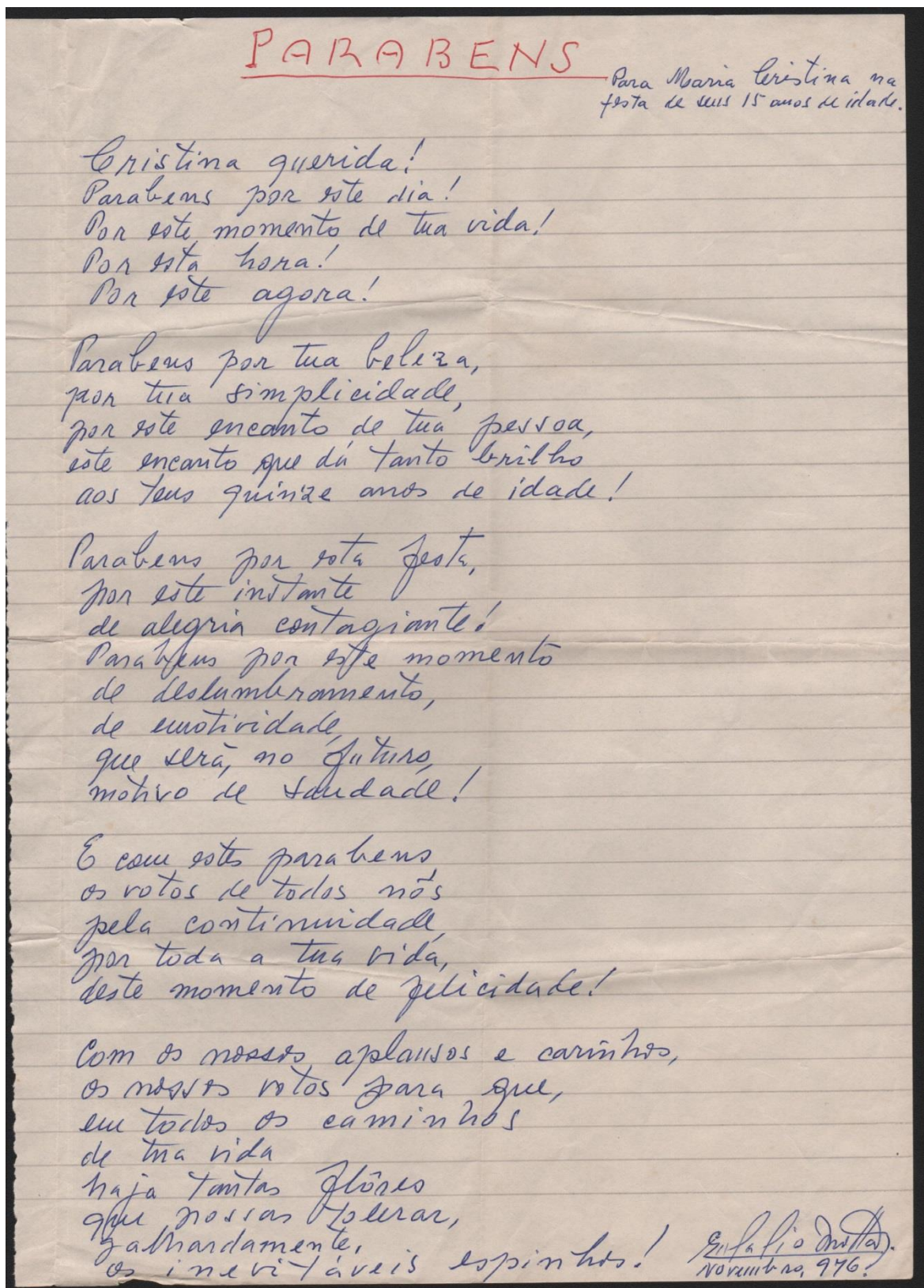
PRM2

A folha mede 22mm de largura por 328mm de altura. A mancha escrita corresponde a 35 linhas. O poema é composto por cinco estrofes. Não há rasuras, acréscimos ou marcas de correção do autor. A tinta de escrita do poema é azul e do título é vermelha. O documento encontra-se conservado.

Análise das variantes

Na análise das variantes do poema ora editado verificou-se que o autor modificou a pontuação dos versos entre o primeiro e o segundo testemunho. Observa-se isso nas linhas quatro e cinco, por exemplo, quando o autor oscila entre os dois pontos e a exclamação e entre a vírgula e a exclamação respectivamente. Essas mudanças de pontuação são muito frequentes de um testemunho para o outro na escrita de Eulálio Motta. Bem como, a oscilação entre maiúsculas e minúsculas. O que pode ser observado neste testemunho nas linhas seis e oito. Nos testemunhos ora editados observa-se também a supressão de palavras no testemunho PRM2 o que pode ser observado na linha sete. O autor também fez quebra de versos no testemunho PRM2. De modo que, o testemunho PRM1 é composto por três estrofes enquanto o PRM2 é composto por cinco estrofes. O testemunho PRM2 apresenta uma dedicatória logo abaixo do título.

O texto selecionado como testemunho de Base é o PRM2. Este testemunho apresenta uma melhor organização estrutural e está datado.

Figura 26: Fac-símile do poema *Parabéns* (EH1.803.CL.03.007)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

PRM2

PARABÉNS

[→Para Maria Cristina na
festa de seus 15 anos de idade.

Cristina querida!
Parabéns por este dia!
Por este momento de tua vida!
Por esta hora!
Por este agora!

Parabéns por tua beleza,
10 por tua simplicidade,
por este encanto de pessoa,
este encanto que dá tanto brilho
aos teus quinze anos de idade!

Parabéns por esta festa,
15 por este instante
de alegria contagiante!
Parabéns por este momento
de deslumbramento,
de emotividade
20 que será, no futuro,
motivo de saudade!

E com estes parabéns
os votos de todos nós
pela continuidade,
25 por toda a tua vida,
deste momento de felicidade!

Com os nossos aplausos e carinhos,
os nossos votos para que,
em todos os caminhos
30 de tua vida
haja tantas flores

PRM1 PRM2 PARABENS

PRM1 **querida:** PRM2 **querida!**
PRM1 **parabens / dia,** PRM2 **Parabens / dia!**
PRM1 **por** PRM2 **Por**
PRM1 **Parabens por esta hora,** PRM2 **Por esta hora!**
PRM1 **por** PRM2 **Por**

PRM1 **por tua simplicidade,**
PRM2 **Parabens por tua beleza,**
PRM1 **por este encanto de tua pessoa!**
PRM2 **por tua simplicidade,**
PRM1 **por este encanto que dá tanto brilho**
PRM2 **por este encanto de pessoa,**
PRM1 **aos teus quinze anos de idade!**
PRM2 **este encanto que dá tanto brilho**

PRM1 PRM2 **Parabens**

PRM1 PRM2 **Parabens**

PRM1 **parabens,** PRM2 **parabens**

PRM1 **em toda** PRM2 **por toda**

PRM1 **aplausos e carinhos,**
PRM2 **Com os nossos aplausos e carinhos,**

PRM1 **vida,** PRM2 **vida**

PRM1 PRM2 **flôres**

que possas tolerar,
galhardamente,
os inevitáveis espinhos!

35 [Eulálio Motta]
novembro, 976

PRM1 Cristine: **Que seja poema, o presente**

PRM1 de aniversário do teu tio

PRM1 Eulálio Motta

4.1.2.9 O telefone

Foram encontrados dois testemunhos do cordel *O telefone*. Um dos testemunhos foi encontrado no MA (EH1.843.CL.07.007), e o outro é um panfleto (M892.CR6.02.006). A edição deste texto baseia-se na edição feita por Barreiros (2015, p. 215).

Descrição física dos testemunhos

OTM

A folha mede 218mm de largura por 327de altura. A mancha escrita corresponde a 27 linhas. O poema é composto por cinco estrofes. Não há rasuras, acréscimos ou correção do autor no corpo do poema, mas há uma mensagem na margem inferior esquerda do testemunho endereçada ao Dr. Alfa. A tinta de escrita do poema é azul e da mensagem é preta. O testemunho encontra-se conservado, embora haja um pequeno buraco na margem direita do papel e a margem esquerda esteja irregular.

OTP

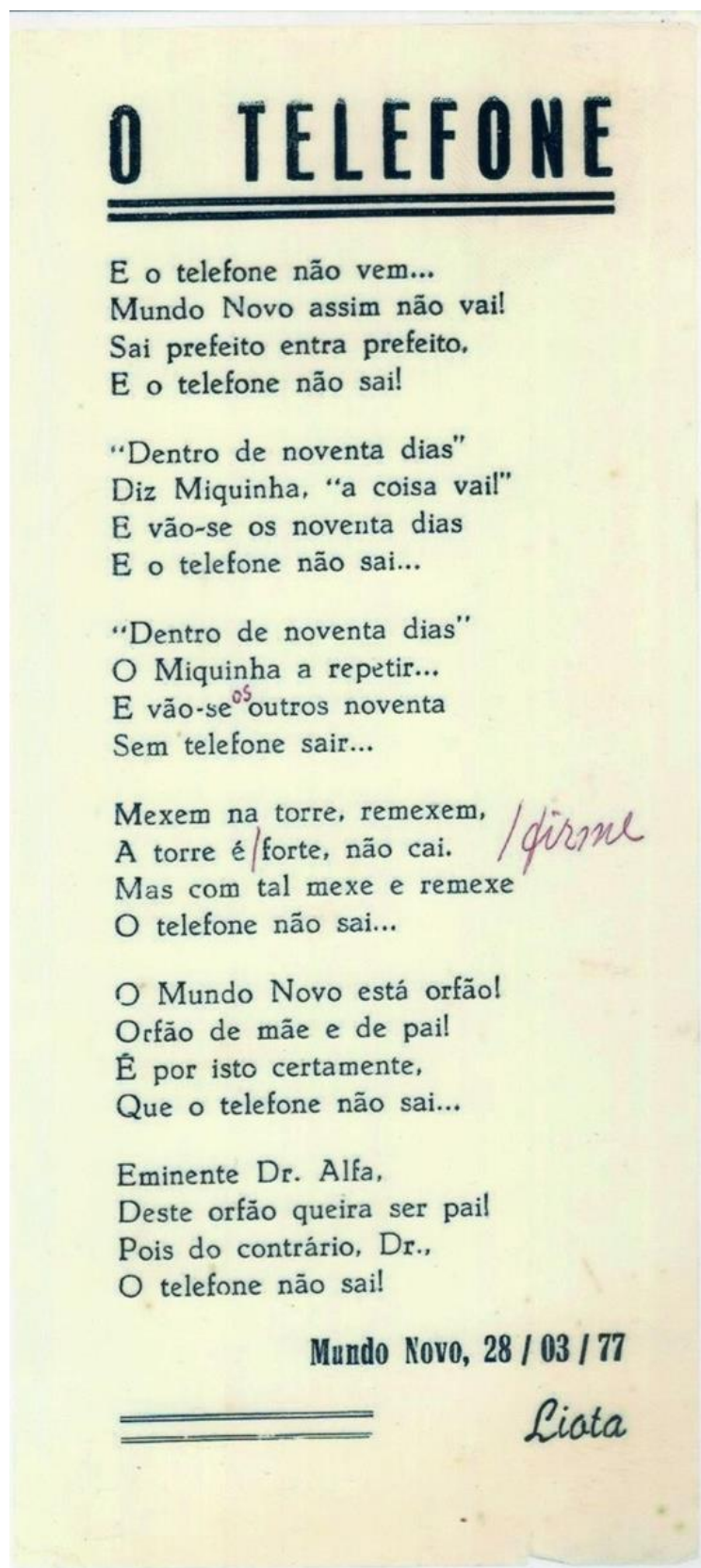
De acordo com Barreiros (2015, p. 289) a folha do testemunho “mede 100 x 220”. A mancha escrita corresponde à 27 linhas. Possui seis estrofes. O testemunho apresenta acréscimos do autor nas linhas 12 e 15. Há ainda uma mensagem na margem inferior esquerda do testemunho endereçada ao Dr. Alfa O testemunho encontra-se conservado.

Análise das variantes

As variações dos testemunhos são principalmente relacionadas a pontuação. Há também dois acréscimo feitos pelo autor. Na L 12. O autor acrescentou “o” na intrelinha superior. já na L 15 o autor acrescentou na margem direita a palavra “firme” no OTP. Na L. 22 do testemunho OTM o autor escreveu Dr. Alves e no testemunho OTP o autor escreveu Dr. Alfa.

O testemunho OTP foi escolhido como texto de base por ser este o testemunho mais recente autorizado para publicação e distribuição em panfleto. Verifica-se, contudo, que a data

que aparecem nas duas versões é a mesma. O que reforça a tese de que o autor tinha o hábito de datar seus testemunhos seguindo a data de escrita da primeira versão.

Figura 27: Fac-símile do panfleto *O telefone* (M892.CR6.02.006)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

OTP

O TELEFONE

	E o telefone não vem... Mundo Novo assim não vai! Sai prefeito entra prefeito.	OTM vem{!}... OTP vem...
5	E o telefone não sai!	OTM Sai prefeito, entra prefeito, OTP Sai prefeito entra prefeito. OTM sai... OTP sai!
	“Dentro de noventa dias” Diz Miquinha, “a coisa vai!” E vão-se os noventa dias E o telefone não sai...	OTM sai! OTP sai...
10	“Dentro de noventa dias” O Miquinha a repetir... E vão-se os outros noventa Sem telefone sair...	OTM E vão-se outros noventa OTP E vão-se [↑os] outros noventa
15	Mexem na torre, remexem, A torre é firme forte, não cai. Mas com tal mexe e remexe O telefone não sai...	OTM A torre é firme, não cai... OTP A torre é [→ firme] forte, não cai.
20	O Mundo Novo está órfão! Órfão de mãe e de pai! É por isto certamente, Que o telefone não sai...	OTM OTP órfão! OTM OTP Orfão OTM É por isto, certamente, OTP É por isto certamente, OTM sai! OTP sai...
25	Eminente Dr. Alfa, Deste órfão queira ser pai! Pois do contrário, Dr., O telefone não sai!	OTM Eminente Dr. Alva OTP Eminente Dr. Alfa,

Mundo Novo, 28/03/77

Liota

OTM Liota OTP Mundo Novo, 28/03/77

OTM 28-3-977 OTP Liota

4.1.2.10 Insônia...

Foram identificados dois testemunhos do poema *Insônia*: um encontrado MA (EH1.841.CL.07.005) e o outro no caderno nº3 (A7.CV1.07.001).

Descrição física dos testemunhos

ISC

O testemunho foi identificado no caderno *caderno nº3* nos fólios 36v e 37r. O fólio 36v foi numerado pelo autor com o número 51. A mancha escrita ocupa 19 linhas. Foi escrito em tinta azul e preta. Há rasuras e cancelamentos. no fólio 37r se encontra os dois últimos versos da quinta estrofe e a sexta estrofe. Há também neste fólio a continuação do texto *Alto Bonito*. O autor numerou este fólio com o número 52. A tinta de escrita do texto também é azul e a da numeração é preta. A mancha escrita do fólio 37r ocupa 22 linhas. O restante do poema *insônia* encontra-se entre as linhas dois e oito.

ISM

A folha mede 157mm de largura por 207mm de altura. A mancha escrita corresponde a 27 linhas. O poema é composto por seis estrofes. Não há rasuras, acréscimos ou correção do autor. A tinta de escrita é azul. O testemunho se encontra conservado, embora o papel esteja com aspecto amarelado. Foi identificada uma mancha na margem esquerda do papel e buracos na margem direita, possivelmente feitos por furador de papel.

Análise das variantes

A partir da análise das variantes se observou neste poema uma característica marcante da escrita de Eulálio Motta, as variações de pontuação de um testemunho para o outro. Além disso, verificou-se que o autor escreveu o título do poema no testemunho ISM em caixa alta e com reticências enquanto que no ISC o autor escreveu em caixa baixa e sem as reticências. As reticências, sempre presente na escrita poética do autor, são bastante significativas, pois

transparecem a ideia de que o eu-lírico não disse tudo em sua fala. E assim, o autor deixa o seu leitor completar os significados encobertos ou sugeridos com sua própria imaginação.

Na L. 13 o autor escreveu o verbo dormir conjugado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo sem a letra "e" no testemunho ISM. Provavelmente um lapso de escrita. A supressão de letra também ocorre na L. 8. O autor no ISC escreveu "Pra" e no ISM "Para". Na L 15. ocorre no testemunho ISC o cancelamento de parte do verso.

O testemunho selecionado como texto de base foi o ISM. Ambos os testemunhos possuem a mesma data de escrita, mas o testemunho ISM está mais organizado estruturalmente. O ISC localizado no CN3 possui aspecto de rascunho, assim como todo o conteúdo deste caderno.

Figura 28: Reto do fac-símile do poema avulso *Insônia...* (EH1.841.CL.07.005)

INSÔNIA

"De tua dor faz um poema..."
 Tentei fazer e não fiz
 E a dor continuou doendo
 Como se eu fosse infeliz!

Mostrugada. Sem dormir!
 Insônia, o sono fugiu...
 Para onde foi que ele foi?
 Para que mundo ele partiu?!

Uma e meia duas horas,
 O relógio já bateu!
 Todo mundo ressonando...
 Só quem não dorm sou eu!

"De tua dor faz um poema..."
 Nova tentativa eu não!
 Pensamentos negativos
 Não fazem poema nenhum

Ovilhas imaginárias
 Para o sono conseguir,

Figura 29: Verso do fac-símile do poema avulso *Insônia...* (EH1.841.CL.07.005)

Fico contando... contando...
E nada de sono vir!
"De tua dor faz um poema"
Nad adianta! Dea bora!
O sul brabo de janeiro
Já no naseente apontou!
F. Morro Alto, 28-1-78
F.

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

ISM

	INSONIA...	ISM INSONIA... ISC <i>Insônia</i>
	“De tua dor faz um poema...”	
	Tentei fazer e não fiz!	ISM {...}
	E a dor continuou doendo	ISM <i>dor</i> ISC <i>dôr</i>
5	Como se eu fosse infeliz!	
	Madrugada, Sem dormir!	
	Insônia, o sono fugiu...	ISM <i>fugiu...</i> ISC <i>fugiu?</i>
	Para onde foi que ele foi?!	ISM <i>Para / êle</i> ISC <i>Pra / êle</i>
	Pra que mundo ele partiu?!	ISM ISC <i>êle</i>
10	Uma e meia, Duas horas,	
	O relógio já bateu!	ISM <i>bateu!</i> ISC <i>bateu...</i>
	Todo mundo ressonando...	
	Só quem não dorme sou eu!	ISM <i>dorm</i> ISC <i>dorme</i>
	“De tua dor faz um poema...”	
15	Nova tentativa em vão!	ISM <i>Nova tentativa em vão!</i> ISC { <i>Nova tentativa</i> [↑] <i>Nova tentativa /²Uma/ [↑]Tentativa, mais,} vão!</i>
	Pensamentos negativos	
	Não fazem poema não...	
	Ovelhas imaginárias	ISM <i>imaginárias</i> ISC <i>imaginárias,</i>
	Para o sono conseguir,	
20	Fico contando... contando...	ISM <i>Fico</i> contando... contando... ISC <i>Vou</i> contando... <i>Vou</i> contando...
	E nada de sono vir!	
	“De tua dor faz um poema...”	
	Não adianta! Acabou!	
	O sol brabo de janeiro	ISM <i>O sol brabo de janeiro</i> ISC{O} <i>Sol</i> {†} <i>de Janeiro</i>
25	Já no nascente apontou!	
	F. Morro Alto, 28-1-78	ISM <i>F. Morro Alto, 28-1-78</i> ISC <i>F.M. Alto, 28-1-978</i>

[Eulálio Motta]

4.1.2.11 Dia do estudante

O poema manuscrito é monotestemunhal e foi encontrado em folha avulsa guardado dentro do caderno *Meu caderno de trovas* (A13.CV1.13.001). Verifica-se pelas rasuras e cancelamentos que o texto se trata de um rascunho, mas se houve uma segunda versão não foi encontrada na busca realizada no acervo.

Descrição do testemunho

DEM

O testemunho foi escrito em folha de caderno e identificado dobrado dentro do caderno *Meu caderno de trovas* entre as páginas numeradas pelo autor (51 e 52). O texto foi escrito em tinta azul. Possui uma única e longa estrofe. A mancha escrita ocupa 37 linhas. O texto foi escrito no recto e no verso da folha. Curiosamente o verso da folha não possui linhas. O texto possui rasuras, marcas de cancelamento e acréscimos. A folha em que se encontra o texto mede 214mm de altura por 154mm de largura.

Figura 30: Recto do fac-símile *Dia do estudante* identificado dentro do caderno MCT (A13.CV1.13.001)

Dia do estudante

Dia do estudante!
 Uma hora da vida
 que nunca, jamais,
 ha de ser esquecida!
 O que hoje, para o jovem,
 é moçada,
 amanhã, quando o futuro chegar,
 será somente saudade...
~~O que hoje é apenas
 um momento que passa,
 será, no futuro, revivido...
 com emoção...
 em momentos de recordação...
 jovem! Aproveite o presente!
 vive-o intensamente!
 Porque, depois...
 será o depois...
 tudo acabado...
 ou do será apenas o passado...~~

VIRE

Figura 31: Verso do fac-símile *Dia do estudante* identificado dentro do caderno MCT (A13.CV1.13.001)

Agora, neste dia do estudante,
 tudo, para você, jovem,
 são glórias nos caminhos...
 Depois... Seria o depois...
 com os inevitáveis espinhos...
 Vire, pois, jovem estudante,
 intusamente,
~~este momento que passará~~
 sangue, depois...
 Depois será apenas... "uma mãe..."
~~"o olhar de mãe da saudade"~~
 Ficando distante
 cada vez mais longe
 a saudade... *Liuto*
 que passará a ser ^{Liuto} ~~Liuto~~
 pelo "olhar de mãe da saudade!"

Texto crítico com aparato

DEM

Dia do estudante

	Dia do estudante!	
	Uma hora da vida	
	que nunca, jamais,	
5	ha de ser esquecida!	
	O que hoje, para o jovem,	
	é mocidade,	
	amanhã, quando o futuro chegar,	
	será somente saudade...	
10		DEM {O que hoje é apenas um momento que passa, será, no futuro, /*revi/ vida... com emoção... um momentos de recordação Jovem! Aproveite o presente!}
15	vive-o intensamente!	
	Porque, depois...	
	será o depois...	
	tudo acabado...	
20	Tudo Será apenas o passado...	DEM VIRE
	Agora, neste dia do estudante,	
	tudo, para você, jovem,	
	são flores nos caminhos...	
25	Depois... Será o depois...	
	com os inevitáveis espinhos...	
	Vive, pois, jovem estudante,	DEM jovem {
	intensamente,	
	este momento	DEM {este momento que passa...} /este instante\
30	Porque, depois...	
	Depois será apenas... fumaça...	DEM /*{d} Depois/ DEM {"o olhar de neve da saudade..."}
	Ficando distante	
	cada vez mais longe	

35	a mocidade...	[Liota]	DEM a mocidade...	[→Liota]
	que passará a sentir	agosto, 1978.	DEM que passará a sentir	[→agosto, 1978.]
	pelos olhos de neve da saudade!			

4.1.2.12 Clarão

Foi encontrado um único testemunho do poema *clarão* no MA (EH1.833.CL.06.007)

Descrição física do testemunho

CRM

A folha mede 227mm de largura por 327mm de altura. A mancha escrita corresponde a 22 linhas. O poema é composto por três estrofes. Não há rasuras, acréscimos ou correção do autor. A tinta de escrita do texto é azul. O testemunho encontra-se conservado. Há uma dobra do papel na margem esquerda e há uma mancha de corrosão, possivelmente de clipe, na parte superior do papel. Ao final do texto observa-se que o autor escreveu a palavra em caixa alta “Vire”. Esse lembrete não significa continuação do poema, mas sim, um dos testemunhos do poema *canção de ninar*.

Figura 32: Fac-símile do poema *Clarão* (EH1.833.CL.06.007)

CLARÃO!!!

Surgiu no meu caminho...
 E me viu.
 E sorriu.
 Sorriso doce como um carinho...

Adolescente... Alvorada!
 A sombra de meu crepúsculo
 se extinguiu...
 Iluminada!

Passou...
 A sombra de meu crepúsculo
 voltou...
 Foi-se o clarão!
 E o tédio voltou...
 O tormento voltou...
 companheiros que são,
 inseparáveis
 de minha solidão!

Outubro 26, 1979
 Eulálio Motta

Do livro: "Luzes do crepúsculo," inédito.

VIRE

Texto crítico com aparato

CRM

CLARÃO..

Surgiu no meu caminho...

E me viu.

E sorriu.

5 Sorriso doce como um carinho...

Adolescente... Alvorada!

A sombra de meu crepúsculo
se extinguiu...

Iluminada!

10 Passou...

A sombra de meu crepúsculo
voltou...

Foi-se o clarão!

E o tédio voltou...

15 O tormento voltou...

companheiras que são,
inseparáveis
de minha solidão!

Outubro 26, 979

20 [Eulálio Motta]

Do livro “Luzes do crepúsculo”, inédito

4.1.2.13 Tédio

Conforme edição feita pela pesquisadora Pâmella Cintra (2019), o poema possui dois testemunhos no MA (EH1.839.CL.07.003).

Descrição física dos testemunhos

TDM1

Manuscrito em tinta azul, 16 linhas. Título na l. 1 em caixa alta, escrito em tinta azul. Abaixo do título, à l. 2, há uma dedicatória. À l. 14 consta a rubrica do autor, e logo abaixo a data “2-2-79”. Na l. 16 consta uma nota de rodapé com a seguinte informação: “Para o livro: ‘Luzes do crepúsculo,’ inédito”.

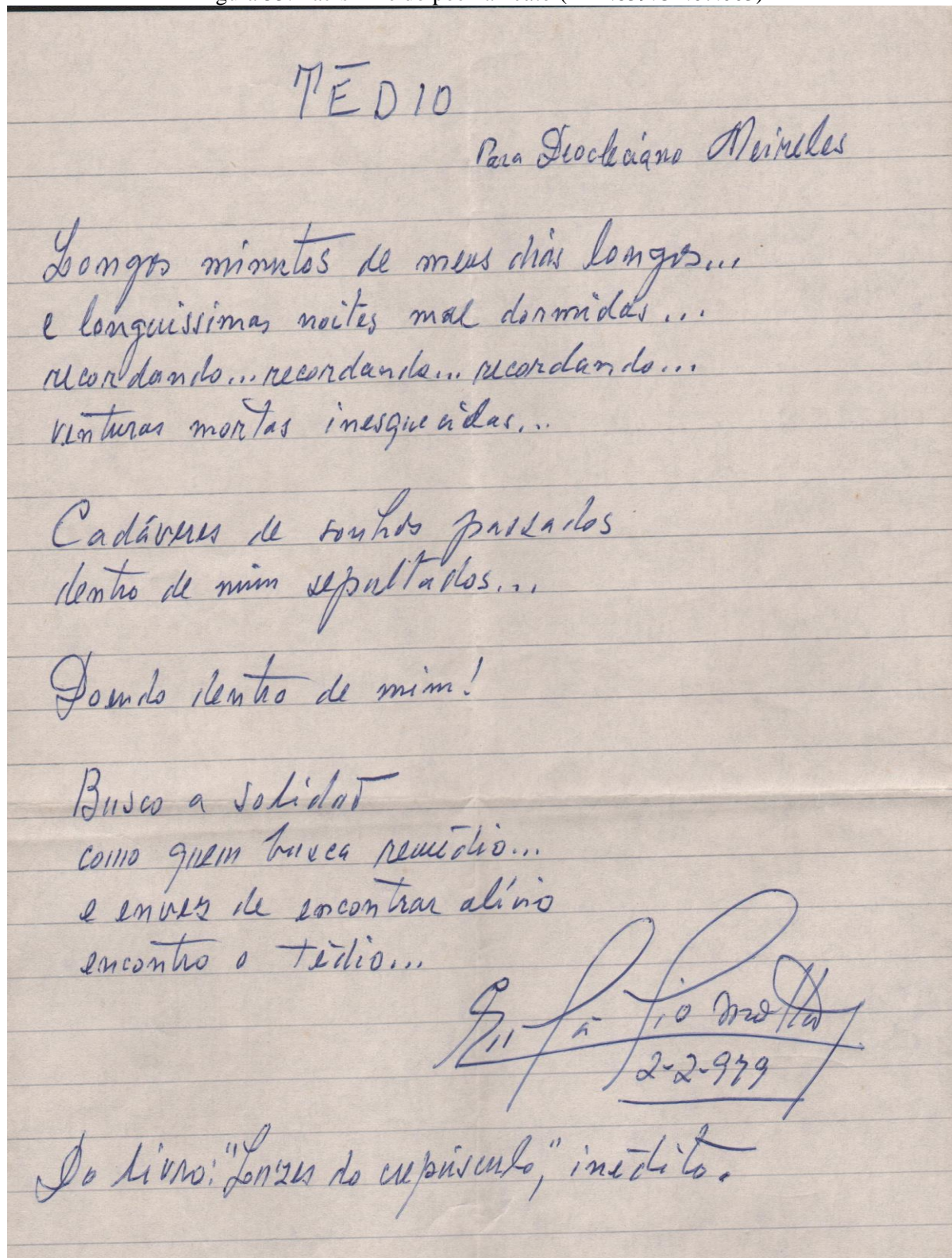
TDM2

Manuscrito em tinta azul, 16 linhas. Título na l. 1 em caixa alta, escrito em tinta azul. Abaixo do título, à l. 2, há uma dedicatória. À l. 14 consta a rubrica do autor, e logo abaixo a data “2-2-979”. Na l. 16 consta uma nota de rodapé com a seguinte informação: “Do livro: ‘Luzes do crepúsculo,’ inédito”.

Análise das variantes

A variante encontrada está relacionada à pontuação. Na segunda versão o autor fez uso do sinal de reticências ao invés da exclamação para “findar” o poema. Os testemunhos TDM1 e TDM2 apresentam a mesma datação ao final do texto, com uma diferença na quantidade de algarismos no ano. Ambos apresentam a indicação de que o poema faz parte do livro inédito “*Luzes do crepúsculo*”, contudo foram utilizadas preposições diferentes para introduzir a informação. Trata-se de dois testemunhos que apresentam pequenas diferenças entre si.

Por se tratar de dois manuscritos com mesma datação, optou-se pela escolha do testemunho TDM2, localizado no MA, como texto de base. Trata-se de um documento escrito com caligrafia bem realizada, de traçado levemente inclinado, demonstrando falta de ligeireza no deslizar da tinta da caneta sobre o papel, típico de um texto passado a limpo.

Figura 33: Fac-símile do poema *Tédio* (EH1.839.CL.07.003)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

TDM2

TÉDIO

Para Deocleciano Meireles

- 5 Longos minutos de meus dias longos...
e longuíssimas noites mal dormidas...
recordando... recordando... recordando...
venturas mortas inesquecidas...
TD1 TD2 **longuíssimas**
- Cadáveres de sonhos passados
dentro de mim sepultados...
- Doendo dentro de mim!
- 10 Busco a solidão
como quem busca remédio...
e invés de encontrar alívio
encontro o tédio...
TD1 TD2 **envez**
- [Eulálio Motta]
2-2-979 TD1 **2-2-79**
- Do livro: “Luzes do crepúsculo,” inédito. TD1 **Para o livro** TD1 TD2 **inédito**

4.1.2.14 Carnaval de Mundo Novo

Há dois testemunhos do poema *Carnaval de Mundo Novo*. Ambos os manuscritos são manuscritos avulsos (EH1.840.CL.07.004).

Descrição física dos testemunhos

CMN 1

A folha mede 218mm de largura por 328mm de altura. A mancha escrita corresponde a 35 linhas. O poema é composto por sete estrofes, sendo que a penúltima foi cancelada. A última estrofe encontra-se no verso do documento. O poema possui rasura e cancelamento da última estrofe. A cor da tinta de escrita do texto é azul. O documento está conservado, embora a estrutura do papel esteja com aspecto amarronzado e com algumas pequenas manchas pretas nas margens direita e esquerda. Trata-se de um manuscrito.

CMN2

A folha mede 212mm de largura por 328mm de altura. A mancha escrita corresponde a 28 linhas. O poema é composto por seis estrofes. Não há rasuras, acréscimos ou correção do autor. A tinta de escrita do texto é azul. Há também um risco na cor vermelha na margem direita do papel. O documento está conservado, embora o papel esteja com aspecto amarronzado. Trata-se de um manuscrito.

Seleção do texto de base

Os dois testemunhos foram escritos no mesmo dia – 24/02/79. De maneira que, a escolha do texto base não teve como critério a datação. Observou-se, contudo, que o testemunho CMN2 aparece sem rasuras ou cancelamentos. E os termos cancelados no CMN1 já não se verificam mais no CMN2. O que nos permite compreender que o CMN2 corresponde ao texto base, à última vez em que o autor voltou ao seu texto. E, portanto, este foi selecionado como o texto base desta edição crítico-genética.

Análise das variantes

A edição dos testemunhos evidenciou mudanças relativas a variações de maiúsculas e minúsculas de algumas palavras, variação de acentuação, mudança de tempo verbal, o título do testemunho CMN1 sublinhado o que não ocorre no testemunho CMN2. Mas a mudança mais significativa entre os dois testemunhos é o cancelamento para reescrita da penúltima estrofe do testemunho CMN1. Observa-se que o autor após a escrita da penúltima estrofe do testemunho CMN1 data o documento e após esta datação o autor escreve outra estrofe e volta a datar o texto. Estas duas estrofes do testemunho CMN1 possuem sentido equivalente. O que nos permite inferir que a penúltima estrofe não foi totalmente cancelada, mas sim reescrita. Por isso, o autor data novamente o texto ao acrescentar a última estrofe. E ambas as datas são do mesmo dia. O que reforça a hipótese de que o que de fato houve foi uma reescrita da estrofe que aparece como cancelada no testemunho CMN1. No documento CMN2 o que aparece, portanto é essa reescrita.

O testemunho CMN1 figura como um rascunho deste documento. A sua análise em comparação com o testemunho CMN2 nos permite enxergar as movimentações escriturais de Eulálio Motta na escrita do poema ora editado. Se o testemunho CMN1 fosse descartado não se tomaria conhecimento desta estrofe cancelada nem tão pouco das demais variações encontradas nesta edição.

Figura 34: Fac-símile do poema *Carnaval de Mundo Novo* (EH1.840.CL.07.004)

CARNIVAL DE MUNDO NOVO

Para Sr. Cleverson

TRAIÓ LIRA tá na rua!
 chega a alegria do povo!
 Pegou fôgo, pegou fôgo,
 Carnaval de Mundo Novo!

Crianças, jovens e velhos,
 todo mundo está pulando
 nas ruas de Mundo Novo
 com TRAIÓ LIRA tocando!

Desta vez não fui pra moça.
 Vejo agora, com emoção,
 Carnaval de Mundo Novo,
 Carnaval de tradição!

Muito velhote radio
 na moçada se intinua
 que tristeza deu o gora,
 alegria tá na rua!

A tristeza tomou férias!
 São férias de quatro dias
 com TRAIÓ LIRA tocando
 e derramando alegrias!

Linha velha renovada
 faz alegria do povo!
 Bota fôgo na moçada!
 Carnaval de Mundo Novo!

Lidia
 24-2-79

Texto crítico com o aparato

CMN2

CARNAVAL DE MUNDO NOVO

CMN1 - CARNAVAL DE MUNDO NOVO
CMN2 - CARNAVAL DE MUNDO NOVO

Para Dr. Cleverson

- TRIO LIRA tá na rua!
chega a alegria do povo!
- 5 Pegou fogo! pegou fogo,
carnaval de Mundo Novo!
- Crianças, jovens e velhos,
todo mundo está pulando
nas ruas de Mundo Novo”
- 10 com TRIO LIRA tocando!
- Desta vez não fui pra roça.
Vejo agora, com emoção,
carnaval de Mundo Novo,
Carnaval de tradição!
- 15 Muito velhote vadio
na moçada se insinua
que tristeza deu o fora,
alegria tá na rua!
- A tristeza tomou férias!
- 20 São férias de quatro dias
com TRIO LIRA tocando!
e derramando alegrias!
- CMN1 – fôgo, / fôgo, CMN2 - fôgo! / fôgo
- CMN1 - jovens, { } e velhos, CMN2 - jovens e velhos,
- CMN1 – Mundo Novo CMN2 – Mundo Novo”
- CMN1- carnaval CMN2- Carnaval
- CMN1 CMN2 insinúa
- CMN1 Trio Lira CMN2 TRIO LIRA
- CMN1
{O carnaval é de todos! /
O carnaval é do povo!
Pegou fôgo, pegou fogo
carnaval de Mundo Novo!}
- [Liota]
24-2-979
VIRE

Lira velha renovada

faz alegria do povo!
25 Bota fogo na moçada!
Carnaval de Mundo Novo!
[Liota]
24-2-79

CMN1 {†} / fez \ CMN2 **faz**

CMN1 **fogo** CMN2 **fôgo**

CMN1 **24-2-979** CMN2 **24-2-79**

4.1.2.15 Amém...

O poema possui dois testemunhos no MA (EH1.822.CL.05.006).

Descrição física dos testemunhos

AMM1

A folha mede 221mm de largura por 327mm de altura. A mancha escrita corresponde a 27 linhas. É composto por seis estrofes. Cada uma com quatro linhas. Não há rasuras, acréscimos ou correção do autor. A tinta de escrita do documento é azul. O documento encontra-se conservado, porém há manchas amareladas e pretas no papel. Além de marcas de que o papel foi dobrado.

AMM2

A folha do testemunho mede 221mm de largura por 327mm de altura. A mancha escrita corresponde a 27 linhas. É composto por seis estrofes. Cada uma com quatro linhas. Não há rasuras, acréscimos ou correção do autor. A tinta de escrita do documento é azul. O documento encontra-se conservado, porém há manchas escuras no papel. Além de marcas de que o papel foi dobrado.

Análise das variantes

A análise dos testemunhos do poema ora editado revela que os textos são praticamente idênticos. Os únicos detalhes que os diferenciam encontram-se nas linhas cinco, treze e vinte e quatro. Tais variações são todas referentes à pontuação. Conjectura que os testemunhos foram escritos no mesmo dia, pois há grandes semelhanças nos suportes onde os textos foram escritos. Inclusive as dobraduras do papel em ambos os testemunhos são semelhantes, reforçando a tese de que foram dobrados e guardados juntos. Além disso, a data é a mesma. Contudo, com relação a data, sabe-se que o autor tinha o hábito de colocar em seus testemunhos a data da primeira versão.

A escolha do texto de base exigiu análise cuidadosa da materialidade do papel. Conjectura-se que o texto mais atual seja o AMM2 por apresentar uma letra mais cuidadosa, este foi, portanto, escolhido como texto de base.

Figura 35: Fac-símile do poema *Amém...* (EH1.822.CL.05.006)Amém...

Se és católico, deveras,
 católico praticante,
 não des o teu voto a quem
 é, deveras, protestante...

Catolicismo é fator
 de unidade nacional.
 Protestante, pois, não pode
 ser candidato ideal.

O Brasil nasceu rezando
 a missa no litoral.
 Protestante é corpo estranho
 no corpo nacional.

Não te seja o comunismo
 motivo pra votar mal
 votando num corpo estranho
 da vida nacional.

Protestante candidato
 ao governo da Bahia!
 Desrespeito à nossa História!
 E desrespeito a Maria.

Respeito o protestantismo
 E o protestante também.
 Mas, daí a dar-lhes votos,
 Deus me livre e guarde. Amém.

Liota
 7-11-981

Texto crítico com aparato

AMM2

Amém...

AMM1 AMM2 Amen...

Se és católico, deveras,
católico praticante,
não dês o teu voto a quem

5 é, deveras, protestante...

AMM1 **protestante.** AMM2 **protestante...**

Catolicismo é fator
de unidade nacional.
Protestante, pois, não pode
ser candidato ideal.

10 O Brasil nasceu rezando
a missa no litoral.
Protestante é corpo estranho
no corpo nacional.

Não te seja o ecumenismo

AMM1 AMM2 **ecumemismo**

15 motivo pra votar mal,
votando num corpo estranho
da vida nacional

AMM1 **nacional.** AMM2 **nacional**

Protestante candidato
ao governo da Bahia!

20 Desrespeito á nossa História!
E desrespeito a Maria.

Respeito o protestantismo
e o protestante também.

AMM1 AMM2 **tambem.**

Mas, daí a dar-lhes votos,
25 Deus me livre e guarde. Amém.

AMM1 votos... AMM2 votos,

AMM1 AMM2 Amen.

[Liota]

7-11-981

4.1.2.16 A Mesinha

O cordel dispõe de cinco testemunhos. Destes um é manuscrito avulso (EH1.924.CL.08.008), dois datilografados (EC1.925.CV1.20.002), também pertencentes ao conjunto de poemas avulsos, um testemunho impresso (F75. CL. 02. 002) e outro testemunho encontra-se no caderno *Diário de um João ninguém* (A5.CV1.05.001).

Descrição física do testemunho

AMEM

O testemunho manuscrito original do cordel *A Mesinha* não foi localizado. No acervo encontra-se apenas a fotocópia do original. O testemunho está dividido em duas folhas. Sendo assim, a primeira folha mede 211mm de largura por 297mm de altura. A mancha escrita corresponde a 30 linhas. É composto por oito estrofes. Não há correção do autor, mas há manchas em tinta preta dificultando a leitura em um trecho do texto. Em alguns pontos do texto a tinta preta de escrita aparece mais clara, tornando a leitura menos fluida.

A segunda folha mede 211mm de largura por 297mm de altura. A mancha escrita corresponde a 36 linhas. É composto por 5 estrofes. Não há marcas de burilamento do autor. Foi encontrado manchas em tinta preta na margem esquerda do papel.

AMED1

A folha do testemunho datiloscrito mede 211mm de largura por 297mm de altura. A mancha escrita se constitui de 66 linhas. O fragmento é composto por 9 estrofes. Não há rasuras, correção ou acréscimo do autor. A tinta utilizada na escrita do texto é preta. Este testemunho corresponde à fotocópia do texto original. O original não foi encontrado no acervo do autor.

AMED2

A folha do testemunho datiloscrito mede 216mm de largura por 329mm de altura. A mancha escrita se constitui de 69 linhas. O fragmento é composto por 10 estrofes. Não há rasuras, correção ou acréscimo do autor. A tinta utilizada na escrita do documento é preta.

AMEC

Este testemunho foi encontrado no caderno *Diário de um João ninguém II*. O caderno possui a data de 1977, na capa frontal. O texto *A mesinha* encontra-se nos fólhos 29v, 30r, 30v, 31r. O caderno possui encadernação em espiral de arame já em processo de oxidação, as folhas estão com aspecto amarelado e possui algumas pequenas manchas em tom amarelo mais escuro. A tinta de escrita do texto *A mesinha* é azul. O texto apresenta borrões no fólho 29v. A mancha escrita corresponde a 71 linhas. Possui 9 estrofes, sendo que a última é uma estrofe monóstica, ou seja, constituída por apenas um verso.

AMEF

Este testemunho trata-se de um folheto impresso em maio de 1982, no Estado de São Paulo pelo cordelista baiano Franklin Maxado. Embora o ano de impressão do texto seja 1982, a data que figura abaixo do texto *A mesinha*, publicado neste folheto, é 1934, ano provável de escrita do original.

A folha mede 156mm de altura por 108mm de largura. Possui 10 estrofes. A tinta de escrita do texto é preta. Não há marcas de rasuras ou anotações marginais.

Análise das variantes

O trabalho de análise das variantes do cordel *A mesinha* foi particularmente intrigante e revelador. O acervo dispunha de cinco testemunhos do texto em suportes variados. Sendo estes: duas fotocópias, uma manuscrita AMEM e outra datilografada AMED1, cujos respectivos originais não foram encontrados no acervo; um datiloscrito original; AMED2; um folheto AMEF publicado em 1982, e um manuscrito encontrado em um caderno datado de 1977, o AMEC.

As datas dos documentos é o primeiro detalhe que salta aos olhos na confrontação dos testemunhos. No testemunho AMEM não aparece a data de escrita do texto, mas sim um acréscimo na entrelinha superior afirmando que a data do texto “original” seria 1938. Porém,

conforme a análise do documento sugere, o autor não se referia ao original da fotocópia, já que o acréscimo não foi feito sobre o texto após ser fotocopiado, mas já estava no original que não se encontra no acervo. Esse detalhe permite a conjecturação de que o autor estivesse se referindo a primeira versão feita por ele do cordel *A mesinha*. Já no testemunho AMEC de 1977, o autor coloca a data de 1934, em seguida, entre parênteses, o sinal de interrogação. Tal sinal sugere dúvida do autor em relação à data correta da primeira composição do texto. Já que, ao que parece, o autor queria colocar não a data exata em que escreveu o testemunho AMEC, mas a da primeira versão. Já o testemunho AMEF, publicado em 1982 por Franklin Maxado traz a data de 1934. Embora o autor tenha publicado o texto quase cinco décadas depois, queria que este tivesse a data do texto gênese. O testemunho AMED2 parece ser o único que carrega a data efetiva de sua escrita, o ano de 1943.

Os testemunhos possuem quebra de estrofes em locais diferentes. Isso ocorre principalmente nos testemunhos AMED2, AMEF e no AMEC. Foi encontrado também diferenças quanto à pontuação. De modo que se em um testemunho o verso termina com vírgula, em outro há um sinal de exclamação, por exemplo. Há também alternâncias entre o uso de letras maiúsculas e minúsculas no início dos versos e mudança ou até mesmo supressão dos acentos nas palavras. Além da variação entre plural e singular de algumas palavras. Em alguns testemunhos se verificou supressão ou acréscimo de letras. A exemplo da linha dez em que a palavra *aquela* aparece com dois L no testemunho AMEC.

Nos testemunhos AMEF e AMEC o autor introduziu travessões para indicar o discurso direto dos personagens em diálogo. No testemunho AMEC o autor troca a palavra *Pobre* dos demais testemunhos pela palavra *pode* na linha 22. O que demonstra um lapso do autor no momento da escrita. Conjectura-se que neste mesmo testemunho o autor deslocou por descuido uma das estrofes que deveria está localizada após a sétima estrofe do testemunho AMEF, utilizado como texto base, para o final do texto. O autor sinalizou com um X esta estrofe deslocada e o local onde ela deveria ter sido escrita. Um sinal claro dos lapsos do autor em sua escrita.

Verificou-se que no testemunho AMED1, correspondente a fotocópia do original, foram suprimidos três versos do cordel. Essa supressão ocorreu após o verso “Cuns rosaro, cumas velas”. Essa é uma ação exógena que independe da escrita do autor, ocorreu no momento em que o texto foi xerocado. No testemunho AMED2 aparece o símbolo “|” no lugar do sinal de exclamação.

O testemunho escolhido como versão mais recente e, portanto, o texto de base foi o AMEF publicado em 1982. É fato que o autor Eulálio Motta tentou trazer a data de sua

primeira composição para a maioria dos testemunhos encontrados no acervo. E, que sua escolha final para publicação foi o testemunho de 1982. Portanto, esta é a versão mais recente encontrada no acervo.

Figura 36: Fac-símile do folheto em que se encontra a primeira parte do cordel *A mesinha* (F75. CL.

02. 002)

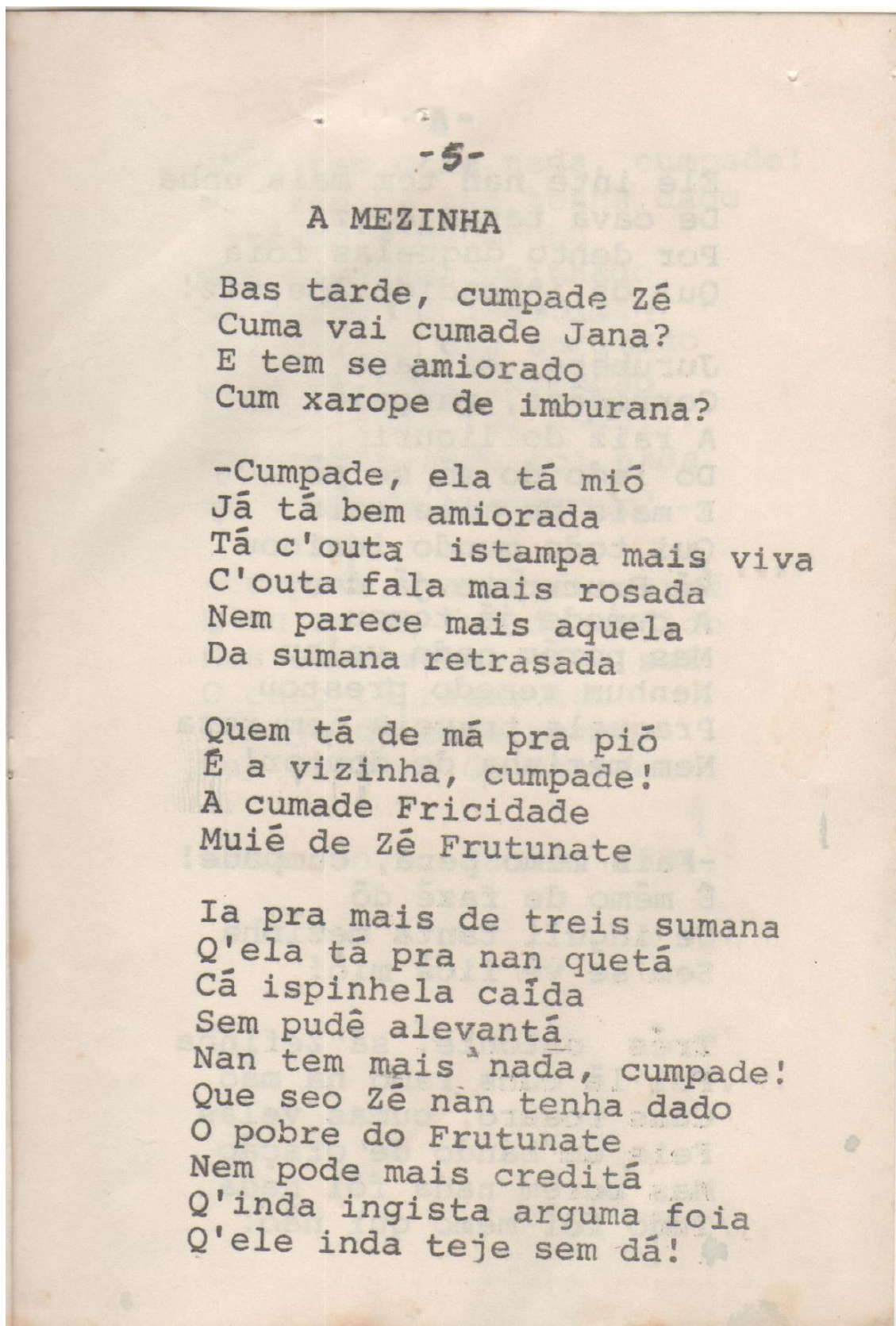
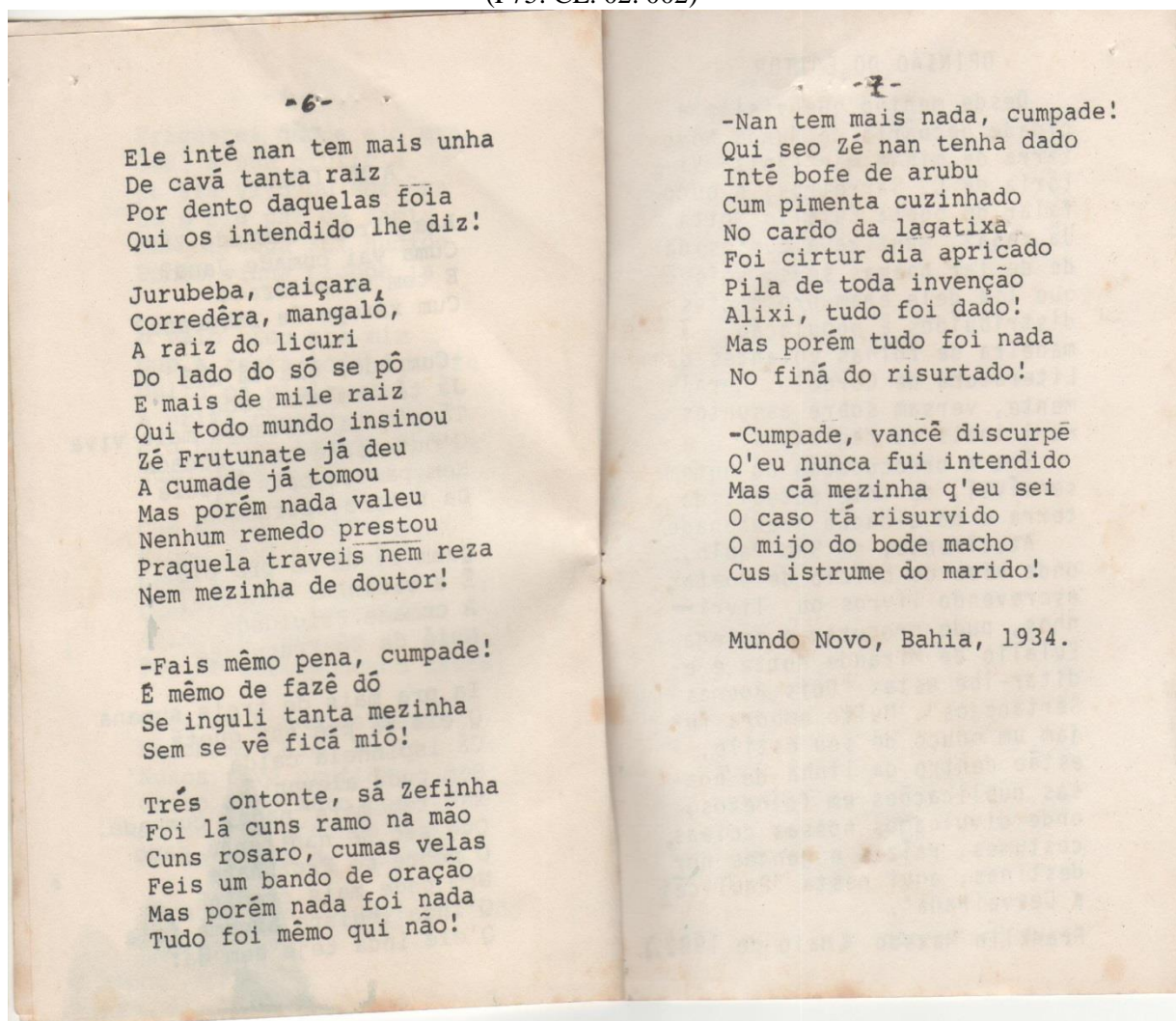


Figura 37: Fac-símile do folheto em que se encontra a segunda e terceira parte do cordel *A mesinha* (F75. CL. 02. 002)



Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

AMEF

A MEZINHA

	AMEM AMED1 A mesinha AMED2 A MESINHA AMEF A MEZINHA AMEC A <u>mezinha</u>
Bas tarde, cumpade Zé	AMEM AMED1 B'as tarde cumpade Zé! AMED2 B'as tarde cumpade Zé AMEF Bas tarde , cumpade Zé AMEC - Bas tarde , compade Zé!
Cuma vai cumade Jana? E tem se amiorado	
5 Cum xarope de imburana?	AMEM AMED1 AMED2 AMEF Cu AMEC cu
-Cumpade, ela tá mió	AMEM Cumpade / mió AMEF - Cumpade / mió AMED1 AMED2 Cumpade / mió? AMEC - Cumpade / mió!
Já tá bem amiorada Tá c' outa istampa mais viva	AMEM AMED1 AMED2 Já tá c' outa istampa mais viva , AMEF Tá c' outa istampa mais viva AMEC Tá coutha {fala} / estampa \ mais viva
C' outa fala mais rosada	AMEM AMED1 AMED2 AMEF C'outa fala AMEC Cuma /* { estampa } /fala\ /
10 Nem parece mais aquela	AMEM AMED1 AMED2 AMEF Nem / aquela AMEC nem / aquela
Da sumana retrasada	AMEM AMED1 AMED2 sumana / retrasada . AMEF sumana / retrasada AMEC /* semana / / retrasada .
Quem tá de má pra pió É a vizinha, cumpade!	AMEM AMEF pió AMED1 AMED2 AMEC pió , AMEM AMED1 AMED2 cumpade , AMEF cumpade! AMEC é /*a vizinha/, cumpade ,
A cumade Fricidade	AMEM AMED1 AMED2 Muíé de Zé Frutunato AMEF A cumade Fricidade AMEC a cumade Fricidade .
15 Muíé de Zé Frutunato	AMEM A cumade Fricidade : AMED1 AMED2 A cumade Fricidade , AMEF Muíé de Zé Frutunato AMEC [↑ muíé de Zé Frutunato]
Ia pra mais de treis sumana	AMEM AMED1 AMED2 Pra mais de treis sumana AMEC Tá pra mais de 3 semana
Q'ela tá pra nan quentá	AMEM q'ela / guentá AMED1 Q' ela / guentá AMED2 Q' ela / guentá AMEF Ia pra mais de treis sumana AMEC que ela / guentá ,
Cá ispinhela caída	AMEM Ca espinhela caída AMED1 AMED2 Ca espinhela caide AMEF Q'ela tá pra nan quentá AMEC ca ispinhela caída ,
Sem pudê alevantá	AMEI AMED1 AMED2 Sem pudê alevantá , AMEF Cá ispinhela caída AMEC sem podê amiorá
20 Nan tem mais nada, cumpade!	AMEMAMED1 AMED2 Nau tem mais cha, nau tem nada AMEF Sem pudê alevantá AMEC nau tem mais /*mi/
Que seo Zé nan tenha dado	AMEM q'ula AMED1 Q' uela AMED2 Q' ela AMEF Nan tem mais nada, cumpade : AMEC nau tem nada
O pobre do Frutunato	AMEF Que seo Zé nan tenha dado AMEC qu'ela têje sem {pomá} /tomá).
Nem pode mais creditá	AMEM AMED1 AMED2 O pobre Zé Frutunato AMEF O pobre do Frutunato AMEC O pode Zé Frutunato
	AMEM AMED1 AMED2 AMEF Nem AMEC nem

Q' inda ingista arguma foia	AMEM q' ainda inxiste AMED1 AMED2 Q' ainda inxiste AMEF Q' inda ingista AMEC qu' inda injista
25 Q' ele inda teje sem dá!	AMEM Q' ele ainda teje sem dá AMED1 AMED2 Q' ele ainda teje sem dá AMEF Q' ele inda teje sem dá! AMEC qu' ele inda teje sem dá.
Ele inté nan tem mais unha	AMEM AMED2 AMEC tem AMED1 /* temo /
De cavá tanta raiz	AMEM De cavar tanta raiz AMED1 AMED2 De cavá tanta raiz AMEF Ele inté nan tem mais unha AMEC de cavá tanta raiz
Por dento daquelas foia	AMEM /* pru / dento daquelas foia AMED1 AMED2 Pru dento daquelas foia AMEF De cavá tanta raiz AMEC por dento das foias
Qui os intendido lhe diz!	AMEM qui / diz AMED1 AMED2 Qui / diz AMEF Por dento daquelas foia AMEC que / diz .
30 Jurubeba, caiçara,	AMEM vire AMEF Qui os intendido lhe diz!
Corredêra, mangalô,	AMEM AMED1 AMED2 Jurubeba , caiçara AMEF Jurubeba , caiçara , AMEC Caiçara , jurubeba
A raiz do licuri	AMEM Corredera , mangalô AMED1 Corredêra , maggâôô (mangalô) AMED2 AMEF Corrêdera , mangalô AMEC corredera , mangalô ,
Do lado do só se pô	AMEM AMED1 AMED2 AMEF A AMEC a
E mais de mile raiz	AMEM Do / pô , AMED1 AMED2 AMEF Do / pô AMEC do / pô .
35 Qui todo mundo insinou	AMEM AMED1 AMED2 E tudo quando é raiz AMEF AMEC E mais de mile raiz
Zé Frutunate já deu	AMEM Qui / encinou , AMED1 Qui / /* encruou \ AMED2 Qui / encinou AMEF Qui / insinou AMEC que / ensinou ,
A cumade já tomou	AMEM Zé frutunato já deu , AMED1 AMEF Zé frutunato já deu AMEC Zé frutunate já deu ,
Mas porém nada valeu	AMEM AMED1 A cumade já tomou , AMED2 Zé Frutunato já deu AMEF AMEC A cumade já tomou
Nenhum remedo prestou	AMEM Mais porem nada valeu AMED1 AMEF Mais porém nada valeu AMED2 A cumade já tomou , AMEC mais porem nada valeu ,
40 Praquela traveis nem reza	AMEM Nenhum remedio prestou . AMED1 Nenhum remédio prestou AMD2 Mais porém nada valeu AMEF Nenhum remedo prestou AMEC nenhum remédio prestou
Nem mezinha de doutor!	AMEM AMED1 Pra quela travei nem reza AMED2 Nenhum remédio prestou AMEF Praquela travei nem reza AMEC pra quela travei nem reza
-Fais mêmo pena, cumpade!	AMEM AMED1 Nem mesinha de dotou AMED2 Pra quela traveis nem reza AMEF Nem mezinha de doutor! AMEC nem mezinha de doutô .
É mêmo de fazê dô	AMEM AMED1 Nem mesinha de dotou AMEC Fais mêmo pena , cumpade ,
Se inguli tanta mezinha	AMEM é mêmo de faze dó
45 Sem se vê ficá mió!	AMEM Faz memo pena , cumpade AMED1 AMED2 Faz mesmo pena , cumpade AMEF -Fais mêmo pena , cumpade! AMEC se inguli tanta mezinha
Trés ontonte, sá Zefinha	AMEM AMED1 É memo de fazé dó AMED2 mesmo AMEF mêmo AMEC sem se vê fica mió!
Foi lá cuns ramo na mão	AMEM AMED1 AME2 mesinha AMEF mezinha AMEC Nau tem mais , cumpade , [↑ x]
Cuns rosaro, cumas velas	AMEM AMED1 AMED2 mió AMEF mió! AMEC que seu Zé nau tenha dado . AMEC Inté bofé de arabu
	AMEM AMED1 AMED2 Treis antonte Sa AMEF Trés ontonte , sá AMEC cum pimenta , cusínhada
	AMEM cum / mão , A MED1 AMED2 cum / mão AMEF cuns / mão AMEC no cardo da lagartixa ,
	AMEM Cum rosaro / vela , AMED1 AMED2 Cum rosaro / vela AMEF Cuns rosaro , / velas AMEC foi siturdia apricado .

Feis um bando de oração	AMEM AMED2 Fez AMEF Feis AMEC Pila de toda invenção,
50 Mas porém nada foi nada	AMEM Mas porem AMED2 Mais porém AMEF Mas porém AMEC alixi, tudo foi dado,
Tudo foi mêmo qui não!	AMEM memo que AMED2 mesmo que não AMEF mêmo qui AMEC mais porem nada foi nada
-Nan tem mais nada, cumpade!	AMEC no finá do risurtado, AMEM AMED1 AMED2 Nau / nada cumpade, AMEF - Nan / nada, cumpade! AMEC - Cumpade, vancê discurpe
Qui seo Zé nan tenha dado	AMEM que seu Zé nau AMED1 Qui seu Zé /*não/ AMED2 Qui seu Zé nau AMEF Qui seo Zé nan AMEC que eu nunca fui entendido,
Inté bofe de arubu	AMEM urubu / pimenta cusenhada AMED1 urubu / pime AMED2 urubu / pimenta AMEF arubu AMEC más ca mezinha que eu sei,
55 Cum pimenta cuzinhado	AMEM No cardo da lagatixa / AMED1 nhada AMED2 cusinhada AMEF Cum pimenta cuzinhado AMEC o caso tá risurvido!
No cardo da lagatixa	AMEM Foi Siturdia apricado. AMED1 AMED2 AMEF No cardo da lagartixa
Foi cirtur dia apricado	AMEM Pila de toda invenção, alixi, AMED1 AMED2 Foi siturdia apricado AMEF Foi cirtur dia apricado AMEC ?
Pila de toda invenção	AMEM Tudo foi dado AMED1 Pila de toda invenção, alix: AMED2 Pila de toda invenção, alixi AMEF Pila de toda invenção AMEC - O mijo do bode macho
Alixi, tudo foi dado!	AMEM Mas porem nada foi nada AMED1 AMED2 Tudo foi dado AMEF Alixi, tudo foi dado! AMEC cus estrume do marido
60 Mas porém tudo foi nada	AMEM No finá do risurtado. AMED1 Mais porém nada AMED2 Mais poré nada AMEF Mas porém tudo AMEC 1934 (?)
No finá do risurtado!	AMED1 AMED2 risurtado AMEF risurtado!
-Cumpade, vancê discurpê	AMEM AMED1 AMED2 Cumpade, / descurpe AMEF - Cumpade, / discurpê AMEC x Treis antonte Sá /*Feinha/
Q' eu nunca fui entendido	AMEM qui AMED1 Qui AMED2 Que AMEF Q' eu AMEC Foi lá cums ramo na mão
Mas cá mezinha q' eu sei	AMEM cá mesinha que AMED1 AMED2 cámesinha que AMEF cá mezinha q' AMEC Cumas vela, cuns rosaro,
65 O mijo do bode macho	AMEM /*O/ caso ta resurvido, O mijo do bode macho AMED1 AMED2 O caso tá resurvido AMEF O mijo do bode macho AMEC feis um bando de oração.
Cus istrume do marido!	AMEM Cus estrume do marido! AMED1 AMED2 O mijo do bode macho AMEF Cus istrume do marido! AMEC mais porém tudo foi nada
Mundo Novo, Bahia, 1934.	AMED1 Cus estrume do marido! AMED2 Cus estrume do marido AMEC no foi mêmo qui não AMEM [← A data do original é de 1938] AMED1 AMED2 [E. Motta] AMEF Mundo Novo, Bahia, 1934. AMEC Nau tem mais nada, etc. AMED1 AMED2 1943

4.1.2.17 Epitáfio

A primeira edição de *Epitáfio* foi feita por Santos (2017), que identificou quatro testemunhos: três datiloscritos, um no DA (EC1.44.CV1.22.005), um no DCMC2 (1) (f. 67r), um no DCMC2 (2) (f. 67r) e um impresso no LCMC2 (p. 80). Nesta edição, contudo, foi identificado um quinto testemunho no CLC (A4.CV1.04.001). Este último testemunho se constitui em uma das estrofes do poema *Quando eu morrer*. A única estrofe que o autor não cancelou e, portanto, tornou-se o único vestígio de um poema excluído pelo autor.

Descrição física dos testemunhos

EPD1

Datiloscrito avulso com 9 linhas, na L. 1 o título em caixa alta, com espaçamento entre as letras e justificado à margem direita do papel. Da linha 2 a 8 os versos. Na linha 9 consta o nome do autor.

EPD2

Datiloscrito avulso com 8 linhas, título em caixa alta e com espaçamento entre as letras na linha 1. Na extremidade superior direita consta o número “124” em tinta azul. Da linha 2 a 8 os versos. No final da página aparece uma nota de rodapé “(1) – Primeiro verso de um ‘Soneto’ que virou sucata. De Ilusões que passaram...”.

EPD3

Datiloscrito avulso com 8 linhas, título em caixa alta e com espaçamento entre as letras na linha 1. Da linha 2 a 8 os versos. No final da página aparece uma nota de rodapé “(1) – Primeiro verso de um ‘Soneto’ que virou sucata. De Ilusões que passaram...”.

EPC

Manuscrito localizado no CLC fólio 30r. A mancha escrita ocupa 22 linhas. A tinta de escrita do texto é azul. O texto encontra-se com várias marcas de cancelamento em tinta azul.

Apenas uma estrofe e uma nota não foram canceladas. A nota e a estrofe foram marcadas com o código (1). A nota se propõe a explicar que a estrofe a que se refere foi o único fragmento do texto a não ser cancelado. O documento possui ainda a numeração 30 na parte superior direita e logo abaixo, um sinal de conferência. A numeração foi escrita com tinta vermelha e o sinal de conferência aparenta ter sido escrito com lápis preto.

EPL

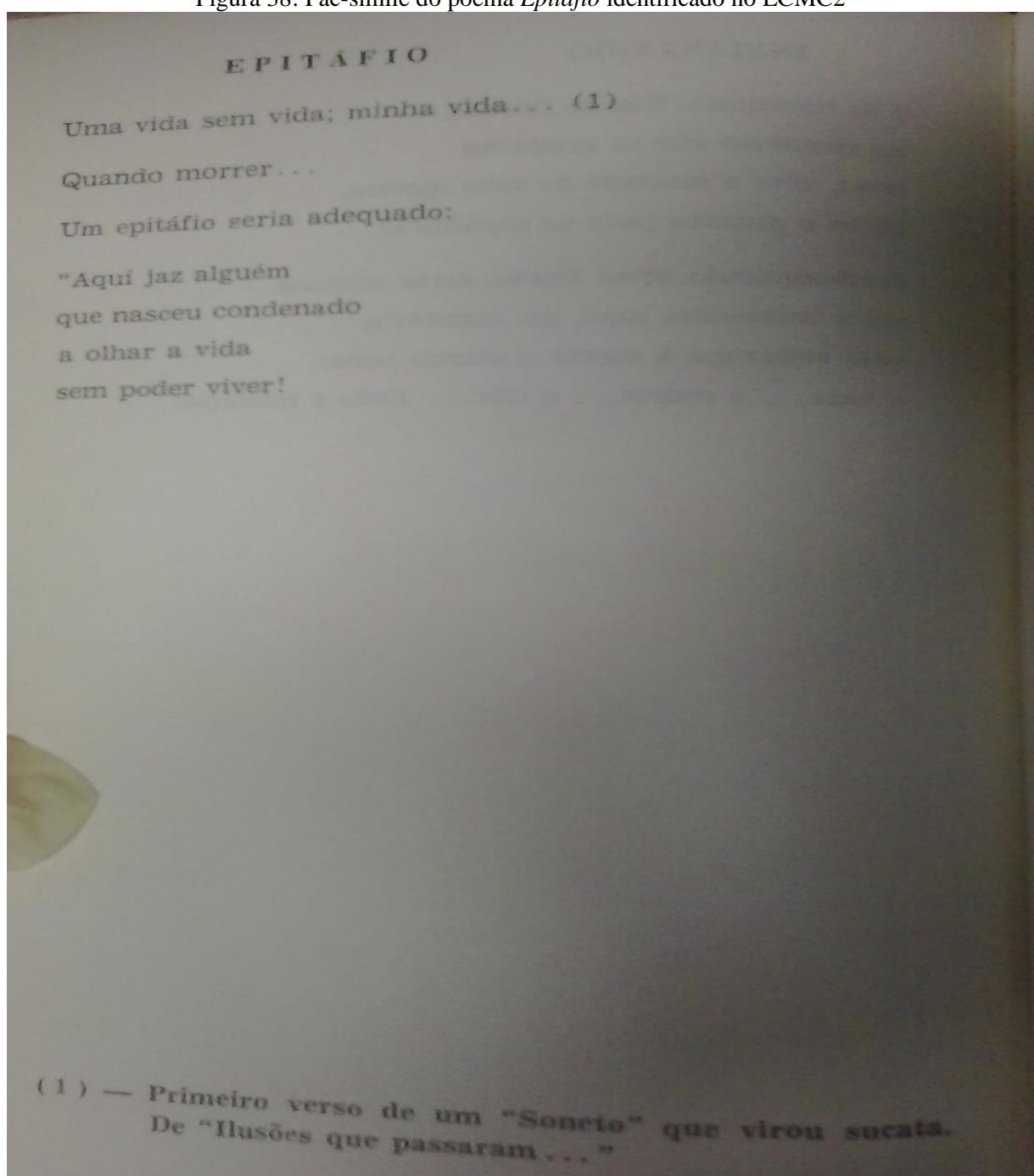
MOTTA, Eulálio. *Canções do meu caminho*. 2. ed. [s.l.]: [s.n.], [1983], p. 80.

Impresso e publicado. Possui 8 linhas, título em caixa alta na linha 1. Da linha 2 a 8 os versos. No final da página aparece uma nota de rodapé “(1) – Primeiro verso de um ‘Soneto’ que virou sucata. De Ilusões que passaram...”.

Análise das variantes

Além das variações relacionadas a pontuação, o texto apresenta o cancelamento do pronome pessoal “eu” na L.3 do EPC. E cancelamento com substituição no curso da linha na L.5 do EPC. O testemunho EPC possui uma particularidade interessante. Foi encontrado no CLC e era uma estrofe do poema Quando eu morrer. O poema foi inteiramente cancelado pelo autor, restando apenas a estrofe que depois se tornaria o poema Epitáfio. O autor deixou no testemunho o código “(1)”. Esse código aparece tanto na estrofe não cancelada quanto na nota com o seguinte texto: “Primeiro verso de um ‘soneto’ que virou sucata. de Ilusões que passaram.” Essa nota aparece também nos testemunhos EPD2, EPD3 e EPL. O testemunho EPC assim como a nota supracitada revelam um processo de escrita em transformação. Confirmando mais uma vez que a escrita não é fechada nem acabada. O autor está sujeito a alterar seus textos constantemente. A pesquisa no acervo do autor revelou que há um poema no caderno *Ilusões que passaram* com o mesmo título do poema *Quando eu morrer* de onde se originou o poema *Epitáfio*, porém não se trata do mesmo texto.

O texto selecionado como texto de base tanto da presente edição quanto da edição feita por Santos (2017), foi o EPL, testemunho encontrado no livro *Canções do meu caminho*. 2. Ed, publicado em 1983.

Figura 38: Fac-símile do poema *Epitáfio* identificado no LCMC2

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com o aparato

EPL

EPITÁFIO

Uma vida sem vida; minha vida...
 Quando morrer...
 Um epitáfio seria adequado:
 5 “Aqui jaz alguém
 que nasceu condenado
 a olhar a vida
 sem poder viver!”

EPD1 EPITÁFIO...

EPD1 **vida**, EPD2 EPD3 EPL **vida...** (1)
 EPC **sem vida** {†} **minha vida.** (1)
 EPD1 **morrer**,
 EPC **Quando** {eu}
 EPD1 **adequado!**
 EPC **um**
 EPD1 **Aqui** EPD2 EPD3 EPL **Aqui**
 EPC “**aqui** {zaz}/jaz\ **alguém**
 EPD1 **condenado,**

EPC a olhar a vida **sem poder viver.**”

EPD1 **viver...** EPD2 EPD3 EPL **viver!**
 EPC **viver.**

EPD1 **Eulálio Motta** EPD2 EPD3 EPL (1) – **Primeiro verso**
 de um “**Soneto**” que virou sucata. De “**Ilusões que**
 passaram...”

4.1.2.18 Último momento...

Conforme Santos (2017) o poema dispõe de cinco testemunhos: um manuscrito no MA (EH1.834.CL.06.008), um impresso no LA1981 (65), um datiloscrito no DCMC2 (1) (f. 68r), um datiloscrito no DCMC2 (2) (f. 68r) e um impresso no LCMC2 (81). Não havendo dados novos, a edição e análise das variantes permanece conforme Santos (2017).

Descrição física dos testemunhos

UMM

Manuscrito em tinta azul, 30 linhas. À L. 1 o título sublinhado, na L. 28 consta a rubrica do autor, na L. 29 a data e na L. 30 o local de onde foi retirado o poema “Do livro: ‘Luzes do crepúsculo,’ inédito”.

UM81

MOTTA, Eulálio de Miranda. Conversão. In: POETAS DA BAHIA E MINAS: ANTOLOGIA. Rio de Janeiro: Benedictis, Editores, 1981, p. 65.

Impresso e publicado. Possui 30 linhas, título na L. 1 em caixa alta, acompanhado do número “(1)” indicando nota de rodapé. À L. 2 consta a dedicatória “A Jorge Amado”. Da linha 3 a 28 os versos. Nas linhas 29 e 30 encontra-se a nota de rodapé “(1) ‘Poema bonito e melancólico, reflete a realidade do tempo que passa’. — Jorge Amado”. A dedicatória e a segunda estrofe estão alinhadas à margem direita do papel.

UMD1

31 linhas, título na L. 1 em caixa alta, acompanhado do número “(1)” indicando nota de rodapé. Na extremidade superior direita consta o número “127”, em tinta azul. À L. 2 a dedicatória “A Jorge Amado”. Da linha 3 a 28 os versos. Nas linhas 29 e 30 encontra-se a nota de rodapé “(1) ‘Poema bonito e melancólico, reflete a realidade do tempo que passa’” e na linha 31 “Jorge Amado”.

UMD2

31 linhas, título na L. 1 em caixa alta, acompanhado do número “(1)” indicando nota de rodapé. À L. 2 a dedicatória “A Jorge Amado”. Da linha 3 a 28 os versos. Nas linhas 29 e 30 encontra-se a nota de rodapé “(1) ‘Poema bonito e melancólico, reflete a realidade do tempo que passa’” e na linha 31 “Jorge Amado”. Há pequenas manchas na lateral direita do papel, no espaço em branco.

UML

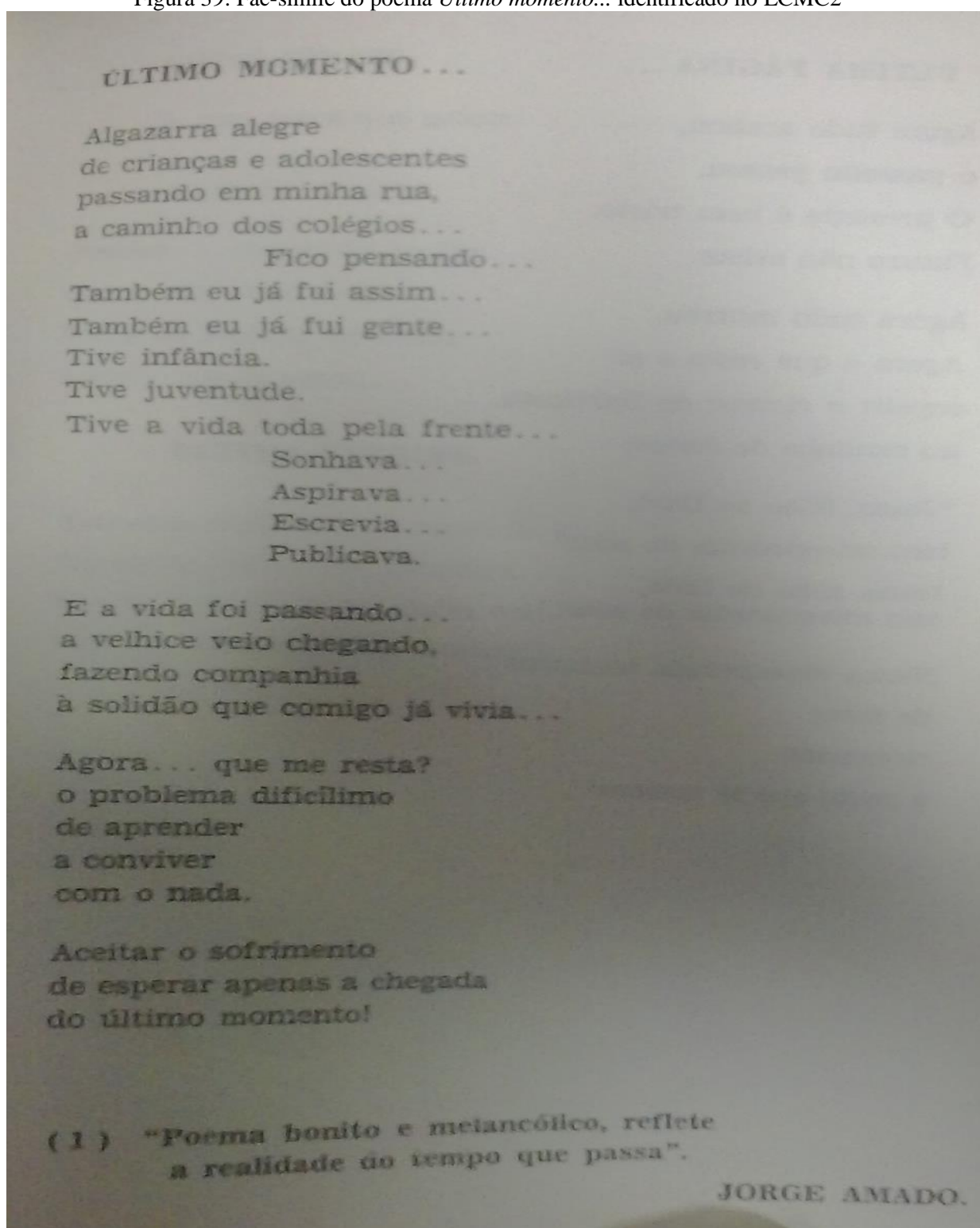
MOTTA, Eulálio. *Canções do meu caminho*. 2. ed. [s.l.]:[s.n.], [1983], p. 81.

30 linhas. À linha 1 consta o título em caixa alta, das linhas 2 a 27 os versos. Na L. 28 e 29 a nota de rodapé “(1) ‘Poema bonito e melancólico, reflete a realidade do tempo que passa’” e na linha 30 “Jorge Amado”. Texto e título justificados à margem esquerda do papel.

Análise das variantes

O testemunho UMM é o que mais apresenta variantes principalmente referentes ao léxico comparado aos demais. O manuscrito expressa no V. 2 “[...] de crianças e jovens”, já nas versões posteriores, o escritor substituiu a palavra “jovens” por “adolescentes”. Há uma emenda no V. 19 do UMM, o complemento “me” foi acrescentado depois na margem superior do verso. E no V. 24 do mesmo manuscrito, consta a expressão “[...] Suportar o sofrimento...”, enquanto que nos demais testemunhos, o poeta substituiu o verbo “Suportar” por “Aceitar”. Ambos os verbos refletem a relação do eu lírico frente ao sofrimento. Nesse momento podemos associar a figura do eu lírico ao perfil do próprio poeta. No início de sua caminhada com toda uma vida pela frente ele não aceitava a dor, o sofrimento, nesse período ele apenas suportava a presença de tais sentimentos. Com o passar dos anos, o fim do caminho se aproximando, ele demonstrou um certo conformismo em aceitar “[...] a chegada do último momento!”. As demais variantes estão relacionadas à pontuação e à acentuação.

O testemunho elencado por Santos (2017), como texto de base foi o UML identificado no LCMC2. O UML é o testemunho mais recente e autorizado pelo autor para publicação.

Figura 39: Fac-símile do poema *Último momento...* identificado no LCMC2

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com o aparato

UML

ÚLTIMO MOMENTO...

UMM O último momento UM81 UMD1 UMD2 ÚLTIMO
MOMENTO... (1)
UM81 UMD1 UMD2 A Jorge Amado

	Algazarra alegre de crianças e adolescentes passando em minha rua, 5 a caminho dos colégios... Fico pensando... Também eu já fui assim... Também eu já fui gente... Tive infância.	UMM e jovens UM81 rua... UMM colegios...
10	Tive juventude. Tive a vida toda pela frente... Sonhava... Aspirava... Escrevia...	UM81 infância... UM81 juventude... UMM frente. UM81 frente!
15	Publicava.	
	E a vida foi passando... a velhice veio chegando, fazendo companhia à solidão que comigo já vivia...	UMM á
20	Agora... que me resta? o problema difícilimo de aprender a conviver com o nada.	UMM [↑me] resta?! UMM A tarefa difícilima UMM UM81 nada!
25	Aceitar o sofrimento de esperar apenas a chegada do último momento!	UMM Suportar UMM [Eulálio Motta]

UMM 25-1-979

UMM Do livro: "Luzes do crepúsculo," inédito. UM81
UMD1 UMD2 UML (1) "Poema bonito e melancólico,
reflete a realidade do tempo que passa". UM81 – Jorge
Amado UMD1 UMD2 UML JORGE AMADO.

4.1.2.19 Fazenda vaca parida

Conforme Santos (2017), o poema dispõe de cinco testemunhos: um impresso no LCMC1 (p. 47 a 50), três datiloscritos: DCMC2 (1) (f. 52r-53r), DCMC2 (2) (f. 52r-53r), DA (EC1.46.CV1.22.007) e um impresso no LCMC2 (p. 63-64). Não sendo identificado nenhum dado novo, apresenta-se a edição e análise das variantes segundo Santos (2017).

Descrição física dos testemunhos

FVPL1

MOTTA, Eulálio. *Canções de meu caminho*. Serrinha: Tipografia d'O Serrinhense, 1948, p. 47-50.

Impresso em tinta preta. Página 47: 12 linhas, à L. 1: título, L. 2: “Para os que viveram a infância comigo: meus irmãos.” da L. 3 a 12 versos. Página 48: 11 linhas com versos. Página 49: 9 linhas com versos. Página 50: 4 linhas com versos.

FVPD1

Datiloscrito avulso em tinta preta. 35 linhas, à L. 1: título centralizado, entre aspas, em caixa alta e com espaçamento entre as letras. Da linha 2 a 35 constam os versos. Não há separação entre as estrofes.

FVPD2

Datiloscrito fólio 52r: O título encontra-se centralizado na parte superior da folha, em caixa alta. 26 linhas. No ângulo superior, à direita, consta em tinta azul o número “94”. Fólio 53r: 9 linhas com versos. No ângulo superior, à direita, consta o número “95” também em tinta azul.

FVPD3

Datiloscrito fólho 52r: o título encontra-se centralizado na parte superior da folha, em caixa alta. 26 linhas. Fólho 53r: 9 linhas com versos.

FVPL2

MOTTA, Eulálio. *Canções do meu caminho*. 2. ed. [s.l.]: [s.n.], [1983], p. 63-64.

Texto impresso e publicado. Página 63: 26 linhas, à L. 1: título centralizado, em caixa alta e entre aspas. Da linha 2 a 26 os versos. Página 64: 9 linhas com versos.

Análise das variantes

As variantes desse poema são reveladas na pontuação, na ortografia, na acentuação e na sintaxe. No V. 16, o FVPL1 apresenta a expressão “[...] O caminho da casa desapareceu”, enquanto que nas outras versões aparece “[...] O caminho de sua casa desapareceu”. Apenas uma mudança na preposição e um acréscimo de um pronome possessivo alteram o sentido do verso, nesse caso, o poeta buscou elementos que tornasse a expressão mais específica e delimitada. No último verso, o FVPL1 diz que “[...] Há cabelos ficando brancos...”, enquanto que nos demais testemunhos o verbo “haver” no sentido de existir foi suprimido com o intuito de evitar repetições, pois o verbo “Há” já foi mencionado no verso anterior.

Santos (2017), selecionou o testemunho FVPL2 identificado no LCMC2 como texto de base, pois se trata da versão mais recente autorizada para publicação.

Figura 40: Primeira parte do fac-símile do poema “Fazenda Vaca Parida” identificado no LCMC2

“FAZENDE VACA PARIDA”

Olhe a “Vaca-parida” de Dindinho João Motta !
Pedaco de céu de minha infância !
Como está diferente !
Não tem mais o umbuzeiro
da porta da frente,
esparramando os galhos
para fazer sombra no terreiro !
Cadê as grades azuis do avarandado ?!
Tudo agora é ruina ! É casa velha
com cactos crescendo no telhado !
O curral de pau a pique se acabou.
Desmancharam a casa de Chica!
Cadê Antônio de Chica
tangendo o burro com a carga d’água?!
Chica morreu.
O caminho de sua casa desapareceu.
Agora tudo é guiné, cansa-cavalo,
caiçara, melão São Caetano!
Não tem mais o curral das ovelhas!
Não há mais carneiro manso
andando no cabresto!
Cadê o pé de coité da trincheira do tanque?
(De manhã, no curral, o cambeje gostoso
nas cuias de coité!)
Que é que fizeram do pé de coité?!

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Figura 41: Segunda parte do fac-símile do poema “Fazenda Vaca Parida” identificado no LCMC2

Dindinha Benigna.
Cabelos brancos. Balaio de costura.
Os óculos. Bondade.
Tudo agora é lembrança!
Tudo agora é saudade!

Dindinho João Motta! Dindinho João Motta!
“Vaca-parida” está de fazer pena!
Há cactos crescendo no telhado de tua casa!
Cabelos ficando brancos na cabeça de teus netos!

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com o aparato

FVPL2

“FAZENDA VACA PARIDA”

FVPL1 FAZENDA VACA-PARIDA FVPD2 FVPD3 FAZENDA
VACA PARIDA FVPL2 FAZENDE

FVPL1 Para os que viveram a infância comigo: meus irmãos.

Olhe a “Vaca-parida” de Dindinho João Motta!

Pedaço de céu de minha infância!

FVPL1 infância...

Como está diferente!

5 Não tem mais o umbuzeiro

FVPL1 umbuzeiro

da porta da frente,

esparramando os galhos

para fazer sombra no terreiro!

Cadê as grades azuis do avarandado?!

10 Tudo agora é ruína! É casa velha

FVPL1 FVPD1 FVPD2 FVPD3 FVPL2 ruína!

com cactos crescendo no telhado!

O curral de pau a pique se acabou.

Desmancharam a casa de Chica!

Cadê Antônio de Chica

15 tangendo o burro com a carga d’água?!

Chica morreu.

O caminho de sua casa desapareceu.

FVPL1 da casa

Agora tudo é guiné, cansa-cavalo,

FVPL1 guiné. Cansa-cavalo.

caiçara, melão São Caetano!

FVPL1 Caiçara. Caetano.

20 Não tem mais o curral das ovelhas!

Não há mais carneiro manso

andando no cabresto!

Cadê o pé de coité da trincheira do tanque?

FVPL1 tanque?!

(De manhã, no curral, o cambeje gostoso

FVPL1 Demanhã,

25 nas cuias de coité!)

Que é que fizeram do pé de coité?!

Dindinha Benigna.

FVPL1 **Benigna!**

Cabelos brancos. Balaio de costura.

Os óculos. Bondade.

FVPL1 **oculos.**

30 Tudo agora é lembrança!

Tudo agora é saudade!

Dindinho João Motta! Dindinho João Motta!

“Vaca-parida” está de fazer pena!

Há cactos crescendo no telhado de tua casa!

35 Cabelos ficando brancos na cabeça de teus netos!

FVPL1 **Há** cabelos

4.1.2.20 Hino do Ginásio Mundo Novo

O poema foi editado originalmente por Santos (2017), mas reeditado por Pâmella Cintra. Cintra identificou quatro testemunhos deste poema: um manuscrito no MA (EH1.852.CL.08.006), um manuscrito no CDJN (f. 2v), um impresso solto no DCMC2 (1) (f. 119r) e um impresso no LCMC2 (p. 75). Apresenta-se a edição e análise das variantes conforme Cintra (2017).

Descrição física dos testemunhos

HGM1

Manuscrito em tinta azul, 24 linhas. À L. 1 o título sublinhado, da linha 2 a 24 os versos.

HGM2

Manuscrito em tinta azul. Texto sem título. À L.9 há um segmento ilegível; no verso seguinte, acréscimo da conjunção “E” na entrelinha superior. O texto está dividido em duas colunas. Na segunda coluna consta o estribilho, espécie de refrão, e uma nota informativa que cita os nomes das coletâneas às quais o texto foi incluído, com menção ao livro “Luzes do crepúsculo”.

HGF

Impresso em tinta preta em formato de folheto que está preservado no interior do DCMC2 (f. 119r). 23 linhas, título na L. 1 em caixa alta. Logo abaixo, estão os créditos da letra e da música “Letra de Eulálio Motta – Música de Almiro Oliveira”. Na extremidade superior direita encontra-se o número “119” em tinta azul. O folheto possui dois furos na margem esquerda do papel. O texto está alinhado à margem esquerda acompanhado das notas musicais que está à direita do papel.

HGL

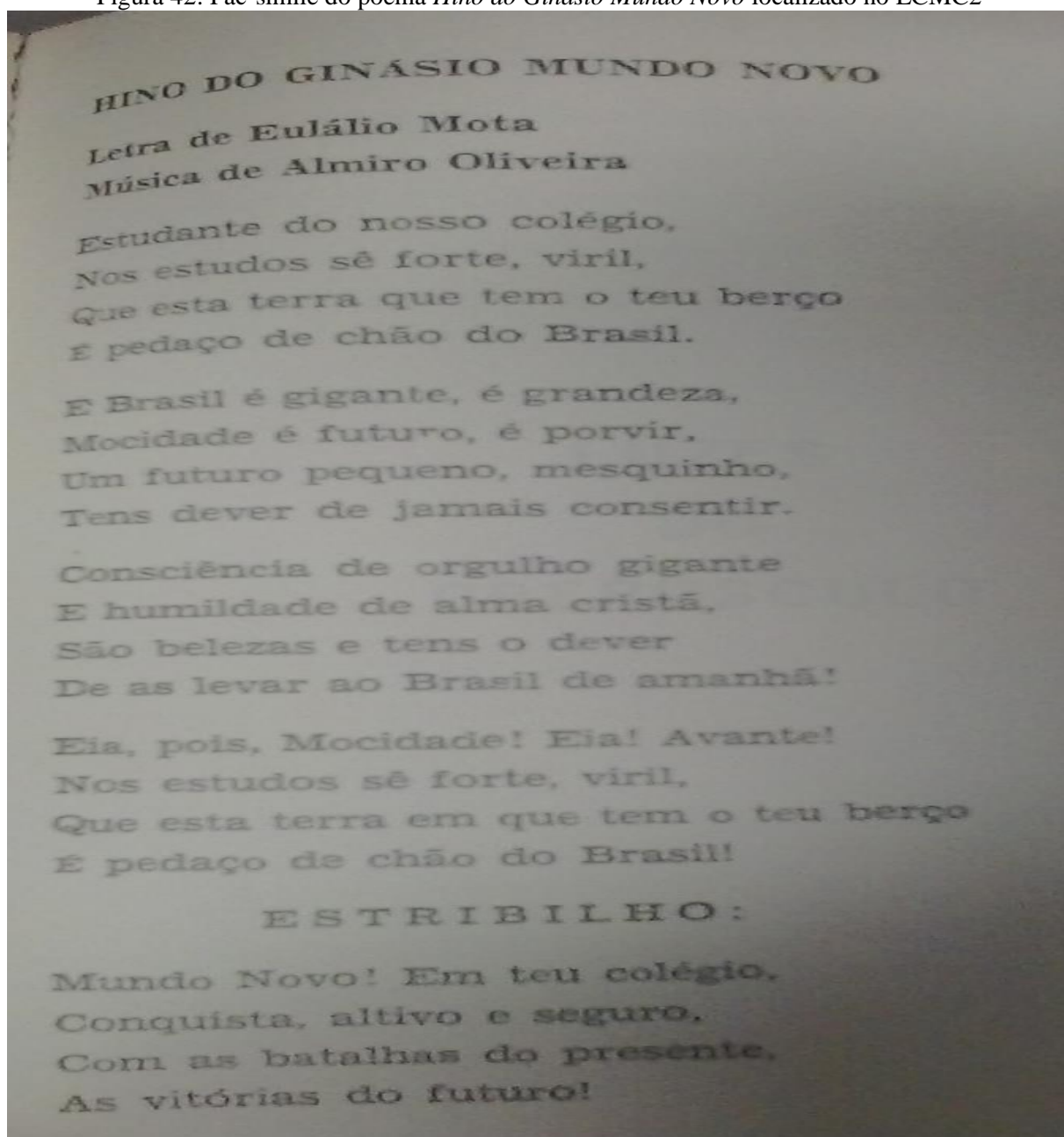
MOTTA, Eulálio. *Canções do meu caminho*. 2. ed. [s.l.]: [s.n.], [1983], p. 75.

Impresso e publicado. Possui 24 linhas, título na L. 1 em caixa alta. À L. 2 “Letra de Eulálio Motta”, à L. 3 “Música de Almiro Oliveira”. Da linha 3 a 24 os versos.

Análise das variantes

O HGM é o testemunho que mais apresenta variantes em comparação com o texto de base. No V. 1, do HGM, consta a expressão “[...] Estudante do nosso ginásio”, enquanto que nas versões posteriores aparece “[...] Estudante do nosso colégio”. Antigamente a palavra “ginásio” era usada para designar o local destinado à educação física e à educação intelectual dos jovens. Com o último significado o termo continuou a ser usado destinado ao curso fundamental. Porém, com o passar do tempo, o termo em destaque passou a ser empregado, sobretudo, com o sentido de educação física, nesse caso, o poeta acompanhou a transição semântica da palavra e resolveu substituí-la por “colégio”, que continua sendo o termo mais usado no momento. O HGM1 e o HGM2 apresentam no V. 6 a expressão “[...] Estudante é futuro...”, já nas demais versões o poeta substituiu a palavra “estudante” por “mocidade”. Por se tratar de um hino que convoca os jovens a lutarem por um mundo melhor, talvez o vocábulo “mocidade” contemple mais essa ideia de jovens agrupados em prol de um objetivo. As demais variantes estão relacionadas à pontuação e à ortografia.

O texto selecionado por Santos (2017) como texto de base é o HGL localizado no LCMC2. Trata-se da versão autorizada para publicação mais recente.

Figura 42: Fac-símile do poema *Hino do Ginásio Mundo Novo* localizado no LCMC2

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com o aparato

HGL

HINO DO GINÁSIO MUNDO NOVO

	HGM1 HGF Letra de Eulálio Mota
	HGM1 HGF Música de Almiro Oliveira
	HGM1 de nosso ginásio , HGM2 HGF colégio ,
	HGM1 nos HGM1 forte e viril (s.v.) HGM2 viril!
	HGM1 que
5	HGM1 é HGM1 HGM2 Brasil!
	HGM1 HGM2 grandeza!
	HGM1 HGM2 Estudante é futuro, é porvir .
	HGM1 HGM2 consentir!
10	HGM1 Consciência HGM2 Conciencia HGM2 gigante {†}
	HGM1 e HGM2 [†E] { Humildade } /humildade \ HGF cristã .
	HGM1 de
	HGM1 forte e viril (s.v.) HGM2 viril!
15	HGM1 é HGM2 Brasil (s.e.)

ESTRIBILHO:

	HGM1 Novo (s.e.) em teu ginásio , HGM2 colegio ,
20	HGM1 as
	HGM1 Mundo Novo, 18-5-965
	HGM1 [Eulálio Motta]
	HGM2 Do livro: “Luzes do
	HGM2 crepúsculo,” inedito. In-
	HGM2 cluido na coletânea de
	HGM2 poesias escolhidas dos li-

HGM2 vros: “Ilusões que passa-
HGM2 ram”, “Alma enferma”, {e}
HGM2 “Canções de meu cami-
HGM2 nho” [(edição esgotada) e] Luzes do crepúscu-
HGM2 lo”, [inédito] intitulado: “ELA e
HGM2 outras poesias.”

4.1.2.21 Tamarindeiro...

Conforme Santos (2017) o poema dispõe de seis testemunhos: um manuscrito no CLC (f. 23r-24r), um manuscrito no MA (EH1.848.CL.08.002), um impresso no LA1981 (p. 67), um datiloscrito no DCMC2 (1) (f. 48r), um datiloscrito no DCMC2 (2) (f. 48r) e um impresso no LCMC2 (p. 59). Apresenta-se a seguir a edição e análise das variantes conforme Santos (2017), pois não se identificou dados novos.

Descrição física dos testemunhos

TMM1

Manuscrito em tinta azul. Fólio 23r: a mancha escrita ocupa as 23 linhas das 23 que compõem o papel. Título na L. 1 em caixa alta, em tinta azul, coberto e sublinhado por tinta vermelha. Na extremidade superior direita encontra-se o número “23” também em tinta vermelha e logo abaixo do título aparece a expressão “ao dono do Tamarindeiro, Jairo Almeida”. O papel apresenta uma mancha nos cinco primeiros versos à margem esquerda ocasionada por algum tipo de líquido, provavelmente água, no entanto não interfere na leitura do texto. Fólio 24r: 6 linhas com versos, no ângulo superior à direita consta o número “24” em tinta vermelha.

TMM2

Manuscrito em tinta azul, a mancha escrita ocupa as 31 linhas do papel. À L. 1 consta o título sublinhado e logo abaixo a expressão “A pedido de Licon para Jairo Almeida”. À L. 30 consta a rubrica do autor e a data “2 - 3 - 963” na última linha.

TM81

MOTTA, Eulálio de Miranda. Conversão. In: POETAS DA BAHIA E MINAS: ANTOLOGIA. [s.l.]: Benedictis Editores, 1981, p. 67.

Impresso em tinta preta, 26 linhas. À L. 1 consta o título, em caixa alta. Texto e título alinhados à margem esquerda do papel. No V. 16 há uma rasura na palavra “das”, a letra ‘s’ foi riscada com lápis de hidrocor vermelho.

TMD1

Impresso em tinta preta, 30 linhas. À L. 1 título, em caixa alta. Na extremidade superior direita o número “85” em tinta azul. Da linha 2 a 30 os versos.

TMD2

Impresso em tinta preta, 30 linhas. À L. 1 título, em caixa alta. Da linha 2 a 30 os versos.

TML1

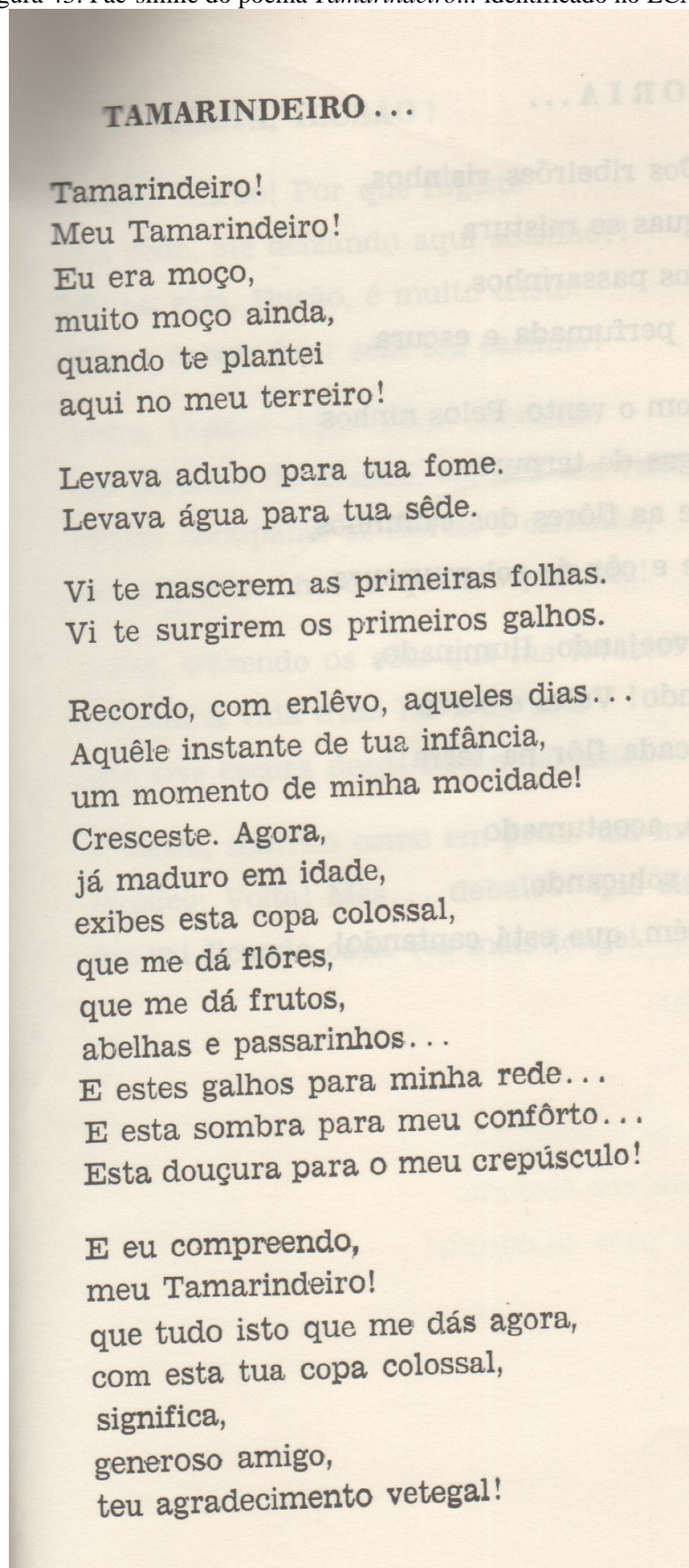
MOTTA, Eulálio. *Canções do meu caminho*. 2. ed. [s.l.]: [s.n.], [1983], p. 59.

Impresso em tinta preta, 30 linhas. À L. 1 título, em caixa alta. Da linha 2 a 30 os versos.

Análise das variantes

Os dois primeiros manuscritos apresentam a expressão “[...] E esta sombra para minha sesta...”, enquanto que nas demais versões o poeta substituiu o vocábulo “sesta” por “conforto”, a sombra do tamarindeiro não proporcionou apenas um breve cochilo após o almoço, mas sim promoveu uma sensação de bem estar natural. Ocorreu em dois momentos um erro tipográfico, o primeiro foi no V. 11, a palavra “aqueles” foi datilografada “agueles” e o segundo momento foi no V. 29 o vocábulo “vegetal” foi datilografada “vetegal”. As demais variantes aparecem na pontuação, na ortografia e na acentuação do texto.

A seleção do texto de base empreendida por Santos (2017), seguiu o critério do texto mais recente. Assim, o texto de base é o TML1, identificado no LCMC2.

Figura 43: Fac-símile do poema *Tamarindeiro...* identificado no LCMC2

Texto crítico com o aparato

TML1

TAMARINDEIRO...

		TMM1 {MEU} TAMARINDEIRO (s.r.) TMM2 Meu Tamarindeiro (s.r.) TM81 TMD1 TMD2 TML1 TAMARINDEIRO (s.r.) TMM1 ao dono do Tamarindeiro, Jairo Almeida. TMM2 A pedido de Licon para Jairo Almeida.
	Tamarindeiro!	
	Meu Tamarindeiro!	
	Eu era moço,	
5	muito moço ainda,	
	quando te plantei	
	aqui no meu terreiro!	TMM1 TMM2 TM81 terreiro.
	Levava adubo para tua fome.	
	Levava água para tua sede.	TMM1 TMM2 agua TMM1 TMM2 TMD1 TMD2 TML1 sêde.
10	Vi te nascerem as primeiras folhas.	TMM1 fôlhas!
	Vi te surgirem os primeiros galhos.	TMM1 galhos!
	Recordo, com enlevo, aqueles dias...	TMM1 TMM2 TMD1 TMD2 TML1 enlêvo, TMM1 TMM2 aquêles TMD1 TMD2 agueles
	Aquele instante de tua infância,	TMM1 TMM2 TMD1 TMD2 TML1 aquêe
	um momento de minha mocidade!	
15	Cresceste. Agora,	TMM1 TMM2 E agora,
	já maduro em idade,	
	exibes esta copa colossal,	TMM1 TMM2 colossal (s.v.)
	que me dá flores,	TM81 dá(s) TMM1 TMD1 TMD2 TML1 flôres,
	que me dá frutos,	TM81 dá(s)
20	abelhas e passarinhos...	
	E estes galhos para minha rede...	TMM2 rêde...
	E esta sombra para meu conforto...	TMM1 TMM2 minha sesta... TMD1 TMD2 TML1 confôrto...
	Esta doçura para o meu crepúsculo!	TML1 douçura
	E eu compreendo,	
25	meu Tamarindeiro!	TMM1 TMM2 Tamarindeiro,
	que tudo isto que me dás agora,	
	com esta tua copa colossal,	

significa,
generoso amigo,
30 teu agradecimento vegetal!

TMD1 TMD2 TML1 **vetegal!**

TMM2 [Eulálio Motta]

TMM2 2 - 3 - 963

4.1.2.22 Uma dúzia de trovas para meus dois pronomes: tu e você

Conforme Santos (2017) o poema dispõe de um único testemunho manuscrito avulso (EH1.812.CL.04.006). Contudo, foram identificados mais três testemunhos correspondentes a primeira estrofe do poema ora editado. São eles: uma quadra encontrada no verso do poema *Dia do Namorado* (DNM1) no MA (EH1.810.CL.04.004), uma quadra no caderno *Meu caderno de trovas* fólio 14v (A13.CV1.13.001) e uma estrofe em quadra no poema *Uma dúzia de trovas para ela no DA* (EC1.32.CV1.21.004),.

Foi identificado ainda um testemunho correspondente a segunda, terceira e sexta estrofes do poema ora editado. Trata-se das quadras *Loucura*, *Recordar* e *Nunca existiu* localizadas no fólio 12r do caderno *Meu caderno de trovas*.

Também foram identificados mais treze testemunhos em que aparece a quinta estrofe do poema ora ditado. São eles: seis testemunhos do poema *Trovas Antológicas*. cinco destes localizados no MA (EH1.813.CL.04.007) e o sexto é um panfleto (M904.CR6.02.019), três testemunhos do poema *Saudade*, sendo dois localizados no MA (EH1.811.CL.04.005) e o terceiro no DA (EC1.29.CV1.21.001), quatro testemunhos do poema intitulado *Doze trovas para ela*⁹ no DA (EC1.33.CV1.21.005)¹⁰. Ao todos foram identificados 18 testemunhos em que aparecem quadras utilizadas pelo autor no poema ora editado, revelando o quanto o autor reciclou seus escritos.

Descrição física do testemunho

LMCTC

O testemunho foi encontrado no caderno *Meu caderno de trovas* (A13.CV1.13.001) no fólio 12r. o fólio em questão possui quatro quadras intituladas respectivamente de *Chorando*, *Loucura*, *Recordar* e *Nunca existiu*. A mancha escrita do fólio é de 19 linhas. A quadra *Loucura*, que aparece a partir da linha 6 do testemunho UDM ocupa as linhas de 5 a 9 do testemunho LMCTC. Já a quadra *Recordar* que aparece como terceira estrofe do testemunho ora editado ocupa as linhas de 10 a 14 do testemunho LMCTC. A quadra *Nunca existiu* que

⁹ Este poema possui um quinto testemunho intitulado *Uma dúzia de trovas para ela* (EC1.32.CV1.21.004), considerado como o texto de base em edição feita por Santos (2017) e que também figura neste trabalho..

¹⁰ Descrição física dos testemunhos cujo estrofes foram identificadas no poema ora editado: vide página: Quadra no MA (p. 350); *Trovas Antológicas* (p. 339); *Saudade* (p. 256); *Doze trovas para ela* (p. 354).

aparece como sexta estrofe do testemunho UDM ocupa as linhas de 15 a 19 do testemunho LMCTC. O autor numerou as quadras do testemunho LMCTC do número 68 ao 71, este último, porém, o autor cancelou. A tinta utilizada na escrita do texto foi azul. Nos títulos e numeração o autor utilizou vermelho. A tinta de cor preta foi utilizada pelo autor para cancelar o número 71 ao lado da quadra *Nunca existiu* e também para escrever o número que se conjectura seja 96 do lado esquerdo da quadra *Recordar*. O fôlio também foi numerado pelo autor em tinta vermelha com a numeração 25.

UDM

Conforme Santos (2017), o manuscrito foi escrito em tinta preta. EH1.812.CL.04.006 (reto): 26 linhas, título na L. 1 sublinhado. Da linha 2 a 26 os versos. Ao lado de cada trova há uma marcação em formato de “V” feito pelo autor. Na lateral esquerda do papel constam dois furos ocasionados pelo furador. EH1.812.CL.04.006 (verso): 20 linhas com versos, abaixo do texto encontra-se uma nota que diz o seguinte “A sair na 3ª ed. de Canções de meu caminho”. Ao lado da nota consta a rubrica do autor e data.

Análise das variantes

O poema *Uma dúzia de trovas para meus dois pronomes: Tu e Você* é um exemplo da versatilidade da escrita de Eulálio Motta. o autor reaproveitava fragmentos de sua escrita em outros textos. Muitas vezes, é possível identificar versos, estrofes e títulos de poemas que se repetem ao longo da produção escrita do autor. No poema ora editado, verificou-se que das doze estrofes, cinco foram localizadas em outros textos: manuscritos avulsos, datiloscritos avulsos, panfletos e o caderno *Meu caderno de trovas*. As variações encontradas na confrontação das estrofes com os seus respectivos testemunhos mostraram mudanças referentes a pontuação e oscilação entre maiúsculas e minúsculas. Além de situações de lapsos do autor como é o caso da palavra “leicura” na linha seis do UDM. O autor ao invés de escrever “loucura” como ocorre no testemunho LMCTC confunde-se e acaba por escrever uma palavra inexistente. É absolutamente normal ocorrer tais lapsos ao escrever. A análise da escrita de um autor revela que este ato falho da escrita é também comum no universo dos escritores.

Figura 44: Fac-símile do poema *Uma dúzia de trovas para meus dois pronomes: tu e você*
(EH1.812.CL.04.006)

Uma dúzia de trovas
para meus dois pronomes; - Tu e você

Quando você se casou
adoeceu minha vida... ✓
Nunca mais recuperei
minha saúde perdida...

Podeu dizer que é leicuna...
na vez primeira que a vi,
parece que, leslumbrado, ✓
realmente enlouqueci...

Diz-me alguém que é tempo ainda
de esquecer, de não lembrar... ✓
acontece que era linda,
vale a pena recordar...

Porque de minha tristeza...
de minha tristeza... o porque...
você não lembra de mim
como eu lembro de você...

Basta! Não é mais possível
continuar vivendo assim...
lembrando tanto de quem
nunca se lembra de mim...

Faz se conta... faz se conta
que você nunca existiu... ✓
que nosso amor foi comota
de um poeta que mentiu...

Figura 45: Fac-símile do poema *Uma dúzia de trovas para meus dois pronomes: tu e você*

(EH1.812.CL.04.006)

14

O que me resta de vida,
de vontade de viver,
é não poder conseguir
na verdade te esquecer...

Não diga que eu conseguisse
realmente te esquecer,
estaria terminado
meu motivo de viver!

Tento muito te esquecer...
São tentativas em vão...
Porque afinal, na verdade,
inda fala o coração...

Que me ficou desta vida?
O que restou para mim?
Continuar sem você
até chegar o meu fim...

Quero te pedir desculpa
de ter me vivendo assim...
lembrando tanto de ti
que não te lembras de mim!

(A sair na 3ª ed. de *Canções Eulálio Motta*,
de meu caminho. 18-7-84)

Texto crítico com o aparato

UDM

UMA DÚZIA DE TROVAS PARA MEUS DOIS PRONOMES: TU E VOCÊ

	Quando você se casou adoeceu minha vida...	ADC ADM casou , UDM casou ADC V74
5	Nunca mais recuperei minha saúde perdida...	ADM UDM DTD5 saude perdida... ADC saude perdida
	Podem dizer que é loucura... na primeira vez que a vi, parece que, deslumbrado, realmente enlouqueci...	UDM leicura... LMCTC loucura... UDM na LMCTC Na LMCTC enlouqueci...
10	Diz-me alguém que é tempo ainda de esquecer, de não lembrar... acontece que era linda, vale a pena recordar...	UDM LMCTC alguem LMCTC linda... UDM linda,
15	Porque de minha tristeza... Minha tristeza... o porque... você não lembrar de mim como eu lembro de você...	
	Basta! Não é mais possível continuar vivendo assim...	UDM SDM1 SDM2 SDD TAM1 TAM2 TAM3 TAP TAM4 TAM5 possivel
20	lembrando tanto de quem nunca se lembra de mim...	UDM SDD TAM4 lembrando Lembrando TAM1 TAM2 TAM3 TAP TAM5 DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 mim... SDM1 SDM2 SDD DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 TAM1 TAP mim! TAM2 TAM3 TAM4 TAM5
	Faz de conta... faz de conta que você nunca existiu...	

que nosso amor foi lorota
25 de um poeta que mentiu...

O que me resta de vida,
de vontade de viver,
é não poder conseguir
na verdade te esquecer...

30 No dia que eu conseguisse
realmente te esquecer,
estaria terminado
meu motivo de viver!

Tento muito te esquecer...
35 São tentativas em vão...
Porque afinal, na verdade,
ainda fala o coração...

UDM **inda**

Que me ficou desta vida?
O que restou para mim?
40 Continuar sem você
até chegar o meu fim...

Quero te pedir desculpa
de teimar vivendo assim...
lembrando tanto de ti
45 que não te lembras de mim!

UDM A sair na 3ª ed. de **Canções de meu caminho**.

UDM [Eulálio Motta] 18-7-84

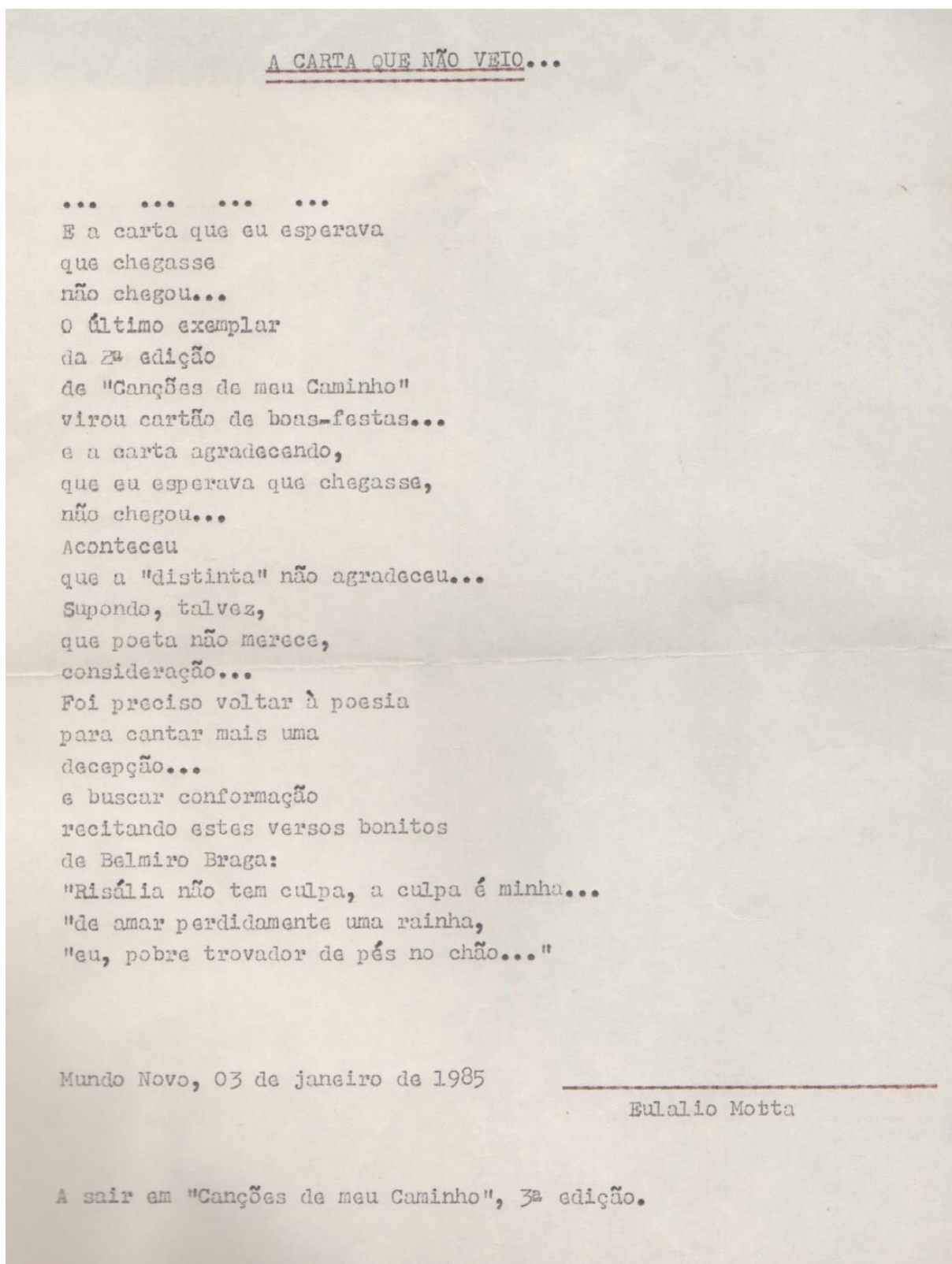
4.1.2.23 A carta que não veio...

Conforme Santos (2017) sinaliza em sua edição, o poema dispõe de um único testemunho datiloscrito avulso (EC1.37.CV1.21.009).

Descrição física do testemunho

ACD

A folha do testemunho mede 215mm de largura por 315mm de altura. A mancha escrita corresponde à 28 linhas, título na L. 1, a linha 2 é composta por quatro reticências. Da linha 3 a 26 os versos. Abaixo do texto consta o local e a data e ao lado na margem direita aparece a nome do autor. Há uma nota de rodapé que diz o seguinte “A sair em ‘Canções de meu caminho’, 3ª edição”. O estado de conservação do testemunho é bom. Não há rasuras, nem emendas.

Figura 46: Fac-símile do poema *A carta que não veio...* (EC1.37.CV1.21.009)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com o aparato

ACD

A CARTA QUE NÃO VEIO...

... ..
 E a carta que eu esperava
 que chegasse
 não chegou...

5 o último exemplar
 da 2ª edição
 de “Canções de meu caminho”
 virou cartão de boas-festas...
 e a carta agradecendo,

10 que eu esperava que chegasse,
 não chegou...
 Aconteceu
 que a “distinta” não agradeceu...
 Supondo, talvez,

15 que poeta não merece,
 consideração...
 Foi preciso voltar à poesia
 para contar mais uma
 decepção...

20 a buscar conformação
 recitando estes versos bonitos
 de Balmiro Braga:
 “Risália não tem culpa, a culpa é minha...
 “de amar perdidamente uma rainha,

25 “eu, pobre trovador de pés no chão...”

ACD Mundo Novo, 03 de janeiro de 1985

ACD Eulálio Motta

ACD A sair em “Canções de meu caminho”, 3ª edição.

4.1.2.24 Aquela rua...

Conforme afirma Taylane Santos (2017) o poema dispõe de um único testemunho datiloscrito avulso (EC1.52.CV1.23.002).

Descrição física do testemunho

ARD

A folha mede 215mm de largura por 315mm de altura. A mancha escrita corresponde à 48 linhas, título na L. 1, da linha 2 a 46 os versos. À L. 47 consta o local e data em que o texto foi escrito e ao lado na margem direita encontra-se uma linha tracejada, supostamente, seria para escrever o nome do autor. Há uma nota de rodapé em que Eulálio Motta sinalizou que o texto faria parte de terceira edição “A sair em ‘Canções de meu caminho’, 3ª edição (2ª edição, esgotada em menos de 90 dias)”. O estado de conservação do testemunho é bom, não havendo rasuras ou emendas.

Figura 47: Fac-símile do poema *Aquela rua...* (EC1.52.CV1.23.002)AQUELA RUA...

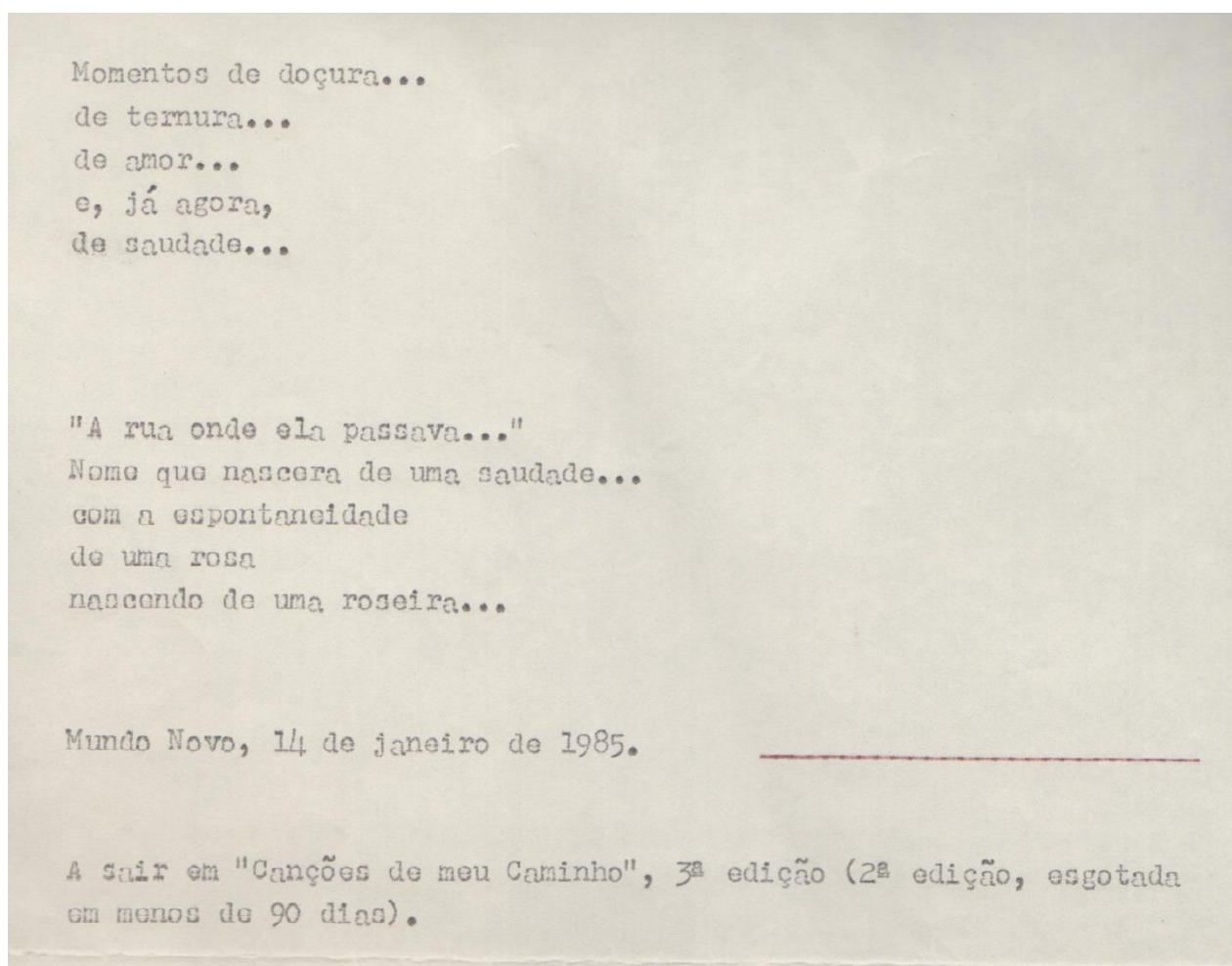
Como é doce lembrar aqueles dias!...
Aquelas manhãs!...
com ela passando...
passando...
Toda manhã passando...
com sua sacola
de livros
a caminho da escola...

Passava voltando o rosto
para não ver o poeta
na porta da farmácia,
o poeta que ela não gostava,
não sei porque...
Ainda não era poeta,
o poeta viria depois.
Nasciria de uma dôr...
De um amor que morreu...

Toda manhã inevitavelmente,
estava na porta da farmácia
apreciando a passagem da beleza.
Que encantamento!
cada momento,
quando ela passava!...

E o poeta amava e sofria
porque a beleza não o queria...
nem a poesia...
não escrevia...

1925... No futuro
um livro apareceria
sugerindo o nome de uma rua!
" A rua onde ela passava..."
Num próximo futuro
quando alguém passear em Monte Alegre,
fará questão de conhecer
aquela rua!

Figura 48: Segunda parte do fac-símile do poema *Aquela rua...* (EC1.52.CV1.23.002)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com o aparato

ARD

AQUELA RUA...

- Como é doce lembrar aqueles dias...
 Aquelas manhãs!...
 com ela passando...
 5 passando...
 Toda manhã passando...
 com sua sacola
 de livros
 a caminho da escola...
- 10 Passava voltando o rosto
 para não ver o poeta
 na porta da farmácia, ARD farmácia
 o poeta que ela não gostava,
 não sei porque...
- 15 Ainda não era poeta,
 o poeta viria depois.
 Nasceria de uma dor... ARD Nasceria de uma dôr...
 De um amor que morreu...
- 20 Toda manhã inevitavelmente,
 estava na porta da farmácia ARD farmácia
 apreciando a passagem da beleza.
 Que encantamento!
 cada momento,
 quando ela passava...
- 25 E o poeta amava e sofria
 porque a beleza não o queria...
 nem a poesia...
 não escrevia...

1925... No futuro
 30 um livro apareceria
 sugerindo o nome de uma rua!
 “A rua onde ela passava...”
 Num próximo futuro
 quando alguém passear em Monte Alegre,
 35 fará questão de conhecer
 aquela rua!

ARD alguém

Momentos de doçura...
 de ternura...
 de amor...
 40 e, já agora,
 de saudade...

“A rua onde ela passava...”
 Nome que nascera de uma saudade...
 com a espontaneidade
 45 de uma rosa
 nascendo de uma roseira...

ARD Mundo Novo, 14 de janeiro de 1985.

ARD A sair em “Canções de meu caminho”, 3ª edição (2ª edição, esgotada em menos de 90 dias).

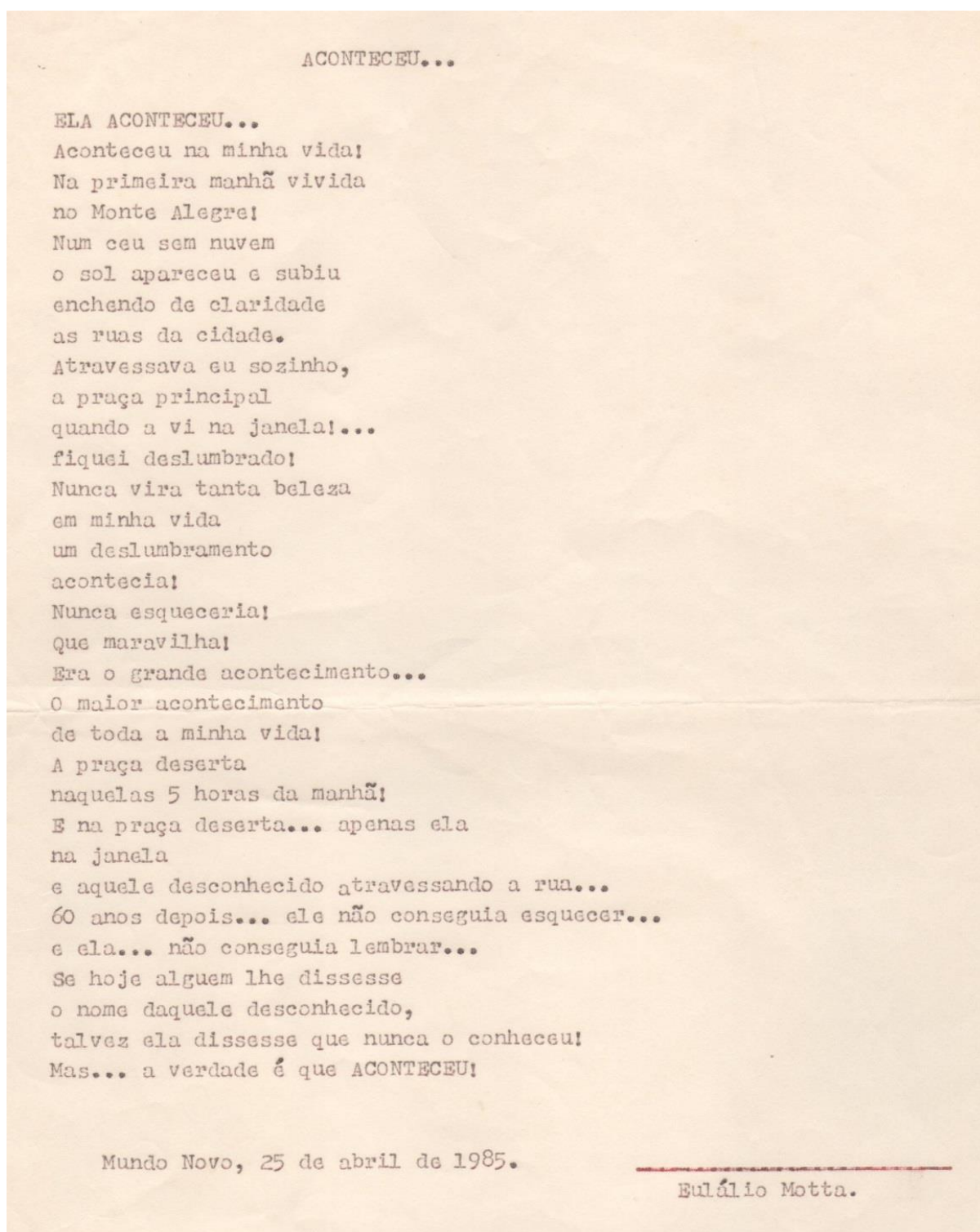
4.1.2.25 Aconteceu...

O poema possui um único testemunho no DA (EC1.50.CV1.22.011).

Descrição física do testemunho

ACD

A folha do testemunho mede 215mm de largura por 315mm de altura. A mancha escrita do documento se constitui de 34 linhas. O fragmento é composto por uma única e longa estrofe. Não há rasuras, correção ou acréscimos do autor. A tinta utilizada na escrita do texto é preta. A conservação do documento é boa.

Figura 49: Fac-símile do poema *Aconteceu...* (EC1.50.CV1.22.011)

Fonte: acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

ACD

ACONTECEU...

ELA ACONTECEU...

Aconteceu na minha vida!

Na primeira manhã vivida

5 no Monte Alegre!

Num céu sem nuvem

ACD **ceu**

o sol apareceu e subiu

enchendo de claridade

as ruas da cidade.

10 Atravessava eu sozinho,

a praça principal

quando a vi na janela!...

fiquei deslumbrado!

Nunca vira tanta beleza

15 em minha vida

um deslumbramento

acontecia!

Nunca esqueceria!

que maravilha!

20 Era o grande acontecimento...

O maior acontecimento

de toda a minha vida!

A praça deserta

naquelas 5 horas da manhã!

25 E na praça deserta... apenas ela

na janela

e aquele desconhecido atravessando a rua...

60 anos depois... ele não conseguia esquecer...

e ela... não conseguia lembrar...

30 Se hoje alguém lhe dissesse

ACD **alguem**

o nome daquele desconhecido,

talvez ela dissesse que nunca o conheceu!

Mas... a verdade é que ACONTECEU!

Mundo Novo, 25 de abril de 1985.

Eulálio Motta.

4.1.2.26 Voltar

Foram encontrados três testemunhos do poema *Voltar* no DA (EC1.54.CV1.23.004)

Descrição física dos testemunhos

VTD1

A folha mede 215mm de largura por 315mm de altura. A mancha escrita do testemunho se constitui de 47 linhas. O fragmento é composto por cinco estrofes. Não há rasuras, correção ou acréscimos do autor. A tinta utilizada na escrita do texto é preta. A conservação do documento é boa.

VTD2

A folha mede 215mm de largura por 315mm de altura. A mancha escrita do testemunho se constitui de 47 linhas. O fragmento é composto por cinco estrofes. Não há rasuras, correção ou acréscimos do autor. A tinta utilizada na escrita do texto é preta. A conservação do documento é boa.

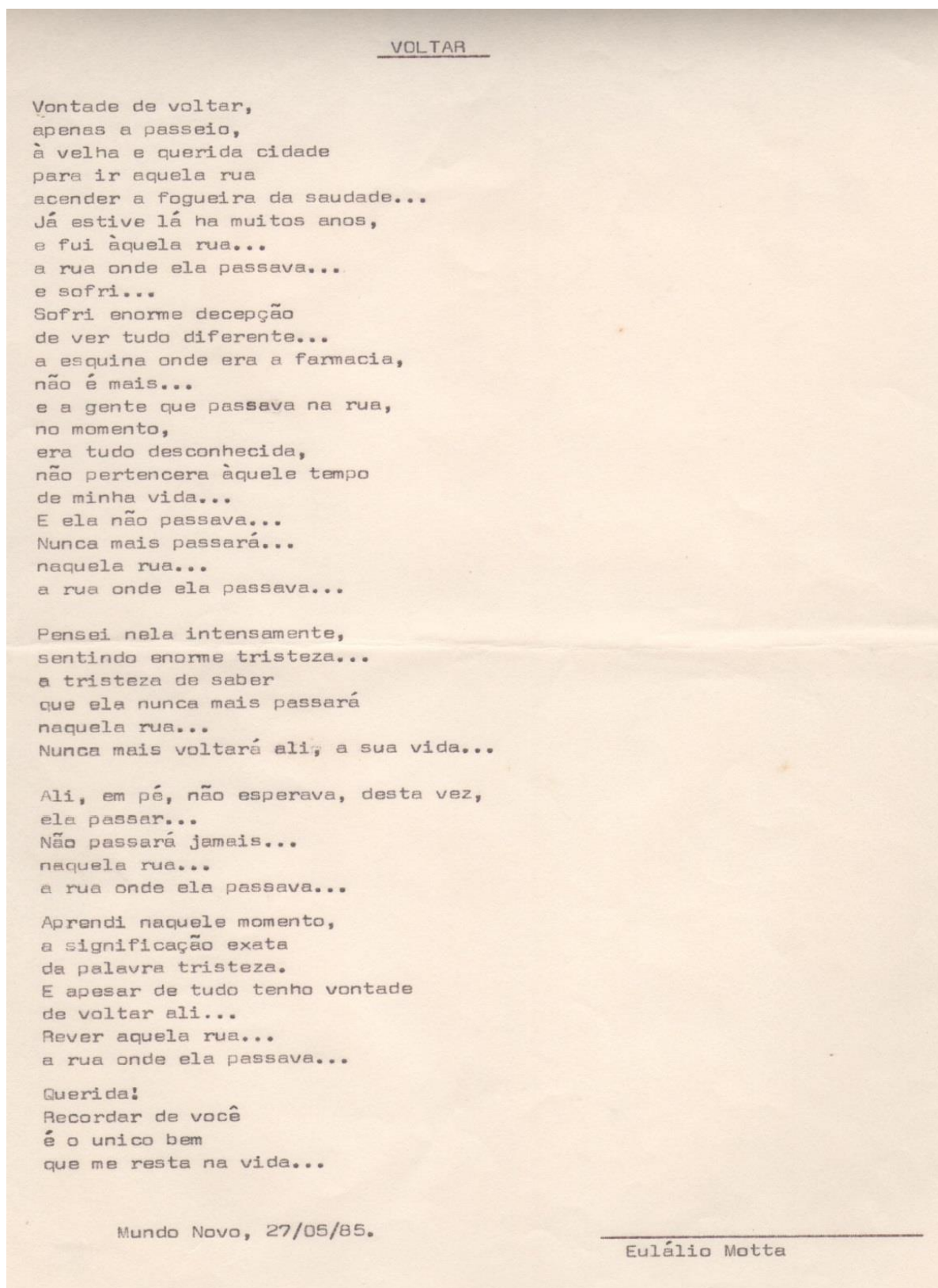
VTD3

A folha mede 215mm de largura por 315mm de altura. A mancha escrita do testemunho se constitui de 47 linhas. O fragmento é composto por cinco estrofes. Não há rasuras, correção ou acréscimos do autor. A tinta utilizada na escrita do texto é preta. A conservação do documento é boa.

Análise das variantes

A análise dos testemunhos revelou uma única variante entre os mesmos. Esta ocorreu na linha 15 e, provavelmente seja proveniente de um erro de datilografia. A variação consiste na escrita da palavra “qua” no testemunho VTD1 ao invés de “rua” como se verifica nos testemunhos VTD2 e VTD3, ou seja, houve a troca da letra “r” pela letra “q”.

Com exceção do VTD1 verificou-se que os demais testemunhos são idênticos, portanto, para a seleção do texto de base optou-se pelo VTD3. O VTD2 e o VTD3 são cópias.

Figura 50: Fac-símile do poema *Voltar* (EC1.54.CV1.23.004)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

VTD3

VOLTAR

- Vontade de voltar,
 apenas a passeio,
 à velha e querida cidade
- 5 para ir aquela rua
 acender a fogueira da saudade...
 Já estive lá há muitos anos,
 e fui àquela rua...
 a rua onde ela passava...
- 10 e sofri...
 Sofri enorme decepção
 de ver tudo diferente...
 a esquina onde era a farmácia, VTD1 VTD2 VTD3 **farmácia,**
 não é mais...
- 15 e a gente que passava na rua, VTD1 **qua,** VTD2 VTD3 **rua,**
 no momento,
 era tudo desconhecida,
 não pertencera àquele tempo
 de minha vida...
- 20 E ela não passava...
 Nunca mais passará...
 naquela rua...
 a rua onde ela passava...
- Pensei nela intensamente,
 25 sentindo enorme tristeza...
 a tristeza de saber
 que ela nunca mais passará
 naquela rua...
 Nunca mais voltará ali, a sua vida...
- 30 Ali, em pé, não esperava, desta vez,
 ela passar...

não passará jamais...
naquela rua...
a rua onde ela passava...

35 Aprendi naquele momento,
a significação exata
da palavra tristeza.
E apesar de tudo tenho vontade
de voltar ali...

40 Rever aquela rua...
a rua onde ela passava...

Querida!
Recordar de você
é o único bem
45 que me resta na vida...

Mundo Novo, 27/05/85

Eulálio Motta

4.1.2.27 Pontos de historia de minha vida...

Foram encontrados quatro testemunhos do poema ora editado no DA (EC1.30.CV1.21.002).

Descrição física dos testemunhos

PHD1

A folha do testemunho mede 215mm de largura por 315mm de altura. A mancha escrita do testemunho se constitui de 66 linhas. O poema é composto por cinco estrofes. Não há rasuras, correção ou acréscimo do autor. A tinta utilizada na escrita do texto é preta. O testemunho foi escrito no reto e verso de uma folha avulsa. A conservação do testemunho é boa.

PHD2

A folha do testemunho mede 215mm de largura por 315mm de altura. A mancha escrita do testemunho se constitui de 66 linhas. O poema é composto por cinco estrofes. Não há rasuras, correção ou acréscimo do autor. A tinta utilizada na escrita do texto é preta. O testemunho foi escrito no reto e verso de uma folha avulsa. A conservação do testemunho é boa.

PHD3

A folha do testemunho mede 215mm de largura por 315mm de altura. A mancha escrita do testemunho se constitui de 66 linhas. O poema é composto por cinco estrofes. Não há rasuras, correção ou acréscimo do autor. A tinta utilizada na escrita do texto é preta. O testemunho foi escrito no reto e verso de uma folha avulsa. A conservação do testemunho é boa.

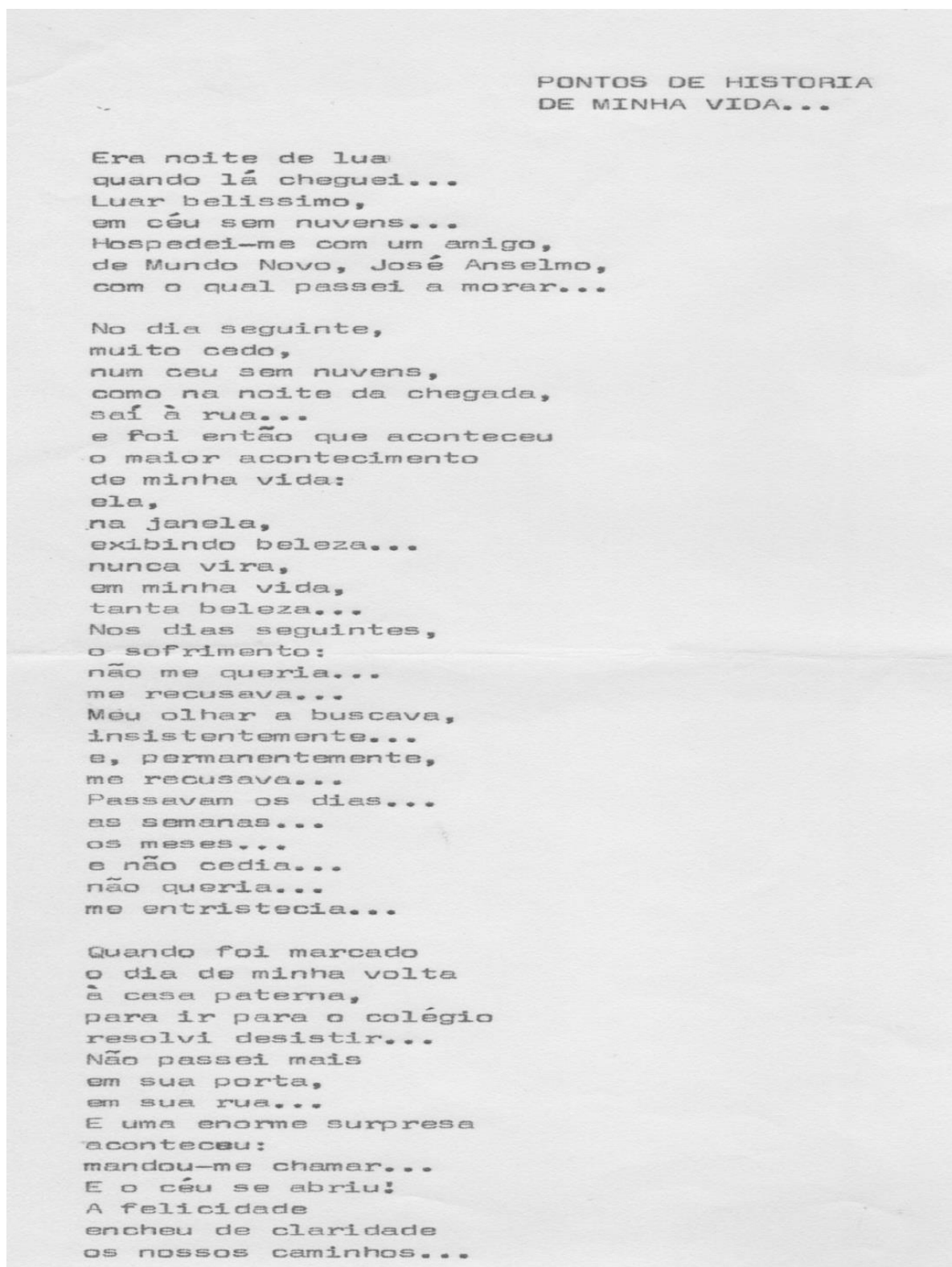
PHD4

A folha do testemunho mede 215mm de largura por 315mm de altura. A mancha escrita do testemunho se constitui de 66 linhas. O poema é composto por cinco estrofes. Não há rasuras, correção ou acréscimo do autor. A tinta utilizada na escrita do texto é preta. O testemunho foi escrito no reto e verso de uma folha avulsa. A conservação do testemunho é boa.

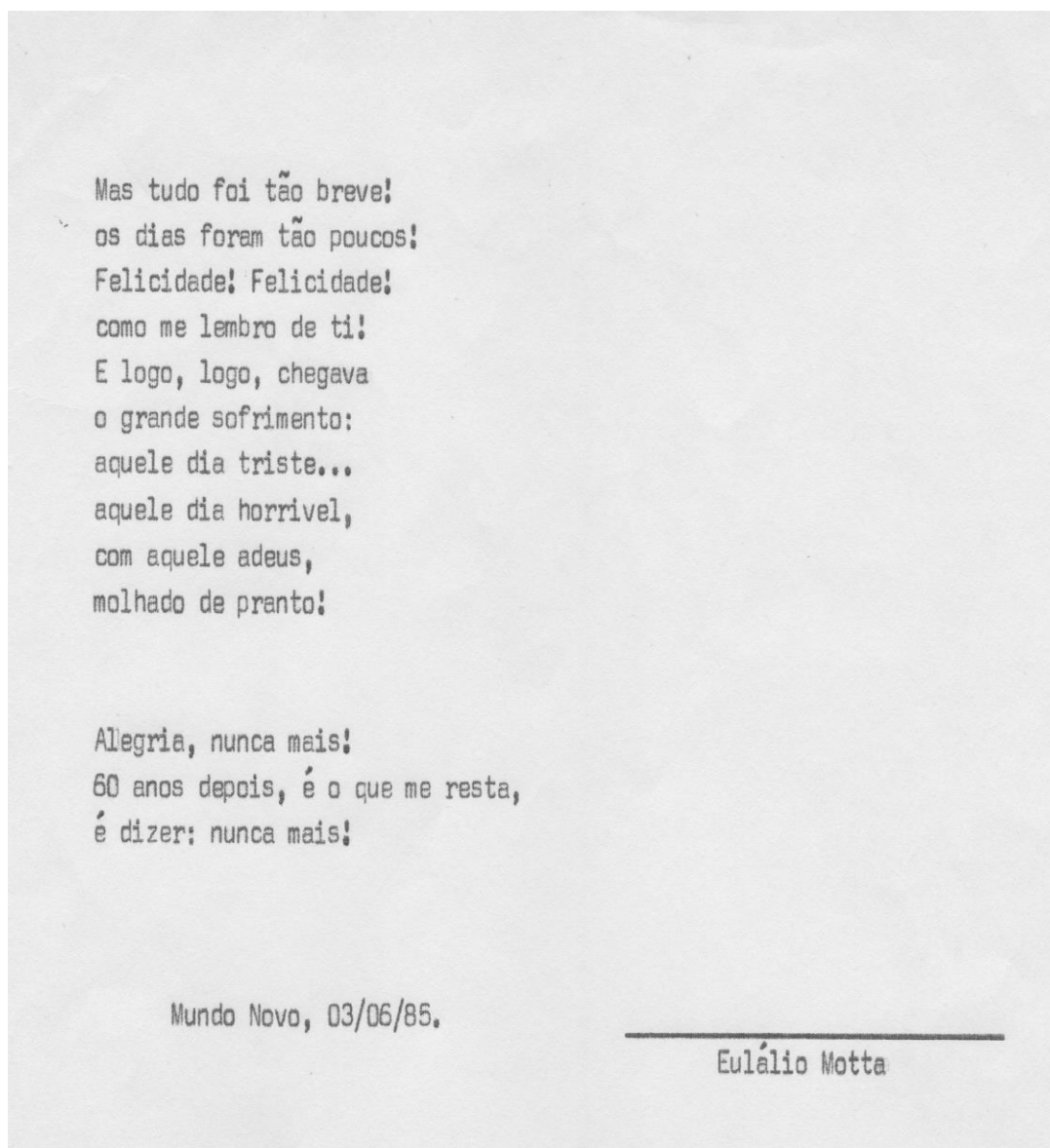
Análise das variantes

Os quatro testemunhos do poema ora editado possuem as mesmas medidas, cor da tinta utilizada na escrita, número de versos e estrofes. As principais variações observadas nestes testemunhos, contudo, podem ser verificadas na linha oito do testemunho PHD1. Neste verso o autor provavelmente cometeu um erro de datilografia, pois ao escrever o nome José, acrescenta o acento agudo também na consoante “S”. Já na linha quarenta e um, verificou-se que o autor acentuou a palavra “colégio” apenas no testemunho PHD4. Na linha 61 observa-se que o autor conclui o verso com vírgula somente no testemunho PHD4. Já na linha 63 do testemunho PHD3 verifica-se outro erro de datilografia. Nesta linha, o autor ao invés de datilografar a palavra “Alegria”, no início do verso, conforme os demais testemunhos, irá escrever “Alegira”.

A análise das variantes aponta o testemunho PHD4 como o texto mais completo e, portanto, eleito como texto base. O PHD4 apresenta a palavra colégio acentuada além da ausência de erros de datilografia verificados nos testemunhos PHD1 e PHD3.

Figura 51: Recto do fac-símile do poema *Pontos de histórias de minha vida...* (EC1.30.CV1.21.002)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Figura 52: Verso do fac-símile do poema *Pontos de histórias de minha vida...* (EC1.30.CV1.21.002)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

PHD4

PONTOS DE HISTÓRIA DE MINHA VIDA...

PHD1 PHD2 PHD3 PHD4 **HISTORIA**

- Era noite de lua
quando lá cheguei...
- 5 Luar belíssimo,
em céu sem nuvens...
Hospedei-me com um amigo,
de Mundo Novo, José Anselmo,
com o qual passei a morar...
- 10 No dia seguinte,
muito cedo,
num céu sem nuvens,
como na noite da chegada,
saí à rua...
- 15 e foi então que aconteceu
o maior acontecimento
de minha vida:
ela,
na janela,
- 20 exibindo beleza...
nunca vira,
em minha vida,
tanta beleza...
Nos dias seguintes,
- 25 o sofrimento:
não me queria...
me recusava...
Meu olhar a buscava,
insistentemente...
- 30 e, permanentemente,
me recusava...
- PHD1 PHD2 PHD3 PHD4 **belissimo,**
- PHD1 **Jo'sé** PHD2 PHD3 PHD4 **José**
- PHD1 PHD2 PHD3 PHD4 **ceu**

Passavam os dias...
 as semanas...
 os meses...
 35 e não cedia...
 não queria...
 me entristecia...

Quando foi marcado
 o dia de minha volta
 40 à casa paterna,
 para ir para o colégio
 resolvi desistir...

PHD1 PHD2 PHD3 colégio PHD4 colégio

Não passei mais
 em sua porta,
 45 em sua rua...
 E uma enorme surpresa
 aconteceu:
 mandou-me chamar...
 E o céu se abriu:
 50 A felicidade
 encheu de claridade
 os nossos caminhos...

Mas tudo foi tão breve!
 os dias foram tão poucos!
 55 Felicidade! Felicidade!
 como me lembro de ti!
 E logo, logo, chegava
 o grande sofrimento:
 aquele dia triste...

60 aquele dia horrível,
 com aquele adeus,
 molhado de pranto!

PHD1 PHD2 PHD3 PHD4 horrível,

PHD1 PHD2 PHD3 adeus PHD4 adeus,

Alegria, nunca mais!
 60 anos depois, é o que me resta,
 65 é dizer: nunca mais!

PHD1 PHD2 PHD4 Alegria PHD3 Alegria

Mundo Novo, 03/06/85.

[Eulálio Motta]

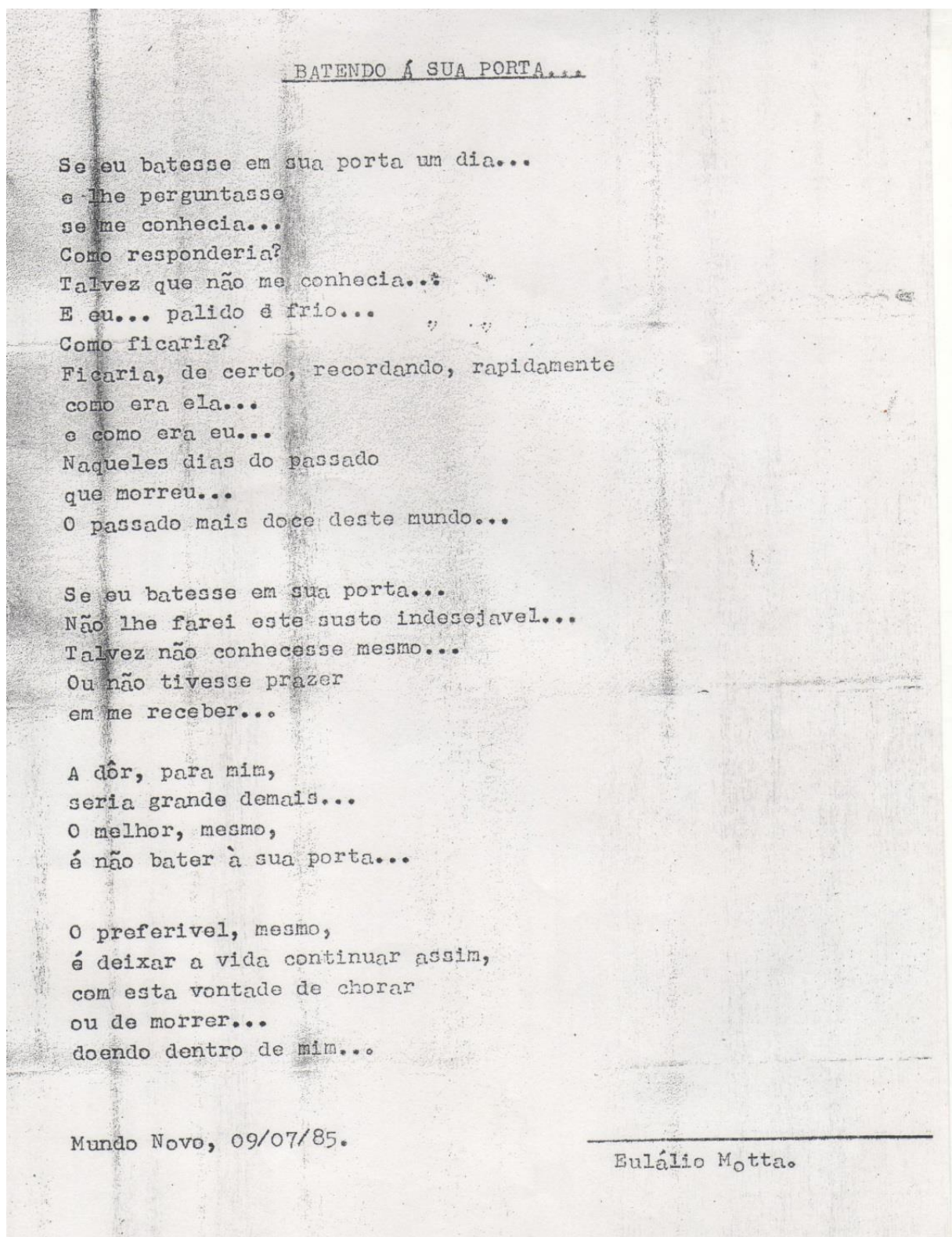
4.1.2.28 Batendo à sua porta

Foi encontrado um único testemunho do poema ora editado no DA (EC1.926.CV1.23.009).

Descrição física do testemunho

BSD

A folha mede 210mm de largura por 297mm de altura. A mancha escrita do testemunho se constitui de 30 linhas. O fragmento é composto por quatro estrofes. A tinta utilizada na escrita do texto é preta. Trata-se de uma fotocópia. O original não foi encontrado no acervo. A conservação do documento é boa.

Figura 53: Fac-símile do poema *Batendo à sua porta...* (EC1.926.CV1.23.009)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

BSD

BATENDO À SUA PORTA...

DSD **Á**

- Se eu batesse em sua porta um dia...
 e lhe perguntasse
 se me conhecia...
- 5 Como responderia?
 Talvez que não me conhecia...
 E eu... pálido e frio...
 Como ficaria?
 Ficaria, de certo, recordando, rapidamente
- 10 como era ela...
 e como era eu...
 Naqueles dias do passado
 que morreu...
 O passado mais doce deste mundo...
- 15 Se eu batesse em sua porta...
 Não lhe farei este susto indesejável...
 Talvez não conhecesse mesmo...
 Ou não tivesse prazer
 em me receber...
- 20 A dor, para mim,
 seria grande demais...
 O melhor, mesmo,
 é não bater à sua porta...
- O preferível, mesmo,
- 25 é deixar a vida continuar assim,
 com esta vontade de chorar
 ou de morrer...
 doendo dentro de mim...

DSD **palido**

DSD **indesejavel**

DSD **dôr**

DSD **preferivel**

Mundo Novo, 09/07/85.

30

Eulálio Motta.

4.1.2.29 A última vez

Foi encontrado um único testemunho do poema ora editado no MA (EH1.828.CL.06.002).

Descrição física do testemunho

AUM

A folha mede 220mm de largura por 328mm de altura. A mancha escrita corresponde a 36 linhas. O poema é composto por seis estrofes. Não há acréscimos, rasuras ou correção do autor. O poema ora editado foi escrito com tinta preta. A conservação do testemunho é boa.

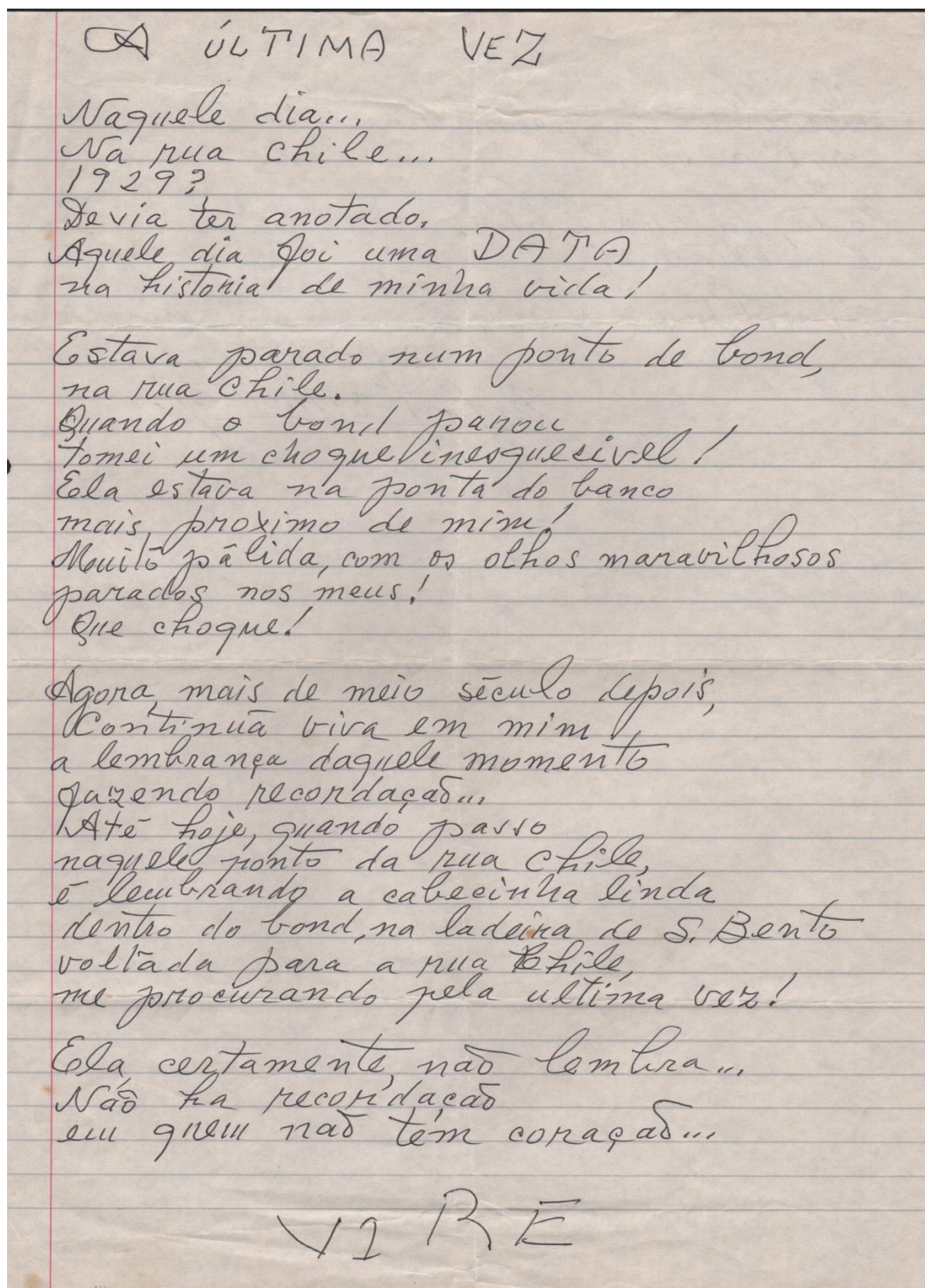
Figura 54: Primeira parte do fac-símile do poema *A última vez* (EH1.828.CL.06.002)

Figura 55: Segunda parte do fac-símile do poema *A última vez* (EH1.828.CL.06.002)

Lembro da primeira vez
que a vi.
Esta, da rua Chile,
é a última!
A última vez!
8-11-985
Eulálio Motta.

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

AUM

A última vez

Naquele dia...

Na rua chile...

1929?

- 5 Devia ter anotado,
Aquele dia foi uma DATA
na historia de minha vida!

Estava parado num ponto de bonde,
na rua Chile.

AUM **bond**,

- 10 Quando o bonde parou
Tomei um choque inesquecível!
Ela estava na ponta do banco
mais próximo de mim!
muito pálida, com os olhos maravilhosos
15 parados nos meus!
que choque!

AUM **bond**

AUM **inesquecível!**

AUM **proximo**

Agora, mais de meio século depois,

Continua viva em mim

a lembrança daquele momento

- 20 fazendo recordação...
Até hoje, quando passo
naquele ponto da rua chile,
é lembrando a cabecinha linda
dentro do bonde, na ladeira de S. Bento
25 voltada para a rua Chile,
me procurando pela ultima vez!

AUM **bond**,

Ela certamente, não lembra...

Não ha recordação

em quem não tem coração...

AUM VIRE

30 Lembro da primeira vez
que a vi...

Esta, da rua Chile,
é a última!
A última vez!

35 8-11-985
[Eulálio Motta]

4.1.2.30 Ninguém consegue dar fim

Foram identificados dois testemunhos do poema ora editado no DA (EC1.34.CV1.21.006). Verificou-se também alguns poemas do acervo em que foi encontrado estrofes do poema supracitado. Este trabalho objetiva rastrear e confrontar estes outros textos do acervo a fim de melhor compreender a escrita do autor. Os demais testemunhos são: uma quadra no fôlio 4v. do caderno *Meu caderno de trovas* (A13.CV1.13.001), dois testemunhos do poema *Opinião* (EH1.809.CL.04.003) no MA, poema *Redondilhas* (EH1.804.CL.03.008) no MA, poema *Pensamento de um celibatário...* (), quadra no caderno *Meu caderno de trovas* fôlio 5r¹¹.

Descrição física dos testemunhos

PCMCTC

Este testemunho foi encontrado no caderno *Meu caderno de trovas* no fôlio 5r. Neste fôlio encontra-se três quadras. São elas: *Amor, Edy* e *Poesias... chegando ao fim*. A mancha escrita do fôlio ocupa 19 linhas. A quadra *Poesias... chegando ao fim* (PCMCTC) que não possui título encontra-se entre as linhas 16 a 19. A tinta de escrita do texto é azul e das numerações vermelha. o autor numerou as quadras e o poema *Edy*, mas a numeração da primeira quadra encontra-se pouco legível. *Edy* e *Poesias... chegando ao fim* receberam respectivamente a numeração de 14 e 15. A palavra “Poesias” da quadra *Poesias... chegando ao fim* também foi escrito em tinta vermelha. assim como o título do poema *Edy*.

JRMCT

O testemunho JRMCT foi encontrado na folha 4v do caderno *Meu caderno de trovas*. A mancha escrita do folho se constitui de 20 linhas, sendo que o poema *Jurema* é composto por duas estrofes de quatro linhas cada e ocupa as linhas de 1 a 10. Além de *Jurema* há também duas quadras. A primeira intitula-se *Saudade*. Já a segunda aparece apenas o número doze em tinta vermelha. O caderno tem as seguintes dimensões: 210mm x 150mm. O título de *Jurema* foi sublinhado pelo autor, recebendo um traço horizontal na cor azul e outro mais

¹¹ Descrição física dos testemunhos em que aparecem estrofes do poema ora editado. Vide páginas, dois testemunhos do poema *Opinião* (p. 315), poema *Redondilhas* (p. 483).

abaixo na cor vermelha. o autor também numerou cada estrofe ou quadra deste caderno. De modo que as duas estrofes de *Jurema* recebe as numerações 9 e 10 respectivamente. A tinta de escrita do texto é azul. Os números foram escritos em tinta vermelha.

NCD1

A folha mede 215mm de largura por 314mm de altura. A mancha escrita se constitui de 22 linhas. O fragmento é composto por 5 estrofes. Não há rasuras, correção ou acréscimo do autor. A tinta utilizada na escrita do texto é preta. A conservação do testemunho é boa.

NCD2

A folha mede 215mm de largura por 314mm de altura. A mancha escrita se constitui de 22 linhas. O fragmento é composto por 5 estrofes. Não há rasuras, correção ou acréscimo do autor. A tinta utilizada na escrita do texto é azul (em carbono). A conservação do testemunho é boa.

PCL1

MOTTA, Eulálio. *Canções de meu caminho*. Serrinha: Tipografia d'O Serrinhense, 1948, p. 15-16.

Impresso em tinta preta. Página 15: 17 linhas, à linha 1 encontra-se o título, em caixa alta, da linha 2 a 17 os versos; página 16: 16 linhas com versos (SANTOS, 2017, p. 176).

PCD1

O título encontra-se centralizado na parte superior da folha, em caixa alta, grafado por dois traços paralelos. 21 linhas. No ângulo superior à direita, consta em tinta azul o número “114” (SANTOS, 2017, p. 176).

PCD2

O título encontra-se centralizado na parte superior da folha, em caixa alta, grafado por dois traços paralelos. 21 linhas (SANTOS, 2017, p. 176).

PCL2

MOTTA, Eulálio. *Canções do meu caminho*. 2. ed. [s.l.]: [s.n.], [1983], p. 72.

21 linhas. À linha 1, consta o título em caixa alta, das linhas 2 a 21 os versos (SANTOS, 2017, p. 176).

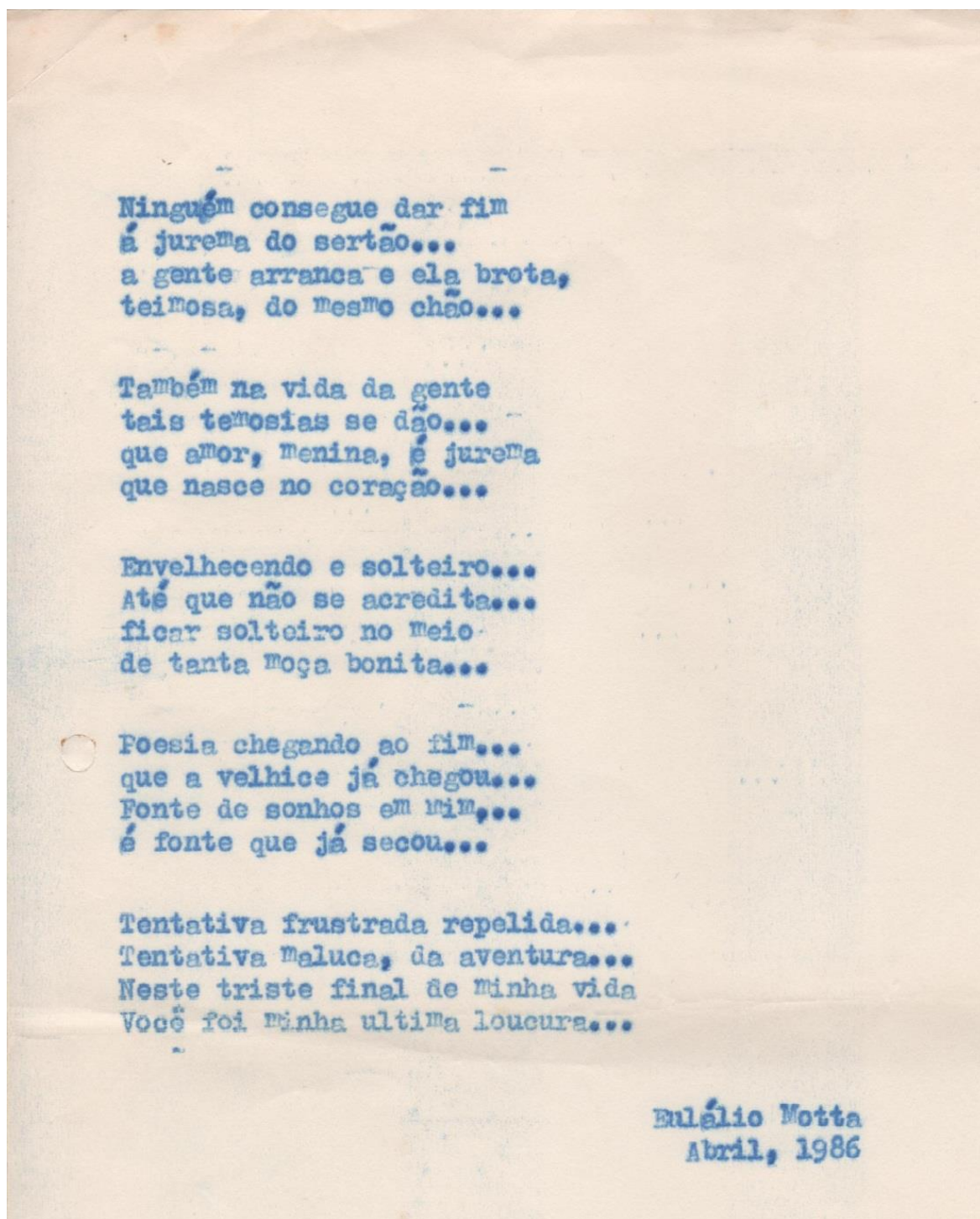
PCM

Manuscrito em tinta azul. À L. 1 consta o título com a primeira palavra em caixa alta e o restante em fonte menor. Há uma emenda no título, o autor acrescentou a sílaba “tá” na palavra “celibatário”, na margem superior. Cada estrofe está demarcada através de um número em tinta vermelha. A mancha escrita ocupa as 17 linhas das 22 que compõem o papel (SANTOS, 2017, p. 176)..

Análise das variantes

As duas primeiras estrofes do poema ora editado foi reescrita pelo autor em outros textos e aparece também no caderno *Meu caderno de trovas* com o título *Jurema*. A análise das variantes revelaram variações referentes a pontuação, acentuação e oscilação entre letras maiúsculas e minúsculas em início de verso. No verso seis o autor oscilou na escrita da palavra teimosia. Nos testemunhos NCD1 e NCD2 o autor escreveu “temosias” e nos demais testemunhos a grafia da palavra ficou “teimosia”. É provável que a grafia dos testemunhos NCD1 e NCD2 reflita a intenção do autor em se aproximar da pronúncia popular dessa palavra.

A escolha do texto base levou em conta os dois testemunhos NCD1 e NCD2, pois os demais testemunhos são de fragmentos do texto ora editado. A análise dos dois testemunhos supracitados revelou que se tratam de cópias e portanto, são idênticos. A escolha pelo NCD2 se fez por conjectura de que este seja uma cópia em carbono do primeiro.

Figura 56: Fac-símile do poema *Ninguém consegue dar fim* (EC1.34.CV1.21.006)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

NCD2

<p>Ninguém consegue dar fim á jurema do sertão...</p>	<p>JRMCT OPM1 OPM2 RDM Ninguém JRD1 JRD2 Ninguém JRMCT OPM2 à jurema do sertão. RDM À jurema dos sertão: OPM1 JRD1 JRD2 á jurema do sertão...</p>
<p>a gente arranca e ela brota, teimosa, do mesmo chão...</p>	<p>JRMCT OPM1 OPM2 RDM A JRD1 JRD2 a JRMCT NCD1 NCD2 teimosa, do mesmo chão... RDM OPM1 Teimosa, do mesmo chão! OPM2 teimosa, do mesmo chão.</p>
<p>5 Também na vida da gente tais temosias se dão...</p>	<p>JRMCT 10 Também na vida da gente, RDM OPM1 OPM2 Tambem na vida da gente NCD1 NCD2 Também na vida da gente JRMCT OPM1 tais teimosias se dão... NCD1 NCD2 tais temosias se dão... RDM {Tais}/Tais\ teimosias se dão! OPM2 tais teimosias se dão</p>
<p>que amor, menina, é jurema que nasce no coração...</p>	<p>JRMCT OPM1 OPM2 NCD1 NCD2 que RDM Que JRMCT NCD1 NCD2 que nasce no coração... RDM Que nasce no coração! OPM1 OPM2 que nasce no coração!</p>
<p>Envelhecendo e solteiro...</p>	<p>PCC solteiro! NCD1 NCD2 PCM solteiro... PCD1PCD2 PCL2 PCL1 e... solteiro!</p>
<p>10 Até que não se acredita... ficar solteiro no meio de tanta moça bonita...</p>	<p>PCM PCC acredita! NCD1 NCD2 acredita... PCD1PCD2 PCL2 acredita: PCM PCD1PCD2 PCL2 PCC Ficar NCD1 NCD2 ficar PCD1PCD2 PCL2 PCM PCC bonita! NCD1 NCD2 bonita... PCD1PCD2 PCL2 PCM De</p>
<p>Poesia chegado ao fim... que a velhice já chegou...</p>	<p>PCMCTC Poesias... chegando ao fim... NCD1 NCD2 Poesia chegando ao fim...</p>
<p>15 Fonte de sonhos em mim... é fonte que já secou...</p>	<p>PCMCTC mim, NCD1 NCD2 mim...</p>
<p>Tentativa frustrada repelida... Tentativa maluca, da aventura... Neste triste final de minha vida</p>	
<p>20 Você foi minha ultima loucura...</p>	

[Eulálio Motta]

Abril, 1986

4.1.2.31 Trovas...(1)

Foi identificado apenas um testemunho avulso deste poema no MA (EH1.830.CL.06.004). Porém, verificou-se que a segunda estrofe deste poema aparece também no poema *Uma dúzia de trovas para ela*¹² (EC1.33.CV1.21.005) no MA. A terceira estrofe deste testemunho também foi encontrada em seis testemunhos do poema *Trovas antológicas*, sendo cinco manuscritos avulsos (EH1.813.CL.04.007) e um panfleto (M904.CR6.02.019). Além de uma quadra no caderno *Meu caderno de trovas* (A13.CV1.13.001). Também verificou-se a ocorrência da quarta estrofe nos cinco testemunhos do poema *Uma dúzia de trovas para ela* e nos seis testemunhos do poema *Trovas antológicas*. E no poema *Uma dúzia de trovas para ela* também foi encontrado um testemunho da quinta estrofe.

Descrição física do testemunho

TRVM

A folha mede 194mm de largura por 249mm de altura. A mancha escrita corresponde a 24 linhas. O poema é composto por cinco estrofes. não há rasuras, acréscimos ou marcas de correção do autor. A tinta de escrita do texto é azul. O documento encontra-se em bom estado de conservação. A folha, porém, encontra-se levemente amarelada devido a ação do tempo. A quadra *Namorado* apresenta marca de conferência em tinta preta e uma rasura.

NMC

Trata-se da quadra *Namorado* localizada no caderno *Meu caderno de trovas*, fólio 9v. Neste fólio encontram-se também as quadras: *Experiência*, *Recusar* e *Despedida*. O fólio apresenta em vermelho as numerações 48, 49, 50 e 51 correspondentes a cada quadra. O texto ocupa 21 pautas. A quadra *namorado* ocupa as linhas de 12 a 16. A tinta utilizada para o texto foi azul.

Análise das variantes

¹² Descrição física dos testemunhos encontrados nas quatro estrofes do poema Trovas. Vide páginas: *Uma dúzia de trovas para ela* (p. 354); *Trovas antológicas* (p. 339).

O testemunho TRVM é monotestemunhal, porém, neste trabalho busca-se além dos testemunhos de um dado texto, os testemunhos separados das quadras que possam compor um poema. no texto em questão verificou-se que das cinco estrofes que compõem o TRVM quatro aparecem também em outros poemas. São elas: a estrofe que se inicia na linha seis, a que se inicia na linha dez, a que se inicia na linha catorze e a que se inicia na linha dezoito. Assim, verifica-se que este poema, assim como outros poemas desse *corpus* foram montados a partir de fragmentos soltos de outros poemas ou até mesmo de quadras soltas que o autor escreveu e guardou no acervo. A exemplo do caderno *Meu caderno de trovas*, composto por um robusto conjunto de quadras soltas que o autor preferiu chamar de trovas.

A análise das variantes em cada estrofe que se repete em outros testemunhos mostrou que geralmente o autor faz modificações quanto a pontuação e as letras maiúsculas e minúsculas em início de versos. Na terceira estrofe observa que o autor oscila a conjugação do ver ter na L.12. Tem-se *teres* – no infinito pessoal nos testemunhos NMC e TRVM e no infinitivo impessoal os testemunhos TAM1 TAM2 TAM3 TAM4 TAM5 NMM, ambas as conjugações foram acompanhados pelo verbo *ser* no particípio (*teres sido / ter sido*). No mesmo verso observa-se que a oscilação de escolhas pelas palavras *bela* e *linda* no final do verso.

No verso treze observa uma significativa alteração do verso. nos testemunhos TAM1 TAM2 TAM3 TAM4 TAM5 NMM NMC tem-se o verso: “que conheci no passado”. já o verso do poema aqui editado o TRVM tem-se: “garota de meu passado...”. no verso dezesseis há uma oscilação entre os verbos *lembrar* e *pensar* o que modifica sensivelmente os sentidos do texto, conforme análise feita na edição do poema *Uma dúzia de trovas para ela*.

Figura 57: Fac-símile do poema *Trovas...* (1) (EH1.830.CL.06.004)

TROVAS...

Com teu silêncio tens sido
 muito durinha comigo...
 mas fica certa que nunca
 hei de ser teu inimigo...
 Velhice... presença triste
 no fim de todos caminhos...
 devoradora de flores,
 semeadora de espinhos...
 Eu me orgulho de ter sido,
 um dia, teu namorado...
 por teres sido a mais linda
 garota de meu passado...
 A experiência está feita;
 podemos viver assim;
 eu sem lembrar de você...
 você sem lembrar de mim...
 Meu coração elegu:
 Você: - primeiro lugar...
 e o segundo, também forte,
 continua seu vagar!

Eulálio Motta
14-2-86

VIRE

Texto crítico com aparato

TRVM

Trovas...

- Com teu silencio tens sido
muito durinha comigo...
mas fica certa que nunca
5 hei de ser teu inimigo...
- Velhice... presença triste
no fim de todos caminhos...
- devoradora de flores,
Semeadora de espinhos...
- 10 Eu me orgulho de ter sido,
um dia, teu namorado...
por teres sido a mais linda
garota de meu passado...
- A experiência está feita:
- 15 podemos viver assim:
eu sem lembrar de você...
Você sem lembrar de mim...
- TRVM no fim de todos caminhos..
DTD5 no fim de todos os caminhos...
- TRVM **devoradora** de flores,
DTD5 **Devoradora** de flores...
- TRVM TAM1 TAM2 TAM3 TAM4 TAM5 TAP Eu me orgulho de ter sido,
NMM Eu me orgulho de ter sido, [↓{†}]
NMC [↑5] **80** Eu me orgulho de ter sido, V
- TRVM TAM1 TAM2 TAM4 TAM5 TAP NMC um dia, **teu**
TAM3 {s}/t**eu**
NMM um dia, /*{teu}/ /→seu),
- TAM1 TAM2 TAM3 TAM4 TAM5 **Por** ter sido a mais **bela**
NMM **Por** ter{†} sido a mais **bela**
NMC **por teres** sido a mais **bela**
TRVM **por teres** sido a mais **linda**
- TAM1 TAM2 TAM3 TAM4 TAM5 NMM **que conheci no passado**
NMC conheci {do} no **passado**
TRVM **garota de meu passado...**
- DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 A **experiência** está **feita...**
DTD5 A **experiencia esta feita...**
TAM1 TAM2 TAM4 TAP A **experiência** está **feita...**
TAM3 TAM5 A **experiencia** está **feita...**
TRVM A **experiencia** está **feita:**
- TAM1 TAM2 TAM3 TAM4 TAM5 TAP DTD3 **Podemos**
viver **assim...**
DTD1 DTD2 DTD4 DTD5 **Podemos** viver **assim:**
TVRM **podemos** viver **assim:**
- TAM5 **eu** sem **pensar em** você...
TAM1 TAM2 TAM3 TAM4 TAP DTD3 **Eu** sem **lembrar de**
você...
DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 **Eu** sem **lembrar de** você...
TRVM **eu** sem **lembrar de** você...
- TAM5 **você** sem **pensar em** mim...
TAM1 TAM2 TAM3 TAM4 TAP **você** sem **lembrar de**

mim...

DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 **você sem lembrar de**

mim...

TRVM **Você** sem **lembrar de** mim...

Meu coração elegeu:

Você: -primeiro lugar...

20 e o segundo, também forte,
continua sem vagar!

DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 **Você... primeiro lugar**
TRVM **Você**: -primeiro **lugar...**

DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 **forte**
TRVM **forte,**

DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 **vagar...**
TRVM **vagar!**

[Eulálio Motta]

14-2-86

VIRE

4.1.2.32 A fuga

Foram encontrados dois testemunhos do poema *A fuga*. Um no MA (EH1.831.CL.06.005) e outro no DA (EC1.854.CV1.23.008). Foi identificado ainda que a quarta estrofe do poema ora editado aparece nos cinco testemunhos do poema *Uma dúzia de trovas para ela*, sendo cinco datiloscritos (EC1.32.CV1.21.004); seis testemunhos do poema *Trovas Antológicas* cinco no MA (EH1.826.CL.05.010) e um panfletos (M904.CR6.02.019); um testemunho encontrado no *caderno Meu caderno de trovas* (A13.CV1.13.001), duas quadras no MA e três testemunhos do poema *saudade* sendo dois no MA (EH1.811.CL.04.005) e um no DA (EC1.29.CV1.21.001).¹³

Descrição física dos testemunhos

AFM

A folha do testemunho mede 220mm de largura por 320mm de altura. A mancha escrita corresponde a 23 linhas. O poema é composto por cinco estrofes. Não há acréscimos, rasuras ou correção do autor. O texto foi escrito com tinta azul. O testemunho encontra-se em bom estado de conservação.

AFD

A folha do testemunho mede 216mm de largura por 315mm de altura. A mancha escrita do testemunho se constitui de 23 linhas. O fragmento é composto por cinco estrofes. Não há rasuras, correção ou acréscimos do autor. A tinta utilizada na escrita do texto é preta. O testemunho encontra-se em bom estado de conservação.

Análise das variantes

A análise feita a partir da confrontação dos testemunhos mostra mudanças em relação a pontuação, oscilação entre letras maiúsculas e minúsculas no início dos versos e uma quebra de verso na última estrofe L.20. além dessas variações, salta aos olhos a repetição da escrita da quarta estrofe deste poema em outros textos do autor. As variações mais comuns

¹³ Descrição dos testemunho que aparecem na quarta estrofe do poema ora editado. vide páginas: *Uma dúzia de trovas para ela* (p. 354); *Trovas Antológicas* (339); testemunho encontrado no *caderno Meu caderno de trovas* (348); duas quadras sem título no MA (346).

encontradas na quarta estrofe refere-se também a pontuação e variação entre letras maiúsculas e minúsculas em início de versos. Verifica-se também pequena mudança na escrita do verso dois desta estrofe, ou seja, ocorre a supressão da letra “e” no testemunho DTD5.

A seleção do texto de base seguiu o critério do texto mais recente. No caso do poema *A fuga...* o autor datou o testemunho manuscrito e o datiloscrito em datas distintas, sendo o AFD mais recente e, por esse motivo, selecionado como texto de base.

Figura 58: Fac-símile do poema *A fuga* (EC1.854.CV1.23.008)A FUGA

Não interessa comentar
a fuga para o Rio...
O que está feito, está feito...
Amor de Mãe e de filho
merece todo respeito...

Meu amor de namorado
pertence agora ao passado
onde ficou sepultado...

Sino plangendo finado...
Que foi que aconteceu?
Aconteceu...
que nós ficamos vivos...
mas o nosso amor morreu...

Ela se esqueceu de mim...
E de tal forma esqueceu,
que se ouvir falar meu nome
perguntará quem sou eu...

E tudo assim, é evidente...
que tudo se acabou, definitivamente...

Eulálio Motta
22/02/86.

Texto crítico com aparato

AFD

A FUGA

	Não interessa comentar a fuga para o Rio...		AFM A FUGA... AFD A FUGA
	O que está feito, está feito...		AFM Não me interessa AFD Não interessa
5	Amor de Mãe e de filho merece todo respeito...		
	Meu amor de namorado pertence agora ao passado onde ficou sepultado...		AFM pertence , AFD pertence AFM sepultado AFD sepultado...
10	Sino plangendo finado... Que foi que aconteceu? Aconteceu... que nós ficamos vivos... mas o nosso amor morreu...		AFM que AFD Que AFM morreu! AFD morreu...
15	Ela se esqueceu de mim... E de tal forma esqueceu, que se ouvir falar meu nome perguntará quem sou eu...		DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 SDM1 SDM2 SDD AFD TAM1 TAM2 TAM5 ESM1 ESM2 mim... ESC TAM3 TAM4 TAP mim! DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 SDD SDM1 AFD ESC TAM3 E de tal forma esqueceu, ESM1 e de tal forma esqueceu ESM2 E de tal forma esqueceu AFM SDM e de tal forma esqueceu, DTD5 De tal forma se esqueceu... AFD AFM SDM SDD TAM3 ESC SDM1 ESM2 nome DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 nome , TAP {d}/s/e TAM1 ESM1 nome, AFD AFM DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 SDM2 eu... ESC ESM1 ESM2 TAM3 SDM1 SDD TAM1 TAM2 TAM3 TAM4 TAP TAM5 eu!
	E tudo assim, é evidente...		AFM assim... é evidente AFD assim, é evidente...
20	que tudo se acabou, definitivamente...		AFM que tudo se acabou, AFD que tudo se acabou, definitivamente... AFM definitivamente...
	_____ [Eulálio Motta]		AFM [Eulálio Motta] AFD _____ [Eulálio Motta]
	22/02/86.		AFM 22-02-986 AFD 22/02/86.

4.1.2.33 Estória da carochinha...

Foram identificados dois testemunhos do poema *Estória da carochinha* no acervo de Eulálio Motta, um manuscrito avulso (EH1.817.CL.05.001) e um datiloscrito avulso (EC1.49.CV1.22.010).

Descrição física dos testemunhos

ECM

A folha mede 220mm de largura por 320 de altura. A mancha escrita corresponde a 48 linhas e 5 estrofes. Foi encontrado rasuras, acréscimos, cancelamento e marca de correção a lápis na margem superior direita. A tinta de escrita do documento é azul. O documento encontra-se conservado, embora haja pequenas manchas amarelas na margem esquerda do papel e alguns buracos. O texto foi escrito no reto e verso da folha avulsa.

ECD

A folha do testemunho mede 215mm de largura por 315mm de altura. A mancha escrita do documento se constitui de 47 linhas. O fragmento é composto por 2 estrofes. Não há rasuras, emendas ou acréscimos do autor. A tinta utilizada na escrita do documento é preta. A conservação do documento é boa.

Análise das variantes

A análise dos testemunhos revelou a oscilação da escrita de Eulálio Motta em relação à pontuação. Essa oscilação se dá entre os sinais de reticências e a vírgula, a exemplo da palavra “caminho” na linha dezoito. O autor costuma oscilar também entre as maiúsculas e minúscula, caso que se pode verificar na linha catorze do texto base. Verifica-se que o autor utilizou no testemunho ECD o símbolo “|” e no ECM o sinal de exclamação. Conjectura-se que o símbolo “|” tenha sido usado para substituir o sinal de exclamação.

Observa-se também que no texto ora editado o autor faz quebra de estrofe. Sendo assim o testemunho ECD possui apenas duas estrofes enquanto o ECM possui quatro estrofes.

A quebra de verso pode ser observada a partir da linha quarenta e três. O testemunho ECM apresenta ainda acréscimos na entrelinha superior e na margem esquerda; seguimento riscado, cancelado. Essas alterações realizadas pelo autor no testemunho ECM são confirmadas no testemunho ECD o que corrobora para que este último seja eleito o texto de base.

Figura 59: Fac-símile *Estória da carochinha* (EC1.49.CV1.22.010)

E S T Ó R I A D A C A R O C H I N H A . . .

Era uma vez...
 Um príncipe encantado,
 que vivia sonhando acordado...
 Sonhando...
 Sonhava
 que era preciso achar
 um Reinado
 onde fosse possível encontrar
 a princesa mais linda deste mundo|

E um dia saiu a cavalo,
 da fazenda,
 para a cidade encantada...
 A noite pegou-o no caminho,
 com um céu totalmente sem nuvens
 e uma lua cheia
 desperdiçando beleza e claridade
 nas paisagens do caminho...
 No dia seguinte, muito cedo,
 ao sair, pela primeira vez,
 nas ruas da cidade encantada,
 viu, numa janela,
 uma criatura que era a mais bela
 que já vira|
 E pensou:- é ela...
 Mas aconteceu
 que naqueles primeiros dias
 não o quiz...
 E, então, sentindo-se infeliz,
 resolveu desistir,
 não passando mais naquela rua
 onde passava, todos os dias...
 a rua onde ela morava...
 E aconteceu a surpresa
 maravilhosa: ela mandou chama-lo|
 E passou a viver
 o reinado que sonhava...
 Mas o paraíso teve vida curta...
 Ela cometeu o erro maior de sua vida,
 desmoronando tudo...
 Acabando tudo...
 Era uma vez...
 Desde quando a conheci
 Desde quando ela foi minha...
 Minha vida se tornou
 estória da carochinha....

EULÁLIO MOTTA. 29/04/86

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

ECD

ESTÓRIA DA CAROCHINHA...

	Era uma vez...	
	Um príncipe encantado, que vivia sonhando acordado...	ECM príncipe ECD príncipe
5	Sonhando...	
	Sonhava que era preciso achar um Reinado onde fosse possível encontrar	ECM possível ECD possível
10	a princesa mais linda deste mundo!	ECM ECD princeza ECD mundo
	E um dia saiu a cavalo, da fazenda, para a cidade encantada...	ECM dia, ECD dia
	A noite pegou-o no caminho, com um céu totalmente sem nuvens e uma lua cheia esperdiçando beleza e claridade nas paisagens do caminho...	ECM a noite ECM A noite ECM céu {}
15	No dia seguinte, muito cedinho, ao sair, pela primeira vez, nas ruas da cidade encantada, viu, numa janela, uma criatura que era a mais bela que já vira!	ECM caminho, ECD caminho...
20	E pensou:- é ela...	ECD vira
25	Mas aconteceu que naqueles primeiros dias não o quis...	ECM ECD quiz...
30	E, então, sentindo-se infeliz, resolveu desistir, não passando mais naquela rua	

	onde passava, todos os dias...	
	a rua onde ela morava...	
	E aconteceu a surpresa	
35	maravilhosa: ela mandou chama-lo!	ECD chama-lo
	E passou a viver	
	o reinado que sonhava...	
	Mas o paraíso teve vida curta...	ECM ECD paraíso
	Ela cometeu o erro maior de sua vida,	
40	desmoronando tudo...	
	Acabando tudo...	ECM acabando ECD Acabando
	Era uma vez...	
	Desde quando a conheci	ECM Era uma vez... ECD Desde quando a conheci
	Desde quando ela foi minha...	
45	Minha vida se tornou	ECM Desde [↑ quando a] conheci [↑...] {aquela criatura...} ECD Minha vida se tornou
	estória da carochinha...	ECM [←Desde] quando [↑ ela] foi minha... ECD estória da carochinha...
		ECM {que} minha vida se tornou
	[Eulálio Motta.] 29/04/86	ECM estória da carochinha... ECD [Eulálio Motta. 29/04/86
		ECM 29-4-986
		ECM (Era uma vez...) ¹⁴
		ECM [Eulálio Motta].

¹⁴ Os parênteses no verso (Era uma vez) do testemunho ECM não correspondem ao operador genético “intervenção do editor (acrêscimos e informações)”, os parênteses foram inseridos pelo próprio autor no corpo do texto.

4.1.2.34 Saudade... (2)

Conforme Santos (2017) o poema dispõe de três testemunhos: dois manuscritos no MA (EH1.811.CL.04.005) e um datiloscrito no DA (EC1.29.CV1.21.001). Também foi identificado que algumas estrofes do texto ora editado aparecem em outros poemas. São eles: poema manuscrito e datiloscrito avulso *A fuga* (EH1.831.CL.06.005); em seis testemunhos do poema *Trovas Antológicas*; sendo que cinco são manuscritos avulsos (EH1.813.CL.04.007) e o sexto é um panfleto (M904.CR6.02.019); duas quadras no MA e uma terceira no caderno *Meu caderno de trovas* (A.13.CV1.13.001); *Uma dúzia de trovas para meus dois pronomes: Tu e Você* (EH1.812.CL.04.006); *Uma dúzia de trovas para* (EC1.32.CV1.21.004)¹⁵. Apresenta descrição dos testemunhos conforme Santos (2017).

Descrição física dos testemunhos

SDM1

Manuscrito em tinta azul, a mancha escrita ocupa as 23 linhas das 30 que compõem o papel, título na L. 1. Ao lado do título à margem esquerda consta o número “4” sublinhado. A primeira palavra que dá início ao primeiro verso aparece em tinta vermelha. Da linha 2 a 21 encontram-se os versos. Na lateral à esquerda do papel há dois furos ocasionados por um furador. Logo abaixo do texto consta a rubrica do autor e a data. E na última linha aparece a seguinte observação “A sair em ‘Canções de meu caminho’, 3ª ed.”.

SDM2

Manuscrito em tinta azul, 21 linhas. Título na L. 1, da linha 2 a 16 os versos. Há uma emenda no V. 14. Abaixo do texto consta a rubrica do autor e a data. E na última linha encontra-se a observação de que o texto seria inserido na terceira edição de *Canções de meu caminho*.

SDD

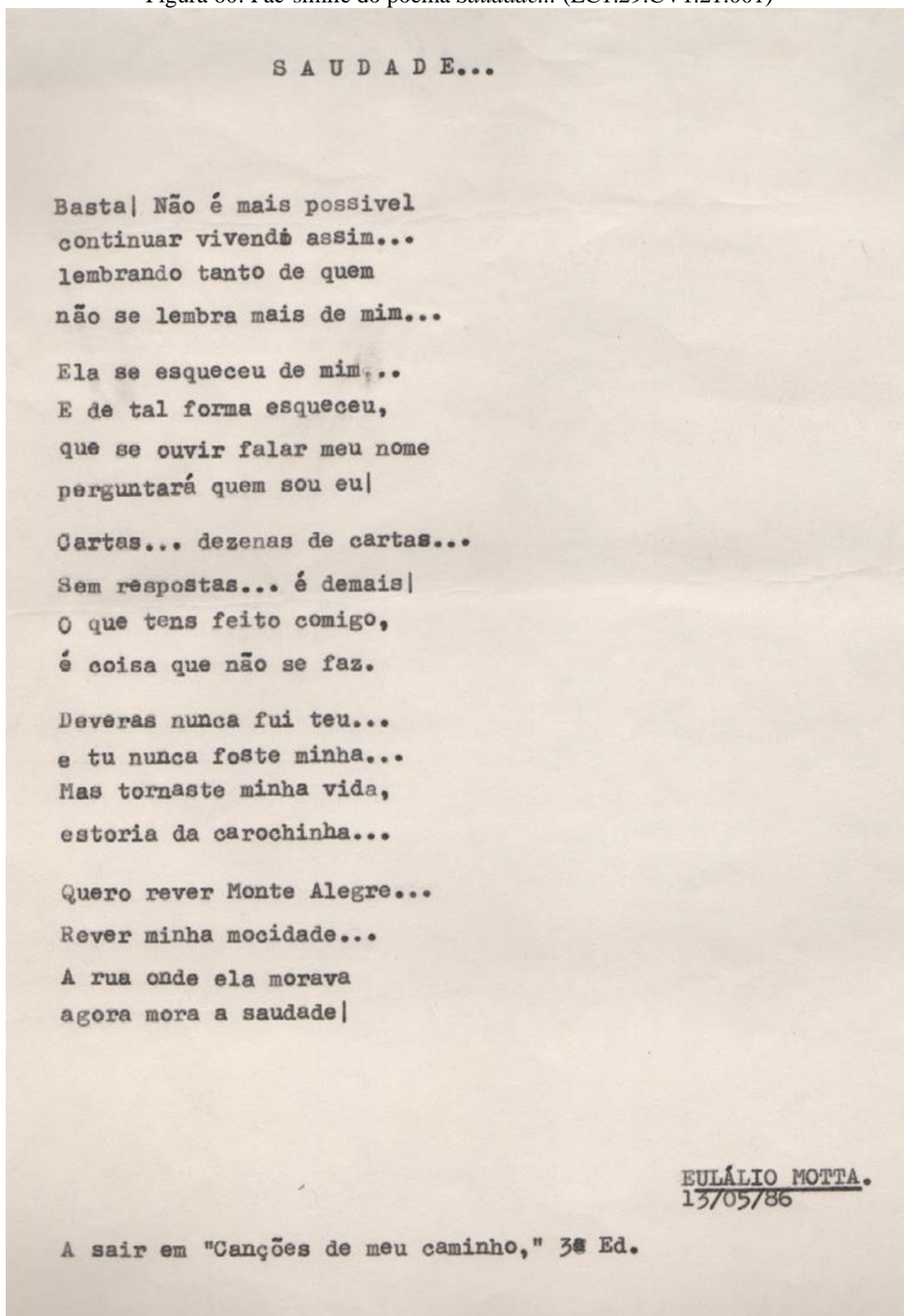
¹⁵ Descrição física dos testemunhos em que aparecem estrofes do poema ora editado. vide página: *A fuga* (p. 247); *Trovas Antológicas* (p. 339); *duas quadras no MA* (p. 346); *caderno Meu caderno de trovas* (p. 346); *Uma dúzia de trovas para meus dois pronomes: Tu e Você* (p. 197); *Uma dúzia de trovas para Ela* (p. 354).

23 linhas, título na L. 1, da linha 2 a 21 os versos. Abaixo do texto consta o nome do autor, em caixa alta, a data e a observação.

Análise das variantes

O poema ora editado foi originalmente editado por Tailane Santos (2017). Neste trabalho, contudo, este poema foi reeditado a fim de rastrear e inserir as quadras que o autor utilizou como estrofes em vários de seus poemas. Assim, esta análise identificou variações relacionadas a pontuação, oscilação entre maiúsculas e minúsculas e no verso sete observa-se uma pequena mudança na escrita do verso. O autor suprime a letra “e” do início do verso no testemunho DTD5. Verificou-se também que o poeta utilizou o símbolo “|” no lugar do ponto de exclamação.

Os três testemunhos apresentam a mesma data de escrita. Conjectura-se, porém que o testemunho datilografado, o SDD seja a versão mais recente do texto.

Figura 60: Fac-símile do poema *Saudade...* (EC1.29.CV1.21.001)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

SDD

SAUDADE...

	Basta! Não é mais possível continuar vivendo assim... lembrando tanto de quem	SDD Basta UDM SDM1 SDM2 SDD TAM1 TAM2 TAM3 TAP TAM4 TAM5 possível
5	não se lembra mais de mim...	UDM SDD TAM4 lembrando Lembrando TAM1 TAM2 TAM3 TAP TAM5 DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 mim... SDM1 SDM2 SDD DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 TAM1 TAP mim! TAM2 TAM3 TAM4 TAM5
	Ela se esqueceu de mim... E de tal forma esqueceu, que se ouvir falar meu nome perguntará quem sou eu!	DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 SDM1 SDM2 SDD AFD TAM1 TAM2 TAM5 ESM1 ESM2 mim... ESC TAM3 TAM4 TAP mim! DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 SDD SDM1 AFD ESC TAM3 E de tal forma esqueceu, ESM1 e de tal forma esqueceu ESM2 E de tal forma esqueceu AFM SDM e de tal forma esqueceu, DTD5 De tal forma se esqueceu... AFD AFM SDM SDD TAM3 ESC SDM1 ESM2 nome DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 nome , TAP {d}/s/e TAM1 ESM1 nome, AFD AFM DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 SDM2 eu... ESC ESM1 ESM2 TAM3 SDM1 TAM1 TAM2 TAM3 TAM4 TAP TAM5 eu! SDD eu
10	Cartas... dezenas de cartas... Sem respostas... é demais! O que tens feito comigo, é coisa que não se faz.	SDD demais SDM1 faz!
15	Deveras nunca fui teu... e tu nunca foste minha... Mas tornaste minha vida, estória da carochinha...	SDM2 vida (s.v.) SDM1 SDM2 SDD estoria
20	Quero rever Monte Alegre... Rever minha mocidade... A rua onde ela morava agora mora a saudade!	SDM2 {rever}/ LEMBRAR \ SDM2 A casa onde ela morou SDM2 Agora mora a saudade... SDD saudade SDM1 SDM2 SDD [Eulálio Motta]

SDM1 SDM2 SDD 13-5-986

SDM1 SDM2 SDD A sair em "Canções de meu caminho",
3ª ed.

4.1.2.35 Teria dito

O poema dispõe de dois testemunhos no MA (EH1.819.CL.05.003).

Descrição física dos testemunhos

TDM1

A folha do testemunho mede 220mm de largura por 320mm de altura e a mancha escrita corresponde a 47 linhas. A tinta de escrita do texto é azul e preta (escrita a lápis). Foi identificado buracos no papel, marcas de correção do autor e rasuras. O texto foi escrito na frente e no verso da folha avulsa. O poema é composto por seis estrofes.

TDM2

A folha mede 220mm de largura por 320mm de altura. A mancha escrita corresponde a 44 linhas. O poema é composto por seis estrofes. Não há rasuras, acréscimos ou correção do autor. A tinta de escrita do documento é azul. Foi identificado buracos no papel, o papel e uma pequena mancha de cor marrom. O texto foi escrito no reto e verso da folha avulsa.

Análise das variantes

A análise dos testemunhos do poema Teria dito mostra a variação do autor na escolha das pontuações em que encerra os versos. A principal variação é entre o sinal de reticências e o ponto de exclamação. Há também variação entre as letras maiúsculas e minúsculas das palavras que iniciam alguns versos. O testemunho TDM1 possui algumas rasuras, provenientes, provavelmente, de cancelamentos ou de lapsos do autor. Foi verificado no testemunho TDM1 a repetição de alguns versos entre as linhas 25 e 26 do testemunho de base, o TDM2. Conjectura-se que o autor tenha se equivocado e reescrito esses versos. É possível observar que os versos reescritos do testemunho TDM1 se aproxima da escrita do testemunho TDM2. No testemunho TDM2 foi encontrado uma espécie de conta matemática logo após rubrica do autor. Além disso, em ambos os testemunhos o texto foi escrito na frente e verso da folha. Desse modo, Eulálio Motta sinalizou no testemunho TDM2 a necessidade de virar a

folha para ter acesso ao restante do texto. Isso revela uma possível preocupação do autor em indicar a um possível leitor que havia uma continuação do texto no verso da página. Já no testemunho TDM1 verificou-se que no verso da folha aparece o número quatro escrito a lápis. Conjectura-se que tal número seja um sinal de conferência do texto por parte do autor.

O testemunho TDM1 apresenta rasuras e repetição de versos o que demonstra que tal texto é um rascunho do texto. Já o testemunho TDM2 apresenta um texto limpo e mais organizado. O que leva a conclusão de que o TDM2 é o texto mais recente disponível no acervo.

Figura 61: Recto do fac-símile do poema *Teria dito?* (EH1.819.CL.05.003)

TERIA DITO?

Teria dito?
 "Não me casei com ele
 porque ele não quis..."
 Infeliz!
 Porque o problema não era
 o verbo querer...
 era o verbo poder...
 • A verdade é que não podia...
 Faltou uma confissão...
 Não bastava o coração...
 • Pobreza e covardia...
 E me mantive mudo...
 Não disse nada...
 quando era tempo
 de tu dito tu do...
 • Não podia ter tido confiança
 em quem não lhe deixou
 nenhuma palavra de esperança
 Meu silêncio me tornou culpado...
 Nunca lhe prometi que voltaria
 para lhe buscar...
 Podia ter evitado
 que cometesse o grande erro
 que arruinou as nossas vidas!
 Meu silêncio me tornou culpado!
 • Ela podia ter esperado...
 Eu podia ter voltado!
 • Agora é tarde demais...
 Porque o tempo passou

VIRE

Figura 62: Verso do fac-símile do poema *Teria dito?* (EH1.819.CL.05.003)

A rebelde chegou...
 Nossa vida acabou!

Teria dito?
 Acredito que sim...
 Porque a expressão
 catou, muito bem,
 com as aparências...
 que tiveram fim...

Eulálio Motta
 23-5-86

17 23
 14 4
 ————
 297

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

TDM2

	<u>TERIA DITO?</u>	TDM1 <u>TERIA DITO?</u> TDM2 <u>TERIA DITO?</u>
	Teria dito?	
	“Não me casei com ele porque ele não quis...”	TDM1 TDM2 ê le TDM1 ê le / quiz ...” TDM2 quiz ...”
5	Infeliz! Porque o problema não era o verbo querer... era o verbo poder... A verdade é que não podia... Faltou uma confissão...	TDM1 Era TDM2 era
10	Não bastava o coração... Pobreza e covardia... E me manteve mudo... Não disse nada... quando era tempo	TDM1 coração! TDM2 coração ... TDM1 e me TDM2 E me
15	de ter dito tudo... Não podia ter tido confiança em quem não lhe deixou nenhuma palavra de esperança Meu silencio me tornou culpado...	TDM1 Ela não TDM2 Não TDM1 esperança ... TDM2 esperança
20	Nunca lhe prometi que voltaria para lhe buscar... Podia ter evitado que cometesse o grande erro que arruinou as nossas vidas!	TDM1 voltaria {} TDM2 voltaria TDM1 buscar! TDM2 buscar ... TDM1 podia TDM2 Podia TDM1 que [↑ ela] TDM2 que cometesse
25	Meu silencio me tornou culpado! Ela podia ter esperado... Eu podia ter voltado!	TDM1 culpado ... TDM2 culpado! TDM1 Nunca lhe prometi que voltaria TDM1 para lhe buscar ... TDM2 Ela podia ter esperado ... TDM1 Podia ter evitado TDM2 Eu podia ter voltado! TDM1 que cometesse o grande erro

	Agora é tarde demais...	TDM1 que arruinou as nossas vidas! TDM2 Agora é tarde demais...
	Porque o tempo passou	TDM1 Meu silencio me tornou culpado! TDM2 Porque o tempo passou
30	A velhice chegou... nossa vida acabou!	TDM1 4 TDM2 VIRE TDM1 Ela podia ter esperado... TDM2 A velhice chegou... TDM1 Eu podia ter voltado... TDM2 nossa vida acabou!
	Teria dito?	TDM1 Agora é tarde demais! TDM2 Teria dito
	Acredito que sim...	TDM1 Porque o tempo passou TDM2 Acredito que sim...
35	Porque a expressão calhou, muito bem, com as aparências ... que tiveram fim	TDM1 A velhice chegou... TDM2 Porque a expressão TDM1 Nossa {} vida acabou... TDM2 calhou, muito bem, TDM2 aparências... TDM1 Teria dito? TDM2 que tiveram fim TDM1 Acredito que sim...
	[Eulalio Motta]	TDM1 Porque a expressão TDM2 [Eulalio Motta]
40	23-5-86	TDM1 calhou, muito bem, TDM2 23-5-86 TDM1 nas aparências TDM1 que tiveram fim... TDM2 1825 TDM1 [Eulálio Motta] TDM2 4 4 TDM1 23-5-986 TDM2 2 92

4.1.2.36 Mea Culpa...

Mea Culpa... foi editado por Barreiros (2012, p. 151), o soneto dispõe de um manuscrito no CLC (f. 22r), e duas cópias em datiloscrito avulso (D78.CV1.23.008). A análise revelou que as cópias são idênticas, portanto, considerou-se, conforme Barreiros (2012), que o texto possui dois testemunhos. Não tendo sido identificado dados novos apresenta-se o texto crítico segundo Barreiros (2012, p. 151) e a análise das variantes bem como a descrição dos testemunhos feita por Pâmella Cintra.

Descrição física dos testemunhos

MCM

Manuscrito em tinta azul. A mancha escrita ocupa 16 linhas das 23 que compõem o papel. Título na l. 1 em caixa alta, substituído na relação {DOR SECRETA} [↑/“Mea Culpa”], escrito em tinta azul e sublinhado por um traço. No ângulo superior direito da folha consta o número da página e logo abaixo há três sinalizações indicando conferência do autor, duas em tinta vermelha e uma à lápis, o que mostra que esse texto foi revisto, corrigido pelo autor. À esquerda dos cinco primeiros versos há uma mancha ocasionada por algum tipo de líquido, provavelmente água, no entanto, não interfere na leitura do texto. À l. 12 consta uma emenda e no verso 13 alteração na pontuação do texto à tinta vermelha. Na l. 16 consta a data “(934)”.

MCD

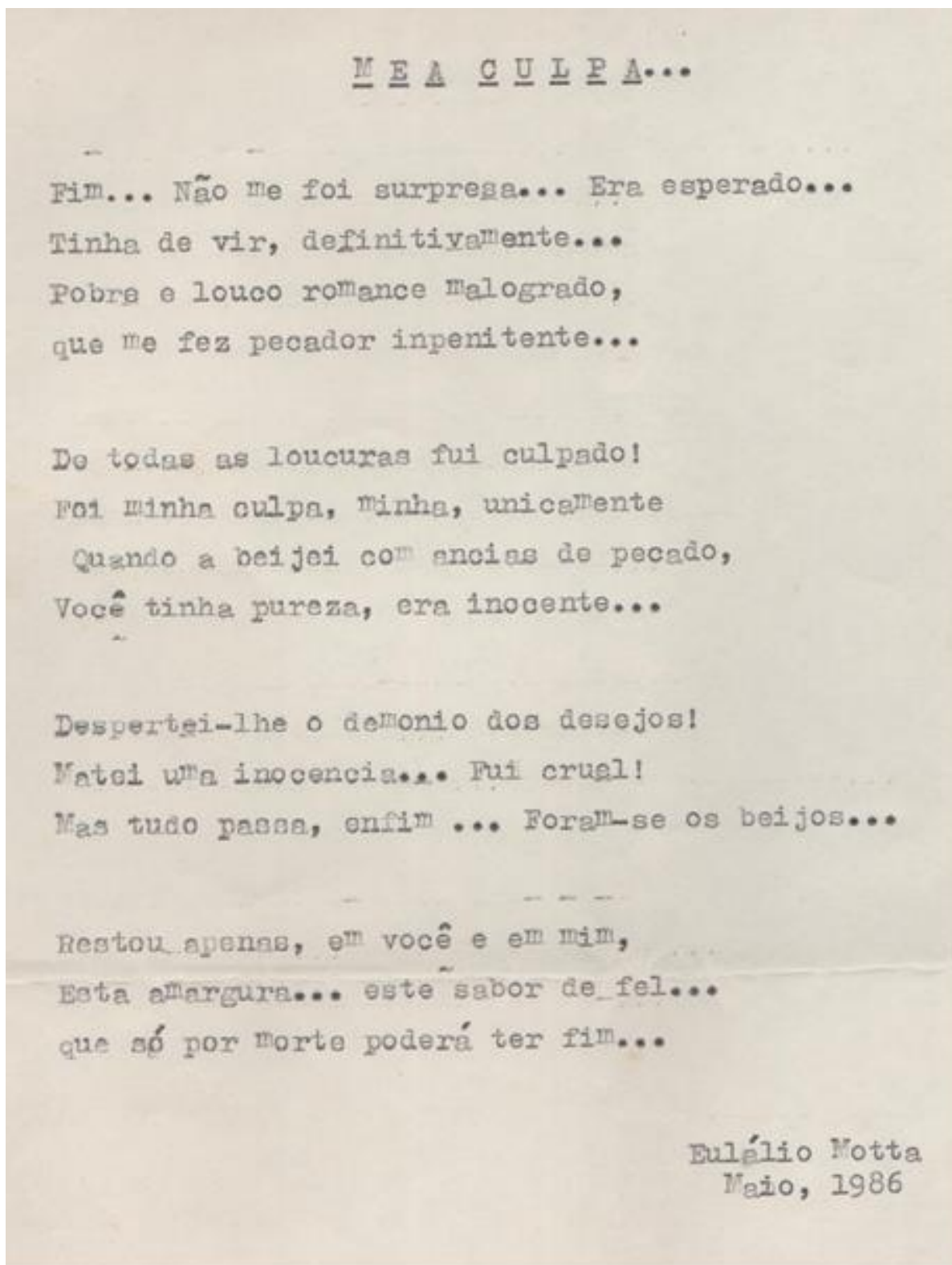
17 linhas, título na L. 1 em caixa alta, tracejado. Da linha 2 a 14 os versos. Nas linhas 16 e 17, respectivamente, consta a rubrica do autor “Eulálio Motta” e a data “Maio, 1986”.

Análise das variantes

A maior parte das variantes está relacionada à pontuação e à acentuação. No testemunho MCD, nota-se o predomínio do uso do sinal de reticências em detrimento da vírgula e do ponto de exclamação. Em relação ao léxico, a variante está relacionada à

mudança de palavra da mesma classe gramatical, na troca do uso da preposição “com” (MCM) pelo uso de “por” (MCD).

Tomou-se como testemunho de base o datiloscrito MCD, localizado no DA, por ser a versão mais recente de acordo com a datação dos textos.

Figura 63: Fac-símile do poema *Mea culpa...* (D78.CV1.23.008)

Texto crítico com o aparato

MCD

	MEA CULPA...	MCM <DÓR SECRETA.> ["Mea Culpa"]
	Fim... Não me foi surpresa... Era esperado... Tinha de vir, definitivamente...	MCM surpresa . Era esperado . MCM definitivamente.
5	Pobre e louco romance malgrado, que me fez pecador impenitente...	MCM malgrado (s. v.) MCM impenitente! MCD impenitente ...
	De todas as loucuras fui culpado! Foi minha a culpa, minha, unicamente Quando a beijei com ânsias de pecado, Você tinha pureza, era inocente...	MCM culpado . MCM culpa. Minha , unicamente. MCM ansias MCD ancias MCM inocente .
10	Despertei-lhe o demônio dos desejos! Matei uma inocência... Fui cruel! Mas tudo passa, enfim... Foram-se os beijos...	MCM desejos . MCD demônio MCM inocência . Fui cruel . MCD inocencia ...
15	Restou apenas, em você e em mim, Esta amargura... este sabor de fel... que só por morte poderá ter fim...	MCM esta MCM fel (s.r.) MCM só com a MCM fim !
	Eulálio Motta Maio, 1986.	MCM (934)

4.1.2.37 Para Alto Bonito...

O poema possui apenas um testemunho no MA (EH1.829.CL.06.003).

Descrição física do testemunho

PAM

A folha do testemunho mede 194mm de largura por 248mm de altura. A mancha escrita corresponde a 35 linhas. O poema composto por oito estrofes. Não há rasuras, acréscimos ou marcas de correção do autor. A tinta de escrita do poema é azul. O documento encontra-se conservado.

Figura 64: Fac-símile do poema *Para Alto Bonito...* (EH1.829.CL.06.003)

Para Alto Bonito...

Alto Bonito! Eu me lembro
de meu tempo de menino...
Meissa era tempo de festa...
Na igreja tocavam sino...

Os umbus dos umbuseiros
de seu Amado Bahia,
era uma festa constante!
era festa todo dia!

Os umbuseiros cortaram...
botaram fogo, queimaram...
As alegrias das crianças,
corações duros mataram...

As festas da Padroeira,
festas mais de uma semana,
honras à Padroeira,
Nossa Senhora Sant' Ana!

Vinha gente da cidade
e dos arraiais vizinhos...
Ladeira do corredor...
e por todos os caminhos...

Lembro do Alto Bonito!
de meu tempo de menino...
Saudades d'aquela tempo...
Saudades d'aquela sino...

Eulálio Motta Jr.
20-6-986

x Xire

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Figura 65: Segunda parte do fac-símile do poema *Para Alto Bonito...* (EH1.829.CL.06.003)

As festas da Padroeira!
Foguetes, bombas, bombões...
e de noite, no recinto
da igreja eram leilões!

Recordo de Alto Bonito...
De meu tempo de menino...
Saudades daquele tempo...
Lembranças daquele srio...

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

PAM

Para Alto Bonito...

Alto Bonito! Eu lembro
de meu tempo de menino...

Missa era tempo de festa...

5 Na igreja tocavam sino...

Os umbus dos umbuzeiros
de seu Amado Bahia,
era uma festa constante!
era festa todo dia!

PAM **umbuzeiros**

10 Os umbuzeiros cortaram...
botaram fogo, queimaram...
As alegria das crianças,
corações duros mataram...

PAM **umbuzeiros**

As festas da Padroeira,
15 festas mais de uma semana,
louvores á padroeira,
Nossa Senhora Sant'Ana!

Vinha gente da cidade
e dos arraiais vizinhos...

PAM **visinhos...**

20 Ladeira do corredor...
e por todos os caminhos...

Lembro do Alto Bonito!
De meu tempo de menino...
Saudades d'aquele tempo...

25 Saudades d'aquele sino...

[Eulálio Motta]

20-6-986

PAM X vire

As festas da Padroeira!

Foguetes, bombas, bombons...

PAM bombões...

30 e de noite, no recinto
da igreja eram leilões!

Recordo de Alto Bonito...

De meu tempo de menino...

Saudades daquele tempo...

35 Lembranças daquele sino...

4.1.2.38 Trovas antológicas (1)

O poema possui um único testemunho no MA (EH1.826.CL.05.010), mas foi encontrado mais cinco testemunhos que contem a segunda estrofe do poema localizada entre as linhas 6 e 9. Os testemunhos da dita estrofe são: *Opinião* 1 (EH1.809.CL.04.003), *Opinião* 2 (EH1.809.CL.04.003), dois testemunhos do poema *De meu caderno de trovas* (EH1.823.CL.05.007) no MA, *Trovas de Hoje, 29-4-987* (EH1.814.CL.04.008)¹⁶. Todos localizados no MA.

Descrição física dos testemunhos

TAM(1)¹⁷

A folha mede 149mm de largura por 205mm de altura. A mancha escrita corresponde a 17 linhas. O poema é composto por três estrofes. Foi encontrado uma rasura na parte inferior do papel, referente à frase “suas antológicas” que foi cancelada. A tinta de escrita do documento é azul. O documento encontra-se conservado, porém há buracos no papel.

Análise das variantes

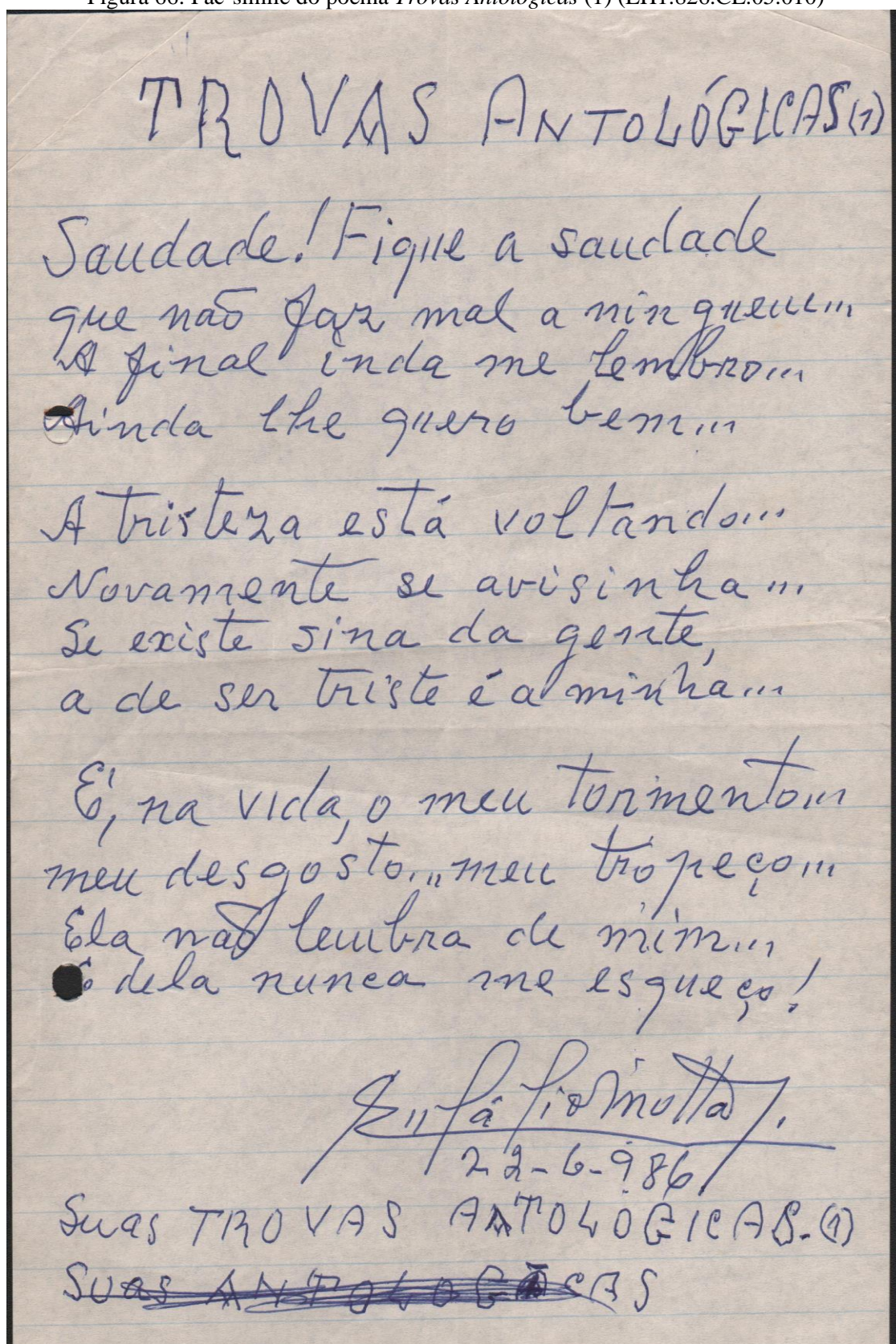
A variação encontrada no testemunho se refere especificamente a segunda estrofe do poema em forma de quadra. Foi identificado essa mesma quadra em mais quatro poemas do autor. O que revela uma prática do autor de reaproveitamento de estrofes ou versos. O autor não raras vezes repetia estrofes em vários de seus poemas em uma espécie de reciclagem de sua escrita.

Na segunda estrofe deste poema observa-se oscilação do autor em relação a maiúsculas e minúsculas no verso sete. Há troca dos sinais de pontuação no verso nove. Essa troca dos sinais de pontuação, principalmente entre a reticência e a exclamação é bem comum nos textos de Eulálio Motta. No verso oito verifica-se o acréscimo da palavra “sine” no

¹⁶ Descrição física dos poema em que se encontra uma das estrofes do poema editado. Vide página: *Opinião* (p. 315); poema *De meu caderno de trovas* (p. 307); *Trovas de Hoje, 29-4-987*(p. 312).

¹⁷ No dossiê das poesias avulsas há outro poema com o título *Trovas antológicas*, sendo este politemunhal. Por esse motivo, no poema ora editado acrescenta-se o número 1 entre parêntese logo após o código **TAM** para indicar se tratar de textos distintos.

testemunho *De meu caderno de trovas* 1 (DMM1). Nos demais testemunhos da estrofe ora analisada já aparecem a palavra “sina” escrita na forma correta. Como o TAM(1) é anterior ao testemunho DMM1 conjectura-se que o autor tenha esquecido de escrever a palavra “sina” no momento em que fazia a cópia da quadra e, por isso, a inseriu na intrelinha superior. ao inseri-la trocou o “a” pelo “e” outro equívoco do autor, pois já no testemunho OPM2 testemunho mais recente do que o DMM1 e o DMM2 a palavra “sina” aparece com a grafia correta.

Figura 66: Fac-símile do poema *Trovas Antológicas* (1) (EH1.826.CL.05.010)

Texto crítico com aparato

TAM(1)

TROVAS ANTOLÓGICAS (1)

- Saudade! Fique a saudade
que não faz mal a ninguém... TAM(1) **ninguem**
A final inda me lembro...
5 Ainda lhe quero bem...
- A tristeza está voltando... OPM1 A tristeza está voltando...
OPM2 **81** A tristeza está voltando...
novamente se avizinha... OPM1 OPM2 **novamente** se **avizinha**...
DMM1 DMM2 **novamente** se **avizinha**...
TAM(1) **Novamente** se **avizinha**...
Se existe sina da gente, OPM1 OPM2 **Se** existe **sina** da gente,
DMCM1 **se** / [↑**sine**] DMCM2 **Se** / **sina**
a de ser triste é a minha... OPM2 a de ser triste é a **minha**!
OPM1TDHM TAM(1) **minha**...
- 10 É na vida, o meu tormento...
Meu desgosto... meu tropeço...
Ela não lembra de mim...
/* E/ dela nunca me esqueço!
- [Eulálio Motta]
15 22-6-986

Suas TROVAS ANTOLÓGICAS – (1)

{SUAS ANTOLOGICAS}

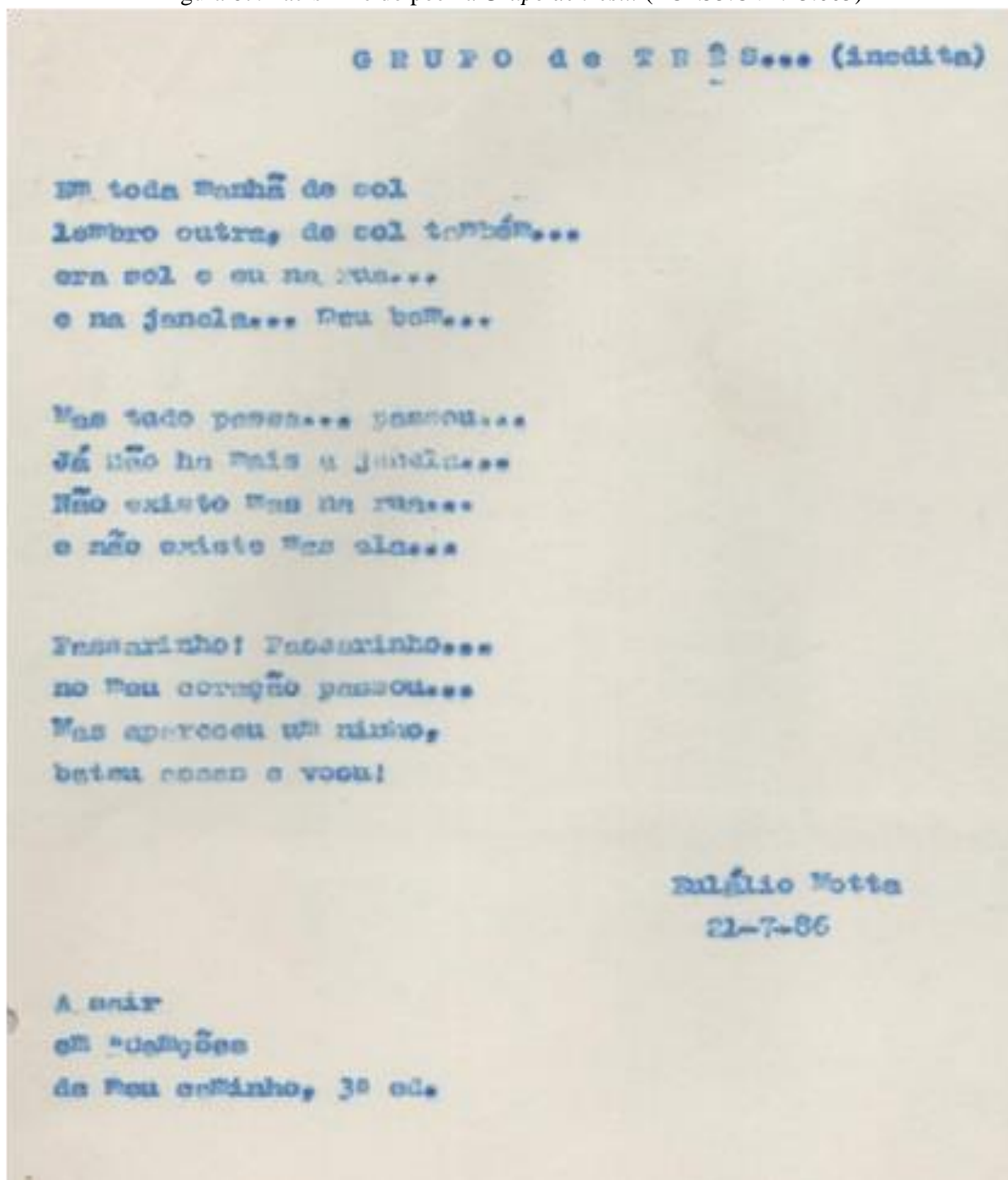
4.1.2.39 Grupo de três...

Conforme Santos (2017) o poema dispõe de um único testemunho datilografado no DA (EC1.55.CV1.23.005).

Descrição física do testemunho

GTD

Datiloscrito em tinta azul, 18 linhas. Título na L. 1 e ao lado consta a palavra “inedita” entre parêntesis. Da linha 2 a 13 os versos. Abaixo do texto estão o nome do autor, a data e uma observação “A sair em ‘Canções de meu caminho’, 3ª ed.”.

Figura 67: Fac-símile do poema *Grupo de três...* (EC1.55.CV1.23.005)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com o aparato

GTD

GRUPO DE TRÊS...

GTD GRUPO de TRÊS... (inedita)

Em toda manhã de sol
lembro outra, de sol também...
era sol e eu na rua...

5 e na janela... meu bem...

Mas tudo passa... passou...
Já não há mais a janela...
Não existo mais na rua...
e não existe mais ela...

GTD ha

GTD mas

GTD mas

10 Passarinho! Passarinho...
no meu coração passou...
Mas apareceu um ninho,
bateu asas e voou!

GTD assas

GTD Eulálio Motta

GTD 21-7-86

GTD A sair

GTD em "Canções

GTD de meu caminho, 3ª ed.

4.1.2.40 No dia seguinte...

Foram encontrados dois testemunhos do poema ora editado no DA (EC1.35.CV1.21.007).

Descrição física dos testemunhos

NDD1

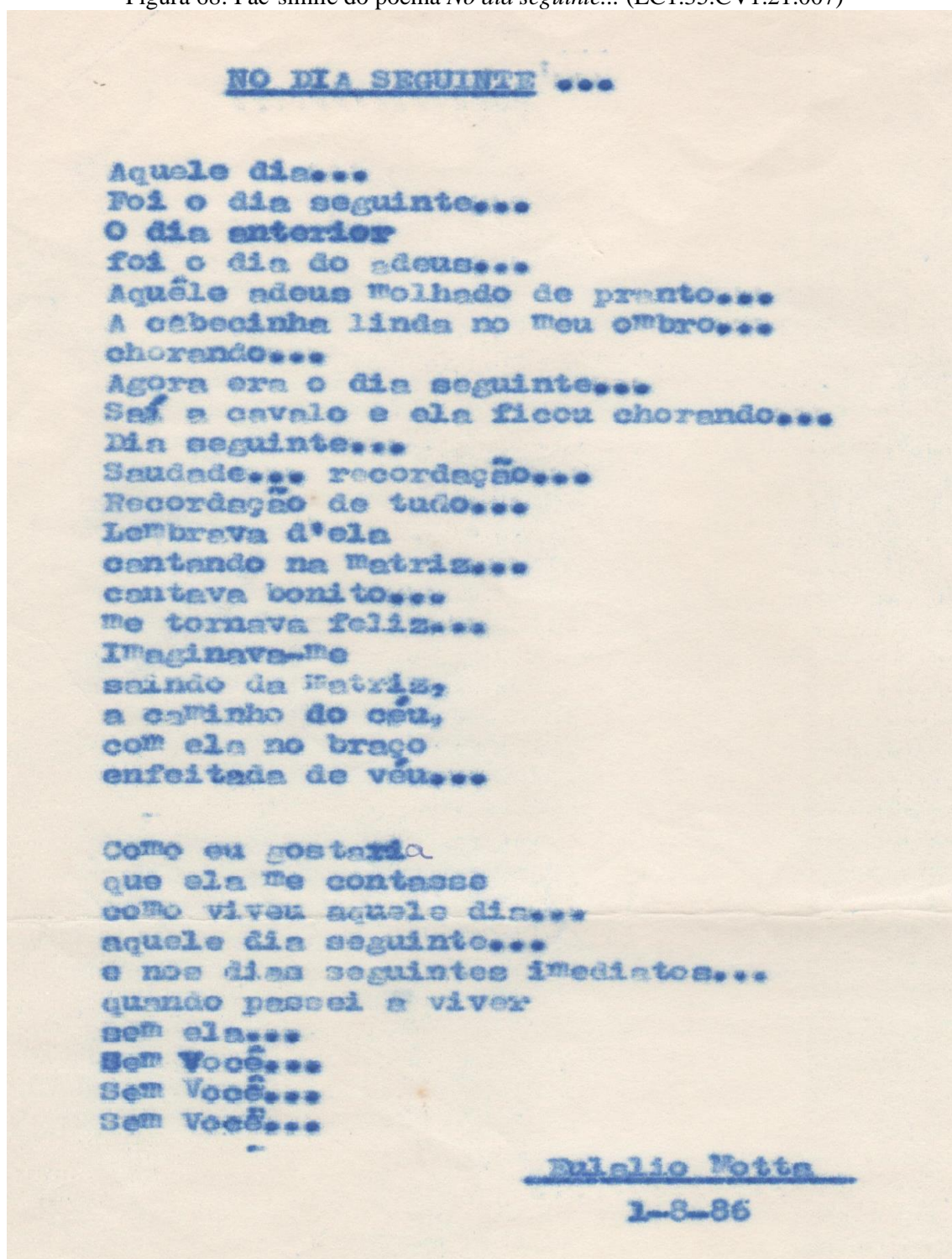
A folha mede 220mm de largura por 330mm de altura. A mancha escrita do testemunho se constitui de 34 linhas. O fragmento é composto por duas estrofes. Há, no texto, o acréscimo da letra “a” com tinta esferográfica azul na primeira linha da segunda estrofe. A tinta utilizada na escrita do texto é azul. A conservação do testemunho é boa.

NDD2

A folha mede 220mm de largura por 330mm de altura. A mancha escrita do testemunho se constitui de 34 linhas. O fragmento é composto por duas estrofes. Há, no documento, o acréscimo da letra “a” com tinta esferográfica azul na primeira linha da segunda estrofe. A tinta utilizada na escrita do texto é azul. A conservação do testemunho é boa.

Análise das variantes

A análise dos dois testemunhos permite conjectura-se que estes fazem parte de um mesmo lote impresso pelo autor ou terceiros e, por isso, o que justificaria o fato de serem idênticos. Observou-se, contudo, que em ambos os testemunhos foi acrescentado à letra “a” no final do verso da linha vinte e três, já que no impresso faltava esta mesma letra no final da palavra “gostaria”. Como os testemunhos são idênticos a escolha pelo texto de base se pautou no aspecto físico do testemunho NDD2 que possui uma tinta carbono mais forte.

Figura 68: Fac-símile do poema *No dia seguinte...* (EC1.35.CV1.21.007)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

NDD2

NO DIA SEGUINTE...

- Aquele dia...
 Foi o dia seguinte...
 O dia anterior
- 5 foi o dia do adeus...
 Aquele adeus molhado de pranto...
 A cabecinha linda no meu ombro...
 chorando...
 Agora era o dia seguinte...
- 10 Saí a cavalo e ela ficou chorando...
 Dia seguinte...
 Saudade... recordação...
 Recordação de tudo...
 Lembrava d'ela
- 15 cantando na matriz...
 cantava bonito...
 me tornava feliz...
 imaginava-me
 saindo da matriz,
- 20 a caminho do céu,
 com ela no braço
 enfeitada de véu...
- como eu gostaria
 que ela me contasse
- 25 como viveu aquele dia...
 aquele dia seguinte...
 e nos dias seguintes imediatos...
 quando passei a viver
 sem ela...
- 30 Sem Você...
 Sem Você...
 Sem Você...

NDD1 NDD2 Aquêlê

NDD1 NDD2 gostari[a]

Eulalio Motta

1-8-86

4.1.2.41 Indicações do carimbo

Foram identificados quatro testemunhos do poema *Indicações do carimbo* (EC1.56.CV1.23.006) no DA.

Descrição física dos testemunhos

IDD1

O testemunho mede 329mm de altura por 217mm de comprimento. A mancha escrita corresponde a 39 linhas. O texto é composto por uma única e longa estrofe. A tinta de escrita é preta. O testemunho possui algumas manchas amareladas nas bordas. Há buracos provenientes de furador de papel o que indica que tal documento e os demais testemunhos deste texto já estiveram guardados em algum fichário.

IDD2

O testemunho mede 329mm de altura por 217mm de comprimento. A mancha escrita corresponde a 39 linhas. O texto é composto por uma única e longa estrofe. A tinta de escrita é preta. O testemunho possui algumas manchas amareladas nas bordas. Há buracos provenientes de furador de papel o que indica que tal documento e os demais testemunhos deste texto já estiveram guardados em algum fichário.

IDD3

O testemunho mede 329mm de altura por 217mm de comprimento. A mancha escrita corresponde a 39 linhas. O texto é composto por uma única e longa estrofe. A tinta de escrita é preta. O testemunho possui algumas manchas amareladas nas bordas. Há buracos provenientes de furador de papel o que indica que tal documento e os demais testemunhos deste texto já estiveram guardados em algum fichário.

IDD4

O testemunho mede 329mm de altura por 217mm de comprimento. A mancha escrita corresponde a 39 linhas. O texto é composto por uma única e longa estrofe. A tinta de escrita é preta. O testemunho possui algumas manchas amareladas nas bordas. Há buracos provenientes de furador de papel o que indica que tal documento e os demais testemunhos deste texto já estiveram guardados em algum fichário.

Análise das variantes

Os testemunhos identificados no DA são, na verdade, cópias e, por esse motivo não apresentam variação. As únicas diferenças entre os testemunhos são com relação ao suporte de papel, pois em dois testemunhos o papel encontra-se com dobras na margem inferior. O que se fez e aparece no aparato do poema ora editado foi a modernização ortográfica de algumas palavras.

É curioso, contudo, observar nas linhas 12 e 13 dos quatro testemunhos que ao escrever a palavra “única” o autor oscila entre colocar o acento agudo (o que ocorre na linha 12) e não colocar o acento (o que se verifica na linha 13). Conjectura-se que esse fenômeno ocorreu por distração do autor já que as regras ortográficas que cobrem a data de escrita deste poema já sinalizam a obrigatoriedade da acentuação de todas as proparoxítonas.

Os testemunhos são idênticos, mas por uma questão de organização do trabalho selecionou-se o testemunho IDD4 como texto de base.

Figura 69: Fac-símile do poema *Indicações do carimbo*¹⁸ (EC1.56.CV1.23.006)

I N D I C A Ç Õ E S D O C A R I M B O

Ontem... no passado...
namorada...
Agora no presente,
inimigo...
Esquece-la, porém,
não consigo...
porque foi muito querida...
e lhe fiquei devendo
os melhores momentos
de minha vida.
A única que eu quis...
Porque foi a única
que soube
me fazer feliz ...
Mas não há lugar
para a saudade ...
Porque só nos ficou,
terrível
inimizade...
Mas tenho muita tristeza...
a tristeza de tudo...
de tudo que aconteceu...
de tudo que morreu...
Aconteceu o irremediável...
o inevitável.
O que tinha que acontecer,
fatalmente...
Eu sem ela...
Ela sem mim...
Dramático fim...
Ela nunca lerá estas palavras...
Porque nunca lhe mandaria
Se o ficasse, seria inútil...
porque o correio as traria
de volta, incontínente,
com a indicação do carimbo:

Fonte: acervo de Eulálio Motta

¹⁸ A digitalização do testemunho cortou o último verso do texto e a data. Conferir na edição texto completo.

Texto crítico com aparato

IDD4

INDICAÇÕES DO CARIMBO

- Ontem... No passado...
namorado...
- 5 Agora no presente,
inimigo...
Esquece-la, porem,
não consigo...
porque foi muito querida...
e lhe fiquei devendo
- 10 os melhores momento
de minha vida.
A única que eu quis...
Porque foi a única
que soube
- 15 me fazer feliz...
Mas não ha lugar
para a saudade...
Porque só nos ficou,
terrível
- 20 Inimizade...
Mas tenho muita tristeza...
a tristeza de tudo...
de tudo que aconteceu...
de tudo que morreu...
- 25 Aconteceu o irremediável...
o inevitável.
O que tinha que acontecer,
fatalmente...
Eu sem ela...
- 30 Ela sem mim...
Dramático fim...
Ela nunca lerá estas palavras...
Porque nunca lhe mandaria
Se o ficasse, seria inútil...
- 35 porque o correio as traria
de volta, incontinente,
com a indicação do carimbo:
“AO REMETENTE...
13/12/86.
- IDD1 IDD2 IDD3 IDD4 **unica**
- IDD1 IDD2 IDD3 IDD4 **terrível**
- IDD1 IDD2 IDD3 IDD4 **irremediavel...**
IDD1 IDD2 IDD3 IDD4 **inevitavel.**
- IDD1 IDD2 IDD3 IDD4 **Dramatico**
- IDD1 IDD2 IDD3 IDD4 **inutil...**

4.1.2.42 Ficou chorando

O poema possui um único testemunho no MA (EH1.824.CL.05.008).

Descrição física do testemunho

FCM

A folha do testemunho mede 219mm de largura por 321mm de altura. A mancha escrita corresponde a 32 linhas. É composto por duas estrofes. Não há rasuras, acréscimos ou correção do autor. A tinta de escrita do documento é azul. O documento está conservado.

Figura 70: Fac-símile do poema *Ficou chorando...* (EH1.824.CL.05.008)

FICOU CHORANDO...

Agora que tudo acabou,
 só me resta ficar lembrando
 que no passado
 fui seu namorado
 Quando Você me quis
 e me fez feliz...
 Agora só me resta ficar lembrando
 que um dia fui seu namorado...
 quando fui embora... e lhe disse adeus
 e Você ficou chorando...
 Nunca mais Você no meu caminho!
 Sofrer sozinho
 é o que me resta...
 Você foi minha festa...
 Passou...
 A festa se acabou...
 Vida passada...
 Vida acabada...
 Mas nada!
 No lugar de sua beleza,
 só me resta agora
 esta tristeza...
 Tristeza de viver lembrando
 que era seu namorado
 quando fui embora
 e lhe disse adeus
 e você ficou chorando...
 Agora, sozinho...
 Nunca mais Você no meu caminho!

Eulálio Motta
 9-2-987

Texto crítico com aparato

FCM

Ficou CHORANDO...

- Agora que tudo acabou,
só me resta ficar lembrando
que no passado
- 5 fui seu namorado
Quando Você me quis
e me fez feliz...
- Agora só me resta ficar lembrando
que um dia fui seu namorado...
- 10 quando fui embora... e lhe disse adeus
e Você ficou chorando...
- Nunca mais Você no meu caminho!
Sofrer sozinho
é o que me resta...
- 15 Você foi minha festa...
Passou...
A festa se acabou...
Vida passada...
Vida acabada...
- 20 Mais nada!
No lugar de sua beleza,
só me resta agora
esta tristeza...
- Tristeza de viver lembrando
- 25 que era seu namorado
quando fui embora
e lhe disse adeus
e você ficou chorando...

FCM quiz

Agora, sozinho...

30 Nunca mais Você no meu caminho!

[Eulálio Motta]

9-2-987

4.1.2.43 Aquela Almofada

O poema possui apenas um testemunho no MA (EH1.821.CL.05.005).

Descrição do testemunho

AAM

A folha do testemunho mede 219mm de largura por 322mm de altura. A mancha escrita corresponde a 28 linhas. É composto por três estrofes. Não há rasuras, acréscimos ou correção do autor. A tinta da escrita do documento é azul.

Figura 71: Fac-símile do poema *Aquela almofada* (EH1.821.CL.05.005)

AQUELA ALMOFADA

Caminho de minha vida...
 Havia uma janela...
 E por detrás dela
 havia uma almofada
 com bilros cantando
 em dedos de fada...

Não há mais a janela...
 Não há mais a almofada...
 E não há mais a dobra da almofada...
 E não havendo mais ela,
 nada mais existe...
 Tudo ficou triste
 em meu caminho...

Caminho de minha vida,
 onde todo dia eu caminhava
 e nunca mais caminhei!
 Rua onde ela, todo dia, passava
 e nunca mais passou...
 e nunca mais passei...

Resta, somente, esta vaga lembrança
 daquela almofada
 que se acabou...
 E eu fiquei sozinho!
 Vocês nunca mais
 em meu caminho!

Eulálio Motta
 12-2-987

Texto crítico com aparato

AAM

AQUELA ALMOFADA

Caminho de minha VIDA...

Havia uma janela...

E, por detrás dela

AAM *detras*

- 5 havia uma almofada
com bilros cantando
em dedos de fada...

Não há mais a janela...

AAM *ha*

Não há mais a almofada...

AAM *ha*

- 10 E não há mais a dona da almofada...

AAM *ha*

E não havendo mais ela,
nada mais existe...

Tudo ficou triste
em meu caminho...

- 15 Caminho de minha vida,
onde, todo dia, eu caminhava
e nunca mais caminhei!
Rua onde ela, todo dia, passava
e nunca mais passou...

- 20 e nunca mais passei...

Resta, somente, esta vaga lembrança
daquela almofada
que se acabou...

E eu fiquei sozinho!

- 25 Você... nunca mais
em meu caminho!

[Eulálio Motta]

12-2-987

4.1.2.44 Tu e Você

O poema dispõe de um único testemunho manuscrito avulso (EH1.815.CL.04.009). Contudo, foi identificado no caderno *Meu caderno de trovas* (A13.CV1.13.001) duas quadras que correspondem a segunda e terceira estrofe do poema ora editado. Deste modo, tal testemunho será confrontado com o testemunho do poema *Tu e você*.

Descrição física do testemunho

TVM

A folha mede 107 mm de largura por 316 de altura. A mancha escrita corresponde a 34 linhas. O poema é composto de 8 estrofes. Há rasuras, acréscimos e cancelamento de três estrofes. O documento foi escrito com tinta azul. O autor usou também caneta de tinta vermelha no cancelamento de uma frase do documento. A conservação do documento é boa.

MPC

O testemunho em questão foi identificado no caderno *Meu caderno de trovas* no fôlio 13r. Aparecem no fôlio em questão mais três títulos de quadras sendo eles: *Dormir*, *Respeito* e *Papo*. A quadra intitulada Respeito tem um verso rasurado. O autor circulou a quadra Muito Pouco e a quadra *Papo*. Cada quadra foi numerada pelo autor com caneta de tinta vermelha, sendo assim aparecem os números 76,77,78,79. A mancha escrita deste testemunho é de 20 linhas. A quadra tomada aqui como testemunho encontra-se entre as linhas 10 e 19. A tinta utilizada na escrita do texto foi azul. De modo que aparecem no fôlio as cores vermelho e azul

Análise das variantes

Na edição do poema *Tu e Você* foi encontrado rasuras e marcas da movimentação escrita do autor. A exemplo, observa-se que o autor circulou a segunda, terceira e quarta estrofes do poema, escrevendo logo acima destas a frase “muito pouco”. A confrontação do poema *Tu e Você* com o testemunho do caderno *Meu caderno de trovas* possibilita a conjecturação de que o autor ao escrever a frase “Muito pouco” e circular as estrofes do testemunho TVM estaria, na verdade, sinalizando que a segunda e terceira estrofes do TVM

havia sido extraída do caderno *Meu caderno de trovas*. Curiosamente, o autor também sinaliza a quarta estrofe do TVM, porém tal estrofe não aparece no fólho 13r. No testemunho MPC o autor também circulou as quadras que correspondem a segunda e terceira estrofes do testemunho TVM. Além de dar a elas os títulos respectivamente de *Muito Pouco* e *PAPO*. Os dois testemunhos foram escritos no ano de 1987. O TVM foi escrito no mês de março, mas já no caso do MPC não é possível saber em que mês o autor escreveu as quadras. Ficando assim impossível dizer de certeza qual é mais recente, mas é plausível afirmar que o autor teve a intenção de deixar, ao titular e circular as quadras, sinalizado de onde as extraiu.

O autor fez cancelamentos e um acréscimo localizado na linha 31 do texto editado. O autor não acentuou algumas palavras do texto, a exemplo da palavra “labios” na linha 3. Já em outras palavras verificou-se acentos que não correspondem a grafia correta segundo normas atuais de acentuação gráficas, a exemplo têm-se as palavras “dôce” e “amôr” na linha 29. O autor também não utilizou hifens para separar os verbos esquecer e ver dos seus objetos diretos nas linhas 23 e 25, respectivamente. Verificou-se também variações na pontuação do texto e nas utilização de maiúsculas e minúsculas no início de alguns versos.

Figura 72: Fac-símile do poema *Tu e Você* (EH1.815.CL.04.009)

Tu e Você
 Deixa-me beijar-te as mãos
 Deixa-me os lábios beijar...
 E verás como é gostoso
 conjugar o verbo amar...
 muito pouco
 Ela, é verdade, acabou...
 E a poesia morreu...
 O que resta é muito pouco
 e muito pouco sou eu...
 Agora é só fim de papo...
 Tudo é resto, tudo é fim...
 Pra Você resta a alegria
 que não restou para mim...
 Só tristeza é que me resta...
 Só tristeza me ficou...
 Ela, pra mim, era tudo...
 Agora tudo acabou...
 Depois de muito tentar...
 resisti de te esquecer...
 Lembrar de ti é gostoso,
 tem um sabor de prazer...
 Você me esqueceu de vez...
 e eu consegui esquecê-la...
 Ver-me não mais lhe interessa
 e não me interessa ~~te~~ vê-la...
 Mas vale a pena querer-te
 mesmo com tanto maneio...
 porque teu olho é azulado
 mas é doce o meu aium...
 Toda noite tento insornar...
~~em toda noite~~ ... por que...
 enquanto estou acordado,
 estou pensando em você...
 26-3-87

Texto crítico com aparato

TVM

Tu e Você

	Deixa-me beijar-te as mãos Deixa-me os lábios beijar...	TVM labios
5	E verás como é gostoso conjuguar o verbo amar...	
	<u>Muito pouco</u>	TVM <u>Muito pouco</u> MPC Muito Pouco
	Ela, é verdade, acabou...	TVM MPC Ela, é verdade, acabou...
	E a poesia morreu...	TVM E a poesia morreu... MPC para mim ela morreu...
	O que resta é muito pouco e o muito pouco sou eu...	TVM O que resta é muito pouco MPC o que resta é muito pouco... TVM e [↑ o] muito pouco sou eu... MPC e o muito pouco sou eu...
		MPC PAPO
10	Agora é só fim de papo... Tudo é resto, tudo é fim... Pra Você resta alegria que não restou para mim...	TVM MPC Agora é só fim de papo... TVM Tudo é resto, tudo é fim.. MPC Tudo é resto... Tudo é fim.. TVM Pra Você resta alegria MPC Pra Você , resta alegria TVM MPC que não restou para mim...
	Só tristeza é que me resta...	Só tristeza é que me resta...
15	Só tristeza me ficou... Ela, pra mim, era tudo... Agora tudo acabou...	Só tristeza me ficou... Ela, pra mim, era tudo... Agora tudo acabou...
	Depois de muito tentar... desisti de te esquecer...	
20	Lembrar de ti é gostoso, tem um sabor de prazer...	
	Você me esqueceu deveras... e eu consegui esquecê-la... Ver-me não mais lhe interessa e não me interessa vê-la...	TVM esquecêla... TVM {†} vêla...
25	Mas vale a pena querer-te mesmo com tanto rancor... porque teu ódio é azedo	TVM rancôr...

mas é doce o meu amor...

TVM **doce** / **amôr...**

30 Toda noite tenho insônia...
não a tolero ... por que...
enquanto estou acordado,
estou pensando em você

TVM **insonia...**

TVM {**E' toda noite**} [↑ /**não a tolero**]]

26-3-87

4.1.2..45 Momento de poesia

O poema *Momento de poesia* dispõe de um único testemunho no MA (EH1.825.CL.05.009).

Descrição física do testemunho

MPM

A folha do testemunho mede 148mm de largura por 205mm de altura. A mancha escrita corresponde a 20 linhas. O poema é composto por quatro estrofes, cada uma com quatro versos. O documento não possui rasuras, acréscimos ou correção do autor. A tinta de escrita do documento é preta e vermelha. Verificou-se no suporte do texto, na margem inferior esquerda, que um fragmento do papel foi recortado provavelmente por uma tesoura. Há também uma perfuração na margem direita semelhante as perfurações feitas com furador de papel.

Figura 73: Fac-símile do poema *Momento de poesia* (EH1.825.CL.05.009)

MOMENTO de POESIA Para Pompeu Pinto
(Victoria Pinto)

Estou sentindo o cansaço
da difícil caminhada...
Porque sei ela, afinal,
a vida não vale nada!

Encontra-la e namora-la
foi minha grande alegria!
Hoje só resta a esperança
de ainda encontra-la um dia...

Nenhuma felicidade
nesta existência me ocorre...
Mas alimento a esperança
que é a última que morre...

Nunca prometi noivado...
muito menos casamento...
daí ter ela a razão
e ter eu o sofrimento...

J. P. P. Motta
25-4-787

Texto crítico com aparato

MPM

MOMENTO de POESIA para Pompeu Pinto
(Vitoria Pinto)

MPM /* (Vitoria Pinto)/

Estou sentindo o cansaço
da difícil caminhada...
5 Porque sem ela afinal,
a vida não vale nada!

Encontra-la e namora-la
foi minha grande alegria!
Hoje só resta a esperança
10 de ainda encontra-la um dia...

Nenhuma felicidade
nesta existência me ocorre...
Mas alimento a esperança
que é a última que morre...

15 Nunca prometi noivado...
muito menos casamento...
daí ter ela a razão
e ter eu o sofrimento...

MPM existencia

[Eulálio Motta]
20 25-4-987

4.1.2.46 De meu caderno de trovas

O poema possui dois testemunhos no MA (EH1.823.CL.05.007). Foi encontrado também mais três testemunhos da segunda estrofe deste poema. são eles: *Opinião 1* (EH1.809.CL.04.003), *Opinião 2* no MA (EH1.809.CL.04.003), *Trovas de Hoje, 29-4-987* (EH1.814.CL.04.008). Ambos localizados no MA.

A terceira estrofe do poema aqui editado aparece também nos dois testemunhos do poema *Opinião*, no caderno *Meu caderno de trovas* (A13.CV1.13.001) e no poema sem título (*Saudade de Monte Alegre*) No MA (EH1.806.CL.03.010). A quinta estrofe do poema *De meu caderno de trovas* foi encontrado também nos dois testemunhos do poema sem título (*Ninguém consegue dar fim*) no DA (EC1.34.CV1.21.006).

Foi identificado também cinco testemunhos do poema intitulado *Uma dúzia de trovas para ela* localizados no DA (EC1.32.CV1.21.004)¹⁹ em que a última estrofe deste poema aparece.

Descrição física dos testemunhos

DMM1

A folha mede 219mm de largura por 322mm de altura. A mancha escrita corresponde a 34 linhas. É composto por sete estrofes. Há rasuras, acréscimos e marcas de correção do autor. A tinta de escrita do texto é preta. O documento está conservado.

DMM2

A folha mede 219mm de largura por 322 de altura. A mancha escrita corresponde a 31 linhas. É composto por sete estrofes. Não há rasuras ou acréscimos, mas á marcas de correção do autor em tinta vermelha. A tinta de escrita do texto é preta e vermelha. O documento está conservado.

¹⁹ Descrição física dos testemunhos em que aparecem estrofes do poema ora editado. vide páginas: *Opinião 1* (p. 315); *Opinião 2* (p.315); *Trovas de Hoje, 29-4-987* (p. 312);*Uma dúzia de trovas para ela* (p. 354); quadra no caderno *Meu caderno de trovas* (p. 463); poema sem título (*Saudade de Monte Alegre* (463);poema sem título (*Ninguém consegue dar fim*) (p. 236).

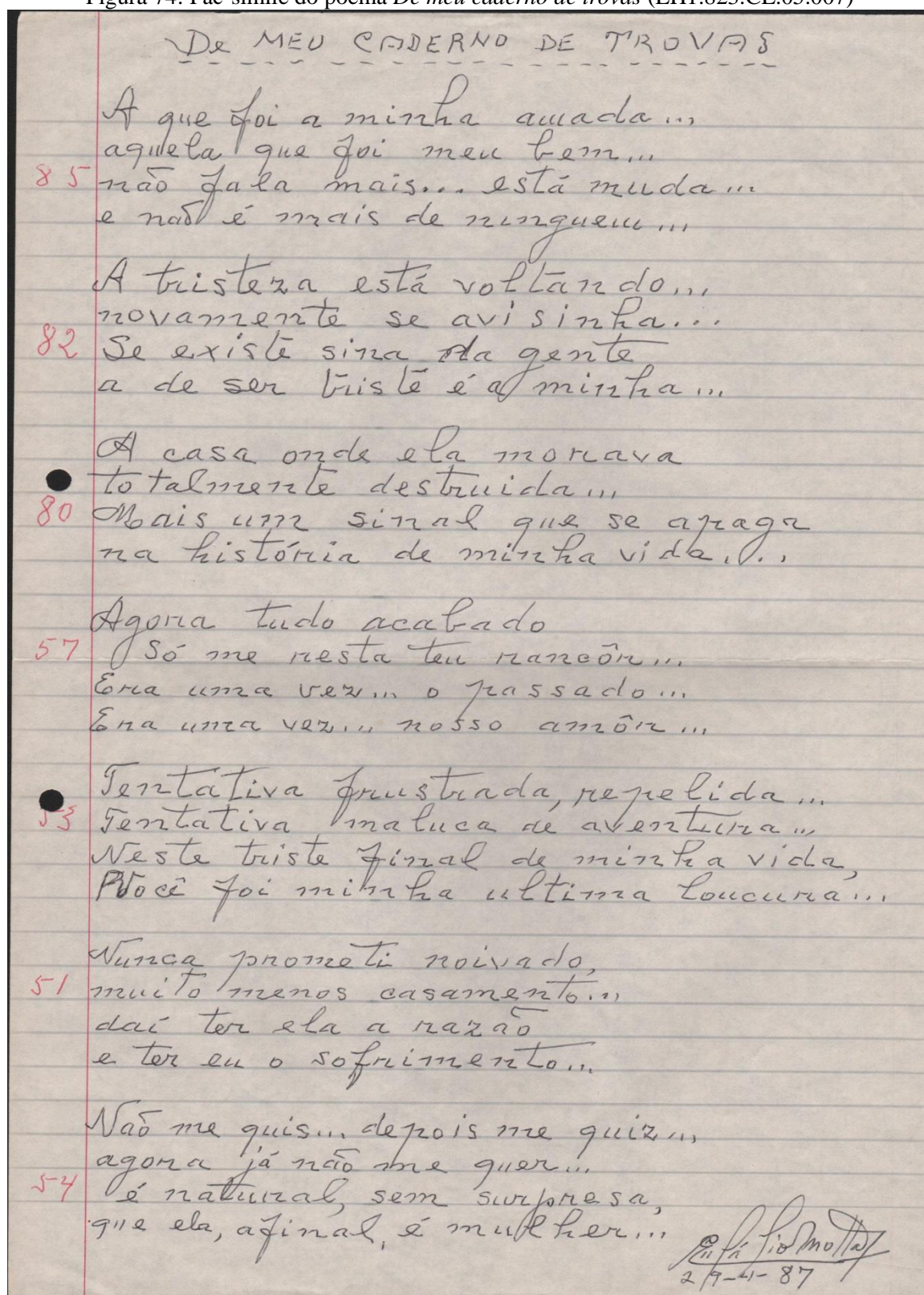
Análise das variantes

O poema *De meu caderno de trovas* é mais um exemplo, neste trabalho, de poemas cuja estrofes foram encontradas também em outros poemas ou soltas, como é o caso dos testemunhos identificados no caderno *Meu caderno de trovas*. O título do poema ora editado sugere que o mesmo seja uma compilação de quadras do caderno *Meu caderno de Trovas*, porém, curiosamente, foi identificado apenas uma quadra pertencente ao caderno supracitado. Trata-se da quadra *Destruída* que se encontra no fólio 10v.

Das sete estrofes que constitui o poema ora editado quatro também aparecem em outros testemunhos. O autor reaproveitou suas quadras a exaustão em vários outros poemas no decorrer do *corpus* deste trabalho. As estrofes encontradas também em outros testemunhos foram a segunda, terceira, quinta e sétima. As variações mais identificadas no aparato referem-se à pontuação e oscilação entre letras maiúsculas e minúsculas no início dos versos. O autor cometeu alguns lapsos ao escrever seus versos. Isso pode ser verificado nos versos 14 e 20 dos testemunhos DMCM2 DMCM1 respectivamente. As palavras “acabado” (verso 14) e Você (verso 20) foram escritas “cabado e “Pvocê”. O autor também escreveu “sine” ao invés de “sina” na intrelinha superior do verso 8 no testemunho DMCM.

Na linha 12, observa-se que o autor oscila entre as palavras “luz” dos testemunhos DTMCTC e OPM2 e a palavra “sinal” dos demais testemunhos. Na linha 12 também o verbo acabar foi escrito na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito nos testemunhos OPM1, OPM2 e DTMCTC. Já nos testemunhos DMCM1 DMCM2 e SMM o verbo aparece no presente. Na linha 12 o autor também cancelou a palavra “que” dos testemunhos OPM1 e OPM2.

O testemunho DMM1 apresenta rasuras com cancelamentos e acréscimos, indicando ser este testemunho um rascunho. Já no testemunho DMM2 verifica-se que as modificações feitas no primeiro testemunho já aparecem no teste último, indicando ser o DMM2 a versão mais recente do texto e, portanto, o texto de base desta edição.

Figura 74: Fac-símile do poema *De meu caderno de trovas* (EH1.823.CL.05.007)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

DMM2

De MEU CADERNO DE TROVAS

		DMCM1 (1) {Trovas de} De “Meu caderno {#} de trovas” DMCM De <u>MEU CADERNO DE TROVAS</u>
	A que foi a minha amada... aquela que foi meu bem... não fala mais... está muda... 5 e não é mais de ninguém...	DMCM1 amada , DMCM2 amada... DMCM1 [←85] Não DMCM2 [←85] não DMCM1 DMCM2 ninguem
	A tristeza está voltando... novamente se avizinha... Se existe sina da gente a de se triste é a minha...	OPM1 A tristeza está voltando... OPM2 81 A tristeza está voltando... OPM1 OPM2 DMM1 DMM2 novamente se avizinha... TAM(1) Novamente se avizinha... OPM1 OPM2 Se existe sina da gente, DMCM1 se / [↑sine] DMCM2 [←82] Se / sina OPM2 a de ser triste é a minha! OPM1TDHM TAM(1) minha...
10	A casa onde ela morava Totalmente destruída... Mais um sinal que se apaga na história de minha vida...	DMCM1 OPM1 OPM2 SMM DTMCTC morava , DMCM2 morava DMCM1 DMCM2 DTMCTC Totalmente destruída... OPM1 totalmente destruída! OPM2 /80*/ totalmente destruída! SMM totalmente destruída... DMCM1 DMCM2 [←80] Mais um sinal que se apaga DTMCTC Mais uma luz se apagou OPM1 Mais um sinal {que} se apagou OPM2 Mais uma luz {que} se apagou SMM mais um sinal que se apaga DMCM1 DMCM2 na história de minha vida... OPM1 OPM2 SMM na história de minha vida! DTMCTC Na história de minha vida!
	Agora tudo acabado	DMCM1 acabado... DMCM2 cabado
15	Só me resta teu rancor... Era uma vez... o passado... Era uma vez... nosso amor...	DMCM1 DMCM2 rancôr... DMCM1 [←57] / vez o passado DMCM2 vez... o passado... DMCM1 vez nosso amôr DMCM2 vez... nosso amôr...
	Tentativa frustrada, repelida...	DMCM1 DMCM2 frustrada , NCD1 NCD2 frustrada
	Tentativa maluca de aventura...	DMCM1 DMCM2 [←53] Tentativa maluca NCD1 NCD2 Tentativa maluca,
20	Neste triste final de minha vida, Você foi minha ultima loucura...	DMCM1 [↑triste] / vida , DMCM2 vida , NCD1 NCD2 vida DMCM1 Pvocê DMCM2 NCD1 NCD2 Você
	Nunca prometi noivado, muito menos casamento...	DMCM1 [←51] DMCM2 [←51]

daí ter ela a razão
25 e ter eu o sofrimento...

Não me quis... depois me quis...
agora já não me quer...
é natural, sem surpresa,
que ela, afinal, é mulher...

[Eulálio Motta]
30 29-4-87

DMCM1 DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 **quiz...** depois me **quiz...**

DMCM1 [←54]

DMCM2 [←54] **é natural**, sem **surpresa**,

DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 **É natural**, sem **surpresa...**

DMCM1 DMCM2 **que ela**, afinal, é mulher...

DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 **Ela**, afinal, é mulher...

DMCM1 VIRE

DMCM1 Do livro a sair:

DMCM1” Meu caderno de trovas”

4.1.2.47 Trovas de hoje, 29-4-987

Foi identificado apenas um testemunho do poema ora editado no MA (EH1.814.CL.04.008). Contudo, verificou-se mais testemunhos em que a terceira estrofe do *Trovas de hoje, 29-4-987* aparece, por esse motivo, as variantes da estrofe em questão aparecem no apartado. São eles: dois testemunhos do *Opinião, Trovas antológicas* (EH1.826.CL.05.010) e dois testemunhos do poema *De meu caderno de trovas* (EH1.823.CL.05.007)²⁰.

Descrição física do testemunho

TDHM

A folha do testemunho *Trovas de hoje* mede 148mm de largura por 20mm de altura. A mancha escrita corresponde a 17 linhas. O poema é composto de três estrofes. Não há rasuras, acréscimos ou marcas de correção do autor. O testemunho encontra-se em bom estado de conservação.

Análise das variantes

As variações deste testemunho se dão na terceira estrofe, pois foi encontrado mais três testemunhos em que ela aparece. As variações estão relacionadas a variação na escrita da palavra sina, na pontuação e nas maiúsculas e minúsculas. A análise das variações desta estrofe estão descritas mais profundamente na edição do texto heterogêneo *Opinião*.

²⁰ *Opinião* (p. 315), *Trovas antológicas* (p. 339); *De meu caderno de trovas* (p. 307).

Figura 75: Fac-símile do poema *Trovas de hoje*, 29-4-987 (EH1.814.CL.04.008)

TROVAS de HOJE, 29-4-987

Para escrever não preciso
de inspiração de mulher...
se acha bom continuar muda,
que continuei, se quiser...

Já disse que não preciso
de la para eu escrever...
Mas continuo escrevendo
sem conseguir esquecer...

A tristeza está voltando...
Novamente se avizinha...
Se existe sina da gente,
a de ser triste é a minha...

Eulálio Motta
29-4-87

Do livro a sair:

"Meu caderno de Trovas"

Texto crítico com aparato

TDHM

TROVAS de HOJE, 29-4-987

- Para escrever não preciso
de inspiração de mulher...
Se acha bom continuar muda,
5 que continue, se quiser... TDHM *continui*
- Já disse que não preciso
dela para eu escrever...
Mas continuo escrevendo
Sem conseguir esquecer...
- 10 A tristeza está voltando... OPM1 TDHM A tristeza está voltando...
OPM2 **81** A tristeza está voltando...
- Novamente se avizinha... OPM1 OPM2 **novamente** se **avisinha**...
DMM1 DMM2 **novamente** se **avisinha**...
TAM(1) TDHM **Novamente** se **avisinha**...
- Se existe sina da gente,
a de ser triste é a minha... OPM1 OPM2 TDHM **Se** existe **sina** da gente,
DMCM1 **se** / [↑**sine**] DMCM2 **Se** / **sina**
- [Eulálio Motta]
15 29-4-87 OPM2 a de ser triste é a **minha!**
OPM1 TDHM TAM(1) a de ser triste é **minha**...

Do livro a sair:

“Meu caderno de trovas”

4.1.2.48 Opinião²¹

Opinião é um testemunho heterogêneo, por ser constituído por três fragmentos textuais diferentes: um fragmento com uma opinião, uma trova e duas quadras. Por esse motivo, possui um número considerável de testemunhos. Buscou-se mapear os testemunhos que continham cada um dos três textos encontrados em *Opinião*.

Com o título *opinião* foram identificados dois testemunhos no MA (EH1.809.CL.04.003). Os outros testemunhos referem-se aos demais textos localizados em *Opinião*. São eles: *Edy* (M910CR6.02.020) localizado nos panfletos de Eulálio Motta, *Opinião de* (EH1.802.CL.03.006) no MA, uma quadra intitulada *Jurema* identificada no caderno *Meu caderno de Trovas* (A13.CV1.13.001) no fólio 4v, uma quadra intitulada *Destruida* também localizada no caderno *Meu caderno de trovas (iden)* no fólio 10v, poema sem título (intitulado com o primeiro verso “Ninguém consegue dar fim”) encontrado no DA (EC1.34.CV1.21.006), o poema também de caráter heterogêneo intitulado *Redondilhas* (EH1.804.CL.03.008), o poema heterogêneo *Trovas vividas* (EH1818.CL.05.002) no MA, o poema *Trovas Antológicas* (1) (EH1.826.CL.05.010) no MA, o poema *Trovas de hoje* (EH1.814.CL.04.008) no MA, dois testemunhos do poema intitulado *De meu caderno de trovas* (EH1.823.CL.05.007) no MA e o poema sem título, cujo primeiro verso *Saudade de Monte Alegre* foi utilizado como título, encontrado MA (EH1.806.CL.03.010)²². Ao todo foram encontrados 15 testemunhos.

ODM

A folha do testemunho *Opinião de* mede 143mm de largura por 20mm de altura. A mancha escrita corresponde a 15 linhas. O poema é composto por duas estrofes. Há também um elogio ao poeta feito, supostamente, pelo senhor Eudaldo Silva Lima. Não há rasuras nem acréscimos, mas há uma marca de correção do autor: um número em vermelho na margem superior esquerda do documento. A folha do documento está amarelada. A conservação do documento é boa.

²¹ O texto “opinião de dona Vaninha” e a trova “Ninguém consegue dar fim” foram editados no poema *Edy*. De modo que é nessa edição que se encontra o texto considerado como base. Devido a existência de vários testemunhos heterogêneos estrofes e fragmentos de textos podem se repetir em mais de uma edição.

²² Descrição física dos testemunhos em que aparecem fragmentos no corpo do texto ora editado. Vide página: *Edy* (p. 331);quadra intitulada *Jurema* no caderno *Meu caderno de Trovas* (p. 234);quadra intitulada *Destruida* também localizada no caderno *Meu caderno de trovas* (p. 463); poema sem título (“Ninguém consegue dar fim”) (p. 238); *Redondilhas* (p. 483); *Trovas Antológicas* (1) (276); *Trovas vividas* (323);*Trovas de hoje* (312);*De meu caderno de trovas* (p. 307); *poema sem título (Saudade de Monte Alegre)* (p. 463).

OPM1

A folha do testemunho *Opinião* mede 219mm de largura por 322 de altura. A mancha escrita corresponde a 29 linhas. O documento contém uma carta de uma admiradora da poesia de Eulálio Motta e logo abaixo um poema do poeta intitulado “Trovas”. A assinatura final é do próprio Eulálio Motta. Há no texto do poema uma rasura em tinta preta, um acréscimo também em tinta preta e marcas de correção na cor vermelha e preta. A tinta da escrita do documento é preta. O documento encontra-se em bom estado de conservação.

OPM2

A folha do testemunho *Opinião* mede 219mm de largura por 322 de altura. A mancha escrita corresponde a 30 linhas. O documento contém uma carta de uma admiradora da poesia de Eulálio Motta e logo abaixo um poema do poeta, porém sem título. A assinatura final é do próprio Eulálio Motta. Há no texto do poema uma rasura em vermelho e marcas de correção também na cor vermelha. A tinta da escrita do documento é preta. O documento encontra-se em bom estado de conservação.

Análise das variantes

O poema *Opinião* apresenta um caráter heterogêneo e, por esse motivo, seu aparato é também consideravelmente extenso. A análise do primeiro texto do testemunho ora editado revela a necessidade do autor em transmitir aos seus leitores as opiniões positivas a respeito de sua produção literária. Foi mapeado por esta edição quatro textos em que aparece a opinião de D. Dona Vaninha a respeito de três poemas do autor: *Cantiga*, *Jurema* e *inverno*. A incorporação de opiniões de terceiros nos poemas manuscritos, datiloscritos e impressos de Eulálio Motta não é rara. Para um poeta do interior com pouca difusão de sua obra para além dos limites de sua cidade e circunvizinhança cada uma dessas opiniões é fundamental para afirmá-lo enquanto poeta.

No aparato observa-se que no texto da opinião de D. Dona Vaninha²³ a variação mais significativa se dá pela quebra de versos. O que é provavelmente explicado pelo fato de que o

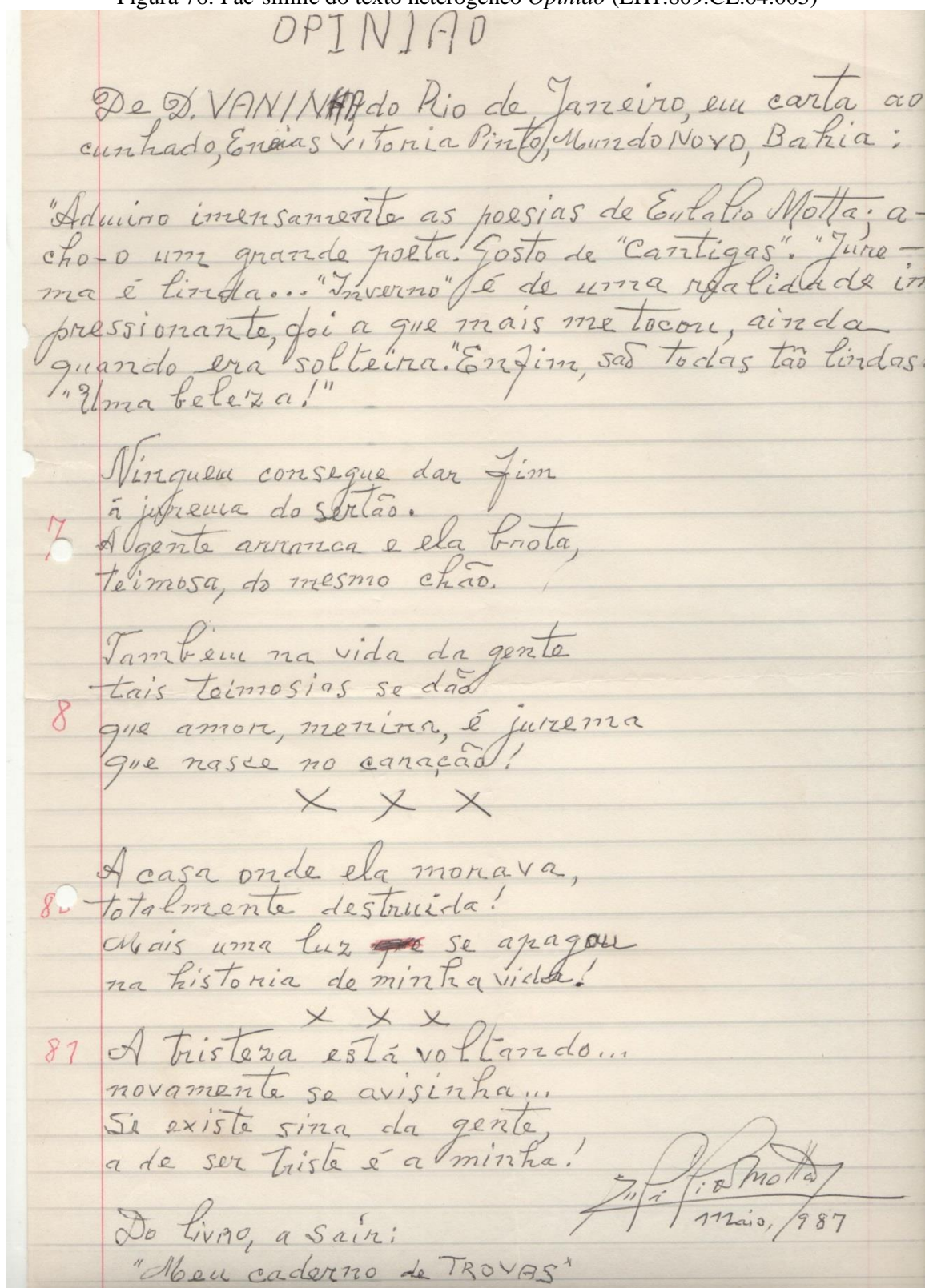
²³ O testemunho de base dos textos *Opinião de D. Vaninha* e da trova “*Ninguém consegue dar fim*” encontra-se no panfleto Edy, também editado neste trabalho. Tanto *Edy* quanto *Opinião* são textos heterogêneos.

texto foi copiado para suportes diversos e de dimensões variadas. Mas observa-se que os sinais de pontuação permanecem praticamente inalterados de um testemunho para outro. No verso cinco, contudo, o autor acrescentou parênteses a palavra *Jurema* e em seguida o cancelou no testemunho OPM1. No testemunho OPM2 o nome “Vaninha” na linha dois do testemunho tomado como base nessa edição aparece em maiúsculo. O que não ocorre nos demais. No testemunho EDP o nome “Opinião” aparece separado por hífen do restante do texto. É possível que o autor estivesse fazendo menção ao título que pretendia dar ao texto ora editado ou fosse esse o título que pretendia aplicar a apenas o fragmento que continha o texto de D. Vaninha. Há no acervo um outro texto cujo o título é *Opinião de*. neste texto em específico o autor colocou apenas a opinião de D. Vaninha o que fortalece a tese de que esse era a titulação atribuída pelo autor ao fragmento da opinião. No verso dois do testemunho base há no aparato variações do nome Eneias. No testemunho OPM2 o autor o redigi trocando a letra “e” pela letra “a”.

Na linha dez inicia-se outro texto. É o poema que aparece no caderno *Meu caderno de trovas* com o título *Jurema* o que indica a possibilidade de ser o mesmo texto mencionado na opinião de D. Vaninha. Em outros testemunhos, porém, este texto não possui título, inclusive nos demais testemunhos aqui arrolados. Todos os variando entre os anos de 1986 a 1987. Por isso, nestes testemunhos sem título optou-se por intitulá-lo com o primeiro verso: *Ninguém consegue dar fim*. As variações mais presentes neste segundo texto refere-se a oscilação entre maiúsculas e minúsculas no início dos versos, a exemplo do verso onze. Também ocorre a oscilação de pontuação o que também pode ser observado nos versos oito e onze. No verso quinze a uma oscilação na escrita da palavra “teimosias”. Nos testemunhos NCD1 NCD2 a letra “i” da primeira sílaba é suprimida.

Os dois últimos textos inscritos no testemunho de base dessa edição trata-se de duas quadras que não possuem títulos no testemunho de base, o OPM2. A quadra que se inicia na linha dezenove recebe no caderno *Meu caderno de trovas* o título de *Destruída*. Nos testemunhos OPM1 e OPM2, porém não recebeu título. As variações neste texto refere-se a mudanças de pontuação, variação entre maiúsculas e minúsculas no início de versos, a variação do acento agudo na palavra “destruída” no verso vinte. No verso 21 há entre os testemunhos a variação entre a palavra “luz” e “sinal”. Além disso, a palavra “que” que aparece no testemunho SMM é cancelada nos demais testemunhos. Outro caso de variação refere-se ao verbo “apagar” que nas demais variantes aparece no pretérito. Já no testemunho SMM aparece no presente. No testemunho OPM1 há uma inversão da quadra ora editada com a última quadra do testemunho de base.

A última quadra do testemunho OPM2 também apresenta variação na pontuação e variação de maiúsculas e minúsculas no início de verso. No verso 25 a palavra sina sofre variação de escrita no testemunho DMCM1. Ao invés de sina o autor a escreveu “sine” na entrelinha superior, provavelmente equivocou-se ao trocar o “a” da última sílaba pela letra “e”. O testemunho OPM2 foi datado, já o OPM1 não foi datado. Por esse motivo o OPM2 foi escolhido como texto de base. Ambos os textos possuem numeração em vermelho em cada quadra. No testemunho OPM1 aparece o título Trovas após o texto da opinião de D. Vaninha.

Figura 76: Fac-símile do texto heterogêneo *Opinião* (EH1.809.CL.04.003)

Texto crítico com aparato

OPM2

OPINIÃO

De D. VANINHA do Rio de Janeiro, em carta ao

cunhado, Eneias Vitoria Pinto, Mundo Novo, Bahia:

“Admiro imensamente as poesias de Eulálio Motta; a-

5 cho-o um grande poeta. Gosto de “Cantigas”. “Jure-

ma é linda... “Inverno” é de uma realidade im-

pressionante, foi a que mais me tocou, ainda

quando era solteira. “Enfim, são todas tão lindas

“Uma beleza!”

ODM D. Vaninha, do Rio de Janeiro,
OPM1 De D. Vaninha, do Rio de Janeiro, em
carta ao
OPM2 De D. VANINHA, do Rio de Janeiro, em
carta ao
EDP OPINIÃO – de D. Vaninha, do Rio de Ja-
TVVM OPINIÃO:- De D. Vaninha, do Ro de
Janeiro, em

ODM em carta ao cunhado, Eneas Vi-
OPM1 cunhado, Eneas Vitoria Pinto, Mundo
Novo, Bahia:
OPM2 cunhado, {Enaia} /Eneias\ Vitoria Pinto,
Mundo Novo, Bahia:
EDP neiro, em carta ao cunhado, Eneas Vitoria
Pinto,
TVVM carta ao cunhado, Eneas Vitoria Pinto,
Mundo Novo, Ba

ODM toria Pinto, Mundo Novo, Bahia:
EDP Mundo Novo, Bahia:
TVVM hia:

ODM “Admiro imensamente as poesias de
OPM1 “Admiro imensamente as poesias de Eulálio
Motta
OPM2 “Admiro imensamente as poesias de Eulalio
Motta a-
EDP Admiro imensamente as poesias de Eulálio
TVVM “admiro imensamente as poesias de Eulálio
Motta;

ODM Eulálio Motta; acho-o um grande
OPM1 acho-o um grande poeta. Gosto de
Cantigas { () Jurema { } }
OPM2 cho-o um grande poeta. Gosto de
“Cantigas”. Jure
EDP Motta, acho-o um grande poeta. Gosto de
“Cantigas”.
TVVM acho-o um grande poeta.” Gosto de
“cantigas”: “Jurema

ODM poeta. Gosto de “Cantigas”. Jurema é
OPM1 é linda. Inverno é de uma realidade
impressio-
OPM2 ma é linda. Inverno é de uma realidade im
EDP Jurema é linda. Inverno é de uma realidade
impres-
TVVM é linda. “Inverno” é de uma realidade
impressi-

ODM linda. “Inverno” é de uma realidade
OPM1 nante, foi a que mais me tocou; ainda
quando era
OPM2 pressionante, foi a que mais me tocou,
ainda
EDP sionante, foi a que mais me tocou. Ainda
quando era
TVVM onante, foi o que mais me tocou, ainda
quando

ODM impressionante, foi a que mais me to-
OPM1 solteira. Enfim, são todas [†tão] lindas!
{+} beleza!”
OPM2 quando era solteira. “Enfim, são todas tão
lindas
EDP solteira. Enfim, são todas tão lindas! Uma
beleza!”
TVVM era solteira. “Enfim, são todas tão lindas!
Uma beleza!

ODM fim, são todas tão lindas! Uma beleza!”
OPM1 trovas

10 Ninguém consegue dar fim

á jurema do Sertão.

A gente arranca e ela brota,

Teimosa, do mesmo chão.

Também na vida da gente

15 tais teimosias se dão

que amor, menina, é jurema

que nasce no coração!

X X X

A casa onde ela morava,

20 totalmente destruída!

Mais uma luz se apagou

na história de minha vida!

A tristeza está voltando...

novamente se avizinha...

25 Se existe sina da gente,

a de ser triste é a minha!

JRMCT OPM1 OPM2 RDM TVVM **Ninguém**
NCD1 NCD2 **Ninguém**

JRMCT OPM2 à jurema do **sertão**.
RDM À jurema dos **sertão**:
NCD1 NCD2 TVVM á jurema do **sertão**...
OPM1 7 á jurema do **sertão**...

JRMCT OPM1 RDM A OPM2 TVVM **7 A**
NCD1 NCD2 **a**
JRMCT NCD1 NCD2 TVVM **teimosa**, do
mesmo **chão**...
RDM OPM1 **Teimosa**, do mesmo **chão**!
OPM2 **teimosa**, do mesmo **chão**.

JRMCT **10 Tambem** na vida da **gente**,
RDM OPM1 OPM2 TVVM **Tambem** na
vida da **gente**
NCD1 NCD2 **Também** na vida da **gente**

JRMCT **tais teimosias** se **dão**... OPM1 **8 tais**
teimosias se **dão**...
NCD1 NCD2 tais **teimosias** se **dão**...
RDM {**Tais**}/**Tais** **teimosias** se **dão**!
OPM2 **tais** teimosias se **dão**
TVVM **tais** teimosias se **dão**,
JRMCT OPM1 NCD1 NCD2 TVVM **que**
OPM2 **8 que**
RDM **Que**

JRMCT NCD1 NCD2 TVVM **que** nasce no
coração...
RDM **Que** nasce no **coração**!
OPM1 OPM2 **que** nasce no **coração**!

OPM1 A tristeza está voltando...
OPM2 A casa onde ela morava,

OPM1 novamente se avizinha...
OPM2 /80*/ totalmente destruída!
DTMCTC SMM **destruída**...

OPM1 82 Se existe sina da gente,
OPM2 Mais uma **luz {que}** se **apagou**
SMM mais um **sinal** que se **apaga**

OPM1 a de ser triste é a minha...
OPM2 SMM **na** história de minha vida!
DTMCTC **Na** história de minha vida!

OPM1 A casa onde ela morava,
OPM2 **81** A tristeza está voltando...
TDHM A tristeza está voltando...

OPM1 Totalmente destruída!
OPM2 **novamente** se **avisinha**...
DMM1 DMM2 **novamente** se **avisinha**...
TAM(1) TDHM **Novamente** se **avisinha**...

OPM1 80 Mais um sinal {que} se apagou
OPM2 TDHM **Se** existe **sina** da gente,
DMCM1 se existe [↑sine] DMCM2 **Se** existe **sina**

OPM1 na história de minha vida!
OPM2 a de ser triste é a **minha**!
TDHM TAM(1) **minha**...

[Eulálio Motta]

maio, 987

Do livro, a saír:

30 “Meu caderno de trovas”

OPM1 De “Meu caderno de trovas,
OPM2 maio, 987

OPM1 a saír.
OPM2 Do livro, a saír:

4.1.2.49 Trovas vividas

Foi identificado um testemunho no MA (EH1.818.CL.05.002). Trovas vividas é um texto heterogêneo e, portanto, foi identificado outros testemunhos em que aparece fragmentos contidos no texto ora editado. A fim de rastrear e compreender o processo de escrita do autor tais testemunhos foram incluídos no aparato de *Trovas vividas*. São estes: uma quadra intitulada *Janela* no fólho 11r do caderno *Meu caderno de trovas* (A13.CV1.13.001), uma quadra intitulada *Jurema* no fólho 4v do caderno *Meu caderno de trovas*, texto heterogêneo intitulado *Opinião de* (EH1.802.CL.03.006) no MA, dois testemunhos do poema *Opinião* (EH1.809.CL.04.003) no MA, o panfleto do poema *Edy* (M905.CR6.02.020), poema *Redondilha* no MA (EH1.804.CL.03.008), dois testemunhos do poema sem título (Ninguém consegue dar fim) no DA (EC1.34.CV1.21.006), poema *Primeira vez*²⁴ no MA (EH1.820.CL.05.004).

Descrição física dos testemunhos

TVVM

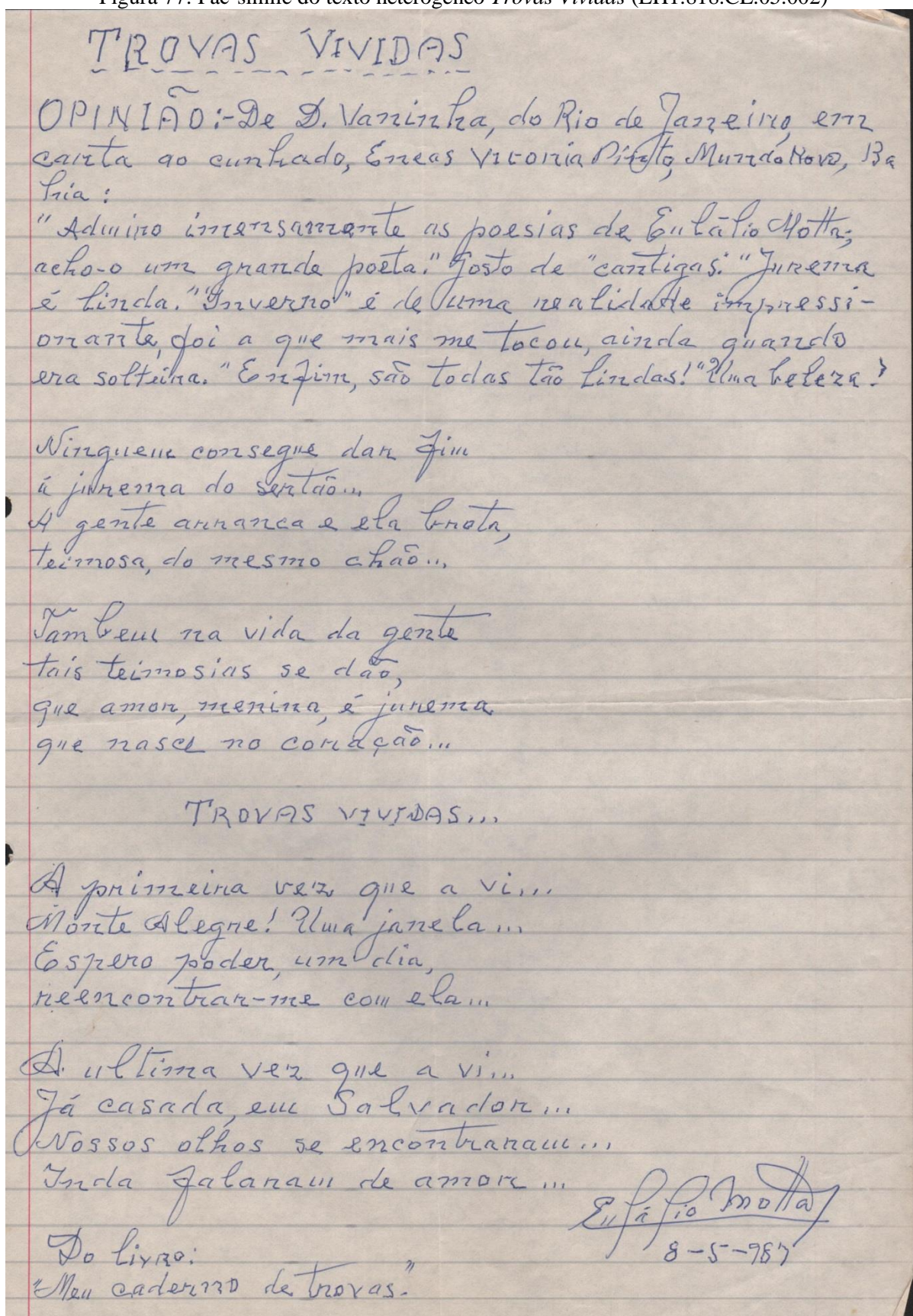
A folha do testemunho *Trovas vividas* manuscrito mede 219mm de largura por 322 de altura. A mancha escrita corresponde a 30 linhas. O documento é composto por três textos e, portanto trata-se de um testemunho heterogêneo. O primeiro texto encontrado no testemunho se trata da “Opinião de dona Vaninha”, o segundo corresponde à duas quadras sem título e o terceira se refere à duas quadras com o título *Trovas Vividas...* Não há rasuras, acréscimos ou correção do autor. A tinta de escrita do documento é azul. O documento encontra-se conservado.

Análise das variantes

O poema *Trovas vividas* tem caráter heterogêneo, possuindo um texto que parece ser uma opinião acerca de poemas do poeta Eulálio Motta, um poema sem título e outro poema com subtítulo homólogo ao título do texto ora editado. A análise dos dois primeiro textos do

²⁴ Descrição dos testemunhos cujo fragmentos foram inseridos no poema ora editado. Vide página: uma quadra intitulada *Jurema* no caderno *Meu caderno de trovas* (236); *Opinião de* (315); poema *Opinião* (p. 315) no MA; *Edy* (p. 333); *Redondilha* (p. 483), poema sem título (Ninguém consegue dar fim) (p. 236), quadras *Janela* e *Ultima vez* do caderno *Meu caderno de trovas* (p. 323), *Primeira vez* (p. 329).

TVVM encontra-se na edição do texto Opinião. No poema de subtítulo homólogo ao título principal verifica-se principalmente variantes referentes a pontuação e oscilação entre letras maiúsculas e minúsculas na L. 25. No verso da linha 21 observa-se uma sensível diferença entre o testemunho PVM em que aparece “Vou morrer sem conseguir” e os testemunhos EDP TVVM MCTC em que aparece “Espero poder, um dia.”. No PVM há um sentimento de desesperança do Eu-lírico diante da possibilidade de rever seu amor do passado. Já no testemunho de base e demais testemunhos aqui arrolados o verso enfatiza o desejo do Eu-lírico em rever o seu amor do passado. Portanto, uma profunda diferença de sentido no poema.

Figura 77: Fac-símile do texto heterogêneo *Trovas Vividas* (EH1.818.CL.05.002)

Texto crítico com aparato

TVVM

TROVAS_VIVIDAS

OPINIÃO:- De D. Vaninha, do Rio de Janeiro, em

ODM D. Vaninha, do Rio de Janeiro,
OPM1 De D. Vaninha, do Rio de Janeiro, em
carta ao
OPM2 De D. VANINHA, do Rio de Janeiro, em
carta ao
EDP OPINIÃO – de D. Vaninha, do Rio de Ja-
TVVM OPINIÃO:- De D. Vaninha, do Ro de
Janeiro, em

carta ao cunhado, Eneas Vitoria Pinto, Mundo Novo, Ba

ODM em carta ao cunhado, Eneas Vi-
OPM1 cunhado, Eneas Vitoria Pinto, Mundo
Novo, Bahia:
OPM2 cunhado, {Enaias} /Eneias\ Vitoria Pinto,
Mundo Novo, Bahia:
EDP neiro, em carta ao cunhado, Eneas Vitoria
Pinto,
TVVM carta ao cunhado, Eneas Vitoria Pinto,
Mundo Novo, Ba

hia:

ODM toria Pinto, Mundo Novo, Bahia:
EDP Mundo Novo, Bahia:
TVVM hia:

5 “admiro imensamente as poesias de Eulálio Motta;

ODM “Admiro imensamente as poesias de
OPM1 “Admiro imensamente as poesias de Eulálio
Motta
OPM2 “Admiro imensamente as poesias de Eulálio
Motta a-
EDP Admiro imensamente as poesias de Eulálio
TVVM “admiro imensamente as poesias de Eulálio
Motta;

acho-o um grande poeta.” Gosto de “cantigas”: “Jurema

ODM Eulálio Motta; acho-o um grande
OPM1 acho-o um grande poeta. Gosto de
Cantigas { () Jurema { } }
OPM2 cho-o um grande poeta. Gosto de
“Cantigas”. Jure
EDP Motta, acho-o um grande poeta. Gosto de
“Cantigas”.
TVVM acho-o um grande poeta.” Gosto de
“cantigas”: “Jurema

é linda. “Inverno” é de uma realidade impressi-

ODM poeta. Gosto de “Cantigas”. Jurema é
OPM1 é linda. Inverno é de uma realidade
impressio-
OPM2 ma é linda. Inverno é de uma realidade im
EDP Jurema é linda. Inverno é de uma realidade
impres-
TVVM é linda. “Inverno” é de uma realidade
impressi-

onante, foi o que mais me tocou, ainda quando

ODM linda. “Inverno” é de uma realidade
OPM1 nante, foi a que mais me tocou; ainda
quando era
OPM2 pressionante, foi a que mais me tocou,
ainda
EDP sionante, foi a que mais me tocou. Ainda
quando era
TVVM onante, foi o que mais me tocou, ainda
quando

era solteira. “Enfim, são todas tão lindas! Uma beleza!

ODM impressionante, foi a que mais me to-
OPM1 solteira. Enfim, são todas [↑tão] lindas!
{†} beleza!”
OPM2 quando era solteira. “Enfim, são todas tão
lindas
EDP solteira. Enfim, são todas tão lindas! Uma
beleza!”
TVVM era solteira. “Enfim, são todas tão lindas!
Uma beleza!

ODM fim, são todas tão lindas! Uma beleza!"
OPM1 **trovas**

10 Ninguém consegue dar fim

á jurema do Sertão...

A gente arranca e ela brota,
teimosa, do mesmo chão...

Também na vida da gente

15 tais teimosias se dão,

que amor, menina, é jurema

que nasce no coração...

TROVAS VIVIDAS...

A primeira vez que a vi...

20 Monte Alegre! Uma janela...

Espero poder, um dia,
reencontrar-me com ela...

A ultima vez que a vi...

Já casada, em Salvador...

25 Nossos olhos se encontraram...

Inda falam de amor...

[Eulálio Motta]

JRMCT OPM1 OPM2 RDM TVVM **Ninguém**
NCD1 NCD2 **Ninguém**

JRMCT OPM2 á jurema do **sertão**.
RDM Á jurema dos **sertão**:
NCD1 NCD2 TVVM á jurema do **sertão**...
OPM1 7 á jurema do **sertão**...

JRMCT OPM1 RDM A OPM2 TVVM 7 A
NCD1 NCD2 a
JRMCT NCD1 NCD2 TVVM **teimosa**, do
mesmo **chão**...
RDM OPM1 **Teimosa**, do mesmo **chão**!
OPM2 **teimosa**, do mesmo **chão**.

JRMCT 10 **Tambem** na vida da **gente**,
RDM OPM1 OPM2 TVVM **Tambem** na
vida da **gente**
NCD1 NCD2 **Também** na vida da **gente**

JRMCT **tais teimosias** se **dão**... OPM1 8 **tais**
teimosias se **dão**...
NCD1 NCD2 **tais temosias** se **dão**...
RDM {**Tais**} /**Tais**\ **teimosias** se **dão**!
OPM2 **tais** teimosias se **dão**
TVVM **tais** teimosias se **dão**,
JRMCT OPM1 NCD1 NCD2 TVVM **que**
OPM2 8 **que**
RDM **Que**

JRMCT NCD1 NCD2 TVVM **que** nasce no
coração...
RDM **Que** nasce no **coração**!
OPM1 OPM2 **que** nasce no **coração**!

PVM **PRIMEIRA VEZ**...
MCTC **JANELA 62 62**

PVM TVVM **janela**...
EDP MCTC **janela**!

PVM **Vou morrer sem conseguir**
EDP TVVM MCTC **Espero poder, um dia**,

PVM **ULTIMA VEZ**...
MCTC **63 ULTIMA VEZ**

PVM **Salvador**,
MCTC TVVM **Salvador**...

TVVM MCTC **Nossos**
PVM **nossos**
MCTC Inda falam de **amor**!
EDP TVVM Inda falam de **amor**...

8-5-987

Do livro:

30 Meu caderno de trovas”

4.1.2.50 Primeira vez

Foi encontrado apenas um testemunho do poema *Primeira Vez* no MA (EH1.820.CL.05.004). Porém, identificou-se outros testemunhos em que as duas primeiras quadras do PVM aparecem. São eles: as quadras *Janela* e *Ultima vez* identificadas no fólio 11r do caderno *Meu caderno de trovas* (A13.CV1.13.001), *Trovas vividas* (EH1.818.CL.05.002) no MA (EH1.818.CL.05.002), panfleto do poema *Edy*²⁵ (M905.CR6.02.020).

Descrição física dos testemunhos

PVM

A folha do testemunho *Primeira vez* mede 219mm de largura por 295 de altura. A mancha escrita corresponde a 17 linhas. trata-se de três trovas com títulos próprios cada uma. sendo assim, a primeira está intitulada “Primeira vez”, a segunda, “Ultima vez...” e a terceira, “Vida”. cada trova possui quatro versos. Não foi encontrado rasuras, acréscimos ou marcas de correção do autor. O documento está conservado, porém o papel encontra-se com aspecto amarronzado, há uma leve mancha amarelada na margem superior esquerda e buracos provenientes de furador de papel.

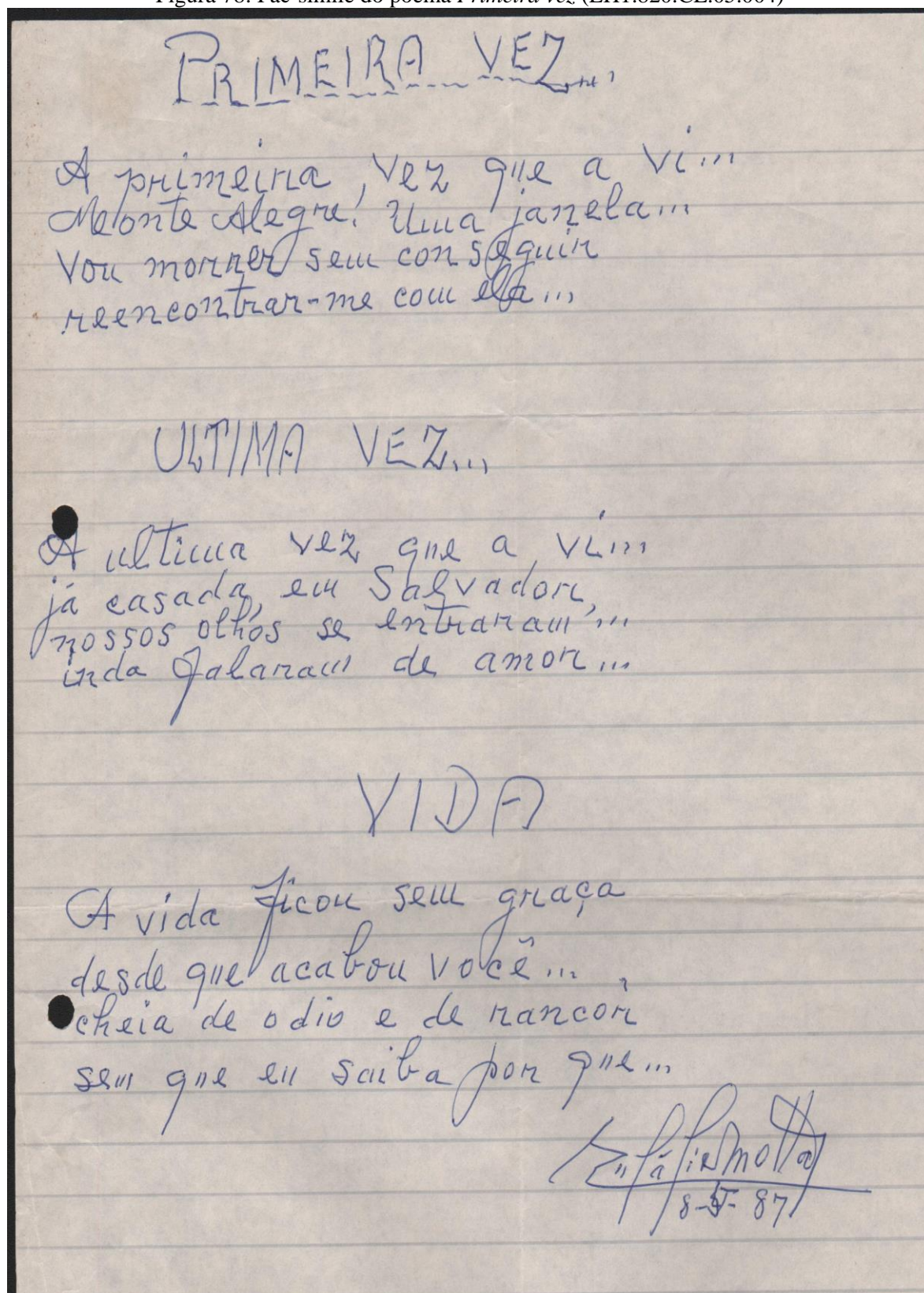
MCTC

O testemunho MCTC também se encontra no caderno *Meu caderno de trovas* no fólio 11r. Assim o testemunho também mede 210mm x 150mm. A mancha escrita corresponde à 20 linhas. Neste testemunho as duas primeiras estrofes do panfleto *Edy* estão localizadas nas linhas de 10 a 19 e recebem respectivamente os títulos de *Janela* e *Ultima vez*. Há também neste testemunho mais duas quadras. A primeira destas cancelada pelo autor e a segunda intitulada *carinho*. A tinta utilizada na escrita do texto é vermelha e azul.

Análise das variantes

²⁵ Descrição física dos testemunhos em que aparecem quadras do poema ora editado: vide página: *Trovas vividas* (p. 323), panfleto do poema *Edy* (333).

No poema ora editado observa-se que as duas primeiras quadras aparecem no poema *Trovas Vividas*, mas no PVM ambas as quadras possuem títulos e aparecem como textos individuais, embora estejam no mesmo suporte. No TVVM o autor as titulóu de trovas vivida, organizando-as como um único texto. Os testemunhos TVVM e o PVM mostram a versatilidade do autor no uso de sua escrita. Ele desmembra e uni suas quadras a fim de formar novos textos. As demais observações quanto a variantes estão relacionadas a pontuação e oscilação entre letras maiúsculas e minúsculas.

Figura 78: Fac-símile do poema *Primeira vez* (EH1.820.CL.05.004)

Texto crítico com aparato

PVM

PRIMEIRA VEZ...

A primeira vez que a vi...

Monte Alegre! Uma janela...

Vou morrer sem conseguir
reencontrar-me com ela...

PVM PRIMEIRA VEZ...
MCTC JANELA 62 62

PVM TVVM janela...
EDP MCTC janela!

PVM Vou morrer sem conseguir
EDP TVVM MCTC Espero poder, um dia,

ULTIMA VEZ...

A ultima vez que a vi...

já casada, em Salvador,
nossos olhos se entraram...
inda falaram de amor...

PVM ULTIMA VEZ...
MCTC 63 ULTIMA VEZ

PVM Salvador,
MCTC TVVM Salvador...
TVVM MCTC Nossos
PVM nossos
MCTC Inda falaram de amor!
EDP TVVM Inda falaram de amor...

VIDA

A vida ficou sem graça
desde que acabou você...
cheia de ódio e rancor
sem que eu saiba por que...

PVM odio

[Eulálio Motta]

8-5-87

PVM /*5/

4.1.2.51 EDY

O poema *Edy* foi editado originalmente por Barreiros (2013, p. 278). Barreiros identificou três testemunhos, sendo dois do poema *Edy*. Um panfleto (M905.CR6.02.020) e outro encontrado no caderno *Meu caderno de trovas* (A13.CV1.13.001) no fólio 5r. O terceiro testemunho também foi identificado no caderno *Meu caderno de trovas* no fólio 11r e se refere às duas primeiras trovas que aparecem no panfleto, escolhido como texto de base. Na edição ora apresentada, porém, será acrescentado o testemunho do poema *Edy* encontrado no MA (EH1.801.CL.03.005). Como o testemunho base é heterogêneo (BARREIROS, 2013), ou seja, engloba conteúdos textuais diferentes na mesma página, foi necessário confrontar o testemunho ora editado com outros textos do acervo. Portanto, inclui-se também os testemunhos do poema *Primeira vez* (EH1.820.CL.05.004), *Trovas vividas* (EH1818.CL.05.002), do texto *Opinião de* (EH1.802.CL.03.006) e dois testemunhos do texto *Opinião* (EH1.809.CL.04.003)²⁶. Ao todos foram identificados nove testemunhos.

EDM

A folha do testemunho *Edy* manuscrito mede 199mm de largura por 248mm de altura. A mancha escrita corresponde a 13 linhas. O poema é composto por uma única estrofe. Não há rasuras, acréscimos ou marcas de correção do autor. A tinta utilizada na escrita do poema é azul. O recado contido abaixo do poema está escrito com tinta preta. A folha do documento encontra-se amarelada. A conservação do documento é boa.

EDC

O testemunho EDC1 foi encontrado no fólio 5r do caderno *Meu caderno de trovas* que, segundo Rocha (2018), mede 210mm x 150mm. O caderno foi escrito entre os anos de 1987 a 1988. Os fólios do caderno foram numerados pelo autor, geralmente utilizando caneta de tinta vermelha. A mancha escrita do caderno corresponde à 19 linhas. O poema *Edy* ocupa

²⁶ Descrição física dos testemunhos em que aparecem texto e quadras no testemunho ora editado. vide página: *Primeira vez* (p. 329); *Trovas vividas* (p.323); *Opinião de* (p. 315); *Opinião* (p. 315); quadras *Janela e Última vez do caderno Meu caderno de trovas* (p. 323).

as linhas de seis a catorze. Há nesse fólio ainda uma quadra denominada *Amor* e outra na qual conjectura-se que se denomine *Poesias*...

EDP

De acordo com a descrição de Barreiros (2015, p.305) a folha do testemunho *Edy* mede 135 x 208mm. A mancha escrita está envolvida numa moldura. Trata-se de um testemunho heterogêneo, possuindo um texto que aparenta ser uma opinião de terceiros a respeito da obra do poeta Eulálio Motta e que foi reescrita no panfleto; duas trovas e o poema *Edy*.

Análise das variantes

O testemunho *Edy* assim como o *Opinião* é um texto heterogêneo. *Opinião* e *Edy* também possuem em comum a opinião de D. Vaninha que aparece como primeiro texto em ambos os testemunhos, reforçando a tese de que o autor tinha a necessidade de se afirmar enquanto escritor. A opinião de seus leitores famosos ou não costuma aparecer em vários de seus poemas e publicações.

A análise das variantes do primeiro texto que aparece no testemunho *Edy*, opinião de D. Vaninha, já foi feita na edição do texto *Opinião* e, portanto, nesta análise das variantes ora apresentada limita-se a analisar as variantes que ocorrem nas quadras “A primeira vez que a vi”, na quadra “A segunda vez que a vi” e no texto que aparece abaixo das quadras que vem com o subtítulo *Edy*, o mesmo que o autor utiliza para titular o testemunho EDP, escolhido como texto de base nesta edição, pois foi o texto publicado pelo autor no ano de 1987. Conjectura-se que a escolha do título do testemunho EDP evidencia que o texto cujo subtítulo é *Edy* seja o conteúdo de maior relevância do testemunho.

A quadra que se inicia na linha dez do testemunho EDP aparece com o título Primeira vez no testemunho PVM. Curiosamente esse título já não aparece no testemunho publicado. Eulálio Motta muitas vezes ao escrever quadras e trovas as titula, principalmente no caderno Meu caderno de trovas, mas ao migrar tais quadras e trovas para outros testemunhos, muitas vezes, elimina tais títulos, evidenciando um processo elaborado de criação literária e o caráter aberto e infinito do texto. A quadra em questão possui ainda variações na pontuação e a mudança do penúltimo verso. no testemunho PVM o penúltimo verso é “vou morrer sem conseguir”. Já no testemunho EDP o penúltimo verso é “Espero poder, um dia,”. O verso do PVM traz uma mensagem negativa e desesperançado do eu-lírico que já não acredita poder

rever a quem ama. Já no testemunho EDP o penúltimo verso traz uma mensagem completamente diferente. O eu-lírico passa da desesperança para a esperança, o desejo de que um dia volte a rever a quem ama. Desse modo ver-se que a alteração do verso transforma toda a mensagem da quadra.

Na segunda quadra que ocupa as linhas de 14 a 17 verifica-se também a existência de um título no testemunho PVM o que também não aparece no testemunho EDP. Outras variações se refere a variações quanto a pontuação verificada apenas na linha 17. O ultimo texto a ser analisado é o que recebe o subtítulo de *Edy*, composto por duas estrofes. Em *Edy* verifica-se mudanças consideráveis nos versos dos testemunhos. No verso vinte, por exemplo, o testemunho EDP traz a palavra “cancelado”. Já no testemunho EDM tem-se: “E por isto resolvi:.. Observa-se que o autor no testemunho EDP tem uma linguagem mais seca, direta. O mesmo ocorre nos versos que se seguem. O EDM possui um verso a mais na primeira estrofe. Isso ocorre no verso vinte e dois. Neste verso está escrito “Deixar o “dona” de lado...”.

Já na linha vinte e três do testemunho EDP tem-se o verso: “Preferi” novamente um verso mais seco do que no poema EDM em que o eu-lírico diz: “E voltar a te chamar”. No verso vinte e três do testemunho EDP tem-se: “usar, como sempre usei,”. Já no EDM o verso também é diferente: “como outrora te chamei:”. Na linha dezoito deste texto encontra-se o subtítulo “EDY”. Verifica-se que no testemunho EDC o autor o titula inicialmente de “Dona...” e em seguida o substitui por EDY. Assim, verifica-se variações substanciais no texto ora analisado. Outras variações observadas são referentes à variação de pontuação e oscilação entre maiúsculas e minúsculas.

O testemunho elencado como texto de base foi o EDP testemunho autorizado para publicação em forma de panfleto.

Figura 79: Fac-símile do panfleto *Edy* (M905.CR6.02.020)E D Y

OPINIÃO - de D. Vaninha, do Rio de Janeiro, em carta ao cunhado, Eneas Vitoria Pinto, Mundo Novo, Bahia:

“Admiro imensamente as poesias de Eulálio Motta, acho-o um grande poeta. Gosto de “Cantigas”. Jurema é linda. Inverno é de uma realidade impressionante, foi a que mais me tocou, ainda quando era solteira. Enfim, são todas tão lindas! Uma beleza!”

A primeira vez que a vi...
Monte Alegre! Uma janela!
Espero poder, um dia,
reencontrar-me com ela...

A ultima vez que a vi...
Já casada, em Salvador...
Nossos olhos se encontraram...
Inda falaram de amor...

E D Y

Tentei tratar-te de dona...
Mas achei desajeitado...
Cancelado...

Preferi
usar, como sempre usei,
teu nome simples, sem dona...
teu doce nome de **Edy**...

EULÁLIO MOTTA

11-05-87

Texto crítico com aparato

EDP

EDY

- OPINIÃO – de D. Vaninha, do Rio de Janeiro, em carta ao cunhado, Eneas Vitoria Pinto, Mundo Novo, Bahia:
- 5 “Admiro imensamente as poesias de Eulálio Motta, acho-o um grande poeta. Gosto de “Cantigas”. Jurema é linda. Inverno é de uma realidade impressionante, foi a que mais me tocou. Ainda quando era solteira. Enfim, são todas tão lindas! Uma beleza!”
- 10 A primeira vez que a vi...
Monte Alegre! Uma janela!
Espero poder, um dia,
reencontrar-me com ela...
- A ultima vez que a vi...
- 15 Já casada, em Salvador...
- ODM D. Vaninha, do Rio de Janeiro,
OPM1 De D. Vaninha, do Rio de Janeiro, em carta ao
OPM2 De D. VANINHA, do Rio de Janeiro, em carta ao
EDP OPINIÃO – de D. Vaninha, do Rio de Janeiro,
TVVM OPINIÃO:- De D. Vaninha, do Rio de Janeiro, em
- ODM em carta ao cunhado, Eneas Vitoria Pinto, Mundo Novo, Bahia:
OPM1 cunhado, Eneas Vitoria Pinto, Mundo Novo, Bahia:
OPM2 cunhado, {Enaias} /Eneias\ Vitoria Pinto, Mundo Novo, Bahia:
EDP neiro, em carta ao cunhado, Eneas Vitoria Pinto,
TVVM carta ao cunhado, Eneas Vitoria Pinto, Mundo Novo, Bahia:
- ODM toria Pinto, Mundo Novo, Bahia:
EDP Mundo Novo, Bahia:
TVVM hia:
- ODM “Admiro imensamente as poesias de
OPM1 “Admiro imensamente as poesias de Eulálio Motta
OPM2 “Admiro imensamente as poesias de Eulálio Motta a-
EDP Admiro imensamente as poesias de Eulálio
TVVM “admiro imensamente as poesias de Eulálio Motta;
- ODM Eulálio Motta; acho-o um grande
OPM1 acho-o um grande poeta. Gosto de Cantigas { (} Jurema { }
OPM2 cho-o um grande poeta. Gosto de “Cantigas”. Jurema
EDP Motta, acho-o um grande poeta. Gosto de “Cantigas”.
TVVM acho-o um grande poeta.” Gosto de “cantigas”: “Jurema
- ODM poeta. Gosto de “Cantigas”. Jurema é
OPM1 é linda. Inverno é de uma realidade impressionante,
OPM2 ma é linda. Inverno é de uma realidade impressionante,
EDP Jurema é linda. Inverno é de uma realidade impressionante,
TVVM é linda. “Inverno” é de uma realidade impressionante,
- ODM linda. “Inverno” é de uma realidade
OPM1 nante, foi a que mais me tocou; ainda quando era
OPM2 pressionante, foi a que mais me tocou, ainda
EDP sionante, foi a que mais me tocou. Ainda quando era
TVVM onante, foi o que mais me tocou, ainda quando
- ODM impressionante, foi a que mais me tocou.
OPM1 solteira. Enfim, são todas [↑tão] lindas! {↑} beleza!”
OPM2 quando era solteira. “Enfim, são todas tão lindas
EDP solteira. Enfim, são todas tão lindas! Uma beleza!”
TVVM era solteira. “Enfim, são todas tão lindas! Uma beleza!
- ODM cou, ainda quando era solteira. Enfim,
OPM2 “Uma beleza!”
- ODM fim, são todas tão lindas! Uma beleza!”
OPM1 trovas
- PVM PRIMEIRA VEZ...
MCTC JANELA 62 62
- PVM TVVM janela...
EDP MCTC janela!
- PVM Vou morrer sem conseguir
EDP TVVM MCTC Espero poder, um dia,
- PVM ULTIMA VEZ...
MCTC 63 ULTIMA VEZ
- PVM Salvador,
MCTC TVVM Salvador...

Nossos olhos se encontraram...	TVVM MCTC Nossos PVM nossos MCTC Inda falaram de amor! EDP TVVM Inda falaram de amor...
<u>EDY</u>	EDC {Dona...} /EDY\ EDM EDP <u>EDY</u>
Tentei tratar-te de dona...	EDC dona EDM “ dona... ” EDP dona...
20 Mas achei desajeitado...	EDC mas EDM EDP Mas
Cancelado...	EDM E por isto resolvi: EDP Cancelado EDM Deixar o “dona” de lado...
Preferi	EDM E voltar a te chamar
usar, como sempre usei,	EDM como outrora te chamei: EDC EDP usar, como sempre usei,
teu nome simples, sem dona...	EDM nome, simples, EDC EDP nome simples,
25 teu doce nome de Edy...	
EULÁLIO MOTTA	EDM [Eulálio Motta]
11-05-87	

4.1.2.52 Trovas antológicas

De acordo com Santos (2017), o poema dispõe de seis testemunhos: três manuscritos avulsos (EH1.813.CL.04.007), um panfleto, um manuscrito no caderno *Meu caderno de trovas* (A13.CV1.13.001) fólio 7r e um manuscrito no CCMC3 fólio 12v. Contudo, verificou-se que quatro das seis estrofes do poema ora editado aparecem também em outros poemas e, portanto, foi acrescentado tais testemunho ao aparato. São estes: *Uma dúzia de trovas para meus dois pronomes* no MA (EH1.812.CL.04.006), três testemunhos do poema *Saudade*. Sendo dois no MA (EH1.811.CL.04.005) e um datiloscrito (EC1.29.CV1.21.001), cinco testemunhos do poema *Uma dúzia de trovas para ela*, dois testemunhos do poema *A fuga* (EH1.831.CL.06.005). Um manuscrito e outro datiloscrito. Duas quadras sem título (*Ela se esqueceu de mim!*) uma no MA e outra no caderno *Meu caderno de trovas*. Poema *Trovas...* (EH1.830.CL.06.004) no MA e dois testemunhos do poema sem título (*Ninguém consegue dar fim*) no DA (EC1.34.CV1.21.006)²⁷. Descrição dos testemunhos segundo Santos (2017).

Descrição física dos testemunhos

TAM1

A folha mede 220mm de largura por 320mm de altura. Trata-se de um manuscrito a tinta azul, 23 linhas, título entre aspas na L. 1. Da linha 2 a 21 os versos. Há dois furos na margem esquerda do papel, ocasionados pelo furador. Abaixo do texto encontra-se uma nota de rodapé “‘Suas trovas são antologicas’, Braulio Franco, Serrinha”. Ao lado da nota na margem direita do papel consta a rubrica do autor e a data que o texto foi escrito. O testemunho está em bom estado de conservação.

TAM2

A folha mede 219mm de largura por 319mm de altura. Manuscrito a tinta azul, 23 linhas, título entre aspas na L. 1. Da linha 2 a 21 os versos. Há dois furos na margem esquerda do papel, ocasionados pelo furador. Abaixo do texto encontra-se uma nota de rodapé “‘Suas

²⁷ Descrição física dos poemas em que se encontram estrofes do poema ora editado. vide páginas: *Uma dúzia de trovas para meus dois pronomes: Tu e Você* (p. 197); poema *Saudade 2* (p. 256); *Uma dúzia de trovas para ela* (p. 354), *A fuga* (p. 247); quadra sem título (*Ela se esqueceu de mim!*) (p. 346); poema *Trovas... 1* (p. 242); poema sem título (*Ninguém consegue dar fim*) (p. 236).

trovas são antologicas’, Braulio Franco, Serrinha”. Ao lado da nota na margem direita do papel consta a rubrica do autor e a data que o texto foi escrito e logo abaixo aparece uma observação do autor “A sair em ‘Canções de meu caminho’, 3ª ed. (A 2ª ed. esgotou-se em menos de 90 dias)”. A conservação do testemunho é boa.

TAP

Panfleteo em tinta preta, 21 linhas, título na L. 1, da linha 2 a 12 os versos. Logo abaixo do texto consta o nome do autor e a data. Há uma emenda em tinta azul no V. 7. Nota de rodapé que expressa a opinião de Braulio Franco e uma observação do autor indicando que o texto irá sair na terceira edição de *Canções de meu caminho*.

TAM3

A folha mede 19mm largura por 249mm de altura. Trata-se de um manuscrito em tinta azul. EH1.813.CL.04.007 (reto): a mancha escrita ocupa as 22 linhas das 22 que compõem o papel. Título na L. 1 destacado por uma linha tracejada. Da linha 2 a 21 os versos. Logo abaixo, consta a rubrica do autor e a data. E na parte inferior do papel está a nota de rodapé. No ângulo inferior na margem direita encontra-se a palavra “VIRE” em caixa alta. EH1.813.CL.04.007 (verso): 6 linhas com versos, há emenda no V. 2 e rasura no V. 3. Na margem à direita do papel entre os dois primeiros versos aparecem uns riscos em caneta azul como se o autor estivesse testando a caneta que supostamente estava falhando. A conservação do testemunho é boa, mas há algumas manchas marrons no corpo do texto. O papel encontra-se amarelado.

TAM4

Manuscrito em tinta azul, a mancha escrita ocupa as 13 linhas das 22 que compõem o papel. Título na L. 1 em tinta vermelha, da linha 2 a 13 os versos. Ao lado de cada estrofe consta um número em tinta vermelha que serve para indicar a numeração de cada trova.

TAM5

Manuscrito em tinta preta, a mancha escrita ocupa as 18 linhas das 22 que compõem o papel. Título na L. 1 em tinta vermelha, da linha 2 a 17 os versos. Ao final do texto, em fonte menor encontra-se a nota de rodapé.

Análise das variantes

O poema *Trovas Antológicas* foi editado primeiramente por Santos (2017). Contudo, neste trabalho, verificou-se que das seis estrofes do testemunho de base, o TAM3, quatro apareciam como estrofes de outros poemas e, por isso, decidiu-se confronta-los a fim de identificar suas variantes. Processo fundamental para compreender como o autor procedia no manuseio de seus textos.

A análise das variantes revelam que o autor, não raras vezes, modificava a pontuação das estrofes de um testemunho para o outro. Isso ocorreu principalmente com relação a reticências, sinal muito utilizado pelo autor em seus textos. Há oscilação também entre os sinais de exclamação, vírgulas e dois pontos. Há oscilação também quanto as letras maiúsculas e minúsculas no início dos versos. Os testemunhos TAM1 e TAM2 possuem duas estrofes que não aparecem nos demais testemunhos.

No verso sete o autor se equivocou ao escrever a palavra “esqueceu” no testemunho ESM1. Ao suprimir o “s” a palavra ficou com a grafia “equeceu”. No verso sete também se verifica a supressão da letra “e” do início do verso. a análise das variantes ocorridas na estrofe dois estão melhor esplanadas na edição de *Uma dúzia de trovas para ela*. Assim como a estrofe quatro em que se verifica oscilação entre os verbos pensar e lembrar no verso dezessete. A última estrofe do TAM3 apresenta oscilação entre as palavras “bela” e “linda” e também quanto a conjugação do verbo ter na L. 25. No verso vinte seis verifica-se que o testemunho TRVM se diferencia dos demais testemunhos ao incluir a palavra garota no início do verso. O testemunho TRVM contem uma análise mais detalhada da última estrofe.

Na edição de Santos (2017), o testemunho selecionado como texto de base foi o TAM3 identificado entre os manuscritos avulsos. Esse testemunho é o texto mais completo do conjunto de testemunhos do poema ora editado.

Figura 80: Recto do fac-símile do poema *Trovas antológicas* (EH1.813.CL.04.007)

TROVAS ANTOLÓGICAS (1)

Basta! Não é mais possível
 continuar vivendo assim...
 Lembrando tanto de quem
 não se lembra mais de mim!

Ela se esqueceu de mim!
 E de tal forma esqueceu,
 que se ouvir falar meu nome
 perguntará quem sou eu!

Se já não penso em Você...
 e Você não pensa em mim,
 é evidente, está claro,
 que nosso amor teve fim...

A experiência está feita...
 Podemos viver assim...
 Eu sem lembrar de você...
 Você sem lembrar de mim...

Ela me queria tanto!
 Nunca pude imaginar
 que algum dia, no futuro,
 chegasse a me recusar!

(1) "Suas trovas são antológicas"
 Brunlio Franco, Serraia.

Eulálio Motta
 25-2-987
 X13E

Figura 81: Verso do Fac-símile do poema *Trovas antológicas* (EH1.813.CL.04.007)

Eu me orgulho de ter sido,
um dia, ~~seu~~ namorado...
Por ter sido a mais bela
que conheci no passado...

Teu namorado
por ter sido a mais bela

M...

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com o aparato

TAM3

TROVAS ANTOLÓGICAS

- Basta! Não é mais possível
continuar vivendo assim...
Lembrando tanto de quem
- 5 não se lembra mais de mim!
- Ela se esqueceu de mim!
E de tal forma esqueceu,

que se ouvir falar meu nome
perguntará quem sou eu!
- 10 Se já não penso em você...
e você não pensa em mim,
é evidente, está claro,
que nosso amor teve fim...
- 15 A experiência está feita...
- TAM1 “TROVAS ANTOLÓGICAS” (1) TAM2 “TROVAS ANTOLÓGICAS...” (1) TAM3 TROVAS ANTOLÓGICAS (1) TAP TROVAS ANTOLÓGICAS... (1) TAM4 TROVAS ANTOLÓGICAS TAM5 TROVAS ANTOLÓGICAS (1)
- UDM SDM1 SDM2 SDD TAM1 TAM2 TAM3 TAP TAM4 TAM5 **possível**
- UDM SDD TAM4 **lembrando**
TAM1 TAM2 TAM3 TAP TAM5 DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 **Lembrando**
SDM1 SDM2 SDD DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 TAM1 TAP **mim...**
TAM2 TAM3 TAM4 TAM5 **mim!**
- DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 SDM1 SDM2 SDD AFD TAM1 TAM2 TAM5 ESM1 ESM2 **mim...**
ESC TAM3 TAM4 TAP **mim!**
DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 SDD SDM1 AFD ESC TAM3 **E de tal forma esqueceu,**
ESM1 **e de tal forma esqueceu**
ESM2 **E de tal forma esqueceu**
AFM SDM **e de tal forma esqueceu,**
DTD5 **De tal forma se esqueceu...**
AFD AFM SDM SDD TAM3 ESC SDM1 ESM2 **nome**
DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 **nome,** TAP {d}/s/e TAM1 ESM1 **nome,**
AFD AFM DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 SDM2 **eu...**
ESC ESM1 ESM2 TAM3 SDM1 SDD TAM1 TAM2 TAM3 TAM4 TAP TAM5 **eu!**
- TAM2 **Se eu já** TAM2 TAM4 **você (s.r.)** TAM3 [**↑ não**] TAM1 **você,**
TAP TAM5 **mim...**
- TAM3 **amôr** TAM2 **fim!**
- TAM1 TAM2 **Irremediavel fim!**
- TAM1 TAM2 **porque o tempo passou...**
- TAM1 **e ao chegar aquele fim** TAM2 **fim,**
- TAM1 TAM2 **o fim da vida chegou!**
- TAM1 TAM2 **Tristeza crepuscular**
- TAM1 TAM2 **De um grande amor que morreu...**
- TAM1 TAM2 **e é triste que um personagem**
- TAM1 **de tal drama seja eu!** TAM2 **drama,**
- DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 **A experiência está feita...**
DTD5 **A experiencia esta feita...**

		TAM1 TAM2 TAM4 TAP A experiência está feita ...
		TAM3 TAM5 A experiencia está feita ...
		TRVM A experiencia está feita :
Podemos viver assim...		TAM1 TAM2 TAM3 TAM4 TAM5 TAP DTD3 Podemos viver assim ...
		DTD1 DTD2 DTD4 DTD5 Podemos viver assim :
		TVRM podemos viver assim :
Eu sem lembrar de você...		TAM5 eu sem pensar em você...
		TAM1 TAM2 TAM3 TAM4 TAP DTD3 Eu sem lembrar de você...
		DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 Eu sem lembrar de você...
		TRVM eu sem lembrar de você...
você sem lembrar de mim...		TAM5 você sem pensar em mim...
		TAM1 TAM2 TAM3 TAM4 TAP você sem lembrar de mim...
		DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 você sem lembrar de mim...
		TRVM Você sem lembrar de mim...
Ela me queria tanto!		
20	Nunca pude imaginar que algum dia, no futuro, chegasse a me recusar!	
Eu me orgulho de ter sido,		TRVM TAM1 TAM2 TAM3 TAM4 TAM5 TAP Eu me orgulho de ter sido,
		NMM Eu me orgulho de ter sido, [↓{†}]
		NMC [†5] 80 Eu me orgulho de ter sido, V
um dia, teu namorado...		TRVM TAM1 TAM2 TAM4 TAM5 TAP NMC um dia, teu
		TAM3 {s}/t eu
		NMM um dia, /*{ teu }/ /-> seu),
25	Por ter sido a mais bela	TAM1 TAM2 TAM3 TAM4 TAM5 Por ter sido a mais bela
		NMM Por ter {†} sido a mais bela
		NMC por teres sido a mais bela
		TRVM por teres sido a mais linda
que conheci no passado...		TAM1 TAM2 TAM3 TAM4 TAM5 NMM que conheci no passado
		NMC conheci {do} no passado
		TRVM garota de meu passado...
		TAM1 TAM2 TAM3 [Eulálio Motta] TAP Eulálio Motta
		TAM1 29 - 4 - 986 TAM2 Abril 986 TAM3 25 - 2 - 987 TAP 24-6-96
		TAM1 TAM2 TAM3 TAP (1) - "Suas trovas são antológicas", Braulio Franco, Serrinha. TAM5 (1) Suas trovas são antológicas... Braulio Franco
		TAM2 TAP A sair em "Canções de meu caminho", 3ª ed. (A 2ª ed. esgotou-se em menos de 90 dias).

4.1.2.53 Ela se esqueceu de mim!²⁸

O poema ora editado trata-se de uma quadra. Foi identificado três testemunhos deste texto no acervo do autor. Dois testemunhos no MA e o terceiro no caderno *Meu caderno de trovas* (A13.CV1.13.001). Também foram identificados testemunhos em que a quadra ora editada aparece como estrofe. São eles: cinco testemunhos de *Uma dúzia de trovas para ela* no DA (EC1.32.CV1.21.004); cinco testemunhos de *Trovas Antológicas*, sendo cinco manuscrito (EH1.813.CL.04.007) e o sexto um panfleto (M904.CR6.02.019), dois testemunhos do poema *Saudade* (EH1.811.CL.04.005) no MA e outro no DA (EC1.29.CV1.21.001) e dois testemunhos do poema *A fuga* no MA. Um manuscrito (EH1.831.CL.06.005) e outro datiloscrito (EC1.29.CV1.21.001)²⁹.

Descrição física dos testemunhos

ESM1³⁰

A folha mede 194mm de largura por 249mm de altura. A mancha escrita corresponde a 5 linhas. Constitui-se de uma única trova. Não há rasuras, acréscimos ou correção do autor. A tinta de escrita do documento é azul. esta trova encontra-se no verso do poema Trovas. O documento encontra-se em bom estado de conservação.

ESM2

A folha mede 147mm de largura por 204mm de altura. A mancha escrita corresponde à 7 linhas. Constitui-se de uma única trova. Não há rasuras, acréscimos ou correção do autor. A tinta de escrita do documento é azul. Neste testemunho o autor deu ao seu texto o título de TROVA.

ESC

²⁸ O poema ora editado trata-se de uma trova sem título, por isso, optou-se por lançar mão do primeiro verso deste para intitula-lo e assim tornar mais fácil a consulta de possíveis leitores da respectiva edição.

²⁹ Descrição física dos testemunhos que contem a quadra ora editada como estrofe. Vide página: *Uma dúzia de trovas para ela* (p. 354); *Trovas Antológicas* (p. 339); *A fuga* (p. 247), *Saudade 2* (256).

³⁰ O testemunho ESM1 foi escrito no verso do poema Trovas... cuja data de escritura foi 14 de fevereiro de 1986. Portanto, conjectura-se que o testemunho ESM1 tenha sido escrito na mesma data.

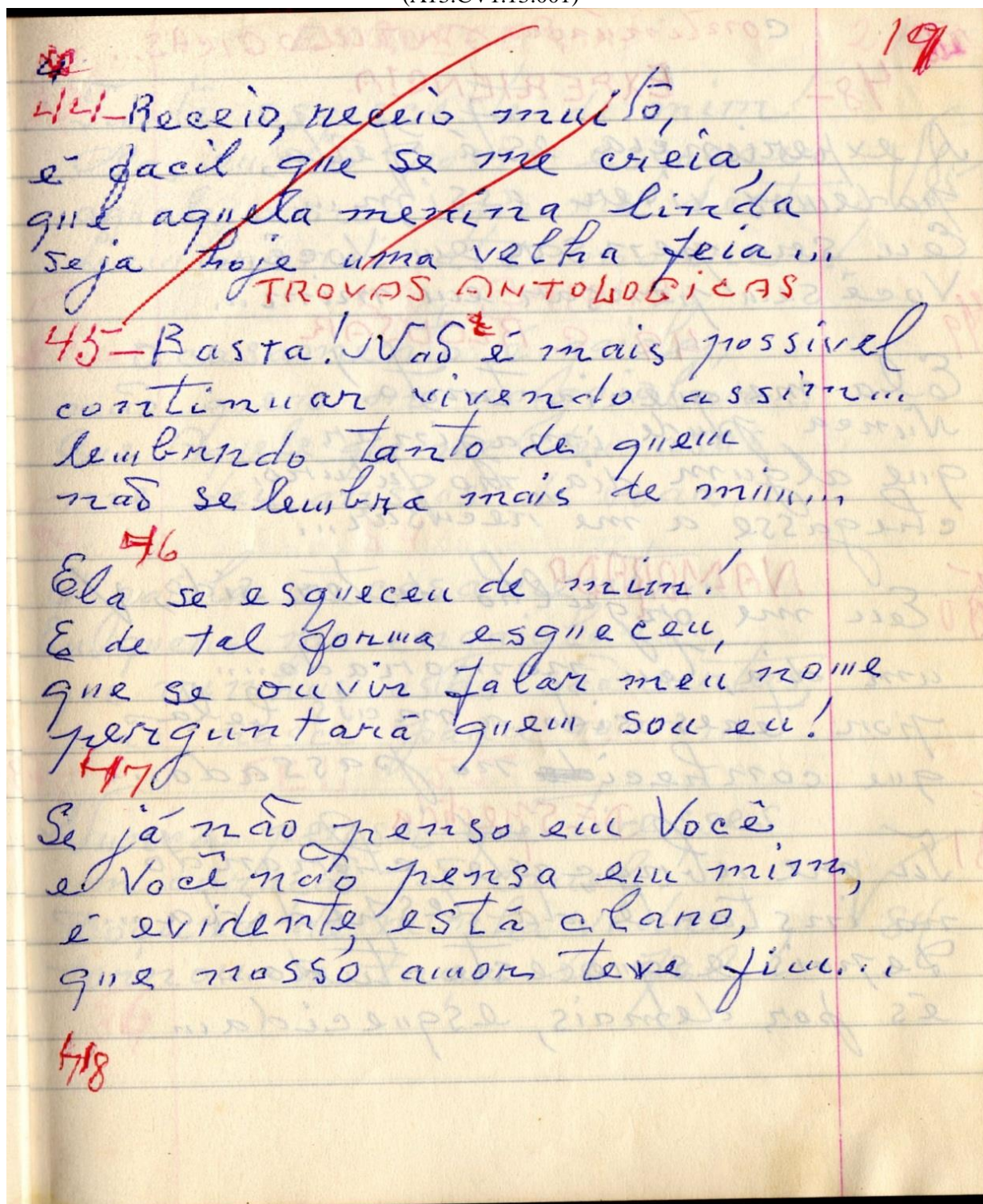
O testemunho ESC foi encontrado no caderno *Meu caderno de trovas*. Segundo Rocha (2018), o caderno tem as seguintes dimensões: 210mm x 150mm. Sua escrita, conforme afirma Rocha (2018, p. 48) ocorreu entre os anos de 1987 a 1988, portanto, mais recente do que o único testemunho avulso datado, o ESM2 que consta a data de abril de 1986. A quadra foi escrita em tinta azul e vermelha.. No fólho foram escritas pelo autor mais três quadras. Destas apenas uma foi intitulada de Trovas Antológicas em tinta vermelha. A mancha escrita do fólho corresponde à 21 linhas, sendo que a quadra ora editada encontra-se escrita entre as linhas 12 e a 15. O autor numerou cada quadra do caderno em tinta vermelha. neste fólho os números vão do 44 ao 48. Sendo que o número 48 corresponde a quadra do fólho 9v. O testemunho ESC se localiza no fólho 9r.

Análise das variantes

A análise dos testemunhos permitiu identificar algumas movimentações na escrita do autor. Dos nove testemunhos, o ESM1 e o ESC não foram datados, mas conjectura-se a data da escrita de ambos a partir de datas que aparecem tanto no verso do ESM1 quanto no caderno *Meu caderno de trovas*. Os testemunhos de Uma dúzia de trovas também não possui data. No testemunho ESM2 aparece a data de “abril, 986”. Identificou-se ainda as variações de pontuação e oscilação entre maiúsculas e minúsculas. Na linha três, verificou-se um equívoco ortográfico. O autor escreveu no testemunho ESM1 a palavra “equeceu” ao invés de esqueceu conforme se verifica nos demais testemunhos.

O testemunho elencado como texto de base foi o ESC identificado no CMCT. Conjectura que o testemunho se trata da versão mais recente do texto editado.

Figura 82: Fac-símile da quadra *Ela se esqueceu de mim* identificada no CMCT fólho 9r (A13.CV1.13.001)



Texto crítico com aparato

ESC

46

Ela se esqueceu de mim!

E de tal forma esqueceu,

que se ouvir falar meu nome

5 perguntará quem sou eu!

ESC 46 ESM2 TROVA

DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 SDM1 SDM2 SDD AFD
TAM1 TAM2 TAM5 ESM1 ESM2 **mim...**
ESC TAM3 TAM4 TAP **mim!**

DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 SDD SDM1 AFD ESC TAM3 **E**
de tal forma esqueceu,
ESM1 **e de tal forma esqueceu**
ESM2 E de tal forma esqueceu
AFM SDM **e de tal forma esqueceu,**
DTD5 **De tal forma se esqueceu...**

AFD AFM SDM SDD TAM3 ESC SDM1 ESM2 **nome**
DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 **nome,** TAP {d}/s)e TAM1
ESM1 nome,

AFD AFM DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 SDM2 **eu...**
ESC ESM1 ESM2 TAM3 SDM1 SDD TAM1 TAM2 TAM3
TAM4 TAP TAM5 **eu!**

ESM1 ESM2 [Eulálio Motta]

ESM2 **Abril, 986**

4.1.2.54 Adoeceu

Foram identificados quatro testemunhos da quadra *Adoeceu*. Um dos testemunhos, uma quadra (EH1.810.CL.04.004), foi encontrado no verso do poema *Dia do namorado* MA (EH1.810.CL.04.004), outro testemunho no caderno *Meu caderno de trovas* (A13.CV1.13.001), outro testemunho refere-se a uma estrofe do poema *Uma dúzia de trovas para ela...*³¹ (EC1.32.CV1. 21.004), o quarto testemunho trata-se da primeira estrofe do poema *Uma dúzia de trovas para meus dois pronomes: Tu e Você* (EH1.812.CL.04.006).

Descrição física dos testemunhos

ADM

A folha mede 195 mm de largura por 248mm de altura. A mancha escrita corresponde a quatro linhas. O poema é classificado como quadra por possui uma única estrofe de quatro versos. Não há emendas, rasuras ou marca de correção do autor. A tinta da escritura do texto é azul. O testemunho está em bom estado de conservação.

ADC

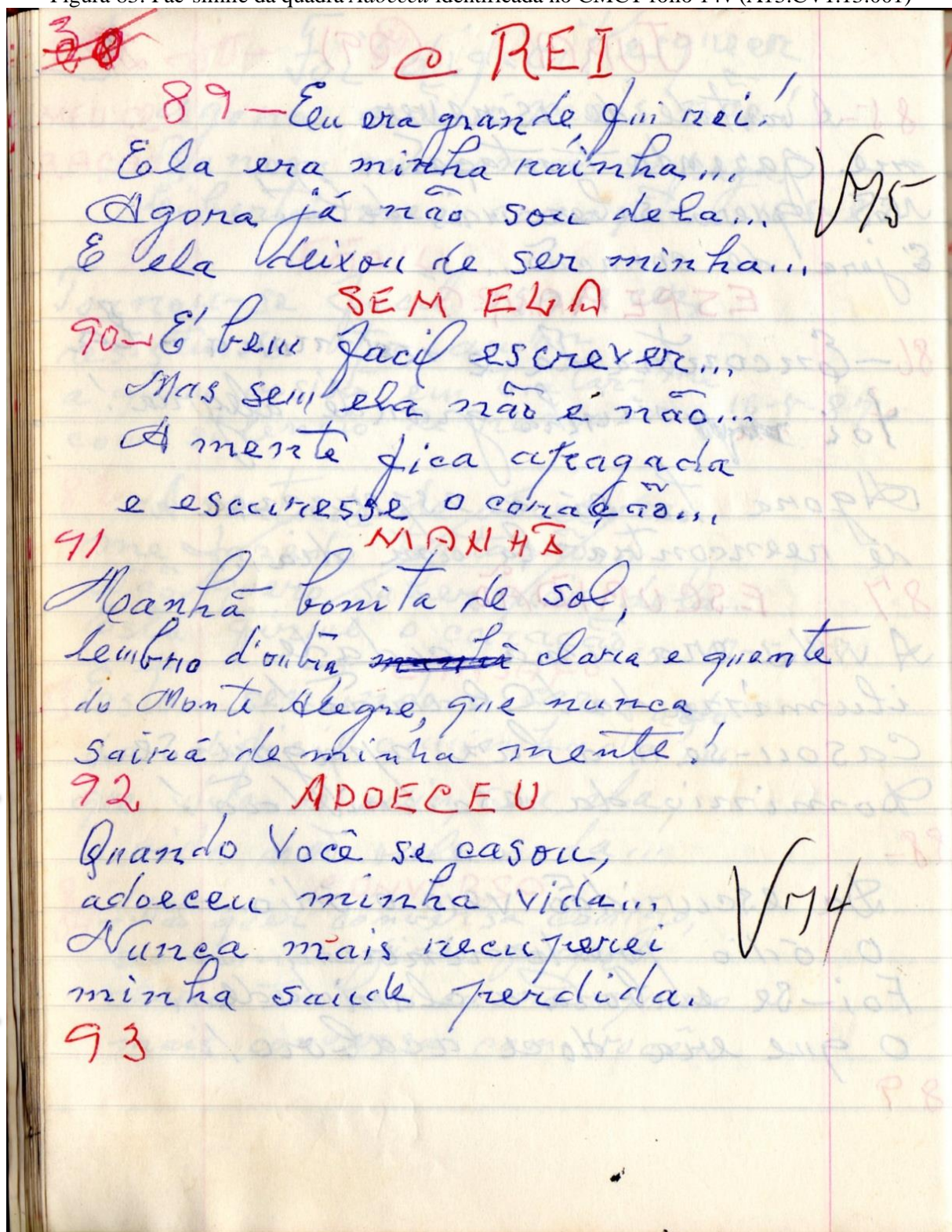
O testemunho ADC foi encontrado no caderno *Meu caderno de trovas* que mede, conforme Rocha (2018), 210mm x 150mm. O caderno foi escrito entre os anos de 1987 a 1988. O testemunho ADC foi escrito no fôlio 14v, juntamente com mais três quadras (O Rei, Sem ela e Manhã). A tinta de escrita do testemunho ADC foram azul, vermelha e preta. A mancha escrita do fôlio 14v corresponde à 21 linhas. O testemunho *Adoeceu* localiza-se entre as linhas 16 a 20. O autor numerou cada quadra do caderno e neste fôlio a numeração vai do 89 ao 93. Sendo que o número 93 corresponde a quadra do fôlio 15r. o autor marcou a quadra ora editada com um sinal de conferência em tinta preta, revelando que o autor conferiu a quadra provavelmente a fim de empreender correções caso necessário ou até mesmo no intuito de reaproveitar a quadra em outros textos..

³¹ Descrição física dos testemunhos que em que o texto ora editado aparece como estrofe. Vide página: *Uma dúzia de trovas para ela...* (p. 354); *Uma dúzia de trovas para meus dois pronomes: Tu e Você* (p. 197).

Análise das variantes

A quadra ora editada foi encontrada no verso do poema *Dia do namorado* e assim como outras quadras aparece também incluída dentro de outros poemas. No caso da quadra *Adoeceu* esta foi incorporada ao poema *Uma dúzia de trovas para meus dois pronomes: Tu e Você* e o poema *Uma dúzia de trovas para ela*. As variações identificadas estão relacionadas a pontuação. O título “adoeceu” também só aparece no testemunho ADC assim como as numerações verificadas no aparato. A questão da numeração se dá porque o autor buscou numerar suas quadras no caderno *Meu caderno de trovas*.

O testemunho encontrado no CMCT é mais recente, já que conjectura-se que a quadra encontrada no verso do poema *Dia do namorado* seja do ano de 1986, mesma data que aparece no poema *Dia do namorado*. Assim, o testemunho ADC é o elencado como o texto de base do poema editado.

Figura 83: Fac-símile da quadra *Adoeceu* identificada no CMCT fôlio 14v (A13.CV1.13.001)

Texto crítico com aparato

ADC

ADOECEU

Quando Você se casou,
adoeceu minha vida...

Nunca mais recuperei

5 minha saúde perdida.

ADC 92 ADOECEU

ADC ADM casou, UDM casou

ADC V74

ADM UDM saude perdida... ADC saude perdida.

DTD5 saude perdida...

4.1.2.55 Uma dúzia de trovas para ela...

Conforme Santos (2017) o poema dispõe de cinco testemunhos avulsos no DA. Sendo quatro com o título *Doze trovas para ela...* (EC1.33.CV1.21.005) e o quinto intitulado *Uma dúzia de trovas para ela...* (EC1.32.CV1.21.004). Neste trabalho optou-se também por identificar e confrontar as estrofes que foram reutilizadas pelo autor em outros poemas. Assim, identificou-se dois testemunhos do poema *De meu caderno de trovas* (EH1.823.CL.05.007)³² no MA em que aparece a segunda estrofe do poema ora editado. A quinta estrofe do poema aqui editado aparece também no testemunho *Trovas...* (EH1.830.CL.06.004) encontrado no MA.

Foi identificado a ocorrência da oitava estrofe localizada na L. 30 do poema ora editado no poema manuscrito (EH1.831.CL.06.005) e no datiloscrito (EC1.854.CV1.23.008) avulso *A fuga*, em seis testemunhos do poema *Trovas Antológicas*, sendo que cinco são manuscritos avulsos (EH1.813.CL.04.007) e o sexto é um panfleto (M904.CR6.02.019), duas quadras no MA e uma terceira no caderno *Meu caderno de trovas* (A13. CV1.13.001), três testemunhos do poema *Saudade*, dois manuscrito (EH1.811.CL.04.005) e outro datiloscrito (EC1.29.CV1.21.001). Já a nona estrofe do poema aqui editado aparece também no testemunho *Trovas...* encontrado no MA (EH1.830.CL.06.004).

Também verificou-se a existência de mais três testemunhos em que o autor também usou a penúltima estrofe deste poema localizada na linha 42. São eles os testemunhos: *Uma dúzia de trovas para meus dois pronomes: Tu e Você* (EH1.812.CL.04.006), uma quadra encontrada no verso do poema avulso *Dia do namorado* (EH1.810.CL.04.004) e uma outra quadra encontrado no caderno *Meu caderno de trovas* (A13.CV1.13.001).

A última estrofe do poema *Uma dúzia de trovas para ela* aparece nos testemunhos já aqui citados, os seis testemunhos do *Trovas antológicas* e o poema *Trovas...*

Descrição física dos testemunhos

DTD1

³² Descrição física dos testemunhos identificados nas estrofes do poema *Uma dúzia de trovas para ela* – vide páginas: *De Meu caderno de trovas* (p. 307); *Trovas...* (p. 242); *A fuga* (p. 247); *Trovas Antológicas* (p. 339); *Uma dúzia de trovas para meus dois pronomes: Tu e Você* (p. 197); quadra localizada no verso do poema avulso *Dia do namorado* (p. 350); quadra localizada no caderno *Meu caderno de trovas* (p. 350); *Saudade* (2) (p. 256).

41 linhas, título na L. 1, da linha 2 a 41 os versos. A quinta estrofe encontra-se rasurada em tinta azul e à margem direita da estrofe consta uma burilação feita pelo autor “velhice, etc.”. Há uma emenda em tinta azul na sexta estrofe, o autor acrescentou a palavra “estou” antes de “tranquilo”. Além disso, há uma marcação “(x)” à esquerda dessa estrofe.

DTD2

41 linhas, título na L. 1, da linha 2 a 41 os versos. A quinta estrofe encontra-se rasurada em tinta azul e à margem direita da estrofe consta uma burilação feita pelo autor “velhice! Presença triste, etc.”. Há uma emenda em tinta azul na sexta estrofe, o autor acrescentou a palavra “estou” antes de “tranquilo”.

DTD3

51 linhas, título na L. 1, da linha 2 a 49 os versos. A quinta estrofe encontra-se rasurada em tinta azul. Há uma emenda em tinta azul na sexta estrofe, o autor sinalizou com o código “I” antes da palavra “tranquilo” e acrescentou na lateral do verso “I estou”. Na L. 50 está o nome do autor e na última linha uma observação “A sair em Canções de meu caminho 3ª edição”.

DTD4

51 linhas, título na L. 1, da linha 2 a 49 os versos. A quinta estrofe encontra-se rasurada em tinta azul e à margem direita da estrofe consta uma burilação feita pelo autor “velhice”. Há uma emenda em tinta azul na sexta estrofe, o autor acrescentou a palavra “estou” antes da palavra “tranquilo” e puxou uma linha para a lateral do verso e escreveu novamente a palavra “estou”. Na L. 50 está o nome do autor e na última linha uma observação “A sair em Canções de meu caminho 3ª edição”.

DTD5

51 linhas, título na L. 1, da linha 2 a 51 os versos. Há mais duas estrofes na margem à direita do papel em tinta azul. Na última linha consta a rubrica do autor.

Análise das variantes

No poema *Uma dúzia de trovas para ela...* observa-se que o autor propositadamente elencou doze quadras para constituir as doze estrofes do poema a que se propôs falar do amor não correspondido do Eu-lírico. Dessas doze estrofes verificou-se que seis reaparecem em outros poemas do autor. A exemplo dos poemas *De meu caderno de trovas*, *Trovas antológicas e Trovas...* Além de algumas quadras encontradas no caderno *Meu caderno de trovas*, organizado exclusivamente com quadras que o autor não raras vezes utilizava em outros poemas. Ver dissertação Edição das trovas de Eulálio Motta, de Juliana Pereira Rocha acerca do caderno *Meu caderno de trovas*.

A respeito da quadras identificadas em outros testemunhos, verifica-se que as variações estão na grande maioria das vezes relacionadas a pontuação e oscilação entre maiúsculas e minúsculas. Na última estrofe, porém, verifica-se que há mudança entre os verbos “lembrar” e “pensar”. O verbo “lembrar” ocorre em praticamente todos os testemunhos exceto no TAM5. Desse modo os dois últimos versos da estrofe supracitada possui a ocorrência de “Eu sem lembrar de você... / você sem lembrar de mim...” . Já no testemunho TAM5 os dois últimos versos aparecem da seguinte maneira “eu sem pensar em você... / você sem pensar em mim... O verbo “lembrar” que é o que aparece com mais frequência nos testemunhos remete a trazer a memória algo que se viveu, seja a lembrança positiva ou negativa. A memória está imbuída de sentimentos e vivências do sujeito no presente que influenciarão sua memória pregressa. Assim, o eu lírico mistura sua lembrança do amor do passado com a dor presente da ausência da mulher amada. Já o verbo “pensar” pode ser entendido como raciocinar, refletir. Assim, a escolha do autor pelo verbo “lembrar” altera a significação dos versos. O verbo lembrar está muito mais associado a memória, ao que se viveu do que o verbo pensar.

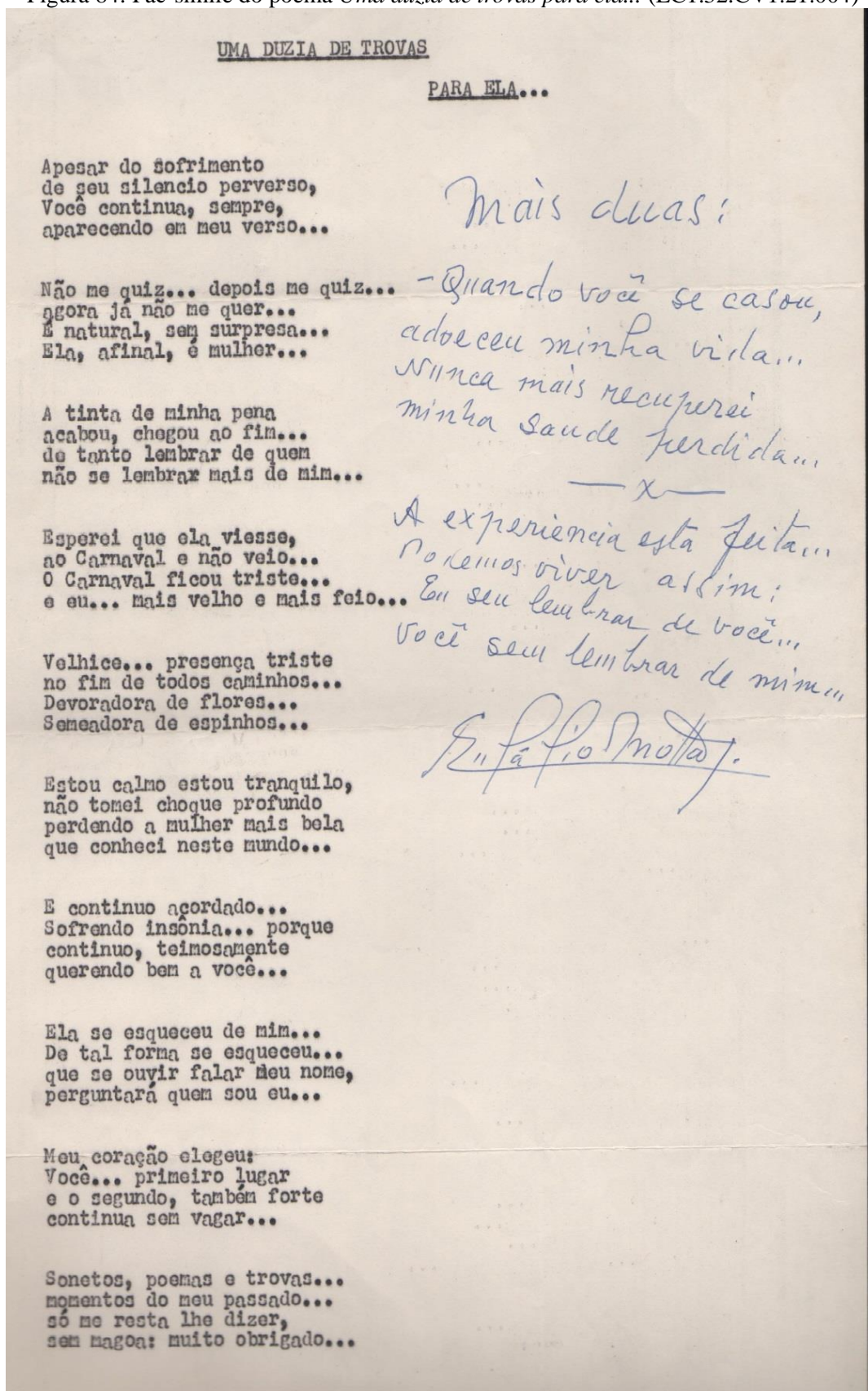
Quando analisamos as variações ocorridas entre os testemunhos DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 observamos que o autor retirou do testemunho DTD5 duas estrofes que aparecem nos demais testemunhos. Isso ocorre na quarta e décima primeira estrofe do texto de base. Trata-se das seguintes estrofes respectivamente:

“Basta! Não é mais possível / continuar vivendo assim... / Lembrando tanto de quem / não se lembra mais de mim...”/.

Você deixou de existir.../ pelo menos para mim.../ É natural, sem surpresa.../ Tudo no mundo tem fim...

É curioso que o autor não sinalizou a pretensão de retirar essa estrofe nos quatro primeiros testemunhos. Ao contrário, sinalizou retirar uma estrofe que havia repetido nos quatro primeiros testemunhos. Trata-se da repetição da terceira estrofe do testemunho DTD5. No lugar desta, o autor sinalizou nos quatro primeiros testemunhos a inserção da estrofe que aparece na linha 19 do testemunho de base. A penúltima estrofe do DTD5 também não aparece nos quatro primeiros testemunhos.

Além dessas importantes mudanças feitas na constituição do testemunho de base, verificou-se variações relativas a pontuação, oscilação entre minúsculas e maiúsculas no início de versos. A escolha do testemunho de base foi o DTD5 que apresenta um texto mais completo inclusive com supressões e acréscimo de estrofe em caneta esferográfica de tinta azul.

Figura 84: Fac-símile do poema *Uma dúzia de trovas para ela...* (EC1.32.CV1.21.004)

Texto crítico com o aparato

DTD5

	UMA DÚZIA DE TROVAS PARA ELA...	DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DOZE TROVAS PARA ELA... DTD5 DUZIA
	Apesar do sofrimento de seu silêncio perverso, Você continua, sempre, 5 aparecendo em meu verso...	DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 silencio
	Não me quis... depois me quis... agora já não me quer... É natural, sem surpresa... Ela, afinal, é mulher...	DMCM1 DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 quiz... depois me quiz... DMCM1 [←54] DMCM2 [←54] é natural , sem surpresa , DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 É natural , sem surpresa... DMCM1 DMCM2 que ela , afinal, é mulher... DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 Ela , afinal, é mulher...
10	A tinta de minha pena acabou, chegou ao fim... de tanto lembrar de quem não se lembra mais de mim...	DTD5 lembrar DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 Basta! Não é mais possível DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 continuar vivendo assim... DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 Lembrando tanto de quem DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 não se lembra mais de mim...
15	Esperiei que ela viesse, ao carnaval e não veio... O carnaval ficou triste... e eu... mais velho e mais feio...	
	Velhice... presença triste no fim de todos os caminhos...	TRVM no fim de todos caminhos.. DTD5 no fim de todos os caminhos...
20	Devoradora de flores... Semeadora de espinhos...	TRVM devoradora de flores, DTD5 Devoradora de flores...

25	Estou calmo estou tranquilo, não tomei choque profundo perdendo a mulher mais bela que conheci neste mundo...	DTD1 DTD2 DTD4 [↑estou] DTD3 [↑1 estou]
	E continuo acordado... Sofrendo insônia... porque continuo, teimosamente querendo bem a você...	
30	Ela se esqueceu de mim... De tal forma se esqueceu... que se ouvir falar meu nome, perguntará quem sou eu...	<p>DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 SDM1 SDM2 SDD AFD TAM1 TAM2 TAM5 ESM1 ESM2 mim... ESC TAM3 TAM4 TAP mim!</p> <p>DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 SDD SDM1 AFD ESC TAM3 E de tal forma esqueceu, ESM1 e de tal forma esqueceu ESM2 E de tal forma esqueceu AFM SDM e de tal forma esqueceu, DTD5 De tal forma se esqueceu...</p> <p>AFD AFM SDM SDD TAM3 ESC SDM1 ESM2 nome DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 nome, TAP {d}/s/e TAM1 ESM1 nome,</p> <p>AFD AFM DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 SDM2 eu... ESC ESM1 ESM2 TAM3 SDM1 SDD TAM1 TAM2 TAM3 TAM4 TAP TAM5 eu!</p>
35	Meu coração elegeu: Você... primeiro lugar e o segundo, também forte continua sem vagar...	<p>DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 Você... primeiro lugar TRVM Você: -primeiro lugar...</p> <p>DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 forte TRVM forte,</p> <p>DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 vagar... TRVM vagar!</p>
40	Sonetos, poemas e trovas... momentos do meu passado... só me resta lhe dizer, sem mágoa: muito obrigado...	DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 magoa: DTD2 obrigado.
45	Quando você se casou, adoeceu minha vida... Nunca mais recuperei minha saúde perdida...	<p>ADC ADM casou, UDM casou DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 Você deixou de existir... ADC V74 DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 pelo menos para mim.. DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 É natural, sem surpresas...</p> <p>ADM UDM saude perdida... ADC saude perdida. DTD5 saude perdida... DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 Tudo no mundo tem fim...</p>

A experiência está feita...

DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 A **experiência** está feita...
 DTD5 A **experiencia** esta feita...
 TAM1 TAM2 TAM4 TAP A **experiência** está feita...
 TAM3 TAM5 A **experiencia** está feita...
 TRVM A **experiencia** está feita:

Podemos viver assim:

TAM1 TAM2 TAM3 TAM4 TAM5 TAP DTD3 **Podemos**
 viver **assim...**
 DTD1 DTD2 DTD4 DTD5 **Podemos** viver **assim:**
 TVRM **podemos** viver **assim:**

Eu sem lembrar de você...

TAM5 eu sem **pensar em** você...
 TAM1 TAM2 TAM3 TAM4 TAP DTD3 **Eu** sem **lembrar de**
 você...
 DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 **Eu** sem **lembrar de** você...
 TRVM eu sem **lembrar de** você...

você sem lembrar de mim...

TAM5 **você** sem **pensar em** mim...
 TAM1 TAM2 TAM3 TAM4 TAP **você** sem **lembrar de**
 mim...
 DTD1 DTD2 DTD3 DTD4 DTD5 **você** sem **lembrar de**
 mim...
 TRVM **Você** sem **lembrar de** mim...

DTD3 DTD4 **Eulálio Motta** DTD5 [**Eulálio Motta**]

DTD3 DTD4 A **sair em** **Canções de meu caminho** 3ª edição.

4.1.2.56 Bom sucesso

Conforme Santos (2017) o poema dispõe de quatro testemunhos em formato de datiloscritos avulsos no DA (EC1.53.CV1.23.003). A seguir edição e análise das variantes conforme Santos (2017).

Descrição física dos testemunhos

BSD1

61 linhas, título na L. 1, em caixa alta, e com espaçamento entre as letras. Há marcas de furos na lateral à esquerda do papel. Há emendas nos versos 39 e 42.

BSD2

Datiloscrito em tinta azul, 61 linhas, título na L. 1, em caixa alta, e com espaçamento entre as letras. Há marcas de furos na lateral à esquerda do papel.

BSD3

Datiloscrito em tinta azul, 61 linhas, título na L. 1, em caixa alta, e com espaçamento entre as letras. Havia grampos na lateral à esquerda do papel, mas foram retirados para preservar fisicamente o testemunho.

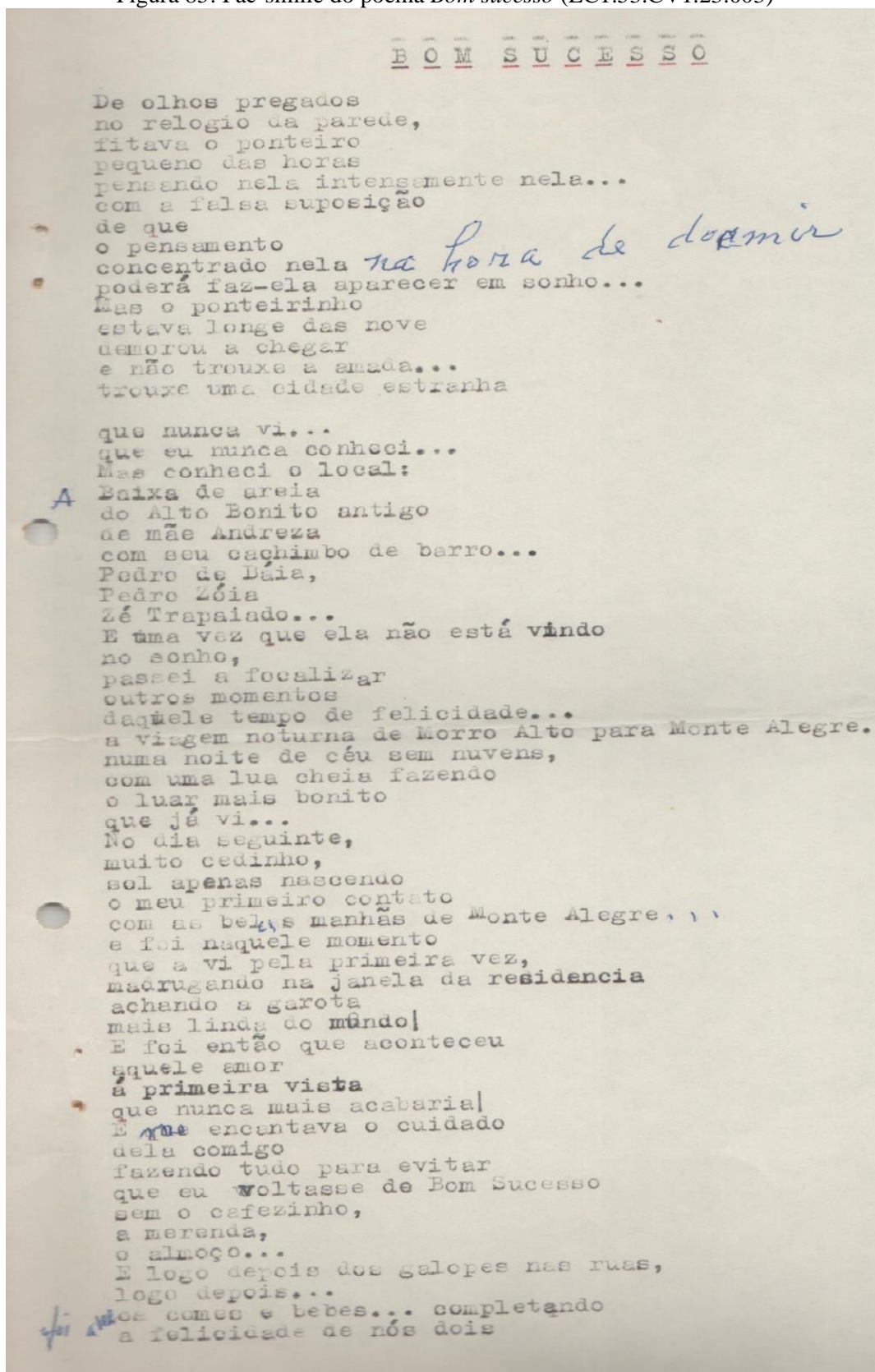
BSD4

61 linhas, título na L. 1, em caixa alta, e com espaçamento entre as letras. Há marcas de furos na lateral à esquerda do papel. Há emendas em tinta azul nos versos 9, 19, 40, 50 e 60.

Análise das variantes

Todos os datiloscritos apresentam variantes ocasionadas por erros tipográficos, o que levou o poeta a burilar todas as versões. No V. 9 o único datiloscrito a acrescentar a expressão “[...] na hora de dormir” foi o BSD4; no V. 19 do mesmo datiloscrito, o poeta acrescentou a vogal “A” na frente da “Baixa de areia” com o intuito de descrever sobre o lugar. Os testemunhos BSD3 e BSD4 apresentam emenda no V. 26, o verbo “vindo” foi datilografado “vando”. E nos dois primeiros datiloscritos a palavra “primeiro” foi datilografada nos V. 39 e 40 como “promeiro”, corrigida logo após pelo autor. As demais variantes se referem à acentuação e à ortografia.

Santos (2017), identificou o testemunho BSD4 como o texto de base, pois este testemunho apresenta as burilações feitas pelo autor nos demais testemunhos.

Figura 85: Fac-símile do poema *Bom sucesso* (EC1.53.CV1.23.003)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com o aparato

BSD4³³

	BOM SUCESSO	BSD1 BSD2 BOM SUCESSO...
	De olhos pregados no relógio da parede, fitava o ponteiro	BSD1 BSD2 BSD3 BSD4 relógio
5	pequeno das horas pensando nela intensamente nela... com a falsa suposição de que o pensamento	
10	concentrado nela na hora de dormir poderá fazê-la aparecer em sonho... Mas o ponteirinho estava longe das nove demorou a chegar	BSD4 [→na hora de dormir] BSD1 BSD2 BSD3 BSD4 faz-ela BSD1 BSD2 ponteirinho
15	e não trouxe a amada... trouxe uma cidade estranha	
	que nunca vi... que eu nunca conheci... Mas conheci o local:	
20	A Baixa de areia do Alto Bonito antigo de mãe Andreza com seu cachimbo de barro... Pedro de Báia,	BSD1 BSD2 Baixa da areia BSD3 Baixa de areia BSD4 [←A]
25	Pedro Zóia Zé Trapaiado... E uma vez que ela não está vindo	BSD3 BSD4 v{a}/i\ndo
	no sonho, passei a focalizar	
30	outros momentos daquele tempo de felicidade... a viagem noturna de Morro Alto para Monte Alegre... numa noite de céu sem nuvens,	

³³ Apesar de o datiloscrito não apresentar a data, conjectura-se que seja a versão mais recente por expressar burilações que não estão presentes nos testemunhos anteriores.

	com uma lua cheia fazendo	
35	o luar mais bonito que já vi...	
	No dia seguinte, muito cedinho, sol apenas nascendo	
40	o meu primeiro contato com as belas manhãs de Monte Alegre... e foi naquele momento que a vi pela primeira vez, madrugando na janela da residência	BSD1 BSD2 pr{o}/i/meiro BSD1 BSD2 BSD3 Alegre (s.r.) BSD4 [→...]
45	achando a garota mais linda do mundo! E foi então que aconteceu aquele amor à primeira vista	BSD1 BSD2 pr{o}/i/meiro BSD1 BSD2 BSD3 de BSD1 BSD2 BSD3 BSD4 residencia
50	que nunca mais acabaria! E me encantava o cuidado dela comigo fazendo tudo para evitar que eu voltasse de Bom Sucesso	BSD1 BSD2 BSD3 BSD4 á BSD1 E que BSD2 BSD4 {que}/me\
55	sem o cafezinho, a merenda, o almoço... E logo depois dos galopes nas ruas, logo depois...	BSD1 BSD2 do
60	foi aos comes e bebes... completando a felicidade de nós dois	BSD4 [←foi aos] BSD1 os comes

4.1.2.57 Bom sucesso... (2)

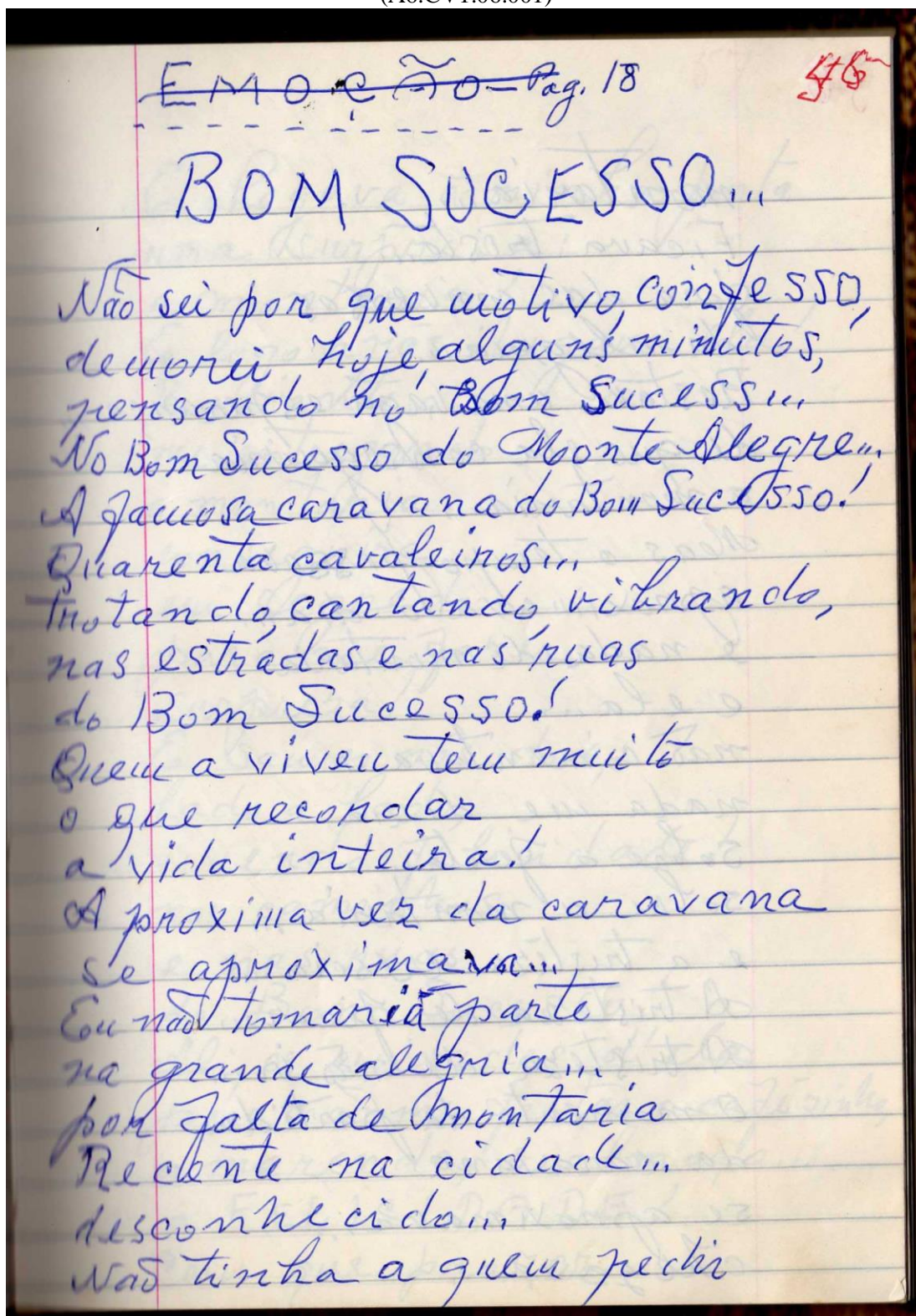
Conforme Santos (2017) poema dispõe de um único testemunho manuscrito no CCMC3 (f. 30r a 31v).

Descrição física do testemunho

BSM

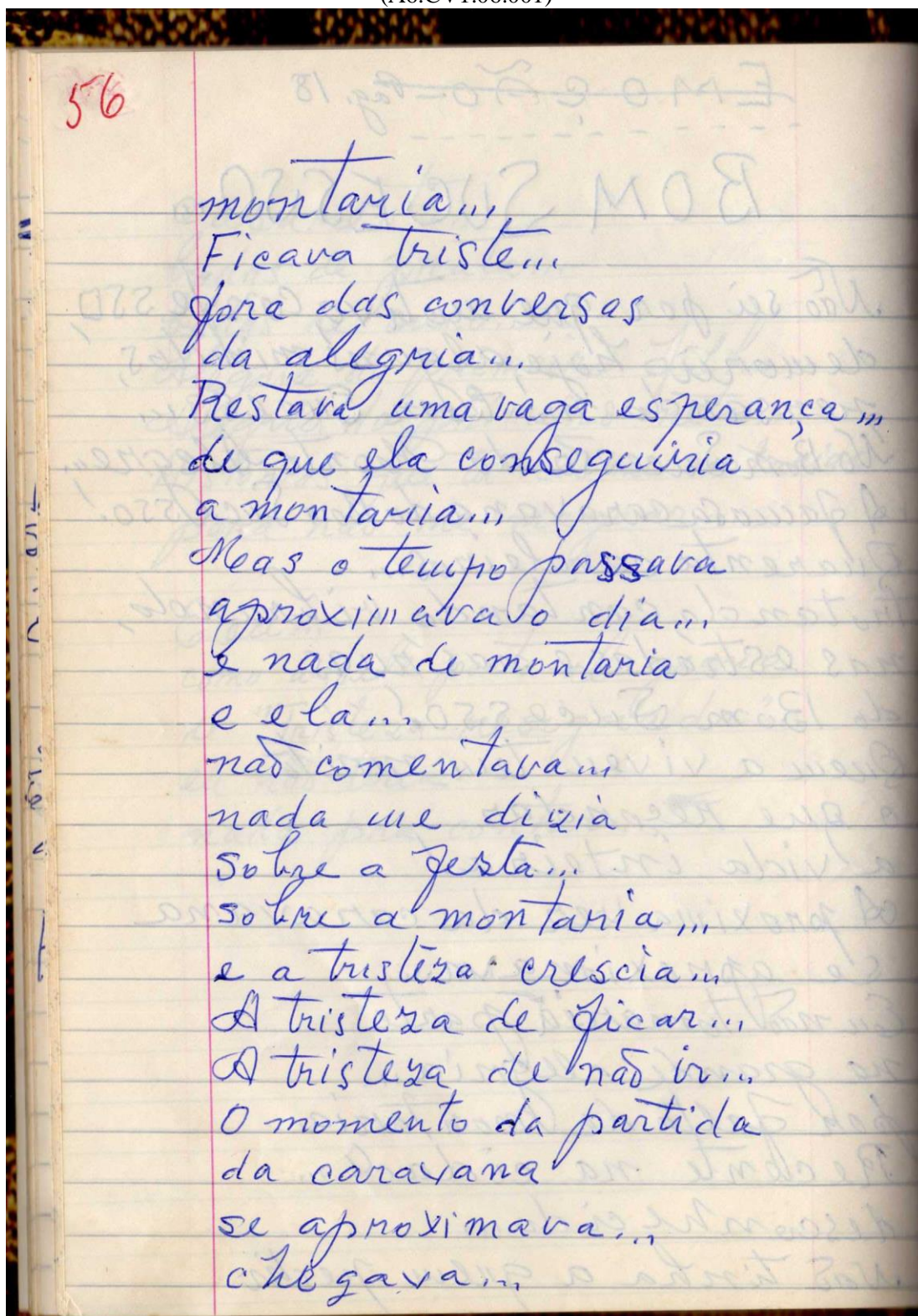
Manuscrito em tinta azul e preta. Fólio 30r: a mancha escrita ocupa as 21 linhas das 22 que compõem o papel. Há uma rasura acima do título, o autor escreveu o título de outro poema “EMOÇÃO” e depois riscou substituindo por *Bom sucesso*. Na extremidade superior à direita consta o número “55” em tinta vermelha. O texto ultrapassa a margem esquerda do papel. Fólio 30v: 22 linhas com versos, no ângulo superior à esquerda encontra-se o número “56” em tinta vermelha. Fólio 31r: 22 linhas com versos, há uma rasura na extremidade superior à direita, o autor tinha escrito “56” e substituiu por “57” em tinta vermelha. Na penúltima linha a palavra “felicidade” está em caixa alta e logo abaixo aparece um verso em tinta preta que dá início ao próximo fólio. Fólio 31v: manuscrito em tinta preta, 20 linhas, da linha 1 a 17 os versos, no ângulo superior à esquerda consta o número “58” em tinta vermelha. Há emendas nas linhas 3 e 4 em tinta azul. As três últimas linhas são compostas por uma observação feita pelo próprio escritor.

Figura 86: Fac-símile do poema *Bom Sucesso...* (2) identificado no CCMC3 fólio 30r (A6.CV1.06.001)



Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Figura 87: Fac-símile do poema *Bom Sucesso...* (2) identificado no CCMC3 fólio 30v (A6.CV1.06.001)



Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Figura 88: Fac-símile do poema *Bom Sucesso...* (2) identificado no CCMC3 fólio 31r (A6.CV1.06.001)

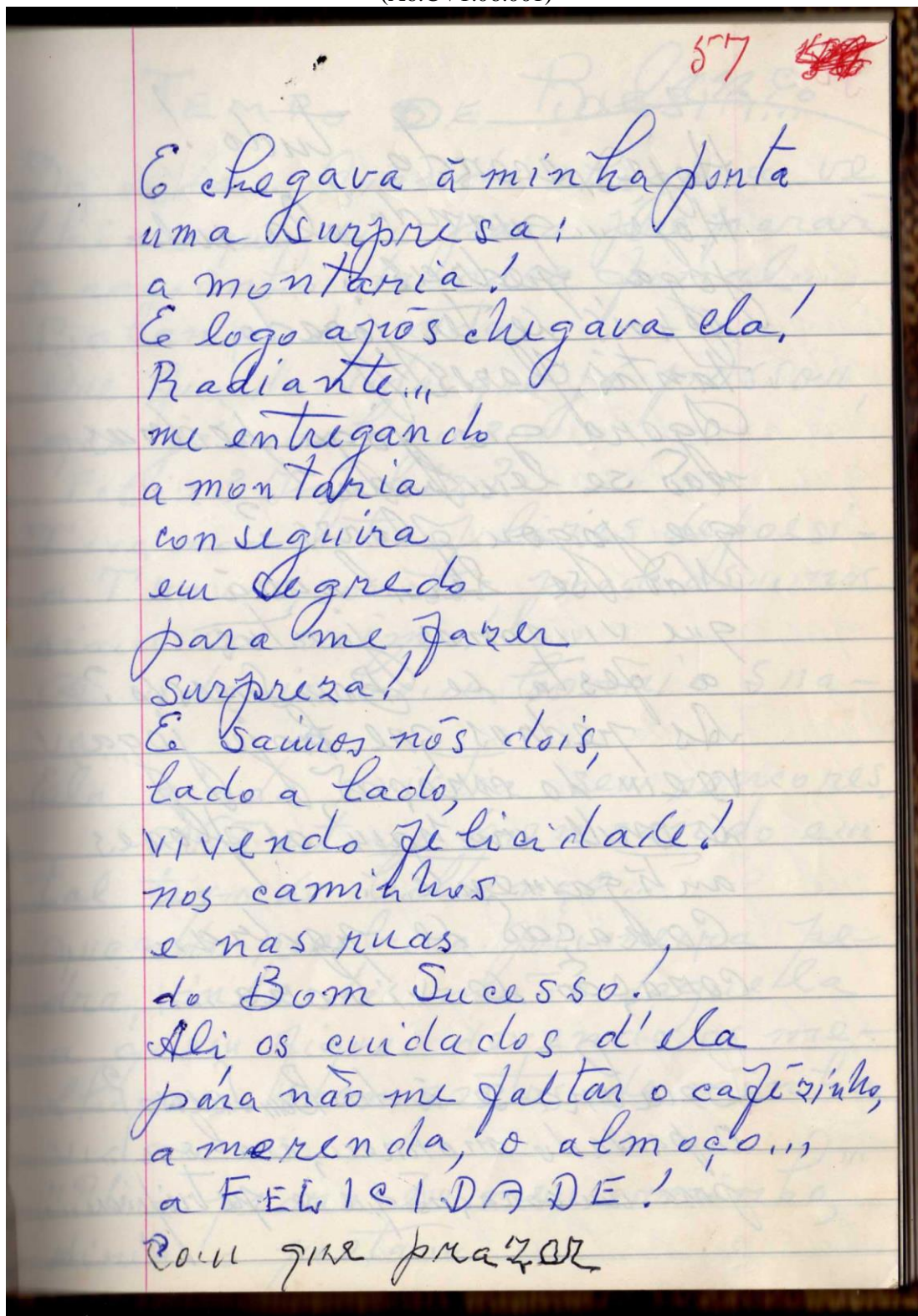
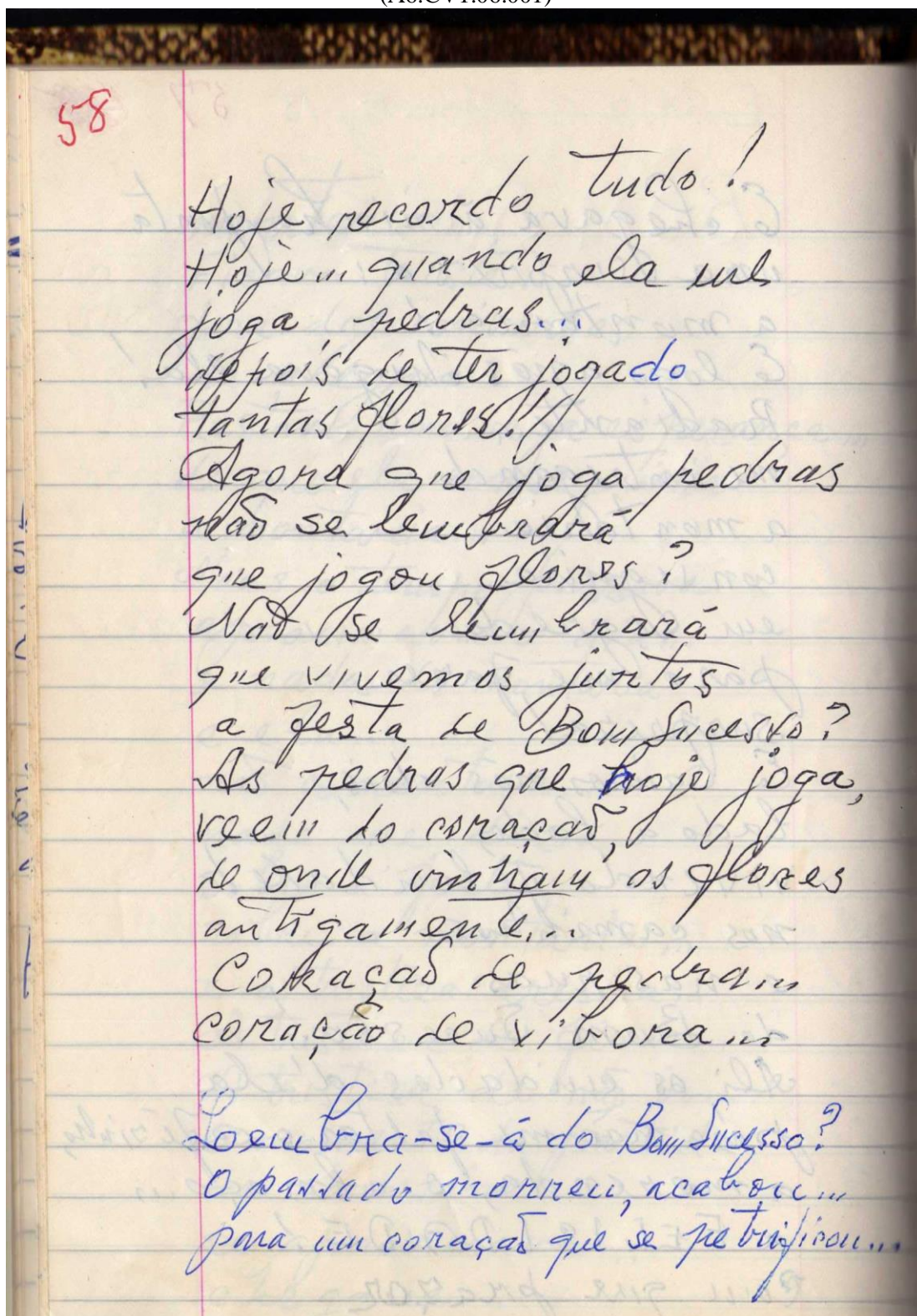


Figura 89: Fac-símile do poema *Bom Sucesso...* (2) identificado no CCMC3 fólio 31v (A6.CV1.06.001)



Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com o aparato

BSM

BOM SUCESSO...

BSM BOM SUCESSO... [↑{EMOÇÃO – Pag. 18}]

Não sei por que motivo confesso,
 demorei hoje, alguns minutos,
 pensando no Bom Sucesso...
 5 No Bom Sucesso do Monte Alegre...
 A famosa caravana do Bom Sucesso!
 Quarenta cavaleiros...
 Trotando, cantando, vibrando,
 nas estradas e nas ruas
 10 do Bom Sucesso!
 Quem a viveu tem muito
 o que recordar
 a vida inteira!
 A próxima vez da caravana
 15 Se aproximava...
 Eu não tomaria parte
 na grande alegria...
 por falta de montaria
 Recente na cidade...
 20 desconhecido...
 Não tinha a quem pedir
 montaria...
 Ficava triste...
 fora das conversas
 25 da alegria...
 Restava uma vaga esperança...
 de que ela conseguiria
 a montaria...
 Mas o tempo passava
 30 aproximava o dia...
 e nada de montaria
 e ela...
 não comentava...
 nada me dizia
 35 Sobre a festa...
 Sobre a montaria...
 e a tristeza crescia...
 A tristeza de ficar...
 A tristeza de não ir...

BSM {V}/B\om Sucess...

BSM proxima

BSM pa{rr}/ss\ava

- 40 O momento da partida
da caravana
Se aproximava...
chegava...
E chegava à minha porta
- 45 uma surpresa:
a montaria!
E logo após chegava ela!
Radiante...
me entregando
- 50 a montaria
conseguiu
em segredo
para me fazer
surpresa! **BSM surpresa!**
- 55 E saímos nós dois,
lado a lado,
vivendo felicidade!
nos caminhos
e nas ruas
- 60 do Bom Sucesso!
Ali, os cuidados d'ela
para não me faltar o cafezinho, **BSM cafézinho,**
a merenda, o almoço...
a FELICIDADE!
- 65 com que prazer
Hoje recordo tudo!
Hoje... quando ela me joga pedras... **BSM [→...]**
depois de ter jogado **BSM joga[→do]**
tantas flores!
- 70 Agora que joga pedras
não se lembrará
que vivemos juntos
a festa de Bom Sucesso?
- 75 As pedras que hoje joga,
vem do coração, **BSM veem**
de onde vinham as flores
antigamente...
coração de pedra...
coração de víbora... **BSM víbora...**
- BSM Lembra-se-á do Bom Sucesso?**
BSM O passado morreu, acabou...
BSM para um coração que se petrificou...

4.1.2.58 Noturno

Conforme Santos (2017) o poema dispõe de seis testemunhos: um impresso no LCMC1 (p. 63-64), um impresso no LA1981 (p. 60), um datiloscrito no DCMC2 (f. 27r), um datiloscrito no DCMC2 (f. 27r), um impresso no LCMC2 (p. 36) e um manuscrito no MA (EH1.807.CL.04.001). A edição e análise das variantes segue segundo Santos (2017), pois não foi identificado dados novos.

Descrição física dos testemunhos

NTL1

MOTTA, Eulálio. *Canções de meu caminho*. Serrinha: Tipografia d'O Serrinhense, 1948, p. 63-64.

Página 63: 11 linhas. À L. 1 consta o título, em caixa alta. Da linha 2 a 11 os versos; página 64: 6 linhas com versos.

NT81

MOTTA, Eulálio de Miranda. Conversão. In: POETAS DA BAHIA E MINAS: ANTOLOGIA. [s.l.]: Benedictis Editores, 1981, p. 60.

19 linhas. Título, em caixa alta na L. 1, texto justificado à esquerda do papel.

NTD1

17 linhas, título em caixa alta na L. 1 e com espaçamento entre as letras. No ângulo superior, à direita, consta em tinta azul o número “45”.

NTD2

17 linhas, título em caixa alta na L. 1 e com espaçamento entre as letras. Da linha 2 a 17 os versos.

NTL2

MOTTA, Eulálio. *Canções do meu caminho*. 2. ed. [s.l.]:[s.n.],[1983], p. 36.

17 linhas. À linha 1 consta o título em caixa alta, das linhas 2 a 17 os versos. No V. 3, há um espaçamento entre as palavras “Invernando” e “Chuviscando”; no V. 11 há uma emenda em tinta azul. O autor substituiu a palavra “já” por “lá”.

NTM

Manuscrito em tinta azul. A mancha escrita ocupa as 19 linhas das 22 que compõem o papel. À L. 1 consta o título, em caixa alta. Da linha 2 a 19 os versos.

Análise das variantes

As variantes estão relacionadas à pontuação, à ortografia e à acentuação. Os datiloscritos NTD1 e NTD2 apresentam no V. 13 a expressão “[...] Este deserto já fora...”, na versão impressa do NTL2 há uma emenda do autor, ele corrigiu o vocábulo “já” por “lá”, a variante surgiu devido a um erro tipográfico que ocorreu nos datiloscritos. A versão mais recente já traz o verso atualizado “[...] Este deserto lá fora...”. O testemunho NT81 não possui variante. Santos (2017), selecionou o testemunho NTM identificado nos poemas avulsos como texto de base, por se tratar da versão em que as alterações feitas nos demais testemunhos são confirmadas no NTM, portanto, conjectura-se que este seja o testemunho mais recente.

Figura 90: Fac-símile do poema *Noturno...* (EH1.807.CL.04.001)

NOTURNO

A noite estava fria.
 O tempo estava feio.
 Invernando... Chuviscando...
 Por isto ela não veio...

Ficou deserta a rua...
 As lâmpadas sozinhas...
 E as sombras paradas
 das árvores molhadas,
 com as gotas pingando...
 pingando...
 como se a noite
 estivesse chorando...

Este deserto lá fora...
 E aqui dentro de mim este vazio...

Também o mundo de meu coração
 ficou como o sombrio...
 chorando inverno...
 jazendo frio...

Texto crítico com o aparato

NTM

NOTURNO

NTL1 NTD1 NTD2 NTL2 **NOTURNO...**

A noite estava fria.

o tempo estava feio.

Invernando... Chuviscando...

NTL1 NTD1 NTD2 **Invernando. Chuviscando.** NTL2 **Invernando (s.r.) Chuviscando.**

5 Por isto ela não veio...

Ficou deserta a rua...

As lâmpadas sozinhas...

NTL1 **sòsinhas...** NTD1 NTD2 NTL2 **sòzinhas...**

E as sombras paradas

NTL2 **a**

das árvores molhadas,

NTL1 NTD1 NTD2 NTL2 **molhadas (s.v.)**

10 com as folhas pingando...

NTL1 NTD1 NTD2 NTL2 **fôlhas**

pingando...

como se a noite

estivesse chorando...

Este deserto lá fora...

NTL1 NTD1 NTD2 NTL2 **Êste** NTD1 NTD2 **já** NTL2 **{j}/lá** NTL1 **fôra!**
NTD1 NTD2 NTL2 **fôra!**

15 E aqui dentro de mim este vazio...

NTL1 NTD1 NTD2 NTL2 **êste vazio!**

Também o mundo de meu coração

NTM **Tambem**

ficou ermo e sombrio...

NTL1 NTD1 NTD2 NTL2 NTM **êrmo**

chovendo inverno...

NTL1 NTD1 NTD2 NTL2 NTM **chuvendo**

fazendo frio...

4.1.2.59 Aniversário D'ela

O soneto foi editado por Barreiros (2012) e reeditado por Santos (2017) que identificou um novo testemunho, o ADM4. Assim, conforme Santos (2017) o soneto dispõe de nove testemunhos: um manuscrito no CLC (f. 1r), um manuscrito no MA (EH1.808.CL.04.002), um impresso no FAPO (920.CL.02.005), um impresso no LA1981 (p. 64), um datiloscrito no DCMC2 (1) (f. 9r), um datiloscrito no DCMC2 (2) (f. 9r), um impresso no LCMC2 (p. 19) e dois manuscritos no CCMC3 (f. 9v) / (f. 18v). Como não foi encontrado nenhum dado novo apresenta-se a edição e análise das variantes conforme encontra-se em Santos (2017).

Descrição física dos testemunhos

ADM1

Manuscrito em tinta azul, no CLC (f.1r). A mancha escrita ocupa as 21 primeiras linhas das 23 que compõem a folha. O título encontra-se na margem superior da folha, sublinhada por um traço em tinta vermelha. Na extremidade superior direita consta a numeração da folha em tinta vermelha. No V. 12, há uma rasura na palavra “Folhinha”. À linha 21 consta a data “1956”.

ADM2

Manuscrito avulso escrito a lápis. A mancha escrita ocupa as 21 linhas das 23 que compõem o papel. À L. 1 consta o título, em caixa alta, sublinhado por um traço. Há uma emenda no V. 14 na palavra “recordações...”. À linha 20 consta a rubrica do autor.

ADF

Impresso em tinta azul, 15 linhas. À L. 1 consta o título, em caixa alta, da linha 2 a 15 os versos. O texto está envolto em uma moldura.

AD81

MOTTA, Eulálio de Miranda. Conversão. In: **POETAS DA BAHIA E MINAS: ANTOLOGIA**. Rio de Janeiro: Benedictis, Editores, 1981, p. 64.

Consta na página o soneto ANIVERSÁRIO D'ELA... e abaixo o soneto ÚLTIMO SONHO, em 15 linhas, título em caixa alta, justificado à margem esquerda.

ADD1

O título encontra-se centralizado na margem superior da folha, em caixa alta e com espaçamento entre as letras. 15 linhas. No ângulo superior, à direita, consta em tinta azul o número “19”.

ADD2

O título encontra-se centralizado na margem superior da folha, em caixa alta e com espaçamento entre as letras. 15 linhas.

ADL

MOTTA, Eulálio. *Canções do meu caminho*. 2. ed. [s.l.]: [s.n.], [1983], p. 56.

15 linhas. À linha 1 consta o título em caixa alta, das linhas 2 a 15 os versos.

ADM3

Manuscrito em tinta preta, no CCMC3 (f. 9v). A mancha escrita ocupa as 17 primeiras linhas das 22 que compõem a folha, sem recuo na margem esquerda. O título encontra-se na margem superior da folha, envolvido por traços em tinta vermelha, como uma moldura. À esquerda consta, em tinta vermelha, o número “11” e à direita “19”, em tinta azul.

ADM4

Manuscrito em tinta azul, no CCMC3 (f. 18v). A mancha escrita ocupa as 17 primeiras linhas das 22 que compõem a folha, sem recuo na margem esquerda. O título encontra-se na

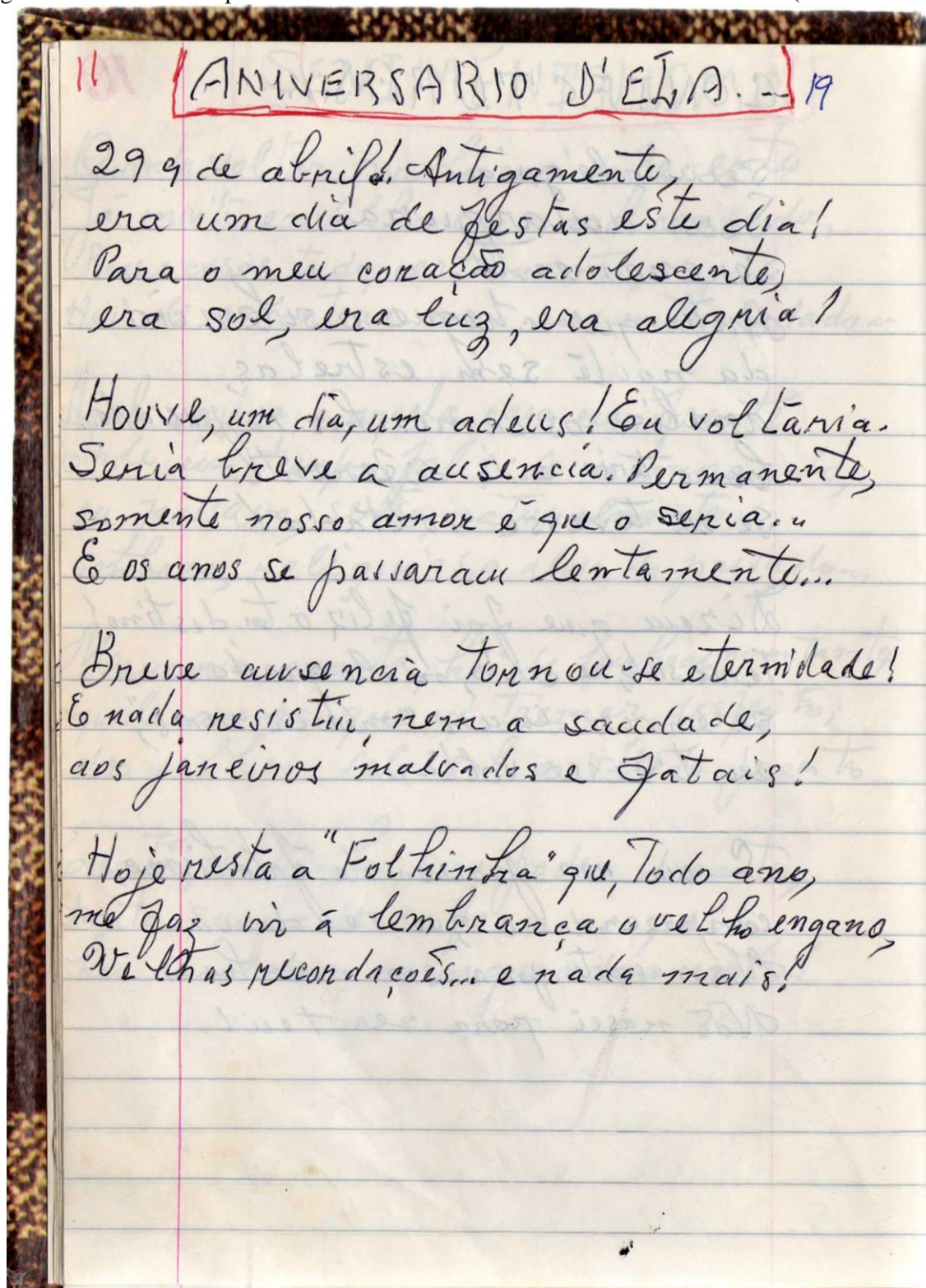
margem superior da folha. Há rasuras no V. 1 em tinta azul e no V. 2 em tinta preta. Há emendas nos Vs 7, 10 e 11 em tinta preta.

Análise das variantes

Como o próprio título sugere, o soneto retrata um momento nostálgico vivido pelo eu lírico que relembra o dia do aniversário da sua amada. As primeiras versões do texto apresentam no V. 1 a expressão “Ela faz anos hoje.”, já nos manuscritos mais recentes, o poeta substituiu a expressão supracitada pela data do aniversário “29 de abril!”, modificação que trouxe uma especificidade ao soneto. Nota-se emendas principalmente no ANM4, no V. 7 houve o acréscimo do vocábulo “somente”, no V. 10 o escritor rasurou a vogal ‘o’ da palavra “resistio” e substituiu pela vogal ‘u’ – “resistiu” e no V. 11 ele também rasurou a consoante ‘f’ da palavra “malfados” substituindo pela consoante ‘v’ – “malvados”. As demais variantes estão relacionadas à pontuação, à ortografia e à acentuação.

Santos (2017) elegeu o testemunho ADM3 como texto de base por este ser o texto mais organizado dos dois testemunhos encontrados no CCMC3. O CCMC3 é um projeto de livro que o autor estava organizando para publicar, mas não foi possível devido seu falecimento em 1988.

Figura 91: Fac-símile do poema *aniversário d'Ela...* localizado no CMC3 fôlio 9v. (A6.CV1.06.001)



Texto crítico com o aparato

ADM3

ANIVERSÁRIO D’ELA...

29 de abril! Antigamente,

era um dia de festas este dia!

Para o meu coração adolescente,

5 era sol, era luz, era alegria!

Houve, um dia, um adeus! Eu voltaria.

Seria breve a ausência. Permanente,

somente nosso amor é que o seria...

E os anos se passaram lentamente...

10 Breve ausência tornou-se eternidade!

E nada resistiu, nem a saudade,

aos janeiros malvados e fatais!

Hoje resta a “Folhinha” que, todo ano,

me faz vir à lembrança o velho engano,

15 velhas recordações... e nada mais!

ADM1 ADM2 ANIVERSARIO DELA ADM3 ANIVERSARIO
D’ELA... ADM4 ANIVERSARIO D’ELA (s.r.)

ADM1 ADM2 ADF AD81 ADD1 ADD2 ADL **Ela faz anos hoje.** ADM2
Antigamente (s.v.) ADM3 **29 9 de abril{...}/!** ADM4 {Ela faz} /29 de
abril!

ADF **festa**, ADD1 ADD2 ADL **festas**, ADM2 ADF AD81 ADD1 ADD2
ADL **dia**. ADM4 **dia**...

AD81 **adolescente** (s.v.)

ADM1 ADM2 **alegria**.

ADM1 ADM2 ADF AD81 ADD1 ADD2 ADL **adeus**. ADM4 **voltaria**...

ADF **ausência** (s.p.) ADM3 **ausencia**. ADM4 **auencia**... **Permanente** (s.v.)

ADM4 [**↑samente**] ADM1 **seria!** ADM2 **seria**. ADF **seria**... ! AD81 **seria!**...
ADD1 ADD2 ADL **seria**...!

ADM2 **o anos** ADM1 ADM2 ADF AD81 ADD1 ADD2 ADL **passaram**...
ADM4 **lentamente** (s.r.)

ADM3 ADM4 **ausencia** ADF **eternidade!** — ADM4 **etenidade!**

ADM1 ADF ADD1 ADD2 ADL — **nem a saudade!** — AD81 ADD1 ADD2
ADL **resistiu** (s.v.) — **nem a saudade!** ADM4 **resisti{o}/u** — **nem a
saudade** —

ADM4 **mal{f}/v\ados**

ADM4 **Hoje existe a FOLHINHA**

ADM3 á ADM1 ADM2 ADF ADD1 ADD2 ADL ADM4 **lêdo engano**...
AD81 **ledο engano**...

ADM4 velhas recordações e... **Nunca mais!**

ADM1 **1956** ADM2 [Eulálio Motta]

4.1.2.60 Você...

Conforme Santos (2017) o poema dispõe de seis testemunhos: um manuscrito no CLC (f. 5r a 7r), um datiloscrito no DA (EC1.54.CV123.004), um datiloscrito no DCMC2 (1) (f. 37r-38r), um datiloscrito no DCMC2 (2) (f. 37r-38r), um impresso no LCMC2 (p. 44-45) e um manuscrito no CCMC3 (f. 21v-22r). Não tendo sido identificado dados novos, apresenta-se a seguir a edição e análise das variantes segundo Santos (2017).

Descrição física dos testemunhos

VCM1

Manuscrito em tinta azul. Fólio 5r: a mancha escrita ocupa as 16 linhas das 22 que compõem o papel. À L. 1 consta o número “II” e logo abaixo o título, em caixa alta, alinhado à direita escrito à tinta vermelha e coberto com tinta azul. Fólio 6r: a mancha escrita ocupa as 21 linhas do papel, à esquerda dos cinco primeiros versos há uma mancha provavelmente ocasionada por um algum líquido, mas nada que prejudique a leitura do texto. Fólio 7r: a mesma mancha ocupa os cinco primeiros versos do texto, 14 linhas. Os versos 6 e 7 foram rasurados, na linha 14 consta a data “15, 6, 962” e logo abaixo aparece a palavra “fim” escrita a lápis.

VCD1

48 linhas. Há marcas de ferrugem na lateral à esquerda do papel, ocasionadas pela utilização de grampos. Título na L. 1 em caixa alta, da linha 2 a 48 os versos.

VCD2

Fólio 37r: 32 linhas, à L. 1 o título em caixa alta e com espaçamento entre as letras. Na extremidade superior direita consta o número “61” em tinta azul. Fólio 38r: na margem superior à direita consta o número “63” em tinta azul. 17 linhas, à L. 1 aparece a palavra “continuação” e da linha 2 a 17 os versos.

VCD3

Fólio 37r: 32 linhas, título na L. 1 em caixa alta e com espaçamento entre as letras. Da linha 2 a 32 os versos. Fólio 38r: 16 linhas com versos.

VCL1

MOTTA, Eulálio. *Canções do meu caminho*. 2. ed. [s.l.]: [s.n.], [1983], p. 44-45.

Página 44: 37 linhas, à L. 1 o título em caixa alta, da linha 2 a 37 os versos; página 45: 11 linhas com versos.

VCM2

Manuscrito em tinta azul. Fólio 21v: a mancha escrita ocupa as 20 linhas das 22 que compõem o papel. À L. 1 consta o título, da linha 2 a 20 os versos. O texto ultrapassou a margem do papel e na extremidade esquerda consta o número “37” em tinta vermelha. Os versos 15 e 19 estão rasurados. Fólio 22r: 20 linhas, na L. 18 a preposição “de” está rasurada. Na extremidade superior direita consta o número “38” em tinta vermelha. Nas duas últimas linhas há uma observação feita pelo autor “VER Pag. 46 – final de Você:-”.

Análise das variantes

As variantes presentes no texto fazem referência à pontuação, à ortografia e à acentuação. O autor escreveu uma observação no final do fólio 22r do testemunho VCM2 que expressa “VER Pag. 46 – final de Você:-”, indicando que o restante do texto está em uma outra página que se encontra no próprio CCMC3, no fólio 25v, abaixo do poema *Canção de Ninar*. O texto descreve dois momentos marcantes da vida do eu lírico, primeiro as lembranças, as recordações da relação que construiu com a sua amada, retratado através de verbos no pretérito imperfeito como “iludia”, “era”, “havia”, entre outros; já no segundo momento o eu lírico versa sobre o seu presente através de verbos como “vejo”, “fico”, “sinto” e se lamenta pelo desencontro amoroso que a vida lhe proporcionou, chegando a conclusão que “[...] sinto que nasci cedo demais... / ou que tarde demais Você nasceu!”. Trata-se de um texto bastante reticente, o poeta justificou o uso das reticências através dos V. 20 e 21 que expressam “[...] Nas minhas reticências se escondia um laivo de tristeza indefinida...”.

Santos (2017) escolheu como texto de base o testemunho VCM2, pois se trata da versão mais recente, identificada no CCMC3.

Figura 92: Fac-símile do poema *Você...* localizado no CCMC3 fólio 21v (A6.CV1.06.001)

37

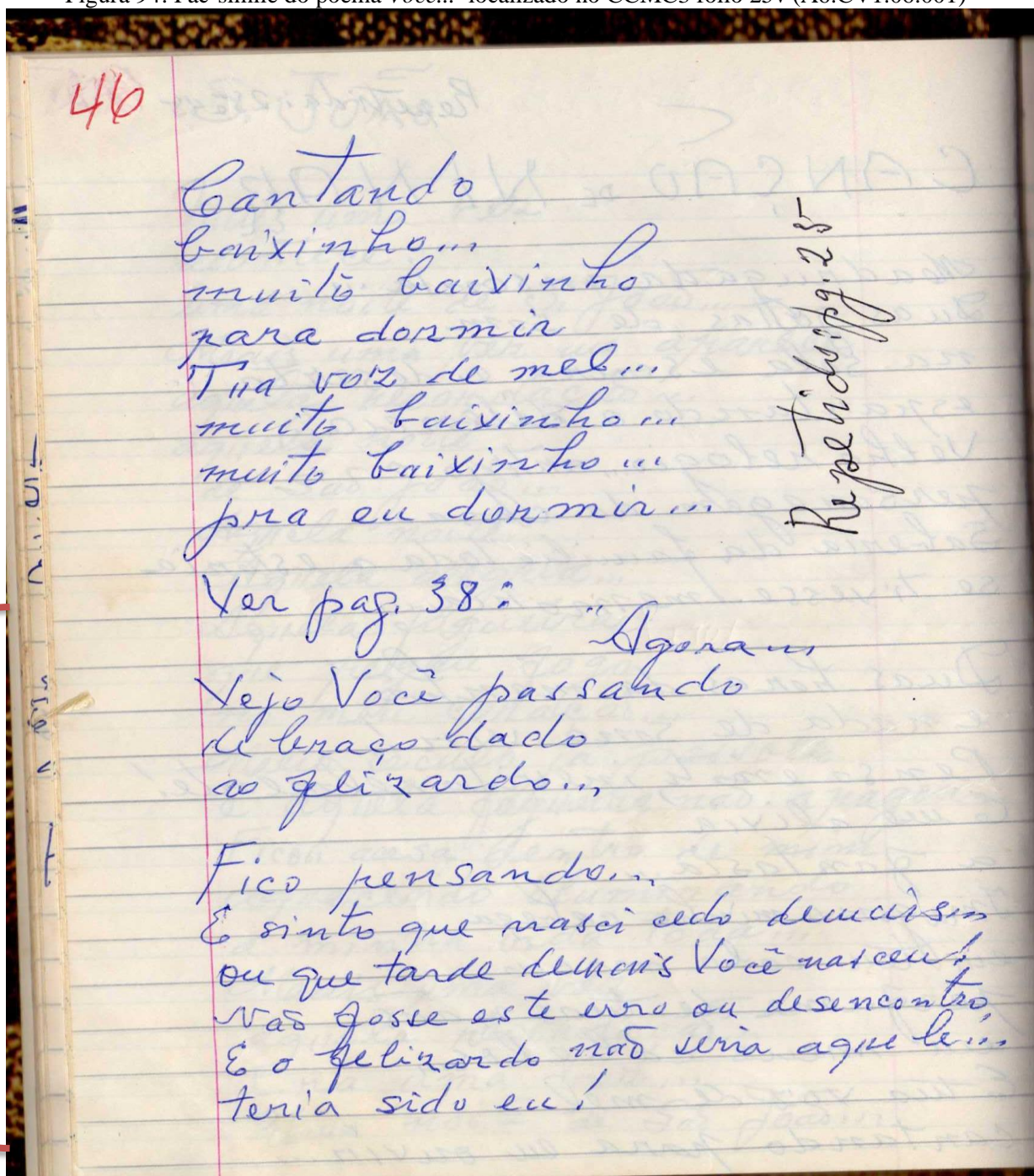
Você...

Você...
 Vejo-a passando
 de braço dado
 ao felizardo...
 e fico recordando...
 parece que foi ontem...
 E já se foram mais de vinte anos!
 Você era um esplendor de primavera...
 E eu um começo de crepúsculo...
 Passeávamos...
 Fútingávamos...
 Palestrávamos...
 Você admirava o poeta
 que vivia em mim...
~~Eu admirava...~~
 Eu admirava em você,
 inteligência e beleza...
 Nossas palestras tinham reticências
~~Nossas palestras tinham reticências~~

Figura 93: Fac-símile do poema *Você...* localizado no CCMC3 fólio 22r (A6.CV1.06.001)

38

Frases marcadas
 de sentido duplo...
 Nas minhas reticências se escondia
 um laivo de tristeza inbeginida...
 Tristeza de notar e de sentir
 a distancia do tempo entre nós dois...
 Você inteligente, percebia...
 E fazia, muito feliz,
 o elogio da inteligencia adulta...
 libertada de todos momentismos,
 de ilusões pueris...
 Mas eu não me iludia...
 compreendia...
 que não era amor aquilo tudo
 que entre nos havia
 que era apenas admiração...
 de mim por você...
 de você por mim...
 Você :-
 VER Pag. 46-final de

Figura 94: Fac-símile do poema *Você...* localizado no CCMC3 fólio 25v (A6.CV1.06.001)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com o aparato

VCM2

	VOCÊ...	VCD1 VCD2 VCD3 VCL1 VOCÊ (s.r.)
	Você...	
	vejo-a passando	
	de braço dado	
5	ao felizardo...	VCD1 filizardo...
	e fico recordando...	
	parece que foi ontem...	VCM1 VCD1 VCD2 VCD3 VCL1 ontem!
	E já se foram mais de vinte anos!	
	Você era um esplendor de primavera!	
10	E eu um começo de crepúsculo...	VCM1 VCD1 VCD2 VCD3 VCL1 eu... VCM1 começo VCM2 crepusculo...
	Passeávamos...	VCM1 VCD1 VCD2 VCD3 VCL1 VCM2 Passeavamos...
	Futingávamos...	VCM1 VCD1 VCD2 VCD3 VCL1 VCM2 Futingavamos...
	Palestrávamos...	VCM1 VCD1 VCD2 VCD3 VCL1 VCM2 Palestravamos...
	Você admirava o poeta	
15	que vivia em mim...	VCM2 { Eu admirava... }
	Eu admirava em você,	VCM1 admirava,
	inteligência e beleza...	VCM2 inteligencia VCM1 VCD1 VCD2 VCD3 VCL1 beleza!
	Nossas palestras tinham reticências	VCM1 VCD1 VCD2 VCD3 VCL1 reticências... VCM2 reticencias VCM2 { Nossas palestras tinham reti }
	Frases marcadas	
20	de sentido duplo...	
	Nas minhas reticências se escondia	VCM2 reticencias
	um laivo de tristeza indefinida...	VCD1 lavio
	Tristeza de notar e de sentir	
	a distância do tempo entre nós dois...	VCM2 distancia
25	Você, inteligente, percebia...	
	E fazia, muito feliz,	
	o elogio da inteligência adulta...	VCM2 inteligencia VCM1 VCD1 VCD2 VCD3 VCL1 adulta,

	libertada de tolos romantismos, de ilusões pueris...	VCM1 tôlos VCD1 romanticos... VCD2 VCD3 VCL1 romantismos...
30	Mas eu não me iludia... compreendia... que não era amor aquilo tudo que entre nós havia que era apenas admiração...	VCD1 VCD2 VCD3 VCL1 compreendia (s.r.) VCM2 nos VCM1 VCD1 VCD2 VCD3 VCL1 havia... VCM1 VCD1 VCD2 VCD3 VCL1 admiração:
35	de mim por você... de você por mim...	VCM2 {D}/d\ VCM2 VER Pag. 46 – final de VCM2 Você: -
	Agora... Vejo Você passando de braço dado ao felizardo...	VCM1 VCD1 VCD2 VCD3 VCL1 E já se foram mais de vinte anos! VCM1 VCD1 VCD2 VCD3 VCL1 passando... VCD1 filizardo... VCM1 {Continua bonita} VCM1 {Admiravelmente bonita!}
40	Fico pensando... E sinto que nasci cedo demais... ou que tarde demais Você nasceu! Não fosse este erro ou desencontro,	VCM1 cêdo VCM1 VCD1 VCD2 VCD3 VCL1 demais! VCM1 VCD1 VCD2 VCD3 VCL1 Não fôra VCM1 êrro VCM1 VCD1 VCD2 VCD3 VCL1 desencontro...
45	E o felizardo não seria aquele... teria sido eu!	VCM1 VCD1 VCD2 VCD3 VCL1 aquêe... VCM1 15, 6, 962. VCM1 fim

4.1.2.61 Faz de conta...

Conforme Santos (2017), o poema dispõe de seis testemunhos: um manuscrito no CLC (f. 35r-36r), um manuscrito no MA (EH1.846.CL.07.010), um datiloscrito no DCMC2 (1) (f. 33r), um datiloscrito no DCMC2 (2) (F. 33r), um impresso no LCMC2 (p. 42) e um manuscrito no CCMC3 (f. 19v). Não sendo encontrado dados novos, apresenta-se a edição e análise das variantes conforme Santos (2017).

Descrição física dos testemunhos

FCM1

Manuscrito em tinta azul. Fólio 35r: título na L. 1 em caixa alta e sublinhado por uma linha tracejada. Na extremidade superior direita está o número “34” em tinta vermelha e logo abaixo do título aparece a expressão rasurada à lápis “{Para você... você... essa desconhecida...}”. Há rasuras nos versos 12 e 13 e emendas nos versos 13, 14 e 19. Fólio 36r: à margem superior à direita consta o número “35” em tinta vermelha. 7 linhas com versos.

FCM2

Manuscrito avulso em tinta azul, 30 linhas. À L. 1 título, logo abaixo a dedicatória “Para você... você... essa desconhecida...”. À L. 29 consta a rubrica do autor, L. 28 a data “Natal, 964” e na última linha o autor sinaliza o local de onde foi retirado o poema “Do livro: “Luzes do crepúsculo,” inédito”.

FCD1

24 linhas, título na L. 1 em caixa alta. Na extremidade superior direita do papel consta o número “57” em tinta azul. Da linha 2 a 24 os versos.

FCD2

24 linhas, título na L. 1 em caixa alta. Da linha 2 a 24 os versos. Há rasuras em tinta azul na margem esquerda da primeira e na terceira estrofe.

FCL1

MOTTA, Eulálio. *Canções do meu caminho*. 2. ed. [s.l.]: [s.n.], [1983], p. 42.

24 linhas, título na L. 1 em caixa alta. Da linha 2 a 24 os versos.

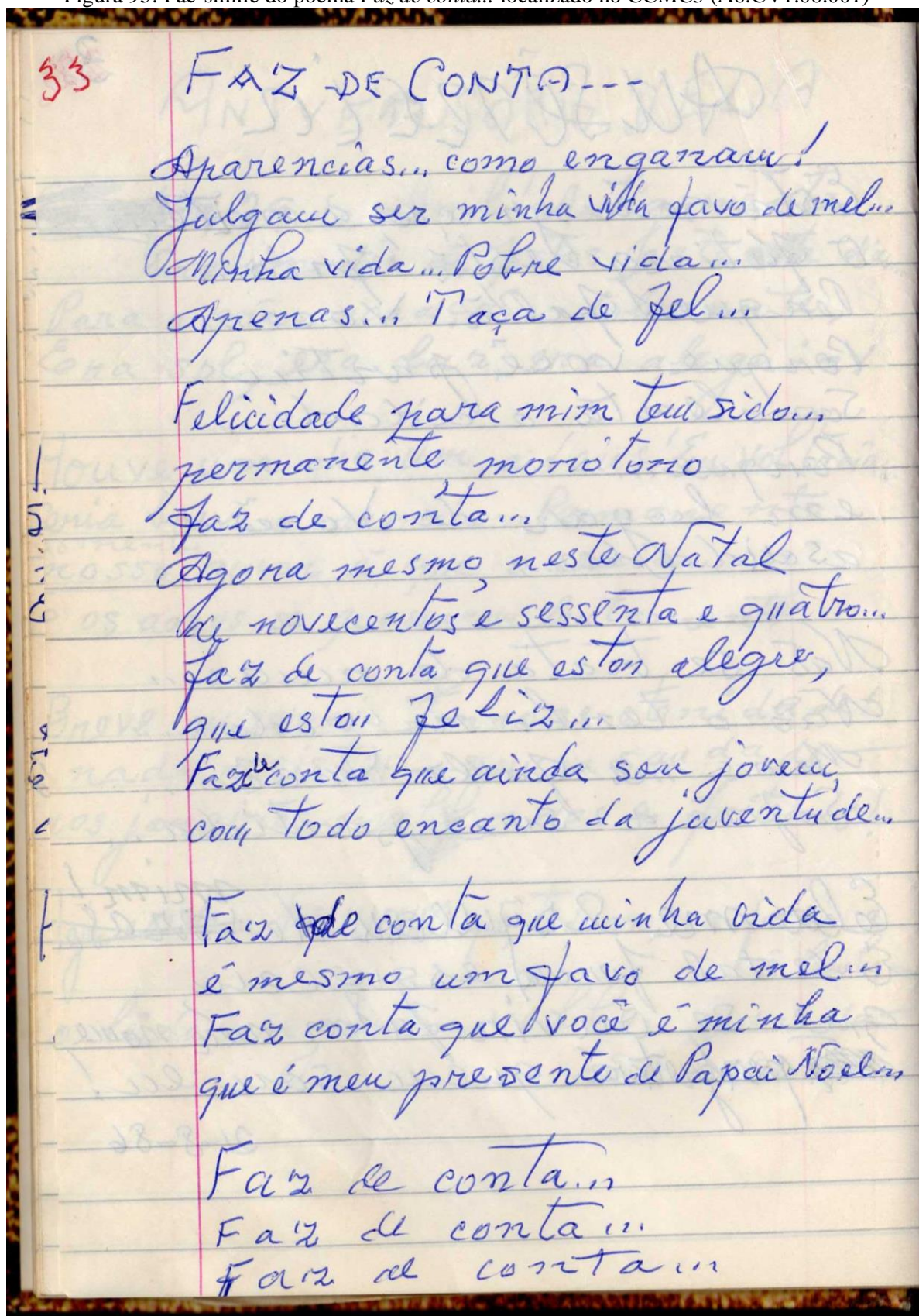
FCM3

Manuscrito em tinta azul, a mancha escrita ocupa as 21 linhas das 22 que compõem o papel. À L. 1 consta o título, em caixa alta, na extremidade superior direita aparece o número “33” em tinta vermelha. Há emendas nos versos 12 e 14.

Análise das variantes

Todos os testemunhos com exceção do texto de base apresentam no V. 2 a expressão “[...] Julgam ser favo de mel”, o manuscrito mais recente expressa “[...] Julgam ser minha vida favo de mel...”, o poeta buscou ser mais completo e específico no segundo momento de reescrita o que proporcionou uma sonoridade melhor ao verso. O V. 9 demarca a data em que o poema foi escrito. Nos dois primeiros manuscritos a data se apresenta em formato numérico “1964”, no FCM1 o poeta rasurou o número ‘1’; no testemunho FCM3 a data foi escrita por extenso “[...] de novecentos e sessenta e quatro...” percebe-se que em ambas as formas de apresentação o poeta suprimiu o início do ano. Trata-se de uma das características estilísticas do escritor em datar suas produções na maioria das vezes dessa forma. O FCM1 é o testemunho que mais apresenta variantes por ter sido a primeira versão do texto. No V. 10 “[...] faz de conta que estou feliz alegre...”, o adjetivo “feliz” foi rasurado; no V. 11 a expressão “[...] que aind” encontra-se rasurada e substituída pela expressão “[...] que estou feliz...”, após esse verso há outro inédito presente no FCM1 que diz “[...] que ainda sou poeta”, esse verso continuou presente na segunda versão, porém sem o advérbio “ainda”. E o V. 14 do FCM3 que apresenta “[...] Faz de conta que minha vida”, o FCM1 redigiu no primeiro momento “[...] Faz de conta que você é minha” e ao corrigir, rasurou a expressão “[...] você é minha” substituindo por “[...] minha vida”. As demais variantes são referentes à acentuação e à pontuação.

O testemunho de base escolhido por Santos (2017), foi o FCM3, localizado no CCMC3. Trata-se do testemunho mais recente.

Figura 95: Fac-símile do poema *Faz de conta...* localizado no CCMC3 (A6.CV1.06.001)

Texto crítico com o aparato

FCM3

FAZ DE CONTA...

- Aparências... como enganam!
 Julgam ser minha vida favo de mel...
 Minha vida... pobre vida...
 5 Apenas... Taça de fel...
- Felicidade para mim tem sido...
 permanente, monótono
 faz de conta...
 Agora mesmo, neste Natal
 10 de novecentos e sessenta e quatro...
 faz de conta que estou alegre,
 que estou feliz...
 Faz de conta que ainda sou jovem,
 com todo encanto da juventude...
- 15 Faz de conta que minha vida
 é mesmo um favo de mel...
 Faz conta que você é minha
 que é meu presente de Papai Noel...
 Faz de conta...
 20 Faz de conta...
 Faz de conta...
- FCD1 FCD2 FCL1 **FAZ DE CONTA** (s.r.)
 FCM1 {**Para** você... FCM2 **Para** você...
 FCM1 **você**... essa desconhecida...} FCM2 **você**... essa
 desconhecida...
 FCM3 **Aparências**...
 FCM1 FCM2 FCD1 FCD2 FCL1 **Julgam ser favo de mel**,
 FCM1 FCM2 FCD1 FCD2 FCL1 **vida!**
 FCM1 FCM2 fel. FCD1 FCD2 FCL1 **fel!**
 FCM1 FCM2 **felicidade, para mim, tem sido** (s.r.) FCD1 FCD2 FCL1
sido (s.r.)
 FCM1 FCM2 **permanente** (s.v.) e monótono
 FCD1 FCD2 FCL1 **mesmo** (s.v.) FCM2 **Natal**...
 FCM1 **de** {1}964... FCM2 **de 1964**...
 FCM1 que estou {**feliz**} **alegre**... FCD1 FCD2 FCL1 **alegre**...
 FCM1 **Faz de conta**... {**que ain**} [↑**que estou feliz**...]
 FCM1 **que** [↑**ainda**] **sou poeta**. FCM2 **que sou poeta**.
 FCM3 **Faz** [↑**de**] FCD1 FCD2 FCL1 **jovem** (s.v.)
 FCM1 {**que**} /**de**\ FCM1 **que** {**você é minha**} /**minha vida**...\
 FCM2 FCD1 FCD2 FCL1 **mel!**
 FCM1 E FCM2 **Faz de conta**... **que você é minha**, FCD1 FCD2 FCL1
minha...
 FCM2 **Pai** FCM1 FCM2 **Noel!**
 FCM2 [**Eulálio Motta**]
 FCM2 **Natal, 964**.
 FCM2 **Do livro: "Luzes do crepúsculo," inédito.**

4.1.2.62 Depois...

Conforme Santos (2017), o poema dispõe de dez testemunhos: um impresso no LAE (p. 10), um impresso no JOL (p. 2), um impresso no LCMC1 (p. 73-74), um impresso no LA1981 (p. 60), um datiloscrito no DCMC2 (1) (f. 54r), um datiloscrito no DCMC2 (2) (f. 54r), um datiloscrito no DA (EC1.31.CV1.21.003), um impresso no CMC2 (p. 65), um manuscrito no MA (EH1.807.CL.04.001) e um manuscrito no CCMC3 (f. 26r). A seguir apresenta-se a edição e análise das variantes conforme encontrado em Santos (2017), já que não há dados novos.

Descrição física dos testemunhos

DPL1

MOTTA, Eulálio. *Alma enferma*. Salvador: Imprensa Vitória, 1933, p. 10.

12 linhas. À linha 1, consta o título em caixa alta, das linhas 2 a 12 os versos.

DPJ

Impresso em tinta preta. O poema é composto por 17 linhas, à linha 1 consta o título em caixa alta, à L. 2: pontilhados, da linha 3 a 16 os versos e na linha 17 consta o nome do autor. O papel se encontra amarelado pela ação do tempo e na parte superior à direita está danificado, mas nada que altere a leitura do texto.

DPL2

MOTTA, Eulálio. *Canções de meu caminho*. Serrinha: Tipografia d'O Serrinhense, 1948, p. 73-74.

Página 73: 5 linhas, L. 1. título, L. 2 a 5 versos. Página 74: 7 linhas com versos.

DP81

MOTTA, Eulálio de Miranda. Conversão. In: POETAS DA BAHIA E MINAS: ANTOLOGIA. Rio de Janeiro: Benedictis, Editores, 1981, p. 60.

21 linhas. À linha 1, consta o título em caixa alta, das linhas 2 a 21 os versos.

DPD1

12 linhas, título em caixa alta na L. 1. No ângulo superior, à direita, consta em tinta azul o número “97”.

DPD2

12 linhas, título em caixa alta na L. 1. Da linha 2 a 12 os versos.

DPD3

Datiloscrito em tinta azul. 12 linhas, título em caixa alta na L. 1. Da linha 2 a 12 os versos.

DPL3

MOTTA, Eulálio. *Canções do meu caminho*. 2. ed. [s.l.]: [s.n.], [1983], p. 65.

12 linhas. À linha 1 consta o título em caixa alta, das linhas 2 a 12 os versos.

DPM1

Manuscrito em tinta azul. A mancha escrita ocupa as 23 primeiras linhas das 24 que compõem a folha. O título encontra-se na margem superior da folha. A linha 1 encontra-se pontilhada.

DPM2

Manuscrito em tinta azul. A mancha escrita ocupa as 17 primeiras linhas das 18 que compõem a folha. O título encontra-se na margem superior da folha. No ângulo superior, à direita, consta em tinta vermelha o número “47”.

Análise das variantes

Os testemunhos apresentam variantes referentes à ortografia, à acentuação e principalmente à substituição dos sinais de pontuação (vírgula, ponto e exclamação) por reticências. O próprio título já vem acompanhado do sinal de reticências, com exceção do testemunho DP81. A versão mais recente do texto é mais reticente que as versões anteriores, um aspecto que ratifica o estilo do escritor.

Os texto de base selecionado por Santos (2017), foi o DPM2 identificado no CCMC3. A versão mais recente do testemunho.

Figura 96: Fac-símile do poema *Depois...* identificado no CCMC3 fólio 26r (A6.CV1.06.001)

49

... DEPOIS...

É eu tinha vinte anos...
 E escrevia versos sentimentais...
 redondilhas românticas...
 Que tempo feliz aquele tempo!
 Todavia...
 não o achava feliz
 quando o vivia...
 É sempre assim a vida!
 É sempre assim... A felicidade
 vem até nós... vive conosco Depois...
 somente depois é que sabemos
 que ela veio, que viveu conosco...
 Depois...
 Somente depois... quando a fitamos
 com os olhos de neve da saudade!

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com o aparato

DPM2

DEPOIS...

DPL1 **Depois...** DP81 **DEPOIS** (s.r.)

.....

E eu tinha vinte anos...

DPL1 DPL **sentimentaes**, DPM2 **sintementais**

E escrevia versos sentimentais...

DPL1 DPL **romanticas...** DPM1 DPM2 **romanticas** (s.r.)

redondilhas românticas...

5 Que tempo feliz aquele tempo!

DPJ **feliz**, DPD1 DPD2 **aqueño** DPD3 **aqueê**

Todavia...

DPL1 DPJ DPL2 DP81 DPD1 DPD2 DPD3 DPL3 DPM1 **Todavia**,

não o achava feliz

DPL2 **feliz**,

quando o vivia...

DP81 DPM1 **vivia**.

É sempre assim a vida!

DPL1 DPJ **vida...** DPL2 à vida! DP81 DPM1 **vida**.

10 É sempre assim... A felicidade

DP81 DPM1 **assim**. DPL1 DPJ **Felicidade**

Vem até nós... vive conosco depois...

DPL1 DPL2 **vem até nós, vive conosco... e depois**, DPJ **conosco**,

Somente depois é que sabemos

DPL2 **sòmente** DPL1 DPL DPL2 DP81 DPD1 DPD2 DPD3 DPL3 DPM1 **depois**,

que ela veio, que viveu conosco...

DPD1 DPD2 DPD3 **vivem** DP81 DPM1 **conosco!**

Depois...

DPJ DP81 DPM1 **Depois!** DPD3 **Depois** (s.r.)

15 Somente depois... quando a fitamos

DPL2 **sòmente** DPL1 DPJ DPL2 DP81 DPD1 DPD2 DPD3 DPL3 DPM1 **depois!**

com os olhos de neve da saudade!

4.1.2.63 Meu poema de estudante pobre...

Conforme Santos (2017), o poema dispõe de nove testemunhos: um impresso no LAE (p. 9), um impresso no LCMC1 (p. 75), um impresso no LA1981 (p. 68), um datiloscrito no DCMC2 (1) (f. 55r), um datiloscrito no DCMC2 (2) (f. 55r), dois datiloscritos no DA (EC1.41.CV1.22.002), um impresso no LCMC2 (p. 66) e um manuscrito no CCMC3 (f. 26v). como não foi encontrado dados novos apresenta-se a seguir a edição e análise das variantes conforme encontrado em Santos (2017).

Descrição física dos testemunhos

MPL1

MOTTA, Eulálio. *Alma enferma*. Salvador: Imprensa Vitória, 1933, p. 9.

10 linhas. À linha 1 consta o título, das linhas 2 a 10 os versos. À margem superior, no centro da página consta um carimbo: “Deocleciano Meireles – MUNDO NOVO”.

MPL2

MOTTA, Eulálio. *Canções de meu caminho*. Serrinha: Tipografia d’O Serrinhense, 1948, p. 75.

10 linhas. À linha 1 consta o título em caixa alta, das linhas 2 a 10 os versos.

MP81

MOTTA, Eulálio de Miranda. Conversão. In: POETAS DA BAHIA E MINAS: ANTOLOGIA. Rio de Janeiro: Benedictis, Editores, 1981, p. 68.

13 linhas. À linha 1, consta o título em caixa alta, das linhas 2 a 13 os versos.

MPD1

13 linhas, título na L. 1. No ângulo superior à direita, consta em tinta azul o número “99”.

MPD2

13 linhas, título em caixa alta na L. 1. À linha 8 consta uma intervenção do autor, ele acende a letra “v” da palavra “livros” à tinta azul.

MPD3

13 linhas, título em caixa alta na L. 1. O texto apresenta burilações à caneta de tinta azul, demonstrando que o escritor acendeu algumas palavras que estavam apagadas.

MPD4

13 linhas, título em caixa alta na L. 1. Da linha 2 a 13 os versos.

MPL3

MOTTA, Eulálio. *Canções do meu caminho*. 2. ed. [s.l.]: [s.n.], [1983], p. 62.

12 linhas. À linha 1 consta o título em caixa alta, das linhas 2 a 12 os versos.

MPM

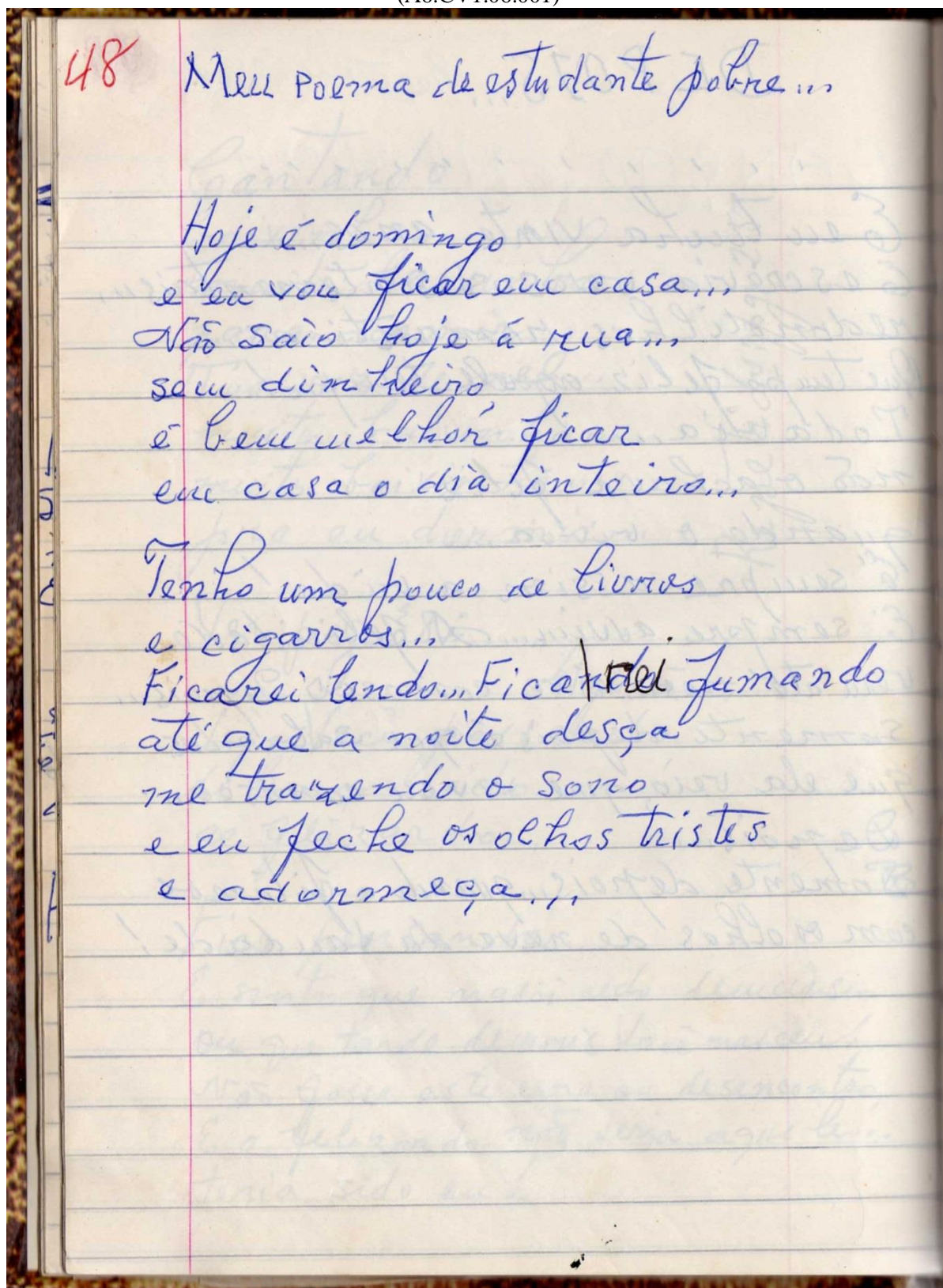
Manuscrito em tinta azul. A mancha escrita ocupa as 14 primeiras linhas das 17 que compõem o papel. O título encontra-se na margem superior da folha. No ângulo superior à esquerda, consta em tinta vermelha o número “48”. Há uma emenda no V. 9. O autor trocou o tempo verbal de “ficando” para “ficarei”.

Análise das variantes

O texto apresenta variantes relacionadas à pontuação, à ortografia e principalmente à acentuação como as palavras “sáio”, “dêscá” e “adormêça” presentes no testemunho MPL1 e o vocábulo “fêche” no testemunho MPL2. Há uma emenda no V. 11 do datiloscrito MPD3, o poeta acrescentou na margem superior do verso a expressão “[...] me trazendo o sono...”

Santos (2017) selecionou o testemunho MPM identificado no CCMC3 como texto de base por esse a versão mais recente.

Figura 97: Fac-símile do poema *Meu poema de estudante pobre...* identificado no CCMC3 (A6.CV1.06.001)



Texto crítico com o aparato

MPM

MEU POEMA DE ESTUDANTE POBRE...

MPL1 MP81 MPD3 **POBRE (s.r.)**

5 Hoje é domingo
e eu vou ficar em casa...
Não saio hoje à rua...
sem dinheiro,
é bem melhor ficar
em casa o dia inteiro...

MPL2 MP81 MPD3 **casa.**

MPL1 MPL2 **sáio** MPL1 MPM á MPL2 **rua.**

MPL1 MPL2 MP81 MPD3 **Sem**

10 Tenho um pouco de livros
e cigarros...
Ficarei lendo... Ficarei fumando
até que a noite desça
me trazendo o sono
e eu feche os olhos tristes
e adormeça...

MPL1 **cigarros.**

MPL1 **lendo**, MPL1 MPL2 MP81 MPD3 **ficarei** MPL2 MPD1 MPD2
MPD4 MPL3 **fumando...**

MPL1 **dêça** MPL2 **dêça**, MP81 **desça...** MPD3 **desca...**

MPL2 **sono**, MP81 **sono...** MPD3 [**↑me trazendo sono...**] MPD4 MPL3
trazendo sono

MPL1 **adormeça...** MPL2 **fêche** MPD1 MPD2 **triste**

4.1.2.64 Jacobina

Conforme Santos (2017), o poema dispõe de oito testemunhos: um manuscrito não identificado no CL, um manuscrito no CSCI (f. 9r), um impresso no LCMC1 (p. 93-94), um impresso no JV, um datiloscrito no DCMC2 (1) (f. 58r), um datiloscrito no DCMC2 (2) (f. 58r), um impresso no LCMC2 (p. 69) e um manuscrito no CCMC3 (f. 28r-28v). Não sendo identificado dados novos a edição e análise das variantes segue segundo Santos (2017).

Descrição física dos testemunhos

JCMñ

Manuscrito não identificado preservado no interior no caderno *Lágrimas*. Trata-se de um rascunho escrito a lápis no reto e no verso de um comprovante de pagamento do Banco do Brasil. No reto possui 23 linhas, à linha 1 consta o título alinhado à margem esquerda do papel. Há rasuras nos versos 16 e no 25.

JCM1

Manuscrito a lápis, a mancha escrita ocupa as 18 linhas das 22 que compõem o papel. À linha 1 consta o título centralizado. No V. 9 a palavra “bandeiras” foi sublinhada pelo autor.

JCL1

MOTTA, Eulálio. *Canções de meu caminho*. Serrinha: Tipografia d’O Serrinhense, 1948, p. 93-94.

Página 93: 15 linhas. À L. 1: título centralizado, em caixa alta. À L. 2 “Para o Reverendíssimo Padre Leonel Franca S. J.”. Da linha 3 a 15 os versos. Página 94: 14 linhas com versos.

JCJ

Impresso em tinta preta. 26 linhas, à linha 1 consta o título em caixa alta e logo abaixo o nome do autor também em caixa alta. Da linha 3 a 26 os versos.

JCD1

28 linhas, título em caixa alta na L. 1 com espaçamento entre as letras. No ângulo superior à direita, consta a numeração do papel “105” em tinta azul.

JCD2

28 linhas, título em caixa alta na L. 1 com espaçamento entre as letras. Da linha 2 a 28 os versos.

JCL2

MOTTA, Eulálio. *Canções do meu caminho*. 2. ed. [s.l.]:[s.n.],[1983], p. 69.

28 linhas. Na linha 1 consta o título em caixa alta. Da linha 2 a 28 os versos. No V. 9 a palavra “bandeiras” está em negrito.

JCM2

Manuscrito em tinta azul. Fólio 28r: 19 linhas, à linha 1: título em caixa alta e ao lado o número do papel em tinta vermelha com emenda em tinta azul. Da linha 2 a 19 os versos. A partir do quarto verso, a mancha escrita ultrapassa a margem esquerda. Fólio 28v: número do papel na extremidade superior à esquerda em tinta vermelha. 12 linhas com versos.

Análise das variantes

As variantes presentes nesse poema fazem referência à pontuação, à acentuação, à sintaxe, à ortografia e ao aspecto lexical. Os dois primeiros testemunhos JCMñ e JCM1 apresentam no V. 10 a expressão “[...] contemplo, comovido, as bandeiras...”, já nas versões posteriores, o poeta substituiu o vocábulo “contemplo” por “assisto”. Tendo em vista que o verbo ‘contemplar’ significa deter o olhar com muita admiração sobre algo, o poeta trouxe o verbo ‘assistir’ no sentido de observar, pois para ele, esse verbo contemplaria melhor a

situação descrita no poema que seria observar a passagem das expedições. O JCMñ é o testemunho que mais apresenta variações comparado ao JCM2 por ter sido o primeiro rascunho do texto. Após o V. 21, o manuscrito não identificado apresenta o verso “Semeava a Luz!” que não aparece em nenhuma outra versão, além de apresentar mais três versos inéditos logo após o V. 23 que expressam o seguinte: “[...] vimos estas paredes venerandas, / o símbolo do nosso amor! / proveando a nossa petidão!”.

A escolha do texto base feita por Santos (2017), seguiu o critério da versão mais recente. Assim o testemunho selecionado foi o JCM2 identificado no CCMC3.

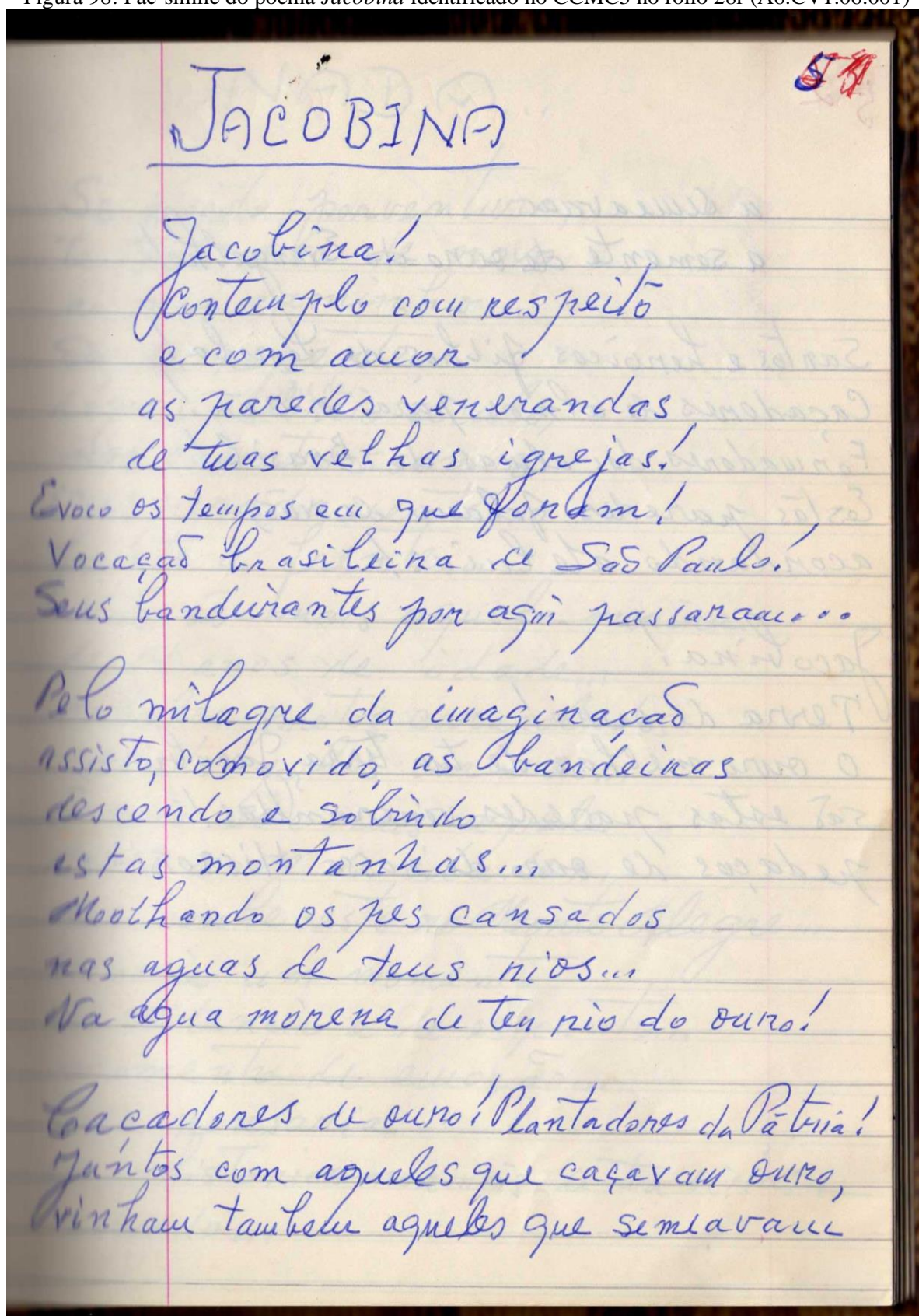
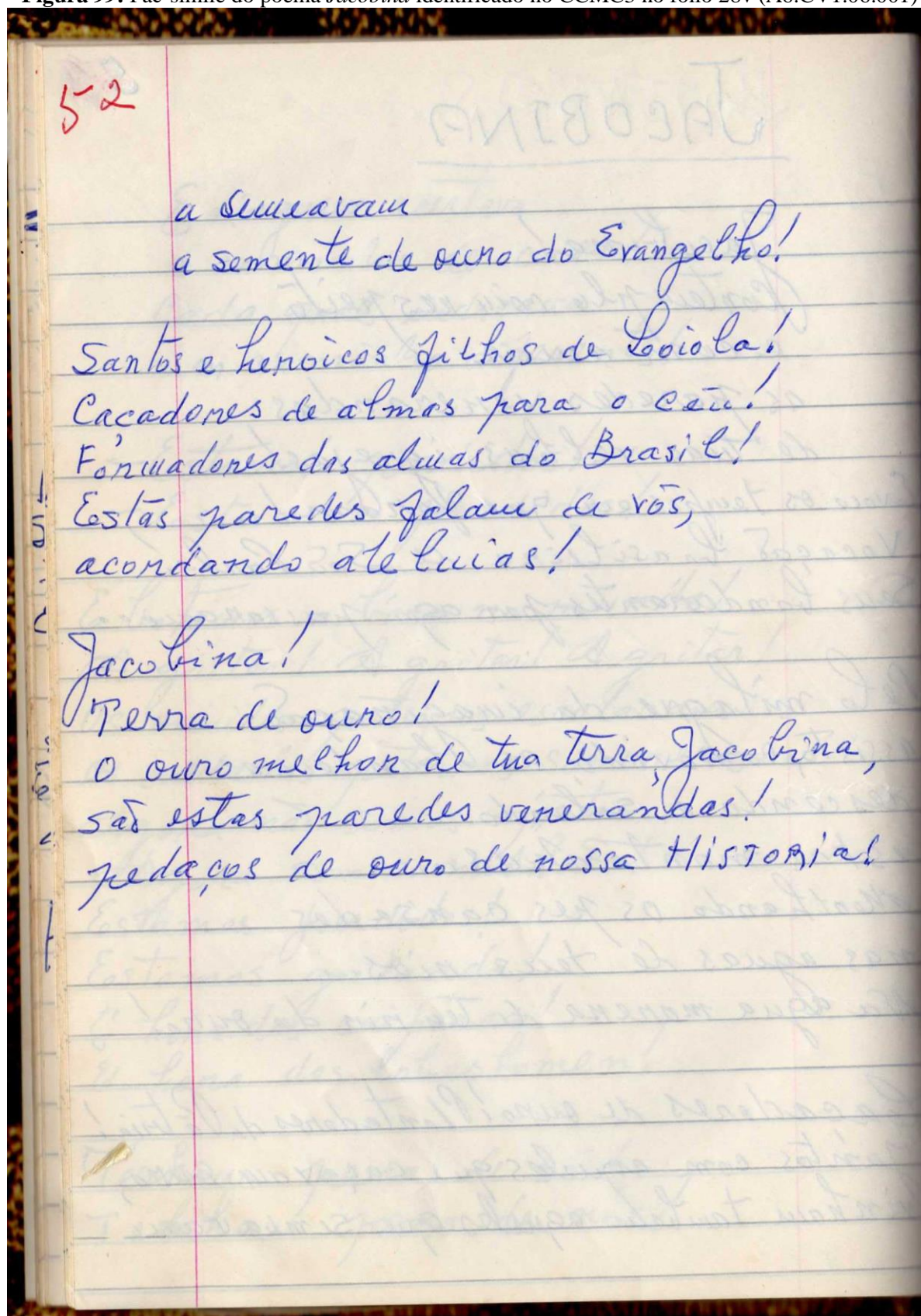
Figura 98: Fac-símile do poema *Jacobina* identificado no CCMC3 no fólho 28r (A6.CV1.06.001)

Figura 99: Fac-símile do poema *Jacobina* identificado no CCMC3 no fôlio 28v (A6.CV1.06.001)



Texto crítico com o aparato

JCM2

JACOBINA

Jacobina!

contemplo com respeito

e com amor

5 as paredes venerandas,

de tuas velhas igrejas!

Evoco os tempos em que foram!

Vocação brasileira de São Paulo!

Seus bandeirantes por aqui passaram...

10 Pelo milagre da imaginação

assisto, comovido, as bandeiras

descendo e subindo

estas montanhas...

Molhando os pés cansados

15 nas águas de teus rios...

Na água morena de teu rio do ouro!

Caçadores de ouro! Plantadores da Pátria!

Juntos com aqueles que caçavam ouro,

vinham também aqueles que semeavam

20 a semeavam

a semente de ouro do Evangelho!

Santos e heroicos filhos de Loiola!

Caçadores de almas para o céu!

Formadores das almas do Brasil!

25 Estas paredes falam de vós,

JCM1 **Jacobina** JCL1 **JACOBINA...**

JCL1 **Para o Reverendissimo Padre Leonel Franca S. J.**

JCM1 JCL1 **contemplo**, JCMñ JCM1 JCD1 JCD2 JCL2 **amor**,

JCMñ JCM1 JCL1 JCD1 JCD2 JCL2 **venerandas** (s.v.)

JCL1 **Evôco** JCMñ JCD1 JCD2 JCL2 **foram novas!** JCM1 **foram novas:** JCL1 **JCJ foram novas...**

JCMñ **por** JCMñ **passaram.** JCL1 **aquí** JCM1 JCL1 **JCJ passaram!**

JCMñ **miaginação**, JCM1 JCL1 **JCJ** JCD1 JCD2 JCL2 **imaginação**,

JCMñ JCM1 **contemplo**, JCM1 JCD1 JCD2 **bandeiras**

JCM2 **sobindo**

JCMñ JCM1 JCL1 **JCJ** JCD1 JCD2 JCL2 **montanhas!**

JCM2 **pes**

JCMñ JCM1 **nos teus rios!** JCL1 **JCJ** JCD1 JCD2 JCL2 **na água** de teus **rios!**
JCM2 **aguas**

JCM1 **agua miorena** JCM2 **agua** JCMñ [**↑teu**]

JCMñ JCM1 **Patria!**

JCMñ **daqueles** JCL1 **JCJ** **aqueles**

JCMñ JCM1 **seguiam aqueles** JCM2 **tambem** JCL1 **JCJ** JCD1 JCD2 JCL2 **aqueles**

JCMñ JCM1 **as sementes**

JCL1 **JCJ** JCD1 JCD2 JCL2 **heróicos**

JCMñ **Semeava a Luz!** **JCJ** **Estas paredes falam de vós**,

JCJ **acordando aleluias!**

JCMñ **ceo!**

JCL1 **Formadôres** JCMñ **de alma** JCL1 JCD1 JCD2 JCL2 **da alma**

JCMñ **vimos estas paredes venerandas**,

JCMñ **o símbolo do nosso amor!**

JCMñ **proveando a nossa petidão!**

acordando aleluias!

Jacobina!

Terra de ouro!

o ouro melhor de tua terra, Jacobina,

30 São estas paredes venerandas!

pedaços de ouro de nossa História!

JCMñ **Terra de coração de ami!**

JCMñ **O maior ouro** de tua terra, Jacobina,

JCMñ **está estas JCL1 JCJ venerandas: JCMñ JCD1 JCD2 JCL2 venerandas,**

JCM2 **Historia!**

4.1.2.65 Sozinho

Conforme Santos (2017) o poema dispõe de oito testemunhos: Dois manuscritos no MA (EH1.837.CL.07.001), um impresso no LA1981 (p. 61), um datiloscrito no DCMC2 (1) (f. 20r), um datiloscrito no DCMC2 (2) (f. 20r), um impresso no LCMC2 (p. 29) e dois manuscritos no CCMC3 (f. 11v-12r) / (f. 14r-15r). Não sendo encontrados dados novos toma-se a edição e análise das variantes como encontra-se em Santos (2017).

Descrição física dos testemunhos

SZM1

Manuscrito em tinta azul, 28 linhas. Título na L. 1 em caixa alta, escrito e sublinhado em tinta vermelha. À L. 26, a data “30-11-976”, logo abaixo consta a rubrica do autor e uma nota de rodapé “Do livro: ‘Luzes do crepúsculo,’ inédito”.

SZM2

Manuscrito em tinta azul, 25 linhas. Título sublinhado e em caixa alta na L. 1. Da linha 2 a 25 os versos.

SZ81

MOTTA, Eulálio de Miranda. Conversão. In: POETAS DA BAHIA E MINAS: ANTOLOGIA. [s.l.]: Benedictis Editores, 1981, p. 61.

Impresso em tinta preta, 25 linhas. Título na L. 1 em caixa alta. Texto e título alinhados à margem esquerda do papel. No V. 22 há uma rasura na palavra “analisar”, que foi substituída pela palavra “alisar” em tinta vermelha ao lado do verso.

SZD1

25 linhas, à L. 1, título em caixa alta, e com espaçamento entre as letras. Na margem superior à direita consta o número “35” rasurado em tinta azul e substituído por “39” também em tinta azul. Da linha 2 a 25 os versos.

SZD2

25 linhas, à L. 1, título em caixa alta, e com espaçamento entre as letras. Da linha 2 a 25 os versos.

SZL1

MOTTA, Eulálio. *Canções do meu caminho*. 2. ed. [s.l.]: [s.n.], [1983], p. 29.

25 linhas, título na L. 1 em caixa alta. Da linha 2 a 25 os versos.

SZM3

Manuscrito em tinta preta. Fólio 11v: a mancha escrita ocupa as 21 linhas das 22 que compõem o papel. À L. 1 consta o título, em caixa alta em tinta vermelha. Logo abaixo do título há uma observação do autor “Ver pag. 23”. Na extremidade superior esquerda aparece o número “15”, em tinta preta. Fólio 12r: no ângulo superior à direita consta o número “16” em tinta vermelha. A mancha escrita ocupa apenas 7 linhas com versos.

SZM4

Manuscrito em tinta azul. Fólio 14v: 22 linhas, à L. 1, o título em caixa alta e ao lado uma observação feita pelo autor “2ª vez – ver pag. 15”. Na extremidade superior direita consta o número “23” em tinta vermelha. Entre os versos 9 e 13 aparece na margem à esquerda a palavra “Repetido” sublinhada na posição vertical em tinta preta. Fólio 15r: na extremidade superior direita consta o número “24” em tinta vermelha. A mancha escrita ocupa apenas 4 linhas com versos.

Análise das variantes

Em todos os testemunhos exceto no texto de base, o V. 2 é composto pela expressão “[...] Imagino que já estás velhinha...”, já o SZM4 expressa de uma forma mais sintética “[...] Imagino que estejas velhinha...”. No V. 7 do SZM4 a palavra “olhando” está “lhando”, ocasionado provavelmente por um descuido na ortografia. O SZ81 foi impresso com um erro de digitação no V. 23, a palavra “alisar” está “analisar”, em virtude desse equívoco, o autor rasurou a letra ‘n’ e acrescentou ao lado do verso a palavra correta. A primeira versão SZM1 não possui o V. 1 “Pensando em ti...”. Os manuscritos SZM3 e SZM4 apresentam uma observação abaixo do título, o primeiro sinaliza “Ver pág. 23” e o segundo chama atenção que trata de uma segunda versão “2ª vez – ver pág. 15”. Ambos os manuscritos fazem parte do CCMC3.

O testemunho selecionado como texto de base por Santos (2017), foi o SZM4 por se tratar da versão mais recente.

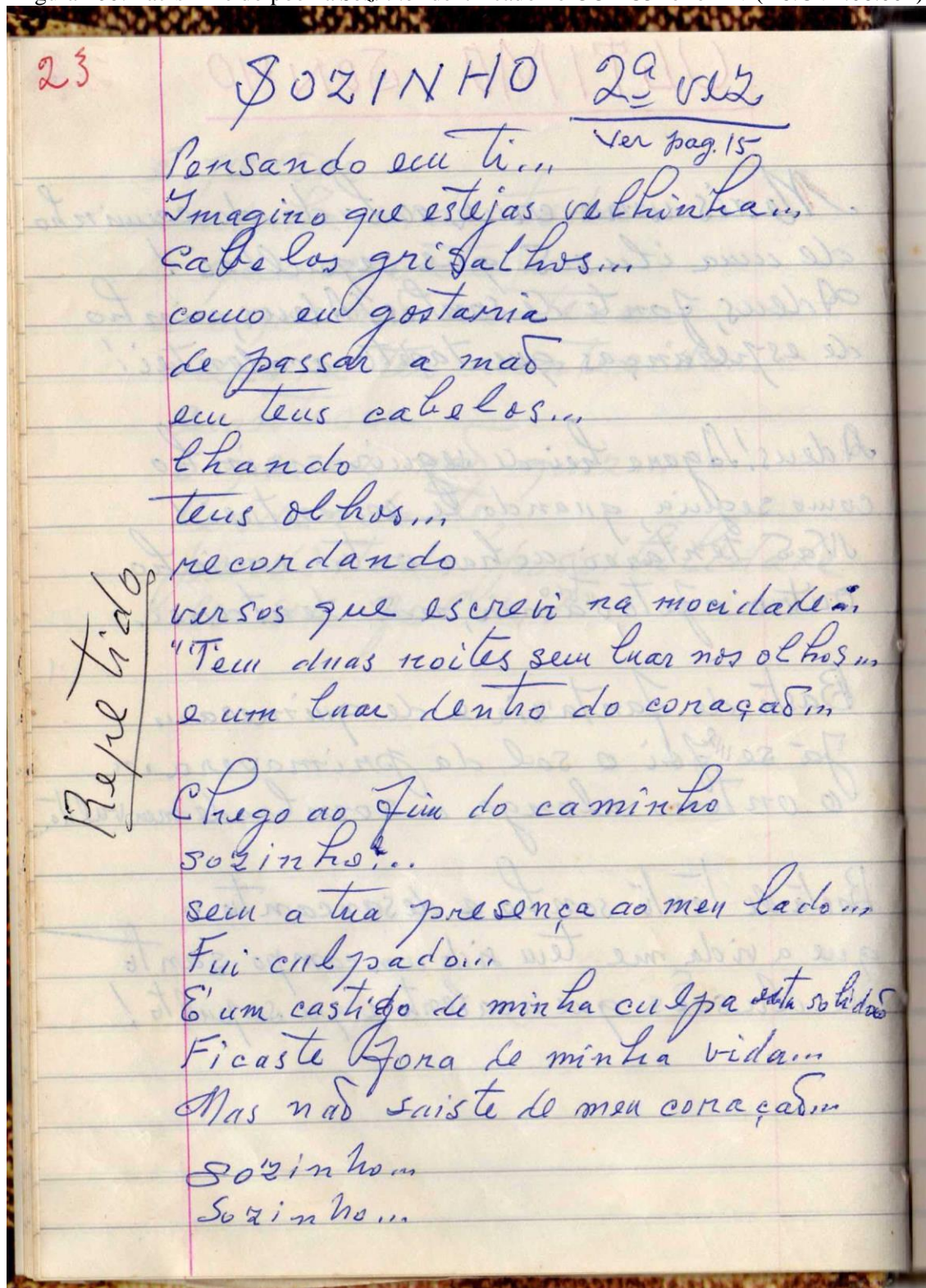
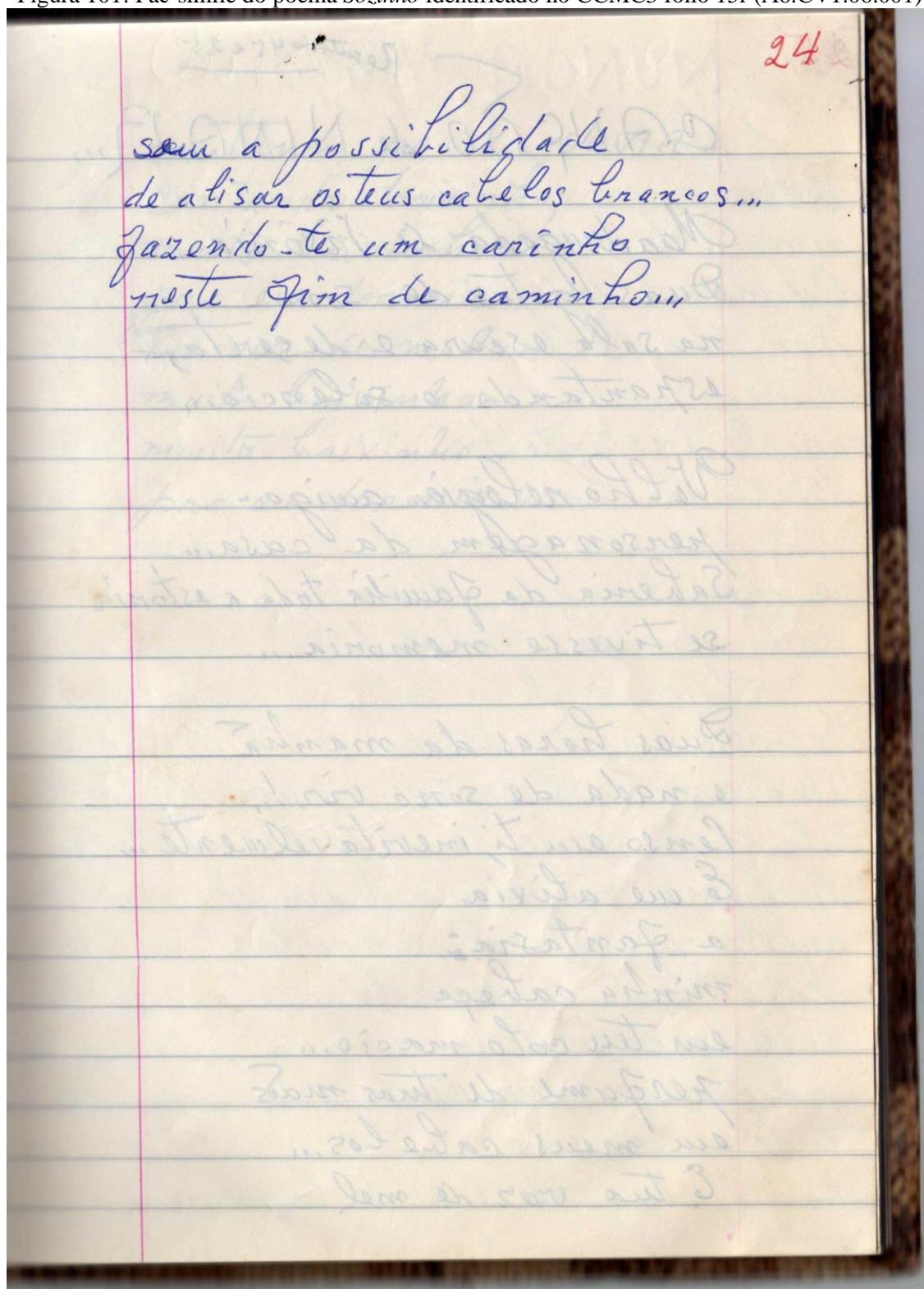
Figura 100: Fac-símile do poema *Sozinho* identificado no CCMC3 fólio 14v (A6.CV1.06.001)

Figura 101: Fac-símile do poema *Sozinho* identificado no CCMC3 fólho 15r (A6.CV1.06.001)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com o aparato

SZM4

SOZINHO

		SZM1 SOSINHO... SZM2 SZ81 SZD1 SZD2 SZL1 SOZINHO... SZM3 Ver pag. 23 SZM4 2ª vez – ver pag. 15
	Pensando em ti...	SZD1 SZD2 SZL1 tí...
	Imagino que estejas velhinha...	SZM1 SZM2 SZ81 SZD1 SZD2 SZL1 SZM3 que já estás
	cabelos grisalhos...	
5	como eu gostaria de passar a mão em teus cabelos...	
	olhando	SZM4 lhando
	teus olhos...	
10	recordando	
	versos que escrevi na mocidade:	SZ81 mocidade: –
	“Tem duas noites sem luar nos olhos...	SZM3 Tem
	e um luar dentro do coração...”	SZM1 SZD1 SZD2 SZL1 “E SZM3 SZM4 coração...
	 Chego ao fim do caminho	SZM1 SZM2 SZ81 SZD1 SZD2 SZL1 caminho...
15	sozinho...	SZM1 sosinho...
	sem a tua presença ao meu lado...	
	Fui culpado...	SZM1 SZM2 SZ81 SZD1 SZD2 SZL1 culpado.
	É um castigo de minha culpa esta solidão	SZM1 SZM2 SZ81 SZD1 SZD2 SZL1 SZM3 solidão...
	Ficaste fora de minha vida...	
20	Mas não saíste de meu coração...	SZM1 SZM2 SZD1 SZD2 SZL1 SZM3 SZM4 saíste SZM2 SZ81 coração!
	Sozinho...	SZM1 sosinho... SZM2 SZ81 sozinho!
	Sozinho...	SZM1 sosinho... SZM2 SZ81 sozinho!
	sem a possibilidade	
	de alisar os teus cabelos brancos...	SZ81 a{n}alisar [→ alisar] SZM1 brancos,
25	fazendo-te um carinho	SZM1 SZD1 SZD2 SZL1 carinho...
	neste fim de caminho...	SZM2 SZ81 caminho!
		SZM1 30-11-976
		SZM1 [Eulálio Motta]
		SZM1 Do livro: “Luzes do crepúsculo,” inédito.

4.1.2.66 Impossível

Impossível foi editado por Barreiros (2012, p. 160) que identificou oito testemunhos do poema: um manuscrito no CDJN (f. 22r), um manuscrito avulso MA (EH1.807.CL.04.001), um impresso no JCS, um impresso no LA1981 (p. 63), um datiloscrito no DCMC2 (1) (f. 15r), um datiloscrito no DCMC2 (2) (f. 15r), um impresso no LCMC2 (p. 24), e um manuscrito no CCMC3 (f. 10v). Não sendo encontrado nenhum dado novo, apresenta-se a seguir a edição conforme Barreiros (2012). A edição de *impossível* foi revista por Santos (2017), que acrescentou a análise das variantes, a seguir e por Cintra(2019), que acrescentou a descrição dos testemunhos, a seguir.

Descrição física dos testemunhos

IPM1

Manuscrito em tinta azul, 16 linhas. Título na L. 1 em caixa baixa. Na L. 8 há um cancelamento acrescido de uma emenda na entrelinha superior. À L. 16 consta a data “22-5-977”.

IPM2

Manuscrito em tinta azul, 15 linhas. Título na L. 1 em caixa alta, sublinhado por um traço. À L. 10 consta uma rasura.

IP81

MOTTA, Eulálio de Miranda. Impossível. In: POETAS DA BAHIA E MINAS: ANTOLOGIA. [s.l.]: Benedictis Editores, 1981, p. 67. Impresso em tinta preta, 26 linhas. À L. 1 consta o título, em caixa alta. Texto e título alinhados à margem esquerda do papel. No V. 16 há uma rasura na palavra “das”, a letra ‘s’ foi riscada com lápis de hidrocor vermelho.

IPD1

Impresso em tinta preta, 30 linhas. À L. 1 título, em caixa alta. Da linha 2 a 30 os versos.

IPD2

Impresso em tinta preta, 30 linhas. À L. 1 título, em caixa alta. Da linha 2 a 30 os versos.

IPJ

Impresso em preto, com 17 linhas. À linha 1: título, das linhas 2 a 15: versos. À linha 16 consta o nome do autor e à linha 17 “Para o livro, ‘Luzes do Crepúsculo, inédito’”. (BARREIROS, 2007. p. 253).

IPL1

MOTTA, Eulálio. *Canções do meu caminho*. 2. ed. [s.l.]: [s.n.], [1983], p. 59.
Impresso em tinta preta, 30 linhas. À L. 1 título, em caixa alta. Da linha 2 a 30 os versos.

IPM3

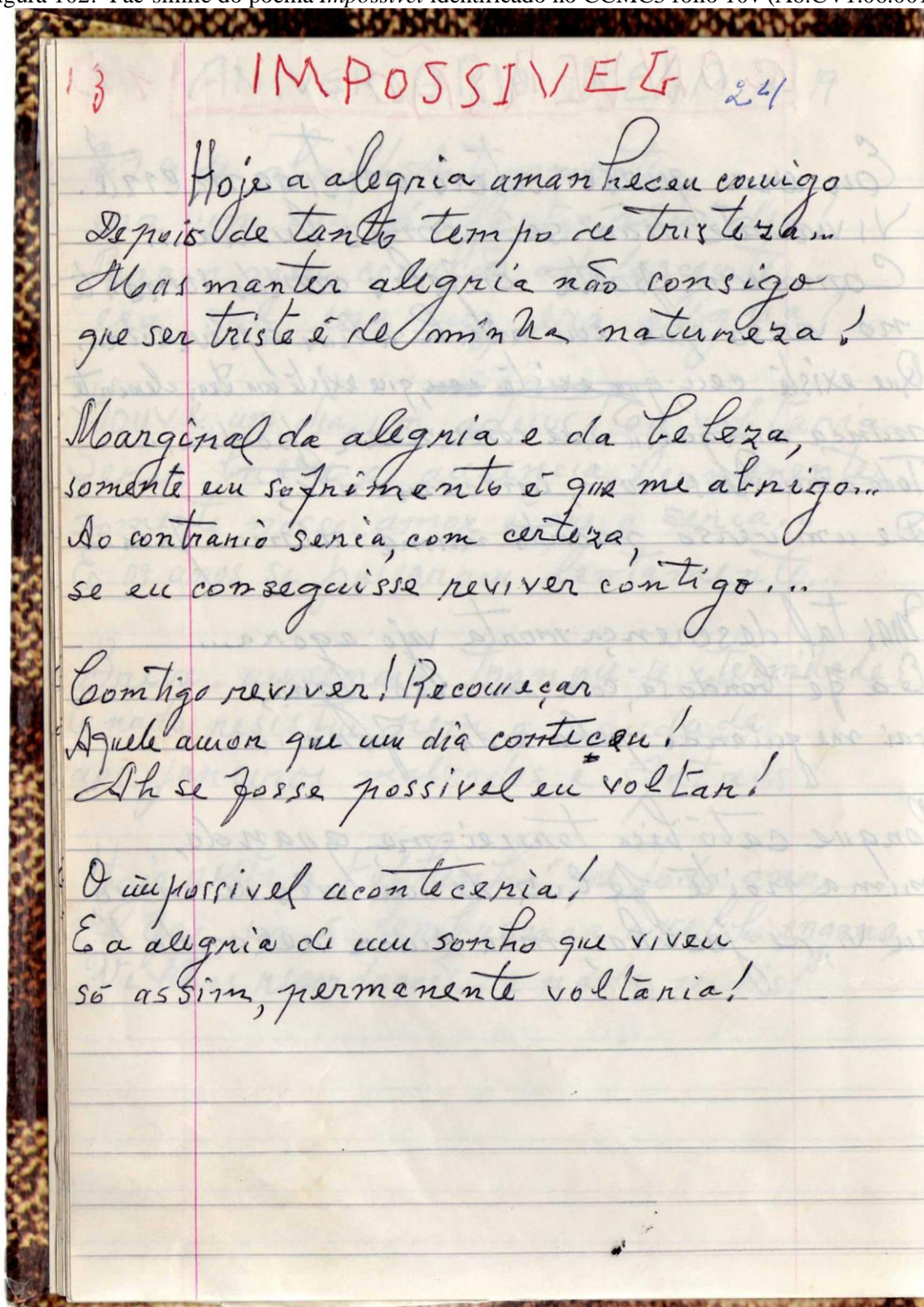
Manuscrito em tinta preta. A mancha escrita ocupa 15 linhas das 22 que compõem o papel. À L. 1 consta o título, em caixa alta, à tinta vermelha. Na extremidade superior esquerda aparece o número “13” em tinta vermelha. Na extremidade superior direita, próximo ao título, aparece o número “24” em tinta azul.

Análise das variantes

Os datiloscritos apresentam no V. 5 a palavra “alebria” que equivale à “alegria”, variante ocasionada por um erro tipográfico. Há uma emenda no V. 7 do IPM1, o autor escreveu a expressão “[...] Diferente seria...” e durante a revisão substituiu por “[...] Ao contrário seria...”, que se fez presente nas versões posteriores. O testemunho IPM3 apresenta uma emenda no V. 10, a palavra “aconteceu” foi escrita inicialmente “conteçou” e logo após o escritor rasurou a cedilha e substituiu a vogal ‘o’ por ‘e’. As demais variantes estão relacionadas à pontuação à ortografia e à acentuação.

A escolha do texto base seguiu o critério do testemunho mais recente. Deste modo, o IPM3 localizado no CCMC3 foi o testemunho selecionado por Santos (2017), como texto de base.

Figura 102: Fac-símile do poema *Impossível* identificado no CCMC3 fólio 10v (A6.CV1.06.001)



Texto crítico com aparato

IPM3

IMPOSSÍVEL

Hoje a alegria amanheceu comigo
 Depois de tanto tempo de tristeza...
 Mas manter alegria não consigo
 5 que ser triste é de minha natureza!

Marginal da alegria e da beleza,
 somente em sofrimento é que me abrigo...
 Ao contrário seria, com certeza,
 se eu conseguisse reviver contigo...

10 Contigo reviver! Recomeçar
 Aquele amor que um dia aconteceu!
 Ah se fosse possível eu voltar!

O impossível aconteceria!
 E a alegria de um sonho que viveu
 15 Só assim, permanente voltaria!

IPM2 IMPOSSIVEL... IP81 IMPOSSÍVEL...

IPM1 IPM2 IPJ IP81 **comigo,**

IPM2 **depois de tantos anos** IPM1 IPM2IP81 **tristeza!** IPJ IPD IPL **tristeza.**

IPM1 IPJ **natureza.** IPM2 **natureza,**

IPD **alebria**

IPM2 **Somento** IPM1 IPM2 IPJ IP81 IPD IPL **abrigo.**

IPM1 {**Diferente**} /Ao **contrário**\

IPM1 IPJ **contigo.** IPM2 IP81 **contigo!**

IPM2 **Contigo** { }

IPM2 **aquele** IPL **conteceu!** IPM3 **conte{ço}/ce|u**

IPM1 **Ah!** IPM2 IPM3 **possivel**

IPM2 IPM3 **impossivel**

IPM1 **“um sonho que viveu”** IPJ **“um sonho que viveu,”** IPD IPL **viveu,**

IPM1 **permanente,**

IPM1 **22-5-977**

4.1.2.67 Canção de Ninar

Segundo Cintra (2018) O poema dispõe de sete testemunhos, sendo que um dos testemunhos, encontrado no dossiê dos poemas avulsos possui título distinto dos demais. Sendo assim, os testemunhos são: um manuscrito no MA com código (EH1.833.CL.06.007), um manuscrito no MA com o código (EH1.838.CL.07.002), um datiloscrito no DCMC2 (1) (f. 16r), um datiloscrito no DCMC2 (2) (f. 16r), um impresso no LCMC2 (p. 25) e dois manuscritos no CCMC3 (f. 15v-16r) / (f. 25r-25v). Diante do fato de não haver dados novos apresenta-se a edição segundo Cintra (2018).

Descrição física dos testemunhos

CNM1

Manuscrito em tinta azul, letra legível e sem rasura. A mancha escrita ocupa 27 linhas do papel. Título na L. 1 em caixa alta, sublinhado. Na L. 25 consta a rubrica do autor. À L. 26 consta a data “18-9-79”. Na última linha, há uma nota sinalizando o local de onde foi retirado o poema “Do livro: ‘Luzes do crepúsculo’, inédito”.

CNM2

Manuscrito em tinta azul, 27 linhas. Título na L. 1 em caixa alta, exceto a preposição “de” que está em fonte menor. Há uma marca de ferrugem na margem superior do centro do papel ocasionada pela utilização de clipe. Na L. 25 conta a data “Setembro, 18, 979”, na L. 26 a rubrica do autor, e na última linha uma nota sinalizando o local de onde foi retirado o poema “Do livro: ‘Luzes do crepúsculo’, inédito”. Logo abaixo, aparece a palavra “VIRE”, em caixa alta.

CND1

25 linhas, título na L. 1 com uma emenda em tinta azul. O autor acendeu a letra ‘N’ de “Ninar”. Na extremidade superior direita consta o número “31” em tinta azul. Da linha 2 a 25 os versos.

CND2

25 linhas, título na L. 1 com uma emenda em tinta azul. O autor acendeu a letra ‘N’ de “Ninar”. Da linha 2 a 25 os versos.

CNL

MOTTA, Eulálio. *Canções do meu caminho*. 2. ed. [s.l.]:[s.n.], [1983], p. 25.

25 linhas, título na L. 1 em caixa alta. Da linha 2 a 25 os versos.

CNM3

Manuscrito em tinta azul. Fólio 15v: a mancha escrita ocupa as 19 linhas das 22 que compõem o papel. Título na L. 1 em caixa alta, com exceção da preposição “de” que está em fonte menor. Acima do título há uma observação feita pelo autor “Repetido 45 e 25”. Na extremidade superior esquerda aparece o número “25” em tinta vermelha. Fólio 16r: na margem superior à direita consta o número “26” em tinta vermelha. 8 linhas com versos.

CNM4

Manuscrito em tinta azul. Fólio 25r: a mancha escrita ocupa as 20 linhas das 22 que compõem o papel. Título na L. 1 em caixa alta, com exceção da preposição “de” que está em fonte menor. Acima do título há uma observação feita pelo autor “Repetida: 25 a 45”. Na extremidade superior esquerda aparece o número “45” em tinta vermelha. Há uma emenda na palavra “silencio” no V. 4. Fólio 25v: na margem superior à esquerda consta o número “46” em tinta vermelha. 19 linhas com versos, na margem lateral à direita no sentido vertical, há a seguinte observação: “Repetido: pg. 25” em tinta preta.

Análise das variantes

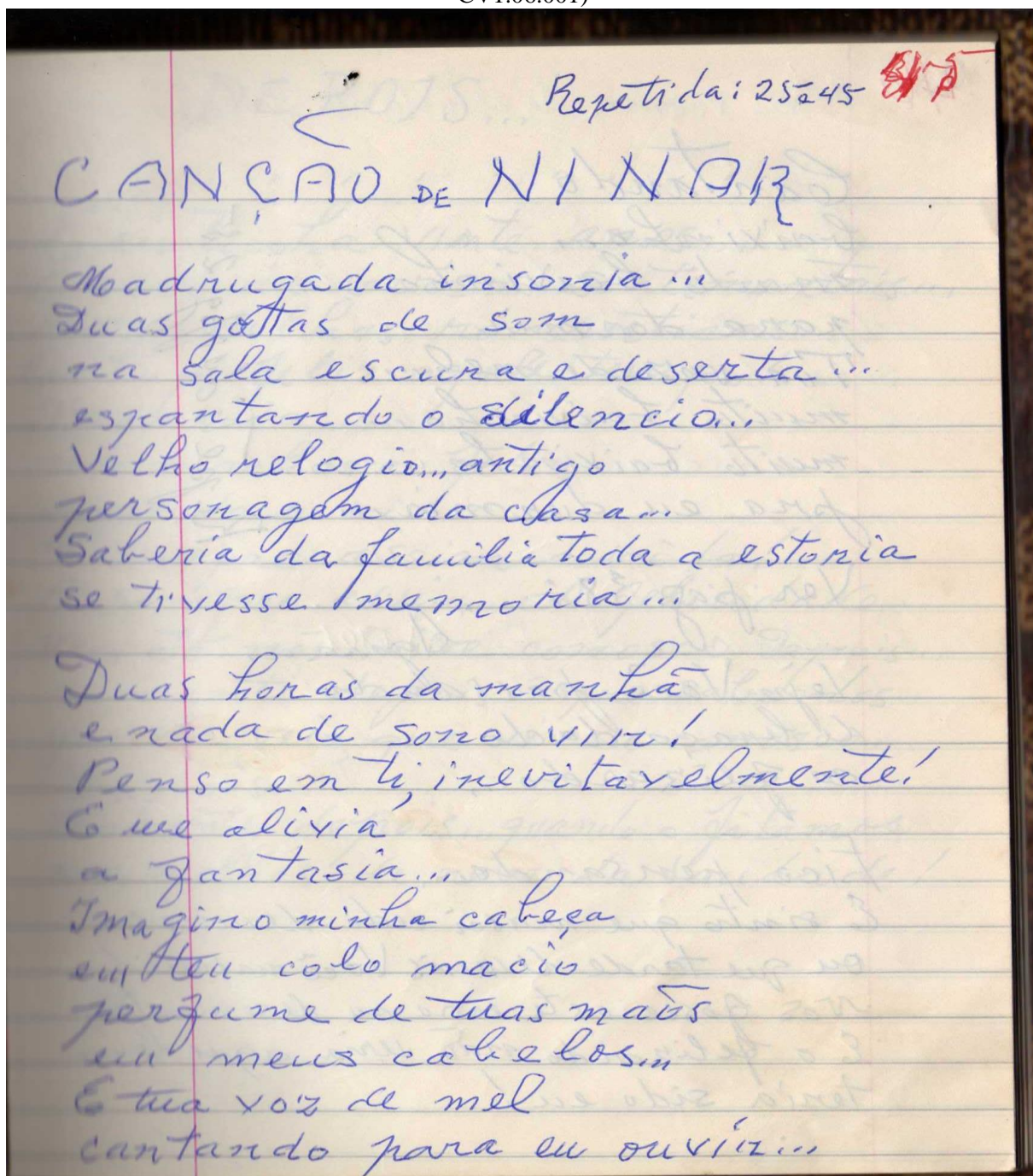
Segundo Cintra (2018) a primeira variante substancial encontra-se no título do texto, que sofreu várias modificações até o testemunho de base. Lexicalmente, a palavra “cantiga” (CNM1, CNM2) foi alterada para “canção” (CND1, CND2, CNL, CNM3, CNM4) e a expressão “pra se dormir”, presente no primeiro testemunho, teve o seu valor semântico mantido em uma única palavra: “ninar”, constante nos demais testemunhos. Embora o título inicial tenha sofrido variação no léxico, sua carga semântica foi totalmente preservada. A mudança apontada no título, na seleção de palavras mais precisas, gerou uma economia de palavras e mais expressividade poética. Trata-se de uma busca mais elaborada nas escolhas lexicais.

A maior parte das variantes está relacionada à pontuação, à acentuação e quebra de versos. À linha 20 dos datiloscritos, consta um erro de digitação que comprometeu o sentido

do verso, na troca da primeira vogal *a* por *o* na palavra: “cantando”. No testemunho CNM2 a expressão “[...] velho relógio... amigo”, v. 5, teve o adjetivo “amigo” substituído por “antigo” nas outras versões, variante que denota a estima do eu lírico para com o relógio posto no poema não como um objeto qualquer. Os testemunhos CNM1 e CNM2 apresentam a mesma datação ao final do texto e a indicação de que o poema faz parte do livro inédito “*Luzes do crepúsculo*”. Os manuscritos CNM2 e CNM3 fazem parte do CCMC3, tratam-se de duas versões que apresentam pequenas diferenças entre si. No fólio 25v do CNM3 nas linhas 9 a 19 consta o final do poema *Você*.

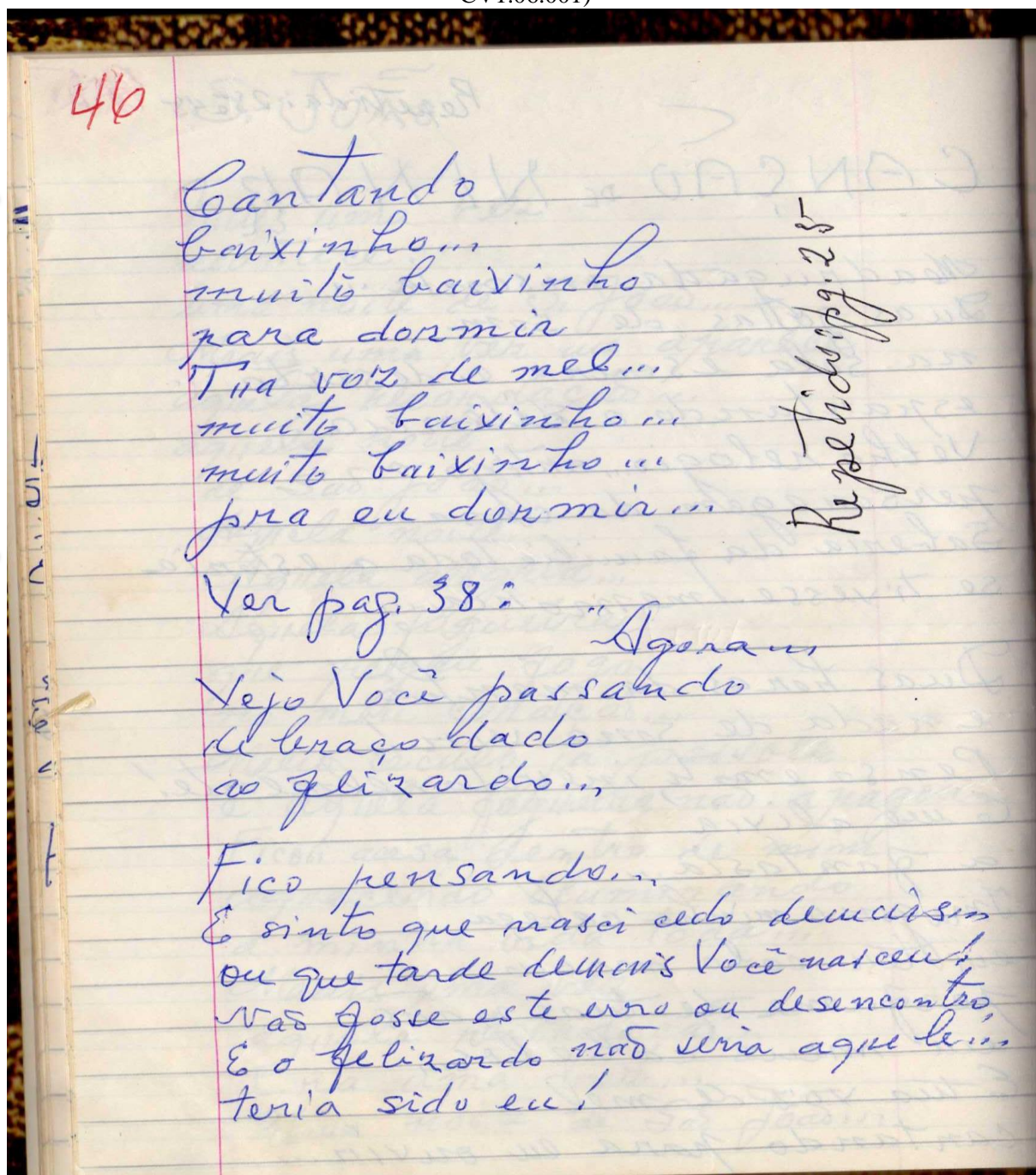
Visto que o critério para edição de texto recomenda a escolha do testemunho mais recente como texto de base para edição, não se optou pela versão publicada em livro, uma vez que o escritor esboçou em caderno homônimo uma nova edição de seu livro intitulado *Canções de meu caminho*, com duas versões do poema *Canção de Ninar* com variantes autorais. Diante desse dado, conjectura-se que o segundo testemunho CNM4 presente no caderno do escritor (CCMC3) é o mais recente.

Figura 103: Fac-símile do poema *Canção de ninar* identificada no CCMC3 fólio 25r (A6. CV1.06.001)



Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Figura 104: Fac-símile do poema *Canção de ninar* identificada no CCMC3 fólio 25v (A6. CV1.06.001)



Texto crítico com aparato

CNM4

		CNM3 [Repetido 45 e 25] CNM4 [Repetida: 25 a 45]
	CANÇÃO DE NINAR	CNM1 CANTIGA PRA SE DORMIR... CNM2 CANTIGA de NINAR... CNM3 CANÇÃO de NINAR... CNM4 de NINAR (s.r.)
	Madrugada insônia...	CNM1 de insônia CNM2 CND1 CND2 CNL CNM3 de CNM4 insônia...
	Duas gotas de som na sala escura e deserta...	CNM1 CNM2 deserta (s.r.) CND1 CND2 CNL deserta, CNM3 deserta{...}/,\
5	espantando o silêncio...	CNM3 silencio... CNM4 {de}/si\lencio...
	Velho relógio... antigo personagem da casa...	CNM1 CNM2 CND1 CND2 CNL antigo... personagem da casa... CNM3 relógio.. amigo... CNM4 relógio...
	Saberia da família toda a estória se tivesse memória...	CND1 CND2 CNM3 CNM4 família CNM1 CND1 CND2 CNL CNM3 CNM4 estória CND1 CND2 CNM3 CNM4 memória...
10	Duas horas da manhã e nada de sono vir! Penso em ti, inevitavelmente! E me alivia a fantasia...	CNM1 manhã... CND1 CND2 CNL manhã, CNM3 vir!.. CNM1 CNM2 CND1 CND2 CNL CNM3 inevitavelmente... CNM1 CNM2 CND1 CND2 CNL fantasia: CNM3 fantasia{...}/;\
15	Imagino minha cabeça em teu colo macio perfume de tuas mãos em meus cabelos...	CNM1 CNM2 CND1 CND2 CNL em teu colo macio... CNM3 macio... CNM1 CNM2 em meus cabelos...
	E tua voz de mel	CNM1 e
20	cantando para eu ouvir...	CNM2 CND1 CND2 CNL CNM3 pra
	Cantando baixinho...	CND1 CND2 cantando baixinho... CNM1 CNM2 CNL cantando baixinho... CNM3 cantando baixinho,
	muito baixinho	CNM1 CNM2 CND1 CND2 CNL CNM3 baixinho...
	para dormir	CNM1 CNM2 CND1 CND2 CNL CNM3 pra eu dormir...
25	Tua voz de mel...	CNM1 tua

muito baixinho...

muito baixinho...

pra eu dormir...

CNM1 [Eulálio Motta] CNM2 Setembro, 18, 979

CNM1 18-9-79 CNM2 [Eulálio Motta]

CNM1 CNM2 Do livro: "Luzes do crepúsculo", inédito.

CNM2 VIRE

4.1.2.68 Reticências

Conforme Cintra (2019) o poema dispõe de dois testemunhos: um manuscrito no CLC (A4.CV1.04.001) e outro manuscrito no MA. A edição do poema supracitado foi feito por Pâmella de Araújo Cintra, cujo trabalho visou editar o caderno *Luzes do crepúsculo*. Não havendo dados novos apresenta-se neste trabalho a edição e a análise das variantes conforme Cintra (2019).

Descrição física dos testemunhos

RTM1

A folha do testemunho encontrado no CLC mede 225mm de comprimento e 160mm de largura. Texto em tinta azul. Fólio 14r: a mancha escrita ocupa todas as 23 linhas que compõem o papel, título na L. 1 em caixa alta, escrito em tinta azul e vermelha e sublinhado por um traço em tinta vermelha Na extremidade superior direita consta o número do papel e logo abaixo há sinalização em forma de “V” em tinta vermelha, o que mostra que esse texto foi revisto, corrigido pelo autor. À L. 5 consta uma rasura. À esquerda dos cinco primeiros versos há uma mancha ocasionada por algum tipo de líquido, provavelmente água, no entanto, não interfere na leitura do texto. Fólio 15r: a mancha escrita ocupa 11 linhas das 23 que compõem o papel. À esquerda dos cinco primeiros versos encontra-se a mancha já descrita anteriormente. À L. 2 consta uma rasura.

RTM2

A folha mede 219mm de largura por 33 de altura . Trata-se de manuscrito avulso. A mancha escrita corresponde à 30 linhas. Título sublinhado e em caixa alta na L. 1. À L.30 consta a rubrica do autor. O poema é composto por sete estrofes. Não há rasuras, correções ou acréscimos, porém há uma letra mais escurecida com a caneta de cor azul. O testemunho foi escrito com tinta azul. E encontra-se em bom estado de conservação, embora a folha esteja um tanto amarronzada, devido, possivelmente a ação do tempo

Análise das variantes

A priori, foram encontradas poucas variantes substanciais nos testemunhos RTM1 e RTM2. No testemunho RTM1, considerado a primeira versão do texto, percebeu-se que o

poeta fez uso da reticência de modo a encobrir datas precisas, dia e ano, ligadas à feitura do poema. As palavras *praça* e *janela* aparecem grafadas de modo a causar dúvida, mas são facilmente subentendidas. No testemunho RTM2, o escritor suprimiu o pronome *ELA*, que indica a mulher amada cujas lembranças revisitam o poeta. Ainda nesse testemunho, verificou-se o acréscimo dos versos: **vontade de escrever... / {Repelido} Sinto-me repelido...** do sinal (.) nos versos formados apenas por reticências, a substituição da vírgula (,) por reticências (...) após a palavra *vez* (l. 8) e, por fim, a junção de verso.

Tendo em vista que se trata de dois manuscritos avulsos não datados, optou-se pela escolha do testemunho RTM2, localizado no MA, como texto de base, pois acredita-se que o mesmo atende a última vontade do autor. Trata-se de um documento sem rasuras, escrito com caligrafia bem realizada, de traçado levemente inclinado, demonstrando falta de ligeireza no deslizar da tinta da caneta sobre o papel, típico de um texto passado a limpo.

Figura 105: Fac-símile do poema *Reticências* (EH1.808.CL.04.002)

RETICÊNCIAS...

29 de abril.
 De 1961.
 Olho a minha caneta...
 Olho o papel em branco sobre a mesa...

 Remota manhã de um dia
 de 1923...
 Pela primeira vez...
 aquela vista...
 Claras!
 Incêndio que nunca se apagou!

 Uma praça...
 uma rua...
 uma casa...
 uma janela...

 Olho a caneta...
 Olho o papel em branco sobre a mesa...

 O medo do ridículo...
 De piçuinhas sentimentais...

 Debruce-me sobre a caneta...
 sobre o papel em branco...

 Nada mais...

Eulálio Motta

Texto crítico com o aparato

RTM2³⁴

	<u>RETICENCIAS ...</u>	RTM1 <u>RETICENCIAS...</u>
	29 de abril.	RTM1 abril...
	De 1961.	RTM1 de
	Olho a minha caneta...	
5	Olho o papel em branco sobre a mesa...	RTM1 branco __
	RTM1 sobre a mesa... Recordando...
		RTM1
		RTM1
	Remota manhã de um dia	
	de 1923...	
	Pela primeira vez...	RTM1 vez,
	aquela visão...	
10	Clarão!	
	Incêndio que nunca se apagou!	
	RTM1
	Uma praça...	RTM1 {proça}/praça\...
	uma rua...	
	uma casa...	
15	uma janela...	RTM1 {janela}/janela\...
	RTM1ELA!
	Olho a caneta ...	
	Olho o papel em branco sobre a mesa...	RTM1 olho o papel em branco
	RTM1 sobre a mesa...
		RTM1 vontade de escrever...
		RTM1 {Repelido} Sinto-me repelido...
	O medo do ridículo...	RTM1 {Pelo}/pelo\mêdo
	de pieguices sentimentais...	RTM2 {†}
	RTM1
20	Debruço-me sobre a caneta...	RTM1 {Debruço}/Debruço a cabeça sobre a mesa\ sobre a caneta...
	Sobre o papel em branco...	RTM1 sobre
	RTM1 . Fecho os olhos...
		RTM1 E...
	Nada mais...	RTM1 mais!
	[Eulálio Motta]	

³⁴ Embora o autor não tenha datado o texto, conjectura-se que a data de escrita do texto seja 29 de abril de 1961, data que aparece no corpo do poema. Esta conjectura se justifica devido ao caráter autobiográfico dos poemas de Eulálio Motta.

4.1.2.69 Volte, querida!

Este poema foi editado por Pâmella Cintra. Segundo a edição de Cintra, o poema supracitado dispõe de dois testemunhos no MA (K798.CL.03.002). Não se identificou novos dados, portanto, apresenta-se edição conforme Cintra.

Descrição física dos testemunhos

VQM1

Manuscrito em tinta azul, 35 linhas. A mancha escrita do texto ocupa 30 linhas do papel. Título sublinhado à linha 1. À L. 18 consta uma rasura. À l. 34 consta a rubrica “Eulálio Motta”, logo abaixo a data “8-2-79”. Documento amarelado pela ação do tempo.

VQM2

Manuscrito em tinta azul, 35 linhas. A mancha escrita do texto ocupa 30 linhas do papel. Título sublinhado à linha 1. Texto escrito com letra legível, sem rasuras, não datado. À l. 34 consta a rubrica “Eulálio Motta”. Documento em bom estado de conservação.

Análise das variantes

As variantes identificadas foram pouco substanciais, tratando-se apenas de uma atualização ortográfica na acentuação das palavras do testemunho VQM2 . Outra variante está relacionada a um possível esquecimento do escritor ao grafar a palavra você com inicial minúscula no testemunho VQM1 (verso final do poema), visto que a palavra você com inicial maiúscula utilizada no verso anterior e conservada no testemunho VQM2 sugere uma remissão à poesia (ou à mulher amada), configurando-se como um recurso poético e estilístico do escritor. Conforme observado em outros poemas do caderno *Luzes do crepúsculo*, o pronome você é sempre utilizado em substituição do nome da mulher amada, que nunca é citado em seus textos.

Devido à falta de datação em um dos testemunhos, procedeu-se a análise paleográfica dos manuscritos em relação aos indícios temporais de seu suporte material e de escrita. Desse modo, verificou-se que o testemunho não datado VQM2, localizado no MA, é a redação mais

recente por não apresentar modificações exógenas em sua materialidade e uma ortografia atualizada do testemunho datado.

Figura 106: Fac-símile do poema *Volte, querida!* (K798.CL.03.002)

Volte, Querida!

Poesia! Poesia!
 Volte, Querida,
 de novo, para minha vida!
 Vivo sozinho,
 não tenho ninguém.
 Só Você me faz carinho.
 Só Você me faz bem.

Volte a ser, novamente,
 a estrela d'alva de minhas manhãs,
 o sol de meus dias, o luar de minhas noites!

Volte, Querida,
 a abrir janelas
 neste quarto escuro
 que é minha vida.
 A lembrar de sol e de luar
 este aposento
 onde vive comigo o sofrimento!

Volte para minha pena!
 Volte para minha vida
 com braçadas de flores
 para os meus caminhos
 que estão repletos
 de espinhos!

Volte, Poesia!
 que nos dias turvos de aflição,
 só Você tem tido minha alegria!
 Seu riso, só Você, a minha salvação!

do livro: "Lendas do capangueiro", *Eulálio Motta*

Texto crítico com aparato

VQM2

	<u>Volte, Querida!</u>	VQ1 Querida (s.e.)
	Poesia! Poesia!	
	Volte, Querida,	VQ1 volte
	de novo, para minha vida!	
5	Vivo sozinho,	
	não tenho ninguém.	VQ1 VQ2 ninguem (s.a.)
	Só Você me faz carinho.	
	Só Você me faz bem.	
10	Volte a ser, novamente, a estrela d'alva de minhas manhãs, o sol de meus dias, o luar de minhas noites!	
	Volte, Querida, a abrir janelas neste quarto escuro	VQ1 reabrir
15	que é minha vida. A reencher de sol e de luar este aposento onde vive comigo o sofrimento!	VQ1 vida! VQ1 [←Pra] {A} reencher
20	Volte para minha pena! Volte para minha vida com braçadas de flores para os meus caminhos que estão repletos de espinhos!	VQ1 flôres
25	Volte, Poesia! que nos dias turvos de aflição, Só Você tem sido minha alegria! Tem sido, só Você, a minha salvação!	VQ1 só VQ2 so (s.a.) VQ1 você

[Eulálio Motta]

VQ1 **8-2-79**

Do livro: "Luzes do crepúsculo",

VQ1 **inédito**.

4.1.2.70 Demônio...

O poema possui dois testemunhos. Um dos testemunhos é um datiloscrito (EC1.38.CV1.21.010) encontrado no DA e o outro é um manuscrito (EH1.816.CL.04.010) encontrado no MA.

Descrição física dos testemunhos

DMM

A folha mede 221mm de largura por 330mm de altura. A mancha escrita corresponde a 28 linhas. O poema é composto de cinco estrofes. Há uma rasura no corpo do texto. A escrita do documento foi feita com tinta azul. Há uma mancha leve na margem esquerda do papel. A conservação do documento é boa.

DMD

A folha mede 215mm de largura por 315mm de altura. A mancha escrita se constitui de 24 linhas. O poema possui cinco estrofes. Não há correções ou rasuras, mas existem duas manchas claras no papel. A tinta utilizada na escrita do datiloscrito é preta.

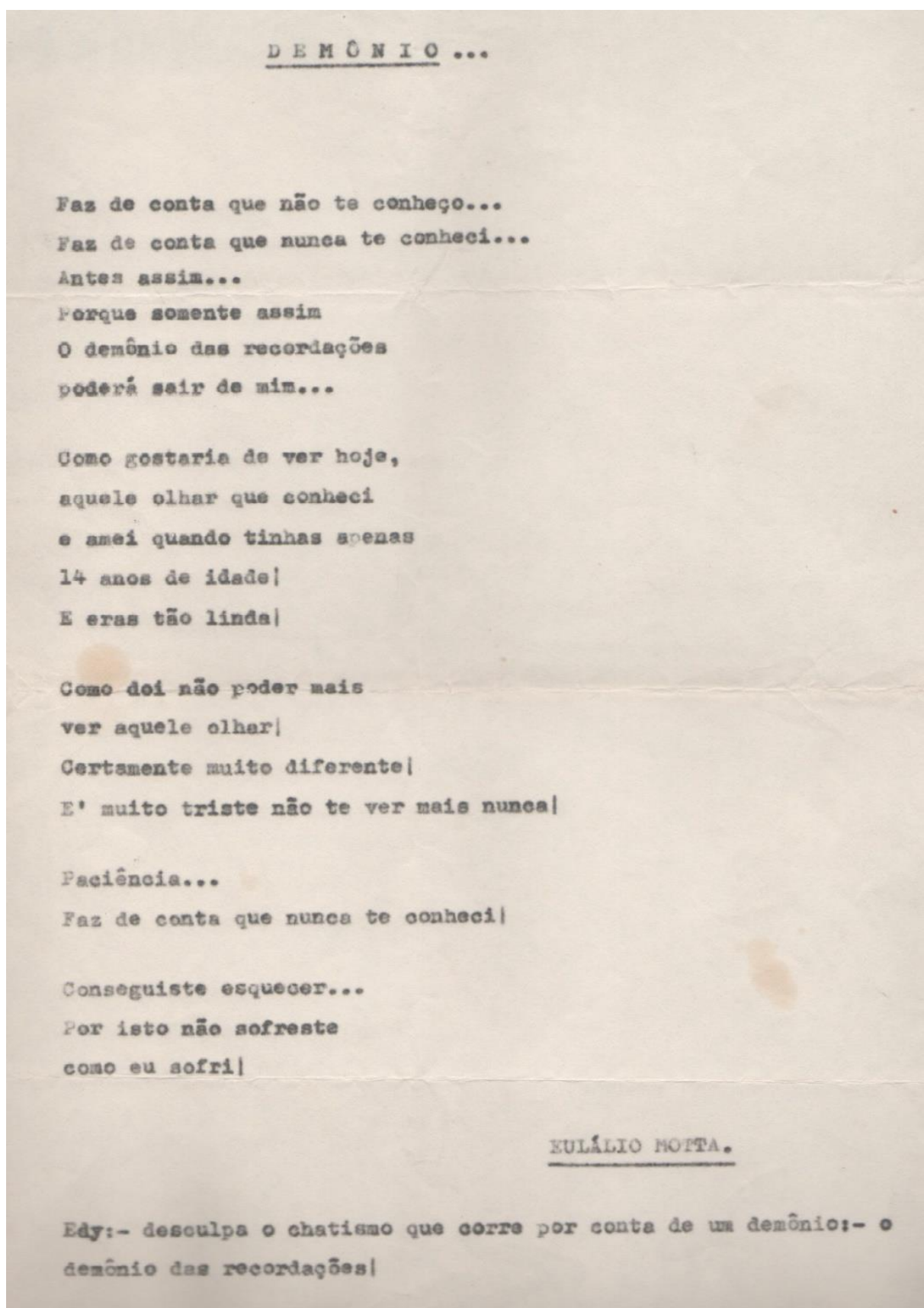
Análise das variantes

A análise das variantes revelou mudanças de pontuação de um testemunho para o outro, além de algumas mudanças na escrita dos versos. A exemplo da L. 16 em que se observa que o autor escreveu no DMM “hoje muito diferente!” já no DMD o verso foi escrito “É muito triste não te ver mais nunca!”. Essas modificações na escrita dos versos também ocorrem na L. 4, L. 5 e L. 15. Os testemunhos também apresentam quebras de versos na L. 15, L. 19 e L. 20. Na L. 14 a uma rasura e cancelamento de parte do verso no DMM. o fragmento cancelado já não aparece mais no DMD.

Na penúltima estrofe do DMD observa-se que o autor desmembrou a estrofe verificada em DMM, constituindo assim, duas estrofes no DMD e suprimindo o verso “Como doi não poder te ver!”. Desse modo tem-se em DMD uma estrofe dística e em DMM uma quadra. O autor também não colocou no DMD a última estrofe do DMM. No final do testemunho DMD há uma espécie de recado do Eu-lírico pedindo desculpas a sua amada. Este fragmento não se

verifica em DMM. No testemunho DMD aparece o símbolo “|” nas L. 11, 12, 14, 15, 16, 18, 21 e 24. Observa-se que no testemunho DMM geralmente o autor utilizou o ponto de exclamação no lugar do sinal “|”

O testemunho elencado como texto de base foi o DMD. Observa-se que o DMM é um texto rascunho, possuindo inclusive rasuras com o cancelamento de parte de um verso. Esse fragmento cancelado já não aparece no DMD o que corrobora a hipótese de que o DMD é a versão mais recente.

Figura 107: Fac-símile do poema *Demônio...* (EH1.816.CL.04.010)

Texto crítico com aparato

DMD

DEMÔNIO...

	Faz de conta que não te conheço...		DMM <u>Demônio... para Edy</u>
	Faz de conta que nunca te conheci...		DMD <u>DEMÔNIO...</u>
	Antes assim...		DMM É melhor assim...
5	Porque somente assim		DMD Antes assim...
	O demônio das recordações		DMM Porque só assim,
	Poderá sair de mim...		DMD Porque somente assim
	Como gostaria de ver hoje,		DMM mim! DMD mim...
	aquele olhar que conheci		DMM ver, hoje, DMD ver hoje,
10	e amei quando tinhas apenas		
	14 anos de idade!		DMM idade! DMD idade
	e eras tão linda!		DMM linda! DMD linda
	Como dói não poder mais		DMM Como me doi DMD Como doi
	ver aquele olhar!		DMM olhar {+} {14 anos de idade!}
15	Certamente muito diferente!		DMD olhar
	É muito triste não te ver mais nunca!		DMM Certamente,
			DMD Certamente muito diferente
			DMM hoje muito diferente!
			DMD É muito triste não te ver mais nunca
	Paciência...		DMM Paciencia...
	Faz de conta que nunca te conheci!		DMD Paciência...
			DMM conheci... DMD conheci
			DMM Como doi não poder te ver!
	Conseguiste esquecer...		DMM esquecer, por isto
20	Por isto não sofreste		DMD esquecer...
	Como eu sofri!		DMM não sofreste como eu sofri!
			DMD Por isto não sofreste
			DMD sofri
			DMM Paciencia... paciencia...
	<u>Eulálio Motta.</u>		DMM Faz de conta que nunca te conheci!
			DMD Eulálio Motta.
			DMM E o demônio da recordação
			DMM continua atormentando...

Edy:- desculpe o chatismo que corre por conta de um demônio:- o

Demônio das recordações!

DMD recordações | DMM [Eulálio
Motta]
DMM 1-9-85

4.1.2.71 Fotografia de 1933...

O poema é composto por dois testemunhos. Sendo um testemunho manuscrito encontrado no MA (EH1.827.CL.06.001) e outro datilografado encontrado no DA (EC1.47.CV1.22.008).

Descrição física dos testemunhos

FTM

A folha mede 144mm de largura por 205mm de altura. A mancha escrita corresponde a 20 linhas. O poema é composto por quatro estrofes. Não há acréscimos, rasuras ou correção do autor. O documento foi escrito com tinta azul. A conservação do documento é boa, embora já esteja levemente amarelado e possua manchas na parte superior da margem direita.

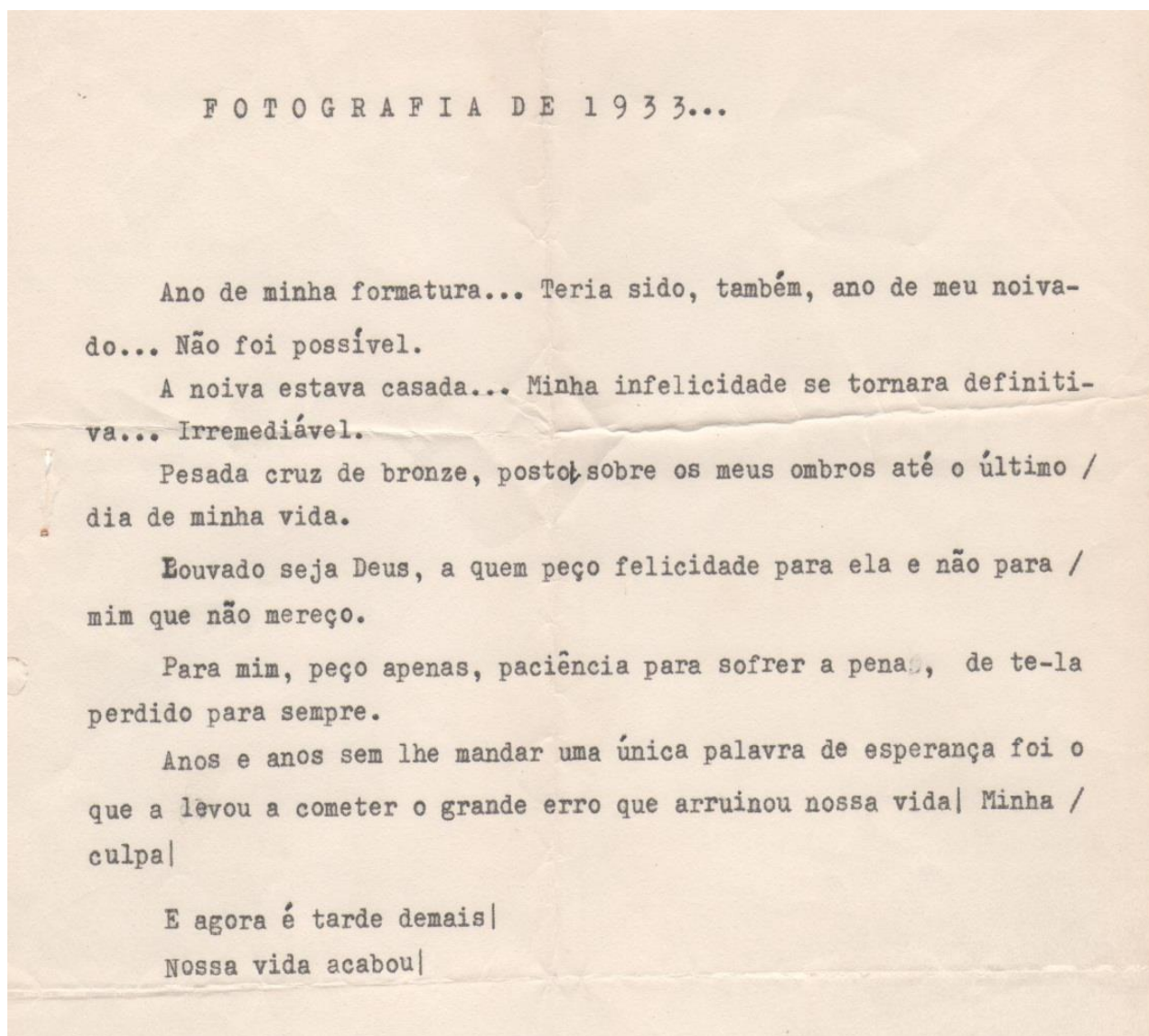
FTD

A folha mede 215mm de largura por 315mm de altura. A mancha escrita do texto se constitui de 16 linhas. A estrutura do fragmento se assemelha a um texto em prosa. Não há rasuras, correção ou acréscimo do autor. Verificou-se que na linha oito o datilógrafo datilografou a letra L sobre a letra P. A tinta utilizada na escrita do documento é preta. A conservação do documento é boa.

Análise das variantes

A análise das variantes mostra uma organização diferente dos versos entre os testemunhos, ou seja, o FTM apresenta quebra de versos em relação ao FTD. O título do FTD também se diferencia do FTM. No FTM o autor escreve “1933... Fotografia...” É um título mais enxuto. Já no FTD tem-se “Fotografia de 1933”. No FTD o título chega mais rápido a ideia central do texto que foi descrever o que deveria ter ocorrido em 1933, mas não ocorre devido a escolhas feitas pelo Eu-lírico em sua vida. Além disso, o texto apresenta variações com relação a pontuação e oscilação de maiúscula para minúscula da primeira letra da palavra quem na L. 8. Observa-se ainda que as palavras acentuadas no FTD aparecem sem acento no FTM. Provavelmente isso ocorre porque na escrita datilografada o autor tenha tido mais

cuidado, já que se tratava, conjectura-se, da versão final. Desse modo, o FTD foi elencado como texto de base. Já que apresenta maior cuidado estrutural e no conteúdo.

Figura 108: Fac-símile do poema *Fotografia de 1933...* (EC1.47.CV1.22.008)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

FTD

FOTOGRAFIA DE 1933...

	Ano de minha formatura... Teria sido, também, ano de meu noiva-	FTM 1933... FOTOGRAFIA... FTD FOTOGRAFIA DE 1933...
	do... não foi possível.	FTM formatura. Teria sido FTD formatura... Teria sido, ano de meu noiva-
	A noiva estava casada... Minha infelicidade se tornara definiti-	FTM tambem, ano de meu noivado. FTD do... não foi possível. FTM Não foi possível... A noiva estava
5	va... Irremediável.	FTD A noiva estava casada... Minha infelicidade se tornara definiti- FTM casada. Minha infelicidade FTD va... Irremediável.
	Pesada cruz de bronze, posto sobre os meus ombros até o último /	FTM se tornara definitiva. Irremedi- FTD Pesada cruz de bronze, posto sobre os meus ombros até o último /
	dia de minha vida.	FTM ável... Pesada cruz de bronze FTD dia de minha vida.
	Louvado seja Deus, a quem peço felicidade para ela e não para/	FTM imposta até o ultimo dia de mi- FTD Louvado seja Deus, a quem peço felicidade para ela e não para/
	mim que não mereço.	FTM nha vida! FTD mim que não mereço.
10	Para mim, peço apenas, paciência para sofrer a pena, de tê-la	FTM Louvado seja Deus, FTD pena{s}, de te-la
	perdido para sempre.	FTM a Quem peço felicidade para FTD perdido para sempre.
	Anos e anos sem lhe mandar uma única palavra de esperança foi o	FTM ela e não para mim que não FTD Anos e anos sem lhe mandar uma única palavra de esperança foi o
	que a levou a cometer o grande erro que arruinou nossa vida!	FTM mereço...
	Minha/	FTD que a levou a cometer o grande erro que arruinou nossa vida! Minha/
	culpa!	FTM Para mim, peço apenas, FTD culpa!
15	E agora é tarde demais!	FTM a Deus, paciencia para sofrer a FTD E agora é tarde demais
	Nossa vida acabou!	FTM pena irreparavel de a ter per- FTD Nossa vida acabou FTM /*dido/ para sempre...
		FTM É tarde demais! FTM Nossa vida acabou!

FTM 29-4-986

FTM [Eulálio Motta]

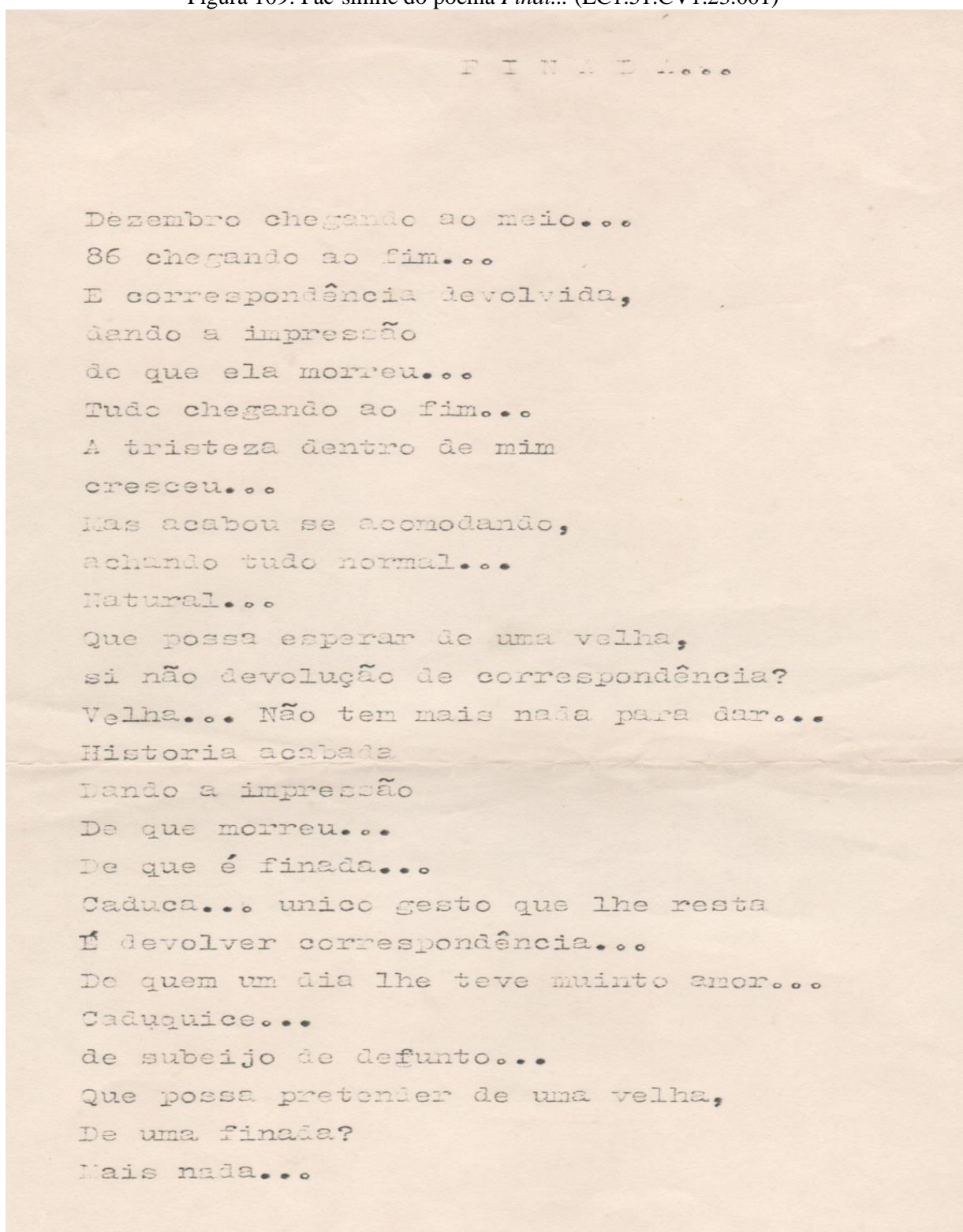
4.1.2.72 Final...

Foi encontrado um único testemunho do poema editado no DA (EC1.51.CV1.23.001).

Descrição física do testemunho

FND

A folha mede 217mm de largura por 329mm de altura. A mancha escrita do testemunho se constitui de 27 linhas. O fragmento é composto por uma única e longa estrofes. Não há rasuras, emendas ou acréscimos do autor. A tinta utilizada na escrita do texto é preta. A conservação do testemunho é boa. O título encontra-se um pouco apagado, mas ainda é possível lê-lo.

Figura 109: Fac-símile do poema *Final...* (EC1.51.CV1.23.001)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

FND³⁵

FINAL...

Dezembro chegando ao meio...

86 chegando ao fim...

E correspondência devolvida,

5 dando a impressão

de que ela morreu...

Tudo chegando ao fim...

A tristeza dentro de mim

cresceu...

10 Mas acabou se acomodando,

achando tudo normal...

Natural...

Que possa esperar de uma velha,

si não devolução de correspondência?

15 Velha... Não tem mais nada para dar...

Historia acabada

Dando a impressão

De que morreu...

De que é finada...

20 Caduca... único gesto que lhe resta

FND unico

É devolver correspondência...

De quem um dia lhe teve muito amor...

Caduquice...

de sobejo de defunto...

FND subeijo

25 Que possa pretender de uma velha,

De uma finada?

³⁵ Embora o poema não contenha data, conjectura-se que corresponda á dezembro de 1986, data que aparece nos dois primeiros versos do poema.

Mais nada...

4.1.2.73 Se...

O poema possui um único testemunho no DA (EC1.39.CV1.21.011).

Descrição física do testemunho

SD

A folha do testemunho mede 215mm de largura por 315mm de altura. A mancha escrita do testemunho se constitui de 27 linhas. O fragmento é composto por apenas uma estrofe longa. Não há rasuras, correção ou acréscimo do autor. A tinta utilizada na escrita do texto é preta. A conservação do texto é boa.

Figura 110: Fac-símile do poema *Se...* (EC1.39.CV1.21.011)

Se...
Perguntam-me:
Se ela quizesse voltar,
Você toparia?
Esta pergunta não tem razão de ser.
Porque há muitos anos
Ela deixou de lembrar de mim.
Para ela, há muitos anos morri.
Doi. Mas é verdade.
Sessenta e tantos anos,
De descaso... de silêncio,
Não deixam margem
A se pensar em voltar...
Voltar para que?
Para se repetir o silêncio, o descaso, a indiferência?
Eis porque minha resposta,
A tal pergunta é esta: - Não!
E creio que a resposta dela
Seria a mesma: Não!
A verdade é esta:
Ela não me interessa mais...
Eu não lhe interessei mais...
Para sessenta e tantos anos
De silêncio,
Resta apenas, um nunca mais...
É doloroso... Mas é verdade...

EULALIO MOTTA

Texto crítico com aparato

SD³⁶

Se...

- Perguntam-me:
 Se ela quisesse voltar, SD *quizesse*
 Você toparia?
- 5 Esta pergunta não tem razão de ser.
 Porque há muitos anos
 Ela deixou de lembrar de mim.
 Para ela, há muitos anos morri.
 Dói. Mas é verdade. SD *Doi*
- 10 Sessenta e tantos anos,
 De descaso... de silêncio,
 Não deixam margem
 A se pensar em voltar...
 Voltar para que?
- 15 Para se repetir o silêncio, o descaso, a indiferença? SD *indiferença?*
 Eis porque minha resposta,
 A tal pergunta é esta: - Não! SD *Não |*
 E creio que a resposta dela
 Seria a mesma: Não! SD *Não |*
- 20 A verdade é esta:
 Ela não me interessa mais...
 Eu não lhe interessei mais...
 Para sessenta e tantos anos
 De silêncio,
- 25 Resta apenas, um nunca mais...
 É doloroso... Mas é verdade...

Eulalio Motta

³⁶ Nas linhas 17 e 19 aparece o símbolo “|”. O estudo dos textos do autor permite conjecturar-se que o símbolo equivale ao ponto de exclamação.

4.1.2.74 Tristeza resignada

Foram identificados dois testemunhos do poema ora editado no DA (EC1.45.CV1.22.006).

Descrição física dos testemunhos

TRD1

A folha do testemunho mede 215mm de largura por 315mm de altura. A mancha do documento se constitui de 24 linhas. O fragmento é composto por três estrofes. Há rasuras no corpo do texto e acréscimo do autor na margem direita do texto. Observa-se que a primeira letra do último verso do poema foi suprimida, provavelmente no momento em que o texto foi datilografado. Conjectura-se que tenha sido um erro do datilógrafo. A tinta utilizada na escrita do documento é azul e preta. A conservação do documento é boa.

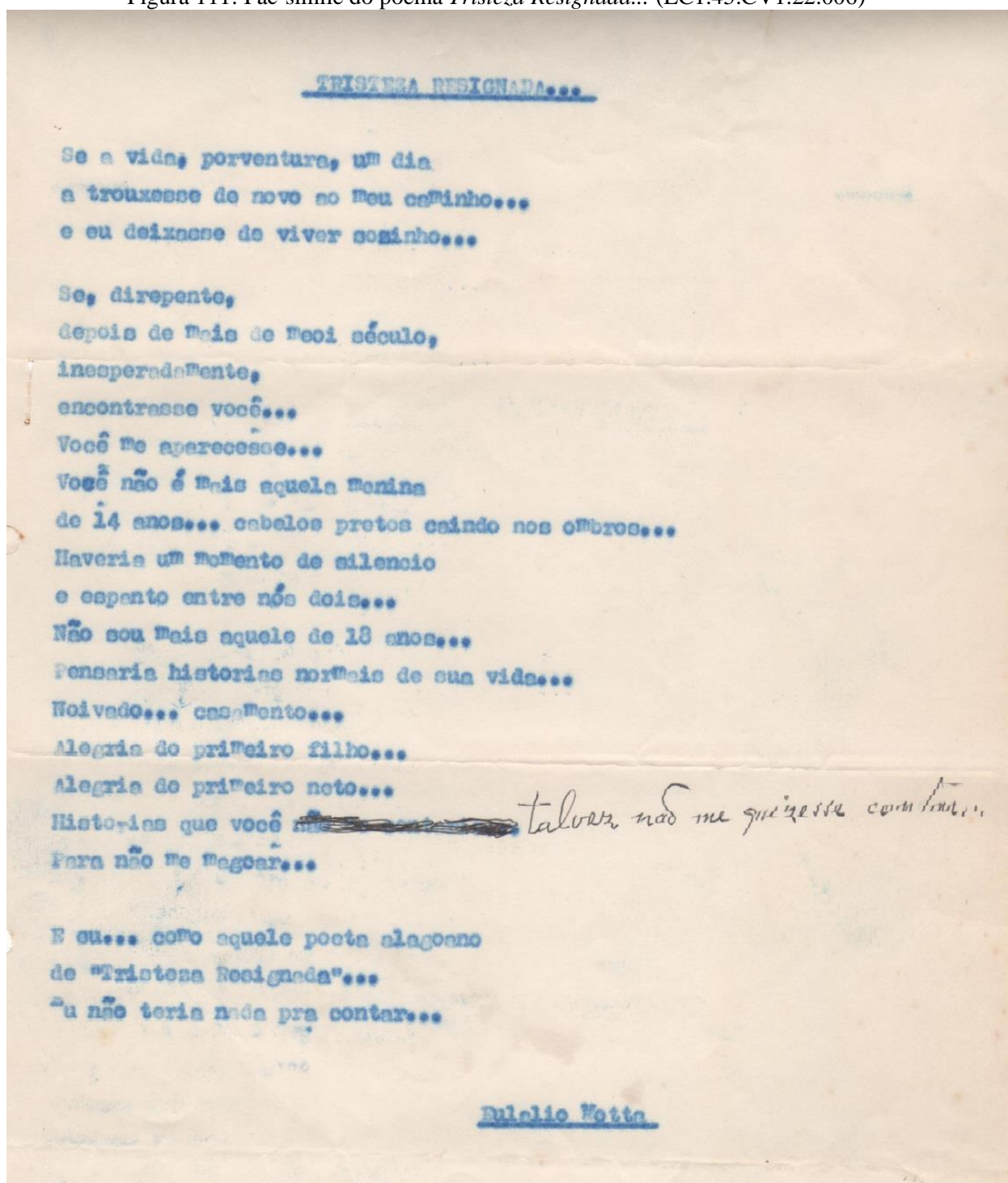
TRD2

A folha mede 215mm de largura por 315mm de altura. A mancha do documento se constitui de 24 linhas. O fragmento é composto por três estrofes. Há rasuras no corpo do texto e acréscimo do autor na margem direita do texto. Observa-se que a primeira letra do último verso do poema foi suprimida, provavelmente no momento em que o texto foi datilografado. Conjectura-se que tenha sido um erro do datilógrafo. A tinta utilizada na escrita do documento é azul e preta. A conservação do documento é boa.

Análise das variantes

A análise das variantes do poema *Tristeza resignada* permitiu a conjecturarão de que os testemunhos impressos em carbono foram produzidos no mesmo momento. São, portanto exatamente iguais. O autor, porém, fez intervenções utilizando-se de tinta preta para fazer um cancelamento na linha dezenove e, em seguida acrescentar o texto “talvez não me quizesse contar”. No testemunho TRD1 observa-se que nesse acréscimo o autor escreveu as palavras “talvez” e “me” na entrelinha superior. Já no testemunho TRD2 todas as palavras estão

linearmente escritas. De modo que, este último foi o escolhido como texto de base. Ao comparar os testemunhos, observa-se que o autor burilou os dois testemunhos a fim de chegar ao mesmo texto. Estes testemunhos corroboram a assertiva defendida pela crítica genética de que o texto não é fechado, mas sim aberto. Mesmo depois de impresso um texto pode ser revisto pelo autor.

Figura 111: Fac-símile do poema *Tristeza Resignada...* (EC1.45.CV1.22.006)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

TRD2

TRISTEZA RESIGNADA...

Se a vida, porventura, um dia
a trouxesse de novo no meu caminho...
e eu deixasse de viver sozinho...

- 5 Se, de repente,
depois de mais de meio século,
inesperadamente,
encontrasse você...
Você me aparecesse...
- 10 você não é mais aquela menina
de 14 anos... cabelos pretos caindo nos ombros...
Haveria um momento de silencio
e espanto entre nós dois...
Não sou mais aquele de 18 anos...
- 15 Pensaria histórias normais de sua vida...
Noivado... casamento...
Alegria do primeiro filho...
Alegria do primeiro neto...
histórias que você talvez não me quizesse contar...
- 20 para não me magoar...

TRD1 TRD2 **direpente,**

TRD1 TRD2 **meoi**

TRD1 {†} [↑talvez] [→ não] [↑ me] [→ quizesse contar]
TRD2 {†} [→talvez não me quizesse contar...]

E eu... como aquele poeta alagoano
de “Tristeza resignada”...
eu não teria nada pra contar...

TRD1 TRD2 {†}/*eu\

[Eulalio Motta]

4.1.2.75 Ela

O poema possui apenas um único testemunho no MA (EH1. 853.CL.08.007).

Descrição física do testemunho

ELM

A folha mede 197mm de largura por 250mm de altura. A mancha escrita corresponde a 29 linhas. É composto por sete estrofes. Não há acréscimos. ou correção do autor, mas há o cancelamento da penúltima estrofe. O documento foi escrito com tinta preta.

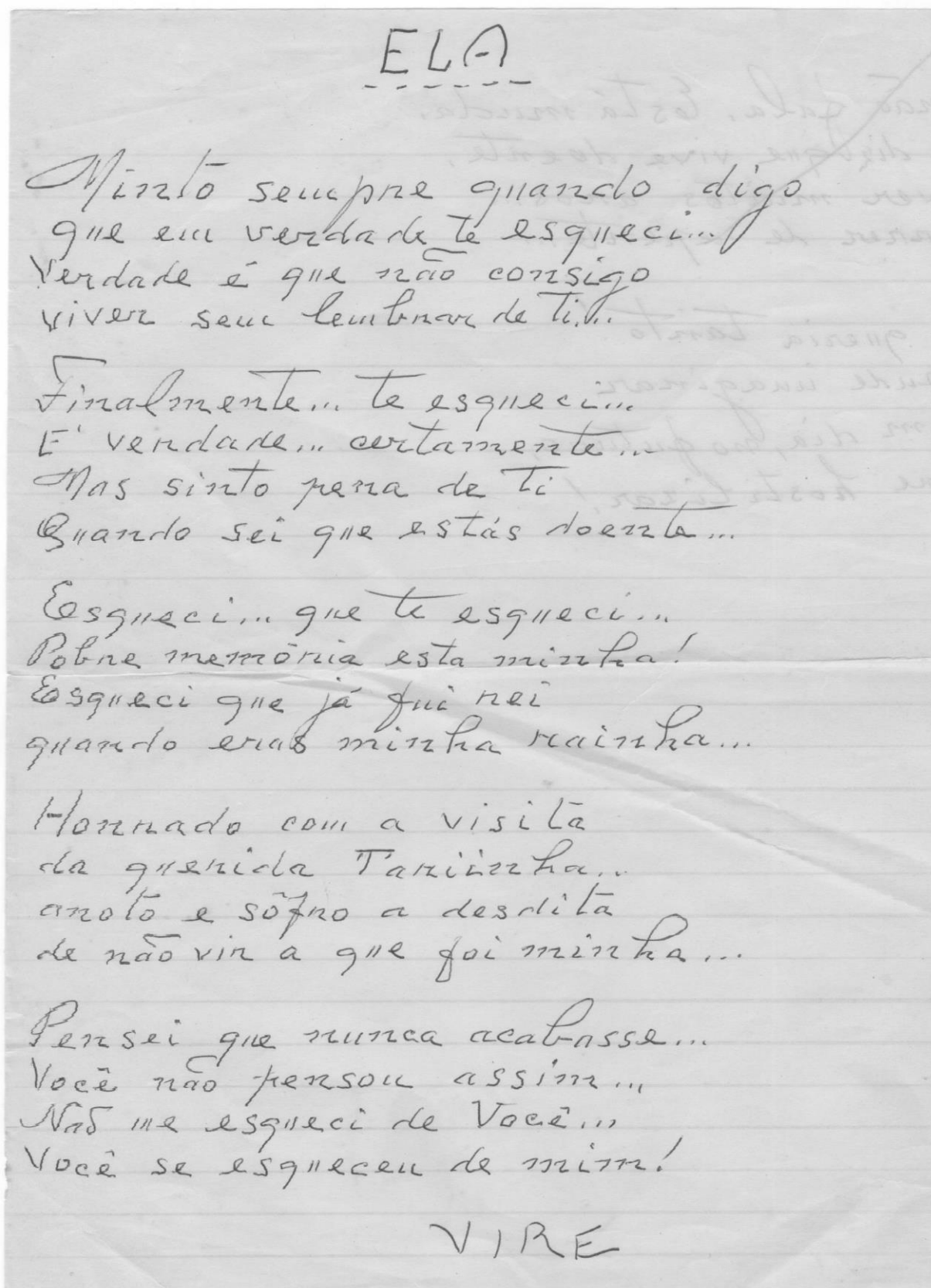
Figura 112: Recto do fac-símile do poema *ela* (EH1. 853.CL.08.007)

Figura 113: Verso do fac-símile do poema *Ela* (EH1. 853.CL.08.007)

~~Você não fala, Está muda,
Não me diz que vive doente,
Pode viver muitos anos...
Pode morrer de repente...~~

Ela me queria tanto!
Nunca pude imaginar
que algum dia, no futuro,
pudesse me hostilizar!

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

ELM³⁷

ELA

Minto sempre quando digo
que em verdade te esqueci...
Verdade é que não consigo
5 viver sem lembrar de ti...

Finalmente... te esqueci...
É verdade... certamente...
mas sinto pena de ti
Quando sei que estás doente...

10 Esqueci... que te esqueci...
Pobre memória esta minha!
Esqueci que já fui rei
quando eras minha rainha...

Honrado com a visita
15 da querida Tariinha...
anoto e sofro a desdita
de não vir a que foi minha...

ELM /*...\
ELM **sôfro**

Pensei que nunca acabasse...
Você não pensou assim...
20 Não me esqueci de Você...
Você se esqueceu de mim!

ELM **VIRE**

ELM {Você não fala, está muda,

Não me diz que vive doente,

Pode viver muitos anos...

25

³⁷ No testemunho Ela, embora se trate de um monotestemunhal, se observa que o autor burilou o texto durante o processo de sua escrita, cancelando uma estrofe localizada entre as linhas 22 a 26.

Pode morrer de repente...}

Ela me queria tanto!
Nunca pude imaginar
que algum dia, no futuro,
pudesse me hostilizar!

ELM podesse

4.1.2.76 Saudade de Monte Alegre!³⁸

O poema dispõe de um único testemunho no MA (EH1.806.CL.03.010). Contudo, verificou-se que a terceira estrofe deste poema aparece em outros cinco testemunhos. São eles: dois testemunhos do texto heterogêneo *Opinião* (EH1.809.CL.04.003) no MA, e uma quadra identificada no caderno *Meu caderno de trovas* (A13.CV1.13.001) no fólio 10v, dois testemunhos do poema *De meu caderno de trovas* (EH1.823.CL.05.007)³⁹ no MA. Assim, foi feita a confrontação dos testemunhos aqui arrolados com o intuito de identificar as variações na estrofe supracitada. Esta ação é importante para compreender como o autor reaproveitava fragmentos de seus textos em outras escritas.

Descrição física dos testemunhos

DTMCTC

Testemunho foi encontrado no caderno *Meu caderno de trovas* fólio 10v. com o título *Destruida*. Há nesse fólio mais três quadras intituladas respectivamente: *Motivo*, *Fatalismo* e *Telefone*. A mancha escrita do fólio em questão possui 19 linhas. A quadra *Destruida* ocupa as linhas de 1 a 5. O texto foi escrito em tinta azul e vermelha, sendo que em vermelho o autor escreveu os títulos de cada quadra e a numeração que usou para numerar as quadras do fólio. Estes números foram: 86 (*cancelado*), 56, 57, 58 e 59. Os números de 57 a 59 foram frutos de emendas em tinta vermelha. Originalmente havia a numeração 8 no lugar do 5 (86, 87, 88, 89). O fólio possui marcas de cancelamento e indício de correção do autor em tinta preta. O fólio mede 210mm x 150mm. A data que aparece no final do livro é 1987.

SMM

A folha mede 196mm de largura por 249mm de altura. A mancha escrita corresponde a 20 linhas. O poema é composto por cinco estrofes, porém uma destas foi cancelada. O estado de conservação do documento é bom.

³⁸ Por não possuir título optou-se por inserir o primeiro verso do poema como título do texto.

³⁹ Descrição física dos testemunhos em que aparece uma estrofe do poema ora editado: vide página: *Opinião* (p. 315); poema *De meu caderno de trovas* (p. 307).

Análise das variantes

O poema aqui intitulado com o seu primeiro verso “Saudade de Monte Alegre!” possui uma estrofe cancelada entre as linhas 13 e 16. Essa estrofe se assemelha muito a estrofe que vem logo acima. Ambas estão se referindo a uma casa destruída. A casa da mulher amada pelo eu-lírico. A estrofe que se inicia na linha 9 aparece em mais três outros poemas. Na edição do testemunho heterogêneo intitulado Opinião (OPM2) encontra-se a análise mais detalhada das variações encontradas nessa estrofe. O que mais salta aos olhos na estrofe em questão é a variação que ocorre no verso onze do texto ora editado. Além do verbo apagar que nas demais variantes aparece no pretérito e no testemunho SMM aparece no presente.

Figura 114: Fac-símile do poema *Saudade de Monte Alegre* (EH1.806.CL.03.010)

Saudade de Monte Alegre!
 Saudade de minha vida!
 Mas agora... que tristeza!
 Sou gente desconhecida!

Monte Alegre do passado
 era muito diferente...
 Havia ela e eu ouvamos...
 naquele tempo era gente

A casa onde ela morava,
 totalmente destruída...
 mais um sinal que se apaga
 na história de minha vida!

~~Totamente destruída~~
 a casa onde ela morava...
 na casa onde ela vivia
 agora vive a saudade

A sua casa desfeita...
 É tristeza de verdade...
 Na casa onde ela morava
 agora mora a saudade!

Texto crítico com aparato

SMM

Saudade de Monte Alegre!
Saudade de minha vida!
Mas agora... que tristeza!
Sou gente desconhecida!

5 Monte Alegre do passado...
era muito diferente...
Havia ela... eu amava...
naquele tempo era gente

A casa onde ela morava,
10 totalmente destruída...

mais um sinal que se apaga

na história de minha vida!

DMCM1 OPM1 OPM2 SMM DTMCTC morava, DMCM2 morava

DMCM1 DMCM2 DTMCTC Totalmente destruída...
OPM1 totalmente destruída!
OPM2 /80*/ totalmente destruída!
SMM totalmente destruída...

DMCM1 DMCM2 [←80] Mais um sinal que se apaga
DTMCTC Mais uma luz se apagou
OPM1 Mais um sinal {que} se apagou
OPM2 Mais uma luz {que} se apagou
SMM mais um sinal que se apaga

DMCM1 DMCM2 na história de minha vida...
OPM1 OPM2 SMM na história de minha vida!
DTMCTC Na história de minha vida!

SMM {Totalmente destruída

a casa onde ela morava...

na casa onde ela vivia

agora vive a sauda}

15

A sua casa desfeita...
É tristeza de verdade...
Na casa onde ela morava
20 agora mora a saudade!

4.1.2.77 Edy:(2)

Foi encontrado apenas um testemunho deste texto no MA (EH1.805.CL.03.009).

Descrição física dos testemunhos

EDM(2)

A folha mede 216 mm de largura por 329mm de altura. A mancha escrita corresponde a 12 linhas. O texto se constitui de uma espécie de dedicatória de outro poema para Edy e em seguida uma quadra. Não há rasuras, emendas, ou marca de correção do autor. A tinta da escritura do documento é azul. O documento está em bom estado de conservação

Figura 115: Fac-símile do poema *Edy* (2) (EH1.805.CL.03.009)

Edy:

Escrevi este poema - Bom Sucesso - especial-
mente para Você. Escrevi-o com a cabeça chei-
na de Você. Para lembrar um dos melhores
momentos do nosso tempo de namorados.
Espero que você desista de seu maneio com
quem vive a vida toda lhe tendo amor.
Você! Somente Você!

No passado você quis...
Quis, de verdade, ser minha...
Eu seria um rei feliz,
sendo Você a Rainha!

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

EDM(2)⁴⁰

Edy:

- Escrevi este poema – Bom Sucesso – especialmente para Você. Escrevi-o com a cabeça cheia de Você. Para lembrar um dos melhores
- 5 momentos do nosso tempo de namorados.
- Espero que você desista de seu rancor contra quem viveu a vida toda lhe tendo amor.
- Você! Somente Você
- No passado Você quis...
- 10 Quis, de verdade, ser minha...
- Eu seria um rei feliz
- Sendo Você a Rainha!
- EDM(2) /*contra\
- EDM(2) quiz...
- EDM(2) quiz...

⁴⁰ Foi colocado o número dois entre parênteses logo após o título do texto ora editado por haver mais de um texto com o título Edy.

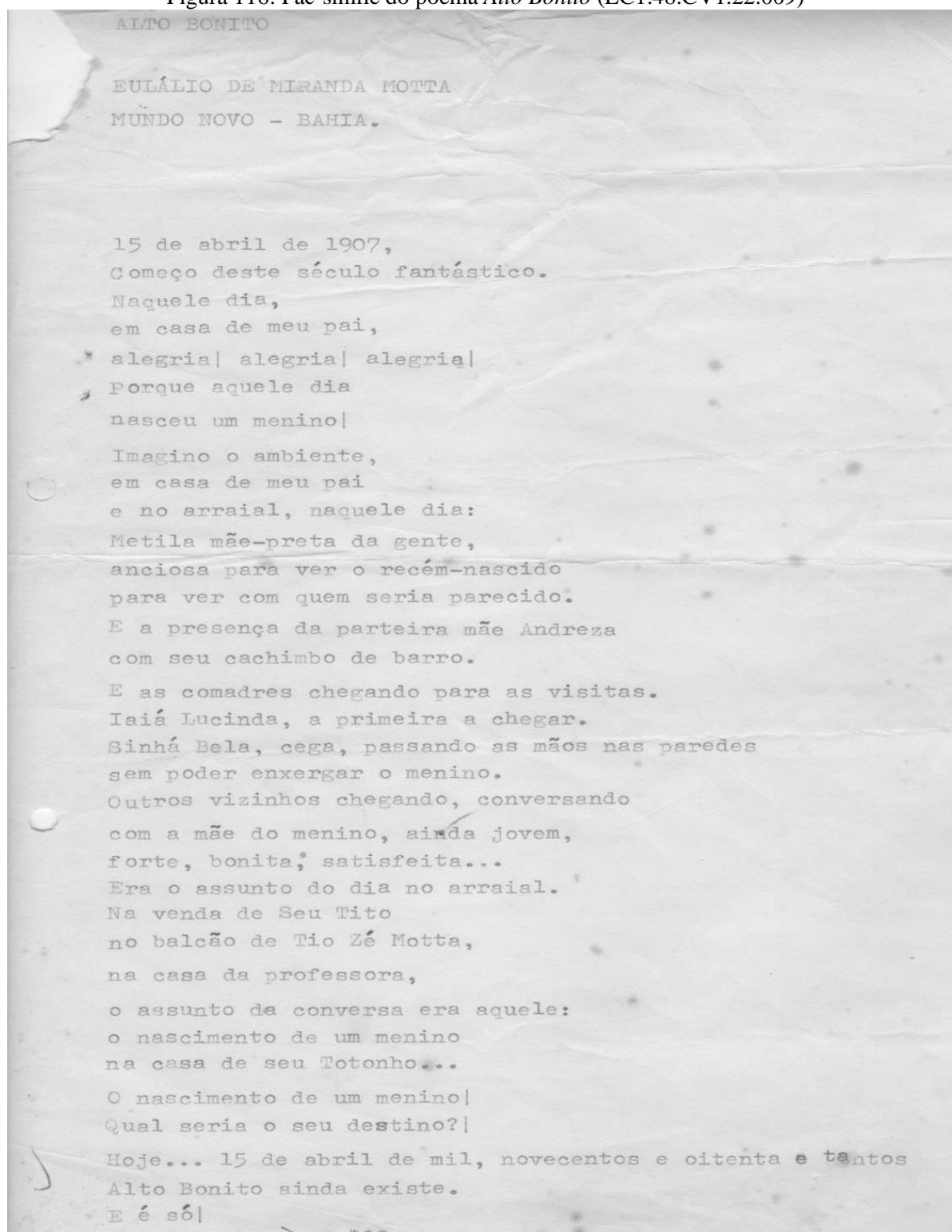
4.1.2.78 Alto Bonito

O testemunho possui um único testemunho no DA (EC1.48.CV1.22.009).

Descrição do testemunho

ABD

A folha mede 216mm de largura por 315mm de altura. A mancha do documento se constitui de 67 linhas e cinco estrofes. Não há rasuras, correção ou acréscimos do autor. A tinta utilizada na escrita do documento é preta. O texto foi escrito no recto e verso de uma folha avulsa. A conservação do documento é relativamente boa. Porém, há pequenas manchas no papel e um fragmento rasgado na parte superior esquerda do recto, próximo ao título. Mas não compromete a legibilidade do texto.

Figura 116: Fac-símile do poema *Alto Bonito* (EC1.48.CV1.22.009)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Figura 117: Fac-símile do poema *Alto Bonito* (EC1.48.CV1.22.009)

continuação

Metila não existe mais.
Não existe mais o pai do menino.
Não existe mais a mãe do menino.
Mãe Andreza não existe mais.
Nem Iaiá Lucinda.
Nem seu Tito.
Nem seu Antônio Secundo.
Nem Tio Zé Motta.
Nem Tio Olavo.
Nem o menino.
O menino também não existe mais!
A velha mangueira da praça,
carregada de mangas e passarinhos
também não existe mais.
Nem a capoeira de cansa-cavalo
da casa de Búia.
Ninguém dá notícia de Pedro de Búia.
Nem de Pedro Zóio
Nem de Zé Trapaiado.
Os passarinhos desapareceram.
Vítimas das arapucas, para as gaiolas das cidades.
Cortaram, queimaram, destruíram
os umbuzeiros do pasto de Amado Bahia.
Fonte de alegrias das crianças do arraial,
destruíram!
Alto Bonito está muito diferente!
Automóveis... Ônibus... Luz elétrica... Televisão...
Aquele Alto Bonito bucólico
de Mãe Andreza
com seu cachimbo de barro
se acabou!

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

ABD⁴¹

ALTO BONITO

EULÁLIO DE MIRANDA MOTTA

MUNDO NOVO – BAHIA.

15 de abril de 1907,

5 Começo deste século fantástico.

Naquele dia,

em casa de meu pai,

alegria! Alegria! Alegria!

ABD alegria | Alegria | Alegria |

Porque aquele dia

10 nasceu um menino!

ABD menino |

Imagino o ambiente,

em casa de meu pai

e no arraial, naquele dia:

Metila mãe preta da gente,

15 ansiosa para ver o recém-nascido

ABD ansiosa

para ver com quem seria parecido.

E a presença da parteira mãe Andreza

com seu cachimbo de barro.

E as comadres chegando para as visitas.

20 Iaiá Lucinda, a primeira a chegar.

Sinhá Bela, cega, passando as mãos nas paredes
sem poder enxergar o menino.

Outros vizinhos chegando, conversando
com a mãe do menino, ainda jovem,

25 forte, bonita, satisfeita...

Era o assunto do dia no arraial.

Na venda de Seu Tito

no balcão de tio Zé Motta,

na casa da professora,

30 o assunto da conversa era aquele:

⁴¹ Em alguns versos o autor utilizou o símbolo “|”. A pesquisa no acervo possibilita a conjectura de que tal símbolo seja o equivalente ao sinal de exclamação.

- O nascimento de um menino
na casa de seu Totonho...
O nascimento de um menino! ABD menino |
Qual seria o seu destino?! ABD destino? |
- 35 Hoje...15 de abril de mil, novecentos e oitenta e
tantos
Alto Bonito ainda existe.
E é só! ABD E é só |

continuação
- Metila não existe mais.
Não existe mais o pai do menino.
Não existe mais a mãe do menino.
- 40 Mãe Andressa não existe mais.
Nem Iaiá Lucinda.
Nem seu Tito.
Nem seu Antônio Secundo.
Nem tio Zé Motta.
- 45 Nem Tio Olavo
Nem o menino.
O menino também não existe mais! ABD mais |
A velha mangueira da praça,
carregada de mangas e passarinhos
- 50 também não existe mais.
Nem a capoeira de cansa-cavalo
da casa de búia.
- Ninguém dá notícia do Pedro de búia. ABD Ninguém
Nem de Pedro Zóio
- 55 Nem de Zé trapaiado.
- Os passarinhos desapareceram.
Vítimas das arapucas, para as gaiolas das cidades.
- Cortaram, queimaram, destruíram
os umbuzeiros do pasto de Amado Bahia.
- 60 Fonte de alegria das crianças do arraial,
destruíram ! ABD destruíram |

Alto Bonito está muito diferente! ABD diferente |
Automóveis... Ónibus... Luz elétrica... Televisão...
Aquele Alto Bonito Bucólico
65 de Mãe Andreza
com seu cachimbo de barro
se acabou! ABD acabou |

4.1.2.79 Trovas...(2)

Foram encontrados dois manuscritos avulsos no DA (EC1.43.CV1.22.004).

Descrição física do testemunho

TVD1

A folha mede 218mm de largura por 316mm de altura. A mancha escrita do testemunho se constitui de 22 linhas. O fragmento é composto por cinco estrofes. Não há rasuras, correção ou acréscimos do autor. A tinta utilizada na escrita do texto é azul. A conservação do datiloscrito é boa. Há uma mancha possivelmente referente a material metálico.

TVD2

A folha mede 215mm de largura por 316mm de altura. A mancha escrita do testemunho se constitui de 22 linhas. O fragmento é composto por cinco estrofes. Não há rasuras, correção ou acréscimos do autor. A tinta utilizada na escrita do texto é preta. A conservação do datiloscrito é boa.

Análise das variantes

Não foi identificado variação entre os dois testemunhos encontrados do poema Trovas... Conjectura-se que o testemunho de base seja o TVD2 escrito em tinta preta pela melhor qualidade da tinta. O conteúdo, porém, não possui variações.

Figura 118: Fac-símile do poema *Trovas...* (2) (EC1.43.CV1.22.004)T R O V A S . . .

Você diz que não sou triste...
Que triste nunca me vê...
É que o triste fica alegre
quando fala com você...

Pedi-te um beijo Negaste...
O beijo-estive pensando...
não se consegue pedindo
só se consegue beijando...

Não se pede o que se tem...
Entretanto - é singular-
eu que te suplico um beijo...
Tenho beijos pra te dar...

Diz alguém que o céu é longe...
Não acho que esteja certo...
Quando vejo tua casa
Percebo que o céu é perto...

Pilheriando te digo...
que vivo doído te amando...
Porém nem sempre é pilheria
o que se diz pilheriando...

Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

TVD2

TROVAS...

- Você diz que não sou triste...
Que triste nunca me vê...
É que o triste fica alegre
5 quando fala com você...
- Pedi-te um beijo Negaste...
O beijo-estive pensando...
não se consegue pedindo
só se consegue beijando...
- 10 Não se pede o que se tem...
Entretanto – é singular–
eu que te suplico um beijo...
Tenho beijos pra te dar...
- Diz alguém que o céu é longe...
15 Não acho que esteja certo...
Quando vejo tua casa
Percebo que o céu é perto...
- Pilheriando te digo
que vivo doido te amando...
20 Porém nem sempre é pilheria...
o que se diz pilheriando...

[Eulálio Motta]

4.1.2.80 Ponto final

Foram encontrados dois testemunhos do poema ora editado no DA (EC1.36.CV1.21.008).

Descrição física dos testemunhos

PFD1

A folha mede 215mm de largura por 315mm de altura. A mancha escrita do documento se constitui de 33 linhas. O fragmento é composto por 2 estrofes. Não há rasuras, correção ou acréscimo do autor. Verificou-se que alguns versos do datiloscrito encontra-se mais clara que os demais. A tinta utilizada na escrita do texto é preta. A conservação do testemunho é boa. Há, porém, pequenas manchas no papel.

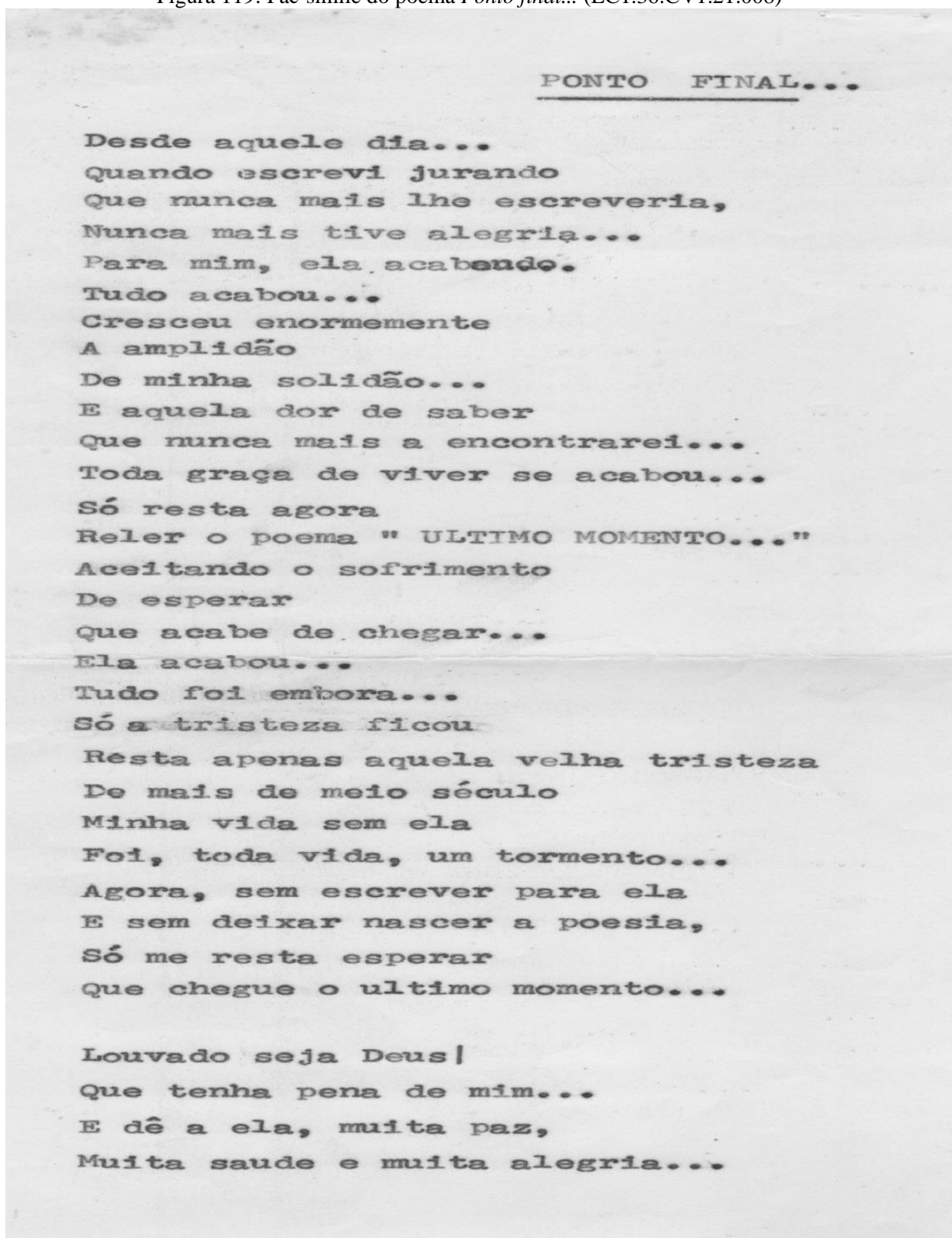
PFD2

A folha mede 215mm de largura por 315mm de altura. A mancha escrita do documento se constitui de 33 linhas. O fragmento é composto por 2 estrofes. Não há rasuras, correção ou acréscimo do autor. A tinta utilizada na escrita do texto é preta. A conservação do testemunho é boa. Há, porém, manchas no papel.

Análise das variantes

Não se verificou variantes nos testemunhos, sendo feito apenas correção ortográfica. O que foi sinalizado no aparato. Verificou no texto o “|” sinal usado pelo autor no verso 30. Esse sinal já apareceu em outros textos datiloscritos do autor e verificou-se que em seus testemunhos manuscritos aparece no lugar desse sinal o ponto de exclamação. E, por isso, neste texto foi feita essa mesma substituição.

A análise das variantes e do suporte em que foi escrito o texto permite a conjectura de os testemunhos são na verdade duas cópias. Contudo, o PFD2 foi selecionado como texto de base por está mais conservado.

Figura 119: Fac-símile do poema *Ponto final...* (EC1.36.CV1.21.008)

Texto crítico com aparato

PFD2

PONTO FINAL...

- Desde aquele dia...
 Quando escrevi jurando
 Que nunca mais lhe escreveria,
 5 Nunca mais tive alegria...
 Para mim, ela acabando.
 Tudo acabou...
 Cresceu enormemente
 A amplidão
 10 De minha solidão...
 E aquela dor de saber
 Que nunca mais a encontrarei...
 Toda graça de viver se acabou...
 Só resta agora
 15 Reler o poema “ULTIMO MOMENTO...”
 Aceitando o sofrimento
 De esperar
 Que acabe de chegar...
 Ela acabou...
 20 Tudo foi embora...
 Só a tristeza ficou
 Resta apenas aquela velha tristeza
 De mais de meio século
 Minha vida sem ela
 25 Foi, toda vida, um tormento...
 Agora, sem escrever para ela
 E sem deixar nascer a poesia,
 Só me resta esperar
 Que chegue o último momento...

PFD2 **ultimo**

PFD1 PFD2 Deus |

- 30 Louvado seja Deus!
 Que tenha pena de mim...

E dê a ela, muita paz,
Muita saúde e muita alegria...

PFD1 PFD2 **saude**

4.1.2.81 Redondilhas

O poema manuscrito *Redondilha* (EH1.804.CL.03.008) trata-se de um texto monotestemunhal heterogêneo, ou seja, é uma compilação de três textos diversos: duas quadras e um poema formado por duas estrofes de quatro versos cada. Por ser um texto heterogêneo foi necessário confrontá-lo com testemunhos de outros textos do acervo. Assim, a fim de englobar os três textos identificados no testemunho avulso intitulado *Redondilha*, foram identificados oito testemunhos. São eles: uma quadra no fôlio 4v. do caderno *Meu caderno de trovas* (A13.CV1.13.001), dois testemunhos do poema *Opinião* no (EH1.809.CL.04.003) MA, dois testemunhos do poema sem título (Ninguém consegue dar fim) (EC1.34.CV1.21.006) no DA, uma quadra intitulada *Céu* no caderno *Meu caderno de trovas*, fôlio 7v e o poema *Trova*: (EH1.808.CL.04.002) no MA⁴².

Descrição física dos testemunhos

CUMCT

O testemunho CUMCT foi encontrado no caderno *Meu caderno de trovas*, fôlio 7v. O caderno tem as seguintes dimensões: 210mm x 150mm. A mancha escrita do testemunho corresponde a 20 linhas. Dessas a quadra *Ceu* ocupa as linhas de 6 a 10. No fôlio em questão foram escritas também as quadras *Infancia*, *Que tivesse* (cancelada pelo autor) e *Esqueci*. O autor numerou cada quadra, de modo que, a quadra *Ceu* recebeu a numeração 33. Neste fôlio os números utilizados pelo autor vão do 32 ao 35. A tinta de escrita do texto foi azul. Já a das numerações foi vermelha.

RDM

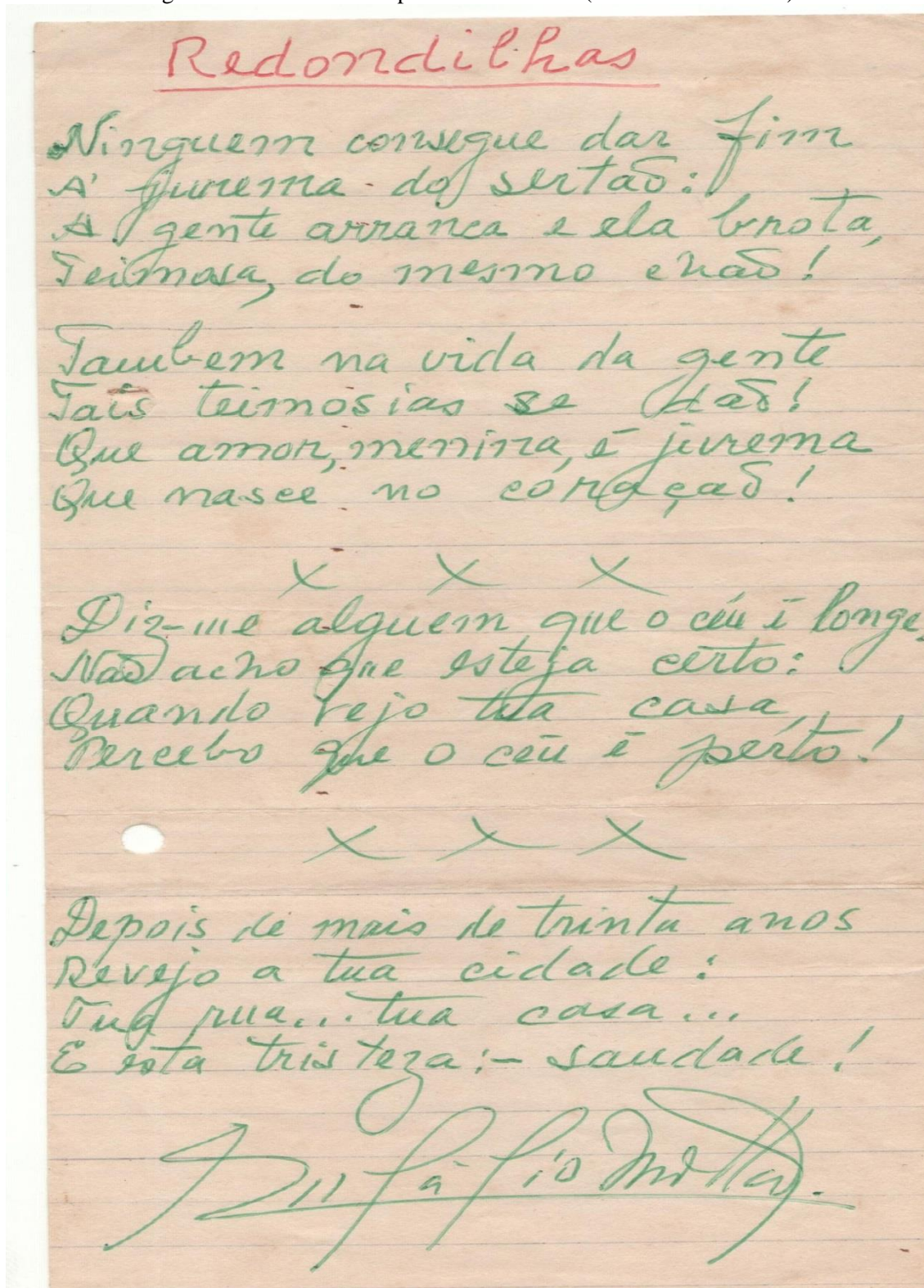
A folha mede 108mm de largura por 240 de altura. A mancha escrita corresponde a 18 linhas. O poema é composto por quatro estrofes, cada uma com quatro linhas. Não há marcas de correção, rasuras ou acréscimos no documento. O corpo do documento foi escrito com caneta verde e o título com caneta vermelha. A folha do documento encontra-se amarelada. O documento encontra-se em bom estado de conservação.

⁴² Descrição física dos testemunhos cuja quadra ou estrofes aparecem no poema ora editado. Vide página: quadra no fôlio 4v. do caderno *Meu caderno de trovas* (236); poema *Opinião* (p. 315); poema sem título (Ninguém consegue dar fim) no DA (p. 236); *Trova*: (p. 497).

Análise das variantes

Redondilha é um texto monotestemunhal de caráter heterogêneo, ou seja, possui mais de um texto no mesmo testemunho. Neste caso têm-se um poema sem título composto por duas estrofes, e duas quadras. É hábito do autor Eulálio Motta aproveitar fragmentos de seus poemas em outros textos. O poema supracitado composto por duas quadras e sem título aparece também nos testemunhos OPM1, OPM2, JMCT, NCD1 e NCD2. O mesmo ocorreu com as duas quadras que vem em seguida. Estas se repetem em outros textos do acervo do autor. A análise das variantes do poema sem título que ocupa as linhas de 2 a 9 já foi feita no texto também heterogêneo Opinião. Assim, nesta edição nos ateremos as variações que ocorrem nas duas últimas quadras.

Nas duas últimas quadras verifica-se que as variações de dão devido à mudanças de pontuação, oscilação entre maiúsculas e minúsculas. No final da escrita do texto o autor assina o seu nome “Eulálio Motta” no testemunho RDM e no testemunho TVM ele rubrica.

Figura 120: Fac-símile do poema *Redondilha* (EH1.804.CL.03.008)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

RDM

Redondilhas

	Ninguém consegue dar fim	JRMCT OPM1 OPM2 RDM Ninguem
	Á jurema dos sertão:	NCD1 NCD2 Ninguém
		JRMCT OPM2 à jurema do sertão .
		RDM Á jurema dos sertão :
		OPM1 NCD1 NCD2 á jurema do sertão ...
	A gente arranca e ela brota,	JRMCT OPM1 OPM2 RDM A
		NCD1 NCD2 a
5	Teimosa, do mesmo chão!	JRMCT NCD1 NCD2 teimosa , do mesmo chão ...
		RDM OPM1 Teimosa , do mesmo chão !
		OPM2 teimosa , do mesmo chão .
	Também na vida da gente	JRMCT 10 Tambem na vida da gente ,
		RDM OPM1 OPM2 Tambem na vida da gente
		NCD1 NCD2 Também na vida da gente
	Tais teimosias se dão!	JRMCT OPM1 tais teimosias se dão ...
		NCD1 NCD2 tais teimosias se dão ...
		RDM { Tais } / Tais \ teimosias se dão !
		OPM2 tais teimosias se dão
	Que amor, menina, é jurema	JRMCT OPM1 OPM2 NCD1 NCD2 que
		RDM Que
	Que nasce no coração!	JRMCT NCD1 NCD2 que nasce no coração ...
		RDM Que nasce no coração !
		OPM1 OPM2 que nasce no coração !
10	X X X	
	Diz-me alguém que o céu é longe.	CUMCT longe ...
		RDM Diz-me alguem que o céu é longe .
	Não acho que esteja certo:	CUMCT certo ...
		RDM certo :
	Quando vejo tua casa,	CUMCT casa
		RDM casa ,
	Percebo que o céu é perto!	CUMCT percebo
		RDM Percebo
15	X X X	
	Depois de mais de trinta anos	RDM anos TVAM anos ,
	revejo a tua cidade:	RDM cidade : TVAM cidade ...
	Tua rua... tua casa...	
	E esta tristeza: - saudade!	

20 [Eulálio Motta]

RDM [Eulálio Motta] TVAM [rubrica]

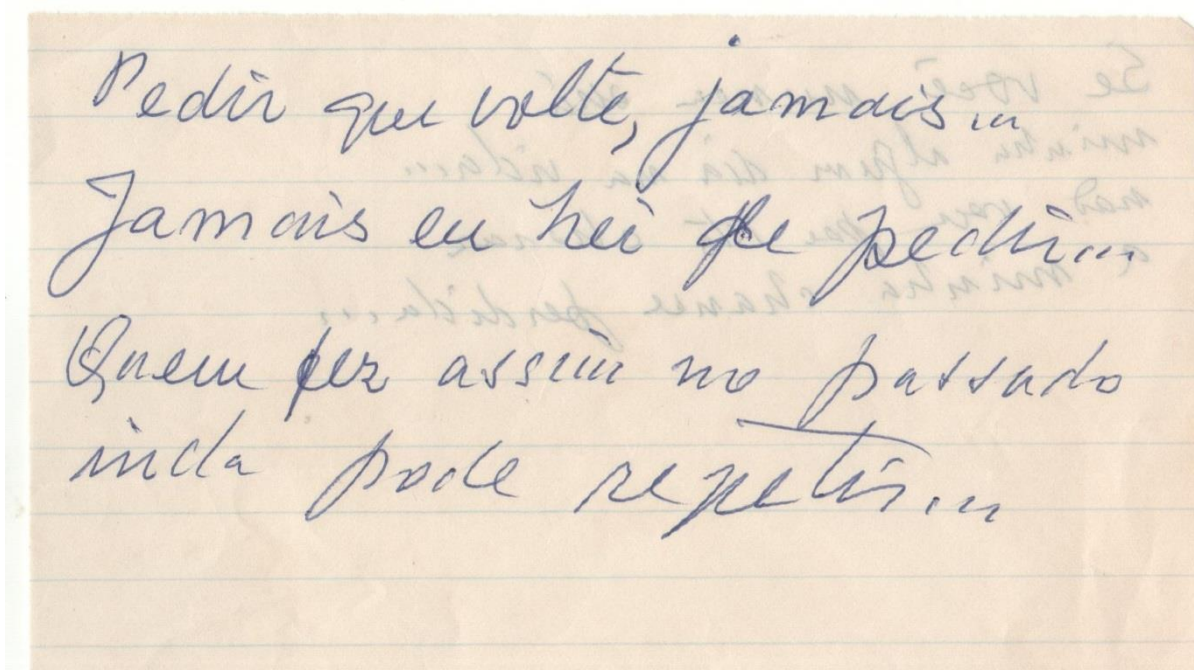
4.1.2.82 Pedir que volte, jamais...

Foi encontrado um único testemunho da quadra ora editada no MA (K799.CL03.003). como a quadra em questão não possui título, optou-se por usar seu primeiro verso como título do texto, a fim de tornar mais fácil a identificação do texto por parte dos leitores.

Descrição física do testemunho

PQM

A folha mede 147mm de largura por 100mm de altura. A mancha escrita corresponde a 4 linhas. Trata-se de uma quadra, portanto, estrofe única. Há uma leve rasura com a respectiva correção do autor. No verso deste testemunho há outra quadra sem título, cujo primeiro verso é “Se você nunca será”. A tinta de escritura do texto é azul. A folha encontra-se já amarelada devido a ação do tempo. A conservação do testemunho de maneira geral é boa.

Figura 121: Fac-símile da quadra *Pedir que volte, jamais* (K799.CL03.003)A fac-símile of a handwritten quadra on a piece of aged, yellowed paper with horizontal lines. The text is written in a cursive script. The quadra consists of four lines of text.

Pedir que volte, jamais
Jamais eu hei de pedir
Quem fez assim no passado
inda pode repetir

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

PQM

Pedir que volte, jamais...

Jamais eu hei de pedir...

PQM {fe} /de\ pedir...

Quem fez assim no passado

inda pode repetir...

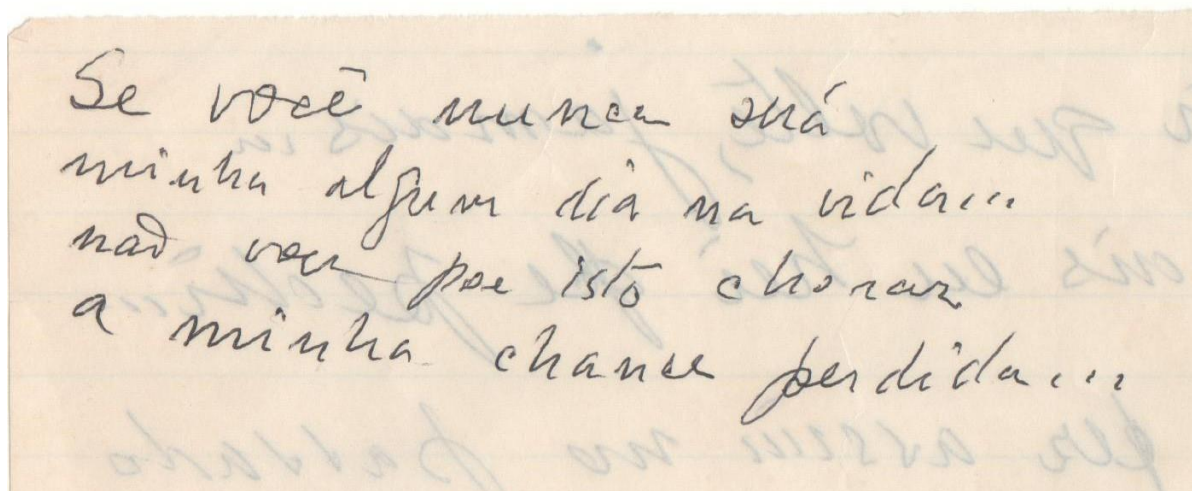
4.1.2.83 Se você nunca será

Foi identificado um único testemunho da quadra ora editada no MA (K799.CL03.003) no verso da quadra *Pedir que volte, jamais*. O testemunho supracitado não possui título, por isso optou-se por utilizar o primeiro verso da quadra como título do texto.

Descrição física do testemunho

SVM

A folha mede 147mm de largura por 100mm altura. A mancha escrita corresponde a 4 linhas. trata-se de uma quadra, portanto, estrofe única. Não há rasuras, acréscimos ou correção do autor. No verso deste testemunho foi escrito outra quadra sem título (*Pedir que volte, jamais...*). A tinta utilizada na escrita do documento é preta. A conservação do texto é boa.

Figura 122: Fac-símile da quadra *Se você nunca será* (K799.CL03.003)A photograph of a piece of aged, yellowed paper with horizontal lines. The paper is slightly wrinkled and has some faint, illegible markings. The text is written in a cursive, handwritten style in dark ink. The text is arranged in four lines, slanted downwards from left to right. The words are: 'Se você nunca será', 'minha algum dia na vida...', 'nad vou por isto chorar', and 'a minha chance perdida...'.

Se você nunca será
minha algum dia na vida...
nad vou por isto chorar
a minha chance perdida...

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

SVM

Se você nunca será
minha algum dia na vida...
não vou por isto chamar
a minha chance perdida...

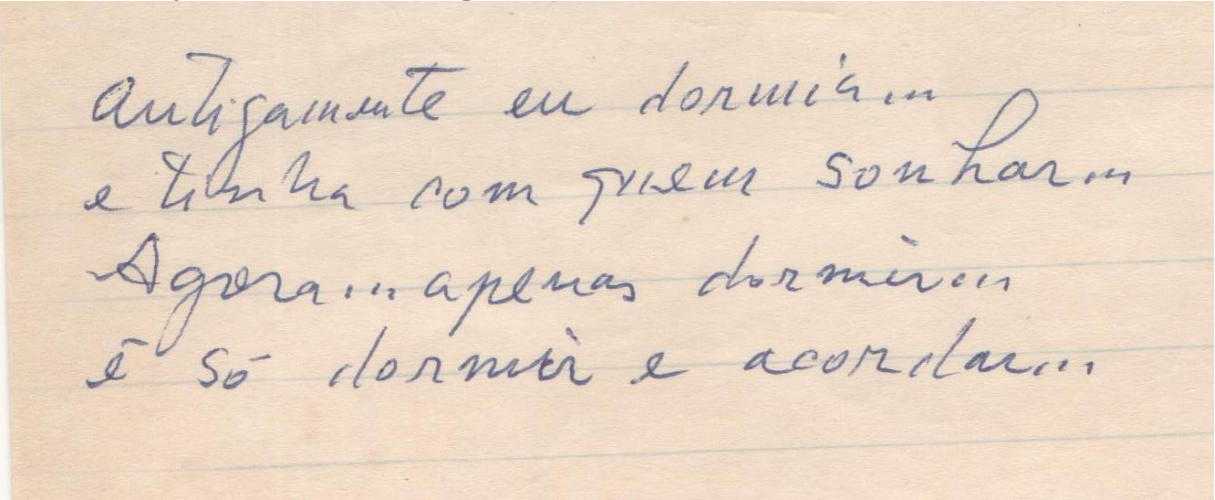
4.1.2.84 Antigamente eu dormia...

Foi identificado um único testemunho da quadra ora editada no MA (K800.CL.03.004). O testemunho supracitado não possui título, por isso optou-se por utilizar o primeiro verso da quadra como título do texto.

Descrição física do testemunho

AEM

A folha mede 149mm de largura por 205mm de altura. A mancha escrita corresponde a 4 linhas. trata-se de uma quadra, estrofe única. Não há rasuras, acréscimos ou marcas de correção do autor. A tinta utilizada na escrita do texto é azul. O texto encontra-se em bom estado de conservação.

Figura 123: Fac-símile da quadra *antigamente eu dormia...* (K800.CL.03.004)A photograph of a piece of aged, yellowed paper with horizontal blue lines. The text is written in a cursive, handwritten style in dark ink. The text is arranged in four lines, with the first line starting with a capital 'A' and the second line starting with a lowercase 'e'. The handwriting is fluid and somewhat slanted to the right.

antigamente eu dormia
e tinha com quem sonhar
Agora apenas dormir
é só dormir e acordar

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

AEM

Antigamente eu dormia...
e tinha com quem sonhar...
Agora... apenas dormir...
é só dormir e acordar...

4.1.2.85 Trova:

Foram identificados dois testemunhos da quadra *Trovas*: (EH1.808.CL.04.002) no MA. Um destes, contudo, encontra-se como estrofe do testemunho *Redondilhas* (EH1.804.CL.03.008)⁴³.

TVAM

O testemunho mede 33mm de altura por 219mm de comprimento. Trata-se de uma quadra encontrada na mesma folha avulsa do poema *Aniversário d'ela*. No verso desta folha avulsa foi encontrado também o testemunho do poema *Reticências*. A mancha escrita do testemunho ADM corresponde a cinco linhas. A tinta de escrita do texto é preta. O mesmo não foi burilado pelo autor. O papel, suporte do texto, encontra-se com algumas manchas.

Análise das variantes

As variantes da quadra em questão são referente a variação de pontuação nos versos dois e três. No testemunho RDM o autor assina o texto, já no TVM ele o rubrica. O texto elencado como texto base é o TVM já que o segundo testemunho trata-se de estrofe de outro texto e não de um texto isolado.

⁴³ Descrição física do poema *Redondilha*. Vide página (p. 483).

Figura 124: Fac-símile da quadra *Trova*: (EH1.808.CL.04.002)

Trova:

Depois de mais de trinta anos,
Revejo a tua cidade...
Sua rua... tua casa...
E esta tristeza: - Saudade!

3.

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

TVAM

Trova:

Depois de mais de trinta anos,

Revejo a tua cidade...

Tua rua... tua casa...

5 E esta tristeza:- Saudade!

[rubrica]

RDM anos TVAM anos,

RDM cidade: TVAM cidade...

RDM [Eulálio Motta] TVM [rubrica]

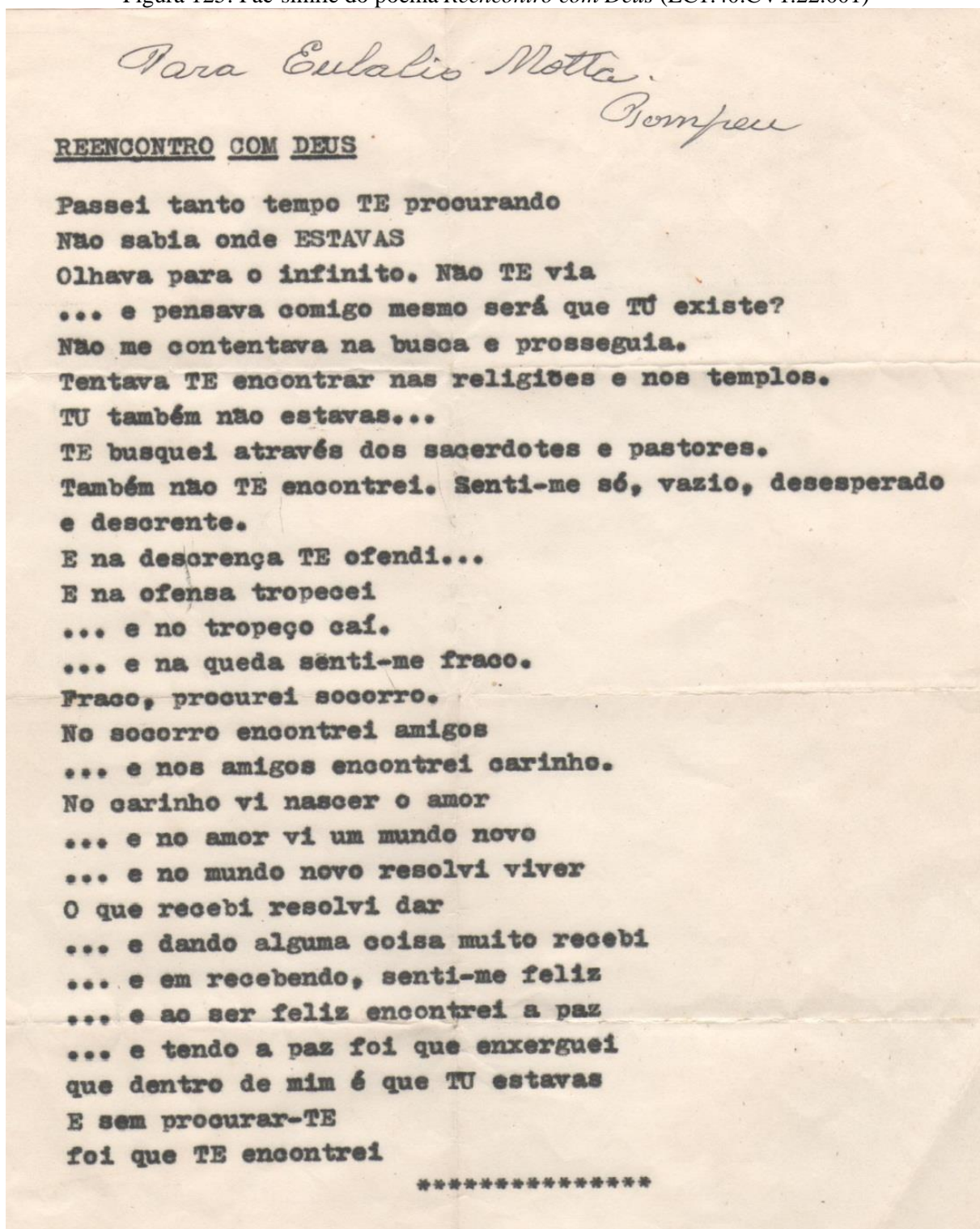
4.1.2.86 Reencontro com Deus

Foi encontrado um único testemunho deste poema no DA (EC1.40.CV1.22.001).

Descrição física do testemunho

RED

A folha do testemunho mede 191mm de largura por 248mm de altura. A mancha do testemunho se constitui de 32 linhas. O fragmento é composto por uma única e extensa estrofe. Não há rasuras, correção ou acréscimo do autor. A tinta utilizada na escrita do documento é preta. A conservação do documento é boa. O texto apresenta uma dedicatória em tinta de caneta. O que levou a questionamentos acerca da probabilidade do escrito ser de autoria de terceiro, mas observa-se uma escrita compatível com o estilo do autor Eulálio Motta. Além disso, a dedicatória foi feita de caneta e não datilografada como o resto do texto. Estes detalhes permitem a conjectura de que o testemunho em questão foi escrito por Eulálio Motta e por esse motivo incluído no dossiê da poesia avulsa do referido autor.

Figura 125: Fac-símile do poema *Reencontro com Deus* (EC1.40.CV1.22.001)

Fonte: Acervo de Eulálio Motta

Texto crítico com aparato

RED

Para Eulálio Motta

RED Eulálio

Pompeu

REENCONTRO COM DEUS

- Passai tanto tempo TE procurando
- 5 Não sabia onde ESTAVAS
Olhava para o infinito. Não TE via
...e pensava comigo mesmo será que TÚ existe?
Não me contentava na busca e prosseguia.
Tentava TE encontrar nas religiões e nos templos.
- 10 TU também não estavas...
TE busquei através dos sacerdotes e pastores.
Também não TE encontrei. Senti-me só, vazio, desesperado
e desorientado.
E na desorientação TE ofendi...
- 15 E na ofensa tropecei
... e no tropeço caí
...e na queda senti-me fraco.
Fraco, procurei socorro.
No socorro encontrei amigo
- 20 ...e nos amigos encontrei carinho.
No carinho vi nascer o amor
...e no amor vi um mundo novo
...e no mundo novo resolvi viver
o que recebi resolvi dar
- 25 ...e dando alguma coisa muito recebi
...e em recebendo, senti-me feliz
...e ao ser feliz encontrei a paz
...e tendo a paz foi que enxerguei
que dentro de mim é que TU estavas
- 30 E sem procurar-TE
foi que TE encontrei

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A edição dos poemas avulsos de Eulálio Motta se mostrou um trabalho desafiador, já que o *corpus* não está inserido em um conjunto previamente determinado pelo autor como é o caso dos projetos de livros encontrados em seus cadernos. Ao contrário, os poemas avulsos se constituem de folhas soltas, guardadas no acervo de Eulálio Motta e organizadas posteriormente em pastas. Alguns desses poemas se estendem por mais de duas folhas, outros se constituem apenas de uma única estrofe. Foram encontrados poemas escritos no verso da folha de outros poemas, além dos que foram escritos nos versos de documentos das mais variadas espécies. Assim, fez-se necessário um manuseio cuidadoso para manter a organização dos textos e não os misturar, tão pouco deixar de editar algum texto que por ventura estivessem guardados em outro local que não as pastas.

O trabalho de edição semidiplomática das poesias avulsas realizado no período de iniciação científica (2015-2016), foi fundamental para alicerçar o trabalho de edição crítica a ser realizado posteriormente, pois possibilitou conhecer mais profundamente o *corpus* e organizar os fac-símiles de modo a facilitar a edição crítica que se realizou no período do mestrado. A análise mais cuidadosa do *corpus*, evidenciou muitas características e curiosidades da escrita de Eulálio Motta, além de suscitar questionamentos. Um desses, refere-se a própria condição de avulso de alguns poemas que claramente foram escritos em cadernos ou estiveram armazenados em fichários e foram posteriormente destacados.

Os avulsos apontam para uma dinâmica do autor no próprio arquivamento de sua escrita, retirando o texto da condição de pertencente a um conjunto para lança-lo a condição de avulso e, assim, disponível no acervo para ser usado em várias circunstâncias editoriais, reutilizando-os em outros poemas.

O reaproveitamento de fragmentos dos textos por Eulálio Motta é um fato que chama a atenção em sua escrita. Em vários poemas, principalmente aqueles cuja temática é a mulher amada, o autor reescreveu partes de outros poemas. São, em sua grande maioria, quadras que se repetem em vários dos textos do autor. Algumas dessas quadras foram guardadas separadas entre os poemas avulsos. Os papéis em que estão escritas as quadras avulsas foram cuidadosamente cortados para que ficassem praticamente do tamanho do texto. O que demonstra um claro cuidado e zelo por aquele texto a ser arquivado em condição de avulso.

De modo, que é evidente a relevância que os avulsos tinham para o poeta. Eles representavam uma fase da sua escrita, parte da história de construção de uma obra poética, um elo entre os mais variados projetos editoriais do poeta. O autor chegou a guardar várias

cópias idênticas de poemas datilografados. Acredita-se que muitos destes textos foram destinados a serem distribuídos para seus colegas do meio literário, mas outros foram guardados em gavetas como testemunhos das fazes de sua produção escrita, pois os datiloscritos também foram burilados pelo autor. Espera-se que no texto datilografado se encontre a versão finalizada de uma obra, mas Eulálio Motta muitas vezes fazia acréscimos ou correções nestes textos, atestando que o processo de escrita não se encerra em uma versão finalizada ou até mesmo já publicada.

O autor teve o cuidado de arquivar em seu acervo suas rasuras. Uma parte da escrita que sempre foi considerada feia e negativa, mas que se tornou valiosa para os estudos da gênese da escrita. Um exemplo interessante de rasura identificado no acervo do poeta de Mundo Novo é o poema *Epitáfio*. Foi identificado no livro *Luzes do Crepúsculo* um poema denominado *Quando eu morrer* que foi descartado quase que por completo, sobrando apenas uma estrofe. Essa estrofe se tornou o poema *Epitáfio*. O autor, contudo, não descartou de seu acervo o rascunho de *Quando eu morrer*. Mais do que isso, fez questão de colocar uma nota em *Epitáfio* afirmando que este foi o produto final de “um poema que virou sucata”.

Essa conscientização do autor da importância de arquivar seus rascunhos foi fundamental para que sua escrita viesse a ser redescoberta e estudada pela academia. Seu acervo é uma riqueza que extrapola a materialidade dos textos que produziu. Os objetos guardados também ratificam a preocupação do autor em arquivar para manter viva a memória de sua escrita, de suas ideologias e da própria história de seu tempo. Os poemas avulsos assim, são apenas uma pequena parte da riqueza que se encontra no acervo de um poeta que conhecia o valor do escrito e dos objetos enquanto monumento histórico. E mais do que isso, conhecia o poder da palavra como meio de transformação social. Eulálio Motta utilizou-se de suas habilidades escritas para mover opiniões e provocar transformações em seu logradouro, mantendo-se vivo na memória cultural e histórica de sua comunidade.

Portanto, editar as poesias avulsas, embora tenha se mostrado desafiador, foi uma oportunidade singular de mergulhar pelos mais variados temas de sua poesia e da identidade que o autor buscou construir ao longo dos anos, oscilando sempre entre o poeta profundamente melancólico e romântico e o crítico mordaz de sua realidade, cujas palavras ainda que pinceladas de humor buscavam transformação social.

A poesia de Eulálio Motta não foi lida por um grande público no período em que o poeta viveu. Ele escreveu bastante, mas distante dos grandes centros literários e empenhado em fazer uma literatura menos presa aos padrões da época, não viu sua poesia chegar ao grande público leitor. Isso o frustrou enormemente, mas não o impediu de permanecer a

escrever até o último ano de sua vida. A escrita o movia, era por ela que se manifestava mais livremente. Por isso, o poeta de água doce enfrentou as dificuldades existentes no mercado editorial baiano para publicar suas obras e, não raras vezes, escolheu os panfletos de custo menor para difundir seus poemas e artigos de opinião pela cidade de Mundo Novo e circunvizinhanças. E foi somente pelo seu esforço e pela persistência em existir enquanto poeta que sua obra literária chegou ao tempo presente e tornou-se objeto de estudo pela academia.

Na análise dos poemas avulsos se observou vários textos politestemunhais e alguns que mesmo monotestemunhais possuíam uma curiosidade singular que merecia ser estudada mais profundamente. Trata-se do caso da repetição de estrofes em vários poemas do autor. Assim, objetivou-se fazer uma edição que pudesse estabelecer o texto crítico, pois o objetivo principal do grupo de pesquisa *Edição da obra inédita de Eulálio Motta* é compartilhar os textos do autor com a sociedade em geral. E para tanto, o estabelecimento do texto de base é fundamental. Mas diante do trabalho de reescrita do autor, seria leviano não trazer um aparato que mostrasse toda a movimentação de escrita de Eulálio Motta. Todo escritor é um escultor do seu texto. Retira camadas de palavras e acrescenta outras a fim de chegar a uma escrita que possa contemplar a mensagem que deseja transmitir. Desse modo, encerrar essas camadas em um texto que só mostra o testemunho identificado como versão mais recente seria demasiado empobrecedor. Por isso, optou-se neste trabalho, por apresentar também um aparato genético que mostre o quanto os textos foram burilados pelo autor, além de rastrear as quadras e estrofes que Eulálio Motta reutilizou em vários de seus poemas. Assim, espera-se ter produzindo uma edição mais completa do dossiê dos poemas avulsos de Eulálio Motta.

O trabalho de edição da poesia avulsa de Eulálio Motta, bem como as demais dissertações e teses acerca de sua obra literária tem contribuído sobremaneira para lançar luz sobre um autor que permaneceu a margem da lista de nomes consagrados da literatura baiana durante sua vida. As edições de sua obra possibilitam que os sujeitos do presente possam ler Eulálio Motta e acessarem o modo como esse poeta percebeu o século XX e o discutiu através de sua escrita. Além de poderem acessar as ideologias que circularam pelo interior da Bahia desse período. O acervo de Eulálio Motta assim se constitui em um lugar de memória, em um monumento, um caminho para compreender um século tão importante para a literatura, a política e a cultura brasileira de modo geral. Com esse trabalho de edição espera-se contribuir com os estudos literários da Bahia, abrindo caminho para novas e profícuas pesquisas nos mais variados campos de estudo. Acrescentando não apenas novos textos editados para serem

posteriormente objeto de novas pesquisas, mas principalmente, novas perguntas, novos questionamentos.

REFERÊNCIAS

- ALVES FILHO, Bráulio. **Um poeta desconhecido**. A manhã, Rio de Janeiro, p. 8,24 abr. 1949.
- ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a Própria Vida**. Estudos Históricos, 1998.
- BARREIROS, Liliane Lemos Santana. **Bahia humorística: Causos sertanejos de Eulálio Motta**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.
- BARREIROS, Patrício Nunes. **O pasquineiro da Roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2015.
- BARREIROS, Patrício Nunes. **O Pasquineiro da roça: edição dos panfletos de Eulálio Motta**. 386f. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – Instituto de Letras – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- BARREIROS, Patrício Nunes. **Sonetos de Eulálio Motta**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.
- BARREIROS, Patrício Nunes. **Clio: um diálogo com a musa nos bastidores da filologia**. Revista Philologus, Ano 19, n° 57. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2013.
- BORDINI, Maria da Glória. A função memorial dos acervos em tempos digitais. In: TELLES, BORGES. **Filologia, Crítica e processo de criação**. Curitiba: Appris, 2012.
- BORGES, R. et al. **Edição de texto e crítica filológica**. Salvador: Quarteto, 2012.
- BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.
- CAMBRAIA, C. N. Perspectivas para a crítica textual no Brasil: Ultrapassando fronteiras. In: TELLES, BORGES. **Filologia, Crítica e processo de criação**. Curitiba: Appris, 2012.
- CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar: cultura escrita e escrita e literatura**. Tradução de Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: UNESP, 2007.
- CINTRA, Pâmella Araujo da Silva. **Edição de poemas inéditos do livro Luzes do crepúsculo, de Eulálio Motta**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Pos-Graduação em Estudos Literários. Feira de Santana, 2019.
- CINTRA, Pâmella Araujo da Silva; BARREIROS, Patrício Nunes. **Do acervo do escritor para o público leitor: a reedição do poema “Canção de ninar”**. Cadernos do CNFL (CiFEFiL), v. 22, p. 375-390, 2018. Disponível em: <<https://eulaliomotta.wordpress.com/producao-bibliografica/artigos/>> acesso em: 08 jan. 2019.

- CINTRA, Pâmella Araujo da Silva; BARREIROS, Patrício Nunes. **Edição crítico-genética do poema “Terra de promessa”, de Eulálio Motta**. Cadernos do CNFL (CiFEFil), v. 21, p. 628-648, 2017. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xxi_cnlf/cnlf/cnlf03/046.pdf > Acesso 08 jan. 2019.
- CORREIA, Fabiana Prudente. **Filologia e Humanidades Digitais no estudo da dramaturgia censurada de Roberto Athayde: acervo e edição de os desinibidos**. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras, 2018.
- CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca produções culturais Ltda, 1999.
- DE BIASI, Pierre-Marc. O horizonte genético. In: ZULAR, Roberto. **Criação em processo: ensaios de crítica genética**. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- DESIDÉRIO, Maria Rosane Vale Noronha; BARREIROS, Patrício Nunes. **Edição crítico-genética do poema “Carnaval de Mundo Novo”, de Eulálio Motta**. Cadernos do CNFL (CiFEFil), v. 21, p. 643-657, 2017.
- DOHMANN, Marcus. **Trajatórias, formas e sentidos da cultura escrita**. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=google+tradutor&oq=google+tradutor&aqs=chrome..69i57j69i65l3j0l2.4455j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8>> Acesso em: 17 out. 2017.
- DUARTE, Luiz Fagundes. **Glossário de Crítica Textual**. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2010. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm>> Acesso em: 15 dez. 2018.
- FAUSTINO, Mario. **Poesia-experiência**. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- GRÉSILLON, A. **Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- HAY, Louis. **A literatura dos escritores: questões de crítica genética**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- HUNT, Lyann. **A história cultural**. Tradução de Jeffwsujerson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliografía y sociología de los textos**. Madrid: Akal, 2005.
- MARQUES, Reinaldo. **Arquivos literários: Teorias, histórias, desafios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- MARQUES, Reinaldo. **O arquivamento literário como figura epistemológica**. Matraca, Rio de Janeiro, v 14, n 21, p.13-p.23, jul./dez. 2007.

- MATOS, Eduardo Silva Dantas de Matos. Edição genética. In: BORGES, R. et al. **Edição de texto e crítica filológica**. Salvador: Quarteto, 2012.
- MORAES, Marcos Antonio. **Mario de Andrade**: Epistolografia e processo de criação. Revista manuscrita, 2006.
- MOTTA, Eulálio de Miranda. **Dois poemas Sertanejos: Côco maluco e a Mesinha**. São Paulo: editora São Paulo, 1982.
- MOTTA, Eulálio de Miranda. **“Pássaro cego”**. Rabiscos. Jornal Mundo Novo, Mundo Novo, 10 jun. 1932, p.7.
- MOTTA, Eulálio de Miranda. **Poetas do amor**. Rabiscos. Jornal Mundo Novo, Mundo Novo, 04 dez. 1931, p.6.
- MOTTA, Eulálio de Miranda. **Espiritismo**. Rabiscos. Jornal Mundo Novo, Mundo Novo, 25 dez. 1931, p.6.
- MOTTA, Eulálio de Miranda. **Caderno Canções do meu caminho 3ª edição**. 1987, EA1. A6.CV1.06.001.
- MOTTA, Eulálio de Miranda. **Caderno Meu Caderno de Trovas**. 1987, A13.CV1.13.001.
- MOTTA, Eulálio de Miranda. **Caderno Farmácia São José**. 1949, EA2.3.CV1.03.001.
- MOTTA, Eulálio de Miranda. **Caderno Luzes do Crepúsculo**. EA2.4.CV1.04.001.
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Caderno **Bahia humorística**. 1933, EA2.11.CV1.11.001.
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Datiloscrito, poesia avulsa: **Doze trovas para ela** EC1.33.CV1.21.005.
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Manuscrito, poesia avulsa: **Insonia...** EH1.841.CL.07.005
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Manuscrito, poesia avulsa: **Trova** EH1.832.CL.06.006
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Manuscrito, poesia avulsa: **Saudade...** EH1.811.CL.04.005
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Manuscrito, poesia avulsa: **Trovas antológicas** EH1.813.CL.04.007
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Manuscrito, poesia avulsa: **Cantiga de Ninar...** EH1.833.CL.06.007
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Manuscrito, poesia avulsa: **Cantiga para se dormir...** EH1.833.CL.06.007
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Manuscrito, poesia avulsa: **Edy** EH1.801.CL.03.005
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Manuscrito, poesia avulsa: **Carnaval de Mundo Novo** EH1.840.CL.07.004
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Manuscrito, poesia avulsa: **Parabéns** EH1.803.CL.03.007

- MOTTA, Eulálio de Miranda. Datiloscrito, poesia avulsa: **Fazenda Vaca Parida** EC1.46.CV1.22.007
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Datiloscrito, poesia avulsa: **Mesinha** C1.925.CV1.20.002
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Datiloscrito, poesia avulsa: **Ponto final...** EC1.36.CV1.21.008
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Datiloscrito, poesia avulsa: **Demônio** EC1.38.CV1.21.010
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Manuscrito, poesia avulsa: **Saudade** EC1.29.CV1.21.001
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Manuscrito, poesia avulsa: **Alto Bonito** EC1.48.CV1.22.009
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Manuscrito, poesia avulsa: **Tédio** EH1.839.CL.07.003
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Manuscrito, poesia avulsa: **Epitáfio** EC1.44.CV1.22.005
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Manuscrito, poesia avulsa: **Terra de promessa** A4.CV1.04.001
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Manuscrito, poesia avulsa: **Depois** A6.CV1.06.001
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Datiloscrito, poesia avulsa: **Reencontro com Deus** EC1.40.CV1.22.001
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Manuscrito, poesia avulsa: **Amém** 1981, EH1.822.CL.05.006
- MOTTA, Eulálio de Miranda. Manuscrito, poesia avulsa: **A santa do pau oco** EH1.847.CL.08.001
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares**. Projeto história. São Paulo. (10), dez. 1993.
- PAZ, Octavio; SAVARY, Olga, trad. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PÉRES PRIEGO, Miguel Ángel. **La edición de textos**. Madrid: Síntesis, 1997. Disponível em:
<http://www.academia.edu/15353839/PEREZ_PRIEGO_Miguel_Angel_La_edicion_de_textos_Sintesis_Madrid_1997> Acesso em: 16 fev. 2018.
- POUND, Ezra. **ABC da literatura**. 12 ed. – São Paulo: Cultrix, 2013.
- SANTANA, Valdomiro. **Literatura baiana 1920-1980: Depoimento**. Salvador: Casa de palavras/Fundação casa de Jorge Amado, 2009.
- SANTOS, Taylane Vieira dos. **Edição de Canções de Meu Caminho de Eulálio Motta**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Pos-Graduação em Estudos Literários. Feira de Santana, 2017.
- Seixas, Cid. **A literatura na Bahia: Tradição e modernidade**. Editora universitário do livro digital, 2016. Disponível em: <https://issuu.com/e-book.br/docs/tradicaomodernidade>
Acesso em 18 agosto. 2017.

SPAGGIARI, B; PERUGI, M. **Fundamentos da crítica textual**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SPINA, S. **Introdução a edótica: crítica textual**. São Paulo: Cultrix, 1977.

VALVERDE, Tércia Costa. **Ensaio: Teoria e crítica literária**. Salvador: EDUNEB; Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

WARREN, M. R. “Post-Philology”. In: INGHAN, Patricia Clare.; WARREN, Michelle (Ed.). **Post-Colonial Move: Medieval through Modern**. New York: Palgrave, 2003. p.19-42.